

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
NÍVEL DOUTORADO**

**BANTU MENDONÇA KATCHIPWISAYLA**

**A CIRCULAÇÃO DA AGRESSIVIDADE EM ADOLESCENTES ANGOLANOS SOB  
A PERSPECTIVA DA MEDIATIZAÇÃO: Disputas interacionais como busca de  
reconhecimento nas esferas de consumo e produção dos bens da indústria cultural**

**São Leopoldo**

**2020**

BANTU MENDONÇA KATCHIPWISAYLA

**A CIRCULAÇÃO DA AGRESSIVIDADE EM ADOLESCENTES ANGOLANOS SOB  
A PERSPECTIVA DA MEDIATIZAÇÃO: disputas interacionais como busca de  
reconhecimento nas esferas de consumo e produção dos bens da indústria cultural**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes

São Leopoldo

2020

S275c

Sayla, Bantu Mendonça Katchipwi.

A circulação da agressividade em adolescentes angolanos sob a perspectiva da midiática: disputas interacionais como busca de reconhecimento nas esferas de consumo e produção dos bens da indústria cultural / Bantu Mendonça Katchipwi Sayla. – 2020. 449 f. : il. color. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, 2020.

“Orientador: Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes.”

1. Adolescentes - Conduta. 2. Estudantes angolanos. 3. Mídia social. 4. Agressividade. 5. Identidade cultural. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Bruna Sant'Anna – CRB 10/2360)

BANTU MENDONÇA KATCHIPWISAYLA

**A CIRCULAÇÃO DA AGRESSIVIDADE EM ADOLESCENTES  
ANGOLANOS SOB A PERSPECTIVA DA MUDIATIZAÇÃO: DISPUTAS  
INTERACIONAIS COMO BUSCA DE RECONHECIMENTO NAS ESFERAS DE  
CONSUMO E PRODUÇÃO DOS BENS DA INDÚSTRIA CULTURAL**

Tese apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de Doutor, pelo Programa  
de Pós-Graduação em Ciências da  
Comunicação da Universidade do Vale do  
Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovado em 9 de outubro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Zeferino Ndulo Capoco - ISPOCAB / Universidade Katyavala  
Bwila (Participação por Webconferência)

Profa. Dra. Neide Aparecida Arruda De Oliveira - UNIFATEA (Participação por  
Webconferência)

Prof. Dr. Antonio Fausto Neto - UNISINOS (Participação por  
Webconferência)

Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira - UNISINOS (Participação por  
Webconferência)



---

Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes – UNISINOS

Pensar e imaginar em alguém ausente, é trazer para o consciente a sua individualidade e instaurar um processo diálogo interacional, que sempre carrega consigo a influência de múltiplas afetações e cumplicidades entre os dois “eus”, sem importar o vazio da distância e da ausência. Portanto, ao meu querido Pai, Tímóteo Soares, ao mano Anastácio Cinco-Reis e as queridas irmãs, Maria Teresa Januário e Vitorina Mopele, in memoriam, dedico esta tese.

## AGRADECIMENTOS

Depois de uma longa jornada de quatro anos, entre idas e vindas da Paróquia de São Pedro Apóstolo, Cidade de Laguna e São João Batista, Cidade de Capivari de Baixo, à cidade de São Leopoldo (UNISINOS), entre chuva, neblina e sol, calor e frio, noite e dia, entre sono e cansaço de volante em frente ou atrás de caminhões durante aproximadamente 4 horas de viagens semanais, eis que chego ao fim de mais uma etapa formativa: a defesa da tese. O que dizer? Obrigado? Talvez esta palavra não exprima a tamanha satisfação que perpassa todo o meu ser. Mas também ficar calado seria ingratidão da minha parte. Quero, portanto, deixar expresso do fundo do meu coração, como que com um ferrete indelével, os meus mais singelos votos de gratidão por cada prece, palavra, gesto e atitude todos (meus familiares, a Dom João Francisco Salm, aos Pes. Domingos Voney Nandi, José Eduardo Bitencourt e ao clero de Tubarão em geral, aos professores da linha de pesquisa Mídiação e Processos Sociais da UNISINOS, os leigos e leigas das paróquias de São Pedro Apóstolo em Cabeçuda/Laguna e São João Batista/Capivari de Baixo, aos colegas do curso Marco Antônio Tessarotto e Tatiane Milani, aos amigos e amigas que de longe ou de perto que torceram para que hoje fechasse um capítulo do longo livro da vida). Agradeço especialmente ao Pe. Pedro Gilberto Gomes, pela amizade, conselhos e orientação da tese. A todos e a cada um a minha eterna gratidão.

Muitos dos nossos problemas têm a idade de Angola e são complexos, outros, de caráter políticos, têm a idade da independência e também são complexos. Os primeiros relacionam-se com a construção da nação angolana nos limites das fronteiras definidas na conferência de Berlim em 1885 e por outros acordos entre as potências coloniais. Eles são tratados e equacionados sistematicamente com base na legislação fundamental do Estado e do princípio livre aceite, ou pelo menos consentido. [...] Os outros são decorrentes de várias conexões que interligam pessoas e interesses angolanos e estrangeiros numa teia de esquemas, mecanismos e instrumentos em que se distinguem duas categorias: nacionalistas e agentes de neocolonialismo. (SANTOS, 2000, p.7).

## RESUMO

Nesta pesquisa elegemos como tema de investigação a circulação da agressividade entre os adolescentes com a idade compreendida entre os 14 aos 16 anos, que estudam no Colégio de Nossa Senhora da Conceição na cidade de Benguela na República de Angola, tendo como marco epistemológico a Mídiação e os Processos Sociais. O contexto social angolano atual permite-nos observar o desdobramento de um conflito que transita entre a guerra civil e as disputas das ofertas da indústria cultural midiática. Assim, ao falar da circulação de agressividade na ambiência midiática em Angola, estamos tomando o conceito de mídias, não apenas como aparatos tecnológicos, mas sim como conjunto de dispositivos sociotécnico-tecnológico, semiótico, simbólico e interacional (FERREIRA, 2007; MIÉGE, 2009; FAUSTO NETO, 2008, BRAGA 2011; ROSA, 2012; GOMES, 2017) de usos, com o advento das TICs. Por consequência, faz-se necessário a apropriações das lógicas e gramáticas que cerceiam este conjunto de dispositivos para perceber como os indivíduos são afetados pelo que circula nas mídias, como interagem com o que lhes afeta e o como representam esta coisa que lhes afeta. Ou seja, objetivando estudar algo que complexamente talvez se surja das interfaces entre o que vem das lógicas mercadológica que envolvem as práticas de produção, circulação e consumo dos bens da Indústria Cultural midiática, por meio dos dispositivos midiáticos. Por estas angulações intuimos que, talvez objetivemos o estudo de uma temática que fugindo dos esquemas tradicionais do campo da comunicação social, que na transversalidade acione outros conceitos como, por exemplo, agressividade, adolescência, identidade e subjetividade. O acionamento destes conceitos coloca-nos numa trilha difusa e de alta complexidade. E como forma de minimizar os riscos que corremos, somos forçados e obrigados a estabelecer protocolos e contratos de leitura, convocando os autores tais como: Adorno e Horkheimer (1973), Adorno (2006), Aumont (1993), Bourdieu (1997), Bulmer (1977), Quiroga (2007) e Vygotsky (1988), dos campos da Sociologia, da Psicologia e da Antropologia, donde são originários. Portanto, com a convocação destes autores porque cremos que instigados por aquilo que imerge das bordas da circulação midiática conseguiremos perceber quais os lugares posicionais (FREUD (1915, 1996), MALDAVSKY (1977), MOSCOVICI (2003) destes adolescentes em suas práticas sociais. Isto implica assumir a elaboração de uma abordagem que tenha como foco as subjetividades dos indivíduos sob a perspectiva da percepção e a recepção da cultura midiática.

**Palavras-chave:** Circulação. Dispositivos Midiáticos. Agressividade. Adolescência. Identidade Cultural.



## ABSTRACT

In this research we chose the circulation of aggression among adolescents aged 14 to 16 years, who study at the Colégio de Nossa Senhora da Conceição in the city of Benguela, in the Republic of Angola, as the research theme, with the media coverage and epistemological framework Social Processes. The current Angolan social context allows us to observe the unfolding of a conflict that passes between the civil war and the disputes over the offers of the cultural media industry. Thus, when talking about the circulation of aggressiveness in the media environment in Angola, we are taking the concept of media, not only as technological devices, but as a set of socio-technical, semiotic, symbolic and interactional devices (FERREIRA, 2007; MIÉGE, 2009 ; FAUSTO NETO, 2008, BRAGA 2011; ROSA, 2012; GOMES, 2017) of uses, with the advent of ICTs. Consequently, it is necessary to appropriate the logics and grammars that surround this set of devices to understand how individuals are affected by what circulates in the media, how they interact with what affects them and how they represent this thing that affects them. In other words, aiming to study something that may perhaps arise from the interfaces between what comes from the marketing logics that involve the production, circulation and consumption of goods from the Cultural Industry media, through media devices. Because of these angles, we intend that, perhaps, we aim to study a theme that, escaping from the traditional schemes of the field of social communication, that crosswise triggers other concepts such as, for example, aggressiveness, adolescence, identity and subjectivity. The activation of these concepts puts us on a diffuse and highly complex path. And as a way to minimize the risks we run, we are forced and obliged to establish reading protocols and contracts, calling on authors such as: Adorno and Horkheimer (1973), Adorno (2006), Aumont (1993), Bourdieu (1997), Bulmer (1977), Quiroga (2007) and Vygotsky (1988), from the fields of Sociology, Psychology and Anthropology, where they come from. Therefore, with the convocation of these authors because we believe that instigated by what immerses from the edges of the media circulation, we will be able to perceive which positional places (FREUD (1915, 1996), MALDAVSKY (1977), MOSCOVICI (2003) of these adolescents in their social practices. This implies assuming the elaboration of an approach that focuses on the subjectivities of individuals from the perspective of perception and reception of media culture.

**Keywords:** Media devices. Media circulation. Aggressiveness. Adolescence. Cultural Identity.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem do cantor popular angolano Matias Damásio .....	218
Figura 2 – Logo da Unitel.....	218
Figura 3 – Pessoas em circulação no mercado paralelo de consumo .....	219
Figura 4 –Passagem de mão a mão do Laranjinha .....	220
Figura 5 – Pessoas no barco de pesca recebendo o Laranjinha .....	220
Figura 6 – Casal em uma motocicleta arremessando o Laranjinha em direção ao barco de pesca que está no mar .....	221
Figura 7 – Mestre de obras se comunicando com alguém pelo o Laranjinha.....	222
Figura 8 – Crianças em frente a uma escola com os Laranjinha nas mãos .....	222
Figura 9 – Jovens em uma passeada eleitoral do MPLA com o Laranjinha como símbolo de unidade nacional.....	223
Figura 10 – Mulher do meio rural sentado em um tronco .....	224
Figura 11 – Publicidade do Facebook grátis promovida pela MOVICEL .....	225
Figura 12 – Campanha publicitária da MOVICEL sobre a internet pelo Facebook .....	226
Figura 13 – Mulher com o aparelho de celular na mão enviando mensagem .....	227
Figura 14 – Mulher aparentemente feliz.....	228
Figura 15 – Propaganda do Facebook para todos e a mulher .....	228
Figura 16 – Publicidade do Laranjinha 3G na época do Natal.....	229
Figura 17 – Adolescente conversando via chamada de vídeo com a avó.....	230
Figura 18 – Grupo de adolescentes entrando em um carro para a festa do Natal em família	230
Figura 19 – Adolescente fazendo uma chamada de vídeo junto da árvore de Natal.....	231
Figura 20 – Festa do natal em família .....	231
Figura 21 – Logo da UNITEL .....	232
Figura 22 – Adolescentes assistindo a TVCABO Angola.....	234
Figura 23 – Sarah Jessica Parker, atriz, produtora e designer americana .....	234
Figura 24 – Ator, produtor, narrador e diretor de cinema estadunidense, Morgan Porterfield Freeman .....	236
Figura 25 – Publicidade da TVCABO Angola.....	238
Figura 26 – Adolescentes em interação com os dispositivos midiáticos nas mãos .....	239
Figura 27 – Adolescente conversando pelo celular .....	240
Figura 28 – Adolescentes fazendo a transmissão ao vivo via live pelo Facebook e Youtube .....	241

Figura 29 – Adolescente em uma avenida em vídeo chamada com meninas.....	241
Figura 30 – Publicidade da MOVICEL sobre a internet e Facebook .....	242
Figura 31 – Adolescente no seu quarto enviando mensagem pelo celular .....	243
Figura 32 – Jovem na academia conversando com alguém pelo celular .....	243
Figura 33 – Repórter Leandro Lopes apresentando o programa da TPA: Angola Maganize	247
Figura 34 – Adolescentes acessando a internet pelos DMs em uma das praças da Cidade de Luanda .....	248
Figura 35 – Norma Zola, engenheiro e professor do CNFOTEC.....	248
Figura 36 – Sala de aula de Informática com professor e alunos .....	249
Figura 37 – Bruno Soares, estudante das Telecomunicações no centro Nacional das Novas Tecnologias Informação (CNTI) em Luanda .....	250
Figura 38 – Leila Almeida, estudante das Telecomunicações no centro Nacional das Novas Tecnologias em Luanda.....	251
Figura 39 – Repórter apresentando o Projeto Angola Online no programa Angola Maganize da TPA.....	252
Figura 40 – Prédio do Centro Nacional das Novas Tecnologias Informação (CNTI) localizada na Cidade de Luanda .....	253
Figura 41 – Adolescentes acessando a internet pelos notebooks em uma das praças da cidade de Luanda.....	254
Figura 42 – Coordenador do Projeto Angola Online, Pedro Pitra.....	255
Figura 43 – Chefe de Infraestrutura e Serviço Partilhado, Hermenegildo Luheta .....	256
Figura 44 – Técnica da Central de Serviço, Noémia de Carvalho.....	256
Figura 45 – Adolescentes em uma das praças da cidade de Luanda acessando páginas da internet através dos DM.....	258
Figura 46 – Adilson Manuel, um adolescente residente na cidade de Luanda e proprietário de uma central de produção amadora de vídeos e do canal no Youtube.....	259
Figura 47 – Adilsom Manuel e seus amigos passeando pelas ruas do bairro pobre de Luanda .....	260
Figura 48 – Adilsom e seus amigos atravessando a rua no bairro de Luanda.....	261
Figura 49 – Zacarias (ator brasileiro dos trapalhões), Adilsom e colegas .....	262
Figura 50 – Imagem de adolescente extraída do vídeo do canal VivaVideo.....	263
Figura 51 – Vitral de perdidos e achados .....	264
Figura 52 – Adilsom e seus companheiros na praça de Taxis .....	264
Figura 53 – Adolescentes dentro do taxi fazendo Lives.....	266

Figura 54 – Paisagem da avenida beira mar na cidade de Luanda .....	266
Figura 55 – Prédio onde fica o estúdio de produção de Adilson .....	267
Figura 56 – Adilson e seus amigos abrindo a porta de acesso ao estúdio .....	269
Figura 57 – Adilson e seus amigos dentro do estúdio em ensaios técnicos para a gravação ..	270
Figura 58 – Enxerto do clip do “chunaa” .....	271
Figura 59 – Adilson fazendo a live e fechando a porta do estúdio.....	272
Figura 60 – Adilson e os seus amigos no taxi em regresso para as suas casas.....	272
Figura 61 – Reporte da TV Zimbo apresentando o Jornal.....	276
Figura 62 – Adolescentes e jovens dentro do shopping de Talatona.....	278
Figura 63 – Testemunha que não quer ser identificada.....	279
Figura 64 – Adolescentes em pancadarias arremessando cadeiras e mesas .....	280
Figura 65 – Adolescentes capturando, via DM, as imagens dos adolescentes em pancadarias .....	281
Figura 66 – Repórteres da TPA, apresentando o telejornal .....	282
Figura 67 – Adolescentes detidos no quartel da Polícia Nacional de Angola .....	283
Figura 68 – Entrevista concedida ao adolescente Chá Preto, um dos articuladores da criminalidade em Luanda .....	283
Figura 69 – Entrevista com uma mulher envolvida no tráfico de entorpecentes na cidade de Luanda e em Angola.....	285
Figura 70 – Mossidade Pedro, segurança de um depósito de Computadores, detido e acusado de participar do assalto .....	286
Figura 71 – Estrangeiros de 10 nacionalidades, detidos por envolvimento com o tráfico em Angola.....	287
Figura 72 – Entrevista com o chefe da Megaoperação da Polícia Nacional de Angola .....	288
Figura 73 – Repórter apresentando do Telejornal da TPA .....	289
Figura 74 – Adolescente detido pela Polícia Nacional de Angola entrevistado pela repórter da TPA.....	290
Figura 75 – Armas de fogo apreendidas pela Polícia Nacional de Angola .....	291
Figura 76 – Adolescentes de motorizada simulando um assalto a mão armada.....	291
Figura 77 – Adolescente detido em entrevista pela TPA .....	292
Figura 78 – Adolescente Pedro Soares em entrevista a TPA .....	293
Figura 79 – Bento Sajoi de 33 anos que matou a esposa .....	294
Figura 80 – António Nascimento e Elio, que compraram armas de fogo.....	294

Figura 81 – Chefe da Operações da Polícia Nacional fazendo o balancete da operação de buscas, de apreensões e de combate ao crime organizado em Angola .....300

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Esquema do diagrama da circulação de sentido produção/recepção .....	90
Gráfico 2 – Faixa Etária.....	139
Gráfico 3 - Sexo.....	142
Gráfico 4 – Nível de escolaridade .....	143
Gráfico 5 – Cidade onde mora.....	145
Gráfico 6 – Grau de parentesco com quem vivem .....	147
Gráfico 7 – Número de pessoas que moram com você .....	148
Gráfico 8 – Renda dos pais.....	150
Gráfico 9 – Profissão dos pais .....	152
Gráfico 10 – Profissão das mães.....	153
Gráfico 11 – Tipo de moradia em que vive .....	154
Gráfico 12 – Dispositivos midiáticos que os pais utilizam.....	156
Gráfico 13 – Dispositivos midiáticos que há em casa .....	158
Gráfico 14 – Localização dos dispositivos midiáticos na casa .....	159
Gráfico 15 – Local onde faz uso da internet.....	161
Gráfico 16 – Dispositivos midiáticos que prefere usar.....	163
Gráfico 17 – Dispositivos midiáticos para acessar a internet .....	165
Gráfico 18 – Motivos pelo qual usa a internet .....	166
Gráfico 19 – Tempo diário gasto na internet .....	166
Gráfico 20 – Páginas ou canal na internet que possui .....	168
Gráfico 21 – Tipos de vídeos/filmes que mais acessa .....	170
Gráfico 22 – Periodicidade de produção de vídeos .....	172
Gráfico 23 – Dispositivos midiáticos usados na produção de vídeos.....	173
Gráfico 24 – Razões pelas quais produz vídeos .....	175
Gráfico 25 – Plataformas em que postam os vídeos produzidos.....	176
Gráfico 26 – Temas dos vídeos que fazem circular em suas redes sociais.....	178
Gráfico 27 – O que você sente ou pensa ao ver conteúdos violentos.....	181
Gráfico 28 – Envolvimento com violência ou agressividade.....	183
Gráfico 29 – Tipo de violência que já se envolveu .....	184
Gráfico 30 – Esquema das três esferas midiáticas .....	207
Gráfico 31 – Esquema da circulação Discursiva do Objeto .....	218
Gráfico 32 – Esquema do diagrama tradicional de Comunicação.....	214

Gráfico 33 – Usos e apropriações sociotécnicas, tecnológicas culturais e interacionais .....	311
Gráfico 34 – Esquema do diagrama do processo interacional midiático de difícil definição	333
Gráfico 35 – Grupo numérico de palavras recorrentes .....	411

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Palavras mais evidenciadas nos relatos dos adolescentes.....	188
Quadro 2 - Palavras mais evidenciadas nos relatos dos adolescentes .....	193
Quadro 3 – Palavras-chave (conceitos) .....	188
Quadro 4 – Textos na íntegra dos relatos dos adolescentes.....	189
Quadro 5 – Palavras mais evidenciadas nos relatos dos adolescentes.....	189
Quadro 6 – Palavras-chave (conceitos) .....	189
Quadro 7 – Textos na íntegra dos relatos dos adolescentes.....	190
Quadro 8 – Palavras mais evidenciadas nos relatos dos adolescentes.....	190
Quadro 9 – Palavras-chave (conceitos) .....	191
Quadro 10 – Textos na íntegra dos relatos dos adolescentes.....	191
Quadro 11 – Palavras mais evidenciadas nos relatos dos adolescentes.....	192
Quadro 12 – Palavras-chave (conceitos) .....	192
Quadro 13 – Textos na íntegra dos relatos dos adolescentes.....	192
Quadro 14 – Palavras mais evidenciadas nos relatos dos adolescentes.....	193
Quadro 15 – Palavras-chave (conceitos) .....	193
Quadro 16 – Práticas sociais (afetações múltiplas/disrupções) .....	194
Quadro 17 – Práticas Sociais (afetações múltiplas).....	199
Quadro 18 – Dispositivos (usos e apropriações) .....	195
Quadro 19 – Transcrição dos relatos dos adolescentes .....	210
Quadro 20 – Palavras recorrentes extraídas dos relatos dos adolescentes.....	210
Quadro 21 – Fases do choque cultural.....	389
Quadro 22 – Reações do choque cultural .....	390



## SUMÁRIO

<b>PROF. DR. PEDRO GILBERTO GOMES – UNISINOS</b> .....	2
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>PARTE I - METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	24
<b>1 O CASO DE INVESTIGAÇÃO NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL</b> .....	24
1.1 O TEMA E PROBLEMA DA PESQUISA .....	26
1.2. O RECORTE: RELAÇÕES E CIRCUITO INVESTIGADO .....	28
1.3. HIPÓTESES .....	30
1.4. OBJETIVOS DA PESQUISA .....	31
1.5. METODO .....	35
<b>1.5.1 Inferências indutivas, criativas, espontâneas e livres</b> .....	38
<b>1.5.2 Inferências dedutivas</b> .....	40
<b>1.5.3 Inferências abduativas</b> .....	41
1.6 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E CULTURAL .....	42
<b>1.6.1 Memória descritiva do “eu” do pesquisador: Contexto individual</b> .....	42
<b>1.6.2 Mapeamento topográfico socio-histórico e político da República de Angola</b> .....	51
1.6.2.1 Início da luta armada pela libertação nacional de Angola (1961-1974).....	56
1.6.1.2. A Revolução dos Cravos e os encadeamentos dos processos da independência nacional (1974-1975).....	58
1.6.2.3. O grito da declaração da independência de Angola do Poder colonial português e o sangrento conflito armado .....	60
<i>1.6.2.3.1 A constituição da primeira República: Estado de Partido Único</i> .....	62
<i>1.6.2.3.2 Segunda República: processos tentativos da implementação do sistema multipartidário e a democratização das estruturas no âmbito nacional</i> .....	65
<b>2 APORTE TEÓRICO METODOLÓGICO</b> .....	73
2.1 CONTEXTOS EPISTEMOLÓGICOS DA PESQUISA EM ANDAMENTO NO CAMPO CIENTÍFICO .....	73
<b>2.1.1 Aproximação e apropriação das lógicas e metáforas das múltiplas afetações entre as três esferas midiáticas</b> .....	80
2.1.1.1 Esfera das Mídias 1.....	80
2.1.1.2 Esfera das Mídias 2.....	81
2.1.1.3 Esfera das Mídias 3.....	82

2.2 CONTEXTOS METODOLÓGICOS: O USO DOS “LÍRIOS DO CAMPO” COMO TÉCNICA DE OBSERVAÇÃO DO OBJETO NAS PESQUISAS CIENTÍFICAS .....	85
<b>2.2.1 O uso da observação como técnica de uma pesquisa científica .....</b>	<b>93</b>
2.2.1.1 A observação simples ou não participante.....	95
2.2.1.2 A observação sistemática ou aplicada .....	95
2.2.1.3 A observação participante.....	96
<b>2.2.2 O uso da entrevista como técnica de recolha de dados na pesquisa científica .....</b>	<b>97</b>
2.2.2.1 A classificação das entrevistas na pesquisa de campo .....	98
2.2.2.2 A entrevista como técnica do “eu” do encontro na ambiência midiática .....	106
<b>2.2.3 O Focus Grupo como técnica da pesquisa científica na coleta de dados .....</b>	<b>111</b>
2.2.3.1 Etapas da realização do Focus Group.....	113
2.2.3.1.1 <i>Da concepção à fase preparatória do Focus Group .....</i>	<i>114</i>
2.2.3.1.2 <i>Da localização, seleção dos participantes aos circuitos ambientes constituintes ..</i>	<i>116</i>
2.2.3.1.3 <i>O papel do moderador na discussão do tópico de interesse comum: o “eu” do pesquisador e o “eu” do pesquisado .....</i>	<i>116</i>
2.2.3.1.4 <i>Da recolha ao processo de análise dos dados.....</i>	<i>118</i>
2.2.3.1.5 <i>Divulgação dos resultados da pesquisa científica.....</i>	<i>119</i>
<b>3 CONSTRUÇÃO ARQUITETÔNICA, ESTRUTURAL E OPERACIONAL DAS TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS: AS MATERIALIDADES PESQUISADAS</b>	<b>121</b>
3.1 LOCALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIO-HISTÓRICA, CULTURAL E GEOGRÁFICA DA PESQUISA DE CAMPO .....	122
3.2 PROCESSOS INTERACIONAIS ENTRE O “EU DO PESQUISADOR E O “EU DO PESQUISADO: CONSTRUÇÃO DAS QUATRO ETAPAS DA PESQUISA DE CAMPO .....	126
<b>3.2.1 Tipo de desenho da pesquisa .....</b>	<b>130</b>
<b>3.2.2 Unidade de análise .....</b>	<b>131</b>
<b>3.2.3 Memória descritiva do “eu” do pesquisado: Contexto Social .....</b>	<b>132</b>
3.3 PROCESSOS DE APLICAÇÃO DAS TÉCNICAS DE RECOLHA E TRATAMENTO DOS DADOS DEMOGRÁFICOS .....	134
<b>3.3.1 Recolha e tensionamento dos dados sociodemográficos .....</b>	<b>138</b>
<b>3.3.2. Profissão dos progenitores paternos .....</b>	<b>151</b>
<b>3.3.3 Profissão das progenitoras maternas .....</b>	<b>152</b>
<b>3.3.4. Dados sociotécnicos, tecnológicos e interacionais .....</b>	<b>155</b>

<b>3.3.5 A circulação dos conteúdos midiáticos de cenas de violência e agressividade entre adolescentes angolanos .....</b>	<b>179</b>
<b>4 ACIONANDO LÓGICAS INTERACIONAIS DOS PROCESSOS MIDIÁTICOS ENTRE OS ATORES SOCIAIS E CONTRUINDO INFERÊNCIAS INDUTIVAS.....</b>	<b>185</b>
4.1 INTRODUÇÃO DE QUESTÕES DE DEBATES OU DISCUSSÕES E RECOLHA DE DADOS.....	187
4.2 ZONAS DE CONTATO E DE MÚTUAS AFETAÇÕES NA AMBIÊNCIA DA MEDIATIZAÇÃO: ACERTOS OU DESACERTOS? APROXIMAÇÕES OU AFASTAMENTOS?.....	197
<b>4.2.1 A percepção de zonas de contatos nas interfaces dos processos sociotécnico, tecnológicos e midiáticos .....</b>	<b>208</b>
4.3 PROCESSOS DE OBSERVAÇÃO, SELEÇÃO E DESCRIÇÃO DOS LÍRIOS DO CAMPO: UM OLHAR RETROSPECTIVO E INFERENCIAL.....	213
<b>4.3.1 Percepção e observação das mídias emergentes e/ou alternativas em Angola: tentativas de integração na esfera de consumo dos bens da Indústria Cultural.....</b>	<b>216</b>
4.3.1.1 Unitel para todos.....	217
4.3.1.2 Facebook Grátis para chegar a Todos.....	224
4.3.1.3 Somos Natal – Pack Laranjinha 3G.....	228
4.3.1.4 PUBS TVCABO Angola .....	232
4.3.1.5 Movicel Geração M .....	238
<b>4.3.2 Percepção e observação de Mídias sociais: Tentativas de integração na esfera de produção dos bens da Indústria Cultural.....</b>	<b>245</b>
4.3.2.1 O uso das TICs em Angola.....	246
4.3.2.2 Projeto – Angola Online .....	251
<b>4.3.2.3 Primeiro Dailly vkg #1 .....</b>	<b>258</b>
<b>4.3.3 Percepção e observação de defasagens e disrupções no âmbito do consumo dos bens da cultura midiática – metáforas de integração na esfera da anomia .....</b>	<b>274</b>
4.3.3.1 Jovens entram em pancadaria no Belas Shopping .....	275
4.3.3.2 Megaoperação Policial.....	282
4.3.3.3 Jornal Nacional – Criminalidade .....	288
<b>PARTE II – DIGRESSÕES E EXPLICAÇÕES: ATRAVESSAMENTOS SOCIOCULTURAIS MIDIÁTICOS.....</b>	<b>298</b>
<b>5 A MEDIATIZAÇÃO DA CULTURA E OS DESBRAMENTOS DA PRODUÇÃO DA CULTURA MIDIÁTICA EM ANGOLA.....</b>	<b>301</b>

5.1 O PROTAGONISMO DOS ATORES SOCIAIS NOS PROCESSOS DA PACIFICAÇÃO E DA DEMOCRACIA EM ANGOLA .....	302
5.2 AS METAMORFOSES DO CONCEITO DE CULTURA NA AMBIÊNCIA MIDIÁTICA EM ANGOLA .....	306
5.3 PERCURSO SOCIO-HISTÓRICO DA INDÚSTRIA DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM ANGOLA .....	313
5.4 AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DE CONGLOMERADOS NAS REDES SOCIAIS EM ANGOLA .....	331
<b>5.4.1 Mídia: Um conceito em mutações nas esferas de Produção, Circulação e Consumo dos bens da Indústria Cultural das TICs .....</b>	<b>338</b>
5.4.1.1 O conceito de mídia e suas configurações na ambiência da midiatização .....	344
5.4.1.2 Mídia como espaço de disputas mercadológicas da indústria cultural: integração na esfera de produção, circulação e de consumo .....	349
5.4.1.3 Mídia como metáfora de dispositivos midiáticos .....	358
5.5 AS CONFIGURAÇÕES DO CONCEITO DE SUJEITO NA AMBIÊNCIA MIDIÁTICA .....	368
<b>6 AS NOVAS EPISTEMOLOGIAS NAS PRÁTICAS SOCIAIS E INTERACIONAIS DE COMPARTILHAMENTO NA AMBIÊNCIA DA MIDIATIZAÇÃO: A CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA DE AGRESSIVIDADE NA SOCIEDADE ANGOLANA .....</b>	<b>385</b>
6.1 O COMPARTILHAMENTO DAS PRÁTICAS SOCIAIS NA AMBIÊNCIA MIDIÁTICA: UMA NOVA LEITURA DO MUNDO .....	392
6.2 AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DA VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE NA CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA DE CENAS VIOLENTAS E AGRESSIVAS NA SOCIEDADE ANGOLANA .....	398
<b>6.2.1 Usos e apropriações das lógicas e gramáticas sociotécnicas, tecnológicas e midiáticas: metáforas de reprodução e compartilhamento da violência e da agressividade .....</b>	<b>400</b>
<b>6.2.2 As metáforas de cenas de violência e agressividade na ambiência midiática .....</b>	<b>404</b>
<b>FINIS CORONAT OPUS: TÓPICO CONCLUSIVO .....</b>	<b>410</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>418</b>

## INTRODUÇÃO

Na presente pesquisa elegemos como título **“A Circulação da agressividade em adolescentes angolanos sob a perspectiva da Mídiação”: disputas interacionais como busca de reconhecimento nas esferas de consumo e produção dos bens da indústria cultural**. Sua razão de ser parte de uma curiosidade epistemológica em pleno ambiente de pesquisa, para a obtenção do título de mestre em Ciências da Educação, vinculada a Universidade do Sul de Santa Catarina, (UNISUL). Na época, deslocamo-nos para Angola. E, em meio a conversas com os pais e professores do Colégio de Nossa Senhora da Conceição em Benguela, percebemos duas realidades: consumo excessivo de produtos dos bens da Indústria Cultural, sobretudo das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) (internet e os smartphones), e relatos sobre certo aumento do índice de cenas de violência e agressividade entre os adolescentes.

Em um processo tentativo de acompanhar os desdobramentos das questões percebidas nos discursos desses pais e professores, escolhemos como área de concentração o campo de Comunicação Social e por marco epistemológico a Mídiação e os Processos Sociais. A nossa tomada de decisão por este marco fundamenta-se no aparecimento, em Angola, das tecnologias convertidas em meios, segundo novos e complexos regimes de produção, recepção e de circulação (VERÓN, 1997) que atravessando todos os campos acabam dinamizando todas as práticas sociais. Nesse sentido, as questões levantadas sob a ótica dos processos sociais passam a configurar uma problemática de alta complexidade, cuja profundidade exige voltar o olhar para formulação de perguntas que tenham incidências nas novas lógicas, operações e estratégias de produção e consumo nas sociedades em mídiação.

Portanto, sob a perspectiva da Mídiação e dos Processos Sociais, elegemos como objeto observado um grupo composto por 80 adolescentes consumidores da cultura midiática em circulação na Internet (Youtube), que estudam no Colégio Católico Nossa Senhora da Conceição, localizado na Comuna de Benguela, no Município e Província do mesmo nome na República de Angola. Os 80 adolescentes foram subdivididos em 2 grupos de 40 cada, sendo 40 do sexo masculino e 40 do feminino respectivamente, com a idade dos 14 aos 16 anos. A seleção da amostra tem como critério: ser adolescente com a idade prevista na pesquisa, ser aluno do colégio, ser possuidor e usuário de um dispositivo midiático com internet e possuir um canal no Youtube.

Dessa forma, no contexto angolano, pensamos que talvez a problemática da circulação de agressividade entre os adolescentes consista fundamentalmente em estabelecer uma discussão sobre um ambiente, que se constitui e se constrói numa relação dialética tomando um corpo existencial no choque interacional entre duas culturas: um povo cuja memória está arraigada na cultura da guerra e outro na dos usos dos meios, e que desemboca na cultura midiática orquestrada pelas lógicas e contratos das gramáticas sociotécnicas linguísticas discursivas (FAUSTO NETO, 2008) da ambiência midiática. Ou seja, citando Adorno (2002), Baudrillard (2008), Bauman (1999), Bourdieu (1997), Canclini (2001) Featherstone (1995), Lipovetsky (1989), Ferreira (2006), em um processo interacional e considerando as intenções, as ideologias, os valores, as atitudes, as crenças, e os hábitos, a ênfase da nossa pesquisa recai sobre o como ocorrem as múltiplas afetações entre as esferas de produção, circulação e consumo dos bens da Indústria Cultural midiática. Isso implica elaborar uma pesquisa cujo objeto se situa nas interfaces das práticas sociais.

No processo tentativo de operacionalizar e articular essas questões julgamos adotar, epistemologicamente, como conceito-chave a circulação. Ou seja, estamos tomando o conceito da circulação como aquela ambiência onde tanto o emissor quanto o receptor são resituados em outros papéis na arquitetura comunicacional (FAUSTO NETO, 2010). No âmbito dos fluxos mercadológicos da Indústria Cultural, o conceito de circulação permite que desapareça a unilateralidade entre um sujeito/indivíduo (produtor) através de aparatos técnicos (meios) da mercadoria (produto/objeto) e o outro, destinado ao consumo. Em percepção e recepção isso implica falar do rompimento com o esquema tradicional da comunicação e fazer apologia de uma epistemologia de múltiplas afetações e disputas interacionais na ambiência da mediatização.

Portanto, estamos assumindo o conceito de circulação como orquestradora das relações entre os campos e as práticas sociais, e das suas correlações nos processos de construção da consciência crítica e da identidade individual (KATCHIPWI SAYLA, 2012; MOSCOVICI, 2005; JODELET, 1985). Por essas angulações, o conceito de circulação associada à mídia (circulação midiática) passa a corresponder a um conjunto de dispositivos sociotécnico-tecnológico, semiótico, simbólico e interacional (FERREIRA, 2007; FAUSTO NETO, 2008, BRAGA 2011) de usos que, com o advento das TICs pode permitir a busca, em cada representação as relações estabelecidas entre os sujeitos, o mundo e as coisas. Isso equivale ao estudo de um objeto que foge dos esquemas tradicionais do estímulo e resposta (PAVLOV, 1960), e na transversalidade nos obrigue a acionar categorias discutidas, por exemplo, nos campos da Psicologia, da Sociologia e da Antropologia. Em termos

metodológicos esse acionamento coloca-nos numa trilha difusa de alta complexidade e de riscos constantes que, como forma de minimizar tais riscos, convocamos e estabelecemos contratos de leitura com autores tais como: Adorno e Horkheimer (1973), Aumont (1993), Bourdieu (1997) Bulmer (1977), Erikson (1972), Quiroga (2007) e Vygostsky (1988).

Portanto, o tensionamento das teorias destes autores quanto ao que emerge das bordas da circulação midiática (FAUSTO NETO, 2010) associado aos dados recolhidos dos relatos, acerca das práticas sociais nas esferas de produção, circulação e consumo, possam sustentar um discurso abduutivo sobre como os adolescentes angolanos, em choques interacionais com a cultura midiática, expressam as subjetividades e os seus lugares posicionais (FREUD, 1996; MALDAVSKY, 1977; MARCUS; FISCHER, 1986) nas referidas esferas. Isso implica assumir a elaboração de uma abordagem que tenha como foco as subjetividades dos indivíduos sob a perspectiva da percepção e a recepção da cultura midiática.

Nesse sentido, fazendo referência a autores como Dupuis (1996) e Braga (2012) sob o ponto de vista socio-histórico, ideológico e dialético, podemos concluir que a formação de uma cultura possa configurar-se como um processo de disputas interacionais de significações, que uma vez cristalizadas constituem a materialidade da formação da identidade do indivíduo. Para Erikson (1972), identidade corresponde à concepção que o indivíduo tem de si mesmo. E tal concepção é composta de valores, crenças e metas que dependem dos fatores intrapessoais (as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), pelos fatores interpessoais (identificações com outras pessoas), e pelos fatores culturais (valores sociais, a que uma pessoa está exposta, tanto globais quanto comunitários). Portanto, é através da identidade que podemos saber quem é a pessoa, quais são os seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida.

Assim, na ambiência da circulação midiática, o conceito de identidade passa a ser um processo em construção nas disputas interacionais socio-históricas e culturais. Como forma de perseguir os desdobramentos desse processo de disputas interacionais realizamos a pesquisa de campo objetivando recolher dados sobre: a) como a sociedade angolana está reagindo à cultura das novas tecnologias da informação e Comunicação?; b) de que forma os adolescentes angolanos usam (consumo), se apropriam e reproduzem em suas práticas os bens da indústria midiática em circulação nas redes sociais?; c) que significados os adolescentes angolanos atribuem à circulação midiática da violência em suas práticas sociais? e d) sendo que as lógicas da ambiência midiática atravessam todos os campos e práticas sociais, como os adolescentes angolanos expressam (leitura/escuta/fala) as suas subjetividades (modo de ser) dentro do seu contexto sócio-histórico e cultural?

Portanto, para acompanhar desdobramentos de todo esse conjunto de processos, no contexto angolano, achamos por bem estruturar o texto da tese em duas partes perfazendo um total de seis capítulos.

A primeira parte é composta por quatro capítulos, iniciando pelas articulações metodológicas do caso de investigação, sob a perspectiva da midiatização e processos sociais no contexto angolano. O segundo capítulo apresenta os aportes teóricos metodológicos da pesquisa em andamento como forma de aproximação e apropriação das lógicas e metáforas das múltiplas afetações entre os atores sociais nas esferas midiáticas. Essas esferas foram inferidas dos indícios intitulados “os lírios do campo”. Por sua vez, o terceiro capítulo foi consagrado a construção arquitetônica e estrutural dos instrumentos e técnicas que usaremos na seleção, observação, percepção e descrição dos indícios, em vista a recolha de dados sobre o nosso objeto de pesquisa. Esse capítulo trata dos processos que envolvem as materialidades pesquisadas. Para terminar a primeira parte, vem o capítulo quarto, considerando os fluxos dos bens da Indústria Cultural no fluxo adiante, em que tentamos observar e descrever as disputas mercadológicas e os desdobramentos das lutas pelo reconhecimento nas esferas de produção, de circulação e de consumo dos produtos midiáticos entre os atores sociais (produtores e consumidores). Portanto, nesse capítulo acionamos as metáforas e analogias que se podem aplicar nas lógicas e gramáticas das múltiplas afetações na ambiência midiática, tendo em vista a construção das inferências indutivas.

A segunda parte é composta de apenas dois capítulos. Ela foi dedicada aos cruzamentos e/ou atravessamentos de dados obtidos dos relatos, das discussões do Focus Group dos adolescentes e das teorias oriundas de várias abordagens sobre o nosso objeto de estudo. Ou seja, ao estabelecer essas interfaces objetivamos perceber e capturar as interações realizadas no campo das práticas e dos discursos tanto dos adolescentes quanto dos pesquisadores. Assim, no quinto capítulo fazemos um mapeamento topográfico dos desdobramentos sociotécnicos e tecnológicos da cultura midiática em Angola, tendo como marco histórico o conflito armado (1961-2002), a abertura do país ao mercado das novas TICs, a localização e descrição de dois “eus”: o “eu” do pesquisador enquanto observador participante<sup>1</sup> e o “eu” dos adolescentes que participam das pesquisas. O sexto e último

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa assumimos a lugar de observador participante devido a nossa participação no longo período da pesquisa de campo (localização e negociações com a direção do Colégio Nossa Senhora da Conceição); escrita, envio e assinatura da Carta de anuência; seleção da amostra; escrita e entrega dos Termos de Livre Consentimento dos pais e dos adolescentes da amostra; escolha e organização do espaço; acomodação e acompanhamento durante o processo da entrega e recolha dos questionários de aplicação coletiva; constituição do Focus Group; observação do comportamento e ações dos adolescentes da amostra, durante a exibição dos



capítulo são designados à construção das inferências dedutivas e abduativas, tendo como disparadoras as metamorfoses e as novas configurações dos conceitos: cultura, conglomerados nas redes sociais, mídia e sujeito na ambiência da midiatização e dos processos sociais.

Nessa visada, Leffa (1996) introduz na ideia da percepção e recepção algo em circulação como um contrafluxo produtivo. Por consequência, a ideia do autor é de que o contrafluxo tem a sua origem na reverberação mútua entre escutas e falas, de parte a parte, ou seja, a produção dos sentidos sociais é fruto dos processos interacionais, cujas consequências são canhestras na perspectiva da midiatização e dos processos sociais.

Para terminar a tese, segue a conclusão. Nela, em caráter ilustrativo, apresentamos os resultados da pesquisa, e cremos que poderão servir para futuros estudos sobre a complexa questão da reverberação e ressignificações da problemática da circulação midiática da agressividade em adolescentes angolanos, que com o fim da guerra integram acederam as esferas das sociedades em midiatização. Dito isso, julgamos estar aberto o caminho para os desdobramentos da pesquisa sobre a circulação midiática de agressividade entre adolescentes angolanos que consomem os conteúdos com cenas violentas e agressivas na internet através dos dispositivos midiáticos.

## PARTE I - METODOLOGIA DA PESQUISA

### 1 O CASO DE INVESTIGAÇÃO NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Como anunciamos na introdução, este primeiro capítulo configura-se como uma estratégia científica que nos auxilie na busca de respostas sobre “como” e “por quê” dos discursos e das práticas sociais dos adolescentes angolanos, mergulhados na ambiência da midiatização. Fundamentalmente o capítulo apresenta os passos que constituem o estudo que “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real” (YIN 2005, p. 32), adequado quando “as circunstâncias são complexas e podem mudar, quando as condições que dizem respeito não foram encontradas antes, quando as situações são altamente politizadas e onde existem muitos interessados” (LLEWELLYN; NORTHCOTT, 2007, p. 195). Assim, na esteira desses autores, apoiados pelos processos sociais da midiatização objetivamos desenvolver um estudo, sobre a apropriação de discursos de violência e agressividade, por parte de adolescentes, que consomem conteúdos de vídeos em circulação na Internet através dos Dispositivos Midiáticos.

Em um processo tentativo, a nossa investigação enquadra-se dentre as pesquisas de campo pelo fato de que, além das marcas que observaremos nos indícios, vamos realizar coleta de dados junto aos adolescentes que consomem os conteúdos que contenham cenas de violência que circulam na internet. Segundo Fonseca (2002), normalmente todas as investigações que objetivam recolher dados entre os indivíduos fazem recurso a diversos tipos de pesquisas, tais como por exemplo a “pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante”. Na esteira desse autor, em nossa pesquisa pensamos usar como estratégia de desenvolvimento do trabalho uma metodologia processual que vai de mera observação, passando pela descrição dos empíricos e desembarcará na construção das inferências indutivas com ensaios teóricos dedutivos. E, como pesquisador participante, entabular uma discussão abdução. Assim, pretendemos estabelecer um envolvimento, porém não emocional, com os adolescentes que compõem a nossa amostra de pesquisa. Ou seja, propomo-nos aqui estabelecer uma interface epistemológica que possibilite fazer uma orquestração, quer dos dados obtidos pelo processo de observação e descrição inferencial indutiva, quer pela pesquisa empírica dedutiva, bem como aqueles oriundos da pesquisa da área da comunicação social.

A título classificatório, segundo Rocha (1997, p. 154), a comunicação é apenas mais um substantivo feminino para designar: “ato de comunicar, informação, aviso; passagem,

caminho, ligação”. Ela resulta de um longo e complexo processo de associação dos sons e gestos para designar um objeto, dando origem aos signos.

Segundo Bordenave (1982, p. 24-25), “o processo de organização das regras de combinação dos signos entre si e da posse destes repertórios pelos seres humanos resultou na criação da linguagem, cujos limites sempre estão por vir”, conforme ressalta Baitello Júnior (1998, p.11). Nessa ordem de raciocínio, “o fenômeno de comunicar é um mecanismo que sempre foi essencial para que os homens interajam e se desenvolvam”. Porém, enquanto processo cada vez mais acelerado de transmissão de informações na sociedade contemporânea, graças ao desenvolvimento das novas tecnologias da Informação, acaba por construir um cenário em que a midiaticização dos processos sociais se torna ponto central de análise e reflexão sobre o conhecimento acerca dos fenômenos sociais, exigindo, mais pesquisas nesta área, na tentativa de entender a complexidade do mundo atual.

Marques de Melo (1975, p.14), ao abordar o conceito de comunicação, introduz a ideia de “comunhão, comunidade ao associar o conceito com o termo latino ‘communis’: comum”. Porém, referindo-se à comunicação como processo, Berlo (1991, p. 33) o define como “qualquer fenômeno”, “operação” ou “tratamento contínuo”.

Ao aceitarmos o conceito de processo, concebemos os acontecimentos e as relações como dinâmicos, em evolução e sempre em mudanças contínuas. E não como coisas estáticas e paradas, mas flutuantes e móveis, cujos ingredientes desse processo agem uns sobre os outros numa influência mútua e complexa. E então, acolhendo o proposto por Berlo (1991) e Sousa (2006, p. 28), assumimos o conceito de comunicação como conceito que “designa um fenômeno contínuo [...] com sua evolução interacional”.

Sob angulações epistemológicas interacionais, o termo comunicação, nas sociedades conectadas em redes, passa a situar-se nas interfaces das diferentes áreas de conhecimentos. A partir do que podemos inferir, a conexão em redes, tornada possível através da internet, coloca o conceito comunicação na interface com outras áreas de conhecimentos gerando uma gama infinita de abordagens por parte dos pesquisadores no estudo dos acontecimentos e fenômenos sociais, uma vez que o processo comunicativo passa a fazer parte do desenvolvimento da sociedade e dos próprios modos de ser do sujeito. Numa linguagem metafórica, a comunicação assume um protagonismo heurístico mercadológico de valor primaz por si só, transitando estrategicamente do mundo de negócios àquele das ferramentas interpretativas, de áreas específicas e as de interações entre os grupos sociais, comportamentos, cultura, consumo e outras variáveis importantes da sociedade. Sem a pretensão reducionista, mas na

perspectiva interdisciplinar dos processos comunicacionais como um campo singular do saber científico.

Cabe aqui afirmar que o nosso pronunciamento sobre a temática apenas se pontua como uma questão metodológica e epistemológica na discussão sobre a produção de conhecimento nas ciências humanas e sociais, onde se insere o nosso objeto de pesquisa científica. Ademais, todo ponto de partida de pesquisa de qualquer objeto passa, antes de tudo, pelas pré-noções socialmente elaboradas e aplicadas no quotidiano dos sujeitos. São essas pré-noções que balizam os diferentes contextos em que os objetos circulam, sendo significados e ressignificados e, com novos sentidos, colocados no fluxo adiante (BRAGA, 2012) através das redes sociais.

Sem deixar de produzir sentido, seria estar à esteira do que chamaríamos de espaço do senso comum do conceito da comunicação. Este conceito foi gerado pelos sujeitos na interação social. E, em uma ordem processual, tornou-se símbolo de referência comum, não obstante estar revestido de uma roupagem interpretativamente pluridimensional. Por isso, toda tentativa de conceitualização da palavra “Comunicação” seja possível somente no quadro socioexistencial e nos modos como os setores sociais a utilizam, acionam e desenvolvem. Esse tipo de abordagem pode induzir a uma generalização, e então fazer esbarrar o campo epistemológico da comunicação nas variáveis que não são percebidas de forma plena no processo de interação social e da mediatização da sociedade angolana.

## 1.1 O TEMA E PROBLEMA DA PESQUISA

Ao desenvolvermos a pesquisa, cujo objeto é perceber os circuitos que envolvem a circulação da agressividade em adolescentes angolanos que consomem conteúdos violentos que circulam na internet, a nossa maior tarefa é antes de tudo fazer um balizamento técnico metodológico que nos permita delimitar o território do campo comunicacional no qual se insere o objeto da pesquisa. Em segundo lugar, pensamos ser um processo tentativo de estabelecer uma articulação epistemológica com outros saberes oriundos de áreas afins, tais como a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Linguística, a Educação, e a Política, na tentativa de consolidar a nossa pesquisa no âmbito das ciências da comunicação. Em meio a esse universo diverso de áreas e de campos de conhecimento, com certeza corre-se risco, é possível livrar a investigação do labirinto que levaria à fragmentação tanto das questões em debate quanto do objeto.

Sob a perspectiva da mediação e dos processos sociais, num processo tentativo de acompanhar os desdobramentos das questões observadas nos discursos desses pais, chegamos à conclusão de que não se trata de uma simples problemática. Consideramos uma problemática complexa, cuja profundidade exige voltar o olhar para a formulação de perguntas sobre os processos e operações implicados na produção e na construção de sentido das ações e práticas sociais destes sujeitos. Isso nos leva a pensar que nossa pesquisa vise, fundamentalmente, estabelecer uma discussão sobre um ambiente que se constitui e se constrói em uma relação dialética – tomando um corpo existencial no choque interacional entre um povo cuja memória está arraigada na cultura da guerra – e por outro lado, na dos usos dos meios, e que podem desencadear e configurar-se como cultura midiática, uma vez orquestrada pelas lógicas e contratos das gramáticas sociotécnicas, linguísticas e discursivas, na visão de Fausto Neto (2008), dentro da sociedade angolana. Essa cultura, por sua vez, pode também ofertar inúmeras possibilidades canhestras nas formas de perceber, de receber e de interagir dos sujeitos envolvidos, e destes com os objetos à sua volta. Ou seja, isso implica perseguir uma trilha de dúvidas e incertezas que, somente numa relação dialética e conflituosa entre os aspetos socio-históricos, cultural e social à nova realidade circundante, poderemos, numa modalidade ensaística e relacional, estabelecer um processo tentativo de construir inferências sobre as práticas sociais (ações) e as teorias (discursos) dos adolescentes angolanos.

Portanto, em processo interacional e considerando as intenções, os valores, as atitudes, as crenças e os hábitos, a ênfase da nossa pesquisa recai sobre como cada um dos adolescentes, mergulhados na ambiência midiática, percebe, recebe, representa e se vê nesse mundo que lhe é ofertado pela cultura midiática. A nosso ver, isso parece implicar nos diferentes contextos sociais como locus no qual os sujeitos desenvolvem as suas práticas, que por sua vez, podem criar possibilidades do surgimento de uma nova cultura ao serem significadas. Apoiando-nos em Braga (2012), para quem o ser humano vê o mundo pelas lentes de sua inserção socio-histórica-cultural, e parafraseando Dupuis (1996), inferimos que a noção do desenvolvimento do conceito de cultura em uma sociedade tenha a sua raiz genética a partir dos contextos, das interações, práticas e significações das ações que se vão cristalizando socialmente entre os sujeitos ao longo do tempo.

No contexto angolano, terminado o conflito civil, ultrapassados os processos de pacificação e democracia em todos os campos e práticas sociais, é possível a observação de algo que se pode considerar como um desenvolvimento sociotécnico-tecnológico, cujo salto

pode ser avaliado qualitativamente e de consequências canhestras na ambiência da mediação.

## 1.2. O RECORTE: RELAÇÕES E CIRCUITO INVESTIGADO

Relendo Martins (2008, p.11), com este recorte pretendemos mergulhar profunda e exaustivamente no objeto delimitado, haja visto que “o estudo de caso possibilita a penetração em uma realidade social, não conseguida plenamente por um levantamento amostral e avaliação exclusivamente quantitativa”. E, pensando nessa ambiência, temos como foco na pesquisa o estudo da circulação do conteúdo de vídeos violentos e agressivos em adolescentes angolanos, que consomem tais conteúdos na internet por meio de dispositivos midiáticos. Enquanto pesquisadores estamos, amparados pelos aportes de José Filho (2006, p. 64-65), e então passamos a conceber “o ato de pesquisar”, algo que traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar, isto é, entabular um diálogo com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”. Por estas angulações, objetivamos compreender em que termos o relato dos jovens aponta as redes como fonte/matriz de aprendizagens para as suas práticas; e também, em que sentido eles constroem outras estratégias de aprendizagens que se sobrepõem a certas matrizes de ofertas de violência e agressividade em circulação na plataforma Youtube? Por outras palavras, qual é a relação dos adolescentes com as formas de violência ofertadas pelas redes? Que elaborações de aprendizado e de sentido outros permeiam os discursos e as práticas dos adolescentes angolanos que consomem conteúdos agressivos no YouTube?

Apologeticamente cremos que estas interrogações podem configurar-se como processo tentativo de conhecer qualquer fenômeno constituinte da circulação de agressividade entre adolescente, bem como constituírem-se como marco aproximativo e ofertar uma dinamicidade dialética ao estudo desse assunto tão complexo. Assim, devido à complexidade do tema em estudo, estamos tateando em busca da técnica e de instrumentos metodológicos que nos permitam fazer uma aproximação ao nosso objeto de estudo. Para o efeito, vale-nos o contributo de Demo (2005, p.16). Segundo o autor, “em termos cotidianos, pesquisa não é um ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem. [...] Faz parte do processo de informação, como instrumento essencial para a emancipação”. No contexto científico, inferimos que ao pesquisar sobre a circulação de agressividade, a pesquisa se configura uma trilha que não apenas contempla aspectos teóricos e metodológicos, mas

aqueles que envolvem as práticas sociais. Para perseguir essa trilha foi preciso a concepção e construção de uma estrutura composta por três esferas em múltiplas afetações, cujas categorias descrevemos abaixo:

- 1) Uso dos Meios/DMs  $\longleftrightarrow$  Violência/agressividade;
- 2) Passado/Guerra civil  $\longleftrightarrow$  Presente/Geração midiática;
- 3) Produção  $\longleftrightarrow$  Consumo (bens da Indústria Cultural).

Esta estrutura, metaforicamente falando, alude a um processo que, fugindo do reducionismo e do empirismo, extravasa os limites da realidade e envolve os usos de representação da violência que os adolescentes consomem através dos vídeos em circulação nas Redes sociais; aos usos conforme os marketings ou propagandas das marcas aos usos cooperativos de aprendizagem (oficinas) e os usos dos meios pelos meios de propagandas (Internet).

Em uma dimensão da interdisciplinaridade, informamos que a escolha dessas categorias e a construção dessa estrutura inscreve essa investigação nas pesquisas qualitativas, que segundo Godoy (1995) tiveram início na segunda metade do século XIX e nos permite estabelecer interfaces entre os campos: Psicologia, Sociologia, Antropologia, Educação e Comunicação Social. O que nos interessa não é a obtenção dos dados, mas o seu processo. Por decisão pessoal optamos pela pesquisa qualitativa, apesar das críticas quanto às possibilidades de “envolvimento emocional do pesquisador” (MINAYO, 2001, p. 14). Assim, conscientes dos riscos que corremos, pensamos realizar esforços para minimizar que isso aconteça do decorrer desse processo, que, parafraseando Bogdan (apud TRIVIÑOS, 1987) vai da manifestação e observação, passa pela descrição e termina na construção de inferências indutivas, dedutivas e abduativas.

Nessa perspectiva, José Filho (2006) explica que as nossas conjecturas são de que a realidade possa a ser interpretada a partir de um embasamento teórico, mas, sem a pretensão de desvendar integralmente o real, pois também é constituído por um caminho metodológico a ser percorrido por meio de instrumentos tecnológicos cientificamente apropriados. Isso leva-nos a fazer um percurso que vai do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico, que segundo Fonseca (2002, p. 11), a partir de seus métodos, é produzido pela investigação científica:

O conhecimento científico tem sua origem nos seus procedimentos de verificação baseados na metodologia científica. É um conhecimento objetivo, metódico, passível de demonstração e comprovação. O método científico permite a elaboração conceitual da realidade que se deseja verdadeira e impessoal, passível de ser submetida a testes de falseabilidade.

### 1.3. HIPÓTESES

Ancorados em Marconi e Lakatos (2002, p. 126), definimos a hipótese como um enunciado geral de relações entre variáveis (fatos, fenômenos) formuladas como uma “solução provisória para um determinado problema” que apresenta um “caráter ou explicativo ou preditivo”. Ela deve ser “compatível com o conhecimento científico (coerência externa), revelar “consistência lógica (coerência interna)” e por último deve ser “passível de verificação empírica” ou não “em suas consequências.”

Assim, parafraseando as autoras, por meio da familiarização com o tema da pesquisa, da observação do objeto no fluxo adiante, de metáforas, analogias, inferências indutivas, abduções dedutivas no contexto da midiaticização e dos processos sociais, a nossa pesquisa parte do seguinte pressuposto:

A nova ambiência angolana, fruto de interações culturais (cultura local e cultura midiática), nos oferta uma oportunidade de formulação da hipótese de que os sujeitos da nova sociedade, herdeira de uma sociedade forjada por dois conflitos armados (colonial 1961 - 1975 e civil 1976 - 2002), enfrentem uma situação de ruptura dialógica que estabelece um hiato com o seu passado socio-histórico familiar.

Dando sequência, sustentamos a idéia de que talvez seus avôs, pais, irmãos ou algum parente tenha nascido crescido, participado, vivenciado ou sofrido as consequências de um dos conflitos ou mesmo das duas guerras, ao passo que as novas gerações não tenham participado e/ou vivenciaram nem uma nem outra. Nesse contexto díspar será lógico que os pais das novas gerações, em seus discursos e práticas, manifestem comportamentos mais conservadores em assuntos de políticas e as novas tecnologias, bem como apresentem atitudes mais rígidas quanto a questões de comprar, consumir e economizar pelo fato de terem passado fome ou vivenciado situações de penúria durante a guerra. Ao contrário das novas gerações que, com o ambiente de paz, da democracia e da abertura ao mercado da produção e do consumo dos bens da indústria cultural das TICs, sejam impelidos compulsivamente viverem e reproduzir os signos da produção e do consumo na nova ambiência criada pela cultura midiática. E para tanto, se no tempo dos seus pais bastava ao capital produzir mercadorias em que o consumo era mera consequência, na nova cultura é preciso produzir os consumidores, é preciso produzir a própria demanda e essa produção é infinitamente mais custosa do que a das mercadorias. (BAUDRILLARD, 1991).

Desta feita, o sujeito para estar incluído na sociedade precisa ser consumidor. Dessa forma o consumo deixou de ser apenas o resultado da produção, para ter o poder de QI na



sociedade. O sujeito só é reconhecido e recebe o título de cidadão na sociedade de acordo com aquilo que é produzido e consumido nessa sociedade e, conseqüentemente, os que não são consumidores de fato, são excluídos (CANCLINI, 2005a). O novo modo de ser no mundo de Pedro Gilberto Gomes (2016) passa, portanto, pelo consumo. Ou seja, existir no tempo e no espaço é igual a consumir. Assim, o conceito de consumo “deixa se ter o valor de uso, de utilidade material para primordialmente prefigurar o consumo de signos” (FEATHERSTONE, 1995. p. 122) e de status na sociedade, contrapondo-se à concepção tradicional. A circulação dos atos de violência e agressividade, enquanto ações e práticas dos sujeitos, deixa de ser avaliada e compreendida sob o prisma do duplo efeito (causa e efeito), mas como um conjunto de processos complexos de sistemas simbólicos e interacionais de conseqüências canhestras<sup>1</sup> (BRAGA, 2012).

Ademais, as novas lógicas instauram um novo regime de estruturação de afetações e vínculos e propiciam a construção de “sentidos outros” entre as práticas sociais entre os indivíduos. E então, mais do que falar de mídias como dispositivo de mediações (MARTIN-BARBERO, 1997), falamos em mídia como um novo bios, uma “nova realidade” (LUHMANN, 2005), a da midiatização (FERREIRA, 2007; MIÉGE, 2009; FAUSTO NETO, 2008; BRAGA, 2011a; ROSA, 2012; GOMES, 2017).

Destarte, apoiados em Adorno (2006) podemos inferir que os sujeitos pela percepção e recepção da cultura midiática enfrentem um processo que permita expressar os anseios individuais e criticar a própria cultura. Nesse sentido, sob o ponto de vista socioideológico e dialético, podemos concluir que a formação de uma cultura, possa configura-se como um processo de disputas interacionais da formação da identidade do indivíduo.

#### 1.4. OBJETIVOS DA PESQUISA

A partir de autores como Marconi e Lakatos (2002, p. 24) definimos os objetivos como elementos fundamentais que nos permitem atingir a meta a que nos propomos na pesquisa. Para tanto, defini-los com “clareza e em coerência com o tema de pesquisa” é indispensável para desenvolver uma pesquisa científica, pois apresentam os motivos para o

---

<sup>1</sup> Na literatura de Braga entendemos a expressão “conseqüências canhestras” como resultados imprevisíveis no final da pesquisa sob os aportes da Midiatização e dos Processos Sociais. Estamos partindo do pressuposto de que as reflexões no campo da comunicação não oferecem categorias nem relações ou causas pré-definidas. Mas, heurísticamente, busca os diferentes modos sociais de (olhar) perceber, recepcionar e pensar a realidade social (objeto), através de táticas e estratégias de graus alternativos e probabilísticos de qualidade, sucesso e valor, dependendo de esforços dos atores e de acionamentos de circuitos e dispositivos nas interfaces das práticas sociais.

desenvolvimento da pesquisa, informando assim, as contribuições que os resultados produzirão.

Retomando o parecer de Marconi e Lakatos (2002), inferimos que os objetivos aqui indicados norteiem e direcionem as leituras das referências teóricas, e nos permitam ter maior clareza na formulação do problema e na articulação das variáveis da pesquisa. Portanto, para a concretização de tais objetivos, em nossa pesquisa procuramos responder as perguntas, cuja estrutura de formulação apresentamos da seguinte maneira: como a sociedade angolana está reagindo à cultura das novas tecnologias da informação e que significados os adolescentes angolanos atribuem à circulação midiática da violência em suas práticas nas redes sociais?

Na tentativa de sairmos em campo em busca das prováveis respostas a esta pergunta, escolhemos como instrumentos de pesquisa para a recolha de dados a aplicação de duas técnicas:

- a) um questionário. Essa técnica possui no total 29 perguntas e foram elaboradas pelo pesquisador<sup>2</sup> visando os objetivos geral e específicos da pesquisa; o questionário foi aplicado aos 80 adolescentes, sendo 40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino, que compõem a amostra da pesquisa.
- b) um Focus Group. Essa técnica, de igual modo elaborada pelo pesquisador<sup>3</sup>, compreende a criação de um grupo de discussão formado pelos 80 adolescentes da amostra, considerando os objetivos da pesquisa e a problemática em circulação nas redes.

Por meio dessas duas técnicas, a nossa primeira percepção é de que seja possível uma aproximação ao objeto de pesquisa, e adquirir uma maior familiaridade na hora de observar e descrever as características comuns em cada indivíduo que responderá às questões nos dois momentos.

A partir dessa percepção o nosso objetivo foi observar e descrever as operações de significação e as relações de afetações que possam existir na circulação da agressividade em adolescentes angolanos que consomem os conteúdos violentos na internet através dos dispositivos midiáticos. E como objetivos específicos: a) investigar as estratégias e as políticas que as instituições angolanas, quer públicas quer privadas utilizam no processo de inclusão social dentro do mercado de consumo e produção dos bens da indústria das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) em Angola; b) Saber como os adolescentes

---

<sup>2</sup> Para mais detalhes sobre a construção deste questionário como técnica de recolha de dados falaremos no capítulo das articulações metodológicas.

<sup>3</sup> Para mais detalhes sobre a construção deste questionário como técnica de recolha de dados falaremos no capítulo das articulações metodológicas.

angolanos usam e se apropriam das TICs em suas ações e práticas (produção e circulação de conteúdos) nas páginas das redes sociais (YouTube); c) Perguntar sobre o que, porque e para que os adolescentes produzem e colocam em circulação nas Redes Sociais (YouTube); d) Verificar, dentro do contexto socio-histórico e cultural, de que forma os adolescentes angolanos que consomem os conteúdos violentos na internet e como se representam em suas produções (práticas = ações e discursos = teorias) e constroem as suas identidades; e) No âmbito dos processos da circulação midiática, correlacionar as produções dos adolescentes que compõem a amostra quanto ao sexo (masculino e feminino).

Portanto, esses objetivos configuram-se como uma proposta que nos possibilitam a construção de novas epistemologias a cerca do que surgem das práticas sociais (produção, circulação e consumo), e da ressignificação das cenas de violência e agressividade entre os adolescentes angolanos durante os processos dos usos dos dispositivos midiáticos e das apropriações das lógicas e gramáticas sociotécnicas e tecnológicas na sociedade em midiaticização. Por outras palavras diremos que, por meio do uso de metáforas e analogias, fazemos um tensionamento e estabelecer possíveis relações entre as teorias já consolidadas, os relatos e as práticas sociais de consumo, compartilhamentos de cenas violentas e agressivas nas redes sociais (Youtube), dentro dos contextos socio-histórico e cultural (familiares, valores, crenças, hábitos, atitudes, gênero, motivos, objetivos e intenções) dos indivíduos envolvidos. Por essas angulações, a nossa pesquisa inscreve-se em um “lócus” onde os indivíduos expressam as suas singularidades compartilhadas entre os sujeitos através das redes sociais e abre um espaço de disputas e de trocas simbólicas por meio do que Braga (2006a) chama de “interações sociais”.

Sob essa perspectiva, visamos estabelecer relações entre as categorias e construir inferências tanto indutivas quanto dedutivas acerca da circulação de agressividade em adolescentes angolanos, que consomem os conteúdos violentos na internet através dos dispositivos midiáticos. Considerando os objetivos formulados e bem como o marco epistemológico, que sustenta esta investigação, classificamos esta pesquisa como sendo uma pesquisa de cunho descritivo correlacional não causal.

A opção por esse tipo de desenho é, como já o frisamos, de possuir maior familiaridade com o problema. Ou seja, conseguir pistas e caminhos que possam tornar inteligível o acesso ao estudo em questão e nos ajudem, de forma cautelosa, as nossas inferências no momento de construir as hipóteses. De acordo com Gil (2008), para além do levantamento dos observáveis inserimos também as entrevistas (questionário) e o Focus Group, constituídos pelos adolescentes que consomem os conteúdos violentos na internet.

Dessa maneira, com a escolha das duas técnicas visamos buscar um instrumento que estimule o nível de compreensão de análise do conteúdo da pesquisa em andamento. O conteúdo será constituído pelos discursos dos adolescentes, obtidos a partir das respostas da entrevista (questionário de aplicação coletiva) a ser elaborada pelo pesquisador, e das discussões do Focus Group, dos registros narrativos resultantes da observação dos vídeos. Na busca do entendimento sobre o que é a unidade de análise, convocamos Bardin (2009, p. 38), que define a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Porém, no âmbito da midiatização e dos processos sociais, sobretudo considerando a arquitetura da circulação midiática, parece-nos, por si só, insuficiente esta definição para abarcar a especificidade da técnica e a sua validação científica dos resultados. Ela é sim uma ferramenta que nos possibilitará construir inferências de conhecimentos relativos às condições de produção, de percepção, de recepção, de significação e de representação das práticas sociais entre os adolescentes. Dessa forma, como afirmam Rodrigues e Leopardi (1999), a análise desse conteúdo (discursos/relatos) tão somente se refere à uma decisão pessoal.

Portanto, interessa-nos investigar, tanto nas práticas quanto nos discursos dos adolescentes, marcas que nos possibilitem estabelecer interfaces entre os indícios acerca da circulação de agressividade midiática, observados nos empíricos e nos dados obtidos a partir das interações com as suas práticas sociodiscursivas. Ou seja, estamos tateando a objetivar a delimitação da unidade de análise desta investigação, que julgamos ser constituída pelos discursos (relatos) e as práticas dos 80 adolescentes que compõem a amostra da pesquisa.

A postura que assumimos é de um pesquisador que se distancia de uma investigação engessada que se restringe à adoção de uma teoria e de um paradigma ou método. Mas de alguém que, nas interfaces, adota uma estratégia que engloba a multiplicidade de procedimentos, técnicas e pressupostos, objetivando a compreensão das interações, intenções e dos significados que os sujeitos atribuem aos atos humanos. Ou seja, nas interfaces disciplinares estamos fugindo dos aspetos e resultados quantitativos segundo os quais a realidade seria objetiva e mensurável; onde os fenômenos sociais são estudados a partir das abstrações e interpretações de relações causais, testando constructos e hipóteses a partir do uso de medições numéricas. Nesse caso, somos do parecer de que o método mais apropriado para investigar a problemática da circulação da agressividade consista na utilização de técnicas inovadoras de pesquisa qualitativa, sendo importante contribuição para a linha de pesquisa de Midiatização e dos Processos Sociais. Por decisão pessoal optamos pela pesquisa qualitativa, apesar de ser criticada pelo seu envolvimento emocional do pesquisador

(MINAYO, 2001, p. 14). Porém, nossa decisão deve-se ao fato de que, se originariamente o seu campo era restrito aos estudos de Antropologia e Sociologia, hoje com o desenvolvimento das TICs permite a produção, a circulação e consumo dos bens da indústria cultural.

Todavia, como cada indivíduo vê o mundo segundo os seus óculos, a ambiência que constitui esse espaço, via percepção e recepção, assimilação e representação social é de embates e contratos de diferentes leituras (FAUSTO NETO, 2008), e por isso, faz-se necessário uma leitura e escuta atenta, segundo Leffa (1996. p.10).).

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo.

Portanto, inseridos no campo da Comunicação Social, assumimos como chave hermenêutica, para compreensão e interpretação de agressividade enquanto fenômeno social em Angola, o conceito de circulação, uma vez que a midiatização se organiza em torno ao consumo relacionado com as produções de sentido social parafraseando os já citados autores Baudrillard (1981), Zygmund Bauman (1999), Mike Featherstone (1995), Gilles Lipovetsky (1989), Gomes (2017).

## 1.5. METODO

No âmbito do nosso objeto de estudo, o pronunciamento a respeito das inferências e suas construções remete-nos ao estudo sobre algo em constituição numa interface com outras áreas de conhecimento. Essa postura exige-nos, pelo que parece adentrar num território de tessitura mosaica composto por retalhos provenientes de zonas e abordagens híbridas, que ora se harmonizam e criam uma sinfonia orquestrada pela curiosidade investigativa, ora destoando se distinguem, acabando por constituir-se num arsenal de inúmeras possibilidades de problematização, discussão e elaboração de hipóteses, dependendo da percepção e recepção dos fenômenos sociais. Ou seja, estamos pretendendo situar o nosso ponto de partida científica em uma curiosidade epistemológica de investigação, tanto por questões de observação da realidade quanto por fissuras ou lacunas de conhecimentos, teorias e reflexões de autores em um determinado campo de saber específico. Trata-se de levantar possibilidades,

hipóteses, pistas e persegui-las até chegar à comprovação acadêmica e científica via trajeto de estudo e de interpretação de dados.

Este trabalho é visto pelos intelectuais, tais como Peirce (1958), Costa (2009), Ferreira (2012), Braga (2016), como dinamismo do pensamento científico no campo acadêmico, em todos os estágios e situações de formação e/ou exercício mental e lógico. De acordo com a história da lógica, as inferências poderiam ser de dois tipos: dedutivas (de universais para particulares) e indutivas (de particulares para universais). Porém, depois do século XIX, um terceiro tipo é inserido junto aos dois primeiros: a inferência abdutiva ou hipótese. Essa inferência introduz, no âmbito do pensamento lógico, a discussão da noção de criatividade associada às experiências humanas, nas quais os aspectos individuais e sociais, (produção de novas ideias) são reconhecidos como valiosos.

Nessa perspectiva, parece-nos que a criatividade envolveria aspectos subjetivos que dificultam a sua análise de um ponto de vista objetivo. Para tanto, Peirce (1958) seguindo as ideias kantianas, dividiu as inferências entre analíticas e sintéticas. Para ele, a inferência analítica corresponde à dedução, uma inferência explicativa. As inferências sintéticas diriam respeito à indução. Outra espécie de generalização é constituída pela hipótese que é o insight no pensamento lógico. De acordo com esse autor, inferência corresponderia ao processo de evidenciação do argumento lógico.

Em processo tentativo de definir o que seja o pensamento ou inferências lógicas de Peirce, Costa (2009), em sua Teoria sobre as interfaces, diz corresponderem aos processos que partem das premissas para chegarem às conclusões. Continuando, o autor afirma ser o objeto interdisciplinar desse estudo a inferência lógico-linguística, enquanto ao objeto intradisciplinar consistiria na inferência semântico-pragmática. Assim, segundo Costa (2009), a noção clássica de inferência teria a sua origem identificada na Grécia antiga, sobretudo na lógica silogística de Aristóteles, nos trabalhos de Euclides e na matemática de Pitágoras, bem como nas impressões de Hume (1999).

Detendo-nos nesse último, vamos nos fixar no seu conceito sobre a mente humana. Para ele, esta seria formada por percepções classificadas em impressões e ideias, sendo que sua diferença consistiria, nos mais variados graus de força e vivacidade, e o que separaria essas duas classes seriam os graus de intensidade e não a sua natureza que, de por si é a mesma. Segundo Hume (1999), as impressões têm como princípio o sentir, pois elas se apresentam imediatamente aos sentidos. Já as ideias seriam formadas por impressões e possuiriam um grau de vivacidade menor em relação às impressões. As ideias simples são facilmente identificadas com as suas impressões originárias, mas essas ideias apresentam-se

em outras formas, como por exemplo: as ideias de imaginação que não têm nenhuma vivacidade, as ideias de memória que são mais vivas e possuem forma e uma ordem, as ideias de expectativas que possuem o mesmo grau de vivacidade das ideias de memória, mas são responsáveis por formar as nossas crenças causais.

À medida que as ideias se fundem umas às outras, Hume (1999) descobre um processo complexo na fundamentação de cada uma das ideias que gera um problema para os sujeitos. Ao analisar essas ideias complexas, ele percebe a existência de princípios associativos que as unem, dando origem às múltiplas ideias complexas que impossibilitam as suas validações. Na tentativa de superar esse problema, Hume (1999) vê como saída a possibilidade de derivar as ideias complexas das impressões por meio do princípio de associações. Nesse sentido, as ideias derivariam das impressões originárias, que são “as faculdades de combinar, de transpor, aumentar ou de diminuir as matérias que nos foram fornecidas pelo sentido”. (HUME, 1999, p. 36). Relendo a literatura do autor, inferimos que o processo de seleção das ideias e sua associação ocorre naturalmente e tem por base três propriedades associativas: semelhança, contiguidade e causa e efeito.

Atendo-nos às ideias de Peirce (1958) e de Hume (1999), cabe agora definir o conceito de inferência como a construção da cognição através de associações de ideias com, o objetivo de dar significado aos objetos no mundo social, sendo o pensamento um processo de raciocínio, do qual faria parte a construção inferencial daquilo que é dito. Nessa perspectiva, a partir do que alguém faz e diz é possível construir hipóteses (lacunas) sobre o dito e o não dito. Sendo assim, partindo do raciocínio (silogismo) triádico simples (S é M, M é P; logo, S é P) de Peirce (1878), Ferreira (2012) vislumbra uma relação lógica abstrata, cujo trânsito apenas é possível pelo método interpretativo que remete o silogismo às relações entre regra (S é M), caso (M é P) e resultado (S é P).

Em nosso caso de pesquisa adotamos e associamos esse método interpretativo à observação do que surge das interfaces, feixes e fluxos interacionais através dos vídeos em circulação, das entrevistas entre os adolescentes e dos dados obtidos das discussões do Focus Group. Estamos projetando uma investigação que, na linha do pensamento de Ferreira (2012) e de Peirce (1878), nos permita orquestrar ritos de pesagens entre tipos de argumentos que partindo de raciocínios indutivos, vão sendo concatenadas, categorizados e confrontadas com teorias cientificamente comprovadas. Isso equivale à construção de inferências dedutivas e, a partir daí, à formação de hipótese por meio de abduções inferenciais. Ou seja, trata-se de um processo de múltiplas afetações de idas e vindas. Na dedução, a inferência está direcionada

aos resultados; na indução, a uma nova regra interpretativa; na abdução, ao caso e assim sucessivamente. Por exemplo:

- a) **indução:** esses adolescentes são agressivos. Resultado: consumir conteúdos violentos em circulação na internet causa agressividade. Regra: todos os adolescentes agressivos consomem conteúdos violentos em circulação na internet;
- b) **dedução:** todos os adolescentes que consomem os conteúdos violentos em circulação na internet são agressivos. Caso: esses adolescentes consomem conteúdos violentos em circulação na internet. Resultado: logo esses adolescentes são agressivos;
- c) **abdução/hipóteses:** regra: se um adolescente consumir conteúdos violentos em circulação na internet torna-se agressivo. Resultado: esses adolescentes são agressivos. Caso: esses adolescentes consomem conteúdos violentos em circulação na internet.

Seguindo o pensamento peirceano, Ferreira (2012), na medida em que considera ser possível e produtivo a diferenciação da indução, abdução e dedução, mobilizando as proposições de regra, caso e resultados, não se observa alguma contradição antagônica entre o pensamento mais maduro de Peirce e suas formulações de 1878. Portanto, para ele não há uma ruptura epistemológica entre os dois momentos. O que existe é um processamento informacional que envolve um esforço mental, gerado pelas pistas lógico/linguísticas e discursivas fornecidas pelos indivíduos e pelo raciocínio, que organiza os argumentos-premissa para gerarem hipóteses -conclusão.

Nessa ótica de raciocínio, podemos dizer que o pensamento inferencial se constitui como um processo triádico, que envolve, ao mesmo tempo, os raciocínios dedutivo, indutivo e abduativo. No primeiro, de premissas geradas na troca comunicativa decorre uma conclusão interpretativa; no segundo, há a sustentação por expectativas probabilísticas, muitas vezes por meio de generalizações; e no terceiro formam-se hipóteses explanatórias para determinado fenômeno – a abdução parece ser, na maioria das vezes, a inferência desencadeadora das demais, já que é a partir dela que são geradas hipóteses para a melhor interpretação possível. Quer dizer, coligir passa a ser o pensar e raciocinar indutiva, dedutiva e abduativamente.

### 1.5.1 Inferências indutivas, criativas, espontâneas e livres

Digno de menção e destaque é o que Kant (1997, p. 151), em seu livro “Lógica”, afirma a respeito das inferências indutivas. Na obra o autor define a indução como um



raciocínio que, partindo do juízo particular, conduz para o universal, segundo o princípio da generalização. Já para Karl Popper (1975, p. 27), no método da indução constroem-se inferências que estabelecem proposições de universalidade restrita, uma vez que “se realiza levando-se em conta a totalidade dos enunciados particulares para enunciados universais”.

A partir disso podemos concluir que a indução se configura como aquele momento da passagem de instâncias particulares para àquelas gerais, de carácter genérico e talvez sem a averiguação científica. Porém, ainda segundo Karl Popper (2007) em “Lógica da Pesquisa Científica”, percebemos a Indução se constituir como o ponto de partida de toda e qualquer investigação científica. Ou seja, a Indução corresponderia ao “senso comum”, “apreendido de maneira reflexiva” e “aguçada”. Sob essa perspectiva ele seria, segundo Braga (2019, p. 28), “a capacidade humana de integração entre as percepções oferecidas pelos cinco sentidos, tão natural quanto estes”.

Ou seja, aqui os sentidos são integrados na percepção humana, que os relaciona na mente. Isso diz respeito aos lugares ocupados pelos próprios indivíduos de modo subjetivo e outros ocupados por todos intersubjetivamente (lugar comum), como âmbitos de validade diversos, no exercício do discurso. E, então o senso comum passaria a ser um saber intuitivo e imediato sobre o que é razoável fazer. É culturalmente adquirido, um acervo de “descrições, de proposições, de modos de agir variável, mais ou menos atestados pelas culturas”. (BRAGA, 2019, p.30). Dessa forma o saber do senso comum surge de ambiente de tensões e choques entre o falso e o verdadeiro, o certo e o errado perante os desafios e problemas concretos da vida social.

Corresponderia àquele ambiente onde os indivíduos em confrontos diretos se constituem e inventam socialmente. Podemos dizer que a partir do senso comum são ofertadas inúmeras possibilidades de colher dados empíricos, observáveis. Esses dados da observação acumulados serão convertidos em hipóteses que, uma vez verificados, podem ser transformados em categorias. Estas podem propiciar a construção de enunciados e de premissas ou leis cientificamente comprovadas posteriormente. Portanto, a indução faz uma demarcação do território, não visando a definição e verificação do que pode ser ciência ou não, mas sim o falseamento. O que caracteriza o procedimento do cientista é uma tomada de decisão, em termos metodológicos, de não proteger do falseamento nenhum enunciado científico. Karl Popper (1933) observa que somente pode ser definida por meio de regras metodológicas não só o campo da filosofia enquanto ciência do pensamento lógico, mas também o da teoria política e das ciências sociais. As inferências indutivas partem de particularidades e buscam generalidades e estão muito presentes no cotidiano dos falantes.

Como método de pesquisa, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 86), configura-se como:

Processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.

O objetivo desse método é, portanto, “chegar a conclusões mais amplas do que o conteúdo estabelecido pelas premissas nas quais está fundamentado”. (MEZZAROBA; MONTEIRO, 2003, p. 63). Assim sendo, não há uma única regra senão várias regras, casos, raciocínios e informações diversas que se podem obter a partir dos contextos, das crenças e hábitos dos sujeitos, sobre os quais se pretende analisar um determinado fenômeno, permitindo desse modo que o conhecimento avance além dos limites do que é diretamente observável.

### **1.5.2 Inferências dedutivas**

Relendo David Hume (1999.), podemos afirmar que essas inferências se inserem nas interfaces “lógico-linguísticas” e obrigatoriamente provêm das premissas que a compõem e analisam a validade ou não de argumentos. Para tanto, Hume (1999, p.146), em seu estudo, dividiu as formas de raciocínio em duas espécies: “uma sobre sentenças que sejam demonstrativamente corretas e outra concernente a sentenças sustentadas por evidências”. A primeira classificação trataria do raciocínio dedutivo e suas inferências e/ou consequências, são as deduções; e a segunda se ocuparia do raciocínio indutivo e suas inferências, são as induções. Assim, ele define a dedução como o tipo de raciocínio próprio da lógica, com motivação na matemática, que permite a conclusão de fatos a partir de uma coleção de premissas, pelo uso de regras dedutivas (regras de inferência). Este é conhecido como procedimento determinístico, pois, se as premissas são apropriadas e as regras são bem usadas, então a conclusão é necessária. Podem existir outras conclusões ainda não obtidas, porém, cada fato novo é consequência incontestável dos dados anteriores.

Assim, a Inferência dedutiva, de acordo com o entendimento dos racionalistas clássicos (René Descartes, Spinoza e Leibniz), para Gil (2008, p. 9) pressupõe que só a razão é capaz de levar ao conhecimento verdadeiro. E então, partindo “de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis, possibilita chegar a conclusões de maneira puramente

formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica”. A título de um bom conjunto de regras de dedução, podemos obter fatos mesmo de um conjunto vazio de informações. Para o efeito, convidamos Rubem Alves (1994, p. 121) para discussão sobre a universalidade das premissas dedutivas, ele diz:

Você está enunciando relações pretensamente válidas para todos os fatos, já ocorridas e por ocorrer. Seu enunciado tem a propriedade de universalidade [...] e necessidade [...]. Você enunciou uma relação causal. Mas o que o autorizou a pular dos enunciados relativos aos fatos passados, para o enunciado relativo a todos os fatos, inclusive os futuros? Como é que você pulou do alguns para o todo? Uma coisa é certa: a conclusão de que o futuro será semelhante ao passado, que a totalidade dos casos será semelhante aos alguns que examinei, não é lógica. Dizer que não é lógica é afirmar que o enunciado sobre todos não estava contido no enunciado sobre alguns. Se eu digo: Todos os homens são mortais. Sócrates é homem. Sócrates é mortal. O raciocínio é lógico. A conclusão estava contida nas duas premissas (as duas afirmações anteriores). A passagem do todos para o alguns é lógica, demonstrativa, analítica. Será possível o caminho inverso?

Concluindo, podemos dizer que o raciocínio dedutivo tem o objetivo de explicar o conteúdo das premissas. E, por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise do geral para o particular, chega a uma conclusão. Usa o silogismo, a construção lógica para, a partir de duas premissas, retirar uma terceira logicamente decorrente das duas primeiras, denominada de conclusão.

### **1.5.3 Inferências abduativas**

Charles S. Peirce (1958) foi quem mostrou a importância da inferência abduativa. Procurando dar corpo existencial, ele define a abdução como sendo o método de raciocínio por meio do qual teorias explicativas inéditas são concebidas. O autor afirma ser a única espécie de argumento capaz de introduzir novas ideias, e sustenta que a sua função metodológica na atividade científica consiste em gerar novas hipóteses e selecionar aquelas que merecem ser examinadas. Em outras palavras, ela é responsável por indicar direções promissoras para as investigações em qualquer domínio do conhecimento. Por esse viés, somos tentados a conjecturar que talvez o termo “abdução”, no sentido enfatizado pelo autor, possa ser mais bem compreendido como um conjunto de procedimentos de valor estratégico ou heurístico, sendo então mais pertinente falar em procedimentos metodológicos abduativos do que em argumentos geradores de novas hipóteses.

Assim, a inferência abduativa será melhor ou mais provável para a explicação de um fenômeno. Por permitir a escolha de uma hipótese que dá coerência para as informações incongruentes ou incorretas que recebemos durante o processo da investigação. A partir dessa

perspectiva, podemos concordar com Costa (2009) ao afirmar que a abdução é um tipo de argumento que caracteriza o discurso científico. Ela oferta ao pesquisador indícios, subsídios que, adicionados ao conhecimento anterior, desencadeiam o processo da elaboração e construção de novas teorias. Posteriormente será necessária uma pesquisa para a validação das teorias ou hipóteses formuladas. Para Braga (2016, p.93), isso implica assumir um trabalho arqueológico de descoberta, para “ultrapassar tanto as interpretações pontuais de aspectos singulares do objeto em observação como aquelas categorizações de paradigma indiciário, e de uma posição teórico-metodológico transversal (GINZBURG, 1989; BRAGA, 2008)”. Portanto, as inferências abduativas ou hipóteses consistem em estudar fatos e desenvolver teorias para explicá-los. O raciocínio abduativo são as hipóteses formuladas antes da confirmação ou não do caso.

## 1.6 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E CULTURAL

Convocando Vygosty (1991) e Marx (2004), para quem o ser humano age e constrói a história em contextos específicos, em termos de materialismo histórico dialético este tópico configura-se como instauração de relações subjetivas e sociais mediadas por artefatos culturais. Ou seja, constitui aquela ambiente que envolve e permite que o indivíduo, como um agente ativo no processo da criação, mantenha com o mundo exterior relações sociais.

### 1.6.1 Memória descritiva do “eu” do pesquisador: Contexto individual

Assumindo-nos como o “eu” do pesquisador neste tópico primeiro, vamos fazer a descrição dos dados socio-históricos da nossa memória bibliográfica. Por memória bibliográfica entendemos o lugar de fala do pesquisador, sobretudo quanto à sua origem, crenças, valores, cultura, história de vida. Dito de outra maneira, usando metáforas diria que o objetivo é levantar aqueles dados que constituem a minha identidade singular enquanto pesquisador.

Assim, como autor bibliográfico, proponho-me, de acordo com as minhas lembranças, procurar ser o mais fiel possível, para relatar fatos que ocorreram em minha vida. Para tanto, segundo informações recebidas dos meus pais, o meu nascimento foi aos 25 de dezembro de 1973 na aldeia de Etunda, Município de Londwimbali, Província do Huambo na República de Angola / África. O meu pai de feliz memória, chama-se Timóteo Soares. Era natural do Município de Bailundo, província de Huambo. Comerciante de profissão, conheceu a minha

mãe, ainda adolescente, Berta Lucinda, natural da aldeia de Mandji no Município de Ukuma, Província do Huambo, numa das viagens para Benguela entre as décadas de 50 e 60. Pouco tempo depois resolveu formalizar uma união estável e constituir uma família vindo a fixar a sua residência na aldeia de Etunda. Na medida que o tempo foi passando, a união estável resultou em 7 filhos, nomeadamente: 1º Severino César, 2º Josefina Tchopetu) 3º Anastácio Cinco-Reis (in memoriam), 4º Vitorina Mopele (in memoriam), 5º B.M.K.S. (pesquisador), 6º Vitória Nhangue e 7º António (in memoriam).

Os ventos de luta pela libertação do poder colonial que sopravam fortemente em todo o continente africano chegaram a devastar todos os países. Com este intuito, iniciava também em Angola, um país composto por 18 Províncias, 164 Municípios e 578 Comunas, a organização e implementação do processo de luta pela libertação, constituição da República, construção da paz e consolidação da democracia. Porém, esse processo não foi tão fácil assim como se pensava na época. Significou para toda a sociedade angolana e sobretudo, para o povo angolano, viver situações de caos e terrores generalizados.

Segundo os meus pais, antes mesmo de eu nascer já os meus pais tinham sofrido na carne as dolorosas marcas do Estado colonial português de Salazar (1961 - 1975). Chegado à idade do uso da razão, tive a desgraça de sentir o que eles me contavam ainda na idade da latência. Em um processo longo e dolorosos, que vai do governo de Partido único marxista-leninista, formado pelos membros do MPLA<sup>4</sup> que, em confronto com a UNITA<sup>5</sup> e a FNLA<sup>6</sup> sustentou a guerra civil generalizada no País (1976 - 1992).

Em decorrência desses confrontos, embora com apenas 3 anos de idade, fui testemunha ocular da transformação da nossa residência em Comitê do MPLA na aldeia de Etunda em 1976. E presenciei a terrível perseguição de toda a minha família, sobretudo do meu pai pelas FALAs<sup>7</sup>, exército militar da UNITA. Para escapar da morte, meu pai teve que procurar abrigo na Província de Benguela em 1976, onde já tinha uma pequena casa que servia para estadia naquela cidade nas viagens comerciais.

Com essa mudança estava forçosamente decretada a separação entre o pai e eu, que com a mãe e os seus outros irmãos, ficamos na aldeia. Durante o tempo em que permanece na aldeia por várias vezes tive que abandonar a casa e fugir para as matas fechadas a fim escapar da morte. O ponto decepcionante é rememorar as imagens-totens (ROSA, 2012) das cenas da destruição total da residência dos meus pais pela UNITA em 1976, aos 3 anos de idade. Nessa

---

<sup>4</sup>Movimento Popular de Libertação de Angola.

<sup>5</sup> União Nacional de Independência Total de Angola.

<sup>6</sup>Frente Nacional de Libertação de Angola.

<sup>7</sup> Forças Armadas para a Libertação de Angola.

destruição perdemos todos os nossos haveres, e fomos obrigados, eu, mãe e mais 5 irmãos a nos refugiarmos na sede do Município em Londwimbali. Entretanto, apesar do meu pai já não estar conosco no Município, a guerra cada vez mais se intensificava e as perseguições à minha família dava continuidade.

Infeliz ou felizmente, nesta altura o irmão mais velho já era militar das FPLA, e então numa das visitas secretas ao pai em Benguela (1978), em conversas com ele, achou por bem levar para aquela cidade os filhos que estavam com a mãe ficando esta com apenas as três filhas. Um mês depois da conversa, estávamos nós, os três irmãos, fugindo na calada da noite. Apesar de ainda não ter atingido o uso da razão, eu me recordo que eram aproximadamente 2 horas de madrugada quando saímos de casa e andamos aproximadamente 8 quilômetros a pé para chegar ao local onde o carro que nos levaria até a cidade do Huambo nos aguardava, por medo de ser queimado. O objetivo era que postos na cidade do Huambo pegariam o comboio que nos levaria até a cidade de Benguela. Para mim os tempos de adaptação ao clima e a nova realidade não foram nada fáceis. Se de um lado felizmente tinha terminado o corre-corre pelas matas adentro e sentia-se protegido da guerra, do outro lado estava a dor da separação da mãe e das irmãs com quem mantinha estreitos laços. Porém, volvidos dois dias de viagem, chegamos finalmente à Benguela e fomos recebidos pelo pai que já estava convivendo com uma outra mulher com quem teve um filho (Firmino Kalei). Dois dias após estar na nova ambiência, o meu pai, em conversa, contou-me que quando ele chegou a Benguela, na condição de membro do MPLA fora enquadrado como funcionário na então África Têxtil exercendo a função de ferreiro. E para autodefesa, garantir a segurança da empresa e da cidade também inserido na extinta ODP<sup>8</sup>.

As longas viagens de patrulhamentos noturnos e diurnos do meu pai, adicionadas à dor e a saudade causados pela separação da mãe e das irmãs, o clima tenso de relacionamento com a madrasta, o processo de adaptação ao novo estilo de vida na cidade teimosamente acinzentava a atmosfera e poluíam o ambiente no qual vivia. A essa situação somava-se a falta de documentos que tornavam árdua, nas não impossível, a minha existência e a do meu irmão mais velho.

Durante a guerra toda a documentação minha e a do meu irmão tinha sido queimada, e então sem qualquer registo que prove a naturalização, o meu pai teve problemas para fazer a nossa matrícula na escola. Como forma de solucionar este impasse, teve que fazer um novo registo que acabou para facilitar o processo, alterando o local de nascimento: da comuna de

---

<sup>8</sup> Ordem da Defesa Pública.

Etunda, município de Londwimbali, província do Huambo passou para a comuna e município de Benguela e província de Benguela, respectivamente.

Com os documentos em mãos, meu pai, após efetuar as matrículas do filho, levou-me a escola para iniciar as aulas das séries iniciais (1ª a 4ª série) de 1978 a 1982 na escola n. 12 – de Liga, Artes e Ofícios, localizada no bairro de Calomanga onde morávamos. Tendo terminado as séries iniciais frequentei de 1983 a 1986 a Escola do II nível 10 de fevereiro, onde conclui o ensino secundário (5ª e 6ª classes). Em 1986 ingressei no seminário menor São Francisco Xavier, que na altura funcionava na Paróquia de São José no bairro da Caponte, Município do Lobito, onde conclui a 7ª Classe, na escola Said Vieiras Dias. No ano seguinte (1988) transferei-me para o Seminário Propedêutico do Bom Pastor em Benguela, para cursar a 8ª classe, no Liceu Nacional Comandante Kasandji.

No mês de agosto de 1990, agora já com os meus 17 anos, revivi novamente os efeitos da guerra civil que generalizadamente assolava o país. Quando pela segunda vez viajei, mas desta vez não para fugir da guerra e sim em busca da formação acadêmica. Com mais 7 amigos da província de Benguela embarcamos pela primeira vez em uma aeronave militar em direção a Luanda, capital de Angola, para daí em comboio rodoviário seguirmos para o Seminário Médio do Missionários do Espírito Santo, na Província de Malanje onde em 1992 concluiria o ensino médio.

A caravana de num total de três viaturas (um das freiras e postulantes, outros dos padres e freis, e o terceiro de seminaristas), que de Luanda seguia viagem em direção a Malanje foi abordada por mais 10 vezes pelos militares da UNITA que, em forma de guerrilhas e emboscadas, esperavam ao longo das vias e atacavam abruptamente sobre os carros dos transeuntes. Em dada altura eu me questionava se ainda chegaríamos vivos, porque eram visíveis tanto os carros queimados, as casas destruídas ao longo da estrada quanto aos discursos, as posturas e ações agressivas, violentas dos militares que nos abordavam durante a viagem. Embora sem uma escolta militar do MPLA, por se tratar de uma caravana religiosa e não só, talvez por não ter sido a hora da morte, o comboio chegou à cidade da província de Malanje onde em 1992 conclui o ensino médio.

Em um tom anacrónico digno de destaque, é ainda o ano de 1991. Eu relembro aquele dia 31 de maio de 1991, quando o Governo da República de Angola e a Unita assinaram os Acordos de Bicesse, ocorridos na Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Estoril, em Portugal entre o MPLA e UNITA. No contexto angolano esses acordos, embora viessem a fracassar poucos meses depois, marcaram a fase decisiva do fim de uma longa guerra civil no país. Pois, embora não tenham trazido a paz definitiva para Angola, os Acordos de Paz

transformaram consideravelmente a vida política angolana, pois com a cessação das hostilidades, foram criadas condições, por pouco tempo, que projetaram o país para a democracia e a livre circulação de pessoas e bens. Os dois grupos beligerantes, intermediados, pelo Governo Português, no ato da assinatura do documento, reconheceram que o povo angolano e o país precisavam de sossego e estabilidade inteira, bem como necessitados da compreensão e apoio da comunidade internacional para atenuar as divergências e lançar as bases de uma convivência pacífica e aberta entre todos os angolanos, visando à construção o seu futuro. O acordo de Bicesse previa um “acordo de cessar-fogo”, da responsabilidade do Governo de Angola e da Unita, atuando no âmbito da CCPM<sup>9</sup>, criada nos termos de princípios fundamentais para a instauração da paz no país. Com o acordo deu-se então início ao desarmamento das FALAs, a integração/unificação, criação do exército único as FAA<sup>10</sup> e o processo de democratização, que conduziu o país para as primeiras eleições multipartidárias e presidenciais, realizadas nos dias 29 e 30 de setembro de 1992.

Nesta altura, eu me encontrava no Seminário Maior do Bom Pastor cursando o primeiro ano de Filosofia, na província de Benguela, e o país respirava ar de paz e circulação com toda a segurança e tranquilidade. Dentro desse contexto o meu pai (Sr. Timóteo Soares), visando reencontrar-se com a família que já não via há décadas, deslocou-se de Benguela para Londwimbali, província do Huambo. Porém, divulgados os resultados finais, ratificados pela então representante em Angola do secretário-geral da ONU<sup>11</sup>, Margareth Anstee, confirmaram que as eleições, realizadas de forma livre e justa e fiscalizadas por observadores internacionais, foram ganhas pelo MPLA. Surpreendentemente tendo sido os resultados contestados pela UNITA, a então representante do secretário-geral da ONU, Margareth Anstee, a comunidade internacional e os angolanos viram novamente o país mergulhado numa nova guerra civil, mais catastrófica comparada a um abalo sísmico e total em Angola. Se antes era um conflito em forma de guerrilhas e emboscadas, tinha como campo de combate o interior e ao longo das vias que ligavam as aldeias, as vilas e as cidades, agora os palcos dos confrontos bélicos eram as avenidas, as ruas, as esquinas das grandes metrópoles e centros urbanos.

E então, em 1993, em meio a bombardeios de caças, helicópteros e metralhadoras dos militares do Governo e disparos das forças armadas da UNITA, no centro e arredores da cidade de Benguela, eu recebi uma carta vinda do Município de Londwimbali, na qual

---

<sup>9</sup>Comissão Conjunta Político-Militar.

<sup>10</sup> Forças Armada de Angola.

<sup>11</sup> Organização das Nações Unidas.



constava a morte do meu pai. E sem a possibilidade de ir para o óbito para me reencontrar com a família, visando a realização dos ritos fúnebres, confinei-me a chorar nas quatro paredes do seminário, rodeado apenas de colegas e a equipe formadora.

Com imenso pesar e consternação recorro aqueles anos em que, estando em oração na capela do Seminário do Bom Pastor em Benguela, a munição de um disparo perfurou o teto e depois passando entre os seminaristas foi bater na cadeira onde estava sentado o então reitor do Seminário de filosofia, o Pe. Benjamim Zanni. Atônitos, seminaristas e equipe formadora, rezamos uma missa de ação de graças com a munição sobre o altar embora os disparos continuassem fortes e sem tréguas. Entretanto, sobrevivemos. Ou seja, apesar dos intensos bombardeios, o processo formativo seguia à diante. Em 1995 concluí a Graduação em Filosofia no então Seminário Maior do Bom Pastor e no ano seguinte (1996), com a criação da secção de Teologia. Com mais 16 colegas o meu nome figurava entre os seminaristas fundadores da secção de Teologia, no Seminário do Bom Pastor em Benguela, cursando o 1º ano do Curso Superior de Teologia, concluído em 1999 em plenos conflitos em Angola.

Na minha visão leiga e sem dados científicos que o comprovem, julgo que esse conflito poder ser considerado como o que mais ceifou e resultou em um número maior de vítimas mortais. Estamos, portanto, usando como média comparativa aos conflitos anteriores, bem como o aumento dos deslocados, dos mortos, dos mutilados de guerra, da fome, da miséria e das destruições das infraestruturas. Entretanto, com o objetivo de mediar novas negociações visando encontrar uma solução africana ao novo conflito angolano, foram feitas diversas tentativas. Houve uma mobilização tanto por parte dos países vizinhos, quanto no seu conjunto, em toda a África e também às Nações Unidas ao enviarem a Angola o maliense Alioune Blondin Beye, em substituição de Margareth Anstee. A partir daí, a capital zambiana, Lusaka, passou a albergar novas negociações entre o Governo e a UNITA que, depois de mais de um ano de debates, em 20 de novembro de 1994, foi rubricado o protocolo de Lusaka. Todavia, apesar do Acordo de Lusaka registavam-se constantemente ataques armados em várias localidades do país.

Dando sequência, às narrações das funestas lembranças do tempo da guerra civil em Angola, digna de menção é a experiência que vivi durante o ataque e do terrível tiroteio entre os militares da UNITA, a Polícia e a defesa civil. Era no mês de abril do ano de 2000, na comuna do Dombe Grande, município da Baía Farta, onde trabalhava desde 1999 ano da minha ordenação diaconal, onde trabalhava como Vigário Paroquial e Professor de Filosofia e Educação Moral e Cívica na Escola do 2º Nível. Na minha visão, foi muito desanimador e desconfortante presenciar o abatimento de pessoas como se fossem animais destinados ao

abate, umas mortas, outras feridas e outras sendo levadas para as bases da UNITA. Foi com sentimento de impotência que tive a desgraça de testemunhar a destruição das casas de paroquianos saqueadas e incendiadas, as viaturas policiais e civis queimadas, motorizadas e bicicletas levadas ou queimadas sem poder fazer absolutamente nada. É o sentimento de indignação total diante da gigantesca monstruosidade que quanto mais ceifava e dissipava vidas e estruturas, mais tinha fome e sede de destruir. Foi ainda durante a guerra (2001) que o Dom Óscar Lino Lopes Fernandes Braga, então Bispo da Diocese de Benguela, me enviou em missão “Ad Gentes” para o arquipélago da República Democrática de São Tomé e Príncipe em 2001, para trabalhar no Seminário Médio (Propedêutico) em substituição do Padre Jacob Kapiñgala, que tinha terminado a sua missão e seguia para a Espanha em formação.

Entretanto, em Angola o caos generalizado continuava e, feliz ou infelizmente no dia 22 de fevereiro de 2002, com muita surpresa, admiração e espanto a partir das terras de São Tomé e Príncipe presenciei os relatos estampados nas páginas de quase todos os jornais do país e os diferentes meios de comunicação social a notícia da morte do Dr. Jonas Malheiro Savimbi, em frente de combate que ocorreu nas mediações de Lucusse, localizada na província do Moxico. Essa morte, segundo os noticiários, teria sido ocasionada por uma longa perseguição efetuada pelas Forças Armadas Angolanas. Sem a interferência de mediação estrangeira, os angolanos entenderam que havia a necessidade da cessação das hostilidades. E, em 4 de abril de 2002, foi assinado o Memorando de Entendimento Complementar ao Protocolo de Lusaka, entre o Governo e a UNITA, que marcou o fim da guerra em Angola.

Para mim duas tarefas tinham terminado e me impeliam para seguir em frente rumo a novos horizontes. Em primeiro lugar estava o país pacificado, e precisava de quadros preparados para a sua reconstrução socio-histórica e cultural. Em segundo lugar, tinha encerrado a minha missão como reitor do Seminário Menor naquele arquipélago. E então julguei ter chegado a hora de redimensionar o foco das minhas forças e tomar novos rumos. Ou retornar para Angola ou prosseguir com a carreira acadêmica. Depois de uma boa reflexão julguei que a segunda opção seria a melhor. Assim, o mês de janeiro de 2005 foi decisivo. Em diálogo com Dom Abílio Câmara Rodas Ribas, então bispo daquela diocese e com a permissão do também então bispo diocesano de Benguela, Dom Óscar Lino Lopes Fernandes Braga, manifestei o desejo de prosseguir com a carreira acadêmica na área de Comunicação Social.

Tendo sido aceita a minha decisão, Dom Abílio solicitou o processo de inscrição no Programa de Pós-Graduação em nível do Mestrado em Ciências da Comunicação Social, oferecido pela Universidade Pontifícia de Santa Cruz em Roma, instituição religiosa

pertencentes aos Padres da Opus Dei. Enquanto esperava pela concessão da bolsa de estudos viajei para Angola onde permaneci durante 3 meses. Em março do mesmo ano, em um telefonema urgente, Dom Abílio pediu que me deslocasse urgentemente para São Tomé e Príncipe, a fim de assinar os requerimentos vindos da Pontifícia Universidade, para poder oficializar o processo da solicitação da bolsa de estudos. Não sei explicar se por providência ou por sorte. A única certeza que tenho é que, estando de volta ao arquipélago chegava, a pedido do então bispo diocesano, nos meados do mês de março do mesmo ano, uma delegação vinda do Brasil à São Tomé e Príncipe. Essa delegação era chefiada por Monsenhor Jonas Abib, fundador da Comunidade Canção Nova, acompanhado pelo Sr. Waligton Jardim (Éto), presidente da Fundação São João Paulo II que mantém o Sistema Canção Nova de Comunicação, Luzia Santiago Jardim, cofundadora da Canção Nova e a missionária Ritinha de Cássia, vindos da sede da Canção Nova, Cachoeira Paulista SP.

Em tom messiânico, foi a partir dessa visita e no espírito e atitude de solidariedade, caridade e zelo missionário entre a Canção Nova e as dioceses de Benguela e São Tomé e Príncipe, que os planos mudaram e os meus caminhos tomaram novos rumos. Posso testemunhar que numa fé equiparada àquela dos profetas, eu via a Europa sendo substituída pela América Latina e Itália e por Brasil. E a cidade de Roma, por São Paulo. Ao pisar o solo brasileiro pela primeira vez, através do Aeroporto Internacional de cidade de Guarulhos, no dia 15 de maio de 2005, uma missionária de nome Leila e o motorista, da Fundação São João Paulo II, aguardavam “o então desconhecido Sacerdote”, que era eu, na condição de estudante vindo da República Democrática de São Tomé e Príncipe no dia 13, tendo feito escala em Lisboa. O destino final era a cidade de Cachoeira Paulista / SP, sede da Canção Nova, cidade aonde residiria e estagiária na Rádio e TV Canção Nova. Na condição de estagiário/estudante, como sacerdote e estudante, exerci as funções de produtor de programas, de locutor/repórter e de sonoplasta, além da colaboração no website da Canção Nova. Para isso, durante 6 meses fiz o curso técnico de produção, locução e sonoplastia no SENAC. No ano seguinte, após o processo seletivo, ingressei na Faculdade Teresa de Ávila, cidade de Lorena / SP para graduar-me em Comunicação Social – Rádio e TV (2006 – 2009). Pensando no nível baixo de escolaridade e o abandono escolar das crianças angolanas, enquanto estudante e pesquisador pensei unir o útil ao agradável. Durante o curso em Comunicação Social, aproveitei os sábados para fazer a especialização no curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia e Psicomotricidade do diagnóstico à intervenção, oferecido pela UNISAL<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Universidade Salesiana - Campus de Lorena /SP (2007-2009).

Em dezembro 2009, com o diploma em mãos, retornei para Benguela com um objetivo: apresentar-me ao meu bispo e pedir autorização para prosseguir com os estudos em nível de Mestrado. Tendo recebido a permissão e as bênçãos do meu bispo diocesano, estava eu de volta ao Brasil justamente no dia 31 de janeiro de 2010. Desta vez o destino era o extremo sul no Estado de Santa Catarina. Com uma pausa de 30 dias na casa de um casal amigo (Sr. Genésio e Dona. Guiomar), no bairro da Bela Vista II em São José, em Florianópolis dirigi-me para à Cidade de Tubarão, aonde, aos 4 dias do mês de abril do mesmo ano, depois do processo seletivo, inicia as aulas de Mestrado em Ciência da Educação na UNISUL<sup>13</sup>. Durante o processo da organização do tema da minha dissertação, definição dos objetivos, recolha do referencial teórico e busca de instrumentos para coleta de dados, viajei para Angola. E eis que, em meio a conversas e debates com pais e professores do Colégio Nossa Senhora da Conceição, localizada em na cidade de Benguela, observei e percebi certa unanimidade nos diversos comentários, em seus discursos, no diz respeito à exposição excessiva dos dispositivos midiáticos ao consumo de vídeos na internet.

Como se não bastasse a esta constatação, também constatei, nas conversas aquém do ambiente acadêmico e no âmbito do senso comum, relatos acerca da problemática em torno do conceito de adolescência associado a circulação crescente da agressividade, roubos e crimes diversificados. Todavia, como na altura o foco da pesquisa prendia-se às questões relacionadas ao campo da pedagogia, julguei pertinente o assunto mais não prioritário. Retornei ao Brasil para concluir o mestrado em 2012 e em seguida viajei para Angola. Posto em Benguela senti-me desafiado pelos “fluxos adiante” de ações de violência e agressividades, antes relatadas pelos pais e professores, sobretudo com a implementação da política de instalação a todo o território nacional da internet e da comunicação em rede. A adoção dessas políticas, a meu ver, parece constituir e imprimir marcas indelévels, cujos impactos quer individuais, familiares ou sociais parecem ofertar ao país uma ambiência com características típicas das sociedades em midiatização.

Perante tal situação e em processo tentativo de recolher dados empíricos que pudessem dar respaldo e respostas epistemológicas a problemática, encontrei certas dificuldades, visto não ter conseguido visualizar abordagens que desenvolvessem esses temas sob o viés da midiatização e dos processos sociais em Angola, salvo dados colhidos do UNPF<sup>14</sup> (2016). Segundo esta instituição, as crianças, adolescentes e jovens em Angola são a maioria e a

---

<sup>13</sup>Universidade do Sul de Santa Catarina.

<sup>14</sup>Fundo Nacional da População das Nações Unidas.

camada que mais cresce proporcionalmente na África. Outro subsídio vem do Fórum da XIII da CMJPLOP<sup>15</sup> (2014).

Este Fórum reconhece o crescente aumento de comportamentos agressivos entre adolescentes. Para Hugo Silva (2014), terminado o conflito armado angolano, e com o surgimento da inovação midiática global da convergência e comunicação em rede com a instalação da TVCABO (2014), e a distribuição da internet de banda larga que disponibiliza serviços interativos, a população infanto-juvenil passou a ter acesso aos conteúdos disponibilizados pelos meios de comunicação de massa por meio dos dispositivos midiáticos. É a partir da visão de Hugo Silva que eu pretendo posicionar o meu lugar de fala, enquanto pesquisador, amparado pelas angulações da midiatização e dos processos sociais.

Como pesquisador, o meu objetivo é provocar uma discussão que aponte pistas epistemológicas acerca dos desdobramentos dos fenômenos observados dentro do contexto socio-histórico e cultural dos adolescentes. Assim, os desdobramentos desses fenômenos levam-me a convocar Vygotsky (1998, p. 31), para quem “no processo do seu desenvolvimento, a criança não somente domina os conteúdos da experiência cultural, senão também os hábitos e as formas do comportamento cultural, os métodos culturais de raciocínio”.

Por este viés, como pesquisador somos forçados a enfrentar a problemática de alta complexidade, que talvez as perguntas e as consultas empíricas que envolvam os indivíduos na pesquisa seja uma das possíveis saídas epistemológicas.

### **1.6.2 Mapeamento topográfico socio-histórico e político da República de Angola**

Este tópico apresenta-se como um esforço descritivo dos antecedentes socio-históricos do conflito civil em Angola, no período que vai do conflito contra o poder colonial à independência, no qual se constatou um aumento significativo nas eclosões de guerra civil. Para definição de guerra civil aproximamo-nos de Gates (2002, p. 4), que a compreende como “um conflito armado entre dois atores domésticos sobre uma ‘incompatibilidade contestada’ [discordância sem perspectiva de solução pacífica], resultando em um número de mortes que ultrapasse certa quantidade”. Assim, considerando o contexto angolano que enfrentou uma guerra civil que durou quase quatro décadas. A partir de Bourdieu (1989; 1992; 2004) tomamos o conceito de campo enquanto “poder simbólico” e de “relações objetivas”, lugar

---

<sup>15</sup> Conferência dos Ministros da Justiça dos países de língua oficial portuguesa.

onde os diferentes “eus” (sujeitos) exercem o poder de forças e território de lutas pelo reconhecimento.

Sob o ponto de vista da mediação e dos processos sociais, sob a perspectiva de Braga (2011) compreendemos a República de Angola como o território dos “fluxos” e “contra fluxos”, onde os atores sociais buscam as determinações essenciais inerentes ao ser dos entes (HEIDEGGER, 1995). Trata-se, portanto, de fazer um mapeamento situacional do campo, objetivando a compreensão do discurso, da ocupação, da disposição, do conhecimento, da linguagem, do afeto e do desejo do sujeito. Em termos de fenômenos, isso empreende uma análise que esteja acima de todo o posicionamento de comunicação, da psicologia, da antropologia e da biologia, mas uma estrutura existencial do sujeito.

Segundo Heidegger (1995, p. 87), em termos metodológicos esse processo corresponderia a implementação de uma pesquisa que se abre a priori, mas sem que isso signifique uma “construção apriorística”, desvinculada de toda “empíria”. Porém, que por meio de uma toca “fixação dos setores dos objetos”, busca entender como o sujeito percebe no mundo, recebe o mundo e como se insere neste mundo. Ou seja, em linguagem filosófica, queremos desvencilhar, tentativamente, um labirinto que nos ajude em uma visão triádica (o “ser”, o “mundo” e o “em”), estudar as interações sociais e o novo modo de ser dos atores sociais no mundo (FAXINA; GOMES, 2016).

Sob esta perspectiva, de modo ensaístico e parafraseando Capoco (2013) podemos afirmar que os atores sociais angolanos constituem-se como sujeitos/cidadãos atravessados pelo nacionalismo europeu, provocados pela Revolução Francesa (1789-1799) e pelo tradicionalismo ou historicismo que inspirou a tomada de consciência das particularidades nacionais. Tais atravessamentos se asseveraram na segunda metade século XIX, quando os países europeus apostavam politicamente na expansão das colônias e, instigados pela competição econômica, procuravam afirmar-se como potências comerciais, sobretudo no continente africano. Esta corrida comercial para África obrigou Portugal, após a independência do Brasil em 1822, a enviar várias expedições para Angola a partir da década de 40, visando a manutenção das possessões ultramarinas e a integração do país no sector da economia capitalista mundial. Esse clima de disputas interacionais pelo território angolano levou as potências locais a uma competição permanente entre os Estados mais poderosos tais como Inglaterra, França e Alemanha em detrimento dos pequenos como, por exemplo, Bélgica e Portugal até chegar aos debates na Conferência de Berlim de 1885 que fixou traçados fronteiriços artificiais de interesses coloniais e nacionalistas dos Estados ocupantes, sem a mínima consideração dos povos africanos. Essa fixação de traços fronteiriços artificiais

foi a mola impulsadora da criação das correntes africanistas dos quais podemos destacar Kwame Nkrumah (1961, p. 125-126), para quem a filosofia africana apresenta movimentos triádicos de libertação: “o Nacionalismo, o Pan-africanismo e o Socialismo” e o senegalês Leopold Senghor (1974, p. 69) que entende a Negritude como “conjunto de valores da civilização do mundo negro, ou seja, certa presença ativa no mundo: no universo”.

Relendo o pensamento desses autores, Hollis Linch (1968) citado por Eduardo dos Santos (1975, p. 128) entende que a Negritude é um fato: uma cultura. É o conjunto de valores econômicos e políticos, intelectuais e morais, artísticos e sociais não só dos povos da África Negra, mas ainda das minorias negras da América, mesmo da Ásia e da Oceania. Ou seja, é com base nessas idéias socio-históricas, políticas e culturais, quer do Ocidente europeu, quer do sentimento afro-americano que se insurge nacionalismo e luta anti-colonial, a partir dos anos de 1940 e 1950 do séc. XX nos países africanos.

No contexto da guerra civil em Angola, cremos que o objetivo de cada um desses atores em litígio tenha como base o controle do território, das pessoas e da economia existente nesse território, provocando muitas mortes, como resultado do confronto. Se para alguns autores a escassez de recursos pode facilitar a eclosão da guerra civil (HOMER-DIXON 1999), outros pesquisadores apontam a abundância deles como a sua causa primordial (COLLIER; HOEFFLER, 2002; LE BILLON, 2001). Para estes, a existência de tais recursos serviria para financiar rebeliões e enriquecer seus líderes. Em qualquer das formas, a guerra civil pode ocorrer quando um ou mais grupos rebeldes e o governo entram em disputa pelo controle do território onde há interesses e recursos naturais, tais como minas de diamantes, ouro, petróleo, ópio e cocaína. Essa disputa pode tornar-se mais fácil quando há, no país ou área em questão, recursos naturais concentrados (como petróleo, por exemplo), do que quando esses recursos estão dispersos pelo território, como drogas ilegais, madeira e diamantes. A título de informação, Buhaug e Gates (2002, p. 420) afirmam que a guerra civil em Serra Leoa, Angola, Libéria e na República Democrática do Congo tiveram como financiamentos a extração de diamantes. Por outro lado, a extração de madeira bancou vários conflitos em Burma, Camboja, Libéria e Filipinas, enquanto as drogas ilícitas custearam conflitos no Afeganistão, Cáucaso, Colômbia, Curdistão e Tajiquistão. Sob tais angulações, podemos concluir que os interesses financeiros e econômicos estão por detrás dos conflitos armados.

No caso de Angola, os ventos dos conflitos armados datam dos finais da década de 1940. Nessa época, muitos filhos de burguesia e de alguns “assimilados<sup>16</sup>” começaram a

---

<sup>16</sup> Amílcar Cabral (1980), enfatizando a dimensão cultural nas relações coloniais, define assimilados como formada pela pequena burguesia nativa, constituída por um segmento da população que vivia alienada na

perfilar ideias renovadoras e críticas ao status quo da sociedade angolana. Segundo Gonçalves (2004), o protonacionalismo angolano, as primeiras reivindicações nacionalistas surgem em finais da década de 1950, sobretudo com o argumento de que a metrópole dava pouca importância ao desenvolvimento das colónias. Estes argumentos tiveram uma rápida evolução, desencadeando uma reivindicação total pela autodeterminação e independência que provocaram a eclosão da Guerra Colonial em 1961.

Por essa altura, visando melhorar a aparência colonialista e o relacionamento com os africanos, Portugal tentou eliminar definitivamente todos os estatutos discriminatórios. Todavia, determinadamente, os nacionalistas africanos e a teimosia do Estado Angolano eclodiram mais fortes acabando por desembocar numa luta armada que se prolongou por treze anos.

Segundo Pélissier (1986, p. 19), a independência de Angola é “o resultado de uma longa série de guerras”. Já para Conceição Neto (2000), antes da década de 1960, os africanos exilados das várias colónias portuguesas, tanto na Europa quanto em outros países na África, começaram a preparar-se para a luta armada para o caso de Portugal se recusar a conceder-lhes a independência. A autora refere que muitos deles iniciaram a sua atividade política em Portugal, nomeadamente na Casa dos Estudantes do Império e do Clube Marítimo Africano. Também procuraram contatos com outras organizações clandestinas como o Partido Comunista Português, mesmo sob elevada repressão policial por parte da PIDE<sup>17</sup>. Nesse processo foi central o papel dos vários intelectuais africanos, a maior parte deles ausentes das colónias, que se constituiriam mensageiros de alternativas de espírito revolucionário<sup>18</sup>. Portanto, as décadas de 1950 e 1960 foram determinantes para a organização dos movimentos nacionalistas que reclamaram a libertação das colónias<sup>19</sup>.

---

sociedade colonial. Os desdobramentos do processo de assimilação surgem como objetivo a perpetuação do domínio colonial na exploração. Ou seja, o colonizador não só criava um perfeito sistema de repressão da vida cultural do povo colonizado, como ainda provocava e desenvolvia a alienação cultural de parte da população, quer por meio da pretensa assimilação dos indígenas, quer pela criação de um abismo social entre as elites autóctones e as massas populares. Como resultado desse processo de divisão ou de aprofundamento das divisões no seio da sociedade, sucede que parte considerável da população, especialmente a ‘pequena burguesia’ urbana ou campesina, assimile a mentalidade do colonizador e consideração como culturalmente superior ao povo a que pertence e cujos valores culturais ignora ou despreza.

<sup>17</sup> Nome da polícia política da ditadura salazarista criada em 1945 com o nome de Polícia Internacional de Defesa do Estado, tendo mudado mais tarde a sua denominação para Polícia de Vigilância e Defesa do Estado. Uma excelente descrição da intervenção da PIDE durante este período pode ser encontrada em Mateus (2004).

<sup>18</sup> Este é o caso, dentre outros, de Mário Pinto de Andrade (1928-1990) ou Agostinho Neto (1922-1979) em Angola, Amílcar Cabral (1924-1973) em Cabo Verde, ou Samora Machel (1933-1986) em Moçambique.

<sup>19</sup> Dentre os vários movimentos de libertação nas outras colónias destacam-se na Guiné-Bissau o PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (1959), liderado por Amílcar Cabral e em Moçambique a FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique (1962), liderada por Eduardo Mondlane e posteriormente por Samora Machel.



Assim, dois dos grandes arautos do pensamento anticolonial africano, ainda que imbuídos de projetos independentistas bastante diferentes, participaram pessoalmente da fase de gestação da luta anticolonial angolana na virada da década de 1950 à de 1960: Kwame Nkrumah e Frantz Fanon. O primeiro, Presidente de Gana, auxiliou na fuga de estudantes provenientes de Angola e Moçambique que estavam estudando em Portugal quando a guerra em Angola foi deflagrada no início de 1961 e sabia-se que a reação da PIDE não tardaria (BITTENCOURT, 1997); o segundo, quando da ocasião da II Conferência dos Povos Africanos de 1960, em Túnis (Tunísia), encontrou-se com os expoentes políticos tanto do MPLA quanto do UPA5 e, a partir de sua experiência da guerra de libertação nacional argelina, foi um importante incentivador da nacionalização da luta armada em Angola e da interiorização desta luta (BITTENCOURT, 1997, p. 9).

É dentro desse contexto que inserimos o surgimento e a organização de grupos de indivíduos oriundos de diferentes grupos étnicos que formaram: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)<sup>20</sup>; a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA)<sup>21</sup>; e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA)<sup>22</sup>; por fim destacamos um quarto movimento, menor, denominado Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC)<sup>23</sup>, que objetivava a independência de Cabinda, um enclave rico em petróleo e separado do resto do território (HODGES, 2003). A propósito da origem social desses movimentos, o escritor angolano José Eduardo Agualusa (apud TIBURCIO, 2009) refere que a FNLA é o partido mais marcadamente étnico, representando desde a sua origem a aristocracia rural do velho Reino do Congo; o MPLA surgiu em Luanda no seio de uma sociedade crioula euro-africana integrado, inicialmente, apenas por brancos e mestiços, embora rapidamente se tenha alargado também ao campo, afirmando-se como força nacional;

---

<sup>20</sup> Partido político Angolano, fundado por Dr. António Agostinho Neto e Viriato Clemente da Cruz, em 10 de dezembro de 1956 em Luanda e governa o país desde sua independência de Portugal em 1975. Inicialmente, foi um movimento de luta pela independência de Angola, transformando-se num partido político após a Guerra de Independência de 1961-1974.

<sup>21</sup> Movimento político fundado por Holden Roberto em 1954, com o nome de União das Populações do Norte de Angola, assumindo em 1958 o nome de União das Populações de Angola. Em 1961 a UPA e um outro grupo anti-colonial, o Partido Democrático de Angola, constituíram conjuntamente a FNLA.

<sup>22</sup> Partido angolano, também conhecido por acrônimo “Galo Negro”, fundado pelo Dr Jonas Malheiro Sidónio Savimbi em 1966, por dissidentes da FNLA e do GRAE (Governo de Resistência de Angola no Exílio). A UNITA é o segundo maior partido de Angola, sendo também o maior partido de oposição do país.

<sup>23</sup> Movimento político de guerrilha separatista que luta pela independência de Cabinda, uma das terras na região ocupada pelos antigos reinos de Kakongo, Loango e N'Goyo. Em 1 de fevereiro de 1885 foi assinado o Tratado de Simulambuco, estabelecendo Cabinda como um protetorado português. Em 1963, três organizações — o Movimento para a Libertação do Enclave de Cabinda (MLEC), o Comité de Ação da União Nacional de Cabinda (CAUNC) e a Aliança Nacional Mayombe (ALLIAMA) — fundiram-se para formar a FLEC, tendo como líder Luz Ranque Franque que se recusou de participar de outros movimentos independentistas angolanos. Porém, aquando da independência de Angola de Portugal, em 1975, o território tomou-se uma província da então recém-independente Angola.

a UNITA foi fundada por homens de diferentes etnias angolanas, todos eles de origem camponesa e quase todos educados em Missões protestantes<sup>24</sup> (AGUALUSA, 2004 apud TIBURCIO, 2009).

Portanto, assim como vários países africanos compreenderam e tomaram a necessária decisão de buscar a independência via resistência ao poder colonizador, alguns intelectuais angolanos, igualmente, ao tomarem consciência dos prejuízos econômicos, políticos, sociais e culturais durante o período colonial, organizam-se em grupos. Todavia, com a sombra do regime salazarista, essas efervescências políticas e sociais apenas poderiam resultar na clandestinidade, pois a repressão policial da PIDE impedia qualquer tipo de organização ou reivindicação popular. A isso se somava a experiência organizativa e política desses grupos que, para Conceição Neto (2000), facilitou a infiltração e o desmantelamento dessas redes clandestinas pela política presente em Angola a partir de 1957, levando a uma sucessão de detenções políticas. Não obstante, os clamores dos líderes políticos angolanos e as pulsões pela libertação nacional do povo angolano cada vez tornava inevitável para Portugal, cujos desdobramentos dão lugar à luta pela libertação nacional.

#### 1.6.2.1 Início da luta armada pela libertação nacional de Angola (1961-1974)

A gênese do conflito armado colonial em Angola data de 1961<sup>25</sup>. No mês de janeiro de 1961, ocorre uma revolta camponesa na Província de Malange. Para conter esta revolta, o exército militar colonial é convocado a intervir violenta e desproporcionalmente contra os camponeses revoltosos, durante um mês, provocando centenas de mortes do lado dos angolanos contra duas do lado dos portugueses. O dia 4 de fevereiro de 1961 constitui o marco inicial da luta armada pela independência de Angola. Nesse dia aconteceu na cidade de Luanda, a revolta popular contra as prisões onde estavam os presos políticos. Na tentativa de reprimir tal revolta, a PIDE<sup>26</sup> desencadeou uma série de buscas que provocou a morte de inúmeras pessoas revoltosas e de sete policiais. Como se não bastasse essa situação, a partir de meados de março do mesmo ano, outra revolta se instalou, desta vez no noroeste do País

---

<sup>24</sup> Agostinho Neto foi também formado em missões protestantes até sua ida para a Universidade em Portugal.

<sup>25</sup> Notar que “Guerra Colonial” é a designação frequentemente usada em Portugal para designar o conflito travado com as então colônias, enquanto nos países africanos a designação mais frequente é a “Luta pela Libertação Nacional”.

<sup>26</sup> A Polícia Internacional e de Defesa do Estado foi a polícia política portuguesa, fundada pelo Governo Português por meio do Decreto-Lei n.º 35 046 de 22 de outubro de 1945, extinto em 1969. Ela era responsável pela repressão de todas as formas de oposição ao regime político vigente. Para além das funções de polícia política, a sua atividade abrangia igualmente o serviço de estrangeiros e de fronteiras.

alastrando-se por vários meses e deixa centenas de mortos, tanto entre os insurrectos como entre os colonos (CONCEIÇÃO NETO, 2000).

Os desdobramentos desses acontecimentos constituiriam a gota d'água que obrigaria Salazar<sup>27</sup> a decretar uma rápida, forte e autêntica campanha publicitária de alto grau, que pesou emocional e psicologicamente sobre o exército e todos os cidadãos portugueses. Temendo a perda do império, essa campanha foi determinante para o início da Guerra Colonial<sup>28</sup> em Angola, Guiné Bissau e Moçambique. Portugal vendo-se na iminência da perda do império, num esforço humano e economicamente absurdo, organiza-se estrategicamente para travar uma guerra em três países do vasto continente africano (Angola, Moçambique e Guiné). Segundo Conceição Neto (2000), os resultados dessa organização estratégica e belicista foram arrasadores para todos os lados do conflito, como demonstram os números: com uma população de cerca de 10 milhões de habitantes, Portugal mobilizou quase um milhão de soldados; milhares morreram (números variam entre 9.000 e 14.000) e mais de 100.000 ficaram feridos; do lado africano os números chegam a apontar 300.000 mortes no conjunto dos três países. No caso de Angola, o desenrolar do conflito além das mortes, constatou-se durante esse período a fuga em massa de refugiados para os países vizinhos, particularmente para o Congo, provocando enormes convulsões sociais.

A ambiência bélica deixou um quadro desolador de destruição, para além de inúmeros ódios e ressentimentos acumulados, tanto de africanos como de portugueses, nos olhos e nas palavras de alguns intervenientes diretos ou indiretos no conflito, a ponto de respingarem e serem perceptíveis naquelas sociedades. Uma das provas é que a “guerra de guerrilha”, levada a cabo pelos movimentos nacionalistas, dificultou qualquer solução diplomática ou política para o problema. Além disso, somou-se a insistência do regime salazarista em manter “Portugal uno do Minho a Timor”, não aceitando qualquer tipo de descolonização. Para agravar a situação, os três movimentos nacionalistas angolanos nunca se uniram, preferindo manter suas discrepâncias ideológicas e étnicas que abriram caminho para a guerra civil após a independência, como veremos mais adiante.

---

<sup>27</sup> António de Oliveira Salazar foi um estadista nacionalista português que, além de chefiar diversos ministérios, foi presidente do Conselho de Ministros do governo ditatorial do Estado Novo e professor catedrático de Economia Política, Ciência das Finanças e Economia Social da Universidade de Coimbra. Nasceu no 28 de abril de 1889 em Portugal e faleceu no dia 27 de julho de 1970, Lisboa. Trata-se de uma figura de destaque e promotor do Estado Novo (1933–1974) e da sua organização política, a União Nacional. Salazar dirigiu os destinos de Portugal como presidente do Ministério de forma ditatorial entre 1932 e 1933 e, como Presidente do Conselho de Ministros entre 1933 e 1968, quando foi substituído por Marcello Caetano sob as ordens do então presidente da república, Américo Tomás.

<sup>28</sup> Notar que “Guerra Colonial” é a designação frequentemente usada em Portugal para designar o conflito travado com as então colônias enquanto nos países africanos a designação mais frequente é “Luta pela Libertação Nacional”.

Arrastado anos a fio sem fim à vista, estava claro que a solução para o conflito tinha de ser política e não militar, como várias vezes advogaram altas patentes militares do exército português, os que realmente conheciam a situação no terreno. À desmoralização do exército, acusado pelos fracos resultados militares, somavam-se os protestos da sociedade portuguesa contra a política imperialista e colonial, que através do lema “Nem mais um soldado para as colônias!” exigiam o fim do conflito. Então a solução só podia ser uma: a derrubada do regime salazarista e a implantação da democracia em Portugal, com a conseqüente descolonização e reconhecimento da independência dos povos africanos. Isso significa que, para além da luta africana debaixo de fogo intenso, essa guerra colonial teve também frentes internas e externas em Portugal que contribuíram decisivamente para o processo de libertação das colônias.

No primeiro caso, através dos movimentos de esquerda na clandestinidade estavam contra a ditadura infligida pelo sistema de Salazar. Para Conceição Neto (2000), no segundo caso, a comunidade internacional, sobretudo as Nações Unidas, se opunha ao regime fascista, colonialista e imperialista que teimava em manter-se, pobre, atrasado e orgulhosamente só em Portugal, ignorando os ventos de mudança que desde os anos 1960 cruzavam o globo. Porém, apesar dos conflitos que se impunham de todos os lados, a esperança de um Portugal e suas colônias livres do sistema Salazarista finalmente chegou a Portugal, em decorrência da Revolução dos Cravos.

#### 1.6.1.2. A Revolução dos Cravos e os encadeamentos dos processos da independência nacional (1974-1975)

Falar em Revolução dos Cravos é trazer para o debate os acontecimentos da manhã do dia 25 de abril de 1974. Neste dia o Movimento das Forças Armadas<sup>29</sup> submete e oferta à cidade de Lisboa uma manhã verde de um lado e vermelha do outro. Num clima cinzento, as pessoas acordam e ecoa pelas ruas a melodia de um golpe de estado militar executado pelo Movimento das Forças (MFA). Este golpe viria a derrubar o regime da mais longa ditadura da Europa Ocidental, ou seja, salazarista e, na sequência, estava por sua vez se despedindo o último império colonial da Europa. Esse golpe, conhecido como Revolução dos Cravos, abriu caminho para a independência das colônias.

---

<sup>29</sup> Na sua maioria formado por capitães, o movimento foi responsável pela planificação e execução do golpe de estado, que depôs o Estado Novo bem como pela elaboração do programa político da revolução. Este foi instituído como Lei Fundamental até à promulgação da nova Constituição da República Portuguesa em 1976.

Para Secco (2004), a revolução portuguesa foi nacional, mas na sua conjuntura e na sua origem imediata ela foi marcadamente africana e atlântica. De acordo com o autor, devemos concordar que foi na África que a Revolução começou, uma vez que em termos ideológicos, as ideias revolucionárias que circulavam pela metrópole e pelas colônias eram na essência as mesmas, ainda que interpretadas de maneira diferente. Ademais, os contatos entre os movimentos africanos de esquerda e com os portugueses eram evidentes.

Portanto, foi a guerra na África e a resistência dos movimentos africanos que aceleraram o golpe de Estado em Portugal. Aliás, mesmo antes do golpe de Estado, vários setores da sociedade portuguesa já advogavam a necessidade de conceder a independência às colônias, como foi o caso dos militares. Em fevereiro de 1974, o general António de Spínola publicou o livro “Portugal e o Futuro que abala Marcelo Caetano” e faz tremer o regime. No seu livro, Spínola admite que a colonização estava num beco sem saída e defende que a solução teria de ser política e não militar. A sua proposta, muito discutível e por vezes pouco clara, passava por uma solução de caráter federativo, que reconhecesse o direito dos povos à autodeterminação por meio de consulta popular e eleição democrática dos seus representantes com vista ao estabelecimento de uma “Comunidade Lusíada” (SPÍNOLA, 1974).

Com base na sua experiência africana, o militar afirmava-se convencido de que essa seria a opção da maioria dos povos africanos, e que seria absolutamente confirmada pelos resultados de um referendo livre e democrático em Portugal e nas colônias, que ele exigia. Em Março, o Movimento das Forças Armadas (MFA) lança o seu primeiro documento político intitulado “O Movimento, as Forças Armadas e a Nação”. No documento, o Movimento reconhecia como única alternativa para resolver o problema não pela força das armas; e então, afirmava que “a solução política do problema ultramarino deve ter em conta a realidade incontroversa e irreversível da funda aspiração dos países africanos a se governarem a si próprios”. (MFA, 1974). Em sequência, o movimento revolucionário, em vista à democratização, descolonização e desenvolvimento, foi ganhando impulsos irrefutáveis e conquistando mais adeptos a ponto de obrigar o sistema salazarista a legislar e a aprovar o Direito das Colônias à Independência (Lei 7/74 de 27 de julho).

Apesar disso, fazer memória e descrever o processo de descolonização, a nosso ver, significa trilhar sendas absolutamente controversas e de difícil precisão, devido aos interesses econômicos e financeiros de alguns dos seus intervenientes. Ou seja, a disputa pelos interesses econômicos pode dificultar a elaboração de uma análise fria e menos emocional da história da independência dos países africanos do poder colonial. Autores como Correia (1994), Santos Almeida (2006) afirmam não existir unanimidade. Pois em suas análises, as opiniões tanto

africanas como portuguesas se dividem sobre a forma e tempo em que tal processo decorreu, particularmente ao nível das transferências de poder. Se por um lado alguns consideram que o processo foi extremamente rápido<sup>30</sup>, outros consideram que está claro que Portugal não soube preparar a transição a seu devido tempo, como o fizeram outras potências colonizadoras europeias.

Esse processo pode justificar, em parte, as causas do porquê os três países recaíram na guerra civil<sup>31</sup>, para além das divergências e disputas políticas entre os movimentos nacionalistas, agravadas pelas diferenças étnicas e pelo apoio internacional dos dois blocos antagônicos da Guerra Fria.

No caso particular de Angola, o processo de independência e transferência de poder teve o seu início em janeiro de 1975, quando os três movimentos nacionalistas angolanos (MPLA, FNLA e UNITA) se reúnem com o governo português, na vila algarvia de Alvor, para definir a forma e o calendário dessa transição e o necessário cessar-fogo. De acordo com Gonçalves (2004), no Acordo de Alvor havia-se definido que a “independência e soberania plena de Angola apenas serão solenemente proclamadas em 11 de novembro de 1975”, e que até lá “o poder passa a ser exercido por um Governo de Transição [...] constituído por representantes dos três movimentos”. (ACORDO DE ALVOR, 1975). Nessa altura, esses movimentos já estavam em Guerra entre si devido aos interesses já salientados (financeiros e econômicos). Para fazer frente, sobretudo à UNITA, o MPLA recorre à ajuda dos cubanos e consegue controlar parte significativa do país e, tendo ocupando a posição estratégica, proclama na cidade de Luanda, através do seu líder máximo, Dr. António Agostinho Neto, a independência da então República Popular de Angola, no dia 11 de novembro de 1975.

#### 1.6.2.3. O grito da declaração da independência de Angola do Poder colonial português e o sangrento conflito armado

O Grito de guerra da Independência da República de Angola foi: “Em nome do Povo angolano, o Comité Central do MPLA proclama solenemente perante a África e o Mundo a independência de Angola”, foi proclamado pelo então primeiro presidente, Dr. António Agostinho Neto, no dia 11 de novembro de 1975, na praça 4 de Fevereiro em Luanda. No citado discurso, embora estivessem conclamadas a Independência total e a configuração de

---

<sup>30</sup> A Guiné-Bissau decretou a independência unilateral em setembro de 1973 e teve o reconhecimento oficial em 10 de setembro de 1974; no ano seguinte seguiram-se São Tomé e Príncipe, em 12 de junho, Moçambique em 25 de junho, Cabo Verde em 5 de julho e por fim Angola em 25 de novembro.

<sup>31</sup> Angola (1975-2002), Moçambique (1976-1992) e Guiné-Bissau (1988-1989).

um país soberano, não havia senão miragens. Logo após a assinatura do acordo, o Governo de transição entra imediatamente em colapso. Os movimentos nacionalistas envolvem-se em novos confrontos na luta pelo poder, uma vez que o Governo de Transição não foi capaz instaurar um clima de entendimento e reconciliação entre os três movimentos e trabalhar em conjunto até a data marcada para a declaração de independência.

Ainda, segundo Gonçalves (2001), a vontade de hegemonia de cada um dos movimentos e a intolerância que isso implicava criou um terrível clima antidemocrático, abrindo o caminho para a guerra civil. Esta, por sua vez, exacerbadamente teve intervenções externas, particularmente pelas alianças internacionais estabelecidas entre os movimentos de libertação e os dois polos da Guerra Fria. Assim, de um lado estavam os Estados Unidos da América (EUA) apoiando a UNITA e a FNLA, e do outro a União Soviética e Cuba, subsidiando o MPLA. A par dessas intervenções externas, soma-se a invasão sul-africana, pelo Sul, e do exército do Zaire, pelo Norte do país, com efeitos devastadores em todos os campos e práticas em Angola.

Portanto, fazendo uma análise de conjuntura geopolítica internacional, diremos que o silêncio que pairava no solo angolano e a tão sonhada paz, à exceção de poucos meses entre 1974-1975 e dois breves interregnos de paz relativa (1991-92 e 1994-98), as disputas de interesses geopolíticos e socioeconômicos internacionais mergulhariam o país em uma tragédia belicista que durou aproximadamente três décadas. Nesse contexto, aproximamo-nos de Pacheco (2005), para quem fazer memória do conflito civil em Angola não pode acontecer a partir de uma visão de guerra, senão numa dimensão pluridimensional, cujo desfecho final ocorreria por meio da assinatura de um memorando que decretou o cessar-fogo bilateral de 2002 entre os dois exércitos.

Portanto, esta pesquisa pretende construir um desenho arquitetônico que nos permita direcionar as nossas análises epistemológicas para os processos sucessivos, e as constantes mutações cujos desdobramentos partem do conflito colonial passando pela guerra civil e desemboca nas disputas das esferas da produção, circulação e consumo dos bens da indústria cultural midiática. Para o efeito, consideraremos os objetivos e os protagonistas intervenientes no conflito, as alianças internas e externas estabelecidas, os recursos aplicados, os meios envolvidos, e os níveis de destruição que o conflito armado civil provocou na sociedade angolana. Embora não sigamos uma estrutura rígida na descrição destes níveis, optamos por categorizá-los em cinco, conforme Pacheco (2005):

- a) o primeiro diz respeito à guerra contra o poder colonial que durou entre 1961-1974. Foram signatários os movimentos de libertação nacional com objetivo de alcançar a independência;
- b) o segundo nível durou apenas alguns meses durante 1975, e envolveu os três movimentos nacionalistas de libertação na luta pelo poder, após o abandono dos portugueses e que culminou com a declaração da Independência pelo MPLA no mês de novembro;
- c) o terceiro corresponde à longa guerra civil (1975-1991) que opôs a UNITA ao governo do MPLA, e que terminou com o acordo de paz que possibilitou a transição para um governo multipartidário;
- d) o quarto nível consistiu numa sucessiva vaga de agressões por parte do exército sul africano em apoio à UNITA, contra as bases dos guerrilheiros da Namíbia e da África do Sul instalados no país, e que culminou no final da década de oitenta;
- e) o último nível, e também o mais devastador, ocorreu entre 1992 e 2002 motivado pela recusa da UNITA em aceitar o resultado das primeiras eleições multipartidárias (1992), terminando apenas com a morte em combate do líder rebelde Jonas Savimbi, e posterior desmantelamento do seu exército.

Fundamentalmente em nossa pesquisa, iremos nos deter neste último nível. Fazendo uma leitura analítica sociopolítica, econômica e conjuntural após a independência, a então República Popular de Angola conheceu dois grandes períodos:

- a) o Estado de partido único, de inspiração socialista com a economia centralmente planejada entre 1975 e inícios dos anos 1990;
- b) a abertura democrática, com transição para o multipartidarismo a partir da nova Constituição de 1991.

Estes dois grandes momentos e, sobretudo o segundo, coincidiram também com a maior abertura ao mercado da produção e do consumo dos produtos da Indústria Cultural, com destaque para as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Assim, descrevemos os principais desdobramentos e as suas mudanças, particularmente no que se refere às características do Estado e as sucessivas tentativas de alcançar a paz.

#### *1.6.2.3.1A constituição da primeira República: Estado de Partido Único*

No quadro da proclamação da independência da República Popular de Angola, Dr. António Agostinho Neto (11/11/1975), na qualidade de presidente do partido MPLA, profere



um discurso onde se coloca acima da UNITA e da FNLA, ao afirmar: “os órgãos do Estado da República Popular de Angola guiar-se-ão pelas diretrizes superiores do MPLA, mantendo-se assegurada a primazia das estruturas do Movimento sobre as do Estado”. Dessa forma, o MPLA assume o poder e, adotando a ideologia marxista-leninista como filosofia política, mergulha o novo Estado no sistema do partido único, conforme era previsto no seu discurso.

No âmbito internacional, o governo do MPLA foi reconhecido como tendo legitimidade para governar a Angola independente, com exceção dos Estados Unidos. Porém no âmbito interno, os movimentos restantes não reconheceram essa legitimidade. Em uma curta aliança com a FNLA, a UNITA, já logo na data da independência da República Popular de Angola, proclamava simultaneamente, na cidade do Huambo, a República Democrática de Angola, apesar de circunscrita regionalmente. Ou seja, estava assim explicitamente decretado o conflito armado que afundaria o país numa longa guerra civil.

Por conta dessa declaração explícita da guerra, cada partido procurou estabelecer alianças com as potências mundiais. Assim, a União Soviética e Cuba deram continuidade ao apoio e assistência ao MPLA; a FNLA, na penumbra, ficou militarmente destruída em 1975-76; e a África do Sul continuou a apoiar fortemente a UNITA disponibilizando-lhes bases militares no Norte da Namíbia, instrução militar, armamento e apoio logístico (HODGES, 2003).

Caracterizada por um elevado peso de Estado na economia e por um monolitismo político, essa fase corresponde cronologicamente à I República (1975-1991). Nessa fase, todas as decisões eram tomadas a nível central. Para Hodges (2003), a linha decisiva que marca esta tendência verifica-se em 1977<sup>32</sup>, quando surgiu uma tentativa (fracassada) de golpe de Estado, orquestrada por grupos de extrema-esquerda nos bairros de Luanda, encabeçado por Nito Alves, antigo comandante da guerrilha do MPLA. No seguimento, o I Congresso do MPLA, realizado em dezembro desse ano, transforma o movimento em partido político adotando a designação de MPLA – Partido do Trabalho (MPLA-PT) e inicia um sistema de planeamento centralizado, visando garantir a segurança, a nacionalização dos bens (empresas e património) e normalizar o salário e o emprego (MENEZES, 2000).

Para o autor, o governo criou um setor público, tentando controlar preços e salários, adjudicar divisas e inputs a determinadas indústrias e empresas. Porém, a análise de Menezes (2000) indica que o governo objetivou mais a imediata revitalização da economia e a

---

<sup>32</sup> O autor argumenta que essa é a linha de demarcação que inicia o período em causa, pois até essa altura (1975-76) o país conheceu um pequeno interregno de pluralismo, participação e mobilização popular – embora também o início da guerra civil.

recolocação das instituições produtivas em funcionamento, do que o estabelecimento de uma economia puramente “socialista”. Como exemplo, o autor refere a Lei de Intervenção do Estado de 1976 que formalizou a nacionalização das empresas privadas, mas, por outro lado, aprova a Lei do Investimento Estrangeiro em 1979, necessária para o estabelecimento de joint ventures ligadas ao petróleo, possibilitando dessa forma, alguma margem ao setor privado para entrar na economia.

Um balde de água fria foi derramado sobre a moribunda sociedade, com a morte de Agostinho Neto em 1979. Ainda na UTI, na tentativa de salvaguarda a enferma sociedade angolana, José Eduardo dos Santos assume a presidência do Partido MPLA e também a de Angola. Em um processo de retomada das diretrizes preconizadas pelo partido e pelo seu antecessor, coordena dois Congressos do MPLA-PT (1980 e 1985), que reafirmaram a via da centralização econômica para o socialismo angolano, subsidiado pelos recursos financeiros advindos do petróleo.

No entanto, desde meados dos anos 1980, surgiram, no seio do partido, vozes discordantes relativas ao modelo de planejamento centralizado adotado pelo Governo. Assim, José Eduardo dos Santos apareceu como uma das vozes que reconhecia o fracasso dos resultados econômicos por via desse modelo. Por outro lado, destacamos o partido da UNITA, sob o comando do seu heroico e carismático líder, Jonas Malheiro Savimbi. Esse partido, a partir do final dos anos 1970, vai ganhando fôlego e aos poucos vai se impondo como principal força opositora militar e politicamente do MPLA. Mais tarde, ele passa a ser o interlocutor natural para as negociações de paz que se seguiram a partir da década de 1990.

Na visão de Meijer e Birmingham (2004), o MPLA mantinha o seu esforço de guerra e o governo, sobretudo, à custa das receitas provenientes do petróleo. A UNITA, por sua vez, controlava vastas áreas ricas em diamantes, das quais obtinha as suas receitas principais. Entretanto, o contexto internacional do final dos anos 1980, com a queda do muro de Berlim (1989) e a abolição do apartheid na África do Sul em 1990, viria abrir caminhos para as negociações entre as forças opositoras angolanas. O primeiro passo concreto foi dado em 1988 em Nova Iorque, quando Angola, Cuba e África do Sul assinaram um acordo mediante o qual os cubanos se comprometiam a retirar as suas tropas com a contrapartida da retirada dos sul-africanos do Sul do país. A esse respeito, Messiant (2004) sustenta que na verdade esse acordo não pretendia resolver a dimensão interna do conflito, mas sim do conflito regional, já que não possuía uma única cláusula sobre o fim do apoio da União Soviética e dos Estados Unidos a ambos os lados.

Por sua vez, Meijer e Birmingham (2004) afirmam que este período de partido único foi marcado por elevados índices de corrupção no setor estatal. Nesse sistema, a iniciativa privada era restrita, com exceção das indústrias petrolíferas estrangeiras. Ainda para os autores, também as manifestações religiosas organizadas, incluindo a Igreja Católica, bem como os meios de comunicação social e as organizações de massa (juventude, mulheres, trabalhadores e algumas profissões), tiveram intervenção limitada, sendo altamente controladas pelo Estado. Acreditamos, por isso, que esse período dificultou a emergência de uma sociedade civil organizada e participativa, conforme veremos mais adiante.

Durante a primeira República, órgão máximo do Estado era o Conselho da Revolução, em lugar do parlamento, o qual foi conformado imediatamente após a independência. Mais tarde, esse órgão seria substituído pela Assembléia do Povo, embora esta não detivesse nenhum papel substantivo, dado que se reunia apenas duas vezes por ano para, de imediato, aprovar a legislação num quadro de partido único (HODGES, 2003).

Aos poucos o governo começa a reconhecer que a economia não havia crescido e alguns quadrantes do MPLA-PT sugerem uma mudança de rumo no sistema adotado. Um exemplo dessa inflexão, apontado por Menezes (2000), é o Programa de Saneamento Econômico e Financeiro. Lançado pelo governo em 1987, previa um papel mais significativo do setor privado na economia, com flexibilidade de preços, uma ação mais descentralizada na planificação econômica e mais autonomia de gestão para as empresas do setor público. Confirmando essa opção, o III Congresso (1990) aponta claramente uma mudança de rumo, afirmando ser necessário melhorar as relações com o mercado e permitir uma maior descentralização da planificação e das decisões econômicas. Na República Popular de Angola, essas mudanças escrevem-se dentro do contexto internacional que, no final dos anos 1980, com o colapso do modelo socialista, varre o mundo. Com implicações nessa mudança de rumo político e econômico, Angola passa a direcionar-se de forma explícita para uma “economia de mercado”. Eis que chegamos à Segunda República.

#### *1.6.2.3.2 Segunda República: processos tentativos da implementação do sistema multipartidário e a democratização das estruturas no âmbito nacional*

Os ventos da implementação do sistema multipartidário tiveram início na década de noventa (1990-91), quando houve as negociações em Portugal que resultaram na assinatura dos Acordos de Paz de Bicesse. No plano militar, os acordos tinham como objetivo pôr fim aos conflitos armados em todo o território nacional e foram signatários, em primeiro lugar, os

comandantes dos dois exércitos militares angolanos, nomeadamente das FAPLA e das FALA. No plano político, os acordos visavam à implementação das reformas constitucionais, cuja finalidade seria traçar estratégias nacionais para a abertura ao multipartidarismo em Angola. Neste plano político, além do MPLA, então Partido no poder e a UNITA, Partido na oposição e do Governo português, também participaram das negociações a União Soviética e os Estados Unidos na qualidade de “observadores”.

O Governo português, na qualidade de ex-colonizador, se propôs a assumir o protagonismo como mediador, por razões históricas. Os restantes prometeram firmar a sua presença pela interferência direta no apoio aos respectivos lados em conflito durante a guerra. Resumidamente, os principais tópicos constantes desse acordo foram: cessar-fogo total e definitivo em todo o território nacional, que seria fiscalizado pelas próprias forças conflitantes e supervisionado pela ONU. Essencialmente os acordos visavam o estabelecimento dos princípios fundamentais para a paz em Angola, que incluíam entre outros pontos o reconhecimento, por parte da UNITA do Governo de José Eduardo dos Santos; os direitos humanos; o fim da concessão do fornecimento e patrocínio financeiro e do material bélico, por parte de países terceiros; a formação de um novo exército nacional composto exclusivamente por angolanos – Forças Armadas Angolanas (FAA); a marcação de eleições parlamentares e presidenciais numa base multipartidária. Portanto, esses acordos redesenhavam uma nova República de Angola, definido pela Lei de Revisão Constitucional (1992) como um

Estado democrático de direito que tem como fundamentos a unidade nacional, a dignidade da pessoa humana, o pluralismo de expressão e de organização política e o respeito e garantia dos direitos e liberdades fundamentais do homem, quer como indivíduo, quer como membro de grupos sociais organizados.

Para todos os efeitos, as duas partes, visando o início de importantes reformas democráticas, concordaram em marcar as primeiras eleições para setembro de 1992 e, através das revisões constitucionais de 1991 (Lei no 12/91) e de 1992 (Lei no 23/92), projetando a instituição de um Estado Democrático de Direito, introduziram um sistema político multipartidário. Consequentemente, novas medidas e leis foram adotadas acompanhando a mudança de rumo político no país e abrindo espaço legal para o reconhecimento de algumas garantias e liberdades fundamentais como, por exemplo: a Lei das Associações (Lei no 14/91); a Lei dos Partidos Políticos Independentes (Lei no 15/91); a Lei da Reunião Pacífica (Lei no 16/91); a Lei do Direito à Greve (Lei no 23/91); e a Lei da Liberdade de Imprensa (Lei no 25/91) entre outras.

No quadro das reformas das leis constitucionais, destacamos a aprovação da Lei número 23 de setembro de 1992. Foi nesta lei que se alterou a designação do país de República Popular de Angola para República de Angola. Também foram introduzidos na Constituição da República novos artigos com objetivos de reforçar e reconhecer os direitos fundamentais com base nos tratados internacionais que Angola ratificou, tais como: o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais e o Pacto Internacional sobre Direitos Cívicos e Políticos. Foi ainda nesse clima que se verificou uma proliferação de partidos políticos, bem como a criação de novas associações cívicas, sindicatos e ONGs.

O Estado angolano, ao adotar essa postura nesse novo período político, foi paulatinamente abrindo as portas para colocar em prática o sistema democrático e as reformas que determinaram os poderes presidenciais. Consequentemente, o Governo angolano passa a adotar o sistema de governo presidencial, onde o poder, detido pelo presidente, marca sobremaneira a agenda política, mantendo-se uma intervenção forte na gestão do executivo.

Para o povo angolano, a abertura das portas à realização do sistema democrático e as sucessivas reformas pareciam ser a tábua de salvação que permitiria a participação do povo nas questões políticas, econômicas e sociais, até então inibido pelo sistema governamental adotado pelo Partido no poder. Todavia, a abertura democrática proporcionada por tais reformas constitucionais ficou absolutamente comprometida com o desfecho das eleições no dia 30 de setembro de 1992. Nessas primeiras eleições multipartidárias, o MPLA obteve 53,7% dos votos válidos e a UNITA 34,1%, conquistando 70 cadeiras no parlamento. O candidato presidencial do MPLA, José Eduardo dos Santos, obteve 49,57% dos votos e Savimbi, 40,07%. Portanto, havia a necessidade de realização de um segundo turno. Mas a UNITA não aceitou o resultado das urnas, alegando fraude, embora os observadores internacionais, inclusive da ONU, que haviam monitorado as eleições, considerassem terem sido livres e justas as eleições. Em outubro, antes do segundo turno, a UNITA arregimentou suas tropas e tentou derrubar o governo a partir da capital. A cidade de Luanda amanheceu em polvorosa no dia 30 de outubro de 1992, com violentos confrontos que duraram quase uma semana e deixaram um saldo de quase mil mortos, dentre eles os altos dirigentes da UNITA. A UNITA foi expulsa da capital e instalou seu quartel-general na província do Huambo.

A título de exemplo, citamos aqui a Guerra dos 55 dias, como ficou célebre e tristemente conhecida, surgida depois do então líder da UNITA ter recusado os resultados eleitorais em 1992. Portanto, trata-se de um conflito entre as forças do Governo e as da UNITA pela tomada da cidade capital do planalto central. Esta guerra, foi, sem dúvidas, um dos capítulos mais sangrentos na guerra urbana da história angolana. Nela morreram milhares

de pessoas, outras tantas ficaram feridas e a cidade ficou quase que reduzida a escombros. Muitas das vítimas sucumbiram como resultado dos tiroteios, dos bombardeamentos da artilharia, da aviação, da fome, de doenças, ou vítimas das perseguições políticas. A ambição desmedida pelo poder político e econômico levou Jonas Savimbi a colocar em campo a sua máquina de guerra, que se manteve praticamente intacta depois do movimento de guerrilha abandonar as matas, no âmbito dos Acordos de Bicesse.

O último dia da guerra no Huambo ficaria tragicamente marcado pelo bombardeamento do Canhé<sup>33</sup> em que a aviação governamental lançou bombas sobre o mercado do mesmo nome. No massacre, em que a carne humana se misturou com a carne animal que se vendia no local, sucumbiram centenas de civis inocentes, cujo único “crime” teria sido a procura de meios de sobrevivência para contornar a fome que assolava a cidade. Os últimos dias da guerra ficariam ainda assinalados pela perseguição impiedosa das forças da UNITA às caravanas de militares do MPLA e de milhares de civis que os acompanhavam na fuga desesperada da cidade. A saída das forças governamentais do Huambo não significou o fim da guerra, pois esta viria a ser alvo de bombardeamentos pontuais da sua aviação. Durante o período de ocupação da cidade pela UNITA, várias pessoas foram perseguidas, presas, ou mesmo mortas pelo simples fato de terem trabalhado para o Governo, num sentimento de profunda retaliação, que obrigou a uma intervenção da Igreja Católica no sentido de se por fim a tais práticas.

De acordo com Hodges (2003), a UNITA rapidamente conseguiu tomar cinco das dezoito capitais provinciais (Caxito, Huambo, Mbanza Congo, Ndalatando e Uíge), ao mesmo tempo que submetia outras a cercos prolongados e bombardeamentos de artilharia (Cuíto, Luena e Malange). Essa nova fase da guerra prolongou-se por mais dois anos aprofundando definitivamente o país em uma verdadeira “cultura do medo”, conforme descrição de Albuquerque (2007).

Nova tentativa de sanar a guerra acontece em novembro de 1994 na Zâmbia, tendo como resultado o Protocolo de Lusaka. Este acordo baseava-se essencialmente no anterior, introduzindo de novo a responsabilidade direta da ONU na fiscalização da aplicação do processo de paz, e a definição dos princípios para a “reconciliação nacional” no âmbito do quadro jurídico, político e constitucional angolano. Embora os deputados da UNITA eleitos em 1992 tenham podido ocupar os seus lugares na Assembleia Nacional e os seus ministros tenham sido nomeados para o Governo em abril de 1997, a UNITA protelou a extensão da

---

<sup>33</sup> Canhé era um dos mercados mais concorridos, situado na periferia da cidade, mais concretamente num terreno descampado à volta da igreja local.

administração do Estado a muitas das aéreas que se encontravam sob seu controle designando-as por “terras livres de Angola”. A recusa insistente da UNITA em cumprir as cláusulas dos acordos provocou várias sanções do conselho de segurança da ONU e nova crise no processo de paz. Em dezembro de 1998, o presidente José Eduardo dos Santos é reconduzido à frente do partido no IV Congresso do MPLA, declarando que o único caminho para a paz era infelizmente a guerra.

Na contramão dessa guerra, estava remando a derrapagem do regime socialista adotado pelo Governo angolano que, gradualmente, cedia lugar à economia de mercado, com abertura ao capital estrangeiro e pluripartidário. Sem contar que nesse período o mundo assistia a queda do Muro de Berlim e o esfacelamento da União Soviética. Por outro lado, o nacionalismo anticomunista de Savimbi já não obtinha ressonância nem nos Estados Unidos. Para a UNITA a situação se agrava com a descoberta de reservas de petróleo, concentrado na costa angolana e a criação do estatuto legal perspectivando a sua exploração e negociação. Os EUA, totais apoiadores da UNITA até as eleições, instigados pela oferta do mercado, reconheceram o governo de Angola, abrindo caminho para as sanções contra a UNITA por parte da ONU.

Gradualmente, as forças econômicas, políticas, diplomáticas e militares foram se posicionando em favor do governo de Angola. Nesse contexto, embora os conflitos continuassem, milhares de soldados da UNITA desertam, indicando que a moral e a coesão do movimento da UNITA estavam em colapso (HODGES, 2003). Em 22 de fevereiro de 2002, Jonas Savimbi foi morto em combate pelas FAA, na província do Moxico, levando as forças da UNITA a abandonarem as armas. As imagens do corpo são profusamente divulgadas pelos meios de comunicação por todo o mundo, em clara alusão à possibilidade de paz que se abria com esse acontecimento. O fim definitivo das hostilidades no país chega com o “Memorando de Entendimento de Luena”, assinado na província do Moxico, em abril de 2002. Em decorrência desse memorando, em outubro a UNITA declarava-se um partido político democrático e totalmente desarmado. Nesse clima se reativa o dormente protagonismo da sociedade civil (atores sociais), como forma de buscar espaço na arena política por meio do debate e de propostas e alternativas em prol da consolidação da paz e da democracia.

Portanto, como pesquisador angolano, pretendo posicionar-me como sujeito histórico que se desloca do lugar de mero observador, embora sem deixar de sê-lo no tempo e no espaço. Como observador investigador, pretendo descrever a realidade socio-histórica, política e cultural de Angola na qual inscrevo o objeto desta pesquisa.

Em resumo diríamos que, a constituição e delimitação territorial da República de Angola vêm se configurando a partir de 1885, passando por vários conflitos e de diversas ordens. Alguns de longa e outros de curta duração. Nesse contexto, logo de partida vemos o quanto se configura um rol de problemas de alta complexidade que atravessa gerações. Para José Eduardo dos Santos (2000, p. 7), então presidente da República,

Muitos dos nossos problemas têm a idade de Angola e são complexos, outros, de caráter políticos, têm a idade da independência e também são complexos. Os primeiros relacionam-se com a construção da nação angolana nos limites das fronteiras definidas na conferência de Berlim em 1885 e por outros acordos entre as potências coloniais. Eles são tratados e equacionados sistematicamente com base na legislação fundamental do Estado e do princípio livre aceite, ou pelo menos consentido. [...] Os outros são decorrentes de várias conexões que interligam pessoas e interesses angolanos e estrangeiros numa teia de esquemas, mecanismos e instrumentos em que se distinguem duas categorias: nacionalistas e agentes de neocolonialismo.

Sob o ponto de vista geográfico, a República de Angola localiza-se na costa da África Austral ao sul do Equador, nas latitudes 4°. 22' e 18°. 02' e as longitudes 11°. 41' e 24°. 05'. Seu território é composto por uma extensão de 1.246.700 km<sup>2</sup>, inclui 7270 km<sup>2</sup> do enclave de Cabinda e uma fronteira marítima de 1.650 km. Tem suas fronteiras limitadas ao norte pelas Repúblicas do Congo (Brazzaville e Democrática), a leste pela República Democrática do Congo e Zâmbia, no Sul pela República da Namíbia e a oeste pelo Oceano Atlântico.

Atualmente o País tem 18 províncias<sup>34</sup>, nomeadamente: Uíge, Zaire, Lunda-Norte, Lunda-Sul, Malanje, Luanda, Benguela, Huambo, Huíla, Cabinda, Moxico, Kuanza-Norte, Kuanza-Sul, Bengo, Namibe, Quando-Cubango, Cunene e Bié. A maioria da população (75%) pertence ao grupo étnico bantu, que abrange os grupos etno-linguísticos quicongo, quimbundo, umbundo, lunda-quioco, ganguela, n'haneca-humbe, kwanhama, vandombe, hereró, ambós e xindonga. Cada um desses subgrupos é identificado por suas línguas autóctones ou nativas. Devido à colonização portuguesa, o país adotou o português como a língua oficial. Do ponto de vista religioso, professam-se crenças africanas tradicionais com maior predominância o cristianismo, liderado pelo catolicismo e os movimentos neopentecostais sem contar as religiões mistas.

Sob o ponto de vista econômico, a República de Angola possui vastos recursos florestais concentrados, fundamentalmente, na província de Cabinda, na floresta de Maiombe, onde predominam madeiras de expressivo valor econômico, tais como pau-preto, ébano, sândalo africano, pau-raro e pau-ferro. O país possui numerosos recursos minerais, com maior

---

<sup>34</sup> Equivalente aos Estados na República Federativa do Brasil.



destaque pelo seu aproveitamento econômico, o petróleo, os diamantes, o ferro, o manganês, o cobre, os mármore e minerais raros. As principais bacias petrolíferas em exploração situam-se junto à costa, nas províncias de Cabinda, Zaire, no Norte com uma produção total no país, atualmente, de quase 2.000.000 de barris de petróleo bruto por dia. A área diamantífera da Lunda-Norte é considerada das mais importantes do mundo. A fauna é bastante rica e diversificada, destacamos a presença da palanca negra gigante (nome científico: *hippotragus niger Varianni*), localizada no Parque Nacional de Cangandala na província de Malanje, espécie bastante rara da fauna angolana, atual símbolo da principal transportadora aérea angolana, a TAAG<sup>35</sup>.

Segundo Camilo Ceita, diretor geral do Instituto Nacional de Estatística, no recenseamento Geral da População e Habitação (RGPH), realizado em 2014, a população angolana era constituída por 25 milhões 789 mil e 24 habitantes, dos quais seis milhões 945 mil e 386 vivem na capital do país, Luanda. Desse universo populacional 12 milhões 499 mil 041 são homens e 13 milhões 289 mil 983 mulheres<sup>36</sup>.

A esperança de vida em Angola aumentou para 61.8 anos, revela um estudo apresentado em Luanda, em cerimônia presidida pelo coordenador residente da Organização das Nações Unidas e representante residente do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em Angola. Entre 1990 e 2017, a esperança de vida à nascença em Angola aumentou 20,1 anos. Esse aumento permitiu que o país alcançasse a classificação “média” no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das Nações Unidas, depois de anos em “baixa”, conforme revela um estudo apresentado publicamente em Luanda, em cerimônia presidida pelo coordenador residente da Organização das Nações Unidas e representante residente do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em Angola (BALLADELLI, 2018).

Quanto ao crescimento econômico, em uma projeção de quatro anos (2018 a 2022), o relatório do Fundo Monetário Internacional informou que o crescimento médio do Produto Interno Bruto (PIB) por habitante de Angola no período de 2018 a 2022, é de 166 dólares, será insuficiente para acompanhar o “crescimento vertiginoso” da população. Porém, o documento produzido pela Universidade Católica, divulgado em Luanda, prevê que a

---

<sup>35</sup> Transportes Aéreos de Angola – Angola Airlines.

<sup>36</sup> Segundo essa fonte, as províncias mais populosas do país são: Luanda, com 6.945.386 habitantes; Huíla (2.497.422); Benguela (2.231.385); Huambo (2.019.555); Cuanza Sul (1.881.873); Uíge (1.483.118) e Bié com 1.455.255 habitantes. Já a província do Cunene conta com 990.087 habitantes; Malanje (986.363); Lunda Norte (862.566); Moxico (758.568) e Cabinda com 716.076 habitantes. As províncias menos populosas são a do Zaire com 594.428 habitantes; Lunda Sul (537.587); Cuando Cubango (534.002); Namibe (495.326); Cuanza Norte (443.386) e Bengo com 356.641 habitantes.

economia cresça a uma taxa média de 2,8% no período em análise, que compara com uma taxa de crescimento demográfico de 3,1%. Os dados do valor do PIB/habitante, apresentados pelo diretor do centro de Estudos e Investigação Científica da Universidade Católica de Angola, Alves da Rocha (2018), estão muito abaixo dos 240 dólares, previstos no relatório de 2016, segundo a agência noticiosa Angop. O relatório acrescenta que o aumento da população não está a ser acompanhado pelo crescimento da economia, devido à crise e aos reduzidos investimentos na produção petrolífera, principal produto de exportação. Contrastando com dados oficiais que indicam uma taxa de pobreza de 36%, o relatório da Universidade Católica avança uma taxa de incidência de 52,1%, pelo fato do crescimento do PIB não ter acompanhado o crescimento demográfico. Por seu turno, o investigador económico Heitor de Carvalho, que também participou na elaboração do estudo, disse que a despesa total pública sem juros de 2014 a 2017 decresceu 64%, com as reduções de 92% de subsídios, 73% nas compras do Estado, 48% nas prestações sociais e 41% nas remunerações.

## 2 APORTE TEÓRICO METODOLÓGICO

A ciência e a tecnologia, segundo Habermas (1982) e Japiassu (1988), são frutos da cultura sociotécnica e tecnológica moderna e pós-moderna, envolvendo o universo empirista e pragmatista da pesquisa aplicada, daí surge a importância da epistemologia em nossos dias.

Relendo Habermas chegamos a conclusão de que a palavra epistemologia não significa outra coisa senão discurso (logos) sobre a ciência (episteme). (Episteme + logos). Nesse caso, ela passa a corresponder à ciência da ciência, a Filosofia da ciência e o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências. A sua tarefa principal consiste na reconstrução racional do conhecimento científico, conhecer, analisar, todo o processo gnosiológico da ciência do ponto de vista lógico, linguístico, sociológico, interdisciplinar, político, filosófico e histórico. Por essas angulações podemos afirmar que ela é dinâmica e seu estudo apresenta uma estrutura metódica e reflexiva que inside sobre a responsabilidade social dos cientistas e dos técnicos.

### 2.1 CONTEXTOS EPISTEMOLÓGICOS DA PESQUISA EM ANDAMENTO NO CAMPO CIENTÍFICO

Em dias atuais as sociedades se organizam em função das novas TICs. Para Muniz Sodré (2006, p.19) os indivíduos da sociedade atual vivem a era da “economia digital”. O impacto desta era perpassa tanto o mundo do trabalho quanto da cultura, e com repercussão sobre “as ciências sociais voltadas para o fenômeno midiático, levando-as a tentar melhor posicionamento epistemológico, no que diz respeito ao objeto e ao acompanhamento das mutações sociais provocadas pela mídia e pela realidade virtual (SODRÉ, 2006, p.19).

A ambiência provocada pela mídia e pela virtualidade provoca-nos a construir inferências propositivas sobre uma sociedade tecnomidiática que atribua à mídia uma centralidade tanto nos processos interativos quanto na construção social. Para o pesquisador Fausto Neto (2008, p.92), nesta sociedade tecnomidiática

Já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organização de processos interacionais entre os campos sociais, mas de constatar que a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a «cultura da mídia».

Essa cultura da mídia continua ao atravessar e afetar largamente as práticas institucionais e as práticas sociais com as suas lógicas e operações, e passa a produzir “as

possibilidades de novas formas de reconhecimento nos mercados discursivos” (FAUSTO NETO, 2006a, p. 9) e converte os cidadãos em consumidores de objetos simbólicos.

Na visão de estudiosos como Baudrillard (1981), Zygmund Bauman (1999), Mike Featherstone(1995) e Gilles Lipovetsky (1989), na sociedade dominada pela cultura midiática os indivíduos já não consomem apenas objetos e coisas. Se antes as instituições produtoras se empenhavam em produzir mercadoria, hoje ocorre a incorporação de uma vasta gama de associações imaginárias e simbólicas, apesar do objeto já possuir o valor de uso e de troca. Pelas marcas produzidas pela e na circulação midiática, Verón (2004; 2013) e Fausto Neto (2010) apontam a necessidade de entender as relações complexas entre produção e recepção. Salientam que as instâncias não podem ser mais compreendidas de forma separada, uma vez que cabe aos participantes dos episódios comunicacionais realizar fluxos adiante de variadas formas (BRAGA, 2011). A ser o caso, como postula Fausto Neto (2010, p.55) a circulação passa a instituir “novas formas de interações entre produtores e receptores de mensagens, complexificando seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces”.

Essas novas formas interacionais estão relacionadas ao conceito de produção de mercadoria, que Baudrillard (1981, p.9-13) apelida de "mercadoria-signo" que não é senão autêntico simulacro, descrito como uma “esfera particular do real que não faz parte da realidade”. Tentando explicar essa esfera, o autor diz que ela é “mais passível de ser trocado por real, mas trocando-se em si mesmo, num circuito ininterrupto cujas referências e circunstâncias se encontram em lado nenhum”.

Nessa ubiquidade, inferimos que investigar as características dos indivíduos afetados pelas lógicas da automatização do sistema de produção, da circulação e do consumo desses objetos de valor simbólico, parece não ser uma tarefa simples. Há que operacionalizar equações e exercícios que reconheçam ‘movimentos inversos’ ou de idas e vindas dos sistemas representacionais que, talvez, tenham na convergência tecnológica a principal responsável.

Partimos do pressuposto de que a tomada de posição possa permitir à nossa pesquisa uma rearticulação dos processos de visibilidade a partir da interação entre produtores e receptores de discursos, e a produção dos sujeitos que antes tinham poucas alternativas de visibilidade diante das mídias clássicas. Ou seja, a nossa visão investigativa aproxima-nos de Fausto Neto (2008, p.96), para quem “a midiatização institui um novo ‘feixe de relações’, engendradas em operações sobre as quais se desenvolvem novos processos de afetações entre as instituições midiáticas e os atores sociais.

Sendo assim, a circulação de agressividade entre adolescentes angolanos, enquanto realidade social, passa a ser concebida como um processo de construção permanente, onde eles desempenhariam um papel de sujeitos ativos. Portanto, essa realidade social não seria composta apenas por dados quantificados e objetivos, mas incluiria a subjetividade dos sujeitos. É justamente aqui onde está o diferencial da nossa pesquisa. A utilidade acadêmica dessa investigação redesenha-se como um processo tentativo de buscar um contraponto entre as áreas de Comunicação Social, Psicologia e Educação no estudo sobre como circulam os episódios da agressividade consumidos pelos adolescentes. Assim, todas as interpretações da unidade de análise serão realizadas indutivamente (FERREIRA, 2006), pelo fato de ser uma pesquisa que podemos chamar de natureza social e cultural orquestrada por uma arquitetura de alta complexidade, e específica que contexto da pesquisa inscreve a problemática na área da comunicação social.

Os esforços de delimitação do campo de comunicação na pesquisa científica surgem a partir da década de 1970, respaldadas pelas evoluções tecnológicas da informação, sobretudo nos debates e discussões acerca da aplicação dos métodos qualitativos na área das Ciências Sociais (GODOY, 1995). Para Braga (2007, p. 8) torna-se difícil delimitar o campo da comunicação, pelo fato de que na sociedade contemporânea os processos midiáticos estarem presentes em todos os relacionamentos humanos e sociais com uma “penetrabilidade” processual, que faz do midiático um processo interacional crescentemente de referência, mesmo nas comunicações interpessoais. Com efeito, Braga destaca que os campos de estudos e pesquisas em comunicação atuais transitam entre as perspectivas interacionais e esta presença midiática. Esse parecer aponta para uma perspectiva de reflexão que atravessa amplamente as ações humanas. Suas abordagens, no âmbito epistemológico, podem proporcionar pistas convergentes para enxergar o seu objeto empírico na multiciência das visadas da comunicação, com o objetivo de demarcar a área de conhecimento e seu respectivo campo.

Ferreira (2007) indica que é se torna inócuo delimitar o campo multidisciplinar da comunicação. Qualquer pesquisador que queira avançar e desenvolver-se nessa área precisa estabelecer uma convivência mútua entre as teorias diversas e os desafios que elas propõem entre si. Para tanto, Braga (2007) orienta primeiro escrever tudo o que se sabe sobre o tema a ser pesquisado, incluindo experiências práticas, observações sobre o que chama atenção, leituras, questões que incomodam, ou seja, fazer uma espécie de inventário sobre o que se pretende investigar. O material recolhido oferecerá posteriormente a possibilidade de um tensionamento entre três elementos diferenciados que se apoiam e se cobram mutuamente, que

podem ser descritos aqui como: problematização do objeto, elaboração teórica, e ida à realidade para sua observação sistemática. Somente a partir desse tensionamento triangular é que se pode desenvolver uma necessária articulação e coerência, tanto para o objeto de pesquisa quanto para o tema da investigação. Braga (2017, p.70) justifica a sua proposta afirmando que:

O processo comunicacional de transformação se manifesta particularmente nesse trânsito contínuo entre aqueles dois aspectos da comunicação: os códigos se exercem por acionamento inferencial; as inferências, na medida de sua pertinência, geram códigos. Por isso mesmo, no trabalho de pesquisa, o que interessa não é classificar os elementos nas duas categorias; mas sim perceber como se relacionam, para qual trabalho intelectual são acionados, que sistema de relações compõem, quais as suas dinâmicas na interação.

Em artigos anteriores (BRAGA, 2011; 2012; 2013), desenvolvemos a proposta heurística de que processos interacionais são caracterizados pelas articulações complexas entre dois tipos de processos: acionamento de códigos – ou seja, de elementos compartilhados entre os participantes de uma interação; e de inferências – que colmatam os limites sempre existentes dos códigos e que os ajustam às condições específicas da interação, redirecionando, ao mesmo tempo, as interações às possibilidades e limites dos códigos. Nesse mesmo processo conjunto de acionamento de códigos e de exercício de processos inferenciais, os códigos são transformados e ressignificados constantemente, nas condições sociais e históricas, pelo próprio esforço interacional.

As reflexões de Braga sugerem que, ao se investigar o fenômeno da circulação da agressividade, sob a perspectiva da mediação, é necessário tomar distância dos atos comunicacionais puros considerar os contextos em que ela aparece. Inferimos que, ao se falar da circulação da agressividade na ambiência midiática, se está mergulhando numa maré infinda de processos comunicacionais que por um lado são distintos entre si, mas por outro são inseparáveis. Por conseguinte, parece tratar-se de observar algo envolto em processos interacionais de alta complexidade cujos laços estão imbricados e de tessitura inquebrantável que podem demonstrar a comunicação em ação. Na perspectiva de Gomes (2016, p.9), “essa realidade permite diversas interpretações, todas partindo do fato de que a sociedade se constitui por meio da comunicação”. Ou seja, o passado, o presente e o futuro, a cultura e a história, os costumes e os hábitos, os projetos e os sonhos do indivíduo em uma determinada sociedade, uma vez compartilhados com outros indivíduos em fluxo contínuo passam a ser a expressão dessa mesma sociedade. Isso implica aludirmos a um processo comunicacional que

“possibilita os avanços progressivos da sociedade, sempre em níveis inseparavelmente cada vez mais complexos”.

Por conseqüente, acreditamos que essa inseparabilidade implica na restauração de uma metodologia que estabeleça uma tensão entre os fenômenos e os seus contextos. Ou seja, isso significa escolher um instrumento, um método e uma técnica que possibilite a instauração de um processo que, necessariamente deve incluir no espaço descritivo da situação observada, as perspectivas (práticas e discursos) dos participantes (atores sociais), os sentidos propostos (signos) e os resultados nos episódios interacionais estudados. A ser assim, entendemos que a escolha de um método de maior rigor científico torna-se fundamental para fortalecer as investigações no lócus acadêmico, sobretudo quando se está imerso nas ciências humanas. Aqui, a questão da pluralidade dos modelos interpretativos ganha influências decisivas, não só na forma como deve ser considerado o método, mas, e sobretudo, nas escolhas que se faz para realizar o procedimento analítico. Assim, pensar metodologicamente na problemática da circulação da agressividade em adolescentes angolanos é concentrar a reflexão nas questões relativas aos dilemas e problemas específicos do campo da Comunicação Social e naquelas que estão nas bordas da midiatização (FAUSTO NETO, 2008).

Aonos inscrevemos na linha de pesquisa de Midiatização e Processos Sociais, entendemos que, metodologicamente, os processos de midiatização talvez nos exijam desenvolvimento do estudo de algo que resulte dos fluxos interacionais de fenômenos do mundo social (MERRIAM, 1998), a partir de dados e observações extraídas das referências sociodiscursivas. Desse modo, pretendemos, nas interfaces entre as formulações conceituais e a pesquisa empírica, observar como ocorrem os processos de percepção, recepção e a explicação (BULMER, 1977), amparados pelas pesquisas que elegem o método qualitativo nas suas investigações.

Trata-se, portanto daquelas pesquisas em que, quer nas suas discussões, quer nas análises de dados coletados, esteja presente “o passado, presente, futuro, história, sonhos, etc. O resultado é o compartilhamento de vivências entre as pessoas e todas as gerações”. (GOMES, 2017, p.126).

Por essas angulações, o nosso papel investigativo consistirá, justamente, na interação e no envolvimento com a temática e com os indivíduos da amostra, visando compreender todo o processo, que partindo da percepção, passando pela recepção e consumo dos conteúdos, desemboca na retroalimentação dos circuitos da produção dos bens da indústria cultural, na ambiência da circulação midiática. Inferimos que, por esse caminho talvez esta pesquisa possa abrir-nos pistas enriquecedoras tais como:

- a) primeiro, nos possibilite o acesso a uma oferta de oportunidade profunda, que pode nos ajudar na leitura e na compreensão das práticas e dos discursos dos adolescentes angolanos imersos na cultura midiática;
- b) segundo, o mergulho nas ofertas de práticas, nos discursos e nas oportunidades criadas pela circulação dos bens da indústria cultural midiática, lidas e interpretadas segundo as perspectivas dos adolescentes, nos permita um distanciamento à preocupação com a representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

Portanto, interessa-nos, como foco de investigação, a leitura da realidade a partir do que Chizzotti (1995, p.79) ousou chamar de uma “relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Na esteira desse autor, como pesquisadores inferimos que talvez o conhecimento não se reduza a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa. Mas, que tanto o “eu” do sujeito-observador quanto o “eu” do sujeito-observado são parte integrante do processo da construção de conhecimento e ambos interpretam os fenômenos. Ao fazê-lo, os dois “eus” assumem o papel de atores reconstrutores dos mesmos e, imprimindo neles as suas subjetividades, atribuem-lhes novos significados. Nessa ambiência interacional ocorre disputas e conflitos de espaço entre os dois “eus”. E talvez o objeto passe a ser uma entidade que sofra mutações devido às múltiplas afetações na ambiência midiática. Como se não bastasse estas múltiplas afetações, também as condições e as formas de produção sofrem alterações em vista ao consumo. Enfim, as lógicas e os circuitos do meio em que esse objeto circula são assumidas como gerenciadoras e determinadoras na construção dos objetivos do “eu”, sujeitos-produtores e também na busca de satisfação das necessidades do “eu” do sujeito-consumidor.

Portanto, qualquer estudo que se pretenda fazer a respeito de um objeto que seja “produto midiático”, não passa senão pelos processos tentativos e de conjeturas exploratórias. É fundamental, na investigação desses objetos, a incorporação dos contextos socio-históricos e culturais dos sujeitos produtores e dos consumidores, as condições de produção e de circulação, e só assim talvez se consiga fazer uma investigação aberta a leituras e significados outros, que segundo Fausto Neto (2008) podem ser localizadas nas bordas de todo o processo investigativo. Ademais, o tema sobre a circulação de agressividade em adolescentes, além da sua complexidade em si, constitui uma problemática desafiadora devido a quase inexistência de abordagem nessa área em Angola. A ser assim, a nossa pretensão não será a de resolver de imediato o problema social e nem “formular hipóteses precisas e



operacionalizáveis”, como diria Gil (1999, p.43), sobre a circulação de agressividade em Angola entre os adolescentes, mas caracterizá-lo a partir de uma visão geral aproximativa. Apoiados nesse o autor, assumimo-nos como pesquisadores exploradores que “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. (GIL 1999, p.43).

Nessa lógica de raciocínio, a partir de Megargee e Hokanson (1976), que demonstraram em sua análise, a variabilidade do nível de expressão de agressão, como resposta a várias condições ambientais e sociais, inferimos que o comportamento agressivo esteja relacionado a um conflito de disputas de campos psicossociais, construídos nas interfaces e no ambiente interpessoal ou no meio social. Tais conflitos de disputas de campos psicossociais, na época atual, são transformados em vilões das tramas, em pautas de discussões e de debates dos estudiosos, atravessando campos e práticas sociais (MICHAUD, 1989) com o advento da Web 2.0 na década de 1960. Segundo McLuhan (2011), após o fim da segunda Guerra Mundial, quando a ênfase da defesa recaí sobre o fim da era mecânica e o progresso tecnológico interconectaria o mundo, quebrando as barreiras geográficas e facilitando os processos comunicativos e de informação, o mundo se reduziu a uma grande aldeia, a “aldeia global”.

No contexto da midiatização, esses conflitos, ao serem expostos no mundo super e hiperconectado, são convertidos em produto no mercado de consumo dos bens da indústria cultural. Esta superexposição e consumo pode oferecer-nos a possibilidade de inferir que a mídia se configure, metaforicamente falando, como a indústria transformadora da violência e da agressividade em produto de consumo (mercadoria-signo). No contexto da sociedade angolana, isso significa fazer uma aproximação a uma problemática menos explorada, para não dizer desconhecida. Ou seja, no campo epistemológico científico estamos tentando estabelecer uma relação aproximativa e familiar (MOSCOVICI, 2003; GIL, 2007) visando a construção de novos conhecimentos. Assim, no intuito de obter esses novos conhecimentos surge e se faz necessário, dentre todos os atalhos que possam existir desenhamos um que podemos seguir, enquanto pesquisadores, visando alcançar os resultados projetados pela pesquisa segundo os objetivos traçados.

Epistemologicamente falando e observando as particularidades, as restrições e oportunidades colocadas pelo contexto de cada adolescente angolano que compõe o nosso objeto e a amostra da pesquisa, em um voo ainda leigo, concluímos que estamos trilhando por um terreno altamente movediço, que nos oferece uma gama de complexidade sobre a qual

apenas podemos fazer conjecturas explorativas. Nesta nossa escolha fomos impulsionados pelo fato de que em pesquisas ligadas ao campo das ciências humanas e sociais, citando autores, tais como Merriam, (1998), Godoy, (1995) e Braga (2011), esta tese se configura como um procedimento não linear de busca literária, de estruturação teórica e de identificação do problema. Porém, é, sobretudo, revestida de uma processualidade interativa de inúmeras idas e vindas, inerentes ao percurso de uma investigação científica na área de Comunicação Social.

Destarte, o bom êxito do processo de idas e vindas necessita de “operacionalização qualitativa dos conceitos abstratos e simbólicos” (MARCONI; LAKATOS, 2000, p.189) que denominamos de variáveis qualitativas.

### **2.1.1 Aproximação e apropriação das lógicas e metáforas das múltiplas afetações entre as três esferas midiáticas**

Implicados com a estrutura diagramática do esquema acima, somos desafiados a tomar como campo de investigação as lógicas de reconhecimento dos sujeitos em interações nas três esferas. Em termos metafóricos essas esferas das Mídias 1, Mídias 2, e Mídias 3 podem ser tomadas como signos na ambiência da midiatização e dos processos sociais.

Acionando as lógicas e gramáticas que, na ambiência da midiatização, orquestram os processos das múltiplas afetações entre as três esferas, temos como objetivo, via analogias, buscar no fluxo adiantemarcas que sirvam de disparadores das discussões com os adolescentes, acerca da produção, circulação e consumo dos conteúdos da indústria cultural das novas tecnologias da informação e comunicação em Angola.

#### **2.1.1.1 Esfera das Mídias 1**

Esta esfera compreende todos os vídeos em circulação na plataforma do Youtube que foram produzidos por instituições canônicas em Angola. O nosso objetivo aqui é a busca de marcas que sirvam de indícios de conjunto de mídias emergentes. Ou seja, selecionar alguns institucionais que façam apologia de uma sociedade em integração na esfera de consumo dos bens da indústria cultural das novas TICs. Feita a pesquisa de vídeos de produção nacional angolana, dentre os vários vídeos em circulação na plataforma do YouTube, selecionamos os

seguintes: “Unitel para todos” (Jul., 2014)<sup>1</sup>; “TVCABO Angola em Alta” (Dez., 2010)<sup>2</sup>; “Facebook Grátis para Chegar a Todos” (Jul., 2015)<sup>3</sup>; “Somos Natal – Pack Laranjinha 3G” (Dez., 2015)<sup>4</sup>; “Movitel Geração M” (Out., 2013)<sup>5</sup>.

### 2.1.1.2 Esfera das Mídias 2

Esta por sua vez será de vídeos de produção nacional e em circulação também nas redes sociais na plataforma do YouTube, com características institucionais de mídias sociais. O objetivo é selecionar aqueles vídeos nos quais possamos observar indícios de políticas, quer sejam do setor público quer do privado, interfaces de uma sociedade dos meios para aquela de integração na esfera de produção e de circulação dos bens da indústria cultural, ou melhor, digo, em mediatização (MARTIN-BARBERO, 1997; GOMES, 2017). Ou seja, a ideia aqui é observar e descrever as marcas, que nos permitem observar se os passos estão sendo dados na sociedade angolana como forma de implementações e das articulações políticas, rumo ao desenvolvimento sociotécnico e tecnológico (VYGOTSKY, 1996.; VALSINER, 1988; GÓES, 1991). Sendo assim, em um universo infindo de vídeos institucionais com características das políticas de inclusão digital, selecionamos três vídeos, nomeadamente:

---

<sup>1</sup> O vídeo, de um minuto de duração, encontra-se no fluxo desde 12 de julho de 2014. No contexto da nossa pesquisa, tecemos o seu acesso no dia 20 de maio de 2018, quando o capturamos da rede, através do link <https://www.youtube.com/watch?v=UTHG2nPJF34> do Youtube, pertencente à empresa angolana das telecomunicações móveis, a UNITEL. A empresa, com a sede em Luanda é propriedade de Isabel dos Santos. Foi constituída em 1998 e entrou no mercado em 2001 operando com a tecnologia GSM. Tem como acionistas Portugal Telecom; Sonangol; Grupo Oi e é subsidiada pelo Banco de Fomento Angola.

<sup>2</sup> Este vídeo, em forma de institucional comercial, tem a duração de apenas trinta (30) segundos e foi posto em circulação no dia 16 de dezembro de 2010. Encontra-se na disponível na página da TVCABO, e pode ser acessado pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=npPBfIKYX4E>. A TVCABO é marca pioneira na distribuição de dados e conteúdos por cabo no continente africano. Com sede em Luanda, sua construção no país data de 2002 e foi inaugurada a 10 de março de 2006. Em Angola conta com a participação de capital da Angola Telecom e do Grupo Visabeira atua nas áreas das telecomunicações e também usufrui do know-how tecnológico. É a única empresa que em Angola oferta serviços e disponibiliza conteúdos e dados (televisão, internet de banda larga e interativos de voz) por cabo do país com o sinal inteiramente digital. Acessado e capturado no dia 20 de maio de 2018.

<sup>3</sup> Este vídeo, em forma de institucional comercial, tem a duração de apenas trinta e um (31) segundos e foi posto em circulação no dia 16 de dezembro de 2010. O vídeo encontra-se no fluxo adiante no dia 22 de julho de 2015. O vídeo encontra-se disponível no Youtube através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=GdvmircIV2Q>, pertencente à empresa das telecomunicações Movitel, criada em 2003 como subsidiária da estatal Angola Telecom. Foi acessado e capturado no dia 22 de abril de 2018.

<sup>4</sup> Em forma de um institucional comercial do natal, o vídeo com a duração de trinta (30) segundo, foi produzido e postado nas redes sociais, na plataforma do Youtube, no 8 de dez. de 2015, pela UNITEL, através do link <https://www.youtube.com/channel/UCc3TUieTabjI0N7zyc3iNSg>. Foi acessado e capturado no dia 22 de dezembro de 2017.

<sup>5</sup> Por sua vez este vídeo de uma duração de um (1) minutos, foi produzido pela MOVICEL e está em circulação na internet a partir do dia 23 de outubro de 2013. Pode ser acessado através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=qY3naznlTrg>, de onde o capturamos no dia 24 de abril de 2018.

“Uso das TICs em Angola” (Jun, 2015)<sup>6</sup>; “O Projeto - Angola Online” (Nov., Angola, 2014)<sup>7</sup>e “PRIMEIRO DAILY VLOG #1” (Abr., 2016)<sup>8</sup>. A nosso ver, eles estabelecem uma tentativa de configuração transversal entre a sociedade dos meios e a sociedade em midiatização.

### 2.1.1.3 Esfera das Mídias 3

A terceira e última instituição, intitulada de Mídias 3, compreende três vídeos nomeadamente: “Jovens entram em pancadaria no Belas Shopping” (M2000aio, 2013)<sup>9</sup>; “A Megaoperação Policial” (Jan., 2012)<sup>10</sup>; e “Jornal Nacional Angola – Criminalidade” (Nov., 2012)<sup>11</sup>. Na seleção desses vídeos fomos pautados pelos critérios classificatórios estabelecidos pelos autores Yves Michaud (1989), Muniz Sodré (2002) Corsini (2004), Costa e Vale (1998), e Feshback citado por Ramirez (2001), acerca do que eles entendem como cenas de violência. Para os autores, cenas de violência são todas as ações dos indivíduos que, nas interações e disputas de interesses envolvem ou são acompanhadas de cenas de agressões físicas, como por exemplo: socos, chutes, bofetadas, pauladas, estaladas, mordidas, arranhaduras, machucados, queimaduras e puxões, uso de armas de fogo ou não para intimidar; cenas de agressões verbais, associadas ao uso de palavras humilhantes, pejorativas, vexatórias, xingamentos, críticas, sarcasmos, zombarias, ameaças para intimidar com armas de fogo ou

<sup>6</sup> O vídeo, de dois e cinquenta e sete (2:57) minutos, depois de ter passado pelo Angola Magazine, um programa televisiva da TPA ( televisão Pública de Angola), foi colocado no fluxo adiante no 8 de jun. de 2015, na página do Youtube do Novaangola, cuja missão é mostrar para os angolanos e ao mundo, os avanços e mudanças de um país em prosperidade nas áreas das telecomunicações entre outras. Encontra-se disponível na internet no link: <https://www.youtube.com/watch?v=00Gt6ABfJoI>. Foi acessado e capturado no dia 26 de fevereiro de 2018.

<sup>7</sup> O vídeo possui a duração de quatro minutos e cinquenta e nove (4:59) segundo, com o título “O projeto Angola Online, inscreve-se no quadro das políticas públicas do Governo angolano de disponibilizar internet gratuita nas ruas de Luanda, com o objetivo de promover a inclusão social e digital em Angola. Assim como o vídeo anterior, também este depois de ter sido matéria da pauta do programa televisivo “Angola Magazine da TPA, foi posto no fluxo adiante na página do Angola Monítor. O vídeo pode ser acessado através do link: [https://www.youtube.com/watch?v=nUe8\\_33XfvA](https://www.youtube.com/watch?v=nUe8_33XfvA). Acessado, selecionado e capturado no dia 30 de janeiro de 2018.

<sup>8</sup> Este vídeo tem a duração de nove e trinta e sete (9:37) minutos. Produzido por Adilson Manuel, um adolescente residente na cidade de Luanda, foi batizado pelo nome de “PRIMEIRO DAILY VLOG #1” e disponibilizado, desde o dia 19 de abril de 2016, no seu canal pessoal intitulado “Proibido Ver” e pode ser acessado através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=aPvn-bDebjs>. Foi acessado e capturado no dia 30 de fevereiro de 2018.

<sup>9</sup> Este vídeo de apenas um minuto e trinta e três (1:33) segundos, foi produzindo em maio de 2013 por um ator social anónimo e posto em circulação no seu canal. Neste mesmo ano foi capturado, tomado pauta do Jornal Nacional na TVZimbo, pode ser localizado através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=fU7ve14P69M>. O pesquisador o acesso no dia 23 de março de 2018.

<sup>10</sup> Este vídeo que por sua vez tem a duração de 3 minutos e 38 segundos, foi produzido em janeiro de 2012 pela TPA, exibido no Telejornal em cadeia nacional e posto em circulação no Youtube pode ser localizado através do link: <https://www.youtube.com/user/SamirBVKM>. Data de acesso, 23 de março de 2019.

<sup>11</sup> Em último lugar este vídeo com a duração de 3 minutos e 35 segundos foi produzido pela TPA em 2012, se encontra disponível no Youtube através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=AU2udMMWAD8>. Foi acessado pelo pesquisador no dia 23 de março de 2018.

arma branca; e por último, cenas de agressões emocionais ou simbólicas equivalentes à rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito, invasão de privacidade e punições.

Em uma leitura ainda leiga, estes remetem-nos a Verón (1985) e Fausto Neto (2016). E então, ancorados nesses autores intuímos a configuração de uma sociedade angolana atravessada por uma zona dos desequilíbrios, de processos assimétricos, de embates e confrontos de múltiplas afetações, à guisa do que ocorre no campo comunicacional, ao engendrar feixes de relações sociotécnico, tecnológicos, midiáticos e discursivos (FERREIRA 2007; FAUSTO NETO, 2008; BRAGA, 2011) entre os atores sociais. Assim, perseguindo esse raciocínio, as “Mídias 3” têm tido como marco fundante um ambiente híbrido, constituído pelas disrupções e pelas discontinuidades discursivas, por meio das implicações e atravessamentos contínuos das instâncias de produção e da recepção. Na visão de Castells (2003) esses atravessamentos contínuos e múltiplas afetações dariam origem também aos conglomerados, ou seja, às comunidades virtuais, definidas como conjunto de sujeitos que, via usos de aparatos técnicos e tecnológicos (dispositivos midiáticos), a apropriação das gramáticas e lógicas dos algoritmos da internet, permanecem em interação pelas das redes sociais. A expressão apropriação das gramáticas e lógicas dos algoritmos da internet sugere-nos a ideia de existência de sujeitos leitores e interpretantes dos signos e atribuem significados.

Assim sendo, no contexto de Angola, um país que sofreu os horrores da guerra civil, em uma investida empírica ensaística, questionamo-nos se as três esferas de vídeos não poderiam ser tomadas como objetos referenciais de um percurso metafórico e cronológico que, partindo da guerra, passaria pelos processos de pacificação, de abertura do mercado da produção e desembocaria no mercado de consumo dos bens da indústria cultural das TICs. Por outro lado, se as três esferas de vídeos, sendo que alguns deles foram postos no circuito ambiente pela Televisão Pública de Angola (Instituição Canônica), e outros por atores sociais anônimos (instituição não canônica), não nos remeteriam à sociedade dos fluxos interacionais que podem apresentar características desestabilizadoras dos sistemas tradicionais de comunicação.

Por último, se essas características desestabilizadoras não poderiam ser concebidas como metáforas de uma sociedade em anomia (DURKHEIM, 1999; 2000; MERTON, 2004). Se esta sociedade em anomia, por sua vez, não seria a representação social do conflito civil que Angola viveu durante décadas, ou convocando Oberg (1954), se poderíamos descrevê-la como sociedade em choque cultural. Mas em que consistiria esse choque cultural? Seria esse

choque cultural a metáfora de luta pelo reconhecimento nas esferas de produção, circulação e consumo dos bens da indústria cultural das novas tecnologias da informação e comunicação na sociedade angolana. Dessa forma, mais do que pesquisar sobre as causas da problemática de agressividade em si, por meio de metáforas, analogias e representações, a tônica recairia sobre as práticas interacionais dos sujeitos atravessados pelas lógicas dos dispositivos sociotécnicos, tecnológicos, simbólicos e semióticos (PERAYA, 1999; MEUNIER, 1999; CHARAUDEAU, 1997; AUMONT, 1995; RODRIGUES, 1994; MOUILLAUD, 1997; CARLON, 1999; FERREIRA, 2002), durante os processos de reconhecimento nas esferas de produção e do consumo dos bens da cultura midiática.

Nessa perspectiva retomamos a pergunta da pesquisa: as cenas de violência e agressividade, em circulação nas redes sociais (YouTube) que os adolescentes angolanos consomem, através dos dispositivos midiáticos, terão algum significado? Se sim, qual? Essa retomada justifica-se devido aos processos assimétricos e as descontinuidades discursivas, no âmbito dos processos comunicacionais. Tais processos assimétricos e descontinuidades discursivas, obrigam-nos a acionar e mobilizar campos, setores e práticas interacionais (BRAGA, 2014), cujos efeitos podem ser sociais, culturais, técnicos, cognitivos (SANTAELLA, 2007) e apresentar características metamórficas de alta complexidade. A nosso ver, essas características são percebidas e observadas durante a aplicação das entrevistas coletivas. Por essa angulação, objetivamos desenvolver um estudo, cujo foco é a influência interpessoal do entrevistado sobre o entrevistador e as interferências que o entrevistador pode exercer sobre as respostas e comportamento do entrevistado (GIL, 1994).

Além das limitações da técnica, do fato de que os efeitos que surgem nas interfaces dos processos sociais midiáticos não serem familiares e ou serem de consequência canhestra, investigar a problemática da circulação de agressividade constitui uma temática grave socialmente, por ferir a integridade física e psicológica dos indivíduos (FROMM, 1982; BOCK, 1997). Na linha do pensamento desses autores, assim ocorrem nos relatos dos professores e pais dos alunos do Colégio Nossa Senhora da Conceição em Benguela – Angola. Ressaltamos que os temas relacionados à agressividade, à violência e à economia constituem atualmente um fenômeno em curso em âmbito mundial, e que vem afetando os mais variados aspectos das relações sociais na escala global.

No contexto socio-histórico e cultural angolano, e pensando uma sociedade em vias de mediatização com o fim da guerra, abordar a problemática da circulação da agressividade torna-se triplamente difícil e complexo: primeiro devido aos efeitos dos conflitos civis; segundo, devido à problemática em si, e em terceiro lugar devido ao advento das novas

tecnologias de informação e comunicação. As novas mídias, segundo Silverstone (2002), com os seus recursos midiáticos transformam as relações das comunidades fragmentadas, permitindo inúmeras associações plurais de pertencimento, as comunidades virtuais. Por meio do uso da internet, dos dispositivos midiáticos e, sobretudo, das redes sociais, estas comunidades virtuais podem permitir aos sujeitos que se desloquem dos seus lugares tradicionais e as instituições estruturais da formação do indivíduo (Família, Igreja, Escola e Estado) percam os seus espaços na sociedade.

Assim, visando promover debates que nos permitam observar e descrever elementos categorizáveis sobre a circulação midiática de agressividade presente nas redes sociais, nos deteremos por enquanto nos vídeos da esfera das Mídias 3, por meio da constituição do Focus Group. Para mais tarde descrevermos e construirmos inferências indutivas, dedutivas e abduativas a partir dos indícios presentes nas três esferas das Mídias.

## 2.2 CONTEXTOS METODOLÓGICOS: O USO DOS “LÍRIOS DO CAMPO”<sup>12</sup> COMO TÉCNICA DE OBSERVAÇÃO DO OBJETO NAS PESQUISAS CIENTÍFICAS

Usamos a expressão “lírios do campo” como metáfora para nos aproximarmos do nosso objeto de pesquisa. Para o efeito passaremos a entendê-la como todo um conjunto de materiais, que segundo as teses formuladas de Günther (2006) e Paterson, Bottorff e Hewat (2003), nos podem ajudar na observação, descrição, levantamento de dados sobre o objeto de pesquisa em vista a constituição de inferências e formulação de hipótese visando à construção de um “nós epistemológico”<sup>13</sup>.

Assim sendo, em processo tentativo, nosso objetivo será, por meio de observação participante, perceber e descrever os indícios ou marcas, que nos permitem inferir e localizar quais passos estão sendo dados na sociedade angolana como forma de implementações e das articulações políticas, rumo ao desenvolvimento humano e social (VYGOTSKY, 1984; VALSINER, 1988; GÓES, 1991), sobretudo no sector das TICs.

---

<sup>12</sup> A expressão “os lírios do campo” remete-nos, em primeiro lugar, ao texto de Lucas 12,27-31, quando Jesus teria convidado os seus discípulos a viverem da providência divina. Ou seja, a observarem na natureza a força divina que sustenta a vida dos seres vivos. Em segundo lugar, metaforicamente falando, a expressão evoca e nos faz rebuscar os efeitos de um capitalismo selvagem e devastador, através do romance, de Érico Veríssimo, publicado em 1938, exercido pela produção dos bens da indústria cultural da informação e comunicação, cuja tessitura e arena de poder, perpassa os campos e as práticas sociais.

<sup>13</sup> Por meio da expressão “nós epistemológico”, entendemos o processo de construção do conhecimento que objetivamos, por meio de tensões e interações com as teorias já elaboradas nas interfaces entre os diferentes autores sobre o nosso objeto de pesquisa.

Destarte, no universo infindo de processos de interações sociais quanto aos desdobramentos dos usos e apropriações sociotécnica e tecnológica das (TICs) pelos sujeitos, o nosso campo de observação será constituído pelos relatos obtidos das entrevistas e discussões do Focus Group, constituídos pelos 80 adolescentes que consomem os conteúdos em circulação nas redes sociais (Youtube). Para o efeito, como disparadores para este processo tentativo, acionaremos alguns vídeos, produzidos por atores sociais angolanos e em circulação na internet.

Sob os aportes dos teóricos da Comunicação social, sobretudo na área de circulação midiática (VERÓN, 2001; BRAGA, 2012; FAUSTO NETO, 2013; GOMES, 2017; FERREIRA, 2007) esses materiais foram produzidos e postos em circulação nas redes sociais pelas instituições canônicas e não canônicas na plataforma do YouTube.

Portanto, os “lírios do campo” serão constituídos por um total de 11 vídeos, produzidos em Angola e postos em circulação pelas instituições oficiais e não oficiais. A nossa percepção inferencial, embora ainda genérica, é de que os resultados das entrevistas, discussões e das observações dos vídeos, assumidos como praticas discursivas dos sujeitos em um determinado contexto social, possibilitem a construção de teorias sobre o que surge das interações sociais frente ao mercado da produção, dos usos e consumo dos bens da indústria das novas TICs.

E então em meio a uma sociedade pós-guerra, como nos revela o contexto socio-histórico e cultural no qual se insere o objeto da pesquisa, encontramos um contraponto para a pertinência da investigação sobre a circulação midiática do fenômeno de agressividade em Angola. Metodologicamente falando, pretendemos desencadear um processo observacional e descritivo, cujos desdobramentos obedecerão a uma estrutura composta por três movimentos:

- a) o primeiro movimento será de observar e perceber os discursos dos adolescentes e os relatos institucionais, que possam servir de marcos de uma sociedade em integração na esfera de consumo dos bens da Indústria Cultural, das novas tecnologias de informação e comunicação (sociedade dos usos dos meios – contratação dos serviços de Telefonia Móvel, internet e TV à Cabo);
- b) o segundo movimento refere-se aos usos e apropriação dos dispositivos sociotécnicos-discursivos: “adeus ao amador” (atores sociais). Portanto, visando à verificação dos processos, dos desdobramentos das TICs e dos usos e apropriações das competências sociotécnicas nas interações sociais pelos sujeitos;
- c) o terceiro movimento, sem a pretensão de estabelecer uma relação de causalidade, corresponderia não só aos usos e apropriações das TICs, mas, e sobretudo, àquele



da circulação de práticas sociais, do fluxo adiante por meio das redes sociais. A partir desse movimento inferimos que talvez durante o processo da retroalimentação, dos fluxos adiante, ocorram defasagens e disrupções de práticas sociais dependendo dos contextos socio-históricos e culturais dos sujeitos envolvidos (atores sociais, produtores e consumidores dos bens da cultura midiática).

Elucidados por Hartmut Günther (2006, p.201), entendemos que tanto “os documentos, os diários, os vídeos como as gravações podem ser usadas como um conjunto de material e de meios de registros observáveis acerca de comportamentos, manifestações e das subjetividades humanas. Dando sequência, o autor, justifica a escolha e seleção desses materiais como uma estratégia de observação para “analisar comportamentos descontextualizados, comportamentos simultâneos e comportamentos não-verbais, que são difíceis de observar e analisar em tempo real”. Desse modo, reduzem possíveis distorções na análise. O uso de vídeo também pode ser indicado para estudos nos quais o objeto é fruto de relações humanas complexas – comportamentos individuais e grupais, o ambiente, a linguagem não-verbal, entre outros aspectos – cuja observação e análise não seriam possíveis por um único observador e/ou a possibilidade de rever o fenômeno, atentando para diferentes aspectos, o que traz maior confiabilidade para a discussão (PINHEIRO *et al.*, 2005). Para os autores, a escolha e o uso de vídeos como método de observação participante deve considerar, entre outros aspectos, as características pessoais e habilidades do pesquisador, a indicação para determinadas questões de pesquisa, o tempo para a realização da mesma, os equipamentos e habilidades técnicas dos operadores dos mesmos, as questões éticas relacionadas.

Em nosso entendimento preliminar, inferimos que, considerando os possíveis choques interacionais entre os desdobramentos dos acontecimentos socio-históricos e culturais das sociedades tradicionais e a cultura midiática, esses vídeos podem conter marcas que nos ofereçam indícios sobre a forma como ocorrem os protocolos, as lógicas da produção e de consumo dos bens da indústria da cultura em Angola. Nesse contexto, destacando-se a circulação da problemática da agressividade entre os adolescentes imersos na ambiência da midiática. Dessa maneira, a seleção dos vídeos obedeceu aos seguintes critérios: contextos de produção; sujeitos consumidores; características específicas do conteúdo em circulação; plataforma em que acontece a circulação na internet; e esferas das instituições ofertantes (privadas ou públicas).

Para além dessa justificativa, convém informar também que escolhemos os vídeos em função da inexistência, no contexto angolano, de abordagens que pudessem servir de referências bibliográficas ao estudo do tema. Portanto, o nosso intuito é de suprir esta lacuna epistemológica em Angola. E para tanto, julgamos que a observação participante dos vídeos em circulação nas redes sociais em Angola, sobretudo na plataforma do Youtube, pode constituir uma fonte alternativa capaz de fornecer pistas emergentes sobre como e o porquê este fenômeno ocorre entre os adolescentes. A partir da apropriação de metáforas e representações, em um processo ainda incipiente, visamos, por meio dos vídeos, à obtenção de marcas que nos permitirão instaurar uma leitura contratual, inferencial e interpretativa dos signos, acerca dos usos dos dispositivos midiáticos e no consumo dos bens da indústria cultural e da circulação da agressividade entre os adolescentes angolanos.

Em uma leitura contratual, inferencial e interpretativa dos signos, julgamos que pode ser um grande desafio, sobretudo se considerarmos a problemática do tema da investigação científica, a circulação da agressividade em adolescentes, enquadrada no campo de comunicação social, sob a perspectiva da mediatização. Até porque, conforme Verón (1978), na ambiência midiática é possível observar a transferência de signos entre A e B (emissor e receptor), e entre as condições de produção e de reconhecimento de um determinado conjunto significativo não há coincidência. Ainda segundo o autor (1985, p.102), a presença das manifestações sociotecnológico-discursivas aumenta a distância entre produção e recepção e, ao mesmo tempo, “confirmam a defasagem, esta descontinuidade entre análise em produção e análise em recepção, bem como a importância de esforços destinados para os articular”.

Segundo Fausto Neto (2013, p. 64), isso implica perseguirmos um processo comunicacional “atravessado por uma assimetria constitutiva e irreversível, entre P/R (Produção/Recepção)”. Ou seja, estamos, portanto, transitando entre aquele território em que “os sentidos se enunciariam a partir de uma dinâmica caracterizada mais por indeterminações do que convergências”. Esse território pode ser definido como a zona híbrida, obscura, de embates conflitivos e divergentes de transferência de signos entre E/R<sup>14</sup>, P/C<sup>15</sup>. Relendo Verón (1985), Fausto Neto (2013, p. 64) afirma que essa zona corresponderia a um modelo constitutivo de circulação, no qual “os signos são transformados em sentidos, ao passar por um trabalho de dois circuitos produtivos (E/R, P/C) que operam segundo lógicas e condições distintas, cujos efeitos não seriam conhecidos previamente e nem se efetivariam, unilateralmente”, mas no âmbito de feixes de relações sociodiscursivas entre os dois níveis.

---

<sup>14</sup> Emissor/Receptor

<sup>15</sup> Produção/Reconhecimento

Esses feixes de relações desajustados e desconhecidos entre E/R, P/R constituem o marco indiciário do trabalho do observador. Assim, para Verón (1991, p 18) o trabalho deve abordar os processos que envolvem “a produção do discurso e a sua recepção”, uma vez que “a análise em produção e em recepção não coincide jamais”.

Dando continuidade, o autor ao fazer críticas ao esquema tradicional de comunicação, (produção – recepção), diz que “um discurso não determina apenas um efeito, mas um campo de efeitos”. E estes, por sua vez, dependem também das distinções das gramáticas, enquanto “regras sobre a produção de um discurso (gramática de produção) e aquelas (gramática de reconhecimento) que visam determinar as condições sobre as quais um discurso é susceptível de produzir efeitos”. (VERÓN, 1991, p.180).

Sob essa perspectiva, inferimos que os estudos sobre indivíduos, considerando os polos Estímulo/Resposta ou Percepção/Recepção, nos permite pensar nas relações que eles estabelecem entre si em suas práticas. E, portanto, adotemos uma postura epistemológica que vise não à homogeneização e uniformização, mas ao que provém das interfaces, os vínculos construídos entre “produção-reconhecimento”, entre “produtores e receptores”. (VERÓN; BOUTAUD, 2007, p.170). Eis, por assim dizer, o ponto fulcral das zonas obscuras, das divergências e, principalmente, da complexidade no estudo das relações entre P/R, das práticas sociais, e que nos apontam modos diferentes de ver a recepção na perspectiva dos “múltiplos mercados discursivos, que circulam na sociedade através dos meios”. (VERÓN, 1998, p.95). E é nesse contexto que também deve emergir o conceito de “contrato de leitura”, defendido por Fausto Neto (2007), que une no tempo uma mídia e os seus consumidores, cujo objetivo, seria para Verón (2004) identificar e a descrever as “maneiras de dizer”.

Portanto, em meio a esse emaranhado de feixes divergentes e complexos, no contexto da midiáticação, o nosso foco é desenvolver uma metodologia que nos permita compreender as pluralidades dos contratos de leituras, as interpretações, as gramáticas de produção e de reconhecimento (GP e GR) na sociedade angolana. Entendemos que a compreensão dessas pluralidades apenas seja possível, considerando os resultados dos estudos empíricos sobre a circulação discursiva, feitos por Verón (2007). E, então infirmos que o primeiro passo a fazer seja afastarmo-nos do processo linear e investir no processo da não linearidade do processo comunicativo. Para o efeito, representamos esse processo por meio do seguinte diagrama:

Gráfico 1 – Esquema do diagrama da circulação de sentido produção/recepção



Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em Verón (2007, p. 169).

Nessa ótica, enquanto pesquisadores optamos pelo diagrama esquemático traçado por Verón (2013, p. 205), porque vemos nele a possibilidade a aquisição de um modelo que o observador deve seguir, para dar conta das complexas problemáticas no estudo do Discurso e do Objeto (DO). E para tanto, ao observador caberá a tarefa de:

Desentranhar (reconstruir) as operações das quais o DO somente mostra traços. Ainda que somente lhe interesse uma vinculação, dificilmente uma investigação poderá abarcar todos os seus aspectos. Na maioria dos casos, reconstruímos apenas pequenos fragmentos de uma vinculação.

Por fim, Fausto Neto (2016, p.72), estudioso e contemporâneo deste, é do parecer de que os efeitos sobre a questão metodológica na investigação da circulação discursiva de Verón (2013), possam ser observados e sintetizados em três momentos: a) a singularidade do modelo, à luz do contexto (da midiática) atual; b) o reconhecimento de que a questão do desajuste entre P/R se torna mais complexo, uma vez que “o esquema da defasagem produção/reconhecimento pressupõe que ambos os polos da circulação estão operando lógicas qualitativamente diferentes [...] que nunca as discuti de maneira direta”; e c) interroga o “[...] que são estas lógicas? [...] de onde provêm? [...] por que são diferentes?”. (VERÓN, 2013, p.294-295).

Por sua vez, Gomes (2016, p. 16), em meio aos desafios epistemológicos das gramáticas da circulação discursivas, diferentemente de Verón (2013) e de Fausto Neto (2016), propõe um mapa sistêmico interacional entre as instâncias midiáticas, os processos socioculturais e os processos de significação. Para o autor, os desdobramentos dos processos sociais na sua dinâmica comunicacional teriam como chave de leitura a “relação entre o contado e o resultado”. Sob a perspectiva de Gomes (2016), eles constituem “o marco dos processos midiáticos”, e que na interação permitem a construção do sentido social levada a cabo por indivíduos e sociedades por meio dos dispositivos enunciativos da informação. Percebemos, aqui, que o autor alude a um processo de significação e de sentido social, que no

âmbito da circulação requer e/ou apela pela construção do discurso nas suas diversas configurações – tanto construções verbais como não verbais (por imagens, gestos e ações).

Assim, no quadro da circulação midiática a mídia cria para nós inúmeras possibilidades sociais de escolher determinados conceitos, imagens e gestos com os quais elabora um processo enunciativo, estes permitem a comunicação com e para a sociedade e desenvolve “uma dinâmica de processos socioculturais”. Dessa maneira, Gomes (2016, p. 16) explica que as relações, as inter-relações, as correlações, as conexões e as interconexões “acontecem num movimento de dupla mão entre os três polos dos processos midiáticos” (a mídia, os processos de significação e os processos socioculturais).

Portanto, na tentativa metodológica de superar as zonas obscuras e divergências, trazemos Charles Sanders Peirce (-1839 +1914), leitor assíduo dos semioticistas escolásticos, sobretudo apoiado nas categorias aristotélicas e kantianas em três modos de “ser” e de “aparecer”. Sob a visão semiótica, o autor propõe e apresenta o signo numa dimensão triádica, sendo seus constituintes: 1) signo; 2) objeto; 3) interpretante, mas numa correlação entre as três. O autor explica que, entre signo-interpretante e interpretante-objeto, as relações são causais. Porém, entre signo e objeto não há relação de pertinência, porque arbitrária. O signo não pertence ao objeto e nem este ao signo, mas cabe ao interpretante o papel orquestrador da relação inexistente entre o signo e objeto.

Para o autor, a palavra signo abrange uma dimensão bastante elástica, podendo ser uma palavra, uma ação, um pensamento ou qualquer coisa que admita um interpretante, com o qual mantém uma relação de duplo termo. O surgimento do signo torna-se possível por causa e a partir de um interpretante, ou seja, sobretudo na sua correlação entre o representamen que corresponde a “Primeridade”, o objeto que equivale a “Segundidade” e o interpretante que se refere à “Terceiridade”. A partir daqui, podemos inferir que sempre que houver a correlação triádica, ela tenha como objetivo responder às relações de espontaneidade ou potencialidade: existência ou facticidade; generalidade ou convencionalidade, sendo que a terceira relação implica a segunda que, por sua vez, apela pela primeira. Dito de outra forma, como categoria lógica, ambos (primeiridade e segundidade) incluem-se na terceiridade.

Na tentativa de definir o que seja o signo, laconicamente Peirce (2003) considera que o signo é aquilo que, sob determinado aspecto, representa alguma coisa para alguém, criando em sua mente um signo equivalente. Nessa operação é gerado o interpretante. Aquilo que o signo representa é denominado seu objeto e a representação caracteriza-se pela relação entre o signo e o objeto. Representar é estar no lugar de outro, de tal forma que, para uma mente interpretante, o signo é tratado como sendo o próprio objeto, em determinados aspectos.

Portanto, tudo indica que, para Peirce, o termo representação envolve necessariamente uma relação triádica, que é um esquema do processo contínuo de geração dos signos. O processo representativo se define pelas relações imbricadas que se estabelecem entre signo-objeto-interpretante, nas quais os termos atuam determinando ou sendo determinados pelos outros elementos da tríade.

Lúcia Santaella (2002, p. 112), imersa na semiótica proposta por Peirce (processo de ação do signo), mais concretamente a partir da fenomenologia e objetivando o estudo da Primeiridade, de Segundidade e Terceiridade, afirma que todo o trabalho de investigação de qualquer espécie que for nasce de uma constatação de um fenômeno:

Toda investigação de qualquer espécie que seja, nasce da observação de algum fenômeno surpreendente, de alguma experiência que frustra uma expectativa ou rompe com um hábito de expectativa. Quando um hábito de pensamento ou crença é rompido, o objetivo é se chegar a um outro hábito ou crença que se prove estável, quer dizer, que evite a surpresa e que estabeleça um novo hábito. Essa atividade de passagem da dúvida à crença, de resolução de uma dúvida genuína e, conseqüentemente, estabelecimento de um hábito estável é o que Pierce chamou de investigação.

Ferreira (2016, p. 203) observa potencialidades, no diagrama do signo proposto por Peirce, que funcionam como referências básicas para se entender não só o pensamento, mas também conferir à ciência e ao adjetivo científico uma significação de grande abrangência que se complexifica mais no âmbito da circulação midiática. Para o autor, a midiatização revela as diferenciações dos processos de significação. Nesse sentido, a semiose pode funcionar como uma “infraestrutura do processo de significação” que pode levar a defasagens por meio de uma “parafernália superestrutural – constituindo uma cultura específica”. Como exemplo das defasagens, o pesquisador cita a superestrutura, analisada por Verón (2007, p.4) ao dizer: “a interação discursiva conforme o modelo canônico, em que atores, instituições midiatizadas e instituições midiáticas estão em interação”.

Dando sequência, no contexto da pesquisa que escolhe como marco epistemológico a midiatização, além da interação discursiva há que considerar outras infraestruturas, tais como os contextos, as culturas, as normas e os valores, os códigos, a língua, a técnica e a tecnologia. Porém, levantamos uma questão: como essa superestrutura regula, resolve, problematiza, soluciona e esquadrinha a interação discursiva, se na sua gênese histórico-social a semiose é um processo de diferenciação, em termos de significação individual e social? Como forma de solucionar este dilema, na sua visão, Ferreira (2016) apresenta uma possibilidade. O autor instaura uma tensão entre a potência da diferenciação (bio-psico-socio-histórica) e a

capacidade social de realizar as trocas de forma cooperativa, colaborativa ou ritualística e hierárquica por tratar-se do processo semelhante ao que Jean Piaget (1973) chamou de processo de significação biológico, psicológico e social. Assim, nas interfaces entre os campos da Comunicação Social (mídiação), da Psicologia e da Semiótica peirceana, tudo indica que o processo de significação social não exista por si só, sendo compreendido como um processo de diferenciação de operações que mobiliza ícones, índices e símbolos sociais. Ele passaria pelos sistemas de inteligibilidade (cognição, percepções, intuições etc.) da espécie, que constroem normas, valores e discursos que regulariam a diferenciação.

Portanto, no quadro de uma diferenciação genética construída socialmente, não só pelo processo de significação, mas também pelos sistemas de inteligibilidade da ambiência da circulação midiática, estudar o fenômeno da circulação da agressividade entre adolescentes, talvez apenas seja possível adotando os desdobramentos que, impreterivelmente, assumam a metodologia de idas e vindas defendida por Braga (2012). Tudo indica não haver, nas interações discursivas, uma relação de generalidade, convencionalidade ou lei que não suponha um universo de existentes ou de fatos; como também as correlações parecem não se estabelecerem caso não houver potência significativa que lhes confira realidade. Apenas por meio de metáforas e representações podemos emitir juízos sobre os processos implicados na construção de inferências, a respeito dessa realidade que Pierce chamou de signo inalienavelmente social.

### **2.2.1 O uso da observação como técnica de uma pesquisa científica**

A observação como técnica de investigação científica pode configurar-se como um elemento fundamental para a pesquisa, na medida em que a partir dela é possível delinear as etapas de um estudo: formular o problema, construir hipóteses, definir as variáveis, coletar dados e analisá-los cientificamente. Gil (1999), Rúdio (2002), Sommer e Sommer (2002), Spata (2003) concordam em afirmar que a observação é a aplicação dos sentidos humanos para obter determinada informação sobre aspectos da realidade. Para eles, o termo observação possui um sentido mais amplo. Não se trata apenas de ver, mas também de examinar, sendo um dos meios mais frequentes para conhecer pessoas, coisas, acontecimentos e fenômenos. Uma das vantagens do método da observação é, segundo Sommer e Sommer (2002), caso realizado de forma discreta e no mundo real, os comportamentos observados dos usuários, pois serão mais espontâneos e naturais do que se forem realizados em laboratórios ou ambientes controlados.

A observação pode ser utilizada como uma etapa para complementar outros procedimentos investigativos. Como técnica de investigação, ela pode permitir ainda a detecção e obtenção de informações por vezes não apreendidas por outros métodos. Porém, para a obtenção e detecção dos melhores resultados, é necessário um rigor específico que a diferencie da observação comum, informal. É o que se denomina de observação científica. Para que se alcance o efeito desejado, é necessário que o observador tenha em mente os objetivos específicos e o problema de sua pesquisa com base ou amparado pelos “contextos sociais”, bem como a influência dos mesmos sobre as relações humanas (CANO; SAMPAIO, 2007). Para evitar as influências e as possíveis contaminações ocasionadas pelo conhecimento e crenças do pesquisador que podem gerar desvios, recomenda-se que as observações sejam gravadas. Embora os autores estejam cientes de que outros métodos também possam gerar desvios, eles reconhecem a gravação como umas das formas de resguardar a fidedignidade dos dados.

De qualquer forma, uma das debilidades dessa técnica é não se ter como afirmar nem como negar que o conhecimento prévio do pesquisador influencia os casos escolhidos para serem observados. Ou seja, o conhecimento tácito do pesquisador pode ou não afetar as observações que serão registradas em anotações de campo, sejam elas gravadas ou escritas em diários. Como forma de reafirmação acerca da rigorosidade do método, Lüdke e André (1986, p. 25) afirmam que, “para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador”. É por meio desse preparo que a ação do observador deverá responder de maneira satisfatória a particularidades de algumas questões de pesquisa e, igualmente, apresentar algumas características específicas, como: possibilidade de coleta de dados durante longos períodos; coletar as informações de maneira discreta e reservada, a fim de evitar que as respostas sejam inverídicas; coletar informações que possibilitem uma predição do fenômeno e produzir dados que possam ser aplicados em larga escala, ou seja, em vez de trazer regularidades de uma característica para generalização, deve ser passível de, se necessário, comparar com diversos outros casos (BECHKER, 1972).

Segundo Lakatos e Marconi (1992), a técnica de observação pode ser aplicada direta ou indiretamente. Ela consiste em ver, ouvir, extrair e examinar os fatos ou fenômenos e aspectos da realidade que se deseja estudar. Num tom classificatório, essa técnica apresenta três categorias:



### 2.2.1.1 A observação simples ou não participante

Neste tipo de observação o pesquisador permanece alheio à comunidade, ao grupo ou à situação que pretende estudar, observando de maneira espontânea os fatos que ocorrem. Mais do que participante, (ator) o pesquisador assume o papel de um espectador (GIL, 2006). Ela pode ser considerada como espontânea, informal e não planejada, mas exige controle na obtenção dos dados. Conta com o processo de análise e de interpretação, o que lhe dá sistematização e controle requeridos nos procedimentos científicos. Ela é muito mais pertinente quando dirigida ao conhecimento de fatos ou de situações que tenham caráter público. É também apropriada para o estudo das condutas mais manifestadas das pessoas na vida social: hábitos de compra, de vestuário, de frequência a lugares públicos. Ela é também indicada para os estudos qualitativos de caráter exploratório. O registro é feito mediante diários ou cadernos de notas. O momento mais adequado de registro é o da própria ocorrência do fenômeno, mas em algumas situações isso se torna inviável. Podem também ser utilizados gravadores, câmeras fotográficas, filmadoras, dentre outros. Os itens que devem ser considerados na observação simples são:

- a) sujeitos: quem são os participantes, quantos são como se relacionam entre si;
- b) cenário: onde as pessoas se situam quais as características do local, com que sistema social pode ser identificado;
- c) comportamento social: o que realmente ocorre em termos sociais, o que os sujeitos fazem, com quem e com que o fazem.

### 2.2.1.2 A observação sistemática ou aplicada

A observação sistemática permite a produção de dados quantitativos. Bortoli e Teixeira (1984), Cano e Sampaio (2007), Belei *et al.* (2008), reiteram que podemos dizer que o pesquisador deverá escolher previamente o fenômeno a ser estudado e o foco exato que irá seguir para a análise, além de elaborar um plano com as categorias de análise necessárias, construir objetivos prévios à pesquisa e realizar uma observação controlada. Ainda na visão desses autores, este tipo de observação é utilizado em pesquisas que têm como objetivo a descrição precisa dos fenômenos ou o teste de hipóteses. Pode ocorrer em situações de campo ou de laboratório. Antes da coleta de dados, o pesquisador elabora, por meio de um estudo exploratório, um plano dirigido de estudo específico com instrumentos bem construídos que

possibilitem a organização e registro das informações, implicando em estabelecer antecipadamente as categorias necessárias à análise da situação.

### 2.2.1.3 A observação participante

A observação participante, oriunda do campo da etnografia e mais tarde utilizada pelos sociólogos, é interpretada e utilizada de várias maneiras por diversos pesquisadores (PATERSON; BOTTORFF; HEWAT, 2003). Ela possibilita ao pesquisador e aos participantes desenvolver relacionamento e confiança, necessários para os participantes revelarem "os bastidores das realidades" de sua experiência, que geralmente são escondidos aos estranhos. Aqui, o observador torna-se parte da situação a observar. O pesquisador inserido no meio serve-se das anotações que toma no campo acerca do comportamento quer verbal e quer não verbal dos participantes, de seu meio ambiente, de imagens, dos áudios e vídeos disponíveis (MOREIRA, 2002). Ela consiste na participação real do pesquisador na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. O observador assume, até certo ponto, o papel de membro do grupo.

Nessa perspectiva, podemos dizer que esse método permite a geração de hipóteses que, uma vez confrontadas com o problema investigado, possibilitam conhecer o fenômeno observado a partir de seu interior. Introduzida pelos antropólogos no estudo das chamadas "sociedades primitivas", ela pode ser de duas formas: natural, quando o observador é parte do grupo que investiga; artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar a investigação (LAKATOS; MARCONI, 1992). No primeiro caso, por vezes, podem ser percebidos pontos do fenômeno que não seriam evidenciados fora do campo natural, o que pode ser uma condição favorável à validação externa. Assim, cada pesquisador, tomando cuidados e atenção para não tornar sua pesquisa tendenciosa, deverá decidir se revelará ou não que está observando o grupo.

Estruturalmente, quando se fala da observação como método científico, Reyna (2005), Bellei *et al.* (2008) reconhecem e descrevem cinco componentes indispensáveis para a coleta e tratamento de dados:

- a) o objeto de observação;
- b) o sujeito de observação
- c) as condições de observação;
- d) os meios de observação;

- e) o sistema de conhecimentos a partir do qual se formula o objetivo da observação. Ainda na visão desses autores, este tipo de observação pode ser aplicado no lugar aonde o fenômeno naturalmente ocorre ou em laboratório.

Devido à complexidade do nosso tema e do objeto que escolhemos para o nosso estudo, julgamos por bem fazer uso do método da observação participante. Isso se justifica pelo fato de, nos últimos anos, ser o mais utilizado pelos pesquisadores na coleta de dados, tanto sobre as características dos participantes que não são facilmente acessíveis por meio de outros métodos, quanto pela identificação dos resultados de práticas específicas, e documentação dos processos fisiológicos e psicológicos (PATERSON; BOTTORFF; HEWAT, 2003). A utilização desse método torna possível coletar informações sobre a forma como os adolescentes reproduzem, representam e se representam em suas práticas na nova ambiência criada pelos processos sociais da midiatização. Ou seja, ter acesso aos dados potencialmente importantes e úteis da sociedade angolana. Por outro lado, estamos convictos de que encontraremos dificuldades nas análises e interpretação dos dados por tratar-se de uma situação de complexidade acentuadamente grande. Agrava o fato de que a presença do pesquisador como observador participante pode fazer perder a objetividade e influenciar ou viciar o material observado e os dados coletados.

Eis que surgem perguntas: como definir o observável (material) e o que nele deve ser observado? Que métodos devem ser adotados para se observar o observável? Para responder a estas perguntas, partimos do pressuposto de que os materiais e as situações que interessam a uma pesquisa inserida no campo da Comunicação, sobretudo em midiatização e processos sociais, podem ser complexos e abrangentes por razões que lhes são próprias. Assim, podemos concluir que envolvam relações de matriz contextuais múltiplas. Consequentemente, nossa premissa fundante é que apenas com uma problematização elaborada, uma definição dos objetivos da pesquisa bem precisa e concisa, a formulação das hipóteses norteadoras sobre os ângulos preferenciais dos objetos e sobre os contextos pertinentes, seja possível determinar a tomada de decisão pelo material a ser observado e o que observar nesse mesmo material. Para tanto, a entrevista é uma técnica que possa nos auxiliar na recolha de dados.

### **2.2.2 O uso da entrevista como técnica de recolha de dados na pesquisa científica**

Portanto, na qualidade de pesquisador participante, usaremos da mesma língua, deixando de lado momentaneamente o nosso capital cultural para que ambos, pesquisador e pesquisado possamos estabelecer uma relação dialógica, quebrando a possível violência

simbólica que pode ser exercida por meio do lugar de fala de cada um. Para o efeito, enquanto pesquisadores, durante a entrevista procuraremos estar atentos e prontos a enviar sinais de entendimento e de estímulo, com gestos, acenos de cabeça, olhares e também sinais verbais, como de agradecimento, de incentivo. O nosso objetivo com essa postura é proporcionar ao pesquisado bem-estar para que ele possa falar sem constrangimento de sua vida e de seus problemas para obtermos discursos extraordinários a respeito das suas práticas, dentro de um clima natural, livre e descontraído. Em uma sequência conversacional e do pensamento lógico, suscitaremos que as perguntas funcionarão como disparadores, ativando a memória dos entrevistados, o que poderá ajudar na recolha dos dados objetivados.

Fazendo recurso aos desdobramentos discursivos de Gil (1999), diremos que o uso e a apropriação da entrevista como instrumento de coleta de dados nesta pesquisa configuram-se como um patenteamento da investigação numa das mais flexíveis técnicas de que dispõem as ciências sociais e humanas na atualidade. Originariamente o termo entrevista parece ser construído a partir de duas palavras, ‘entre’ e ‘vista’ que na visão de Roberto Jarry Richardson (1999, p. 207) cujo significado e interpretação consistiriam no seguinte: “‘vista’ refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo e ‘entre’ indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas”. O termo entrevista referindo-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas, passa a ser vista como aquela técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. As entrevistas podem ser categorizadas de acordo com o seu grau de estruturação que é definida pelo rigor no vocabulário das palavras usadas, nas questões e na determinação da ordem das perguntas.

#### 2.2.2.1 A classificação das entrevistas na pesquisa de campo

Na perspectiva de Gil (1999), as entrevistas podem ser classificadas em:

- a) entrevistas informais: este tipo de entrevistas apresenta-se a menos estruturada possível, e só se distinguem da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados. É recomendado nos estudos exploratórios que visam a abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer visão aproximativa do problema pesquisado;
- b) entrevistas focalizadas: são aquelas entrevistas focalizadas, são tão livres quanto as anteriores, todavia, enfocam um tema bem específico, quando ao entrevistado é permitido falar livremente sobre o assunto, mas com o esforço do entrevistador

para retomar o mesmo foco quando ele começa a desviar-se. É bastante empregado em situações experimentais, com o objetivo de explorar a fundo alguma experiência vivida em condições precisas. Também é bastante utilizada com grupos de pessoas que passaram por uma experiência específica, como assistir a um filme, presenciar um acidente etc.;

- c) entrevistas por pautas: apresentam certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente, à medida que reporta às pautas assinaladas;
- d) entrevistas estruturadas ou formalizadas: elas se desenvolvem a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados que, geralmente, são em grande número. Nesse sentido elas possibilitam o tratamento quantitativo dos dados facilitando o desenvolvimento e o levantamento dos fenômenos sociais visto que, segundo Gil, (1999), seja mais fácil deixar de responder a um questionário do que negar-se a ser entrevistado. Por outro lado, oferece maior flexibilidade ao fazer, sendo que o entrevistador possa esclarecer o significado das perguntas e adaptá-las às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista. Ao entrevistador é oportunizada a chance da captação de expressões corporais, das tonalidades de voz e ênfase nas respostas na medida em que ocorre o processo da aplicação das entrevistas. Além disso, esse tipo de técnica é bastante aplicado nas ciências sociais: primeiro por não exigir uma exaustiva preparação dos pesquisadores, e em segundo lugar por oferecer a coleta de dados com maior rapidez e brevidade de tempo.

Dentre os quatro modelos classificatórios de entrevistas, julgamos o tipo de entrevista estruturada e formalizada como a que mais corresponde às demandas na recolha dos dados que visamos em nossa pesquisa. Porém, devido à falta de um rigor metodológico universal na constituição das perguntas para a elaboração das entrevistas, achamos por bem seguir as orientações traçadas por Bourdieu (1999). Para o autor o pesquisador não necessita seguir um método só com rigidez, mas qualquer método ou conjunto de métodos. Para ele, o importante é que qualquer método que for utilizado deve ser aplicado com rigor.

Nesta pesquisa conceberemos a entrevista como parte de um processo relacional e circular onde, proeminentemente, o entrevistado exerce um papel de agente ativo no acontecer da interação e responsável por sua modelagem. Quer dizer, os indivíduos envolvidos no

processo da entrevista (entrevistador e entrevistados) estarão imbuídos em jogo interacional de trocas simbólicas. Por sua natureza, exige de ambos um leque de conhecimento sobre modos de fazer e agir com o outro, através de intercâmbios ricos em gestos simbólicos que, por sua vez, transcendem a instância verbal, encadeando as ações uns dos outros e atualizando constantemente as condutas habitualmente assumidas. Seja em contatos pretensamente dialógicos ou não, em situações mediadas ou faceaface, a técnica da entrevista propõe que as nuances da experiência social (individual e coletiva) exerçam fundamental função nos modos disponíveis de “fazer com e do como fazer” desses sujeitos.

É sobre este “fazer com e o como fazer” que, epistemologicamente amparados pelos aportes da midiatização e dos processos sociais, incidirá o nosso esforço metodológico. Mas julgamos de capital importância apelar por algumas das reflexões realizadas pelos dois autores tais como Edgar Morin (1973) e Cremilda Medina (1995). Detendo-nos sobre as reflexões desses autores, observamos consistentes contribuições que nos podem auxiliar na compreensão das configurações tipológicas das entrevistas, principalmente no diz respeito às interações existentes entre o entrevistador e o entrevistado. No texto intitulado “a entrevista nas ciências sociais e na radiotelevisã”, Morin (1973) é do parecer de que na entrevista, diferentemente das conversas cotidianas, o foco aparentemente principal é o conteúdo informativo da fala do ator social entrevistado. Porém, em diversas situações, tanto no domínio das Ciências Humanas quanto no das interações efetivadas nos meios de comunicação de massa, a interação transcende as bordas do propósito inicial, se estendendo rumo a um interesse pela relação psicoafetiva em si. Este processo, julgamos estar associado ao fato de que, embora o roteiro da entrevista seja pautado por interesses profissionais, ele não deixa de integrar a comunicação humana, que evidentemente transcende em muito a mera transmissão maquinal de informações. Nessa ambiência a entrevista pode ser concebida como ponto de contato, como um fator e pulsão de socialização que agrega indivíduos isolados para uma forma de estar com o outro. Trata-se daquele encontro em que os dois “eus” (eu do entrevistador e do entrevistado) vivenciam a satisfação; onde, ainda que num instante sociável, ocorre o desvencilhamento “das realidades da vida social e do mero processo de socialização como valor e como felicidade”. (SIMMEL, 2006, p.64).

No contexto da sociedade angolana, a reflexão de Morin (1973), sobretudo no capítulo sobre “A entrevista na radio-televisão e no cinema”, instiga-nos enquanto entrevistador a criar e provocar situações que estimulem o entrevistado (sem esquecer-se de escutá-lo) a sair de si mesmo numa ação dialética libertadora. Pois se trata de um país dilacerado pela guerra civil, por trocas incipientes de significado simbólico, com mediadores limitados por pressões

políticas, econômicas e financeiras. Ou seja, concentrados no lócus da comunicação de massa e demandando uma trilha promissora para o florescimento de uma sociedade mais disposta ao reconhecimento da alteridade, Morin (1973, p.13) impulsiona-nos a voltar o nosso olhar epistemológico às “entrevistas-rito” e aquela “anedótica”, e às entrevistas “dialógicas” e “neoconfissões” visando “desmanchar a comédia, rasgar a máscara, arrancar o entrevistado da sua reserva, forçá-lo nas suas trincheiras, ora, pelo contrário, deixá-lo falar e calar-se”.

Observamos nos dois primeiros tipos o esvaziamento de significados. Esses tipos de entrevistas parecem estar associados apenas à ilustração de um tema ou como motivo de chiste. Já os segundos tipos de entrevistas criariam predisposições que permitem que os dois “eus” (entrevistador e entrevistado) cedam espaço para um encontro significativo, em que, no extremo, capta-se uma confissão dotada de uma inigualável profundidade.

Objetivando dar novas configurações do fazer jornalístico contemporâneo, Medina (1995) encontra nas divisões elaboradas por Morin (1973) uma forma de expandir suas definições em subclassificações. Ela percebe na classificação do autor a existência de uma possível interação dialógica, e também fonte alternativa que obriga o repórter às zonas de confortos no seu fazer jornalístico modelados pela pauta e pelo timing profissional. E então, sem ignorar as determinações do habitus jornalístico, mas abandonando o autoritarismo e reconhecendo no entrevistado o “eu” do outro prenhe de potencialidades dialógicas, ansioso em aflorar os comportamentos, os valores e sedento da concretização do perfil humanizado que visa à comunicação intersubjetiva e coletiva.

Nos meandros do mapa traçado por Morin (1973) e Medina (1995) atualiza a sua tipologia e acresce aos dois gêneros globais de entrevistas, “entrevistas-rito”, que para ela corresponderiam a “espetacularização”, e as “entrevistas-diálogo”, e a “neocofissional” que estariam no nível de aprofundamento. Portanto, tudo indica que se trata de linhas menores que esquadrinham os perfis construídos na entrevista: numa ponta, os pitorescos, inusitados, condensativos e de ironia intelectualizada; na outra, as entrevistas conceituais, de enquete, investigativas, de confrontação e os perfis humanizados. Ou seja, pelo que nos parece, tanto para Morin quanto para Medina, somente a concepção da comunicação como processos complexos podem idealizar ou construir um plano dialogicamente da entrevista.

Os autores pondo como artifício central para uma comunicação o diálogo apontam-no numa relação que transcenda o nível burocrático de interesses informativos. Nesta direção chama-nos atenção à contribuição de Martino (2008), quanto à etimologia do termo que, retomado do campo religioso – “communicatio” sugere “atividade realizada conjuntamente”. No campo religioso, a palavra está coligada com a prática de tomar a refeição da noite nos

mosteiros entre os eclesiásticos que viviam isoladamente e os que viviam em comunidade. Mais que comer, o sentido desse encontro era o da própria comunhão, que por alguns momentos rompia o isolamento daqueles que viviam na taciturnidade. Segundo Thompson (1998, p. 137), no início do XIX o conceito passa a ser compreendido como meio de transporte envolvendo uma pluralidade de sistemas telegráficos eletromagnéticos, os telefones e as mídias em geral com o início do advento da globalização no princípio do século XX.

Nessa época o termo fazia referência ao uso tecnicista e seria, no contexto de entrevista, signo do envio de códigos sem o envolvimento do eu pessoal ou subjetivo do entrevistador. Em uma perspectiva crítica a essa visão tecnicista, entendemos o conceito comunicação como ato de afetações múltiplas entre os dois “eus” subjetivos. Conforme Morin (1973) e Medina (1995), diremos que o “eu” do entrevistador por mais que queira distanciar-se do “eu” do entrevistado jamais conseguirá sair de cena. Nesse sentido, a comunicação passa a ser compreendida como processo permanente que integra múltiplos modos de comportamentos, tais como a fala, o gesto, o olhar, a mímica, o espaço interindividual, coletivo e dialógico. Se como defendido por esses autores, “a comunicação ocorre entorno de um processo dialógico/afetivo, logo, na elaboração de uma entrevista, como afirma Medina (1995, p. 18), “o investimento psicoafetivo nesta relação pode constituir uma ferramenta eficaz que na ponderação nos pode permitir a compreensão do ‘eu’ do outro”. Contudo, não podemos perder de vista que “a entrevista é uma intervenção sempre orientada para uma comunicação de informações” (MORIN, 1973, p.1), que “se dá no plano relacional entre os seres humanos” (MEDINA, 1995, p.82). E, portanto, a natureza da sua eficácia entre os dois “eus” (entrevistador e entrevistado) depende claramente da forma como eles pontuam as sequências de comunicação.

No contexto da conceitualização da entrevista jornalística, Medina (1995, p.30) observa que essa pontuação sequencial de atos comunicativos pode ser “deduzida na sensibilidade do reporte para com a estrutura do encontro”. Ela sugere que “o entrevistador esteja consciente das etapas de observação mútua”, oferecendo continuamente estímulos, para além do conteúdo verbal, que evidenciem ao seu interlocutor que o interesse na relação estabelecida transcende a captação de informações. Se “as pessoas andam armadas umas em relação às outras” (MEDINA, 1995, p.30), e se o que se instala inicialmente enquanto expectativa interacional para o entrevistado, é um “bloqueio inibidor – seja por parte da presença do microfone e da câmera” (MORIN, 1973, p.14), da própria desconfiança e receio do entrevistado para com a posição do entrevistador ou das convenções mediatizadas de interesse do entrevistador focalizadas em anedotas, ritos ou ilustrações.



Ainda para Medina (1995, p.30), o campo da sensibilidade constitui a arena do diálogo no processo comunicativo. Todavia, para alcançá-lo exige-se o cultivo de habilidades considerando as “modulações e interferências no discurso do entrevistado advindas de uma atenção do jornalista na sua fala, mergulhos compreensivos e contemplativos, demonstrações de curiosidade”, visando o desbloqueio das inibições que possam existir durante esse processo. Conseqüentemente, em meio aos “complexos sinais” e “fluidos positivos”, o entrevistado deve promover estímulos que desbloqueiem as inibições e que sirvam para demonstrar que a relação é espontânea, está ligada ao campo profissional, mas o transborda, vai além dele. Isso inquirido do entrevistador o estabelecimento de um contato dialógico de uma sutileza intuitiva; uma projeção constante de interesse simbólico e um tato para perceber a recepção dessa demonstração no desbloqueio do fazer comunicativo do entrevistado, que talvez passe por uma “conversão de gestos” inversos em conversações e colóquios interacionais simbólicas diretas entre os interlocutores (BRAGA, 2001; FRANÇA, 2008), devido às afetações oriundas das lógicas contratuais no estágio atual em Angola.

No estágio atual angolano, como aconteceu nas “sociedades dos meios”, a sociedade enfrenta um choque tensional frenético constante entre os campos sociais que, para Fausto Neto (2009, p.2):

Disputam os processos de construção dos seus mercados discursivos, nos quais a luta pelo trabalho de produção de sentido complexifica-se com a intervenção de novos processos e dispositivos (midiáticos) tecno-discursivos na organização dos protocolos de interação e de organização da vida social.

Por estas angulações, os fluxos discursivos midiáticos constituem-se como prática de um determinado campo. O campo das mídias, segundo competências e operações de várias ordens, destacando aquelas de caráter discursivo, com a possibilidade transbordar, emigrar para dinâmicas novas, que se reconfigura como processos sociais midiáticos. Portanto, trata-se daqueles processos que se formam e se estruturam em torno da existência e da ação de dispositivos sócio-técnico-discursivos, agenciando a conformidade de novos procedimentos de comunicação. Prosseguindo, Fausto Neto (2009, p.6) entende que os desdobramentos, as dinâmicas interacionais midiática alteram as lógicas determinísticas da comunicação linear. Na nova sociedade, segundo o autor (2009, p. 6),

A linearidade dá lugar à heterogeneidade. Dissolve-se a existência de uma noção de equilíbrio entre atos da comunicação, especialmente seus vínculos de simetria na medida as intenções que os engendram não são controladas. Não podem os mesmos se impor unilateralmente, apesar de estarem submetidos às regras e

processos produtivos coerentes, que visam a final orientar a atividade racional dos seus lugares de enunciação.

Em corroboração a essa perspectiva, Gomes (2006, p. 113) define que a sociedade atual vive uma mudança, pois “está surgindo um novo modo de ser no mundo representado pela mediação da sociedade”.

Por essa razão, mergulhado também ele nessa nova ambiência, o entrevistador deve investir em sua própria personalidade, “para saber atuar numa inter-relação criadora” (MEDINA, 1995, p.10), bem como ser “polivalente, capaz de ser provocador e ao mesmo tempo auditor” (MORIN, 1973, p.13) sem contrapor o conceito: conteúdo/relação e digital/analógico. Na interação, ambos são permanentemente combinados e traduzidos um no outro metalinguisticamente na ambiência da mediação.

Nessa ambiência concebemos ser de fundamental importância que o entrevistador conheça quais os distintos contextos de mediação, as composições dos comportamentos dos atores e seus controles de expressividade e se conectem as peculiaridades situacionais. John Thompson (1998) ajuda-nos a observar e idealizar a possibilidade da existência de três choques interacionais cruzados de relações na ambiência da mediação:

- a) interação faceaface: aqui os participantes se situam no mesmo lugar e espaço dialogicamente e desenvolvem uma ação conjunta. O controle da pontuação rítmica e a sondagem dos gestos significativos se dão simultaneamente de forma sinestésica;
- b) interação mediada: corresponderia àquela realizada via telefone e implicaria a não presença física dos coparticipantes em um mesmo ambiente. Portanto, o governo e a expressão de determinados estímulos e gestos significativos terá como ponto de convergência o som, seja na observação do ambiente ou atenção a modulação de voz do participante;
- c) a quase interação mediada: esta por sua vez, não faz sequer uma insinuação, nem presença física e tão pouco temporal dos atores. Aqui não se sabe qual é o “eu” do outro e nem quantos “eus” dos outros são analisados. Quem percebe a existência deste “eu”, não pode oferecer gestos significativos que sirvam como retroativos às atividades empreendidas, dado a canhestridade da problemática em si.

Em vista disso, fundamentados nos aportes da mediação e nos processos sociais, a nossa pesquisa configura-se em uma demanda tentativa de pistas alternativas que nos ajudem a compreender a operacionalidade dessas atividades. Para tanto, ainda que canhestramente não saibamos o que poderemos encontrar, por enquanto o nosso desafio é o de construir uma

entrevista que sirva como técnica de pesquisa. Respalhando-nos nas reflexões de Morin (1973), Medina (1995) e Thompson (1998), para quem a entrevista em comunicação social implica um processo dialógico entre os dois “eus”, objetivamos construir uma entrevista que combine uma sequência de perguntas e respostas e que tenha como pano de fundo um caráter de quase interação mediada.

Ou melhor, queremos entender estes dois “eus” não apenas como sujeitos, indivíduos, mas como todo o tecido social, já que, como frisa Gomes (2009), o “processo de mediação social está estendendo uma imensa rede sobre o planeta, unificando vidas e compartilhando conhecimentos”. Assim, na direção desse autor, observamos que no contexto atual angolano esse novo fenômeno esteja criando problemas, que vão além da manifestação de autoridade tradicionais e, conseqüentemente, estejam constituindo novas redes de inter-relações, aumentando as responsabilidades que podem ser atribuídas a toda sociedade. Desta feita, estejamos perante um aforismo que nos obrigue, necessariamente, a enfrentar permutas comunicacionais ou “simétricas” e ou “complementares”, que se podem basear “na igualdade ou na diferença”. (WATZALWICK, 1993, p.64). Nesse âmbito, nossa hipótese é de que esse aforismo, atravessando todos os campos, esteja orquestrando, regulando governando todas as práticas sociais.

Em mirada complementar, um parceiro não imponha uma complementaridade ao outro, mas, sim, “comporta-se de modo a antever que suas ações simbólicas já sirvam de estímulos a pontuar a interação estabelecida na ocasião, fornecendo conjuntamente razões que justifiquem a definição da circunstância”. (WATZALWICK, 1993, p.63). Nesse caso, complementaridade passaria a definir distintas atividades aos membros de determinadas situações, posições superiores de dominância simbólica e inferiores de submissão. Por sua vez as diferenças seriam ampliadas e as semelhanças postas distantes do embasamento principal de ação. Por seu turno a simetria relacional implicaria uma aproximação das afinidades e ao mesmo um distanciamento das divergências. Já as hierarquias consagradas, que ocorrem no fórum do espaço cotidiano, seriam comprimidas ao máximo possível, em prol de uma elucidação igualitária.

Portanto, considerando as tipologias de Morin (1973) e Medina (1995), no ambiente da mediação essas duas instâncias interacionais parecem invadir os papéis e lugares ocupados pelos dois “eus”, tanto no vértice da espetacularização, quanto no do aprofundamento (dialogia). Pelo que tudo indica, o reconhecimento dos papéis discrepantes assumidos na interação é implícito por si só. Embora seja verdade que o uso do microfone, da câmera e de outros dispositivos, em consonância com a expressividade e postura do repórter e

da empresa para o qual trabalha, já limita os tipos de intercâmbio possíveis para os participantes. Existe, porém, numa complementaridade mais rígida, os interagentes (entrevistador e entrevistado) podem ter consciência que a desconfirmação do “eu” do outro é decisiva. Pois, como pontua Morin (1973, p.12), se por um lado há “os entrevistados vedetas, olímpicos ou detentores de grande crédito enquanto possuidores de prestígio oficial”, existem por outro, “entrevistadores autoritários que se exibem ou como detentores da informação” (MEDINA, 1995, p.37), ou ainda na “condição de dominância simbólica na interação” (MORIN, 1973, p.13). A nosso ver, a existência desses indícios constitui sentidos que, uma vez resignificados, se convertem em mestres de cerimônias dos estímulos dos atores sociais quanto às suas discursivas expressividades e aos modos como se devem se apresentar. Isso equivale a solicitar dos atores sociais um alinhamento (GOFFMAN, 2002) interacional e conversacional na ambiência da mediação.

Sem a pretensão triunfalista, estamos conscientes de que muitas das virtuais capacidades dialógicas da entrevista para Medina (1995) e Morin (1973), estão cristalizadas numa comunicação que se faça simetricamente, entre os atores sociais, e não entre posições que cada um ocupa. Esta postura implica o rompimento das barreiras do outro rumo à sua humanização. Porque como afirma Medina (1995, p.51), “só a humanização pode aflorar traços da personalidade e escavar o subsolo do eu”, “tecendo a dialética da comunicação com o outro, feita no si a si (MORIN, 1973, p.16).

Portanto, as nossas primeiras inferências ainda que ensaísticas, são da observação e constatação de uma problemática complexa em construção que envolve as ações e as práticas dos atores sociais na ambiência da mediação.

#### 2.2.2.2 A entrevista como técnica do “eu” do encontro na ambiência mediática

A problemática em construção obriga-nos, tentativamente, a tecer algumas considerações sobre o encontro dos dois “eus”, na ambiência da mediação. Dentre os desafios que o trabalho nos impõe, está a questão da construção de uma técnica que nos possibilite obter resultados plausíveis cientificamente. Assim a nossa primeira inferência é, a título introdutório, desenvolver um instrumento cujo percurso busque explicitar uma visão de homem eminentemente relacional. Não havendo abordagens no campo da comunicação que respondam às nossas interrogações, recorreremos ao campo da filosofia para compreender a relação entre o eu e o tu, ou seja, a relação entre os dois “eus”. Partimos do pressuposto de que o campo dos fenômenos sociais exige reflexões críticas e comparações com as vivências

nas práticas dos sujeitos. Sendo assim, para alcançar maior rigor e coerência, é preciso, inicialmente, recorrer à concepção de homem.

Na visão fenomenológica diríamos que cada “eu” possui uma especificidade ontológica, o que implica diferentes formas de se manifestar no mundo e de realização de si (CRITELLI, 1996). O “eu” enquanto ser é ontologicamente diferente dos demais seres, tendo recebido, na sua humanidade, condições específicas para dar conta da própria vida, sustentá-la e ampliá-la. Na ambiência midiática ele se converte em um feixe de possibilidades e em abertura constante. Essa abertura pode transcendê-lo, surpreendê-lo a si e aos demais. Encontra-se lançado no mundo sem o controle da vida e sem certezas sobre o seu destino e o de suas práticas. Assim, por mais que busque a estabilidade e a segurança de diversas formas ao longo da história, o homem está sempre diante de questões existenciais que o desestabilizam e o colocam em uma situação, semelhante àquela dos fluxos adiante, designada por Braga (2012). É um ser em constante construção, o que se dá a partir do contato com os outros, na coexistência. Quer dizer, o “eu” somente percebe e reconhece a sua singularidade no encontro e abertura dialógica com o “eu” do “outro”, permanentemente.

Na permanente abertura dialógica entre os dois “eus” ou no encontro intersubjetivo, as pessoas são tocadas e transformadas em coautoras das trajetórias umas das outras, desenvolvem uma coparticipação na construção socio-histórica e cultural, bem como da compreensão e significação do mundo à sua volta, dependendo da forma como ele se coloca ou do lugar que ocupa. Ou seja, consoante à conjugação das palavras-princípios “eu”-“tu” e “eu”-“isso”, podemos assinalar os modos de ser do homem, as formas de responder a uma realidade, que sempre solicita um posicionamento.

Retomando a expressão “abertura dialógica”, como dispositivo interacional, conforme definido por Braga (2012) como um lugar de tensionar conhecimentos, concluímos que em mediação o “eu” que se abre para um “tu”, não é como o “eu” que se relaciona com um “isso”. Trata-se aqui de fazer referência ao que Gomes (2016) elucida sobre o novo modo de ser no mundo, visto que a forma de relacionamento que se estabelece fundamenta verdadeiramente o modo de ser na ambiência da mediação. Portanto, a relação produz diferentes possibilidades de a pessoa estar no mundo e então o binômio “eu”-“tu” e “eu”-“isso” é parte constitutiva e inseparável das interações sociais entre os sujeitos.

A partir do conceito de circulação midiática, que Fausto Neto (2010, p. 2) conceitua como sendo o “espaço gerador de potencialidades” e “lugar por meio do qual os fluxos informacionais de natureza jornalística têm lugar”, inferimos que o “eu” do entrevistador e o “tu” do entrevistado entram em relação. Tal relação provoca o compartilhamento de

“vivências”, envolvendo “passado, presente, futuro, histórias, sonhos etc”. (GOMES, 2017, p. 126). A entrevista como dispositivo que possibilita o compartilhamento de vivências no quadro dos processos comunicacionais midiáticos, converte os dois “eus” em cúmplices um do outro. Ela produz para eles um envolvimento impactante que é atravessado pela presença viva um do outro, seja este outro uma pessoa, uma situação, uma obra ou um ente qualquer; produz “níveis cada vez mais complexos” que podem produzir avanços da sociedade. Essa postura cria uma dimensão intensiva, não mensurável ou redutível à temporalidade, espacialidade e questões objetivas, ou simplesmente canhestras, como afirma Braga (2012). Por esse viés, entendemos que o mundo do “eu” do “outro” ou simplesmente o “tu” não tem coerência no espaço e tempo: é um campo de forças, de presença, de vitalidade. Ele não pode ser apreendido ou aprisionado em representações: sempre escapa. Não se reduz à percepção: é intenso, vivo, pulsante. Sempre ressurge diferentemente, em contínua transformação.

Portanto, a entrevista enquanto técnica de pesquisa em comunicação social desdobra-se em um sistema que exige do entrevistador uma nova postura de olhar o mundo e o homem. A nosso ver, inferimos que talvez essa postura proporcione ao cientista, pesquisador e ou entrevistador a ampliação do “foco e entender que o indivíduo não é o único responsável por ser portador de um sintoma, mas sim que existem de relações que mantêm esse sintoma”. (GOMES, 2017, p. 128). Dessa maneira, o espaço ocupado pelo “eu” (entrevistador) e pelo “isso” (sintoma), provavelmente leve a fazer uma experiência de forma objetiva das situações. E então o mundo do “isso” ou da objetividade ordene o real, transformando-o em habitável e reconhecível.

Na perspectiva do ordenamento de diversas e complexas situações que formam o mundo real, o pesquisador é forçado a construir uma técnica que possibilite o estudo do destino das relações entre o aforismo “eu”- “tu” e “eu”-“isso”. A considerar e a acreditar no princípio segundo o qual o “tu” se torna, irremediavelmente, um “isso”, o que é necessário para a compreensão do processo vivido. Porém, devido ao que Foucault (2014) chamou de “polícia discursiva” ao tentar controlar as restrições enunciativas, tudo indica não ser possível mantermo-nos sempre no espaço do eu-tu, pois o homem é incapaz de habitar permanentemente no encontro. Por conseguinte, e devido às “zonas de afetações discursivas” (FAUSTO NETO, 2008, p. 93), em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade, inferimos que isso provavelmente aconteça dado ao fato de que a existência do ser no mundo é pautada pela alternância entre os espaços ocupados pelo “eu”-“tu”, “eu”-“isso” e seus desdobramentos. Assim sendo, a experiência implica um distanciamento reflexivo,

situando-se no âmbito do “isso”, enquanto a relação está no âmbito do “tu”. Ou melhor, a relação passa a ser uma vivência, não experiência.

No contexto da circulação midiática, encontrar alguém no modo “eu”-“tu”, observa-se nele uma conseqüente perda do espaço, do tempo e a desestabilização do seu “eu”, que por sua vez, lhe possibilita a contemplação a novas sensações e sucessivos atravessamentos. A relação do “eu”-“isso”, ao contrário, situa a pessoa no mundo dos objetos, ordenando e sendo extremamente necessária para a elaboração e a produção de significados, desde que não se torne a forma predominante de relação com o mundo.

Para Merleau-Ponty (1999), ao perceber o outro apenas como um “isso”, objetificando-o, há um afastamento da sua presença viva. Segundo o autor, acessar o outro como representação é desconsiderar a sua humanidade, a vida que lhe é dada enquanto homem. A relação com o outro não se dá a partir de um esquema mental prévio, anterior, mas implica estar disponível para ele assim como se mostra naquele momento, deixando de lado preconceções. O entrevistador ao postular sobre a relação e seus modos de acontecer, deve conceber o homem como ação no mundo. A sua disposição para entrar em contato com o outro tem conseqüências na própria vida, imprimindo-se no seu modo de ser. Nessa perspectiva, a palavra proferida na entrevista é um gesto que se inscreve no mundo, é ação. Por esse motivo, a palavra falante, nascida no encontro verdadeiro, atualiza o ser do homem, transforma-o. Ao falar uma mudança é produzida e no contato intersubjetivo surgem novos modos de subjetivação.

A entrevista como técnica de pesquisa na ambiência da midiatização e dos processos sociais pode ser possibilitadora do ser e sua força transformadora ao se concretizar no “entre”. O “entre” constitui um espaço de trocas interacionais simbólicas, algo que não pertence a nenhum dos participantes: pertence a ambos e os ultrapassa.

Na grande variedade de episódios interacionais de que participamos ou que observamos cotidianamente, nos episódios que investigamos em nossas pesquisas, e ainda naqueles que são relatados em estudos empíricos, vemos a comunicação como um trabalho de compartilhamento entre diferenças. Os motivos, os objetivos e os procedimentos podem variar indefinidamente, mas o processo de compartilhamento aparece sempre como um modo de enfrentar, resolver ou fazer agir criativamente as diferenças – para algum fim prático qualquer, para objetivos simbólicos ou distantes, ou ainda pelo simples jogo da interação. (BRAGA, 2017, p. 20).

Entendemos a entrevista como um processo de compartilhamento ou de fazer agir criativamente as diferenças que ocorrem entre pessoas em prol da construção de um nós. Isto é, na interação, voltarmos para o outro, para o mundo e, então, podermos ver enquanto um

“eu” e ao “outro” enquanto um “tu” que tem algo que pode ajudar o sujeito a construir a sua personalidade. Ou seja, a partir de Medina (1995, p. 51) podemos construir conjecturas que nos levam à crença de que, no encontro entre os dois “eus”, mediado pelo dispositivo – com entrevista é possível atingir parâmetros humanizados”. A técnica da entrevista concebida como técnica de recolha dos depoimentos verbalizados, julgamos constituir um instrumento de carácter metodológico de extrema utilidade, por permitir um mergulho profundo no subsolo dos dois “eus”, e também possibilita o afloramento dos “traços da personalidade, comportamento, valores” e gestos. Cremos que por meio das observações nos discursos verbalizados e das ressignificações dos gestos significativos do “eu” (entrevistado), o “eu” (entrevistador) perceba a postura assumida pelo sujeito no processo do encontro, desfazendo os juízos temerários e as conclusões precipitadas ou desenvolver desbloqueios das barreiras inibidoras.

Nessa matriz, inferimos do entrevistador a sutileza para o tipo de contato estabelecido, numa situação dialógica, quando se fala em entrevista se configura muito a partir da intuição, entendida como uma projeção constante de interesse simbólico e um tato para perceber a recepção da demonstração no desbloqueio do fazer comunicativo do entrevistado. Para França (2008, p. 76), dentro desse processo intuitivo ocorre que “a provocação e o ajustamento recíproco, as dinâmicas comportamentais se fazem pelo estímulo gestual”, e nesse caso, podemos falar especificamente em uma “conversação de gestos” vertidos em “interação simbólica”. Aliás, “um olhar, uma palavra, um grito, traem o sentimento sob a pose”. (MORIN 1973, p. 11). Portanto, a entrevista enquanto técnica de diálogo pode converter-se nas “próprias chaves de desbravamento do sujeito” (MEDINA, 1995, p. 13), dos dois “eus”. Ela configura-se no passo ilustrativo o mundo social concebido na pauta, que pode vir a ser potencialmente detentora de uma carga de interpretação dos fenômenos sociais.

Para o efeito, é necessário que no momento do encontro o espaço esteja disposto da melhor forma possível, para que a entrevista aconteça conforme o esperado e sem imprevistos que rompam os desígnios confabulados. Porque a atenção do entrevistador pode ser da melhor forma disponível e cumprindo o tempo exigido pela pesquisa, para evitar que cesuras arrombem a realidade construída para o contato, ou ainda, em não propor perguntas que não se enquadrem naquilo que ele quer que o outro fale.

O entrevistador oferecerá gestos significativos que estimulem uma pontuação adequada da relação voltada ao seu encaminhamento, encadeando as ações do entrevistado (ainda que forçosamente) para que o mesmo se atente para dizer ou fazer algo não conflituoso ou que frustrasse as perspectivas da pauta. Tacitamente, o entrevistado deve concordar com esse



esquema, se alinhando ao entrevistador num “eu do encontro” dramático, correspondendo aos estímulos e à complementaridade da relação, de modo a acomodar sua representação o mais próximo do virtualmente aguardado (ou pode não o fazer, se a entrevista vier a falhar ou se o sujeito não se enquadrar na moldura destinada a si).

Portanto, como já o afirmamos, o “eu do encontro” se realiza dialogicamente em um envolvimento tácito a uma pretensa simetria comunicativa, artificializada e simulada na preparação de um cenário apropriado para sua concretização. Todavia, entendemos que entrevistar o outro de uma maneira dialógica não é esquecer os meandros profissionais do contato, mas preparar terreno para que as finalidades específicas sejam momentaneamente secundárias (embora não necessariamente o sejam), de modo a abrir campo a intercâmbios julgados de interesse comum pelos participantes.

Para finalizar, sublinhamos a importância do reforço: o “eu do encontro”. Porém estamos cientes de que, por mais que queira, o entrevistador jamais conseguirá abrir as portas para a alma pura do “eu” do “outro”. Ainda que o pretenda fazer, as suas investidas apenas ficarão confinadas usualmente em falsos jogos representacionais ou em dissonâncias pretensivas aguardando o seu “eu”, assumido e atualizando o rico espectro do acontecer cotidiano.

### **2.2.3 O Focus Grupo como técnica da pesquisa científica na coleta de dados**

Depois de termos dissertado sobre a entrevista como técnica de recolha de dados, agora nos debruçaremos sobre o Focus Group. A inclusão desta técnica nos instrumentos projetados nesta pesquisa deve-se ao fato do nosso objeto de estudo estar revestido de uma tessitura flutuante e de alta complexidade. A complexidade do nosso objeto de estudo justifica-se devido ao contexto socio-histórico e cultural da população angolana e pelo circuito ambiente que envolve a circulação midiática do fenômeno da agressividade em si, que o existencializa no fluxo adiante. Assim, na tentativa de observar e estudar o circuito ambiente, julgamos a constituição de grupos de discussão (Focus Group) como uma das possíveis técnicas de estudar o fenômeno social em circulação.

Falar sobre o Focus Group como técnica de pesquisa científica remete-nos ao século passado, sobretudo por seguir a trilha desvendada pelos pesquisadores das áreas das Ciências Sociais (GALEGO; GOMES. 2005). Porém, nos últimos anos parece ser comum, entre vários autores, (BLOOR *et al.*, 2001; MORGAN, 1996; 1997; SAGOE, 2012; STEWART; SHAMDASANI; ROOK, 2007; THRELFALL, 1999), afirmar que a sua aplicação tem

atravessado outros campos do saber científico, inclusive aqueles ligados ao estudo sobre o comportamento dos consumidores dos produtos da indústria cultural da informação e comunicação.

Não é nosso objetivo fazer uma abordagem sistemática e metodológica do Focus Group como técnica de pesquisa. Mas apenas destacar alguns aspectos de fases iniciais da sua inserção em projetos de investigação científica. A expressão Focus Group pode ser definida como um grupo de discussão em vista da recolha de dados. Nesse sentido, configura-se como técnica de pesquisa ao lado de outras, como por exemplo: a entrevista, o questionário e a observação participante, utilizadas em diferentes momentos do processo de investigação. Para o efeito, no campo científico é consenso entre autores a sua sistematização, sobretudo, quanto às vantagens e desvantagens durante o uso desta em comparação com outras técnicas ou métodos de recolha de dados (MORGAN; KRUEGER, 1993; MORGAN, 1996; 1997; STEWART; SHAMDASANI; ROOK, 2007; WUTICH *et al.*, 2010). No dizer desses autores, essa comparação indica força motriz do seu uso em relação a outras técnicas ou métodos, na possibilidade de fornecer e ou providenciar insights sobre as origens de comportamentos complexos e suas motivações.

Na visão de Galego e Gomes (2005, p. 179), acima de tudo, o papel emancipador do uso dessa técnica é de que o Focus Group, quando assumido como instrumento metodológico para a recolha de dados, permite que “no decorrer do processo de investigação o sujeito objeto de observação vai transformando as suas estruturas cognitivas, através das relações recíprocas que estabelece no decorrer da operacionalização da técnica, auto-descobrimo-se e, portanto, emancipando-se”.

Por sua vez, Morgan (1996) constata nesses últimos anos a utilização e combinação do Focus Group com outros métodos de investigação, sobretudo com entrevistas individuais e inquéritos na pesquisa científica. O autor salienta que tem aumentado o seu uso, especialmente nas análises efetuadas com base nos estudos empíricos de natureza sociológica. Para o autor, esse aumento deve-se a sua peculiar capacidade de observação, do grau e da natureza dos acordos e dos desacordos entre os participantes da pesquisa. Assim, para este autor, os Focus Group passariam a apresentar três componentes fundamentais:

- a) os Focus Group são um método de investigação dirigido à recolha de dados. Esta corresponderia à fase inicial em que se proporia a gerar questões para um questionário;
- b) localiza a interação na discussão do grupo como a fonte dos dados. Aqui o foco consistiria na ajuda e na interpretação dos resultados obtidos num questionário;

- c) reconhece o papel ativo do investigador na dinamização da discussão do grupo para efeitos de recolha dos dados. Por sua vez, essa fase seria aquela de discutir com os participantes os resultados obtidos. Essa discussão talvez possa conduzir o investigador à construção de novos insights e inferência.

Dando continuidade, Krueger e Casey (2009), para além das características anteriores, afirmam que os Focus Group possibilitam a focalização da discussão num dado assunto, ofertam um contributo maior na compreensão do tópico de interesse comum entre pesquisadores e pesquisados, pelo facto dos dois “eu” - “participantes”, possuírem alguma característica em comum e de relevância diante o tema em discussão.

Em resumo, nesta pesquisa assumiremos como definição formulada pelos autores Krueger e Casey (2009, p. 15), que define Focus Group como “criaturas especiais no reino dos grupos, sendo que aquilo que os define e os distingue de outros tipos de grupo é o facto de serem dirigidos à recolha de dados qualitativos junto a pessoas com algum tipo de semelhança, numa situação de grupo, através de uma discussão focada”.

A partir daqui, concluímos que a apropriação e o uso do Focus Group como técnica, no estudo do fenómeno da circulação midiática da agressividade em adolescentes que consomem conteúdos violentos nos vídeos da internet, possa auxiliar-nos na obtenção de informação sobre um tópico de interesse:

- a) na geração de hipóteses de investigação;
- b) na construção de novas ideias e conceitos;
- c) na percepção dos potenciais problemas sobre a agressividade;
- d) na compreensão sobre como os participantes percebem, recepcionam e representam o fenómeno da circulação da agressividade em suas práticas.

### 2.2.3.1 Etapas da realização do Focus Group

Na linha de raciocínio dos autores até agora consultados como técnica de recolha de dados, o Focus Group compreende um longo processo de interações, tanto do pesquisador com os pesquisados (grupo de discussão) e também destes entre si. A título de exemplo, autores como Bloor *et al.* (2001), Krueger e Casey (2009) e Morgan (1998) concebem que esse longo processo implica a tomada de várias decisões e tarefas subjacentes à implementação. Ou seja, neste tópico, a partir de Morgan (1997), estamos projetando a construção de um instrumento metodológico que possibilite o estabelecimento de pontes interacionais confiáveis que visibilizem os dois lados de um iceberg. E isso não se faz senão

por intermédio de um processo cujo início vai do planeamento, passa pela análise de dados e culmina na elaboração de hipóteses (MITCHELL; BRANIGAN, 2000). Tentativamente classificaremos este longo processo em cinco etapas.

#### *2.2.3.1.1 Da concepção à fase preparatória do Focus Group*

Esta fase configura-se como a primeira do longo processo da aplicação do Focus Group como técnica de pesquisa científica ou simplesmente de planeamento. No contexto desta investigação, a técnica nos faz recuar no tempo e no espaço para fazer uma discussão sociointeracional com a cultura midiática de cenas de violência e agressividade em Angola, a partir dos relatos dos adolescentes.

Sob a perspectiva da mediação e dos processos sociais, em um processo tentativo de acompanhar os desdobramentos das questões observadas nos discursos desses pais, chegamos à conclusão de que não se trata de uma simples problemática. E sim, uma problemática complexa, cuja profundidade exige voltar o olhar para a formulação de perguntas, sobre os processos e operações implicados na produção e na construção de sentido das ações e práticas sociais desses sujeitos. Isto nos leva a pensar em uma pesquisa que vise, fundamentalmente, estabelecer uma discussão sobre um ambiente que se constitui e se constrói em uma relação dialética – tomando um corpo existencial no choque interacional entre um povo cuja memória está arraigada na cultura da guerra – e outro na dos usos dos meios, e que podem desencadear e configurar-se como cultura midiática, uma vez orquestrada pelas lógicas e contratos das gramáticas sociotécnicas, linguísticas e discursivas, na visão de Fausto Neto (2008), dentro da sociedade angolana. Essa cultura, por sua vez, pode também ofertar aos sujeitos com inúmeras possibilidades canhestras nas formas de perceber, de recepcionar e de interagir, e destes com os objetos à sua volta. Ou seja, isso implica perseguir uma trilha de dúvidas e incertezas que somente na relação dialética e conflituosa entre os aspetos socio-históricos, cultural, social e a nova realidade circundante podemos construir inferências e levantar algumas hipóteses.

Para tanto, propomos observar e descrever nas discussões dos adolescentes que constituem o Focus Group, como se constituem os fluxos e circuitos ambientes da circulação do fenómeno de agressividade entre os adolescentes que assistem os vídeos de violência na internet. E verificar a forma como a sociedade angolana está reagindo à cultura das novas tecnologias da informação, e quais os significados que os adolescentes angolanos atribuem à circulação midiática da violência em suas práticas nas redes sociais. Ou seja, a ênfase deste

Focus Group recai sobre a discussão acerca de como cada um dos adolescentes, mergulhados na ambiência midiática, percebe, recepciona, representa e se representa nos vídeos que contêm cenas de violência ofertados pela cultura midiática.

O nosso objetivo com este Focus Group é, a partir da compreensão dos participantes sobre o que e como percebem, recepcionam e representam o fenômeno da circulação da agressividade midiática em suas práticas, perceber os possíveis fatores facilitadores e construir inferências, ideias e conceitos novos sobre a agressividade entre os adolescentes angolanos; por último levantar hipóteses investigativas sobre o combate à violência e agressividade entre os adolescentes. Explanado o problema da pesquisa inferimos que, como afirmam Krueger e Casey (2009), Morgan (1996; 1998), STEWART; SHAMDASANI; ROOK (2007), teremos atingido o ponto fulcral na planificação das atividades da pesquisa que elege como técnica de recolha de dados o Focus Group. Segundo Morgan (1998), o ponto fulcral consiste na linha mestra ou norteadora da introdução do tópico de interesse (entrevista/questionário) e no papel adotado pelo moderador. Na hora da discussão, esta linha mestra ou norteadora da introdução dos tópicos de interesse comum deve privilegiar questões “livres” e “abertas”. E para o efeito, caberá ao pesquisador o papel de moderador e de suporte na discussão, assim como a elaboração de palavras e ou temas chave que podem ser classificadas em categorias, à medida em que forem recorrentes. Durante a exploração dos tópicos de interesse comum é possível que emergjam novos insights face aos mesmos (MORGAN, 1997; 1998).

Para o efeito, Morgan (1997) propõe que os tópicos de interesse comum, a serem introduzidos na hora da discussão do Focus Group, sejam moderadamente estruturados por meio do uso da estratégia do “funil”. E à medida em que a discussão avança, elas se tornem mais específicas. Isto é, mais “afuniladas” (KRUEGER; CASEY, 2009). Dessa forma o moderador poderá possibilitar que as pessoas falem e a pensem sobre o tópico de interesse comum, em primeiro lugar a partir das perspectivas do lugar de fala de cada membro do grupo. Em segundo lugar, que a resposta de cada um dos membros do corresponda aos interesses específicos do investigador e aos objetivos da pesquisa.

Na visão de Krueger e Casey (2009), na fase do planeamento, para além do que foi dito, é fundamental que o investigador tenha uma familiarização com os participantes a fim de que eles se adequem aos objetivos da pesquisa e para isso será necessário a delimitação do número. Para essa delimitação um dos fatores primordiais é o grau de homogeneidade dos grupos. Que o investigador procure, nas palavras de Morgan (1997; 1998), das características ou interesses que os participantes tenham em comum. A definição dos participantes do grupo

de discussão com características comuns poderá gerar discussões produtivas que permita percepção de palavras, conceitos e temas que serão usadas como categorias comparativas e triangulares, abstraídas das respostas dos participantes na hora da análise do conteúdo recolhido. Estando pronta a planificação com os objetivos claros, bem como a definição dos participantes no projeto de pesquisa, avança-se na fase que se segue do recrutamento dos participantes ou seja, a fase da preparação.

#### *2.2.3.1.2 Da localização, seleção dos participantes aos circuitos ambientes constituintes*

Esta corresponde à fase preparatória da constituição do Focus Group. Perseguindo a linha de raciocínio de Morgan (1996, 1997), essa fase exige que o investigador considere o recrutamento dos participantes e as condições logísticas de realização dos grupos bem como a localização geográfica das discussões. Para tanto, em média o tempo mínimo de contato, encaminhamento da carta de confirmação do recrutamento ou seleção dos participantes é de duas semanas antes (MORGAN, 1998), informando a hora e o local da realização do Focus Group. No contexto da nossa pesquisa, trabalharemos com os mesmos 80 adolescentes que participaram das entrevistas de aplicação coletiva.

Para autores como Bloor *et al.* (2001), Rodrigues *et al.* (2007), Stewart; Shamdasani; Rook (2007), o envio de textos via mensagens de celulares (MCPARLAND; FLOWERS, 2012), via Facebook, Instagram, WhatsApp com alguns informes e eventuais encontros com os potenciais participantes pode servir como estratégias para fortalecer, aumentar a interação do investigador com os elementos do grupo. Além disso podem também servir como meio para clarificar possíveis dúvidas sobre os objetivos do estudo, as regras de participação, o tempo estimado de duração da discussão, e as condições do local para a realização da discussão do Focus Group, evitando desse modo abandonos precoces (BLOOR *et al.*, 2001).

#### *2.2.3.1.3 O papel do moderador na discussão do tópico de interesse comum: o “eu” do pesquisador e o “eu” do pesquisado*

Para a introdução do tópico de interesse comum em vista ao norteamento da discussão no Focus Group, tomamos como referência geral os 11 vídeos que servirão como referências na observação, descrição dos indícios para a construção de inferências indutivas, criativas e livres a respeito da circulação da agressividade midiática no contexto sociotécnico, histórico e tecnológico angolano. Dos vídeos selecionámos, três foram produzidos e postos em circulação

no fluxo adiante através da rede social Youtube, por atores sociais (Instituições canônicas e não canônicas)<sup>16</sup> angolanos.

Sem a pretensão de investigar sobre a origem e ou por que do “uso da violência”, de criar um laboratório psicoterápico de resolução dos “conflitos de interesses entre os homens” (FREUD, 1933/1996, p.198), como moderadores deste Focus Group objetivamos promover uma autorrevelação entre os adolescentes da amostra por meio de um clima confortável, respeitador e livre. Em suma, de alguém que mantém o fluxo das discussões oportunizando a participação de todos. Para os desdobramentos desta técnica, Krueger e Casey (2009) propõem a criação de uma equipe de moderadores:

- a) um moderador, que teria como principal a missão, a condução e a manutenção da discussão;
- b) um auxiliar de moderação, cujas principais tarefas seriam a gestão do equipamento de gravação, estar atento às condições logísticas e do ambiente físico, dar resposta às interrupções inesperadas e tomar notas sobre a discussão do grupo.

No caso concreto desta pesquisa, por meio do Focus Group e da formulação dos tópicos de interesse comum, retomando o parecer dos autores aqui citados, o foco do moderador é de um questionador ouvinte, que objetiva colher informações sobre como estes adolescentes representam em suas práticas e discursos; que sentidos e significados atribuem aos conteúdos dos três vídeos selecionados. Para o efeito, após a exibição de cada um dos três vídeos aos 80 adolescentes da amostra, introduziremos perguntas como:

- a) depois de assistir a este vídeo, diga o que você percebeu e o que acha de tudo o que viu. Em relação a agressividade dê a sua opinião sobre os momentos em que você acha que apareceram cenas de violência. Em sua opinião, o que você acha que teria levado os adolescentes do vídeo a se envolverem em atos agressivos?
- b) o que você acha dos usos de armas de fogo e dos adolescentes que consomem drogas? Em sua opinião você acha que na cidade de Benguela existem adolescentes

---

<sup>16</sup> Com a expressão Instituições Canônicas e Não Canônicas, queremos fazer uma leitura da sociedade de Angola na transformação, passando de uma “sociedade dos meios” para a “sociedade em mediatização”, como consequência da interrupção do “contato direto” (LUHMANN, 2005) entre os indivíduos pela presença das mídias. Se na primeira a confiabilidade das informações provinha das instituições tradicionais, hoje as mídias estão em uma “zona de contato” com os demais campos sociais. Isso significa dizer que os campos estão em interação, não conformados por suas fronteiras enquanto territórios estáticos. Na sociedade mediatizada as atividades dos campos e dos indivíduos estão revestidos predominantemente de um caráter simbólico, e suas práticas discursivas movem-se instituindo processos e estratégias e disputas de sentido entre os atores (RODRIGUES, 1999). Portanto, a produção das informações provém das interações praxiológicas entre os indivíduos.

que fazem manuseios de armas de fogo e usam drogas? Se sim, diga o porquê eles o fazem?

- c) o que você acha das pessoas envolvidas no vídeo: a atuação da polícia; a atitude do Chá Preto que matou a senhora com armas de fogo; a mulher que foi apanhada a vender a liamba; do segurança que participou do assalto à empresa aonde trabalhava; dos estrangeiros apreendidos durante a operação; e por último da atuação dos Bombeiros Voluntários durante os dois incêndios. Em sua opinião diga em poucas palavras qual seria a melhor forma de combater a criminalidade e a agressividade na sociedade angolana.

Ao elencarmos essas perguntas para direcionarem os debates e as discussões no Focus Group, inferimos que alcançaremos resultados que possam ser efetivos para a compreensão sobre o que os adolescentes pensam, sentem ou ainda sobre a forma como agem depois de assistirem os vídeos.

#### *2.2.3.1.4 Da recolha ao processo de análise dos dados*

No Focus Group, esta parece constituir a fase de um árduo processo investigativo que exige do pesquisador uma atenção redobrada. Para o efeito, antes de tudo neste tópico, parafraseando Bloor *et al.* (2001), Galego e Gomes (2005) faremos recursos a filmagem, a observação participante, sobretudo, anotando as expressões faciais, gestos, tom de voz e os contextos em que os discursos foram proferidos e a transcrição de todo o material coletado. O objetivo aqui é a busca de uma visualização e reprodução o mais fiel possível do que ocorreu no grupo durante a introdução e discussão do tópico de interesse comum, visando uma aguçada percepção de todas as interações ocorridas ao longo da discussão do grupo, e é ela que constituirá a base de decodificação, de interpretação e de análise de dados.

A propósito da análise de dados do Focus Group, Morgan (1996; 1997) e Bloor *et al.* (2001) são do parecer de que esta técnica é usada em várias abordagens de análise dos dados qualitativos e de diversas formas. Porém deve ser sempre de modo sistemático, criterioso e rigoroso para evitar a dispersão ou a generalização dos resultados. Querendo categorizar estas diversas formas, os autores afirmam que de modo genérico este tipo de análise decorre ao longo de três etapas:

- a) codificação/indexação: a leitura que fazemos deste tópico é de que se trate de fazer uma leitura observacional aguçada do material que envolve não só a leitura e transcrição em si. Em estabelecer um contrato de leitura que permita o



desencadeamento processual, que permita a atribuição de categorias que reflitam os temas presentes no tópico introduzido de interesse comum, bem como a construção de tópicos emergenciais novos por meio de inferências durante o processo da discussão do Focus Group;

- b) armazenamento/recuperação: esta fase é dedicada à compilação de todos os extratos do texto subordinados à mesma categoria de modo a poder compará-los. Fazemos ressalva afirmando que esse tópico pode ser realizado manualmente pelo pesquisador ou por meio de programas informáticos construídos para tais finalidades; sem, porém, perder de vista os contextos de onde os referidos textos foram extraídos assim como os dos sujeitos envolvidos;
- c) interpretação: por sua vez esta fase corresponde àquela de uma leitura analítica, sistemática e criteriosa dos dados por meio de métodos específicos, tais como, por exemplo, a indução e dedução que levará o pesquisador a instaurar um processo construtivo de inferências abduativas.

#### *2.2.3.1.5 Divulgação dos resultados da pesquisa científica*

Divulgação dos resultados, como o próprio subtítulo já nos revela o sentido, caracteriza-se por um texto final que tem a função de relatar os resultados das discussões provenientes da pesquisa científica. Dessa maneira, em forma de relato ele se materializa nos resultados que podem ser publicados em revistas, livros, e ou em outros meios, “a fim de divulgar conhecimentos, de comunicar resultados ou novidades a respeito de um assunto, ou ainda de contestar, refutar ou apresentar outras soluções de uma situação convertida”. (SANTOS, 2015, p. 33).

Nas pesquisas que adotam a implementação do Focus Group como técnica de recolha de dados, considerando os objetivos da investigação, a divulgação dos resultados é feita geralmente sob a forma de relatório escrito. Esse relatório permitirá que o moderador faça a transcrição de frases que possibilitem a identificação e categorização de algumas palavras frequentes durante os debates ou as discussões. Para Morgan (2010), a transcrição das frases, o relato de citações e a identificação das categorias constituem em si mesmo uma parte importante da investigação qualitativa, pelo fato de fornecerem evidências credíveis da análise realizada. E, permitem uma ligação direta entre o conteúdo mais abstrato dos resultados e os dados gerados, para além de constituírem uma conexão mais forte entre o moderador e os discursos dos participantes.

Sob essa perspectiva, levantamos a hipótese de que a divulgação dos resultados seja uma forma de dar um retorno não só à comunidade acadêmica, a sociedade em geral e também de certa maneira, aos participantes e a concretização do “finis coronat opus”<sup>17</sup>. Ou seja, a publicação marca o fim do círculo do processo da pesquisa científica de acordo com o seu planejamento. Metodologicamente, o uso do Focus Group como técnica de pesquisa está dirigida à recolha de informação, tipicamente de natureza qualitativa, procurando aumentar a compreensão das pessoas sobre um dado tópico, cuja fase mais visível reside no processo da moderação dos grupos. Esta fase, por sua vez, começa na fase do planeamento e termina na fase da divulgação dos resultados.

Portanto, diríamos que se constitui como um processo de interações complexamente contínuas entre as fases que o compõem. Ou seja, de acordo com Braga (2011b), ao adotarmos o Focus Group como técnica de recolha de dados sobre a circulação da agressividade em adolescentes angolanos que consomem conteúdos violentos na internet, faz-nos enveredar por um caminho de alta complexidade, por não sabermos quais resultados obteremos das discussões. Porém, estamos esperançosos de que no confronto dos dados recolhidos das discussões oriundas do Focus Group com os das entrevistas, possamos fugir e ou minimizar os riscos da generalização dos resultados. E, a partir daí possamos perceber possíveis aproximações, defasagens e disrupções que, eventualmente, possam existir, tanto na circulação da agressividade entre os personagens dos vídeos quanto na sua representação pelos os adolescentes. Compreendemos também, que essas possíveis aproximações e defasagens nos permitem construir inferências indutivas, dedutivas e abduativas, que venham em demanda da problemática em estudo e dos objetivos traçados para esta pesquisa.

---

<sup>17</sup> Expressão latina que significa “o fim coroa a obra”. Ou seja, a obra está completa, de acordo com o seu planejamento.

### **3CONSTRUÇÃO ARQUITETÔNICA, ESTRUTURAL E OPERACIONAL DAS TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS: AS MATERIALIDADES PESQUISADAS**

Depois de tudo que vimos até agora, inferimos que os indícios articulados e as inferências aqui viabilizadas podem constituir-se no material expressivo, na formulação do “modelo compreensivo” do fenômeno social, por meio da observação e da descrição reconstrutiva do objeto, sustentados pelos três tipos de inferências. Dessa forma, sob o ponto de vista da mediação e dos processos sociais, o nosso olhar de pesquisadores estará mais próximo das “lógicas processuais básicas que fazem o objeto ‘funcionar’ tanto em sua organização interna (articulação entre as partes) como nas relações com contextos e outras situações com que este entra relevantemente em relação”. (BRAGA, 2016, p.93-94). No contexto do nosso objeto de pesquisa e dada a sua complexidade, fazemos apologia de que a qualidade do processo de observação descritivo/inferencial dependerá da nossa percepção acerca dos fenômenos que pretendemos observar, e de uma possível aproximação aos sentidos gerados nas próprias interações observadas. Tendo como meio orquestrante a problematização formulada acerca do objeto, das teorias e heurísticas que acionamos, só então será o processo de escrita dos relatos da pesquisa. Pretendemos ainda informar que durante o processo da observação não omitiremos aspectos relevantes que poderiam passar despercebidos, bem como faremos o possível para evitar as subjetividades que poderiam deixar perceber apenas os detalhes que nos interessariam. Pelo fato de não termos regras gerais apriorísticas, na descrição dos observáveis, pensamos adotar os “critérios ad-hoc ou tentativos” (BRAGA, 2016), que nos auxiliem no levantamento das marcas ou indícios. Por sua vez essas marcas nos permitem distinguir os elementos essenciais dos acidentais, em função das lógicas interacionais internas da situação em que ocorrem e de suas relações com o contexto de cada adolescente que compõe a amostra da pesquisa.

Por ser um processo tentativo relacional de algo que se situa nas interfaces das práticas sociais (ações) e as teorias (discursos) dos sujeitos, estamos conscientes de que este processo de observação dos observáveis e a sua descrição inferencial constituiu um gigantesco desafio, e também um risco que nos expõe a tautologias e falácias, caso não entabuláremos um discurso descritivo que tome uma posição teórico-metodológica transversal e de argumento científico.

### 3.1 LOCALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIO-HISTÓRICA, CULTURAL E GEOGRÁFICA DA PESQUISA DE CAMPO

Como forma de nos acercar ao nosso objeto de pesquisa, na qualidade de pesquisadores participantes, no contexto da sociedade angolana não seria possível o acercamento do objeto de pesquisa sem antes estabelecer um mapa topográfico que nos oferte e oportunizasse maior acessibilidade ao objeto de pesquisa. Por meio desse mapa delimitamos como campo de pesquisa o colégio Nossa Senhora da Conceição, uma instituição religiosa católica pertencente às irmãs de Santa Doroteia, localizada na Cidade de Benguela em Angola.

Segundo relatos do jornal da CEAST<sup>1</sup> “O Apostolado”, o colégio Nossa Senhora da Conceição teria historicamente a sua gênese em 1934 quando em 13 de outubro, Dom Moisés Alves de Pinho, então bispo de Angola e Congo, solicitava à irmã Maria da Gloria Arraino, também então madre superiora da província de Lisboa, a abertura de uma casa religiosa que se dedicasse ao ensino para a sua diocese. O objetivo do pedido do prelado era conseguir uma congregação feminina que suprisse a falta de colégios voltados à educação de meninas. Por sua vez, Jesus Silva e Figueiredo (2010, p. 101-102) afirma que no dia 28 de fevereiro de 1937, Dom Moisés reforçou o convite à Madre Superiora Maria da Gloria Arraiano afirmando: “acho bem que se fixem no Lubango, mas importa usar de diplomacia com os de Benguela: já compraram casa e estão a contar com as irmãs”. Dentro de pouco tempo depois, (01/3/1937), o convite é reforçado pelo Dr. Germano Antunes do Amaral:

Se V. Excia pudesse ver o embaraço com que lhe estou escrevendo, não hesitaria em me perdoar não lhe ter escrito há mais tempo. É que eu queria dizer-lhes como agora lhes digo: - a vossa casa, aquela casa que mais vos agradou em Benguela, já está comprada e paga. É Benguela que vo-la oferece. Só resta agora que as suas donas a venham habitar para bem de Deus e da Pátria nestas paragens, onde tanta necessidade há de mulheres de sentimentos tão cristãos, que só pelos seus exemplos convertem os maridos que uma aragem traiçoeira pôs fora da Igreja de Cristo! Que campo tão vasto a desbravar!

E então, a todo o vapor colonial, a instituição abraça a causa e destaca para a nova missão quatro freiras Doroteias que chegam a Benguela no dia 10 de abril de 1939, data da fundação e abertura do colégio por meio das irmãs Maria da Glória Arraiano, Maria Luísa Esteves, Maria da Graça Cabral Cavaleiro e Margarida Ferreira. E, “estava lançada a semente, agora era esperar que frutificasse [...]”, (CABRAL, apud JESUS SILVA; FIGUEIREDO,

---

<sup>1</sup> Conferência Episcopal de Angola e São Tomé e Príncipe.

2010, p. 107). Nesse ano, apesar de algumas dificuldades, as Irmãs deram o seu melhor e conseguiram abrir as primeiras salas de aulas, atendendo às necessidades da época com “40 raparigas” (JESUS SILVA; FIGUEIREDO, 2010, p. 160). Para além do ensino académico a irmãs, também se dedicaram a lecionar a disciplina de formação humana, cívica, cristã e catequese.

Ao fim do primeiro ano, por conta dos resultados satisfatórios que obtiveram elas viram-se obrigadas a subir o número de meninas para 81 e a ampliar o espaço construindo novas salas. Assim, em 31 de maio de 1947 foi feita a bênção da primeira pedra para o edifício do colégio, concluído 10 anos depois com as alas direitas e esquerdas interligadas pela capela e o pavilhão para os pianos. O ano de 1959 foi consagrado para a construção da Casa de Trabalho (Lar Santa Paula) e em 1960 o ginásio desportivo.

Em toda a sua logística arquitetônica, o colégio visava, na época, em um sistema de internato e semi-internato, a educação como boa donas de casa quando adultas e de modo geral para a inclusão social de crianças e meninas das classes pobres e completamente abandonadas. Com o tempo houve a necessidade de se adequar ao sistema global de ensino no país. E o colégio teve que adotar os cursos dos Liceus e a instrução primária para as escolas oficiais. Todavia, devido aos desdobramentos da guerra civil e da lei da nacionalização do ensino em Angola em 1978, as Irmãs deixaram o colégio, que passou a ser gerido pelo Ministério da Educação como propriedade estatal. Devido às mudanças políticas do país, a pedido de D. Óscar Braga, então Bispo da diocese de Benguela, foi entregue à respectiva Congregação das Doroteias. No ano de 1991 com o processo da assinatura do processo da paz o colégio foi reaberto. Porém, não apenas para atender as meninas e sim, também meninos, ou seja, todas as crianças e adolescentes do ensino primário. Atualmente está em funcionamento com os três níveis do ensino: I, II e III, totalizando, aproximadamente, 2 mil alunos.

O enfoque dessa descrição topográfica ou delimitativa objetiva, como anunciamos, permite a contextualização e a cognominação da instituição religiosa de ensino (Colégio Nossa Senhora da Conceição) enquanto campo da nossa pesquisa. Por conseguinte, tomaremos de empréstimo o conceito de campo, amplamente desenvolvido por Pierre Bourdieu em suas obras, tais como “O poder simbólico” (1989), “As regras da arte (1992) e, sobretudo na obra “Os usos sociais da ciência” (2004,). Nesta obra o autor entende “campo” como um lugar de tomadas de posições, as lutas, as tensões, o poder. Para Bourdieu (2004, p. 22-23), todo campo “é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças”. A importância de discutirmos essa questão consiste justamente pelo fato de que no âmbito da mediação, o campo converte-se no espaço

fomentador do “fluxo” e do “contrafluxo”. Braga (2011, p. 7) descreve como “a necessidade de previsão da escuta possível na composição da “fala” a ser posta em circulação”. Ainda ancorado ao parecer deste autor, supomos que, observando o que ocorre no contrafluxo, possamos produzir, epistemologicamente, conhecimento “a partir das respostas que pretendemos, esperamos ou receamos”, na interação social com os adolescentes que os constituem e os fazem existir, pelas relações que aí estabelecem. Nessas interações sociais, a compreensão do conceito de campo pode revelar-nos o que os adolescentes em estudo “podem ou não fazer” e “dizer”, através da estrutura socio-histórica-cultural e das suas “relações objetivas”. (BOURDIEU, 2004, p. 23).

Isso significa, do ponto de vista epistemológico, dar um voto de validade e cientificidade aos dados coletados dos debates e às discussões sobre as elaborações e produções sociodiscursivas e comunicativas. Estas são confrontadas com as produções teóricas neste campo, à ribalta entre os pesquisadores, embora segundo Braga (2016, p.16), ainda esteja em constituição.

Nesse processo constituinte, o autor observa “trajetórias epistemológicas”, às vezes flutuantes, que sugerem vertiginosamente uma diversidade extraordinária de questões. Para o efeito, organiza essa trajetória em três níveis, sendo o “primeiro o nível epistemológico, depois o nível teórico-metodológico, e finalmente o nível tático, material”. Focados nestes três níveis, podemos perceber uma trajetória investigativa interacional no campo da pesquisa científica. Pelo que tudo indica, no primeiro nível se destacam as reflexões sobre o conhecimento produzido em uma perspectiva programáticas e de sistemas de pensamento. No segundo, estariam traçadas as estratégias de construção do conhecimento na área das ciências humanas e sociais. Nesta área seriam feitas as reflexões teóricas, a produção de conjecturas. Assume-se, desta forma a elaboração de hipóteses e posições teóricas e desdobramentos em pesquisas. Por fim, no terceiro nível faz-se uma abordagem material. Onde se operam os exercício de técnicas de observação, da obtenção de dados, cujo percurso vai da construção do problema passando pela busca de indicadores e termina no trabalho de interpretação.

Para Braga (2016), esse nível parece corresponder ao momento decisivamente canhestro, no qual o pesquisador, estando diante de labirintos e situações indeterminadas, perspectivas práticas, pistas, índices e dados de observação, é obrigado a estabelecer protocolos e a apelar pela maturidade e responsabilidade singulares e tomar decisões de ordem prática, em vista aos desdobramentos de sua investigação científica.

Numa dimensão de curiosidade investigativa, Braga (2016) prefere definir a palavra comunicação pelo senso comum, mas que se propõe a desenvolver uma disciplina de

conhecimento em concordância com Martino (2012, p.6) que, ao invés de afirmar a existência de uma ciência da comunicação, prefere falar do “campo comunicacional”. Segundo ele, este campo está “intimamente ligado à relação entre pensamento crítico e técnico. Não poderia ser de outro modo, porque a constituição do sistema moderno de comunicação social corresponde ao surgimento de uma configuração social baseada em tecnologia”. Em meio ao parecer destes autores, inferimos que as dificuldades em definir o que seja a comunicação consistam na escolha de seu objeto empírico, na determinação dos seus conceitos basilares, já que é recorrente a uma visão estreita que qualifica as teorias e os conceitos como inerentes a particularidades de uma ciência e não ao conhecimento científico.

Como forma de contornar o embaraço em torno do conceito de ciência, ao pensar filosófica e hermenêuticamente, no campo da ciência de comunicação Sodré (2013, p.73) prefere usar a expressão “sistema de inteligibilidade:

Para nós, diga-se ciência ou sistema de inteligibilidade,   possível, assim, pensar numa hermenêutica, entendida não como inteligência metodológica ou doutrina de verdade da interpreta o – nem mesmo como uma “filosofia” universal da interpreta o –, mas como um modo de inteligibilidade (uma “língua” afiada) aplicado aos fenômenos de compreensão suscitados pela consciência tecnológica: uma nova e redescritiva “hermenêutica da existência”.

Portanto, Sodré (2013) em seus estudos identifica, reconhece e confere o lugar ocupado pela comunica o como o de uma ciência pautada pela a o comum, de base conceitual ampla e claramente relacionada aos objetos empíricos privilegiados durante os processos de análise. Todavia, em nosso entender, os processos de análise dos objetos empíricos devem considerar os atravessamentos, as discontinuidades ou fissuras e as rupturas observadas nos fenômenos analisados pelo pesquisador. Outro elemento a considerar durante os processos de análise   a categoria tempo e os contextos socio-históricos. Isso ajudaria a definir a comunica o como a ciência do tempo. Ou seja, uma ciência que procura interpretar as transforma es de um presente marcado por três instantaneidades: o agora mesmo, o agora e o estando agora (HELLER, 2000; COULDRY; HEPP 2017).

Na visão desse autor, o agora mesmo, em rela o ao passado e ao futuro no sentido ordinário, denota a o e mostra o tempo passando para frente e para tr s. Por sua vez, o agora mostra a rela o com um passado que já terminou e   único (os tempos idos), sendo uma fronteira entre o que aconteceu e o que ainda não aconteceu. O agora indica a intersec o do ser na sequência do mundo da vida, ou seja, em um tempo que se situa entre o começo e o fim (HELLER, 2000). J  o presente seria o estando agora, denotando que se está encerrado num tempo e num espaço, entre o começo e o fim, mas sobretudo num agora mesmo, isto  , a a o

humana num tempo presente que passa durando. É esse tempo durando, denotado na atitude presentista dos estudos de comunicação, que deve ser considerado como categoria teórica fundamental. Esse mesmo estando agora mostra a ação comum, denominada por Heller (2000), de conjuntividade, o comum humano, aspecto metodológico fundamental da comunicação, como também enfatiza Sodré (2013).

Por sua vez, Couldry e Hepp (2017), a partir de uma visão socioconstrutivista, são do parecer de que a sociedade atravessa hoje um tempo que pode ser denominado de midiatiza o profunda. Cronologicamente, este tempo, segundo os autores, compreende três etapas: *mechanization wave* / onda de mecaniza o (1450 a 1800); onda de eletrifica o / *electrification wave*, (1800-1950; e onda de digitaliza o / *digitalization wave* (1950-2020). Portanto, no tempo e espaço, no aqui e no agora, em todos os campos e práticas sociais nada se pode construir seja a nível cultural ou social prescindido dos fluxos comunicacionais. Ou seja, vivemos a era da gera o digital, a gera o *on*. Nessa gera o a realidade social   inseparável da média, uma vez que “as formas com que nós percebemos o mundo fenomenologicamente se tornaram, necessariamente, emaranhadas com as restri es, affordances e rela es de poder características da média enquanto infraestruturas para a comunica o”. (COUDRY; HEPP 2017, p. 7).

Assim, estudar os fenômenos sociais   luz da Midiatiza o e dos processos sociais parece, e com justa razão, equivaler a trilhar pelos atalhos que exigem idas e vindas (Braga, 2012), considerando os contextos socio-históricos e culturais das sociedades nos quais eles ocorrem e das práticas quotidianas dos seus indivíduos.

### 3.2 PROCESSOS INTERACIONAIS ENTRE O “EU DO PESQUISADOR E O “EU DO PESQUISADO: CONSTRU O DAS QUATRO ETAPAS DA PESQUISA DE CAMPO

No contexto da sociedade angolana e na perspectiva da midiatiza o como ambiência, dada a complexidade da temática em estudo, depois da delimita o do seu objeto e da sua problematiza o,   necessário tomar a decisão da sele o de possíveis técnicas e métodos disponíveis no campo científico. De acordo com Tjora (2006) e Threlfall (1999), essas técnicas científicas interativas são propícias para estudar o comportamento dos indivíduos consumidores. O objetivo   a escolha racional e reflexiva de um instrumento que oportunize condi es de operacionaliza o das variáveis e a articula o dos objetivos do tema e do



objeto de estudo, bem como a sua vinculação à linha de pesquisa e na área de concentração do Programa de Pós-Graduação da Unisinos<sup>2</sup>.

Essa posição teórico-metodológica transversal consistirá no estabelecimento de uma tensão epistemológica que envolve um processo que parte da seleção dos indícios, passando pela observação, descrição, classificação e categorização cultural dos fenômenos sociais observados, por meio das teorias e abordagens elaboradas pelos investigadores do campo da comunicação e daqueles que estão nas bordas da midiatização. Ou seja, estamos tentativamente almejando uma pesquisa que instaure uma plataforma epistemológica e interacional entre as inferências indutivas e criativas, construídas a partir dos indícios e as inferências dedutivas, extraídas de conceitos e teorias de autores da área das ciências humanas e sociais.

Dessa forma, almeja extirpar possíveis equívocos e estreitar as relações com o objeto de estudo, visando um “nós” em construção acerca dos fenômenos observados nos empíricos. Para tal, metodologicamente faremos a convocação de autores de áreas específicas para, numa abertura dialógica, encontrarmos um denominador comum que nos permita estabelecer um estudo correlacional (práticas – teorias) acerca da circulação da agressividade em adolescentes angolanos que consomem os conteúdos violentos nas redes sociais (Youtube). Como estratégia dividimos a pesquisa em quatro etapas fundamentais:

- a) etapa 1: a primeira consistirá no uso e apropriação de teorias e conceitos previamente formalizados por pesquisadores na área do conhecimento sobre o contexto socio-histórico-cultural e as novas tecnologias da informação e Comunicação em Angola; sobre a agressividade, sobre a adolescência, os processos de produção, consumo e circulação dos conteúdos midiáticos;
- b) etapa 2: esta, por sua vez, consistirá na elaboração de uma entrevista individual com perguntas livres e abertas, que será aplicada tanto aos adolescentes que constituem a amostra quanto aos produtores dos 11 vídeos observados. Ainda neste tópico elaboraremos três termos de consentimento livre: um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que deverá ser submetido aos pais dos adolescentes, um Termo de Assentimento (TA) para os adolescentes, e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que deverá ser submetido aos produtores dos vídeos a ser observados respectivamente; O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é o documento mais importante na

---

<sup>2</sup> Universidade do Vale dos Sinos - Campus de São Leopoldo / RS.

análise ética de um projeto de pesquisa que envolve os seres humanos. Segundo a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) n.º 196/96, em seu item II.2, o TCLE pode ser de aplicação "individual ou coletivamente, envolva o ser humano de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais." Nesse sentido, ele se torna um documento obrigatório em pesquisas onde serão realizados quaisquer tipos de intervenções diretas ao participante, tais como entrevistas, Focus Group, entre outros. Desde que devidamente justificada, pode-se solicitar a dispensa do TCLE, cabendo decisão do Comitê de ética da Pesquisa emitir parecer favorável ou não. Porém, sempre levando em consideração de que toda a pesquisa científica se constitui como um tipo de atividade estruturada para desenvolver ou contribuir para o conhecimento generalizável, assim entendido como aquele acessível a toda a sociedade. Esse conhecimento generalizável consiste em teorias, princípios ou relações, ou acúmulo de informações em que se baseiam, que podem ser corroboradas por métodos científicos.

- c) etapa 3: elaboração de um questionário de aplicação coletiva. O objetivo dessa técnica é a recolha de dados que ajudem a estudar a circulação e representação social da agressividade em adolescentes que consomem os conteúdos violentos nos vídeos que circulam na internet; conhecer e compreender o histórico sociofamiliar de cada adolescente. A técnica estará estruturada em forma de perguntas individuais concretas, para evitar a contaminação ou influências nas respostas, de aproximadamente 30 perguntas. O objetivo é recolher dados sobre a filiação, sobre as motivações que levam os adolescentes a escolherem e assistirem certos gêneros de vídeos da internet (Youtube); saber os tipos de dispositivos midiáticos (DM) que usam; saber a forma como os usam, aonde e com quem; investigar a quantidade das horas diárias e semanais que os adolescentes acessam a internet; verificar se os conteúdos que assistem e/ou acessam, contêm algumas cenas violentas; compreender o que eles entendem por cenas violentas e agressivas; saber que representações os adolescentes fazem da violência e de agressividade midiáticas; o que os adolescentes fazem circular nas suas páginas pessoais da internet. Ademais, nos interessa indagar sobre a possibilidade de haver comportamentos agressivos e violentos no contexto familiar, escolar e assim por diante.
- d) etapa 4: armação do Focus Group composto por 80 adolescentes. Para efeito, pretende-se promover uma discussão/debate semidirigida sobre a agressividade e a

violência entre os adolescentes no sentido mais amplo e profundo, considerando os resultados obtidos no questionário quanto ao tema em estudo. Por meio de uma metodologia modelada e dirigida, essa técnica servirá para buscar o consenso das possíveis divergências entre as respostas dos adolescentes que compõem a amostra. E, para a sua operacionalização, dos vídeos do campo de observação sobre as disrupções e defasagens, selecionamos três vídeos, nomeadamente: os adolescentes entram em pancadarias no Bela Shopping, e os dois da operação policial. Após a seleção, os vídeos foram exibidos aos adolescentes com a finalidade de observar e anotar os comportamentos de cada um deles. Logo após essa técnica, introduzimos os tópicos de temas previamente selecionados, tais como: a circulação, a representação social da agressividade e da violência, as políticas para combater o uso de armas de fogo e a criminalidade em geral, os vídeos na internet, os adolescentes e o uso dos dispositivos midiáticos.

Assim sendo, como já o referimos anteriormente, pensamos ter o primeiro contato com a instituição, os pais e os adolescentes em vista da seleção e familiarização com as pessoas que compõem a amostra da pesquisa e que responderão as entrevistas. Segundo autores como Yin, (1990) e Babbie (2001), a familiarização com a mostra visa a nossa aproximação social entre pesquisador e pesquisado, entre observador e observado, permitindo que as pessoas fiquem mais à vontade e se sintam mais seguras na recolha dos dados. A nossa ideia é de que por meio das entrevistas e do Focus Group cheguemos à percepção e à observação dos fenômenos em fluxo no espaço social. Esta observação, por seu turno, possa configurar-se como uma técnica que sugere um aprofundamento necessário para a aplicação das entrevistas e discussões no Focus Group. Por esse viés, a combinação da técnica da observação dos fenômenos sociais presentes nos indícios (práticas – ações), selecionados por meio das entrevistas (discursos, teorias) e das discussões do Focus Group constituirão ferramentas e estratégias para as análises descritivas e exploratórias, cujo objetivo é construir inferências indutivas. As inferências poderão suscitar o estabelecimento de interligações discursivas entre as inferências indutivas e dedutivas a respeito de um nós em construção, através de um outro conjunto, as abduções, considerando as possíveis singularidades e generalizações, sobre a circulação do fenômeno da agressividade na ambiência midiática na sociedade angolana.

Na tentativa de sairmos em campo em busca das prováveis respostas a esta pergunta, escolhemos como instrumentos de pesquisa para a recolha de dados a aplicação de duas técnicas:

- a) um questionário. Essa técnica possui no total 29 perguntas e foram elaboradas pelo pesquisador<sup>3</sup> visando os objetivos geral e específicos da pesquisa; o questionário foi aplicado aos 80 adolescentes, sendo 40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino, que compõem a amostra da pesquisa.
- b) um Focus Group. Essa técnica, de igual modo elaborada pelo pesquisador<sup>4</sup>, compreende a criação de um grupo de discussão formado pelos 80 adolescentes da amostra, considerando os objetivos da pesquisa e a problemática em circulação nas redes.

Por meio dessas duas técnicas, a nossa primeira percepção é de que seja possível uma aproximação ao objeto de pesquisa, e que permita uma maior familiaridade na hora de observar e descrever as características comuns em cada indivíduo que responderá às questões nos dois momentos.

### **3.2.1 Tipo de desenho da pesquisa**

Com essas características, visamos estabelecer relações entre as variáveis e construir inferências tanto indutivas quanto dedutivas acerca da circulação de agressividade em adolescentes angolanos, que consomem os conteúdos violentos na internet através dos dispositivos midiáticos. Considerando os objetivos formulados e bem como o marco epistemológico, que sustenta esta investigação, classificamos esta pesquisa como sendo uma pesquisa de cunho descritivo correlacional não causal.

A opção por esse tipo de desenho é, como já o frisamos, de possuir maior familiaridade com o problema. Ou seja, conseguir pistas e caminhos que possam tornar inteligível o acesso ao estudo em questão e nos ajudem, de forma cautelosas, as nossas inferências no momento de construir as hipóteses. De acordo com Gil (2008), para além do levantamento dos observáveis inserimos também as entrevistas (questionário) e o Focus Group, constituídos pelos adolescentes que consomem os conteúdos violentos na internet. Dessa maneira, com a escolha das duas técnicas visamos buscar um instrumento que estimule o nível de compreensão de análise do conteúdo da pesquisa em andamento. O conteúdo será constituído pelos discursos dos adolescentes, obtidos a partir das respostas da entrevista (questionário de aplicação coletiva) a ser elaborada pelo pesquisador, e das discussões do

---

<sup>3</sup> Para mais detalhes sobre a construção deste questionário como técnica de recolha de dados falaremos no capítulo das articulações metodológicas.

<sup>4</sup> Para mais detalhes sobre a construção deste questionário como técnica de recolha de dados falaremos no capítulo das articulações metodológicas.

Focus Group, dos registros narrativos resultantes da observação dos vídeos. Na busca do entendimento sobre o que é a unidade de análise, convocamos Bardin (2009, p. 38), que define a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Porém, no âmbito da midiatização e dos processos sociais, sobretudo considerando a arquitetura da circulação midiática, parece-nos, por si só, insuficiente esta definição para abarcar a especificidade da técnica e a sua validação científica dos resultados. Ela é sim uma ferramenta que nos possibilitará construir inferências de conhecimentos relativos às condições de produção, de percepção, de recepção, de significação e de representação das práticas sociais entre os adolescentes. Dessa forma, como afirmam Rodrigues e Leopardi (1999), a análise desse conteúdo tão somente se refere à uma decisão pessoal nossa de organizar os dados segundo os objetivos e interesses investigativos.

### **3.2.2 Unidade de análise**

Interessa-nos investigar, tanto nas práticas quanto nos discursos dos adolescentes, marcas que nos possibilitem estabelecer interfaces entre os indícios acerca da circulação de agressividade midiática, observados nos empíricos e nos dados obtidos a partir das interações com as suas práticas sociodiscursivas. Ou seja, estamos tateando a objetivar a delimitação da unidade de análise desta investigação, que julgamos ser constituída pelos discursos (relatos) e as práticas dos 80 adolescentes que compõem a amostra da pesquisa.

A postura que assumimos é de um pesquisador que se distancia de uma investigação engessada que se restringe à adoção de uma teoria e de um paradigma ou método. Mas de alguém que, nas interfaces, adota uma estratégia que engloba a multiplicidade de procedimentos, técnicas e pressupostos, objetivando a compreensão das interações, intenções e dos significados que os sujeitos atribuem aos atos humanos. Ou seja, nas interfaces disciplinares estamos fugindo dos aspetos e resultados quantitativos segundo os quais a realidade seria objetiva e mensurável; onde os fenômenos sociais são estudados a partir das abstrações e interpretações de relações causais, testando constructos e hipóteses a partir do uso de medições numéricas. Nesse caso, somos do parecer de que o método mais apropriado para investigar a problemática da circulação da agressividade consista na utilização de técnicas inovadoras de pesquisa qualitativa, sendo importante contribuição para a linha de pesquisa de Midiatização e dos Processos Sociais.

Por decisão pessoal optamos pela pesquisa qualitativa, apesar de ser criticada pelo seu envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14). Porém, nossa decisão deve-se ao fato de que, se originariamente o seu campo era restrito aos estudos de Antropologia e Sociologia, hoje com o desenvolvimento das TICs permite a produção, a circulação e consumo dos bens da indústria cultural.

### **3.2.3 Memória descritiva do “eu” do pesquisado: Contexto Social**

Este tópico configura-se como uma aproximação ao grupo de adolescentes que compartilham um conjunto comum de características de interesse que constitui o objeto de estudo da investigação. Assim, em processo interacional o “eu” do pesquisado é composto por oitenta (80) adolescentes angolanos. O grupo é formado por 40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino, de idade entre 14 e 16 anos, dos ensinos fundamental e médio que frequentam as aulas no colégio Nossa Senhora da Conceição em Benguela. A ideia é, de acordo com Andrade (2005, p. 14-15), por meio das entrevistas de aplicação coletiva e do Focus Grup, possibilitar uma “oportunidade de discussão e o aparecimento de uma decisão ou opinião coletiva” que por sua vez, “marcam as características do agrupamento elementar chamado público”. Por essa vertente, adotamos em nossa pesquisa uma amostra não-probabilística (intencional), feita a partir da nossa experiência de investigadores no campo de pesquisa, numa empiria pautada em raciocínios instruídos por conhecimentos teóricos da relação entre o objeto de estudo e a unidade de análise, ou seja, o corpus a ser estudado (PIRES, 2008).

A partir de Sodré (2011) e Gomes (2017), nas interfaces entre o objeto de estudo e unidade de análise, se considerarmos as “práticas socioculturais” ditas comunicacionais ou “midiáticas” pós-moderna, vem se instituindo como que um campo de ação social correspondente a uma nova forma de vida, um “bios midiático”. Sem o estabelecimento de um vínculo de causa e efeito, esta leitura apenas seja possível sob angulações da forma como a cultura das novas tecnologias está atravessando os campos e as práticas sociais dos indivíduos (FAXINA; GOMES, 2016; GOMES, 2017). Nesse contexto situacional e interacional, inferimos que a consciência do lugar que cada um dos adolescentes ocupa na estrutura social e acadêmica poder servir de marco indicador sobre qual seja a sua tomada de posição.

Como critérios da seleção da amostra, por nossa conveniência, foram incluídos na pesquisa os adolescentes que possuem a faixa etária prevista na pesquisa: alunos matriculados e de frequência escolar regular no Colégio de Nossa Senhora da Conceição em Benguela;

adolescentes usuários da internet através de um dispositivo midiático e, por fim ser possuidor de um perfil numa das redes sociais, como Facebook, WhatsApp, Instagram, Youtube. Todavia, por decisão “ad libitum”<sup>5</sup> nossa, optamos por observar os processos da circulação do fenômeno da agressividade que ocorrem na plataforma do Youtube.

Por meio desses critérios, nossa conjectura indica a partir das respostas às perguntas que serão feitas no questionário de aplicação coletiva, possamos delimitar pontos comuns e diferentes, e observar os processos sobre a construção de circuitos e as estratégias sociossimbólicas constitutivas e midiáticas da circulação da agressividade nos discursos e práticas desses adolescentes. Por esse viés, a partir de Fausto Neto (2010; 2016) e Braga (2011b; 2017), estamos, tentativamente, a projetar a construção de uma arquitetura metodológica de processualidades mais complexas que meras relações, antes pontuais e lineares entre o emissor e o receptor, por exemplo. Trata-se de fazer alusão a um cenário em mutações constantes à mercê das lógicas articuladoras entre participantes e processos comunicacionais, que se constrói em torno de fórmulas de participação organizadas em arquiteturas dinâmicas e múltiplas, afetações cada vez mais complexas no âmbito da circulação midiática. Portanto, torna-se relevante a escolha de instrumentos e técnicas que nos possam ajudar na percepção e observação dessas processualidades, que serão feitas por meio da descrição e análises constituintes acerca do que se estabiliza e se desestabiliza, conforme a própria dinâmica da vida na sociedade angolana, agora em mediatização.

Portanto, interessa-nos verificar, probabilisticamente, que representações (relatos - discursos) fazem estes adolescentes a partir do que assistem na internet, produzem e compartilham (ressignificação = práticas) em suas páginas das redes sociais. Na verdade, objetivamos, nas interfaces e interações no mercado de produção, circulação e consumo dos bens da indústria cultural midiática, ou seja, nas redes de conexões (BORSODORF, 2007), obter um conjunto comum de características de interesse para o problema da investigação.

A ser o caso, longe de elaborarmos uma pesquisa que generalize os resultados, mas que obtenha um rico conteúdo ao recolher muitas informações, em nossa pesquisa optamos por um estudo que observe as representações sociais da violência e da agressividade por meio da seleção de um caso localizável. Para tanto, como forma de nos acercar ao nosso objeto de pesquisa, em primeiro lugar tínhamos em mente três instituições privadas de ensino. As razões da escolha destas instituições basearam-se na sua localização geográfica e também por

---

<sup>5</sup> Ad libitum é uma expressão latina que significa "à vontade", "a bel-prazer", frequentemente abreviada para a d lib.

acharmos que talvez os adolescentes que frequentam tais escolas correspondessem aos requisitos exigidos na seleção da amostra da pesquisa.

O primeiro contato com a instituição foi pelo telefone em 2017. Deste primeiro contato, recebemos a negação da primeira instituição, alegando que o regulamento interno da mesma vetava todo e qualquer tipo de investigação. Já na segunda tentativa pediram-nos que apenas poderia ser possível caso o dono do colégio autorizasse a pesquisa. Todavia, teria que ser pessoalmente e não por carta e tampouco por e-mail. Por sua vez, a segunda instituição manifestou não só a abertura como também o interesse de colaborar com a pesquisa. E então, descartando a primeira instituição, concentramo-nos nas duas últimas. Porém, quando nos deslocamos para o campo a fim de oficializar o pedido, o dono do segundo colégio consultado não deu abertura e também negou a realização da pesquisa alegando razões que não descrevemos aqui. Dessa forma, restou-nos a terceira opção: o colégio Nossa Senhora da Conceição.

### 3.3 PROCESSOS DE APLICAÇÃO DAS TÉCNICAS DE RECOLHA E TRATAMENTO DOS DADOS DEMOGRÁFICOS

Aproximando-nos da grande interrogação filosófica milenar sobre “QUEM É O HOMEM?”, objetivamos, por meio da aplicação das técnicas salientadas na metodologia, mergulhar nas subjetividades dos adolescentes que compõem a amostra por meio dos dados que serão recolhidos. Nosso objetivo é ir na direção que nos permita recolher dados que nos ajudem a perceber elementos constitutivos dos lugares de fala e das práxis vividas no cotidiano, pelos adolescentes que consomem conteúdos em circulação nas redes sociais. Assim como Sartre, (1984, p. 151) também cremos que talvez o homem se caracterize “antes de tudo pela superação de uma situação, pelo que ele chega a fazer daquilo que se fez dele, mesmo que ele não se reconheça jamais em sua objetivação”.

Relendo o pensamento do autor, parece-nos que na busca da superação o homem enfrenta um processo que implica recusas e realizações, manutenção do seu passado, porém aberto ao novo, à transformação. Dito de outra forma, em função do seu futuro, o homem pode definir-se baseado no seu passado, voltado para o devir. Ou seja, levando em consideração o contexto socio-histórico e cultural, ele compreende um projeto em mutações constantes. Sem deixar de ser o que é, de homo sapiens passa para “homo (res) cogitans” do filósofo René Descartes (1973). O sujeito, pelo uso da razão e a partir das relações que vivencia no mundo, produz significações. Essas significações, aliadas aos fluxos das suas



práticas, permite-lhe singularizar os objetos coletivos, humanizando a objetividade do mundo a ponto de dar sentido às posições que ocupa como sujeito. E reafirma a sua inteligibilidade ontológica que vai sendo revelada por perspectivas à medida em que se afirma “ser o que não é e não ser o que é” (SARTRE, 2000, p. 194), simultaneamente. Assim, em cada enunciado (discurso e ação) ou significação é possível “encontrarmos aí o homem total objetivando-se num determinado sujeito”. (MAHEIRIE, 1994, p. 122).

Ademais, as significações podem traduzir os acontecimentos do passado, do presente e as expectativas futuras. Segundo Heller (2000, p. 20), o processo dialético envolvendo as significações (significante / significado = sujeito / objeto) está “no ‘centro’ do acontecer histórico”, como a “verdadeira essência da vida social”. Ao falarmos da “verdadeira essência da vida social”, estamos apelando para a constituição da identidade singular e coletiva, entendidas em uma dimensão temporal. Esta, por sua vez, implica a existência vincular, relacional e conflitiva que envolve o passado, o presente e o futuro. Dessa forma, inferimos que as identidades dos indivíduos, quer singulares quer coletivas, são inventadas e construídas nas interfaces entre oposições, conflitos e em um processo aberto de dois “eus” em negociações. Ou seja, entre o “eu” do significante e o “eu” do significado, o “eu” do sujeito e o “eu” do objeto, o “eu” do pesquisador e o “eu” do pesquisado. Assim, em um processo interacional apresentamos os dados recolhidos durante a aplicação das técnicas da pesquisa.

Depois de termos feito uma reflexão sobre as questões metodológicas, de modo a fundamentar a estratégia de investigação escolhida no segundo capítulo e exposto todas as fases do plano de investigação empírica, cabe agora discorrer sobre os procedimentos relativos à execução do trabalho empírico. Conforme o desenho da pesquisa, pensamos aqui retomar alguns itens já abordados na primeira parte desta pesquisa. O nosso objetivo, com esta retomada, é a implementação e a aplicação dos instrumentos e técnicas descritos no capítulo dos princípios metodológicos. Portanto, inferimos que este apartado se configura como um processo heurístico que nos permitirá obter o registo topográfico sobre as subjetividades dos entrevistados. Isso será possível perante as questões a que serão submetidos por meio das aplicações coletivas de entrevistas e da constituição do Focus Group.

Os dobramentos deste processo tiveram o seu início com o contato telefônico e depois através do envio, por e-mail, da carta de anuência à diretora do Colégio Nossa Senhora da Conceição, instituição de ensino, onde estudam os adolescentes que compõem a amostra. Tendo sido aceita a solicitação, começamos a trabalhar na construção das entrevistas e na busca de marcos disparadores para as discussões no Focus Group, como técnica de recolha de

dados. Por falta de abordagem em Angola até o momento no campo da Comunicação Social, de Psicologia e Educação, que investigam os fluxos e contra-fluxos do fenômeno da agressividade, resolvemos selecionar alguns dos vídeos em circulação na internet, mais concretamente no Youtube.

Em uma primeira fase pensávamos selecionar os vídeos e depois fazer perguntas aos produtores, sobre as condições de produção e quais razões os levaram a postá-los nas redes sociais. E para o efeito, elaborávamos três Termos de Livre Consentimento Esclarecido: um Termos de Livre Consentimentos Esclarecidos (TCLE) para os produtores dos vídeos selecionados; um para os pais e ou encarregados de educação dos adolescentes e; um para os respectivos adolescentes. Porém, devido as características mutantes e híbridas, na esfera de produção e consumo dos bens da indústria cultural midiática e, sobretudo devido à nova ambiência, criada pelo desenvolvimento sociotécnico, tecnológico e cultural com o advento da Web e internet, achamos por bem descartar o primeiro termo. Na nossa decisão tivemos como referências autores como McLuhan (1998), Pool (1990), Negroponte (1995), Lévy (1993) Thompson (1998), Santaella (2003), Castells (2003), Primo (2007) e Jenkins (2008).

Segundo eles, por “sui generis”, a internet cria para os indivíduos uma ambiência que possibilita a interatividade, participação e convergência midiática. Ainda para esses autores, essa ambiência é caracterizada pelas transformações de caráter sociotécnico, tecnológico e cultural dos meios de comunicação e seus produtos midiáticos. No passado as tecnologias comunicacionais tinham como único objetivo a distribuição dos conteúdos midiáticos. Hoje eles não só são produzidos pelas instituições em vista ao consumo, mas os consumidores também os reproduzem e os compartilham por meio dos usos e apropriações das lógicas e gramáticas sociotécnicas e tecnológicas de produção midiática, graças ao desenvolvimento das TICs, sobretudo da ambiência da internet.

Tendo todo o material pronto para a pesquisa de campo, no dia 18 de maio de 2019 via aeroporto de Guarulhos, partimos do Brasil para Luanda / Angola e no dia 19 de Luanda para a Província de Benguela. Depois de quatro dias de readaptação ao fuso horário, (22/05/19) deslocamo-nos para o colégio para o primeiro contato físico com a direção da Instituição de ensino, aonde realizaríamos a pesquisa. Ainda no mesmo dia passando pelas salas de aulas com o diretor pedagógico do instituto, conversamos informalmente com os adolescentes.

Nesse primeiro contato, o nosso objetivo era criar um ambiente de socialização e também de manifestação do nosso desejo de fazer uma entrevista com os adolescentes. Sem, no entanto, manifestar o motivo da entrevista, observamos na fala deles um certo interesse em participar da entrevista. Entretanto, queriam saber qual seria a finalidade da entrevista, e então

explicamos o real motivo. Quando souberam que teria como finalidade colher dados sobre a circulação do fenômeno de agressividade midiática entre os adolescentes que consomem os conteúdos violentos nas redes sociais (Youtube), quase todos os adolescentes queriam participar da pesquisa. Devido à escassez do tempo interrompemos as conversas e retornamos para casa.

No dia seguinte (23/05/19) retornamos ao colégio para fazer a seleção da amostra, conforme referenciado no capítulo da metodologia. Para o efeito, sem o recurso de um instrumento específico, na seleção dos 80 adolescentes, optamos como requisito escolher aqueles adolescentes que possuem a idade entre 14 a 16 anos, matriculados em regime regular no Colégio de Nossa Senhora da Conceição em Benguela; que acessam a internet através de um dispositivo midiático e, por fim, que tenham um canal ou um perfil numa das redes sociais, nas plataformas como Facebook, WhatsApp, Instagram, YouTube. Desse modo, foram excluídos da amostra todos os adolescentes que não atendem aos requisitos delineados no processo seletivo.

Finalizada a seleção da amostra, composta no total por 80 adolescentes, sendo 40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino, promovemos uma conversa mais direcionada para as atividades da pesquisa. Em seguida entregamos aos selecionados os TCLE que foram preenchidos em casa por eles e pelos seus encarregados de educação. Ou seja, um Termo pelos adolescentes e um outro pelos pais e ou responsáveis dos respectivos adolescentes, e que trouxeram no dia da aplicação coletiva das entrevistas individuais. Como já afirmamos, estes termos são basicamente um protocolo que, eticamente nos garantem a proteção legal e moral enquanto pesquisador. Os adolescentes e seus responsáveis têm a oportunidade de expressar o seu livre e claro consentimento em participar da pesquisa. Sendo assim, a conversa obtida com eles serviu de esclarecimento no intuito de evitar qualquer dúvida e ou a inibição. E também visou deixar que cada adolescente que participaria da pesquisa se sentisse à vontade e livre na hora de responder as perguntas, embora a técnica fosse de aplicação coletiva, a entrevista foi estruturada em forma de questionário composta por 28 perguntas de múltiplas escolhas<sup>6</sup>.

O dia 27 de maio de 2019, pelas 10 horas da manhã, conforme ficou combinado, os adolescentes e a direção do Colégio Nossa Senhora da Conceição estavam no auditório da escola, acomodados em suas carteiras individuais, para a aplicação coletiva da entrevista. Após recolhermos os TCLE, em um ambiente de cordialidade e antes da aplicação do

---

<sup>6</sup> O texto completo das entrevistas aparecerá no tópico seguinte com os dados recolhidos.

questionário, explicamos aos adolescentes os procedimentos da aplicação das entrevistas. Dentre os pontos, destacamos a importância de cada participante responder todas as perguntas sem a preocupação de certo ou errado como ocorre nos dias de provas. E que cada adolescente poderia escrever livremente o que pensasse sobre cada pergunta da entrevista. Por questões de economia do tempo, estabelecemos para as 28 perguntas da entrevista o período limite de duas horas e o tempo mínimo de 45 minutos. Quanto às dúvidas que pudessem ocorrer durante a aplicação da técnica, colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento. Ou seja, a qualquer momento eles poderiam nos chamar e também caso percebêssemos alguém com dificuldade poderíamos ir ao encontro dele. Também acordamos que caso o ambiente se tornasse constrangedor para a maior parte dos pesquisados, a aplicação da técnica poderia ser interrompida.

Na elaboração das entrevistas tomamos como ponto de referência o tecido rizomático construído por Faxina e Gomes (2016, p. 188), que configuram tanto o estado da “sociedade” atual quanto os “indivíduos” que a constituem, como “em midiatização”. Para eles, vive-se a “configuração de uma ambiência [...] em que o ser se estabelece na relação com o meio, de forma que um não possa ser pensando sem o outro”. [...] Sublinha-se, configura-se um novo modo de ser e viver em sociedade”.

Nesta ordem de raciocínio, as entrevistas apresentam duas partes: uma que incide sobre os dados sociodemográficos e outra sobre os dados sociotécnico e tecnológicos interacionais, que a seguir passamos a descrever.

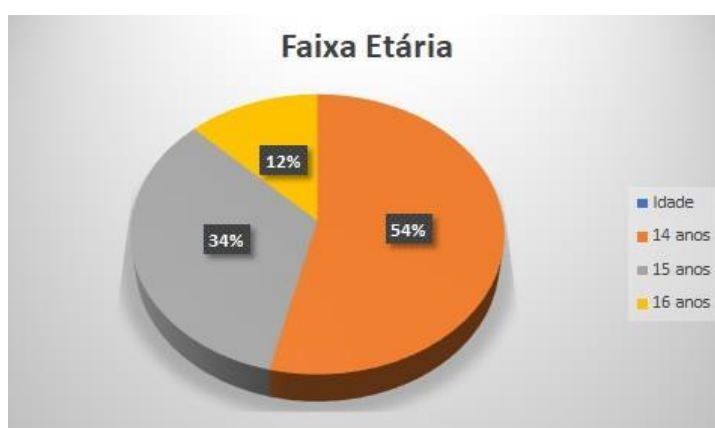
### **3.3.1 Recolha e tensionamento dos dados sociodemográficos**

Autores como Oliveira (2003), Jennuzzi (2017), compreendem que as estatísticas públicas, especialmente aquelas levantadas nos Censos Demográficos, têm sido fundamentais na formulação de políticas públicas e governamentais, ao permitirem a elaboração de diagnósticos socioeconômicos com abrangência temática, detalhe territorial e comparabilidade histórica. Continuando, para eles é através desses levantamentos que o pesquisador pode ter acesso aos indicadores de emprego, de renda e pobreza, de acesso domiciliar, ao saneamento básico, energia elétrica e pavimentação, ocupação, subocupação e desemprego de chefes de família, de evasão e atraso escolar de crianças, de analfabetismo de adultos. Para Jennuzzi (2017) esses indicadores são essenciais para o dimensionamento de demandas sociais, proposição de políticas e programas e para orientação do investimento público e privado em infraestrutura urbana e serviços.

Nesse sentido, os censos têm permitido avaliar a efetividade – ou não – da ação governamental em várias áreas setoriais. Portanto, o Censo Demográfico pode refletir a agenda de preocupações, a seu tempo, da sociedade e do governo, do momento de sua realização, além de projetar o sonho de cada nação no futuro imediato, ao explicitar novas demandas de políticas sociais sobre expansão da cultura midiática em Angola. Na visão de Hall (1997, p.16), a cultura midiática pode fazer “deslocar o sujeito da sua posição” de mero produtor ou consumidor. Sob o ponto de vista angolano, isso pode implicar uma virada cultural, que nos obriga antes de tudo, a entender o passado do sujeito angolano para só depois identificar, à luz desta nova cultura aquilo é estável e emanador de sentido indenitário. E,consequentemente, nas interações, tensões e em choques cultuais (HARRIS; MORAN, 1979) estabelecer novas formas de ser e existir (FAXINA; GOMES 2016) na sociedade angolana.

Feito tal esclarecimento, o nosso foco é o estabelecimento de um Censo Demográfico em Angola por meio de uma amostragem em grau menor, porém passível de generalizações. Conforme a ordem das questões da entrevista, a primeira pergunta consistiu em saber as idades de cada adolescente numa faixa etária que vai dos 14 aos 16 anos de idade. Após a aplicação e recolha dos dados dos 80 adolescentes que compõem a amostra, em termos comparativos, mas não visando o sexo de cada um deles, os resultados apontam o seguinte: 43 adolescentes afirmaram terem quatorze 14 anos; 28 disseram que tinham 15 anos; e 10 adolescentes relataram que estavam com 16 anos de idade, respectivamente. Em um cálculo percentual representamos a respostas desses adolescentes por meio de um gráfico.

Gráfico 2 – Faixa Etária



Fonte: Elaborado pelo autor.

Atendo-nos ao gráfico percentual, concluímos que os adolescentes da faixa etária dos 14 anos constituem a maioria dos adolescentes pesquisados. A opção por esta faixa etária deve-se pelo fato de que os dados do Fundo de População das Nações Unidas (INFPA, 2016), apontam que as crianças e adolescência constituem a maioria da camada populacional angolana e a que mais cresce na África. E, avançando, estabelece os grupos etários dos 0-14 anos e dos 15-24 anos de idade, como a representação de uma população extremamente jovem que corresponde a cerca de 65% da população residente, contrapondo-a abismalmente a 2% da população de idosos que tem 65 ou mais anos. O INFPA reconhece que Angola, tal como em alguns países da África Subsaariana, tem um grande reservatório de talento jovem com oportunidade de renovar o capital social econômico, e vai continuar a desfrutar deste bônus nos próximos 15-20 anos. Com base nesses dados, julgamos ser necessário aprofundarmos o nosso nível de conhecimento acerca do conceito de adolescência.

Etimologicamente falando, o conceito de adolescência perpassa gerações e séculos. Oriundo do latim “adolescere”, que significa crescer, e se configura como um “fenômeno que se apresenta incerto”, uma vez que “toda a estrutura social é sustentada por uma cultura e esta por sua vez determina aquela”. Neste sentido cada país, cultura ou sociedade pode impor “os ritos e as regras sobre quando começa e termina a adolescência”. (QUIROGA, 2007, p. 25). De uma forma mais estruturada, o conceito aparece oficialmente a partir de Stanley Hall em 1904 e durante a década de 50, no século passado, tenha aparecido o fenômeno denominado “juventude transviada” ou “rebelde sem causa” (GROSSMAN, 1998). Autores como Cole e Cole (2004), Sprinthall e Collins (1999), Kimmel, D. C. e Weiner (1998) afirmam haver registros entre os indivíduos e nas literaturas, especialmente textos sobre educação. Segundo tais registros, embora nem sempre com características específicas, havia componentes psicológicos e fisiológicos associados à adolescência, independentemente do período histórico ou cultural. Assim, nas interfaces dos acontecimentos sociais, demográficos e culturais parece ser possível definir adolescência como período distinto do desenvolvimento humano. Segundo a Organização Mundial de Saúde OMS (1965), a adolescência corresponderia à segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 20 anos, definida como um período biopsicossocial.

A partir dos dados apontados pela OMS e considerando a complexidade incerta dessa faixa etária, nesta pesquisa pretendemos abordar o conceito de adolescência sob dois aspectos destacados por Quiroga (2007, p. 20). A autora divide a adolescência em: a) cronológico esquematizado: “Adolescência temprana” (8 aos 15); “a adolescência média” (15 aos 18) e a “adolescência tardia” (18 aos 28) anos respectivamente. Importa aqui falarmos da

“adolescência média” por marcar a estabilização do processo de crescimento e permitir ao adolescente sair de casa em busca do outro, mediante um processo de deslocamento de investidas libidinais do corpo em direção ao objeto; b) aspecto antropológico, sobretudo na estrutura social a adolescência diz respeito a um tempo histórico e a um espaço geográfico.

A partir do conceito de moratória, Erickson (1976) institucionalizou a adolescência e a caracterizou como uma fase especial no processo do desenvolvimento, na qual a confusão de papéis, as dificuldades para estabelecer uma identidade própria a marcavam como “um modo de vida entre a infância e a vida adulta”. (ERICKSON, 1976, p.128).

Por sua vez, Aberastury e Knobel (1988) introduziram a noção de “síndrome normal da adolescência”, caracterizada por uma sintomatologia não patológica. Segundo ela, o período da adolescência inclui 10 estágios:

“1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, em que o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, desde o auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) a atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo”. (ABERASTURY; KNOBEL, 1989, p.28).

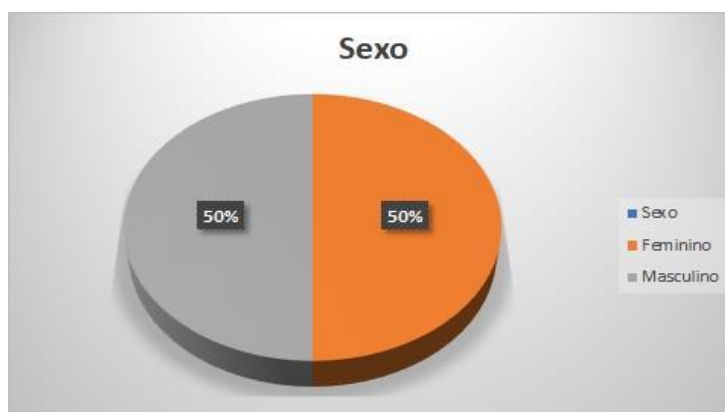
Dessa forma, a adolescência é aqui entendida como uma construção social que repercute na subjetividade e no desenvolvimento do homem (BOCK, 2004). Por seu turno, Levinsky (1995) conceitua a adolescência como sendo uma fase do desenvolvimento evolutivo, em que o indivíduo gradualmente passa para a vida adulta de acordo com as condições socio-históricas e culturais.

Em nossa pesquisa adotaremos o conceito de adolescência como de natureza psicossocial, em choque interacional, primeiro consigo mesmo e depois com a sociedade, que tem o seu início com o surgimento da fase, vinculado à puberdade e ao desenvolvimento cognitivo. Portanto, a adolescência passa a ser caracterizada pelo modo como os indivíduos se representam e são representados nas interações socio-históricas, culturais e ambientais. Ou seja, ela aparece como reflexo dos aspectos corporais e psicológicos e dos modos de reprodução em uma dada sociedade.

O nosso discurso sobre a adolescência é sustentado por uma visão dos dois gêneros (masculino e feminino) entre os 80 adolescentes pesquisados. Conforme o gráfico abaixo, foram selecionados 40 adolescentes do sexo masculino e 40 do feminino, respectivamente.

Seguindo a colocação das carteiras no auditório onde ocorreu a aplicação da técnica, do número 1 até o 40, foram colocados os adolescentes do sexo masculino, e do número 41 até o 80 foram ocupadas pelas adolescentes do sexo feminino. Para além dos objetivos previstos na pesquisa, esta pergunta constitui-se como uma forma de dar vez e voz a cada um deles, a fim de que se pudessem dizer sobre qual sexo pertencia, como consta no gráfico abaixo.

Gráfico 3 - Sexo



Fonte: Elaborado pelo autor.

A opção pela escolha equilibrada visa compreender o sexo e do gênero (masculino e feminino). De uma forma geral diremos que os seres vivos apresentam características estruturais e funcionais peculiares e distintivas entre os machos e as fêmeas. O pesquisador Nogueira (2001) classifica os indivíduos segundo a anatomia humana e utiliza o termo sexo masculino e feminino para diferenciar se o indivíduo é macho ou fêmea, de acordo com os cromossomas expressos em seus órgãos genitais. Por sua vez Oliveira e Knoner (2005) categorizam as pessoas pelos sexos masculino e feminino a partir de papéis sociais distintos, porém, interdependentes um do outro. É pensando nessa interdependência que pensamos o conceito de adolescência. Cremos que na sociedade dos fluxos dos bens da cultura da indústria das TICs, as informações sobre a circulação e consumo, bem como as consequências advindas desta cultura, os conceitos de sexo masculino e feminino, embora se construam em oposição nas interfaces, não signifiquem necessariamente contradição, luta, conflito ou desigualdade, mas interacional, na ambiência da midiatização.

Ou seja, compreendemos que na ambiência da midiatização o conceito de gênero passa a ser interpretado, sem entrar no mérito das discussões terminológicas, antropológicas e psicológicas, como uma construção cultural e social que pode incluir diversos componentes, como identidade, valores, prestígio, regras, normas, comportamentos, sentimentos, entre outros.



Em questões que se prendem com o nível de escolaridade em Angola, foram incluídas no elenco das perguntas das entrevistas. Assim, em meio aos diversos componentes, trazemos aqui os dados sobre o nível de escolaridade dos 80 adolescentes que compõem a amostra. Após a recolha dos dados verificamos que 6 adolescentes, sendo que 5 do sexo masculino e 1 do sexo feminino, responderam que estavam frequentando a 7ª Classe. Os adolescentes que frequentam a 8ª Classe somam um total de 25, dos quais 18 são do sexo masculino e 7 ao sexo feminino, respectivamente. Por último e em número maior estão os 49 adolescentes, dos quais 16 são do sexo masculino e 33 do sexo feminino estavam na 9ª Classe, conforme aparece no gráfico que apresentamos a seguir.

Gráfico 4 – Nível de escolaridade



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico acima vem de encontro aos dados do PNUD<sup>7</sup> (2010) que reconhecem e revelam a importância das políticas de cooperação na área da educação, visando todos os processos de desenvolvimento socioeconômico e cultural (DELORS, 1996; MORIN, 2002) em Angola. Em proporção, vemos no gráfico uma certa crescente taxa do nível de escolaridade à medida em que a idade vai aumentando. Dos 80 adolescentes, 6 com a idade de 14 anos estão fazendo a 7ª Classe. Porém, em termos comparativos os adolescentes do sexo masculino estão em primeiro lugar em proporção de uma adolescente do sexo feminino. O mesmo se repete com os adolescentes com a idade dos 15 anos, num total de 25. Dentre estes, 18 adolescentes são do sexo masculino enquanto apenas 7 do sexo feminino frequentam a 8ª Classe. Diferentemente dos dois primeiros grupos, este era composto por 49 adolescentes, em termos escolar e etário, frequentava a 9ª Classe e tinha 16 anos de idade. Dos 49 adolescentes, apenas 16 eram do sexo masculino e 33 eram do sexo feminino.

<sup>7</sup> Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

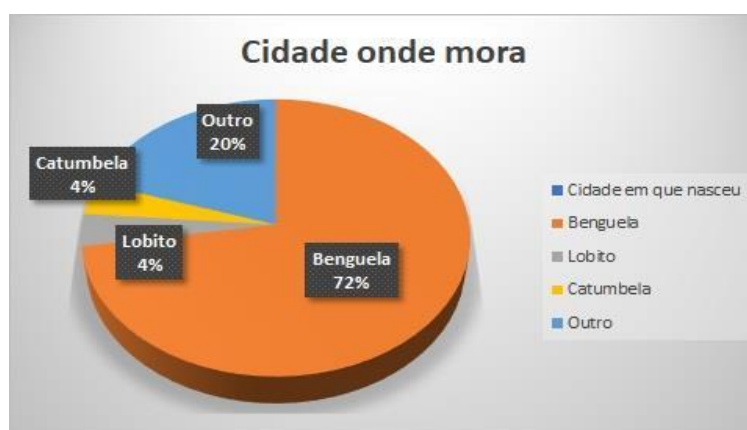
Tomando por base esses números, podemos concluir que os adolescentes do sexo feminino somam uma ligeira vantagem sobre os do sexo masculino, se comparado com os do sexo masculino em todos os grupos. Essa vantagem deve-se à tomada de consciência de uma taxa de analfabetismo na ordem dos 85%, uma das mais elevadas do mundo em Angola (PNUD-Angola, 2002) até a independência. E, então, consciente de tal situação, o novo governo tentou adotar uma ideologia que desse prioridade à educação, aplicando nessa área grandes investimentos. Tendo em vista a formação do novo cidadão angolano, com uma nova personalidade, moldada nos ideais nacionalistas, o Estado angolano achou por bem iniciar pela base com reestruturação do ensino primário, que passou a compreender seis anos. O ensino primário deve ser frequentado a partir dos seis anos e seu término é previsto para os 11 anos. No entanto, a maioria das crianças entra tardiamente no sistema de ensino, acabando também por terminá-lo mais tarde. Dados obtidos do IBEP<sup>8</sup> (Angola, 2010), realizado em 2009, mostraram que o ensino primário tinha nesse ano uma taxa de ocupação por crianças entre 12 e 17 anos na ordem dos 58,5%. Esse fator representa um atraso para a própria criança, uma vez que, na mesma sala se encontram crianças de idades muito variadas. Ou outro lado, o ensino secundário ficou estruturado em dois níveis: o 1º nível (7a, 8a e 9a classes) e o 2º nível (10a, 11a e 12a classes).

No contexto dos adolescentes que compõem a nossa amostra e frequentam as aulas do 1º nível, como o nome da cidade também corresponde ao da província, fizemos um levantamento para saber se todos os adolescentes eram naturais de Benguela. A pergunta oferecia aos alunos opções de respostas consoante ao local de nascimento. Assim, no concernente à esta pergunta 3 adolescentes, sendo 2 do sexo masculino e 1 do sexo feminino, responderam que tinham nascido na cidade do Lobito; outros 3, todas do sexo feminino, na cidade da Cabumbela; 16 em outras cidades; e 58, dentre os quais 30 são do sexo masculino e 28 são do sexo feminino, nasceram na cidade de Benguela. Representamos abaixo o gráfico percentual.

---

<sup>8</sup> Inquérito sobre o Bem-Estar da população

Gráfico 5 – Cidade onde mora



Fonte: Elaborado pelo autor.

Este gráfico mostra-nos uma realidade que nos permite convocar Hall (2005, p. 48), e então observamos que é possível que se crie, nestes adolescentes, uma “identidade impregnada de representações, de referências visuais e simbólicas”. Estas são em grande parte relacionadas à forma como cada um deles se relaciona com os aspectos de circulação e convívio no ambiente escolar do colégio, embora a maior parte deles seja da cidade de Benguela. Nessa perspectiva, falar de “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente se torna uma fantasia” (HALL, 2005, p. 13), perante o processo interacional e representacional de referências visuais e simbólicas com a nova cultura em circulação no ambiente escolar. Ou seja, o que antes era institucionalizado (identidade cultural), passa a ser uma “questão individual suscetível de ser retomada infinitamente”.

Falar em identidade equivale a sermos reconhecidos pelo que “somos em nossa diferença comunitária e histórica, pelo que nos distingue dos outros grupos”. (LIPOVETSKY, 2004, p. 95). Ou seja, em um mundo interconectado e fluido, a sedimentação identitária organizada em conjuntos estáveis, como etnias, nações e classes, passa a ser reestruturada “em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais”. (CANCLINI, 2001, p. 23). Para a mesma direção nos aponta Castells (2001, p. 22). Segundo o autor as “identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções”, sendo que aqui se entende significado como “a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator”. Isso parece sugerir a discussão interacional que levante a suspeita de que a construção da identidade surja nas interfaces entre os fluxos circulatórios dos objetos e os contextos socio-históricos e culturais.

Autores como Lefebvre (2001), Duarte (2002) e Augé (2005) chamam esses contextos como de lugares identitários, porções significadas do espaço social, compreendidas a partir de

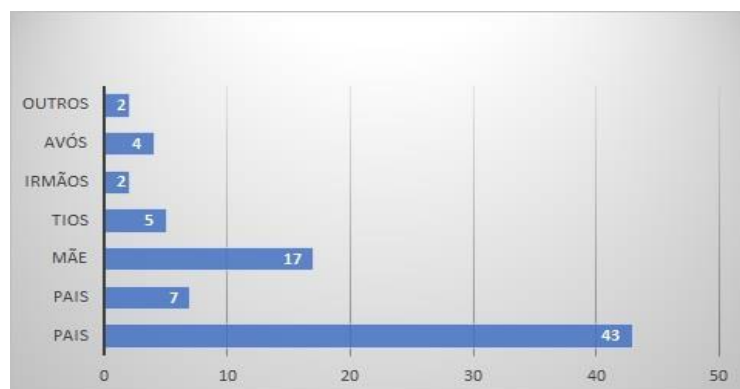
relações sociais e históricas (AUGÉ, 2005). Aproximando-nos de Hall (2005, p.12), diremos que nesses lugares se operam um processo singular e subjetivo de codificação e decodificação através das significações, apropriações dos objetos da retroalimentação dos fixos e dos fluxos. Para o autor, esse processo produz por sua vez o sujeito pós-moderno,

Conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2005, p. 12).

Nesse sentido, Hall (2005) explica que em meio aos fluxos e contrafluxos parece insurgir algo como “identidades múltiplas”, prenes significados dependendo das “posições” que um “sujeito” pode tomar, e ou dizer respeito à “questões individuais” (LIPOVETSKY, 2004), que independem dos papéis que os indivíduos desempenham na sociedade, como pai, irmão, professor.

Após a Guerra Civil a República de Angola configura-se como um país soberano, regido por leis próprias através da Constituição da República ou do Código do Direito Civil. Em meio aos desdobramentos das leis, contidas no mesmo, figura o Código da Família Angolana. Segundo este, sobretudo em suas disposições gerais, os artigos 7 e 9, apontam como fontes das relações familiares o parentesco, o casamento, a união de fato e a afinidade. E então como forma de saber os laços de parentesco de cada um dos 80 adolescentes, perguntamos sobre o grau de parentesco das pessoas com quem eles vivem. Surpreendente os dados recolhidos, pois apontam que 43, dos quais 25 do sexo masculino e 18 do sexo feminino moram com o pai e a mãe; 7, sendo 3 do sexo masculino e quatro 4 do sexo feminino, moram com o pai; 17, dos quais 5 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, moram somente com a mãe; 5, dentre os quais 2 são do sexo masculino e 3 do sexo feminino, moram com os tios; 2, sendo 1 do sexo masculino e outro feminino, moram com os irmãos mais velhos; 4, dos quais três são do sexo masculino e 1 do sexo feminino, moram com os avós; e por último, 2 adolescentes do sexo feminino moram com outras pessoas não especificadas, como também podemos conferir percentualmente no gráfico abaixo.

Gráfico 6 – Grau de parentesco com quem vivem



Fonte: Elaborado pelo autor.

Olhando para o gráfico, concluímos que em Angola ainda são conservados os padrões familiares e tradicionais, apesar de nas sociedades contemporâneas, não se encontrar modelos familiares únicos, de no que diz respeito ao desenvolvimento da educação dos filhos. Isso se deve às transformações nos papéis tradicionais da mãe e do pai e das novas configurações familiares (FÉRES-CARNEIRO; ZIVIANI, 2009; LAUZ; BORGES, 2013; LEME *et al.*, 2013; MELO; MOTA, 2013; SANTOS; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2013; TEIXEIRA; PARENTE; BORIS, 2009; VALENTIM; DIAS, 2014). Em Angola, a família (pai, mãe e filhos) ainda ocupa um lugar intermediário entre a sociedade e o indivíduo. Ela ainda é o “útero social”, transformado em lugar singular de convivência, acolhimento, afeto, educação e de interações sociais.

Ao falarmos das interações sociais, estamos entendendo, objetivando, adicionando ao meio físico (família) o espaço social (FREIRE, 1996; KATCHIPWI SAYLA, 2012; VYGOTSKY, 2005; 1934), como de aprendizagem e de construção de identidades por meio de um conjunto de experiências individuais sobre o mundo, que agem sobre o meio cultural a que os sujeitos têm acesso. Portanto, inferimos que o comportamento de um indivíduo pode ser influenciado pelo contexto da família, da escola e da sociedade, contextos que interferem diretamente no aprendizado e no desenvolvimento infantil (KOBARG; SACHETTI; VIEIRA, 2006; REGO, 2011). Para Vygotsky (1989), é todo esse conjunto que impulsiona o processo das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. Essas funções também acabam sendo responsáveis pela orquestração da constituição dos sujeitos enquanto membros de uma família.

Segundo os artigos que vão de I aos 6, do Código Angolano da Família, esta é definida como o núcleo fundamental da organização da sociedade, é objeto de proteção do Estado, quer se fundamente em casamento, quer em união de fato, cujo dever é contribuir para o bem-

estar de todos os seus membros, a educação e o desenvolvimento harmonioso, no respeito pelos valores culturais, no espírito do amor ao trabalho e do combate às concepções ultrapassadas no seio do povo, da luta contra a exploração, a opressão e da fidelidade à Pátria e à Revolução. Ela deve ainda zelar pelo equilíbrio ético, moral, espiritual e psicológico de todos os seus membros, de forma que cada um possa realizar plenamente a sua personalidade e as suas aptidões, no interesse de toda a sociedade constituída, segundo dados estatísticos de 2019, composta por uma população de aproximadamente 30 milhões de habitantes e com um crescimento de 3.29 % ao ano.

Estes 30 milhões de habitantes encontram-se agrupados em pequenos grupos, em formas de agregado familiar em que uma ou mais pessoas que partilham e usam os mesmos recursos e podem estar ou não relacionadas por parentesco. Ou como definiu Goldani (1993, p.78), os resultados recolhidos revelam-nos que as famílias angolanas podem ser definidas como “um conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica que vivem no mesmo domicílio, e ou, pessoas que vivem só em domicílio particular” (GOLDANI, 1993, p.78). Como estratégias de penetração nesse complexo núcleo familiar, elaboramos uma pergunta que agrupasse os indivíduos em três grupos: um que vai de 1 a 3 membros; outro de 4 a 6 pessoas, e o terceiro composto por 6 ou mais indivíduos.

- a) a primeira opção foi respondida por 14 adolescentes, dos quais 6 eram do sexo masculino e 8 do sexo feminino;
- b) na segunda opção apuramos a resposta de 55 adolescentes, dos quais 35 eram do sexo masculino e 20 do sexo feminino;
- c) a última opção foi preenchida pelas respostas de 19 adolescentes, dentre eles 8 do sexo masculino e 11 do feminino.

Gráfico 7 – Número de pessoas que moram com você



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os indicativos desse gráfico apontam para um agregado familiar populoso. No contexto da sociedade angolana, um país de rendimentos abaixo da linha de pobreza, linha essa que o Banco Mundial (BM) estabeleceu em 1 dólar americano (USD) por dia, interpretamos que em termos gerais, a maior parte desses adolescentes viva “numa condição de pobreza” (GIDDENS, 2001, p. 313), devido ao número maior de pessoas por família dentro da mesma casa.

Na visão de Capucha (1998; 2005) e Amaro (2003), a pobreza consistiria na falta de alguma coisa essencial para a mera sobrevivência. Para tanto, dependendo do local, das condições de vida, da quantidade das pessoas em casa e, sobretudo da renda familiar, podemos estar perante uma situação de pobreza extrema (absoluta) ou pobreza relativa. Capucha (2005, p. 72-73), citando a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Social, realizada em Copenhague, em 1995, onde foram debatidos “os problemas e as possíveis soluções para o desenvolvimento social e do bem-estar humano de todos”, define a pobreza como “a condição caracterizada por uma privação severa de necessidades humanas básicas, incluindo saúde, comida, habitação, educação e informação”.

Nessa perspectiva, tomaremos a renda familiar como base para avaliarmos o nível de pobreza em Angola. Esta foi calculada a partir do comunicado oficial da Presidência da República de Angola, enviada à Comissão Económica do Conselho de Ministros, tornado público pela agência Lusa no dia 23 de fevereiro de 2019. Segundo o comunicado, o Governo Angolano estima que o salário mínimo nacional no setor privado na área de agricultura é de 26.817 Kwanzas (74,54 euros). Para os trabalhadores ligados ao comércio da indústria extrativa de 32.181 Kwanzas (90,65 euros) e para os da função pública de segunda classe, categoria mais baixa na estrutura de carreiras do regime geral, de 33 mil Kwanzas (94,28 euros). Quanto aos cargos de direção e chefia o chefe de secção, isto é, a função de chefia mais baixa, o salário é de 250 mil (714 euros). Por fim o diretor nacional, cargo de chefia mais alto na função pública, o salário 394 mil Kwanzas (1.125 euros).

Com base nesses dados, indagamos aos oitenta (80) adolescentes que compõem a amostra, sobre o nível da renda familiar dos seus pais ou encarregados de educação. Os resultados da pergunta revelam que entre eles, 3 são do sexo masculino e 8 do sexo feminino, em um conjunto de 11, são de pais cuja a renda familiar é tida como baixa; 27 do sexo masculino e 24 do sexo feminino, somando ao todo 51 adolescentes são filhos de pais de uma renda familiar média.

Gráfico 8 – Renda dos pais



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os indicativos deste gráfico confirmam a nossa hipótese de que o colégio Nossa Senhora da Conceição, apesar de ser uma instituição religiosa frequentada por alunos de pais da classe média alta. E então, passamos a entender o modo de vida como, conforme Guerra (1993, p.70), a um “conjunto integrado de práticas articuladas a ‘representações do mundo’ e a ‘imaginários sociais’”, o que exige a existência de um “conceito aglutinador das lógicas estruturantes das práticas”(CAPUCHA, 2005, p. 76). Nesse sentido, assumimos a postura que percebe os modos de vida como elemento mediador que articula os recursos e constrangimentos associados à ocupação de uma determinada posição na estrutura social; como sistema de práticas quotidianas, de avaliações, de representações, de referências sociais e culturais e, por último, como escolhe de estratégias feitas pelos indivíduos no contexto das disponibilidades dos recursos e das limitações impostas por tais constrangimentos.

Ou seja, dependendo dos recursos a ele disponibilizados, podemos atribuir ao homem a característica de “ser social” (MARX; ENGELS, 2007). Essa característica, que pode ser considerada antropológica e filosoficamente fundante, permite que ele organize todas as suas práticas quotidianas. Na visão de Capucha (2005, p. 214), essas práticas quotidianas compreendem quatro dimensões fundamentais: uma dimensão social – pertença de classe, relação com redes sociais, estruturas familiares; uma dimensão cultural – símbolos e orientações de vida; uma dimensão espacial – localizações dos contextos de interação; e uma dimensão temporal – trajetórias passadas ou virtuais.

Movidos pela curiosidade epistemológica que nos oportunizasse o acesso sobre as práticas quotidianas dos pais dos adolescentes da amostra, formulamos uma pergunta sobre as ocupações profissionais para, a partir daí, podermos recolher dados que aclarem possíveis dúvidas que ainda possam prevalecer quanto ao nível social desses adolescentes. Para

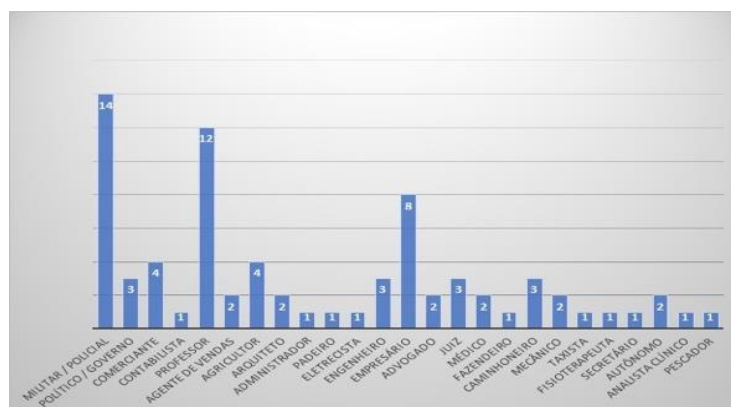


terclarezza na descrição das respostas construímos dois gráficos percentuais: a) profissões dos pais e b) profissões das mães.

### **3.3.2. Profissão dos progenitores paternos**

Dos 80 adolescentes, 14, dos quais 7 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, eram filhos de pai militar ou policial; 3, sendo todos do sexo masculino, eram filhos de políticos ou trabalhavam no Governo; 4 adolescentes, dos quais 1 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, eram filhos de comerciantes; 1 adolescente do sexo masculino era filho de um contabilista; 12 adolescentes, dois quais 6 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, eram filhos de professores; 2 adolescentes, ambos do sexo masculino, eram filhos de pais agentes de vendas; 4 adolescentes, sendo 3 do sexo masculino e 1 do sexo feminino, eram filhos de agricultores; 2 adolescentes, sendo 1 do sexo masculino e outro do sexo feminino, eram filhos de arquitetos; 1 adolescente do sexo feminino era filho de um administrador; 1 adolescente do sexo masculino era filho de padeiro; 1 adolescente do sexo feminino era filha de eletricista; 3 adolescentes, sendo 1 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, eram filhos de engenheiros; 8 adolescentes, sendo que 4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, eram filhos de empresários; 2 adolescentes, ambos do sexo masculino, eram filhos de advogados; 3 adolescentes, dos quais 1 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, eram filhos de juízes; 2 adolescentes, ambos do sexo masculino, eram filhos de médicos; 1 adolescente do sexo masculino era filho de fazendeiro; 3 adolescentes, sendo 1 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, eram filhos de caminheiros; 2 adolescentes, 1 do sexo masculino e o outro do sexo feminino, eram filhos de mecânicos; 1 adolescente do sexo masculino, filho de taxista; 1 adolescente do sexo feminino, filha de fisioterapeuta; 1 adolescente do sexo feminino, era filha de secretário; 2 adolescentes, ambos do sexo feminino, filhas de pais autônomos; 1 adolescente do sexo feminino, filha de analista clínico; e, por último, 1 adolescente, do sexo feminino, era filha de um pescador.

Gráfico 9 – Profissão dos pais

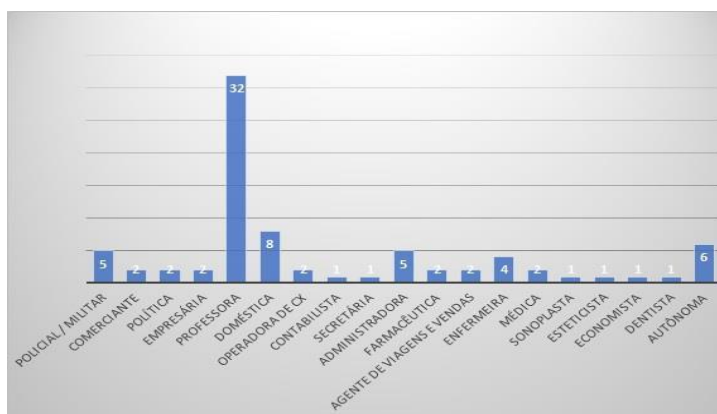


Fonte: Elaborado pelo autor.

### 3.3.3 Profissão das progenitoras maternas

Os dados coletados foram os seguintes: 5 adolescentes, dos quais 2 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, afirmaram serem filhos de policiais ou militares; 2 adolescentes, sendo 1 do sexo masculino e outra do sexo feminino, são filhos de comerciantes; 2 adolescentes, 1 do sexo masculino e outra do sexo feminino são filhos de políticas; outros 2, ambos do sexo masculino, são filhos de empresárias; 32 adolescentes, dos quais 13 do sexo masculino e 19 do sexo feminino, são filhos de professoras; 6 adolescentes, onde 4 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, são filhos de domésticas; 1 adolescente, do sexo masculino, disse ser filho de uma operadora de caixa; outro adolescente, do sexo masculino, afirmou ser filho de uma contabilista; 1, do sexo feminino, disse que era filha de uma secretária; 5 adolescentes, dos quais 2 são do sexo masculino e 3 do sexo feminino, afirmaram serem filhos de administradoras de empresas; 2 adolescentes, ambos do sexo masculino, são filhos de farmacêuticas; 2 adolescentes, ambos do sexo masculino, são filhos de agentes de viagens; 4 adolescentes, sendo que 3 são do sexo masculino e 1 do sexo feminino, são filhos de enfermeiras; 2 adolescentes, ambos do sexo masculino, são filhos de médicas; 3 adolescentes, todas do sexo feminino, informaram que eram filhas, respectivamente, de sonoplasta, esteticista e economista; 1 adolescente, do sexo masculino disse ser filho de um dentista; 4 adolescentes, sendo 2 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, são filhos de autônomas.

Gráfico 10 – Profissão das mães



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados desta pergunta surpreendentemente forçaram a mergulhar em uma maré diversificada das profissões. Em uma leitura conjunta dos dois gráficos percentuais verificamos uma diversificação das profissões em Angola. Na nossa inferência primária é de que isso seja motivado pelo fim da guerra civil, ao processo da democratização do país e a abertura ao mercado empresarial e profissionalizante para cidadãos angolanos. Essa abertura possibilita-nos fazer uma leitura social do crescimento econômico de Angola, que, na visão de Thompson *et al.* (1993), Samuelson e Nordhaus (1988), Simonsen e Cysne (2000) tem como disparador uma série de conjunturas relacionadas com o nível de atividades, de empregos, de preços e de adoção de políticas de estabilização, centralizadas no comportamento da procura agregada de bens e serviços, no curto e longo prazo.

Porém, dentre a diversificação de profissões, concentramos a nossa atenção nas três profissões mais relatadas pelos adolescentes. Em ordem crescente, os filhos de pais professores(as) somam 44%; os adolescentes de pais militares ou policiais correspondem a 19%; o terceiro lugar, com 8%, é ocupado pelos adolescentes cujos pais são empresários e pelas mães domésticas, respectivamente. Tal constatação leva-nos a observar que a educação poderia ser uma das apostas do governo angolano a favor da cultura da paz e do desenvolvimento econômico e financeiro e social. Paulo Freire (1993) compreende que a educação é uma prática política e libertadora. E para tanto, é urgente aumentar o grau de consciência (do povo) dos problemas de seu tempo e espaço, para dar-lhes uma ideologia do desenvolvimento humano e social que permita uma qualidade de vida, como vimos anteriormente. Entre os possíveis indicadores, a qualidade de vida figura as estruturas habitacionais dos pais dos adolescentes que compõem a amostra. As estruturas habitacionais podem ser a metáfora e representação de uma população que goza de uma “satisfação plena,

física, mental, social e econômica dos seus moradores, utilizadores e visitantes, enfim uma cidade como uma grande casa acolhedora”. (GOMES, 2005, p. 2).

E, então, querendo saber sobre os tipos de moradia onde vivem os adolescentes, formulamos também uma interrogação de múltipla escolha. Das opções oferecidas, 18 adolescentes, dos quais 10 são do sexo masculino e 8 do sexo feminino, responderam que moravam em apartamentos; 10 deles, sendo 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, afirmaram viverem em chalés; 5 adolescentes, dois do sexo masculino e três do sexo feminino, moravam em outros tipos de residências; 47, dos quais 23 eram do sexo masculino e 24 do sexo feminino, informaram que moravam em uma vivenda, como podemos conferir no gráfico que segue.

Gráfico 11 – Tipo de moradia em que vive



Fonte: Elaborado pelo autor.

Observando o gráfico, percebemos que a maior parte dos adolescentes reside em vivendas. Porém retomando a ideia de Gomes (2005), diremos que o objetivo de falar da habitação adequada é suprir o direito essencial de moradia, de maneira que se possa viver dignamente tendo em vista os aspectos físicos, psicológicos, econômicos e sociais. Comprendemos que a moradia digna seja aquela que esteja intrinsecamente ligada à segurança, acessibilidade, infraestrutura básica (água, energia e saneamento) e à disponibilidade de uso de serviços públicos (saúde, educação, transporte coletivo, coleta de lixo). Nesse sentido, tomaremos a definição da Agenda Habitat, através da declaração de Istambul, no parágrafo 43, e passaremos a conceber a habitação como:

O mais do que um telhado sobre a cabeça, a habitação adequada significa privacidade, espaço adequado, acesso físico, adequada segurança - incluindo a garantia de posse -, durabilidade e estabilidade da estrutura física, adequada iluminação, aquecimento e ventilação; o Adequada infraestrutura básica, fornecimento de água, saneamento e tratamento de resíduos, apropriada qualidade

ambiental e de saúde, adequada localização com relação ao trabalho e serviços básicos; o E que esses componentes tenham um custo acessível para todos. (GOMES, 2005, p. 13).

A consistência dessas variáveis pode nos ajudar a perceber os índices de pobreza e de desenvolvimento social dos sujeitos em uma dada sociedade. Na visão de Capucha (1992; 2005), Almeida *et al.* (1994), o fenômeno da pobreza e ou do desenvolvimento podem ser identificados através de oito tipos diferentes de modos de vida, baseados na maneira de ser e de agir como pobres e na configuração do seu espaço, nas relações familiares e como representam e privilegiam o passado, o presente e o futuro. Esses modos de vida são: destituição, restrição, transitoriedade, desafetação, dupla referência, poupança, confiabilidade e investimento na mobilidade. No contexto da nossa pesquisa, sem a pretensão de definir o que seja a violência concentramos a nossa atenção no fenômeno da agressividade no contexto do fim da guerra civil, da democratização do país e, sobretudo, na emergência da cultura midiática. Estamos objetivando uma leitura social que nas interfaces tenta superar o passado nefasto da guerra, e mergulha os atores sociais em um futuro, de certa forma incerto, (CAPUCHA, 2005, p. 23) e de circuitos de afetações canhestras (BRAGA, 2011). Esses atores sociais, com pouca ou nenhuma instrução e sem formação profissional, na maioria dos casos deslocados das suas zonas de origem e integrados em famílias desestruturadas, integrados neste novo modo de vida, podem ter um passado trágico marcado pela guerra, fome e morte.

### **3.3.4. Dados sociotécnicos, tecnológicos e interacionais**

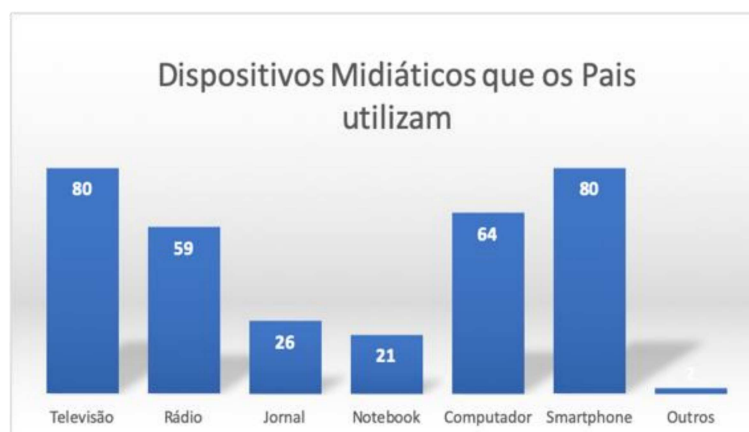
Segundo Faxina e Gomes (2016) e Castells (1999), as sociedades hoje estruturam-se a partir de um contexto de aceitação global da cultura sociotécnica, tecnológica e digital, que por sua vez vai reconfigurando o modo de ser, agir relacionar-se e existir dos indivíduos. Como se não bastasse isso, ela vai traçando e propondo novos modelos comunicacionais, uma nova história e novos destinos sociais. Em decorrência desses desdobramentos, inferimos que os dados sociodemográficos recolhidos e as inferências construídas podem ser compreendidos como operadores semânticos na pesquisa sobre os usos e apropriações, das lógicas advindas da midiática e dos processos sociais em Angola.

Nesse sentido, sustentados pelos aportes de autores já referenciados, dirigimo-nos aos adolescentes para questionar sobre quais os aparatos tecnológicos os seus pais usam durante os processos sociais e comunicacionais. Para facilitar as respostas dos adolescentes,

elencamos alguns dispositivos midiáticos dando possibilidade de enumerarem outros. Informamos que eles poderiam assinalar mais do que um dispositivo, caso os pais usassem mais do que um. Depois da aplicação da técnica aos 80 adolescentes, obtivemos os seguintes resultados: sem especificarem os horários e os tipos de programas televisivos, 80 adolescentes, sendo 40 do sexo masculino e 40 do feminino, afirmaram que seus pais assistem televisão em casa.

Dando sequência, como ocorreu com a TV, também, quanto ao uso do Smartphone, os 80 adolescentes disseram que seus pais utilizam o dispositivo. Em um total de 80 que responderam à pergunta, 64 adolescentes, sendo 30 do sexo masculino e 34 do sexo feminino, disseram que seus pais usam o computador para se comunicarem; quanto ao utilizam o rádio como meio de comunicação entre os pais, dos 80 adolescentes, 25 do sexo masculino e 34 do sexo feminino, relataram que seus pais utilizam o rádio, totalizando 59 adolescentes; no que diz respeito ao uso do jornal como meio de comunicação, dos 80 adolescentes, 26 adolescentes, sendo 13 do sexo masculino e 13 do sexo feminino, confirmaram o uso do jornal pelos pais; no que tange ao uso de notebook, dos 80 adolescentes, só 21, sendo 16 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, responderam que seus pais se comunicavam por meio desse dispositivo. Por último, 2 adolescentes, todos do sexo masculino, além dos já citados, afirmaram que usavam outros tipos. Para todos os efeitos apresentamos o gráfico percentual a seguir.

Gráfico 12 – Dispositivos midiáticos que os pais utilizam



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados presentes no gráfico vão ao encontro do pensamento de Bourdieu (1996, p. 14), que percebe os dispositivos como parte integrante dos dispositivos comunicacionais de imprensa jornalística e são um potente instrumento de "manutenção da ordem simbólica".

Segundo dados obtidos tanto do PNUD (2005) quanto do Ministério do Planeamento de Angola (2010), após o conflito armado (2002), com o alcance da paz e estabilidade política, uma das prioridades do Executivo tem sido a reconstrução nacional, o desenvolvimento socioeconômico e a melhoria das condições de vida das populações pela erradicação da pobreza. As políticas adotadas e as prioridades traçadas pelo governo e pelas diversas instituições devem-se à abertura do país ao mercado de produção, da circulação e do consumo dos bens da indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1986) das novas tecnologias de informação e comunicação. A partir da perspectiva de Penteado (1999), pensamos que o consumo dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa continuam a invadir o mundo particular dos angolanos, independentemente da sua localização geográfica e condição social.

A partir da perspectiva da midiatização e dos processos sociais, compreendemos que o acesso e o consumo desses conteúdos podem provocar fluxo e contrafluxo (BRAGA, 2012) migratório entre os indivíduos. Esse movimento vai das áreas rurais para as áreas urbanas, e delimita em Angola, um território de negociações híbridas, exemplificado por alguns autores como território de desençaixe (GIDDENS, 1991), de desterritorializado (DELEUZE, 1980), de espaços líquidos (BAUMAN, 2001) e de novos nomadismos (MAFFESSOLI, 1997). Ainda relendo esses autores e considerando a “convergência de fatores sócio-tecnológicos disseminados na sociedade segundo lógicas de ofertas e de usos sociais” (FAUSTO NETO 2008, p. 92), podemos considerar que esteja ocorrendo em Angola algo parecido ao choque de limites fronteiriços: identidade, espaço físico, cultura, política e economia. Esse choque possibilita profundas e complexas alterações também na constituição societária, nas suas formas de vida e suas interações. Por conta disso, levantamos a hipótese de que os usos e as práticas de consumo desses conteúdos configurem aqueles símbolos, as metáforas e as representações de status sociais nos lares e famílias angolanas.

Na tentativa de comprovar a hipótese levantada, sem a preocupação de caracterizar os tipos de dispositivos midiáticos que os pais dos adolescentes têm em suas casas e nem a pretensão quantitativa dos mesmos, mas apenas em busca de uma visão genérica, formulamos uma outra pergunta. A pergunta consistiu em saber a quantidade dos aparelhos numa escala que vai de até 4 e para além de 5 DMs. Das respostas dos 80 adolescentes da amostra, os resultados revelam que 65, dos quais 30 trinta do sexo masculino e 35 do sexo feminino, responderam que em suas residências havia até 4 DMs, ao passo que apenas 16 adolescentes, sendo 10 do sexo masculino e 6 do feminino, responderam que havia em suas casas mais de 4 DMs, conforme o gráfico percentual aqui referenciado.

Gráfico 13 – Dispositivos midiáticos que há em casa



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico sugere que nos apropriemos do indicador da posição socioeconômica (PSE), extraído do inquérito organizado pela SOAS<sup>9</sup> e a FEC-UAN<sup>10</sup> em Angola, entre os anos 2016 e 2017 e acompanhado por pesquisa qualitativa até 2018. No inquérito, as instituições visaram fazer a avaliação do crescimento socioeconômico angolano no período de 2002 a 2013. Os dados recolhidos foram apresentados em forma de um relatório, e tiveram como objetivo a avaliação do relatório com foco nas condições de emprego em Angola; a construção de obras públicas e a indústria de materiais de construção. Embora os trabalhos de recolha de dados, análise e compilação estivesse a cargo de toda a equipe do projeto a IDCEA<sup>11</sup>, destacaram-se como principais responsáveis os pesquisadores Carlos Oya da SOAS e Fernandes Wanda da FEC-UAN. Segundo os dados apurados, o crescimento socioeconômico define-se através da posse dos bens econômicos e serve de vetor referencial de diferenciação entre os mais pobres e mais ricos. Indo além, o relatório ainda aponta que a posse de bens também permite definir uma posição socioeconômica, e a configurar em Angola uma realidade que oferta “legitimidade aos desejos de promoção e de diferenciação social”, na linguagem de Lipovistky (1989, p. 42), entre as classes baixa, média e alta.

Dessa forma, confrontando os dados coletados pelos pesquisadores com os relatos dos adolescentes da nossa amostra, podemos verificar que as quantidades dos dispositivos midiáticos percebidas nas casas onde vivem, possa ser uma metáfora de invenção e inovação sociotécnica e tecnológica, e ainda vincular a população à “ascensão econômica da

<sup>9</sup> A SOAS University of London é a principal instituição de ensino superior da Europa, especializada no estudo da Ásia, África e Oriente Médio.

<sup>10</sup> Faculdade de Economia, Universidade Agostinho Neto.

<sup>11</sup> Industrial Development Construction and Employment in Africa. Tradução livre do autor: Desenvolvimento industrial Construção e emprego na África



burguesia”, sobretudo pelo consumo generalizado dos bens da cultura midiática. A cultura midiática é entendida, por Baudrillard (2001) citado por Moreira (2003, p.1208), como sendo “o produto regular e sempre renovado de um sistema midiático-cultural, cujos principais agentes – os conglomerados midiáticos – colocam a sofisticação tecnológica a serviço da reprodução do mesmo, da "banalidade sintética, fabricada em circuito fechado e sob tela de controle”.

Nessa cultura não ocorre apenas a conformação do público a determinados hábitos, padrões de comportamento, valores, gostos e preferências, difundidos por meio da mídia. Mas também a criação, duplicação ou a recriação da realidade e o fluxo adiante, através do compartilhamento pelos usos dos dispositivos midiáticos, e competências sociotécnicas e tecnológicas, com outras pessoas fora do ambiente social e habitacional.

Sob essa perspectiva, pensamos indagar aos adolescentes da amostra sobre a localização geográfica aonde estariam instalados os DMs em seus ambientes sociais e habitacionais. Como em outras perguntas, formulamos questões abertas de cunho alternativo, objetivando recolher respostas “outras” não previstas na armação do questionário. Após a aplicação da questão, os resultados recolhidos apontam que dos 80 adolescentes: 34 do sexo masculino e 35 do sexo feminino, totalizando 69 adolescentes, responderam que os seus pais tinham DMs nos quartos; 32 do sexo masculino e 38 do sexo feminino, somando 70 adolescentes, disseram que tinham um DM na sala de estar; 38 do sexo masculino e 33 do sexo feminino, totalizando 71 adolescentes, afirmaram que tinham um DM em seus quartos; 16 do sexo masculino e 13 do sexo feminino, perfazendo 29 adolescentes, tinham um DM instalado nas cozinhas de suas casas; e por fim, apenas 20 adolescentes, sendo 13 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, responderam que tinham um DM instalado em outros locais da casa.

Gráfico 14 – Localização dos dispositivos midiáticos na casa



Fonte: Elaborado pelo autor.

Três lugares chamam a nossa atenção quanto à instalação dos DMs. Sem a discriminação dos tipos de DMs, nos deteremos apenas na redundância dos relatos dos adolescentes. Assim, chama-nos atenção em primeiro os 71 adolescentes que relataram terem em seus quartos um DM; os 70 adolescentes que relataram que nas suas salas de estar havia um DM, e por fim os 69 adolescentes que relataram que os seus pais tinham um aparelho midiático em seus quartos. Será este dispositivo um aparelho de TV, um computador ou notebook ou um smartphone? Seja qual for a resposta, interpretamos que a presença desses aparatos tecnológicos nos quartos dos adolescentes reforça a importância que o aparelho tem assumido na vida dos angolanos.

Os DMs nos ambientes sociais e habitacionais da sociedade angolana estariam gerenciando “o espaço social, dissolvendo os antigos laços comunitários, produzindo consumidores em série e homogeneizando a cultura”. (SODRÉ, 1994, p.45). Para Marcondes Filho (1994, p. 39), passam a ser não mais uma “janela para o mundo” e sim, “o próprio mundo”. Dessa forma, os usos dos dispositivos, e apropriações das lógicas sociotécnicas e tecnológicas permitem aos angolanos ter uma relação comunicacional com a cultura midiática. Segundo Sodré (1996, p.30), envolve a travessia de ambiência, que compreende a um “gigantesco processo tecnológico e industrial que, absorve, neutraliza os cont dos e dissolvendo a sociabilidade tradicional”. Em termos representacionais, ainda segundo Sodré (1994, p. 41), na sociedade em midiatiza o os DMs ao permitirem o fluxo adiante dos produtos midiáticos transformam e fazem “desfile os objetos do progresso técnico e do mais moderno consumo, procurando iniciar ou ajustar a consciências ao código e aos modelos, logo às signifi o es que devem ser assimiladas para se ingressar plenamente nas esferas de gratifica o social”. Entendemos que essa seja uma forma de impor ao sujeito-interagente a maneira especialíssima de ver o real.

Em meio a essas metáforas e representa o es do real, os sujeitos que se sentem incomodados bastariam desligar o aparelho ou ignorar a pessoa, ainda que vivendo na mesma casa ou estando juntos, enquanto, na rela o o tradicional humana seria diferente. Todavia, fazemos uma ressalva de que não se trata de abolir o convívio humano. Mas, conforme sugere Hambúrguer (1998, p. 441), “capta, expressa e constantemente atualiza representa o es de uma comunidade nacional imaginária”, que fornece um repertório comum, por meio do qual pessoas de diferentes classes sociais, gera o es, sexos e regi o es se posicionariam umas em rela o o às outras. Ou seja, ao contrário de afastar as pessoas, os

DMspassariam a fazer parte de suas conversas, ser assunto comentado e criariam um novo modo de convívio, que agora passa a ser mediado pelos dispositivos midiáticos em uma escala social global. Dessa forma ocorreria uma certa invasão do espaço privado por temas públicos, e o tratamento de preocupações anteriormente restritas ao âmbito doméstico passariam agora a ser realizadas em âmbito público pelo aparelho, conforme observado por Hambúrguer (2005), através do acesso à internet.

Com o objetivo de topografar o lugar do tráfego ou da navegação na internet dos adolescentes usuários e o local de utilização, formulamos uma questão. Assim, para esta pergunta destacamos em princípio três locais de prováveis usos da internet por eles, abrindo espaço para outros locais. Selecionamos os seguintes locais: casa, escola e Cyber Café ou Lan House. Dos 80 adolescentes da amostra, 72 deles, sendo 37 do sexo masculino e 35 do sexo feminino, afirmaram que usam a internet em suas próprias residências. 38 deles, sendo 21 do sexo masculino e 17 do sexo feminino, disseram que além de usarem em suas casas também usavam a internet na escola; em número ainda reduzido, 24, sendo 10 do sexo masculino e 14 do sexo feminino, usam a internet nas Cyber Café ou Lan House; e 10, dentre os quais 6 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, informaram que usavam a internet em outros locais. Esses resultados permitiram-nos a construção do gráfico a seguir.

Gráfico 15 – Local onde faz uso da internet



Fonte: Elaborado pelo autor.

Atendo-nos aos dados colhidos dos relatos dos adolescentes, identificamos que o uso da internet em Angola é uma realidade inegável. Almada e Cogle (2006, p.3) situam, historicamente, o uso de internet em Angola desde o ano de 1989, quando muitos estudantes angolanos receberam a bolsa para as áreas de Ciências e Tecnologias. Desde esse período, teve início o processo de implementação da internet em intercâmbio com Cuba, por meio do

projeto elaborado pelo país em 1992, o “ALMARED”. Sabendo do contexto socio-histórico angolano, o projeto, sem fins lucrativos, visava a inserção da comunicação por “Redes e internet na assimilação das novas tecnologias de comunicação via internet: Correio Eletrônico, Acesso Internet e Formação.” Após o regresso a Angola, começaram a trabalhar pela PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), para criar e trabalhar no projeto de Rede de Desenvolvimento Sustentável - RIDS / SNDP. Esse movimento, segundo Almarada e Cogle (2006, p.3), tinha como objetivo “a utilização de novos meios de Comunicação, nomeadamente o Correio Eletrônico, para a disseminação de informações ligadas ao meio ambiente e o desenvolvimento sustentável”.

A partir de 29 de outubro de 1996, Almada e Cogle (2006, p.13) contam que, ultrapassadas as dificuldades de carácter técnico, começou a funcionar o link de saída internacional através da Angola Telecom, que deu acesso à FULL INTERNET. Almada e Cogle (2006) afirmam, ainda, que a primeira rede de correio eletrónico em Angola foi denominada de ANGONET, criada em 1994, sendo no começo como servidor, mas depois de algum tempo passou a ser operada como rede. Depois de três meses de experimentação, em dezembro de 1994, a ANGONET tinha 30 utilizadores; já em 1995 o número aumentou para 80; 65% eram ONGs e 20% utilizadores ligados a instituições do setor académico. Em 1998, deu-se a implementação de tecnologia wireless internet (Radio Link 2,4/3,5 Ghz) no país, algo muito notório e viável. Em 1999 tem-se o surgimento dos Cybercafés; em 2005 tem-se o acesso à internet via Rede Movicel e em 2006 o lançamento de serviços de TV Cabo.

Na visão de Machado (2014, p.1), a conexão dos cabos visa um aperfeiçoamento da internet entre os continentes, algo essencial no cotidiano, com possivelmente uma rede wifi rápida, objetivando, sob o “ponto de vista africano”, tornar Angola “um hub no continente e permitir a troca cultural on-line entre seus países”. Por esse viés, Almada e Cogle (2006) compreendem que o projeto “Angola Cables” tem avançado no que diz respeito ao uso da internet. Inclusive, tanto o próprio Ministério das Telecomunicações e Tecnologias de Informação angolano, como instituições no sector privado têm investido em projetos, seminários e eventos tais como “ANGOTIC<sup>12</sup>”, reunindo especialistas no setor de TICs para refletir sobre políticas e estratégias de desenvolvimento e investimentos.

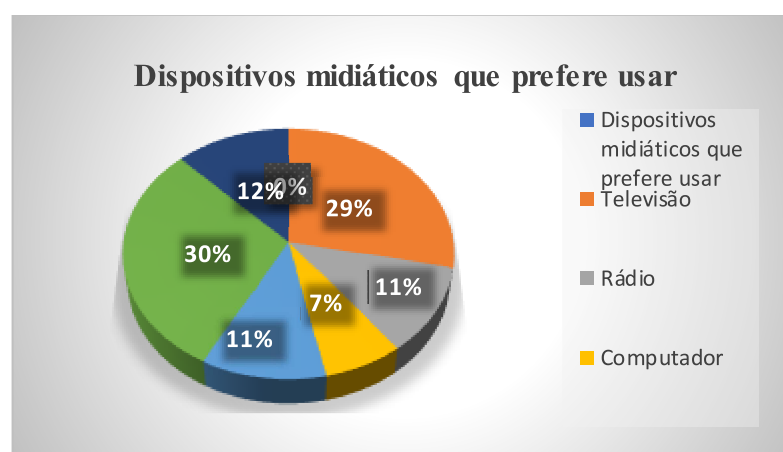
---

<sup>12</sup> ANGOLATIC é o evento global de tecnologia de informação e de comunicação que decorreu entre os dias 18 e 20 de junho de 2019, no CCTA – Centro de Convenções de Talatona, organizado pelo Grupo Ideias Dinâmicas. O Grupo Ideias Dinâmicas integra um conjunto de empresas com vocação internacional dedicada à prestação de serviços em diversas áreas de negócio. Portanto, diríamos que ele é constituído por uma equipe com competências certificadas nas áreas de atuação, avaliando novas oportunidades de negócio e criando condições, a distintos empreendedores, para desenvolverem e formalizarem as suas ideias e projetos. Ela assegura plataformas sólidas para o lançamento de novos projetos empresariais considerando o grau de

Esses esforços se fazem notórios nos dados apurados dos relatos dos adolescentes da nossa amostra: 60% dos adolescentes entrevistados, além de outros lugares mencionados, possuem e acessam a internet em suas residências. A ser assim, verificamos que isso apenas foi possível graças às inovações de ferramentas técnicas e tecnológicas, quanto aos usos da internet em todos os campos e práticas sociais em Angola. Consequentemente, surgiu-nos a curiosidade de investigar sobre quais, em um universo de diversificadas ferramentas de usos, esses adolescentes preferem usar durante o dia, como forma de obter informações, meio de entretenimento e de interação com os seus pares e seus familiares.

Em suas respostas, os 80 adolescentes, sendo 40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino, responderam que os seus pais usam os smartphones. Quanto ao uso da TV encontramos um menor número: apenas 4 adolescentes, de toda a amostra, não usam a TV. Todos os outros usam, ou seja, são no total 76, dos quais 36 do sexo masculino e 40 do sexo feminino. 33 adolescentes, sendo 12 do sexo masculino e 21 do sexo feminino, relataram que também usam tabletes. No tocante ao uso de notebook, 30 deles, entre os quais 22 do sexo masculino e 8 do sexo feminino, responderam positivamente. No concernente ao rádio, 9 do sexo masculino e 21 do sexo feminino, informaram que usavam este veículo de comunicação, totalizando 30 adolescentes. Por fim, dos 80 adolescentes da amostra, apenas 19, sendo 8 do sexo masculino e 11 do feminino, utilizam o computador como dispositivo interacional.

Gráfico 16 – Dispositivos midiáticos que prefere usar



Fonte: Elaborado pelo autor.

---

inovação como fator diferenciador. Nesse sentido, o ANGOTIC 2019 teve como objetivo promover a partilha de conhecimento, e ser um centro de networking para entidades governamentais, atores da indústria e provedores de serviços móveis emergentes, e conta com a presença de individualidades e líderes no sector público e privado do país e do estrangeiro. Fonte: <https://ideiasdinamicas.com/abertura-da-angotic-angola-ict-forum-2019/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

Conforme os demonstrativos do gráfico, percebemos que, assim como os seus pais, para os adolescentes angolanos, apesar das inovações tecnológicas, ainda o uso da televisão ocupa um lugar de destaque, perdendo apenas por 1%, sendo 29% em relação aos smartphones, seguido de 30% que usam tabletes. O uso de notebook e do rádio aparece empatado com 11%, e o computador ocupa a última colocação com apenas sete 7%. Ou seja, parafraseando Domingos Freitas (2017), os dados revelam que os adolescentes angolanos, usam mais os smartphones e a televisão do que outros DMs. No final da sua pesquisa, após os questionários aplicados aos adolescentes e jovens, o pesquisador chegou à conclusão de que, diferentemente dos meios de comunicação, rádio, televisão e jornal impresso, a televisão está no centro entre as práticas midiáticas dos mais novos, independentemente do gênero, da classe social e da localização territorial: “cerca de dois terços dos respondentes revelaram o uso frequente desse meio de comunicação”. (FREITAS, 2017, p. 199).

Embora seja visível a predominância da televisão sobre os meios estudados por Freitas (2017), em 2015, Silvio Koiti Sato na sua tese de doutorado em Comunicação, com o título: Mobilidade, comunicação e consumo: Expressões da telefonia celular em Angola, Brasil e Portugal, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, identificou o crescimento no uso dos celulares<sup>13</sup> entre os angolanos, sobretudo, durante o acesso à internet.

Na busca de atualização desses dados, formulamos outra questão sobre quais os DMs os adolescentes da amostra mais utilizam. No final do questionário, todos os adolescentes relataram que usavam os smartphones para navegar na internet e nas redes sociais. Quanto ao uso do computador, dos 80, 70 adolescentes, sendo 37 do sexo masculino e 33 do sexo feminino, responderam que usam esse dispositivo. Por outro lado, apuramos um total de 24 adolescentes que afirmaram usar o tablet, 7 do sexo masculino e 17 do sexo feminino. Para o uso do notebook obtivemos 20 respostas, vindas de 4 adolescentes do sexo feminino e 16 do sexo masculino. Por último, um número insignificante de apenas 5 adolescentes, sendo 4 do sexo masculino e 1 do sexo feminino, disseram que usavam outros tipos de DMs.

---

<sup>13</sup> Em nossa pesquisa o termo Celulares será substituído pelos Smartphones.

Gráfico 17 – Dispositivos midiáticos para acessar a internet



Fonte: Elaborado pelo autor.

A primazia no uso dos smartphones, apontado no gráfico acima, se deve ao fato de que com os avanços tecnológicos, cada vez mais esses aparatos tecnológicos se apresentam multifuncionais, reunindo câmera fotográfica, agenda de compromissos e contatos, rádio, TV digital, reprodutores de áudio e vídeo, navegadores GPS e de internet, entre outras aplicações (SATO, 2015). Tal profusão de utilidades faz com que eles saiam disparados na frente dos demais DMs e permitam a circulação dos bens da cultura midiática. E como se não bastasse, reúnem informações acerca da trajetória de seus usuários: suas redes de contatos, mensagens recebidas e enviadas, fotos armazenadas, que compõem uma história compartilhada e editada coletivamente, permitindo o fluxo adiante, defendido por Braga (2012), ou a ideia da cultura da conexão de Jenkins, Green e Ford (2014).

Em meio ao infinito universo de utilidade e funcionalidade, a nossa busca de curiosidades epistêmicas levou-nos a perguntar aos adolescentes sobre quais as razões que os levavam a usar ou a acessar a internet. Após a aplicação das entrevistas, os dados apontam que todos eles relataram usar a internet. Quanto à finalidade do uso da internet, entre os 80 adolescentes, 79 deles, dos quais 40 são do sexo masculino e 39 do sexo feminino, responderam que utilizavam a internet para acessar a página do Facebook para conversar com os amigos. Por outro lado, 78, sendo 41 do sexo masculino e 37 do sexo feminino, responderam que usam a internet para pesquisas. Quanto à opção do uso da internet para o acesso ao WhatsApp foram 76, sendo 40 do sexo masculino e 36 do sexo feminino; para o uso do Youtube foram no total 66, dos quais 35 do sexo masculino e 31 do sexo feminino; com menos pontuação está o uso da internet para o uso do Instagram, que recebeu 47 indicações, sendo 21 adolescentes do sexo masculino e 26 do sexo feminino.



Gráfico 18 – Motivos pelo qual usa a internet



Fonte: Elaborado pelo autor.

A distribuição quase que equitativa do gráfico demonstra o quanto os adolescentes angolanos acessam e consomem a internet por meio das redes sociais, embora se dê destaque, na ordem de pontuação durante as interações dos adolescentes com os seus pares, familiares, e durante as pesquisas, às plataformas do Facebook, WhatsApp, Google, Youtube e Instagram.

Dessa forma, querendo saber a quantidade das horas que cada um dos adolescentes usa ou navega na internet e nas redes sociais, perguntamos, e as opções de resposta eram: em um período que vai até 1 hora, de duas a três, e mais de três horas por dia. Os resultados obtidos são: 24 adolescentes, dos quais 12 são do sexo masculino e 12 do sexo feminino, relataram que consumiam a internet até uma hora por dia. A soma dos adolescentes que consumiam a internet entre 2 a 3 horas por dia é de 22 adolescentes, sendo 13 do sexo masculino e 9 do sexo feminino; já o número dos adolescentes que consomem a internet mais de 3 horas por dia, subiu para 34, sendo 15 do sexo masculino e 19 do sexo feminino.

Gráfico 19 – Tempo diário gasto na internet



Fonte: Elaborado pelo autor.



Tomando os cálculos com base nos estudos realizados no Brasil (2015-2016), onde o percentual, dos 80% de adolescentes que usam a internet, subiu de 21% em 2014 para 66% em 2015; no Reino Unido, em 2015, os adolescentes de 8 a 15 anos passam em média 19 horas por semana na internet. E, os dados de 2016, segundo os quais os adolescentes angolanos ficavam conectado à internet em média durante 2 horas por dia, somando 14 horas por semana, o gráfico aponta em 2019 um aumento de mais de uma hora de consumo de internet. Todavia, acreditamos que esse aumento venha a subir nos próximos anos devido ao projeto que o Governo angolano lançou para os próximos 4 anos (2019-2020).

Segundo Galvão (2019), esse projeto do Governo angolano prevê atingir metas ambiciosas no setor das TICs, que pode colocar o país em uma posição de liderança em toda a África. Sobretudo, porque visa um crescimento de mais de 6,3 milhões de utilizadores de smartphones e de 6,9 milhões de utilizadores de internet, bem como uma taxa de penetração média nacional da telefonia móvel celular que atinja os 59,33% da população até 2022. Isso significa o estabelecimento de uma meta de consumo e acesso à internet, que equivale a cada 100 angolanos, 60 sejam utilizadores de smartphone, um aumento na ordem dos 14 pontos percentuais face à atual taxa de teledensidade, que é de apenas 45,43%. Este é um indicador que tem estado em queda desde 2014, com uma redução de 8,8 pontos percentuais em cinco anos.

Ou seja, na prática, essa meta implica um aumento de 48% no número de utilizadores de smartphones, que terão de passar dos 13.288.421 registrados em 2018, para mais de 19.630.00 em 2022. Dando sequência, na visão de Galvão (2019), o Governo pretende, em quatro anos celebrar mais de 6,3 milhões de contratos, a uma média anual superior a 1,5 milhões de novos utilizadores, bastante acima da tendência dos últimos anos. Outra meta ainda mais ambiciosa é a do número de utilizadores de internet que, segundo a meta do Governo, prevê o crescimento de 85%, "passando dos atuais 6,9 milhões para 12,8 milhões". No entanto, em uma análise de cálculos de expansão realizada pelo INACOM<sup>14</sup> e os dados estatísticas das projeções atualizadas do INE<sup>15</sup>, relativos a 2018, apontam a existência de apenas 5.927.715 utilizadores de internet. Isso significa que a meta do Governo para 2022 necessita de um crescimento de 116% face a esses dados, ou seja, quase mais de 6,9 milhões de utilizadores de 2019 a 2022.

Observando as metas traçadas pelo Governo angolano, a expansão e os dados estatísticos quanto ao consumo dos conteúdos midiáticos e o acesso à internet, consideramos

---

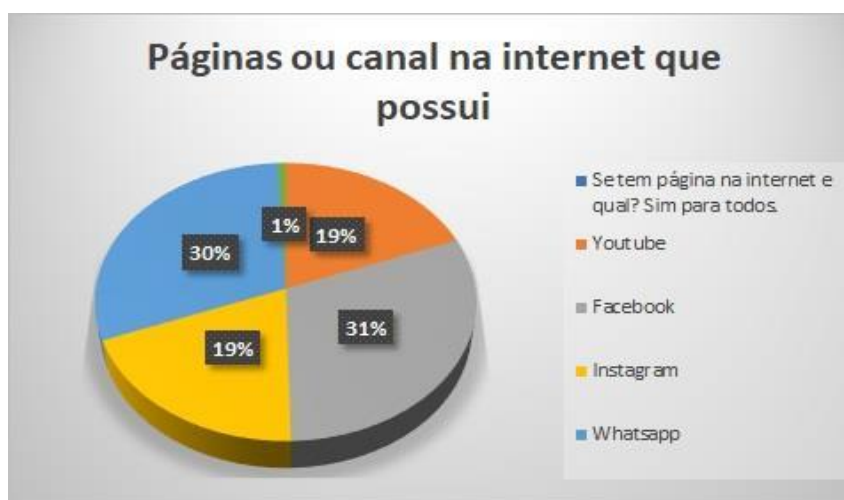
<sup>14</sup> Instituto Angolano das Comunicações

<sup>15</sup> Instituto Nacional de Estatística

que dos adolescentes da amostra pudéssemos abstrair algo sobre as interações e práticas sociais via diversas plataformas nas redes sociais. E então, a partir da perspectiva de Castells (2003, p.7), “a Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global”, perguntamos se os (80) adolescentes possuíam um canal ou página nas redes sociais. Sem exceção, todos responderam que sim, possuíam um canal ou uma página.

Perante a afirmativa de suas respostas, fomos provocados a saber em quais plataformas das redes sociais eles têm as suas páginas ou canais. Em termos comparativos, os 80 adolescentes responderam que usavam o Facebook e o WhatsApp, respectivamente. Quanto ao canal do Youtube, 50 adolescentes, dos quais 25 são do sexo masculino e também 25 do sexo feminino, disseram que têm um canal na plataforma. No que tange à página no Instagram, encontramos 27 do sexo masculino e 24 do sexo feminino, somando 51 adolescentes. Apenas 1 do sexo masculino e uma do sexo feminino responderam que, para além das páginas elencadas, possuíam uma em outra plataforma da internet, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 20 – Páginas ou canal na internet que possui



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os indicativos da pergunta e respostas dos adolescentes remetem-nos a, tentativamente, inferir que a sociedade angolana esteja sendo integrada, sob o ponto de vista da globalização, na esfera de produção, distribuição e consumo de bens e serviços, “organizados a partir de uma estratégia mundial e voltada para o mercado mundial”. (ORTIZ, 1994, p. 16). Entendemos como produção a expansão dinâmica da economia de mercado capitalista dos bens sociotécnicos e tecnológicos da Informação e comunicação, a todos os

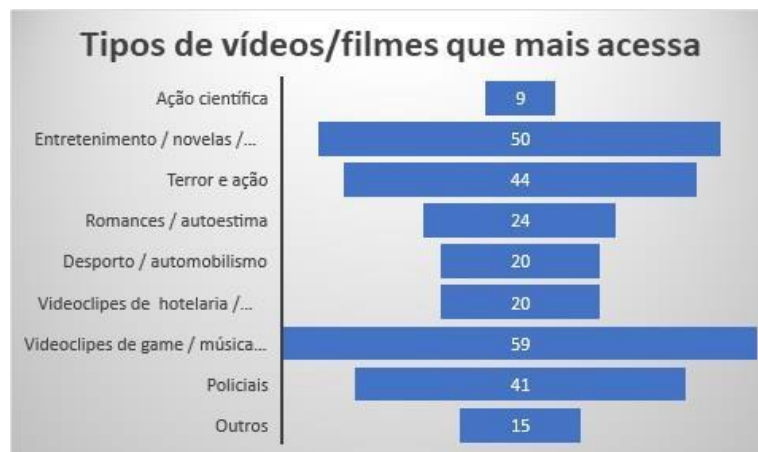
âmbitos da vida social, em todos os países e regiões do mundo, ainda que de forma e em ritmos diferenciados, no caso de Angola. Nesse sentido, o domínio da informação e das tecnologias da informação “tornou-se fonte alimentadora das engrenagens indispensáveis à hegemonia do capital”. (MORAES, 1998, p. 50). Destas engrenagens, cria-se uma possibilidade que nos leva a crer na internacionalização do mercado cultural de massa com a quebra das barreiras nacionais; a internacionalização da cultura popular, por meio da formação em Angola de uma “massa popular consumidora, sensível a determinadas mensagens, estilos e padrões globais” (ORTIZ, 1994, p. 111); e por último, insurge-se uma forte concentração e fusão de empresas e capitais atuantes no campo da indústria cultural da informação em termos mundiais, que Herman e McChesney (1997) e Moraes (1998) chamam de oligopólios midiáticos.

Dessa forma, na busca de dados epistemológicos julgamos articular uma pergunta cujo objetivo é indagar aos adolescentes sobre que tipos de produtos da cultura de massa (filmes, videoclipes com temas diversificados em fluxo na internet ou nas redes sociais) eles mais acessam ou consomem. Como ocorreu nas respostas anteriores, aqui também apuramos respostas diversificadas. Dos adolescentes ouvidos, 24 do sexo masculino e 35 do sexo feminino, no total de 59 afirmaram que acessam os conteúdos de videoclipes de game, de música e de fotografias. Já os que consomem conteúdos de entretenimento como novelas, humor e comédia são no total 50 adolescentes, sendo 19 do sexo masculino e 31 do sexo feminino. Em terceiro lugar aparecem os adolescentes que consomem os conteúdos com cenas de terror e ação, que, por sua vez, somam 44, sendo 23 do sexo masculino e 21 do sexo feminino.

O quarto lugar é ocupado pelos adolescentes que consomem conteúdos policiais, somando 41 adolescentes, dos quais 27 são do sexo masculino e 14 são do sexo feminino. Porém, os adolescentes que preferem consumir os conteúdos que apresentam como temas romances e autoestima, compreende um total de 24, sendo 9 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Por sua vez, os adolescentes que consomem os conteúdos desportivos e automobilísticos, somam um total de 20, sendo todos do sexo masculino. Na mesma quantidade, 20 adolescentes aparecem como os que consomem os conteúdos de hotelaria, gastronomia, culinária e beleza. Todavia, com uma diferença. Aqui apenas 1 adolescente do sexo masculino respondeu sim. As 19 são todas do sexo feminino. Outro grupo, de 15 adolescentes, é constituído por 8 adolescentes do sexo masculino e 7 do sexo feminino, que consomem outros temas e conteúdos. Em última escala, estão aqueles adolescentes que

consomem conteúdos de ficção científica, formado por apenas 6 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, totalizando 9 adolescentes, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 21 – Tipos de vídeos/filmes que mais acessa



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico acima inspira-nos a fazer um rebusco aos aportes de pesquisadores do campo da comunicação, sobretudo os da midiatização e dos processos sociais e, entender a mídia como “um domínio privilegiado para a produção de sentido da vida”. (LOPEZ, 2014, p. 66).

Essa produção de sentido da vida forçou-nos a convocar Martín-Barbeiro (1989, p. 19), que define “a comunicação como processo que dos meios passa para as mediações e destas para um sistema complexo”. Tal sistema, na visão de Braga (2006b, p.10), pode ser entendida em dois níveis: “um estrutural, em que os processos sociais específicos (instituições) passam a se desenvolver, inteira ou parcialmente, seguindo as lógicas da mídia; outro supra-estrutural, em que a própria sociedade passa a ser determinantemente reconfigurada pela atividade da mídia”. Desse modo, para o autor a midiatização passa a ser um processo interacional de referência lacunar. Portanto, é por meiodesse processo interacional de referência lacunar que os sujeitos podem expressar as suas subjetividades e as compartilham com os seus pares. Ou seja, na ambiência midiática não pode falar em controle.

Ademais, o acesso e consumo não representam uma passividade diante das imagens, ao contrário, se tornam cada vez mais ativos. Uma atividade que começou com o simples clique do dedo, e que se prolonga nas inúmeras possibilidades de interconexão ou o que o mesmo autor chama de fluxo adiante (BRAGA, 2012). Ou seja, a partir Martín-Barbero (2006), diremos que as novas tecnologias da informação e comunicação permitem que os indivíduos

produzam imagens que diluem os limites entre o que era tido como científico, e como figurativo ela une estas duas extremidades.

Nesse sentido, inaugura-se uma economia informacional e a ironia do figurativo, nas quais tudo o que se produz deixa de ter como lastro a sua errância estética e sua cumplicidade com a sedução. Isso parece fazer apologia à “sociedade de espetáculo” (DEBORD, 1997, p. 24), onde de uma maneira “difusa e deferida”, descontextualizada e “alguns graus de abstrações”, os sujeitos liberados de complexas redes, antes do uso de poucos, passam a produzir algo que seja interiorizado “por diferentes públicos” (BRAGA, 2006b, p. 18). Em outras palavras, isso parece aludir ao fenômeno da deslegitimação e relativização de subuniversos ou campos sociais.

Em resumo, o não familiar “se expõe, logo tudo se torna aberto ao esquadramento, se torna “familiar” a todos” (MOSCOVICI, 2003; BRAGA, 2006b). Se na sociedade tradicional a linguagem era o mecanismo que fazia circular experiências pessoais, permitindo que “o agente da experiência empírica a compartilhe com a comunidade” (BERGER; LUCKMANN, 1987, p. 96), com os avanços tecnológicos e o uso dos dispositivos midiáticos esta função é atribuída “às imagens e aos sons” (BRAGA, 2006, p. 18). Portanto, a apropriação das lógicas sociotécnicas e tecnológicas e os usos dos dispositivos midiáticos permitem a criação de um acervo dinâmico da interação social. Ou seja, os processos midiáticos de comunicação não se restringem ao “momento de contato”, podendo ser armazenados para futuro resgate e circulação social, o que gera uma interação complexa de participantes da sociedade e o acervo diverso de dados.

Ainda movidos pela curiosidade epistemológica, perguntamos aos 80 adolescentes da amostra se em suas práticas costumavam produzir vídeos. Depois da aplicação das entrevistas e da recolha de dados, verificamos nos relatos que: 26 adolescentes do sexo masculino e 23 do sexo feminino, totalizando 49, disseram que às vezes eles produzem vídeos. Por outro lado, 12 adolescentes, sendo 4 do sexo masculino e 8 do sexo feminino, informaram que nunca produziram vídeos. Logo em sequência, 11 adolescentes, dos quais quatro são do sexo masculino e 7 do sexo feminino, obtivemos informações de que pelo menos uma vez já produziram vídeos. Por último, em um total de 9 adolescentes, sendo 7 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, recolhemos dados de que estes adolescentes sempre produzem vídeos.

Gráfico 22 – Periodicidade de produção de vídeos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados presentes no gráfico levam-nos a pensar, com os avanços tecnológicos que modernizam os campos e as práticas sociais, na existência, em Angola, de uma esfera de produção dos bens da cultura midiática, em configuração entre os adolescentes tendo como foco a sociedade de consumo. Nesse viés, o consumo pode ser considerado um importante eixo da cultura contemporânea, “no qual se organiza grande parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica nas sociedades”. (CANCLINI, 2005b p. 14). Na mesma direção, Bauman (1999, p. 87-88) estabelece um deslocamento da ênfase na produção em direção ao consumo, ao dizer: “a sociedade moderna tem pouca necessidade de mão-de-obra industrial em massa e de exércitos recrutados; em vez disso, precisa engajar seus membros pela condição de consumidores”. Ou seja, os sujeitos da sociedade em midiatização são moldados e produzidos para consumir.

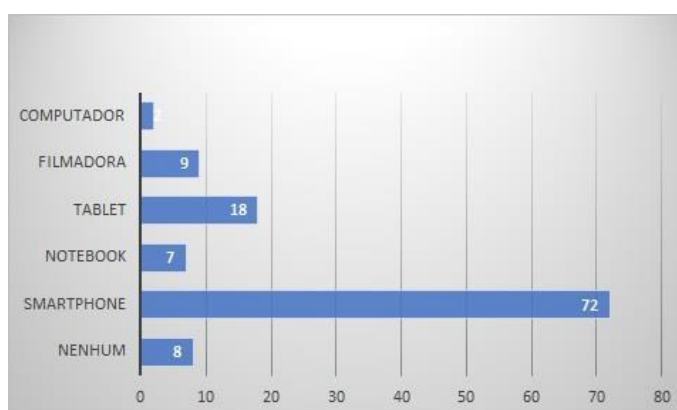
Portanto, diríamos que das interfaces, entre o universo do consumo e o campo midiático, emerge diretamente a esfera da produção de narrativas socioantropológicas, permitindo que todos os sujeitos participem dos processos de sociabilização e na promoção de novas sensibilidades. Ela torna presente aqueles aspectos que Baudrillard (2003, p.19), chamou de “imagéticos”, “imateriais” e “sígnicos”, que não consistem apenas em trocas pontuais de bens materiais propriamente ditos, senão que implicam “um envolvimento total, inteiramente climatizado, organizado, culturalizado”. Nesse envolvimento parece-nos reinar uma certa prática social de produção da mercadoria-signo ou de sentido, que pode ser inserida na esfera de consumo, porém, articuladas aos usos, lógicas e estratégias sociotécnicas e tecnológicas, originais da esfera de produção.

No processo tentativo de buscar pistas heurísticas entre os adolescentes da amostra, que nos possibilitem construir marcos epistemológicos sobre os usos dos DMs e apropriações

das lógicas e gramáticas sociotécnica e tecnológicas, em vista das práticas sociais de consumo e de produção dos bens da cultura midiática, elaboramos uma outra pergunta.

Em decorrência desse questionamento entre os 80 adolescentes, como ocorreu em outras perguntas, também aqui encontramos uma diversificação das suas respostas. Porém, em termos graduais, o smartphone ocupa o primeiro lugar. Os 80 adolescentes afirmaram que durante o processo de uso e produção dos seus vídeos usassem esse dispositivo. Em segundo lugar, com 18 indicações, sendo 10 do sexo masculino e 8 adolescentes do sexo feminino, os adolescentes atribuíram o uso ao tablet. Quanto ao dispositivo filmadora, encontramos como usuário na produção de vídeos, apenas 4 adolescentes do sexo masculino e 5 do sexo feminino, somando 9 adolescentes. Já o notebook é usado como dispositivo de produção de vídeos por 7 adolescentes do sexo masculino, enquanto 1 do sexo masculino e o outro do sexo feminino, usam o computador. Por fim, 1 adolescente do sexo masculino e 7 do sexo feminino, informaram que não usam qualquer DMs para a produção de vídeos, conforme representado no gráfico que se segue abaixo.

Gráfico 23 – Dispositivos midiáticos usados na produção de vídeos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Olhando para a pontuação do gráfico, e sob a perspectiva de Foucault (2001; 2008; 2009) e Agamben (2009), que compreendem o dispositivo como instância de controle, ganha relevo em nossa pesquisa o smartphone. De acordo com Foucault (2001), percebemos nos relatos dos adolescentes que o smartphone pode ser considerado como um dispositivo intrinsecamente ligado ao poder de governamentalidade das práticas sociais nas suas mais distintas formas de transferência, alienação ou representação e manifestação das vontades dos atores sociais.

Por tais angulações, o smartphone parece assumir a postura descrita por Migliorin (2008, p. 30), como sendo de dispositivo fílmico pensado como “a criação de um campo de

atualizações possíveis, de acontecimentos, indivíduos, pensamentos, gestos, sons e imagens”. E passa a depender da atuação e das relações dos indivíduos. E, via internet, ele também passa a estabelecer possibilidades e condições das interações através das ferramentas com nomes específicos, conhecidos atualmente como mídias sociais (ROSSI, 2012).

Kotler e Keller (2012, p. 589) definem as mídias sociais como “um meio para os consumidores compartilharem textos, imagens e arquivos de áudio e vídeo entre si e com as empresas”. As mídias sociais dão às empresas voz e presença pública na Web, além de reforçarem outras atividades de comunicação. Por causa do seu imediatismo diário, elas também podem incentivar as instituições públicas ou privadas (atores sociais) a se manterem inovadoras e relevantes, segundo os seus objetivos.

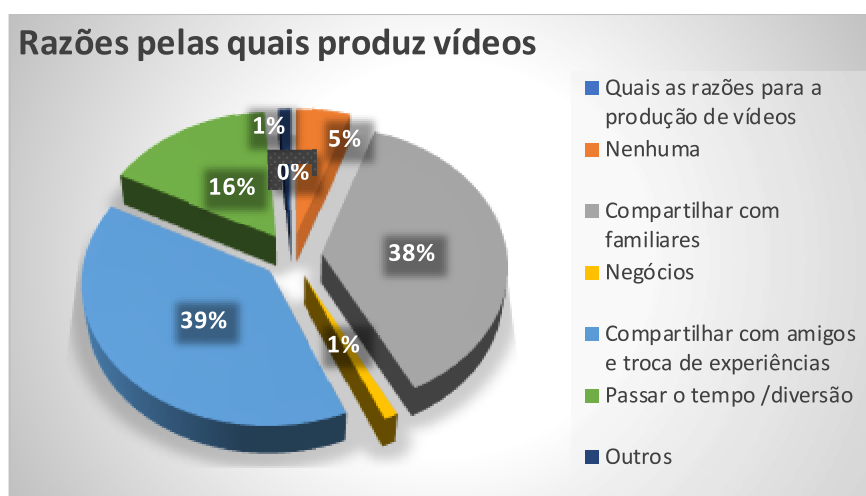
Pretendendo saber sobre quais os objetivos que levam os adolescentes a produzirem os seus vídeos, formulamos também uma questão com seis opções, das quais apresentamos os resultados.

Do relato dos adolescentes participantes da amostra, em primeiro lugar estão 68, dentre os quais 37 são do sexo masculino e 31 do sexo feminino. Segundo estes adolescentes, a produção dos seus vídeos tem como finalidade o compartilhamento com os amigos e as trocas de experiência via técnica. Em segundo lugar vem o grupo daqueles adolescentes que produzem os seus vídeos para compartilhar com os seus familiares. Estes, por sua vez, chegam a 65, sendo 37 do sexo masculino e 28 do sexo feminino. Em terceiro lugar, vem o grupo daqueles que produzem os seus vídeos como forma de diversão, em um total de 28 adolescentes, sendo 7 do sexo masculino e 21 do sexo feminino.

Em número equiparado, estão os 2 adolescentes, um do sexo masculino e uma do sexo feminino, que produzem vídeos como forma de ganhar dinheiro e outras finalidades. É ainda de salientar que o número daqueles que não apresentam razão alguma para produzir os vídeos. Este número chega a 9, sendo 2 do sexo masculino e 7 do feminino.



Gráfico 24 – Razões pelas quais produz vídeos



Fonte: Elaborado pelo autor.

A diversidade de razões que levam os adolescentes a produzirem e compartilharem os seus vídeos com os familiares e amigos, sejam quais forem, suscitam em nós a configuração de uma ambiência de integração na esfera sociotécnica e tecnológica de produção dos bens de consumo da indústria cultural midiática em Angola. Nessa ambiência está em jogo as duas sociedades: consumo e produção de forma indissociável que, baseados em autores da Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer (1973), inferimos o surgimento de uma subjetividade forjada por uma forma social fetichista e mercadológica.

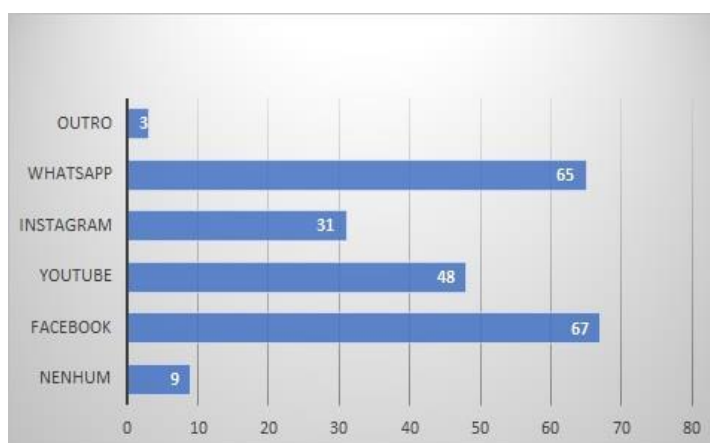
Estamos objetivando instaurar um discurso, relendo esses autores, que nos conduza a uma crença ideológica segundo a qual, desde os primórdios, a sociedade de consumo, com todos os seus fenômenos correlatos de homogeneização seja de total equivalência aos objetos tornados como mercadoria. E então, possamos perceber de longe mudanças nas “relações de produção” que, segundo Adorno (1992, p. 8), dependem “largamente do que se passa na ‘esfera do consumo’, mera forma de reflexão da produção e caricatura da verdadeira vida: na consciência e na inconsciência dos indivíduos”. Isso parece desenvolver uma abordagem que, na transversalidade, transponha o campo da Comunicação e estabelece interfaces com outras áreas do conhecimento, como por exemplo o campo da Psicologia.

A partir daqui, mais do que falar em uma mera forma de reflexão produtiva e caricatural da verdadeira vida, poderíamos falar de uma representação, enquanto processo circulatório psíquico, que passaria a existir enquanto fatos conscientes, ou trazer de volta a “imagem latente de recordação”, a partir da perspectiva de autores do campo da Psicologia (FREUD, 1891; VYGOTSKY, 1996; MOSCOVICI, 2003; PINO, 1991).

Nesse sentido, aproximando-nos do campo da Psicologia, na problemática da produção, circulação e consumo dos bens da indústria cultural da informação e comunicação, estes autores podem nos fornecer dados sobre a percepção do modo como os indivíduos são representados e se representam a si mesmo. Ou seja, isso pode permitir que sejam assumidos como metáfora da reprodução da sociedade onde eles estão inseridos.

Na dúvida, surgiu a necessidade de questionar sobre as plataformas da internet, ou seja, as redes sociais em que os 80 adolescentes da amostra fazem circular os vídeos por eles produzidos, a fim de identificarmos os fluxos circulatórios das referidas metáforas. Os dados recolhidos das entrevistas apontam os seguintes resultados: em primeiro lugar está a resposta de 67 adolescentes, sendo 38 do sexo masculino e 29 do sexo feminino, que afirmam fazerem circular os vídeos no Facebook. Em segundo lugar, em um total de 65 adolescentes, dos quais 33 do sexo masculino e 32 do sexo feminino, relataram que postam os seus vídeos no WhatsApp. Em terceiro lugar estão os adolescentes que fazem circular os seus vídeos no Youtube no total de 48 adolescentes, 28 do sexo masculino e 20 do sexo feminino. Os que postam os seus vídeos no Instagram somam 31 adolescentes, agrupados em 17 do sexo masculino e 14 do sexo feminino. Em sequência estão os 3 adolescentes, 1 do sexo masculino e 2 do feminino, que fazem circular em outras plataformas. Já os que não postam em nenhuma rede social, são 2 adolescentes do sexo masculino e 7 do sexo feminino, que perfazem um total de 9.

Gráfico 25 – Plataformas em que postam os vídeos produzidos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao olhar para este gráfico percebemos em Angola que o Facebook perdeu lugar para o Youtube em 2018, diferentemente do que ocorreu em 2015, segundo dados da pesquisa realizada nos Estados Unidos pela Pew Research Center em 2018, que colocavam o Facebook

na liderança das redes sociais mais utilizadas e a mais popular entre os adolescentes, dos 13 aos 17 anos<sup>16</sup>, aparecendo com 71%, seguida do Instagram com 72%, e do Snapchat com 69%. Nesta pesquisa, os adolescentes da mesma faixa etária que preferem usar o Youtube somam 85%, enquanto 51% afirmaram que utilizavam o Facebook como rede social nos seus relacionamentos. Portanto, à sombra da pesquisa norte-americana, observamos que no contexto angolano os adolescentes desta faixa etária apresentam um retardo, aproximadamente de 3 anos, em termos de usos das redes sociais. Ou seja, percebemos que o Facebook lidera em Angola entre os adolescentes dos 14 aos 16 anos, com 67%, seguido do WathasApp com 65%, e em terceiro lugar aparece o Youtube com 48%.

Seja como for, os dados aqui apresentados fazem uma apologia ao processo das metáforas sobre a domesticação das TICs (SILVERSTONE, 2010), em Angola, tendo em conta que são adquiridas no domínio público e seguidamente tornadas parte da casa. (LOPES, 2011).

Conforme os dados demonstrativos até agora, a apropriação, os usos e os consumos da cultura das TICs e dos media têm reconfigurado as dinâmicas individuais e sociais, quer nos ambientes privados ou públicos (SILVERSTONE; HIRSCH, 1996) em Angola. Esta constatação levou-nos a questionar sobre os tipos de produtos (temas de vídeos) que cada adolescente que compõe a amostra faz circular na sua página das redes sociais.

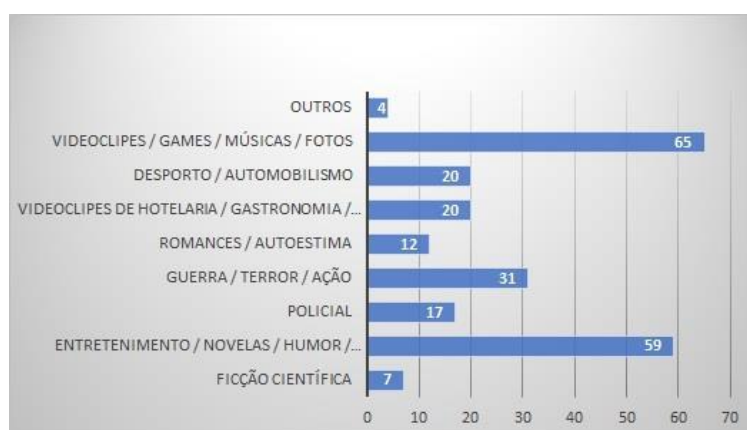
Após a recolha dos dados verificamos que dos 80 adolescentes que responderam a entrevista, 65, sendo 28 do sexo masculino e 37 relataram que fazem circular os videocliques de games, de músicas e de fotos. Dos 59 adolescentes pesquisados, 28 do sexo masculino e 31 do sexo feminino, disseram que fazem circular nas suas páginas das redes sociais os vídeos de entretenimento, tais como novelas, humor e comédia. Já os adolescentes que fazem circular em suas páginas os vídeos, cujo conteúdo é de cenas de guerra, de terror e ação, somam um total de 31, dentre os quais 16 são do sexo masculino e 15 são do sexo feminino. Quanto aos adolescentes que postam os vídeos que contêm conteúdos relacionados ao ramo de hotelaria, de gastronomia, de culinária e beleza são igual ao daqueles que são adeptos do automobilismo e desporto, somado 20. A diferença é que, do primeiro grupo apenas 1 adolescente é do sexo masculino e as demais, 19, são todos do sexo feminino. Quanto aos do segundo grupo, são os 20 do sexo masculino. Por seu turno, os adolescentes que fazem circular nas suas páginas conteúdos policiais, somam ao todo 17, dos quais quinze são do sexo masculino e 2 do sexo feminino. Já os adolescentes que colocam no fluxo os conteúdos românticos e de autoestima

---

<sup>16</sup> Os dados são apontados pelo Jornal de Angola do dia 8 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2VI1i5v>. Acesso em: 20 jun. 2018.

totalizam 12, dos quais 4 são do sexo masculino e 8 do sexo feminino. No que concerne aos adolescentes que fazem circular os conteúdos de ficção científica são 6, sendo 5 do sexo masculino e 1 do sexo feminino. Há ainda que considerar 4 adolescentes, sendo 2 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, que postam em suas páginas outros tipos de conteúdo.

Gráfico 26 – Temas dos vídeos que fazem circular em suas redes sociais



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados deste gráfico são suficientes para perceber, entre os adolescentes angolanos, o movimento de apropriação das tecnologias da comunicação, colocando a cultura midiática no centro das relações sociais (CASTELLS, 2009; CARDOSO, 2014). E são um certificado de credibilidade, também no contexto angolano, ao que Deuze (2014, p.5) escreveu: “nós vivemos na mídia. A mídia é para nós como a água é para o peixe”. Portanto, assim como ocorre em outras partes do mundo, também em Angola tudo indica que mídia se torne cada vez mais “parte de todo o nosso lazer, nosso aprender, trabalhar e amar”. (DEUZE, 2014, p. 6). Ou seja, vivemos numa sociedade em rede com uma “estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação”. (CARDOSO; CASTELLS, 2005, p. 20).

Portanto, dando sequência à visão dos autores, paulatinamente percebemos em Angola a configuração de uma sociedade “hiper social, não uma sociedade de isolamento”, em que “as pessoas integraram as tecnologias nas suas vidas, ligando a realidade virtual com a virtualidade real, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação, articulando-as conforme as suas necessidades”. (CARDOSO; CASTELLS, 2005, p. 23).

Sob esta perspectiva, redesenha-se uma ambiência social em Angola que pode ser chamada de sociedade em midiatização que, segundo Ferreira (2006), pode ser pensada a partir das relações e intersecções entre dispositivos, processos sociais e processos de

comunicação. Quer dizer, isso diz respeito ao processo no qual as tecnologias midiáticas, técnicas, lógicas, estratégicas de linguagem, operações sociotécnicas e demais protocolos das mídias, até então exclusivos do campo midiático, estão em cruzamentos entre dispositivos técnicos midiáticos, campos e atores sociais, meios de comunicação social e sociedade. Isso estrutura-se de forma direta e se torna, conflitivamente, parte das lógicas orquestradoras de funcionamento da malha social (RODRIGUES, 1997; VERON, 2011; FAUSTO NETO, 2006; 2008; GOMES, 2016; ROSA, 2012; BRAGA, 2011a; 2012; SODRÉ, 2002).

Os aportes destes autores induzem-nos a pensar na possibilidade de uma intensificação tecnológica, voltada para processos de conexões e de fluxos mercadológicos. Estas, por sua vez, podem ir transformando o estatuto dos meios, fazendo com que deixem de ser apenas mediadores. Assim, se convertem numa estrutura maior e em um ambiente de operações que, por meio de zonas de contato e circuitos de múltiplas afetações entre os sujeitos e instituições, permitem o fluxo adiante, através de processos representacionais, de interpretações e de significados cujas consequências podem ser canhestras (BRAGA, 2011a).

### **3.3.5 A circulação dos conteúdos midiáticos de cenas de violência e agressividade entre adolescentes angolanos**

De tudo o que até agora observamos e percebemos no relato dos adolescentes que compõem a amostra, a partir de Thompson (2007), concluímos que o desenvolvimento da indústria de comunicação de massa tenha papel central na constituição e entendimento das sociedades modernas, permanecendo onipresente na vida pública e privada cotidiana e, contemporaneamente, dominando a produção e circulação das formas simbólicas.

Nesse sentido, a produção e a circulação das formas simbólicas, por parte das instituições midiáticas (públicas e privadas), têm um importante papel na manutenção dos sistemas de dominação e de consumo e, conseqüentemente, podem “criar novos tipos de ação e interação, novos tipos de relações sociais”, políticas e econômicas “que se difundem no tempo e no espaço” (THOMPSON 2007, p. 342), transformando a vida e a cultura em um espetáculo, nos países subdesenvolvidos e no mundo globalizado.

Todavia, respaldados em Wolf (2003) e Ruótulo (1993), longe de sustentar a lei da causa e efeito. Pois, para estes autores, a eficácia e persuasão dos estímulos (mensagem = causa) dependem do processo formado pela personalidade (processos psicológicos) para obter a resposta (efeito). O foco dos estudos nas abordagens acerca dos fenômenos sociais, na ambiência da midiatização e dos processos sociais, já não recai sobre os efeitos.

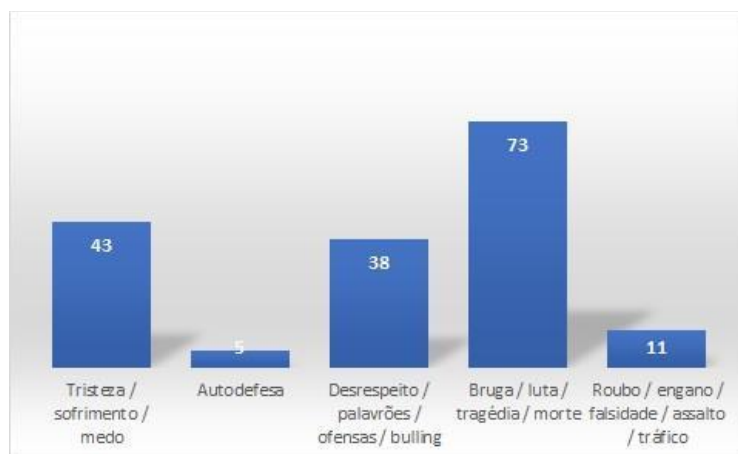
Consequentemente, seguindo Wolf (2003, p. 42-63) em sua “abordagem empírica de campo ou ‘dos efeitos limitados’”, este tópico configura-se em uma pesquisa empírica sociológica, e embora o objetivo continue sendo a compreensão dos efeitos da circulação midiática dos conteúdos agressivos e violentos, ela aborda o assunto em um nível de alta complexidade. Trata-se de, tentativamente, propor-se a estabelecer interações, metáforas, aproximações e associações entre os processos dos fluxos da comunicação de massa e as características do contexto socio-histórico e cultural dos sujeitos e onde eles acontecem. A ser assim, mais do que perguntar sobre “o que é que os Mass Media fazem às pessoas’?”, o foco volta-se para os atores sociais e então a pergunta ‘o que é que as pessoas fazem com os Mass Media?’”.

Com a pergunta colocada dessa forma, acreditamos abrir espaço para uma gramática interpretativa que pode transformar e adaptar o significado da mensagem recebida, fixando-a às atitudes e aos valores do destinatário até mudar, por vezes, radicalmente, o sentido da própria mensagem. Ou seja, aproximando-nos de Fausto Neto (2006), estamos objetivando aprofundar-nos na compreensão das contribuições do status do campo dos mídias e da midiática, procurando mostrar que o trabalho enunciativo dos media já não mais se restringe a “construir realidade”, mas deslocar a ênfase dessa tessitura para evidenciar a “realidade da construção”.

Portanto, objetivando colher dados sobre como os adolescentes percebem, recebem e ressignificam a violência midiática, em circulação nos vídeos que consomem nas redes sociais através dos seus dispositivos midiáticos, formulamos a questão sobre: o que você pensa e como você se sente quando ouve, escuta, palavras agressivas ou assiste cenas com conteúdo violento na internet? Propusemos como opções expressões de manifestações de atos agressivos ou violentos, tais como: tristeza / sofrimento / medo; autodefesa; desrespeito / palavrões / ofensa / bullying; briga / luta / tragédia / morte; e roubo / falsidade / engano / tráfico / assalto. Damos aos 80 adolescentes a possibilidade de marcarem mais que uma opção, caso assim o achassem necessário. No final da aplicação da técnica, os resultados apurados apontam que: 73 adolescentes, dos quais 35 são do sexo masculino e 38, pensam em briga / luta / tragédia / morte. Em termos sequenciais, 43 adolescentes, sendo 14 do sexo masculino e 29 do sexo feminino, afirmaram que sentem tristeza / sofrimento / medo. Em terceiro lugar estão os adolescentes que quando ouvem falar de violência e agressividade pensam em desrespeito / palavrões / ofensas / bullying, totalizando 38, sendo 20 do sexo masculino e 18 do sexo feminino. Por outro lado, estão os 11 adolescentes do sexo masculino, que pensam em roubo / engano / falsidade / assalto / tráfico ao ouvirem falar de violência e

agressividade. Por último, estão os 5 adolescentes, sendo 2 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, que pensam em autodefesa. Para qualquer efeito, representamos os dados por meio do gráfico abaixo.

Gráfico 27 – O que você sente ou pensa ao ver conteúdos violentos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Lançando o nosso olhar nos relatos transformados em gráfico, percebemos que para a maioria dos adolescentes as cenas de violência e a agressividade podem ser traduzidas, com maior pontuação (73% das respostas), por brigas, lutas, tragédias e mortes. No contexto da sociedade angolana, essa pontuação, talvez de longe, nos permitem rememorar as imagens-totens (ROSA, 2012) do conflito armado (1975 - 2002), ainda que esses adolescentes não tenham vivido no tempo da guerra civil. Estamos apoiando as nossas suposições nos relatos dos adolescentes que responderam serem filhos de pais e netos de militares e policiais, e para tanto, intuimos que alguns desses pais tenham participado do conflito armado em Angola. Se tivéssemos perguntado aos adolescentes, sobre por exemplo, quem tenha parente que participou da Guerra Civil, supomos que talvez, inferíssemos através dos conceitos de tristeza, sofrimento e medo, desrespeito, palavrões, *bullying*, as nefastas consequências do conflito armado angolano, conforme aparecem representadas no gráfico percentual como sendo de 43% e 38%. No contexto de uma sociedade pós-guerra e lendo autores tais como Bourdieu (1980, 1984b; 1987; 1989b) e Moscovici (2003), inferimos que as imagens que esses adolescentes reconstróem sobre as cenas de violência e de agressividade revestem-se de um capital simbólico. Intuímos, na perspectiva desses autores, que as imagens construídas pelos adolescentes, ao rememorarem a realidade social da guerra em Angola, propõem rupturas com dicotomias que poderiam ser limitadoras dos estudos de fenômenos sociais, como subjetividade versus objetividade, indivíduo versus sociedade.

Nesse sentido, sob o ponto de vista construtivista, a pergunta formulada pode ser considerada como um espaço social, um campo de lutas, de reconhecimento e de mudanças, no qual a dimensão simbólica é construtora e produtora de realidades por meio das práticas. Em outras palavras, estamos, sob angulações técnicas, tecnológicas e, sobretudo da midiaticização, acreditando na possibilidade das interações entre os efeitos do mundo material (campos e seus capitais) e as formas simbólicas que, afetando o psiquismo humano, permitem ressignificar e atribuir novos sentidos aos objetos e ao mundo.

Assim, no âmbito da midiaticização e dos processos sociais, a circulação dos conteúdos violentos da indústria cultural pode ou não provocar situações interacionais e reações canhestras entre atores sociais. Estas reações podem agir de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis (MICHAUD, 1989; SODRÉ, 2002). Ao levantarmos a hipótese de causar danos em graus variáveis ou não, estamos construtivamente a supor que, talvez, tudo dependa da integridade física ou moral dos sujeitos interagentes (atores sociais), de suas posses e ou participações, quer física, quer simbólicas ou culturais, acoplados aos usos e às lógicas sociotécnicas, tecnológicas e discursivas.

Aproximando-nos de Ferreira (2006), diremos que os usos dessas lógicas constituem o dispositivo que atualiza os agenciamentos do visível e do dizível, do antropológico e também das próprias técnicas e tecnológicas. Nesse sentido, parece que mais do que falar de um esquema de estímulo e resposta ou de causa e efeito, trata-se aqui de um conjunto de relações, intersecções e de interações entre dispositivos midiáticos, processos sociais e processos de comunicação. Ainda, de acordo com Ferreira (2006), tais relações, intersecções e interações não se reduzem nem “à experiência mediada”, nem à “experiência midiaticizada”, mas compõem uma dialética adaptativa entre processos de objetivação e subjetivação (PIAGET, 1983; MOSCOVICI, 2003; HABERMAS, 2003).

Com o objetivo de colher relatos sobre as interações entre os efeitos do mundo material (campos e seus capitais) – cenas de violência e agressividade e as formas simbólicas, perguntamos a cada um dos adolescentes se já se envolveu em cenas ou situações de agressividade. Dos 80 adolescentes, 7 deles, sendo um do sexo masculino e 5 do sexo feminino, disseram que nunca se envolveram em cenas ou situações que expressem comportamentos agressivos. E 73 confessaram que já terem se envolvido. Desse número, 39 são do sexo masculino e 34 são do sexo feminino. Isso equivale a um cálculo percentual de que 9% dos adolescentes nunca se envolveu, contra 91% que disseram já ter se envolvido em cenas de agressividade.



Gráfico 28 – Envolvimento com violência ou agressividade



Fonte: Elaborado pelo autor.

Olhando para este gráfico, percebemos o quanto o fenômeno da violência e agressividade é um dos grandes desafios enfrentados na atualidade em Angola, uma sociedade em vias de midiatização. À medida que se configura como um recorte social de conflitos e choques interacionais, segundo Minayo (2001, Michaud (1989) e Lopes Neto (2005), ela perpassa o cotidiano de todos de forma muitas vezes atordoante. Esses conflitos podem ser classificados como violência física, sexual, psicológica e negligência, que resultam em acidentes, mortes e traumas tanto no corpo do próprio sujeito quanto no de seu semelhante, na perspectiva da pesquisa coordenada por Brito e Pimentel(2011), independentemente do nível social, econômico, religioso ou cultural. Daí a necessidade de buscar compreensões dessa realidade socio-humana, complexa e contemporânea.

Para tanto, julgamos que abordar esse tema na atualidade possa exigir um certo repensar o sujeito pós-moderno, marcado pelo desenvolvimento tecnológico da informação e da comunicação de massa (JOSÉ FILHO, 2006 MORAES, 1998;JODELET, 2001; GUARESCHI, 2005). Quanto aos veículos de comunicação de massa, eles afirmam serem estes os que mais interagem com o sujeito e podem proporcionar a renovação da identidade por meio de representações, imitações e assimilações. O indivíduo, enquanto sujeito social, pelo processo de ancoragem, pode usar como referência, para construção da sua realidade, experiências e esquemas de pensamentos impostos pelas representações da linguagem e da cultura midiática, as mais consumidas pelas crianças e adolescentes (COHEN, 2008; GOMIDE, 2010).

Ademais, os 91% por cento, dos relatosadolescentes, representados no Gráfico 28, faz-nos pensar nos possíveis tipos de cenas agressivas e ou violentas nos quais eles adolescentes já tiveram envolvimento. Recolhidas as respostas, contabilizamos um total de 73, sendo 39 do

sexo masculino e 34 do sexo feminino, que informaram já terem se envolvido em cenas de agressão física. Em termos genéricos, os adolescentes do sexo masculino, no que diz respeito à agressão física, tendem a ser mais violentos do que os do sexo feminino. Já os que se envolveram em cenas de agressão verbal contabilizam 63, sendo 29 do sexo masculino e 34 do sexo feminino. Aqui ocorre o inverso. Os adolescentes do sexo feminino tendem a ser mais agressivos dos que os do sexo masculino. Em pequena escala, estão 8 adolescentes, dentre os quais 1 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, que relataram nunca terem se envolvido com em qualquer tipo de cenas de agressividade. Alguns adolescentes responderam que já se envolveram em cenas de agressão emocional ou simbólica, totalizando 12 ao todo, dos quais 7 são do sexo masculino e 5 do sexo feminino.

Gráfico 29 – Tipo de violência que já se envolveu



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados apurados e presentes neste gráfico confirmam os relatos dos pais e dos professores, segundo os quais os índices dos fluxos de violência e de agressividade vêm aumentando entre os adolescentes angolanos. Retomando o conceito formulado por Yves Michaud (1989, p. 11), passaremos a configurar a existência da situação de cenas de violência e de agressividade quando um ou vários atores sociais “agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais”. Essa definição introduz o conceito de violência a intencionalidade, ou seja, sugere-nos caracterizar a violência e a agressividade como um ato intencional de fazer mal a alguém.

#### **4ACIONANDO LÓGICAS INTERACIONAIS DOS PROCESSOS MIDIÁTICOS ENTRE OS ATORES SOCIAIS E CONTRUINDO INFERÊNCIAS INDUTIVAS**

Este capítulo configura-se como uma retomada das considerações tecidas nos capítulos anteriores, com aportes teóricos metodológicos, sobretudo quanto ao uso do Focus Group como técnica de recolha de dados. A constituição do Focus Group visou detectar e perceber os conteúdos de produção angolana com cenas agressivas e violentas nas redes sociais. Os resultados recolhidos das discussões e debates, por sua vez, poderão servir de indícios para complementar, aprofundar e fundamentar epistemologicamente os relatos dos adolescentes das entrevistas de aplicação coletiva. cremos que o uso dessas duas técnicas de pesquisa permitirá observar as formas como os adolescentes interagem entre si com a cultura midiática; saber como expressam as suas subjetividades nas suas práticas através das redes sociais; facilitar o nosso nível de compreensão sobre como os adolescentes percebem e recebem a agressividade em circulação na cultura midiática; e por fim, descrever as formas como eles representam as cenas agressivas e violentas que consomem na internet através dos dispositivos midiáticos.

Para a constituição do Focus Group, sem algum critério específico, convocamos os 80 adolescentes que participaram das entrevistas de aplicação coletiva. Assim sendo, após dois dias da aplicação das entrevistas e da recolha dos resultados, reunimos os referidos adolescentes no mesmo local das entrevistas para a realização das discussões do Focus Group. Porém, diferentemente do que ocorreu na aplicação daquela técnica, onde agrupamos em dois grupos os adolescentes por sexo, sendo 40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino, aqui demos a liberdade de cada adolescente ocupar o lugar que lhe conviesse e a sentar-se ao lado de quem quisesse. Depois da armação do Focus Group, e tendo estado todos em seus lugares, tomamos como disparadores das discussões, dentre os vídeos em circulação nas redes sociais em Angola, três vídeos: Jovens entram em pancadaria no “Belas Shopping”, “Megaoperação Policial” e “Jornal Nacional Angola – Criminalidade”.

A seleção desses vídeos como objetos e orquestrar as discussões do Focus Group sobre a circulação da agressividade, teve como critérios: em primeiro lugar o contexto socio-histórico, cultural, técnico e tecnológico da sociedade angolana; em segundo lugar os conteúdos (atos/cenas agressivas e violentas observadas); em terceiro lugar a associação desses vídeos aos contextos nos quais foram produzidos; quarto lugar os sujeitos envolvidos (atores sociais); em quinto lugar as características específicas de cada cenário ou ato presente nos três vídeos;

em sexto lugar, a plataforma onde os vídeos estão em circulação na internet; e por último, as esferas das instituições ofertantes (privadas ou públicas).

Portanto, na condição de articulações no processo das discussões, o nosso envolvimento e foco maior nas discussões são as interações estabelecidas e também o grau de envolvimento dos adolescentes com as questões sobre a agressividade, construídas a partir da exibição dos três vídeos, no decorrer das discussões no Focus Group ou das atividades experimentais. Com essas interações e o grau do envolvimento dos adolescentes nas questões a serem expostas, não está simplesmente na exploração do que cada um dos adolescentes tem para dizer, mas em providenciar insights quanto às origens de comportamentos complexos e saber quais são as motivações. Por outro lado, inferimos que essa dinâmica nos permita atingir um grau maior de observação acerca dos acordos e dos desacordos entre os 80 adolescentes que participam das discussões.

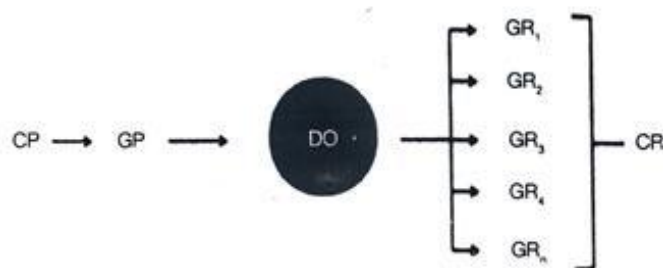
Feitas estas considerações, passamos à aplicação do Focus Group como técnica de pesquisa de recolha de dados, porém sem que os adolescentes tivessem acesso à pauta das discussões (questões de debates), e iniciamos pela exibição dos três vídeos. Pelo fato de serem vídeos de curta duração (sendo o primeiro de 1min e 33 segundos; o segundo de 3 min e 38 segundos; e o terceiro a 3 min e 35 segundos) achamos por bem exibi-los um após o outro sem intervalo, só depois partimos para os debates. Terminada a exibição dos vídeos e considerando o seu conteúdo, de uma forma descontraída formulamos as perguntas que serviram de guia para os debates. Após as discussões do Focus Group, julgamos, por questões metodológicas, construir três secções de parágrafos ou frases com os resultados obtidos em cada uma das questões postas em discussão.

Na primeira secção serão colocados os relatos a serem transcritos e transformados em textos na íntegra. Já na segunda secção estão as frases mais destacadas ou evidenciadas em ambos os relatos. Depois, teremos uma terceira seção composta por palavras-chave, retiradas das frases mais evidenciadas. Sob o ponto de vista semiótico, pensamos construir alguns conceitos a partir de palavras que apresentem o mesmo sentido ou que sejam sinônimas. Nosso objetivo com esta última é buscar conceitos que podem ser classificados como categorias, permitindo-nos a construção de parâmetros com os quais poderemos intuir, metaforizar e quiçá, construir inferências sobre a circulação e representação social de agressividade, presente nos vídeos da plataforma do Youtube.

Em uma perspectiva sociossemiótica midiática, de forma tentativa estamos projetando a construção de um dispositivo possa explicar e assegurar as interações sociais. Este é acionado pela circulação da cultura midiática, pelos processos de significação e, sobretudo, ao

incorporar valores, normas sociais e discursos, que mobilizem linguagens, a língua e os códigos. (FERREIRA, 2016, p. 199-213). Isso vai ao encontro ao que Veron (1997) descreve como circulação discursiva-midiática, cujo esquema adaptado reproduzimos abaixo.

Gráfico 30 – Esquema da circulação Discursiva do Objeto<sup>1</sup>



Fonte: Verón (2013, p. 293).

Portanto, nesse processo tentativo e em movimento de idas e vindas (BRAGA, 2012) esperamos que, por meio de debates em torno da circulação discursiva-midiática dos produtos da indústria cultural, possamos recolher dados sobre a problemática em estudo.

#### 4.1 INTRODUÇÃO DE QUESTÕES DE DEBATES OU DISCUSSÕES E RECOLHA DE DADOS

Conforme afirmamos no item anterior, a unidade de análise desta pesquisa são os relatos obtidos das discussões feitas com os 80 adolescentes. Destacamos que esta unidade de análise é recolhida a partir das transcrições de textos na íntegra da gravação de áudio e da captura de imagens, por meio do celular e da câmera de filmagem digital. Por sua vez os debates foram orquestrados pelas questões introduzidas para o efeito de uma forma descontraída e informal. Assim, após a exibição dos vídeos, a primeira questão foi estruturada visando discutir sobre o que cada adolescente tinha percebido e sobre o que ele achava de tudo o que tinha visto no vídeo:

Segundo a arquitetura montada, a primeira questão é a seguinte: Por suas próprias palavras fale um pouco o que você percebeu e diga o que acha acerca do que viu nestes vídeos. Depois da discussão em torno desta questão, dos relatos dos adolescentes transcrevemos na íntegra os seguintes textos:

<sup>1</sup> CP = Condições de Produção; GP = Gramática de Produção; DO = Objeto do Discurso; GR = Gramáticas de Reconhecimento e CR = Condições de Reconhecimento.

### Quadro 1 – Textos na íntegra dos relatos dos adolescentes

Eu não consegui identificar e nem explicar qual foi a origem de toda aquela confusão e agressividade. Só sei que a briga foi feia;  
 Pelo que eu vi a luta mesmo foi pesada. Mas ao fim de tudo o adolescente mereceu;  
 Epa, pelo que eu pude ver aí houve uma rajada de chapadas que se estendeu até para quem não tinha nada a ver com a confusão;  
 Foi feia a violência. Agora o que só não sei explicar porque tinha muitas pessoas que ao em vez de tentar acudir, defender ou impedir que aquela agressividade chegasse ao extremo, elas ficaram filmando com celulares. Vê se pode;  
 Professor, eu quero falar é sobre o uso das armas de fogo. Acho que os adolescentes não deviam usar armas de fogo, pelo simples fato de seu uso incentiva de certo modo todo tipo de criminalidade. E não só parece trazer de volta o contexto da guerra que Angola viveu. Sobretudo me lembro que o meu pai me contou que no tempo dele muitas crianças eram obrigadas a pegarem em armas de fogo para combaterem contra os inimigos que vinham a atacar as pessoas;  
 O consumo das drogas está a estragar a nossa população, A população angolana era harmoniosa. Desde que começou o comércio e o consumo das drogas na sociedade angolana são bem notórias as suas consequências. Violência, agressividade, roubos, assaltos e mortes.

Fonte: Elaborado pelo autor.

### Quadro 2 – Palavras mais evidenciadas nos relatos dos adolescentes

Não sei a origem da confusão e agressividade. Só sei que a briga foi feia;  
 A luta mesmo foi pesada;  
 Pelo que pude ver aí houve uma rajada de chapadas;  
 Foi feia a violência;  
 Vi muitas pessoas que ao em vez de tentar acudir, defender ou impedir que aquela agressividade chegasse ao extremo, elas ficaram filmando;  
 O uso das armas de fogo incentiva de certo modo todo o tipo de criminalidade;  
 Parece trazer o contexto da guerra em Angola;  
 O consumo das drogas está a estragar a nossa população;  
 O comércio e o consumo de droga provocam consequências tais como violência, agressividade, roubos, assaltos e mortes.

Fonte: Elaborado pelo autor.

### Quadro 3 – Palavras-chave (conceitos)

Confusão; agressividade; briga; luta; pesada; rajada; chapadas; violência; feia; filmar; armas; criminalidade; guerra; consumo; drogas; estrago; comércio; violência; roubos; assaltos; mortes.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na segunda questão o nosso objetivo foi identificar nos relatos e, sobretudo na visão dos adolescentes da amostra, os momentos em que durante a exibição dos vídeos apareciam cenas relacionadas à agressividade. E para tanto, a pergunta de discussão foi introduzida da seguinte maneira: Em relação à agressividade, dê a sua opinião sobre os momentos em que você acha que apareceram cenas de violência. Depois das discussões e da recolha do material transcrito, como ocorreu na primeira questão, apresentamos os seguintes resultados:

#### Quadro 4 – Textos na íntegra dos relatos dos adolescentes

O professor, viu ne? Eu acho que é aquele momento quando começaram a bater no gatuno e criou uma confusão geral no shopping;  
 Para mim foi quando apareceram aquelas cenas de agressão física;  
 Para mim foi muito triste ver a destruição da praça de alimentação: as cadeiras sendo jogadas e mesas empurradas e vidros partidos. Professor foi triste mesmo;  
 Além do que os outros já falaram eu acho aqueles rapazes de moto quando um deles ma nipulou a pistola foi uma cena de violência muito forte;  
 Quando um rapaz falou que matou a senhora com arma de fogo;  
 Eu fico muito indignado quando vejo pessoas que roubam as coisas dos outros. Tipo aquele segurança que roubou computador, aqueles rapazes que foram presos porque assaltaram.

Fonte: Elaborado pelo autor.

#### Quadro 5 – Palavras mais evidenciadas nos relatos dos adolescentes

Naquele momento quando começaram a bater no gatuno;  
 Naquelas cenas de agressão física;  
 Para mim foi muito triste ver a destruição da praça de alimentação;  
 Aqueles rapazes de moto um deles manipulando a pistola foi uma cena de violência forte;  
 Eu acho que foi quando um rapaz disse que matou a senhora com arma de fogo;  
 Aquele segurança que roubou computador e aqueles rapazes que foram presos porque assaltaram.

Fonte: Elaborado pelo autor.

#### Quadro 6 – Palavras-chave (conceitos)

Bater no gatuno; cenas de agressão física; cena de violência muito forte; destruição da praça de alimentação; manipulação da pistola; matar a senhora; a arma de fogo; roubo do computador; prisão por assalto.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em sequência, a terceira questão foi formulada tendo como objetivo saber o que os adolescentes da amostra achavam sobre o que teria provocado o desencadeamento dos atos violentos e agressivos entre os adolescentes na praça de alimentação no Shopping; e também sobre o envolvimento dos adolescentes em brigas, assassinatos, roubos, assaltos, tráfico e consumo de drogas, conforme outros dois vídeos exibidos: Na sua opinião, o que você acha que teria levado os adolescentes dos vídeos a se envolverem em brigas, assassinatos, roubos e assaltos, tráfico e consumo de droga? Dentre os vários relatos e pareceres dos 80 adolescentes da amostra, apuramos as razões que teriam levado os personagens a envolver-se nas diversas situações observadas nos vídeos:

### Quadro 7 – Textos na íntegra dos relatos dos adolescentes

Eu acho que estavam perseguindo uma pessoa que roubou e daí começou toda a confusão até para quem não tinha nada a ver;

Alguém deu conta dos movimentos de um assaltante e imediatamente foi espancado criando uma confusão total na praça de alimentação;

Eu acho que o que leva as pessoas a cometerem vários tipos de crimes é porque falta condições de vida digna, condições que supram suas necessidades. E mesmo que eles não queiram, as necessidades obrigam-nos a entrar no mundo do crime, tipo a mulher que estava a vender maconha;

Um dos fatores que leva muitos adolescentes a entrarem no mundo das drogas é a má governação, ou seja, a corrupção em Angola. Nos tempos atualmente maus governadores. A prova disso são as manifestações que estamos tendo contra o atual governador de Benguela;

Quanto ao uso das drogas eu digo que é fácil entrar no mundo das drogas devido às influências e as amizades. Não digo que todo o mundo segue a barca de cada um dos amigos. Mas pelas influências nós podemos facilmente entrar nesta vida e dificilmente conseguimos sair. Uns acabam por perder a própria vida, como por exemplo há pouco tempo, ocorreu a morte de uma adolescente que morreu porque consumiu muita droga; eu penso que também os adolescentes e jovens consomem drogas para fugir das suas realidades. Ou seja, eles vivem mal, em condições péssimas e para tentarem se livrar e esquecerem dessa realidade eles consomem as drogas com incentivo;

Eu acho que o que leva os adolescentes ao uso de drogas e a criminalidade é a falta de oportunidade;

Muitos adolescentes e jovens que fazem uso de drogas e que se envolvem com o mundo do crime estão a acolher o que plantam antes. Por falta de obediência, não seguiram o conselho dos seus pais para por exemplo estudar ou se esforçarem para serem alguém na vida. Alguns contavam com o apoio dos pais. Viviam só à custa do que os pais lhes davam. Agora que se calhar perderam os seus pais, sem suporte, sem alguém a quem possam recorrer e não tendo onde tirar recorrem à criminalidade tirando vida de pessoas inocentes como vimos no vídeo. Arranjam confusão, se metem em brigas. Eles querem ganhar a vida facilmente querem uma vida de qualidade. Só vivem de aparências.

Fonte: Elaborado pelo autor.

### Quadro 8 – Palavras mais evidenciadas nos relatos dos adolescentes

Estavam perseguindo uma pessoa que roubou e daí começou toda a confusão até para quem não tinha nada a ver;

Alguém deu conta dos movimentos e um assaltante e imediatamente foi espancado criando uma confusão total; falta de condições de vida digna;

Falta de condições que supram as suas necessidades;

Mesmo que eles não queiram, as necessidades obrigam-nos a entrar no mundo do crime, tipo a mulher que estava a vender maconha;

Um dos fatores que leva muitos adolescentes a entrarem no mundo das drogas é a má governação, ou seja, a corrupção em Angola;

É fácil entrar no mundo das drogas devido às influências e as amizades;

Os adolescentes e jovens consomem drogas para fugir das suas realidades;

Eles vivem mal, em condições péssimas e para tentarem se livrar e esquecerem dessa realidade eles consomem as drogas com incentivo;

O que leva os adolescentes ao uso de drogas e a criminalidade é a falta de oportunidade;

Muitos adolescentes e jovens que fazem uso de drogas e que se envolvem com o mundo do crime estão a acolher o que plantam antes;

Por falta de obediência aos pais, não seguiram o conselho dos seus pais agora estão pagando.

Fonte: Elaborado pelo autor.



### Quadro 9 – Palavras-chave (conceitos)

Perseguição ao ladrão; início da confusão; movimentação do assaltante; espancamento; criação de confusão total; falta de condições de vida; suprimento das necessidades; mundo do uso e comércio de drogas; corrupção em Angola; má governação; más influências = 2; más Amizades; fuga da realidade = 2; falta de oportunidade; falta de obediência aos pais.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No meio dos personagens envolvidos nas situações diversas observadas nos vídeos, chamou-me atenção a atuação da Polícia Nacional por meio da realização de duas operações que resultaram na detenção de adolescentes, jovens, adultos e inclusive alguns estrangeiros e à apreensão de diversos materiais. Com o objetivo de observar qual seria a percepção dos adolescentes sobre a atuação da Polícia Nacional no combate ao consumo das drogas e à venda de arma de fogo, introduzimos a discussão através da seguinte pergunta: O que vocês acham da atuação da Polícia Nacional quanto ao combate à venda de armas de fogo e os adolescentes que fazem o consumo de drogas. Os relatos estão a seguir:

### Quadro 10 – Textos na íntegra dos relatos dos adolescentes

Eu acho que foi excelente. Porém eu acho que o culpado de tudo isso é a próprio governo ou estado. Porque acho no meu ver, ne? O governo tem que tomar medidas sérias no uso da arma de fogo. O departamento das FAAs, da Polícia e SINFO tinham que deixar as armas no lugar de serviço e não nas casas dos militares e policiais. Isto porque muitos policiais e militares consomem álcool. E quando tu estás sob o efeito do álcool, podes fazer qualquer tipo de aposta. Posso vender o meu carro, que está lá em casa ou dar a minha alma para um meliante como aquele rapaz que comprou a arma por 10.000.00 Kz. Isto não pode acontecer. Então, arma fica no lugar de serviço já que o país não está mais em guerra. Fica melhor assim, só se usa a arma fora da unidade policial ou militar quando vão fazer uma busca e apreensão. A arma na casa do policial não. Porque um dia pode matar o vizinho por abuso de autoridade como as vezes a gente vê por aí. Só porque é policial ele não vai cumprir prisão;

A imigração ilegal ocorre devido à falta de condições mínimas para a sobrevivência nos seus países de origem. Mas também por ser devido à corrupção. Porque quando, por exemplo, um estrangeiro chega no país, basta ter dinheiro e entregar aos policiais ele entra com facilidade. As vezes até sem documentos. A polícia não trabalha mais como antigamente em Angola, no tempo de Agostinho Neto. Eles agora só querem gasosa (caché = suborno).

Fonte: Elaborado pelo autor.

### Quadro 11 – Palavras mais evidenciadas nos relatos dos adolescentes

Acho que a atuação da polícia foi excelente. O culpado de tudo isso é o próprio governo ou Estado; O departamento das FAAs, da Polícia e SINFO tinham que deixar as armas no lugar de serviço e não nas casas dos militares e policiais. Isto porque muitos policiais e militares consomem álcool; Posso vender o meu carro, que está lá em casa ou dar a minha arma para um meliante como aquele rapaz que comprou a arma por 10.000.00 Kz; A imigração ilegal ocorre devido à falta de condições mínimas para a sobrevivência nos seus países de origem; Mas também por ser devido à corrupção. Porque quando, por exemplo, um estrangeiro chega no país, basta ter dinheiro e entregar aos policiais ele entra com facilidade.

Fonte: Elaborado pelo autor.

### Quadro 12 – Palavras-chave (conceitos)

Excelente atuação policial; o Estado é o culpado de tudo; armas no local de serviço; policiais e militares; consomem álcool; venda de armas de fogo; má política de governo; venda e compra de arma de fogo; falta de condições mínimas de sobrevivência; imigração ilegal devido a corrupção no país; polícia corrupta; busca de sobrevivência.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A última questão de debate no Focus Group teve como objetivo a discussão sobre possíveis saídas do combate aos diversos atos observados nos vídeos, que podem constituir-se como vetores ou facilitadores da venda de armas de fogo, da proliferação da violência e do consumo de drogas pelos adolescentes e todos os personagens envolvidos em cenas de diversos crimes em Angola. Por sua vez a questão foi colocada desta maneira: Na sua opinião, qual seria a melhor forma de combater o consumo de drogas e a criminalidade em Angola? A seguir os relatos dos adolescentes da amostra:

### Quadro 1 – Textos na íntegra dos relatos dos adolescentes

Eu acho que o governo deveria criar não só postos de empregos para eles, mas programas de apoio para ocupá-los. Porque quando eles ficam sem fazer nada para além de não terem dinheiro para sustentar as suas necessidades, eles ficam vadiando, organizam-se em grupos e gangues tipo o que vimos no vídeo da briga no Shopping, ocupam o seu tempo com outras coisas que se calhar não são nada boas para a sociedade;

O governo deve arranjar um emprego, ou promover programas educacionais no sentido de conscientizá-los sobre a importância de auto sustentabilidade, julgo ser o caminho;

É verdade que alguns adolescentes lavam carros. Mas alguns fumam liamba, bebem e roubam. Então na minha opinião o governo deveria promover políticas públicas e criar programas de apoio ou casas de recuperação para as pessoas que fazem uso de drogas e de todo o tipo de criminalidade; Se tivéssemos pessoas que têm mais estudos e obediência à boa gerência governativa e têm uma visão para o futuro de pessoas eu acho que o índice de desemprego, da criminalidade e do consumo de drogas teria diminuído;

Para mim a produção e o comércio da maconha é também um dos fatores que leva os adolescentes a consumir as drogas. Nós sabemos que a maconha é uma planta. Se cortássemos a planta dela, acho que muita gente deixaria de consumir.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 2 – Palavras mais evidenciadas nos relatos dos adolescentes

O governo deveria criar empregos e programas de apoio para ocupar os jovens;  
 Alguns adolescentes lavam carros;  
 Alguns fumam liamba, bebem e roubam;  
 Eles ficam vadiando, organizam-se em grupos e gangues tipo o que vimos no vídeo da briga no shopping;  
 O governo deve arranjar um emprego para os adolescentes e jovens, ou promover programas educacionais no sentido de conscientizá-los sobre a importância de auto-sustentabilidade, julgo ser o caminho;  
 O governo deveria promover políticas públicas e criar programas de apoio ou casas de recuperação para as pessoas que fazem uso de drogas e de todo o tipo de criminalidade;  
 Se tivéssemos pessoas que têm mais estudos e obediência à boa gerência governativa e tem uma visão para o futuro;  
 Para mim a produção e o comércio da maconha é também um dos fatores que leva os adolescentes a consumir as drogas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 15: Palavras-chave (conceitos)

Adolescentes lavam carros; alguns fumam liamba-bebem-roubam; organização de grupos e gangues; brigas no shopping; criação de empregos = 3; uso-consumo; criação de programas educacionais; criação de programas de apoio = 4; criação de programas de conscientização; promoção de políticas públicas; todos os tipos de criminalidade; programas de auto sustentabilidade; construção de casas de recuperação; mais estudo; boa gerencia governativa; visão para o futuro; produção e comércio da maconha; consumo de drogas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Partindo dos relatos transcritos dos 80 adolescentes que participaram das discussões do Focus Group, dos quais selecionamos algumas frases na íntegra em que percebemos nelas marcas que nos permitiram destacar palavras evidentes. Estas, nos permitiram construir as palavras-chave sobre a problemática em estudo, para então transformá-las em categorias. Fazendo recurso à semiótica, essa categorização será feita por meio de associação e ou agrupamento por semelhança de ideias, ações e objetos que expressem o mesmo sentido ou significado. A partir da perspectiva de Piedade (1983), Lakoff (1987), Jacob e Shaw (1998), visamos reassumir o processo mental ou cognitivo antropológico de classificar as coisas e ideias, a fim de compreender e conhecer como e o porquê das coisas. Ou seja, a capacidade de classificar é uma característica típica do homem. Ademais, é por meio dela que ocorrem a percepção, a ação e o discurso sobre o mundo físico e social.

Nesse sentido, não perdendo a visão do todo, o nosso foco de concentração é a terceira seção. Porém, sem um critério específico, salvo o de associação semiótica quanto ao sentido e aos significados, o nosso objetivo é observar nos relatos as palavras comuns, e as vezes que se repetem, para mais tarde instaurarmos um discurso inferencial sobre o nosso objeto de estudo.

Em meio ao processo observacional percebemos e inferimos a configuração de três esferas em constituição, que passamos a descrever:

Quadro 16 – Práticas sociais (afetações múltiplas/disrupções)

agressividade = 3x; violência = 3x; destruição = 1x; guerra = 2x; briga = 2x; bater = 1x; luta = 1x; chapada = 1x; pesada = 1x; forte = 1x; feia = 2x; extremo = 1x; rajada = 1x; total = 1x; confusão = 3x; espancamento = 1x; assalto = 3x; morte = 2x; estrago = 2x; prisão = 1x; perseguição = 1x; cena = 2x; fogo = 3x; movimento = 1x; agressão física = 1x; corrupção = 4x; criminalidade = 2x; manipulação = 1x; roubo = 4x; gatuno = 1x; ladrão = 1x; ladrão = 6x; má governação = 1x; má política = 1x; más influências = 2x; más amizades = 1x; imigração ilegal = 1x.
---

Fonte: Elaborado pelo autor.

Estas palavras podem ser associadas às práticas sociais dos sujeitos e nos levar a pensar na possibilidade da constituição de categoriais que, em termos classificatórios, aproximam-nos aos conceitos de agressividade e violência. E, sob o ponto de vista epistemológico, convidamos para essa proposição Abreu (1998), Corsini (2004), Bertão (2004), Costa e Vale (1998), Feshback e Singer (1971), Sodré (2002) e Ramires (2001). Segundo eles a agressividade e a violência podem apresentar diferentes manifestações, dependendo dos sujeitos envolvidos e podem ser definidos como um conjunto de atos agressivos. Esses atos consistiriam na capacidade ou na potencialidade de alguém provocar malefícios, ofensas, prejuízos ou destruições materiais ou morais a outra pessoa ou a si mesmo.

Nesse sentido, tais ações podem ser verbais, quando feitas por meio do uso de palavras humilhantes, pejorativas, vexatórias, xingamentos, críticas, sarcasmos, zombarias, ameaças para intimidar; são físicas quando são praticadas através de socos, chutes, bofetadas, pauladas, estaladas, mordidas, arranhaduras, machucados, queimaduras e puxões; e por último podem ser sociais, instrumentais ou emocionais quando manifestadas por meio de rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito e punições. Ou seja, todos estes conceitos dizem respeito às práticas que atravessam todos os campos sociais. É nessa perspectiva que introduzimos e descrevemos a esfera a seguir.

Quadro 3 – Práticas Sociais (afetações múltiplas)

Estado = 1x; governo = 2x; polícia = 3x; militar = 1x; atuação = 1x; organização = 1x; grupos = 1x; gangues = 1x; condições = 2x; necessidade = 1x; sobrevivência = 2x, supressão = 1x; fuga da realidade = 2x; obediência = 1x; oportunidade = 1x; droga = 5x; álcool = 2x; consumo = 5x; produção = 1x; comércio = 2x; compra = 1x; venda = 2x; falta de emprego = 1x; promoção = 1x; políticas públicas = 4x; programas = 4x; educação = 2x; centro de apoio e recuperação = 2x; conscientização = 1x e; auto sustentabilidade = 1x.
---

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ainda sustentados pelos aportes da midiaticização, o segundo conjunto de palavras também pode ser enquadrado no contexto das práticas sociais. Porém, como força-nos a instaurar um discurso cujos desdobramentos podem desembocar na dialética intersubjetiva do reconhecimento, na visão do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1970), quanto à dinâmica do poder nas interações entre os atores sociais (emissores e receptores; produtores e consumidores; senhor e servos). Segundo Honneth (2009), a dialética do reconhecimento proposto por Hegel é sustentada por uma estrutura com três esferas: a do “amor”, a do “direito” e a da “eticidade”. A partir disso inferimos que no quadro interacional, nessas três esferas os indivíduos buscam a confirmação das suas autonomias e individualidades. Isso nos remete à pesquisa ao campo da psicologia social e, em tom espiral ascendente, a invocar o sistema teórico do “interacionismo simbólico”, defendido por George Herbert Mead (1982). O “interacionismo simbólico” reforçaria a crítica analítica da alienação do trabalho no capitalismo industrial feita por Karl Marx (1983). E estaríamos então a constituir uma ponte entre a ideia original de Hegel e o modo de pensar do nosso tempo, e os escritos de Mead, fazendo, portanto, a apologia da teoria do reconhecimento intersubjetivo. Ou seja, isto equivaleria a tornar presente a teoria hegeliana da intersubjetividade. Porém, na ótica das interações sociais, o foco consistiria na concepção de características comuns e o reconhecimento de valores expostos, reconhecidos e compartilhados na ambiência da circulação midiática entre os sujeitos. Daqui, inferimos o surgimento da esfera que designamos como sendo a dos dispositivos por meio das palavras:

#### Quadro 4 – Dispositivos (usos e apropriações)

Uso = 5x; arma = 4x; celular = 2x; pistola = 1x; computador = 1x.
---

Fonte: Elaborado pelo autor.

No contexto da indústria cultural, essas palavras remetem-nos aos usos e apropriações dos produtos sociotécnico e tecnológico que podem ser resumidos no conceito de dispositivo, definido por Foucault (2000, p.244), como sendo

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos.

Em uma visão primária, a definição de Foucault faz-nos perceber o quanto o termo “dispositivo” apresenta uma tessitura de articulações díspares, formando um “conjunto de

relações flexíveis tais como discursos, organizações arquitetônicas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos”. A partir daqui o conceito de dispositivo pode ser um aparelho ou uma ferramenta construída a partir das práticas discursivas e não-discursivas. Segundo Deleuze (1999), essas práticas podem reunir instâncias de poder e saber que funcionam como uma grade operatória multilinear, cujo objetivo seja organizar e constituir novos sujeitos.

Desse modo, retomando em Foucault (2000) e Deleuze (1999) o conceito de dispositivo, em termos metafóricos diremos que se pode desdobrar em três esferas. A primeira diria respeito à produção do saber através de uma rede de discursos; a segunda corresponderia à esfera de poder, que vai se estabelecendo por meio das relações e disposições estratégicas entre os elementos que o compõem e os atores envolvidos, em vista à produção de novos sujeitos, que por sua natureza corresponde à terceira e última esfera. Por fim, o conceito de dispositivo, um aparato cujas características apresentam conjuntos de linhas com curvas e regimes de naturezas transitórias, efêmeras e diferentes predispostas a variações de direção e de intensidade.

Por estas angulações observamos que essas curvas e regimes desestabilizam o conjunto de linhas, tanto como sistema assim como enquanto objeto. E então se tornam suscetíveis a movimentos de contínua acomodação quanto às tentativas de efetivar “processos singulares de unificação, de totalização, de verificação, de objetivação, de subjetivação”. (DELEUZE, 1999, p. 158). Ou seja, essas curvas e regimes, tensionadas pelas forças que o dispositivo produz, pelas enunciações dos sujeitos envolvidos e pelos objetos, podem estar em um e ou outro dispositivo e instituir um vínculo interacional de natureza e de saberes móveis, que se bifurcam e inter cruzam, cujas configurações de poder sejam designadas a produzir modos de subjetivação específicos.

Deleuze (1999) desperta-nos para a percepção de que no dispositivo as curvas de visibilidade são compostas por um sistema aberto de jogo de forças; um regime de enunciabilidade, tornando possível e justificável as múltiplas e prolíferantes enunciações. Estas, efetivamente, encontram condições de entrar na ordem do discurso, e entende essas que linhas de forças atuam como “flechas que não cessam de penetrar as coisas e as palavras”. (DELEUZE, 1999, p. 156). As linhas de forças, apresentando-se como diagramas complexos e abstratos, impõem-se como operador, não de causa e consequência em relação ao saber, mas através de uma relação de mútua dependência e de articulação recíproca que, onipresente em todos os espaços do dispositivo, faz funcionar as relações de poder em função da produção de práticas de subjetivação. Essas práticas consistem fundamentalmente em

outorgar aos sujeitos a característica de entes falantes e confessantes. “Não em relação a uma verdade sobre si mesmos que lhes é imposta de fora”, mas, ao contrário, “em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles mesmos devem contribuir ativamente para produzir”. (LARROSA, 1995, p. 55).

Portanto, na linha de práticas da subjetivação é possível perceber uma certa produção de efeitos que recaem sobre os sujeitos, uma vez que os processos de subjetivação indicam também possibilidades, (des)caminhos, fugas e subversão do próprio sujeito. Nesse sentido, podemos constatar que as linhas de subjetivação permitem-nos fazer uma outra leitura discursiva, cujo signo apresenta linhas de fratura, de descontinuidade, de ruptura do próprio dispositivo, da sua possibilidade de consecutividade, de contínua elaboração e superação, já que “todo dispositivo se define por sua condição de novidade e criatividade”. (DELEUZE, 1999, p.159).

Portanto, no contexto dos dispositivos e por meio da observação e descrição das marcas dos indícios, pretendemos fazer inferências indutivas existenciais, criativas e espontâneas acerca de como ocorrem os processos subjetivos da construção de identidade nas sociedades em mediação. O nosso entendimento inicial é de que no contexto da mediação e considerando os seus desdobramentos nos processos sociais, as mídias podem atuar como disparadores processuais enquanto aparato sociotécnico e tecnológico. Mas, não se limitam e se explicam apenas a partir do seu aspecto tecnológico, nem em função das ações dos sujeitos envolvidos, e nem tão somente pelas linguagens específicas em cada um dos meios de comunicação.

No caso da sociedade angolana, os três vídeos selecionados, bem como as palavras abstraídas dos relatos dos 80 adolescentes devem ser pensadas como autênticos dispositivos que, configurados em processo, estabelecem zonas de contato, mútuas e contínuas afetações (FAUSTO NETO, 2008). Estas zonas podem possibilitar a visualização das tensões, as rupturas e os acionamentos de outros circuitos que fazem emergir novos dispositivos.

#### 4.2 ZONAS DE CONTATO E DE MÚTUAS AFETAÇÕES NA AMBIÊNCIA DA MEDIATIZAÇÃO: ACERTOS OU DESACERTOS? APROXIMAÇÕES OU AFASTAMENTOS?

Norteados pelos aportes da Mediação e dos Processos Sociais muitas perguntas podem ser levantadas, tais como por exemplo: será a intencionalidade do ato a condição “sine qua non” para a existência de violência ou da agressividade? A premeditação de um ato será

suficiente para a existência de intencionalidade? Fora dos holofotes da midiaticização diríamos que talvez sim e talvez não. A nossa primeira conjectura é de que, no contexto de uma sociedade em fluxos mercadológicos contínuos dos produtos da indústria, das novas tecnologias da informática e comunicação seja necessário estudar a circulação da agressividade sem considerar as interações sociotécnicas tecnológicas; sem a valorização das múltiplas afetações e circunstâncias em que atos com desfechos violentos e com danos reais e simbólicos a uma ou mais pessoas e, sobretudo sem incluir um rol ações não previstas.

Para tanto, este capítulo configura-se como um processo tentativo de acionamento das lógicas e gramáticas das múltiplas afetações nas interfaces dos processos sociais midiáticos. O objetivo é a busca de possíveis aproximações, deslocamentos e disrupções nas práticas dos atores sociais. Longe de tentarmos sustentar um discurso baseado nos processos de causas e efeitos, temos como objetivo instaurar uma abordagem que, partindo dos efeitos, das manifestações de matrizes diversificadas ou plataformas diferentes, nos remeta a repensar a problemática social de agressividade, a partir dos desdobramentos e interações dos sujeitos com a cultura sociotécnica e tecnológica midiática.

Nessa abordagem, Fausto Neto (2008) esclarece que vivemos em uma fase em as mídias não mais são meros instrumentos pelos quais diversos campos sociais se articulam, mas uma realidade complexa, uma ambiência que proporciona novas operações de sentido. Dessa forma, todos os saberes são frequentemente confrontados, potencializando a complexidade da questão da causalidade na ambiência midiática. Assim, escapa-nos a pretensão de teorizar o conceito de violência de forma objetiva, mas por ser uma realidade social, apenas podemos, tentativamente, estabelecer conjeturas a partir de observações empíricas nos diferentes campos e práticas. Isso será possível considerando as diferentes dimensões que constituem a vida social, a qual compreendemos sob duas dimensões: material e simbólica. Esta última constitui a orquestra e o rito para a variabilidade socio-histórica e cultural. A partir dessa perspectiva, inferimos ser possível considerar que aquilo que, em um dado momento, numa dada sociedade, é considerado como violência varie segundo a natureza da sociedade considerada, configurando a realidade empírica da violência como um fenômeno polissêmico e plural, no contexto da sociedade dos fluxos de informações.

Os relatos obtidos das entrevistas de aplicação coletiva fornecem-nos dados que de fato confirmam que os adolescentes angolanos enfrentam uma ambiência de excesso de informações, a imagens e ao acesso às individualidades dos sujeitos, atrelados às novas tecnologias da comunicação. Na visão de Augé (2006) e Rodrigues (1990), derivadas do campo dos media, as novas tecnologias da comunicação e informação encurtam as distâncias



e rompem com as barreiras, universalizam o saber por meio do imediatismo e da instantaneidade midiática. Ou seja, através da cultura midiática a sociedade angolana está atravessando, simultaneamente, um período que pode ser caracterizado como: de abandono do funcionalismo, construído sobre bases firmes de acontecimentos observáveis na filosofia da ciência; de lugar da superação dos velhos tabus; da substituição do livro pela tela dos DMs e, por último, de transição do discurso para a representação que pode desembocar no enfrentamento de uma crise das hierarquias de conhecimentos e de subjetividades. Na visão de Lyon (1998), este último se configura como metáfora do protagonismo dos meios de comunicação na vida pessoal e social dos indivíduos.

Em vista disso, cremos que uma nova espécie de sociedade e um novo estágio de conflito está sendo inaugurado em Angola. Este, por sua vez, suscita e obriga-nos a enfrentar questões cruciais, tais como: Como as novas tecnologias de informação e comunicação e o consumo dos produtos da cultura midiática afetam os sujeitos e as instituições na sociedade angolana? Observando os relatos presentes nas respostas dos 80 adolescentes da amostra, percebemos a existência de uma realidade que, segundo Rodrigues (1990), pode ser descrita sob o prisma de duas sociedades ao mesmo tempo.

Em primeiro lugar estaria se configurando em Angola uma sociedade midiática que conceberia os meios como um subsistema responsável por realizar funções sociais (informação, entretenimento e vigilância, entre outras). Nessa primeira sociedade, o campo dos media atuaria como mobilizador do debate público e da produção de sentidos entre os demais campos sociais. Os sujeitos e instituições disputariam a sua visibilidade através das representações das cenas em circulação nos meios de comunicação tradicionais (rádio, televisão, revistas e jornais impressos) como forma de legitimidade social. Dito de outra forma, pelos usos e apropriações das técnicas e tecnologias midiáticas, os sujeitos e as instituições aprenderiam “a se familiarizar com as múltiplas possibilidades de assumir identidades, mais conscientes se tornam de suas reais necessidades e aspirações” (HONNETH, p. 1995b, p. 229), findo o conflito armado em Angola. A sociedade estaria a escrever-se no campo dos media que, por “meio dos complexos dispositivos técnicos de mediação” e pelas capacidades adjacentes imporá “regras de comportamento” em “vistas à mobilização de todos os campos e práticas sociais para o respeito as suas ordens e valores”. (RODRIGUES, 1999, p. 1).

Em segundo lugar, estaria ressurgindo em Angola uma sociedade eminentemente midiaticizada, onde as instituições, mídias e atores individuais sofrem mútuas afetações e de matriz não-linear. Estudiosos e pesquisadores ligados a linha de pesquisa da midiaticização e dos

processos sociais (VERÓN, 1997; FAUSTO NETO, 2008; BRAGA, 2011; ROSA, 2012; FERREIRA, 2006; GOMES, 2017), compreendem o processo de midiaticização das sociedades como fruto dos avanços tecnológicos, mas que se reveste de um tecido de natureza organizacional complexo, heterogêneo e descontínuo. Na perspectiva desses autores, as novas tecnologias ofertam novas possibilidades sociotécnicas que, por sua vez, nos levam a inferir que não basta para os sujeitos estarem visíveis, é preciso interagir através dos dispositivos. A partir disso, constatamos que os desenvolvimentos tecnológicos se transformam em força motriz não só para um maior alcance e relevância das mídias, mas também dos acontecimentos que, na visão de Braga (2011), podem acarretar “consequências canhestras”, direta ou indiretamente nos modos de percepção, recepção e atuação dos sujeitos sobre a realidade. Desse modo, o espaço público adquire uma nova configuração na qual predomina o que Jenkins (2008) chamou de “Cultura da Convergência”. Esta compreenderia fundamentalmente três conceitos: a convergência midiática, a inteligência coletiva e a cultura participativa, como podemos perceber nos relatos abstraídos das entrevistas de aplicação coletiva aos adolescentes.

Tomando como perspectiva o conceito de convergência midiática formulado por Jenkins (2008), quem tem como característica principal o cruzamento de mídias alternativas, de massa e a hibridização de conteúdos de novas e velhas mídias que ocasionam outras formas de relações entre as tecnologias, indústria, mercados, gêneros e públicos. Porém, no contexto socio-histórico e cultural dos adolescentes e da população angolana, essa convergência midiática parece estar longe de ser atingida. Outrossim, cremos que qualquer investigação que se pretenda fazer sob a perspectiva da midiaticização se imponha como correr riscos. Trata-se de enveredar um caminho arriscado que considere todas as características das mutações sociotécnicas e tecnológicas que, complexamente, não só afetam como também transformam os modelos de influência e os efeitos dos discursos (DUARTE; AIRES, 2008). Essa postura força-nos a lançar mão às rupturas de regências não-lineares e deterministas que atravessam o discurso, a técnica, a cultura e domínios relevantes para o campo da comunicação (FERREIRA, 2008) ou a cultura da mídia e o triunfo do espetáculo na contemporaneidade (KELLNER, 2006). Isso equivale a compreender e assumir, como postulado investigativo, a afirmação de Fausto Neto (2008, p. 92) que diz que a “constituição e o funcionamento das práticas e lógicas da sociedade estão atravessadas e permeadas por pressupostos do que se denomina a cultura da mídia”.

A cultura da mídia encontra-se no interior dos processos de todos os campos sociais por meio das suas lógicas e dinâmicas técnico-discursivas, que Martin-Barbero (1997)

descreveu como fenômenos transcendentais, na sua obra, “Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia. Na mesma direção está Fausto Neto (2006, p.9) ao pontuar que “as operações de mediação afetam largamente práticas institucionais que se valem de suas lógicas e de suas operações para produzir as possibilidades de novas formas de reconhecimento nos mercados discursivos”. De uma forma desenfreada percebemos em Angola um tecido de complexas relações da mídia e uma invasão totalizante dos dispositivos tecnológicos de produção, de criação e de difusão midiática que, nos leva a uma concepção sistêmica de alteração “qualitativamente da esfera humana” (FAXINA; GOME, 2016, p. 180).

Julgamos que reconhecer um “movimento inverso” dos sistemas representacionais subjetivos, que tem na convergência sociotécnica e tecnológica uma das principais responsáveis, nos permita fazer uma rearticulação dos processos de visibilidade dos fenômenos sociais. Ademais, como afirma Fausto Neto (2008, p. 96), a mediação cria uma ambiência que “institui um novo ‘feixe de relações’, engendradas em operações sobre as quais se desenvolvem novos processos de afetações entre as instituições midiáticas e os atores sociais”, entre os produtores e consumidores, entre instituições, entre plataformas e redes sociais. Depois de tudo que observamos nos relatos dos adolescentes que responderam às entrevistas, os dados apontam que todos os adolescentes que participaram da pesquisa usam a internet. Esses dados permitem-nos, com a abertura da sociedade angolana às novas tecnologias, generalizar os dados e afirmar que a sociedade angolana está em ascensão quanto aos usos da internet.

Em um processo de idas e vindas, queremos retomar aqui o discurso que sustentamos ao traçar os objetivos, ao problematizar o tema da pesquisa e ao elaborar as técnicas de pesquisa. Recordamos que havíamos objetivado recolher dados que pudessem apresentar uma meta sobre o que produzem e fazem circular nas suas páginas das redes sociais; quais os recursos tecnológicos que utilizam (ferramentas digitais) em suas práticas nas redes sociais; e o porquê os adolescentes angolanos utilizam a internet e os recursos tecnológicos. Naquela altura, havíamos escolhido como campo de observação (circuito ambiente) da circulação do fenômeno de agressividade entre os adolescentes, que consomem conteúdos violentos na internet, a plataforma do Youtube. Para o efeito, havíamos tomado como base os estudos realizados por Pew Research Center, em 2018, segundo a qual, em grau comparativo, o Facebook havia deixado de ser a rede social mais utilizada e mais popular entre os adolescentes dos 13 aos 17 anos, em relação ao Youtube, ao WhatsApp e ao Instagram. Porém, em meio às múltiplas afetações e feixes interacionais entre as esferas de produção, circulação e consumo, embora na esfera do consumo e em suas práticas todos os adolescentes

usassem a internet, quanto às plataformas utilizadas nas redes sociais encontramos resultados contrários às nossas expectativas para os adolescentes angolanos.

Quanto à finalidade do consumo das redes sociais, diferentemente dos resultados da pesquisa realizada nos Estados Unidos, quanto à finalidade da utilização da internet, os dados recolhidos das entrevistas de aplicação coletivas, dos 80 adolescentes da amostra, com a idade compreendida entre os 14 aos 16 anos, apontam que: 79, dos quais 40 são do sexo masculino e 39 do sexo feminino, utilizavam o Facebook para conversar com os amigos; 78, sendo 38 do sexo masculino e 40 do sexo feminino, usavam a internet para pesquisas; 76 dentre os quais 40 do sexo masculino e 36 do sexo feminino, usavam para o WhatsApp; 66, dos quais 35 do sexo masculino e 31 do sexo feminino, para o uso do YouTube; o uso para o Instagram aparece com 47 indicações, dos quais 21 adolescentes são do sexo masculino e 26 do sexo feminino.

No que diz respeito à posse das redes sociais, os 80 adolescentes responderam que tinham uma página na Facebook e usavam o WhatsApp; em terceiro lugar estava colocado o Instagram, contando 27 adolescentes do sexo masculino e 24 do sexo feminino, num total de 51; e em último figurava a plataforma do Youtube com 50 adolescentes, dos quais 25 do sexo masculino e também 25 do sexo feminino. Quanto ao circuito ambiente da circulação das práticas sociais desses adolescentes, também o Facebook constitui a plataforma das redes sociais mais utilizadas, seguida da do WhatsApp e, por sua vez a plataforma do Youtube aparece em terceiro lugar, seguida pelo Instagram.

Atendo-nos a essas observações, concordamos com Honneth (2001, p.54), ao afirmar que as “regras que organizam a distribuição dos bens materiais derivam do grau de estima social que os grupos desfrutam de acordo com a hierarquia de valores institucionalizada”. E por conta disso, na ambiência da mediação as disputas e conflitos por produção, consumo e circulação dos bens não buscam a aplicação de regras causais previamente institucionalizadas, a não ser que sejam lutas simbólicas pela legitimidade de dispositivos culturais que valorizem suas práticas, atributos e contribuições (HONNETH, 2001, p. 54). Essa interpretação justifica-se pelo fato de que, durante o processo da recolha e leitura dos dados para além do caso da plataforma do Facebook em detrimento do Youtube, também nos relatos dos adolescentes conseguimos perceber com clareza como ocorre as disputas, os atravessamentos, as múltiplas afetações entre os adolescentes que consomem os bens da cultura midiática, exceto algumas semelhanças. Nesse sentido, sugerimos a projeção de uma nova ferramenta que nos permita observar e perceber indícios e descrever as marcas por meio do acompanhamento no fluxo comunicacional. E, a partir daí construirmos inferências acerca

do que na ambiência da sociedade da informação (CASTELLS, 1999), emergem das interfaces e múltiplas afetações (FAUSTO NETO 2008), por meio de circuitos interacionais e fluxos adiante (BRAGA, 2011; 2017).

A hipótese que levantamos é de quem meio a essas múltiplas afetações, circuitos interacionais e fluxos adiante entre os sujeitos participantes (adolescentes), obtenhamos indícios nos quais possamos, em primeiro lugar, perceber marcas que legitimem a nossa opção pelo Youtube enquanto circuito ambiente, onde circulam os vídeos com o conteúdo violento que os adolescentes consomem através dos dispositivos midiáticos. Em segundo lugar, investigar os modos como se estruturam os fluxos comunicacionais dinamizados pelas ações dos atores sociais (produtores e consumidores) na sociedade em midiatização. Em terceiro lugar, observar e descrever as possíveis marcas da integração da sociedade angolana nas esferas de produção, do consumo e da circulação dos bens da cultura midiática. Em último lugar, sob a égide do raciocínio semiótico abduutivo (PEIRCE, 2003; FERREIRA, 2016), construir inferências sobre possíveis disrupções e defasagens entre os meios e as lógicas de produção, de recepção e de reconhecimento. Ou seja, à luz do diagrama semiótico destes autores, objetivamos destacar o caráter interacional efetivo do sujeito com a sociedade em midiatização, para depois construir hipóteses sobre determinada epistemologia da conduta futura dos sujeitos diante de uma classe de objetos.

Por esse viés, o pêndulo da nossa pesquisa julgamos pender para algo semelhante ao que Peirce (2003) chama de signo potencial que, por meio de um objeto, se transforma e atualiza através da produção do interpretante. Nos relatos dos adolescentes que responderam as entrevistas não conseguimos perceber indícios que apontassem nessa direção.

Sob a perspectiva semiótica de Peirce (2003), inferimos que o objeto, enquanto signo representacional, corresponderia ao território de disputas e de embates de várias ordens, produzidos por campos e atores sociais (FAUSTO NETO, 2013). Por outro lado, considerando as reflexões de Gomes (2013), o objeto, assumido como signo, equivaleria àquela ambiência de compartilhamento de experiências e de um verdadeiro caldo cultural. Segundo esses autores, essa ambiência passaria a gerar possibilidades positivas que, para Moscovici (2003), teriam como função tornar familiar algo não familiar. Ou seja, tratar-se-ia de representar ou ocupar o lugar de algo ausente. Ou ainda, teria o papel de explicitar aspectos comuns a possíveis outros seres em objetos que, enquanto tais, podem ser estranhos aos demais sujeitos mergulhados na sociedade em midiatização, através das múltiplas afetações (FAUSTO NETO, 2010). Assim, em uma dimensão transversal levantamos a hipótese de que o signo constituiria aquela ambiência das relações interdiscursivas entre atores sociais,

instituições e mídia canônica sob uma lógica de interfaces. Indo na mesma direção, Fausto Neto (2010) observa nessa ambiência fluxos transversais de articulações tanto de ajustes quanto de desajustes.

Sob angulações de produção e consumo dos bens da indústria cultural da Informação e comunicação, julgamos que essa ambiência possa corresponder ao circuito dos fluxos comunicacionais que nos obriga a apropriação do conceito da circulação midiática. Dando continuidade, Fausto Neto (2010) descreve o conceito como aquela ambiência sociotécnica e tecnológica em que os polos da produção e da recepção convivem em simetria. Essa convivência simétrica cria possibilidades de rupturas em algumas lógicas de produção e recepção. Por exemplo, a instantaneidade do midiático canônico pode ser superada pelos atores sociais; pode ocorrer a quebra dos contratos por parte dos receptores. E como se não bastasse isso, o discurso da mídia canônica já não é mais aceito por todos, e além disso, pode ocorrer que haja interesse de um mesmo produtor ou receptor usar várias mídias. Ou seja, por exemplo, um institucional após ter sido produzido para a mídia canônica, pode ser capturado, ressignificado e seus discursos inscritos em outras plataformas e circuitos ambientes diferentes, por meio de outros dispositivos midiáticos.

Dessa forma, a circulação do institucional passa a ser essencialmente intra e intermediária (FERREIRA, 2013; ROSA, 2015), acabando por suscitar algo que pode ser descrito como a cogestão dos acontecimentos, nas esferas de produção, circulação e consumo de produtos midiáticos. Em meio à cogestão de acontecimentos de múltiplas afetações e de pluridispositivos midiáticos, compreendemos que se esteja criando um ambiente intermediário que faça depender o valor dos objetos não tanto das coisas em si (KANT, 1997), que circulando são consumidas, mas com os sentidos que lhes são atribuídos através da leitura e interpretação (significado) dos sujeitos (atores sociais – produtores e consumidores).

Por esse viés, a nossa demanda epistemológica na pesquisa não consiste em reproduzir ou reconstruir os objetos ou as imagens totêmicas (ROSA, 2012), mas partindo do objeto, observar o que pode surgir dos choques interacionais na ambiência da cultura midiática. Esses objetos e imagens totêmicas servem de unidade necessária para a construção de inferências por meio de metáforas, analogias e representações entre si. Por conseguinte, o insight kantiano importa-nos na construção de inferências indutivas, dedutivas ou abduativas. Quer dizer, sua importância é o fato de, intersubjetivamente tornar-se compartilhável de modo necessário, isto é, representações que se reportam a um objeto e que concordam necessariamente entre si.

Portanto, aproximando-nos de Wolff (1973, p.187) diremos que a conexão que nós estabelecemos com “o objeto não é nada mais nada menos do que a unidade que o entendimento impõe sobre a consciência das representações”. Estamos nos reportando ao fato de que, por meio da circulação midiática, as instâncias de produção e de recepção dos (objetos) produtos da indústria cultural das novas TICs estão em feixes de disputas e embates interacionais de várias ordens, entre os diferentes atores sociais. E então, somos desafiados a enfrentar, na transversalidade a pluralidade de lógicas complexas orquestradoras pela produção de sentido (FAUSTO NETO, 2010). Sendo assim, no âmbito dos processos sociais e da midiaticização (Ferreira, 2016), sob o pragmatismo empírico de Pierce, isso equivale a assumir uma postura de sujeitos interpretantes dos signos e das suas significações, como fonte de modelação da conduta dos atores sociais nas interfaces da midiaticização.

A partir das concepções de Gomes (2006), nas interfaces da midiaticização os sujeitos são acometidos a um caldeirão sociotécnico e tecnológico de embates, de enfrentamentos que exigem deles as contextualizações e descontextualizações (relativas aproximações e ancoragens de lugar e tempo), e recontextualização (segundo os usos dos dispositivos sociotécnico, tecnológico e do consumo dos produtos em circulação), dependendo dos circuitos e das ações comunicacionais que se modificam radicalmente a cada instante e anacronicamente.

Em uma corrida frenética e desenfreada, as instituições tanto de esfera pública como privada procuram interagir cada vez mais com a sociedade e os indivíduos, em forma de “circuitos em que não só as fronteiras se tornam vagas, [...] como também as lógicas de cada um desses âmbitos tensionam e invadem o outro de uma forma canhestra”. (BRAGA, 2014, p. 25-28). Ou seja, no âmbito dos “processos midiáticos” observamos a ampliação quali e quantitativa do espaço de “práticas interacionais”, que passando por angulações diversas aporta nas sociedades midiaticizadas em curso. No estudo da Comunicação, Fausto Neto (2010) destaca como primeira angulação evolutiva dos processos midiáticos o lugar da recepção, em que retoma a ideia dos primeiros estudos de comunicação de massa onde ocorria uma tendência de dar ênfase à questão de causa e efeito, focalizando produtores e receptores de discursos (A até B), de forma transmissional unicamente.

Tudo indica que o que ocorre aqui é uma autêntica e radical metamorfose. Ou seja, se na relação tradicional os vínculos entre os “eu” do emissor/ produtor, e o “eu” do receptor/consumidor resultariam de uma ação em que os sujeitos estariam situados de modos distintos: o primeiro como comunicador e o segundo como recebedor, produtor e consumidor respectivamente, os estudos sobre a recepção nos fazem perceber um certo rompimento dos

paradigmas. Aqui, o “eu” sujeito recebedor não pode ser considerado ou equivaler a um “pote vazio” já criticado por Paulo Freire (1996) no ato comunicacional. Assim, o estudo dos sujeitos angolanos, imersos na ambiência midiática, deve considerar todos os aspectos e contextos que envolvam as suas singularidades e o surgimento de novas configurações de conglomerados.

E, então aproximando-nos de Verón (1986), de Verón e Boutaud (2007) e de Fausto Neto (2013), passamos a afirmar que todo o processo de comunicação está constitutivamente atravessado por desequilíbrios e assimetrias entre P/R (Produção/Recepção). Esses desequilíbrios e assimetrias se manifestariam em qualquer nível de comunicação e se complexificariam, sobretudo no contexto de práticas da comunicação midiática, pelo fato de que a presença de novas manifestações tecno-discursivas aumentaria a distância entre produção e recepção (VERÓN, 1986). Portanto, os sentidos se enunciariam a partir de uma dinâmica caracterizada mais por defasagens e indeterminações do que convergências. Fausto Neto (2013) relendo Verón (1985) acentua a importância do desequilíbrio (defasagem) entre P/R e aponta para um modelo de circulação, no qual os signos são transformados em sentidos, ao passar por um trabalho dos circuitos produtivos (P/R). Acrescentando, diz que os circuitos da produção do sentido para os dois polos operam segundo lógicas e condições distintas, cujos efeitos não seriam conhecidos previamente e nem se efetivaria de forma unilateral e nem segundo lógicas de linearidades, mas se engendram no âmbito de feixes de relações discursivas entre os diferentes campos sociais.

No contexto da sociedade angolana e, sobretudo, objetivando observar e descrever para depois inferir, em termos representacionais, as formas como ocorrem os feixes interacionais e discursivas entre as esferas de produção/produtor, canal - circulação e recepção/consumidor, buscamos alguns vídeos em circulação nas redes sociais em Angola, mais especificamente na plataforma do Youtube. Sem a pretensão de estabelecer uma relação causal entre as instituições (produtoras) e consumidoras (adolescentes angolanos), a busca desses vídeos, foi motivada pela necessidade de encontrar marcas interdiscursivas da circulação midiática (FAUSTO NETO, 2010; 2016) do fenômeno da agressividade entre os adolescentes. Portanto, como já afirmamos anteriormente, a escolha dessa plataforma surge como forma de verificação empírica acerca das plataformas das redes sociais que os 80 adolescentes da amostra preferem usar. Dessa forma, os vídeos selecionados foram agrupados em três mídias que denominamos por Mídias 1, Mídias 2 e Mídias 3, que passamos a representar por meio do diagrama abaixo:



Gráfico 31 – Esquema das três esferas midiáticas



Fonte: Elaborado pelo autor.

A primeira esfera corresponde àquela das mídias emergentes e/ou alternativas. Ela surge a partir de uma necessidade de inovação sociotécnica, tecnológica e interacional da informação e comunicação, entre instituições públicas e privadas e atores sociais (produção e consumo - empresas e indivíduos) com novos suportes e plataformas tecnológicas em Angola. Nesse sentido, sem limites territoriais rígidos, ela teria como foco a integração da sociedade angolana na esfera da instalação de instituições de produção dos bens de consumo da indústria cultural.

A segunda diria respeito à esfera denominada de mídias sociais. Corresponde à integração na esfera dos usos e apropriações das novas tecnologias e as práticas on-line que permitem o fluxo adiante, usadas pelas instituições canônicas (mídia tradicional) e pelos atores sociais, com objetivo de disseminar os conteúdos, provocar os compartilhamentos de opiniões, ideias, experiências e perspectivas.

Já a terceira chamamos de redes sociais em Angola. Aqui, sob o ponto de vista interacional, compreenderia a constituição daquele ambiente onde ocorrem as trocas simbólicas entre os diversos “eus”. Usando metáforas, podemos definir de estruturas de rede, onde as pessoas aproximam-se umas das outras, não obstante as distâncias geográficas, e partilham os mesmos interesses. Nesse sentido, as redes sociais passam à categoria de signos abertos às diversas interpretações, à representação de algo ausente. Elas assumem o protagonismo de gente, de interação e troca social entre os indivíduos. Em outras palavras, os “eus” (produtor e consumidor) individuais formam um nós, representados pelas redes e suas conexões e pelos laços sociais que compõem os grupos.

Em termos resumidos, pensamos conceber as três esferas, aqui colocadas, no campo da percepção e recepção dos conteúdos (objetos) da cultura midiática em circulação nas redes sociais.

#### **4.2.1 A percepção de zonas de contatos nas interfaces dos processos sociotécnico, tecnológicos e midiáticos**

Este tópico é construído como tentativa de resposta à inquietação levantada durante o processo da exibição dos três vídeos, que serviram como gatilhos no acionamento das questões do Focus Group. A partir de Foucault (2000) e Deleuze (1999), o nosso objetivo é perceber como funcionam as lógicas de afetações mútuas; identificar os marcos que apontem possibilidades de construção, desconstrução, de resistência e de luta contra ou a favor das formas de saber e de poder, naquela ambiência onde os três vídeos exibidos, concebidos como dispositivos interacionais (BRAGA, 2011), passam a ser ao mesmo tempo objeto e instrumento de enunciação discursiva dos adolescentes .

Na perspectiva apontada por Fausto Neto (2008), no que diz respeito às zonas de contatos, às mútuas e contínuas afetações, pretendemos sustentar uma pesquisa que vise perceber as sutilezas das lógicas nas interfaces e interações dos sujeitos em si, e destes com os objetos em circulação midiática. A hipótese que levantamos é de que tais lógicas estejam prenhes de condições de novidade e criatividade, potencializadoras das subjetivações nas sociedades em midiatização.

Para o efeito, tomamos como objeto de estudo o que observamos nos 80 adolescentes durante a exibição dos três vídeos. No decorrer da exibição dos vídeos observamos e percebemos, entre os adolescentes, atitudes cujos desdobramentos podem ser representados por três movimentos:

- a) movimento de adolescentes que gesticulavam insinuando “socos e chutes” nas cadeiras, outros assobiavam e gritavam “isso mesmo”, “vai”, “dá-lhe”, “toma”;
- b) movimento de adolescentes parecendo hipnotizados, silenciosamente seguiam os movimentos dos atores e das cenas com os olhos;
- c) movimento dos adolescentes com os seus smartphones recapturando imagens de cenas de adolescentes envolvidos em pancadarias na praça de alimentação do shopping.

Em meio a dúvidas e incertezas, por um lado, levantamos questionamentos sobre se esses três movimentos não poderiam ser considerados como autênticos dispositivos interacionais, que potencializam tensões conflitivas cujos desdobramentos sejam de consequências canhestras (BRAGA, 2012). Por outro lado, se os três movimentos não confirmariam as hipóteses levantadas, tanto nos relatos coletados das entrevistas, quanto nas discussões do Focus Group sobre os signos de inclusão nas esferas de produção, circulação e

consumo dos bens da cultura da indústria cultural das novas TICs. Por último, se os três movimentos não seriam signos de uma sociedade em choque entre uma cultura tradicional e a cultura midiática.

A partir destas questões, constatamos que o foco da pesquisa é o estudo de algo que surge das interfaces, dos embates de alta complexidade sobre a qual não se pode abordar, senão assumindo uma postura transmetodológica e tentativa. Mas a final o que teria motivado a criação ou a divisão dos adolescentes em três grupos? Que significados realmente os adolescentes atribuem às cenas em circulação nos vídeos exibidos? Que tipo de sociedade está sendo reproduzida em cada um dos três grupos de adolescentes através das suas práticas e o que esperam fazer com as suas produções? Estas perguntas foram empiricamente anexadas às interrogações primeiras, nesse processo tentativo.

Assim, recapitulando o parecer de Charaudeau (2006) e Deleuze (1990), e, sobretudo, tomando por referência as possibilidades de ordem técnicas e acreditando que talvez possamos chegar ao enunciado sobre o objeto da nossa pesquisa, pensamos estabelecer um contato idealizado e dialético, entre sujeitos e objetos (adolescentes e vídeos – meios técnicos). Ou seja, a partir dos três grupos constituídos, a nossa ideia é incluir os vídeos exibidos entre os dispositivos midiáticos que no contexto dos processos da circulação midiática da agressividade poderiam oportunizar a interação entre os adolescentes com os conteúdos no fluxo adiante.

Porém, como foco desta curiosidade epistemológica, tomamos como campus de observação o grupo de adolescentes que estavam capturando as imagens com os seus smartphones, por meio das seguintes perguntas: por que vocês capturaram as imagens com os vossos smartphones? O que vocês vão fazer com estas imagens? E onde vão colocar?

Na linha do que defendem Adorno e Horkheimer (1986), o objetivo das perguntas é buscar não só marcos que nos ajudem a construir inferências a respeito dos usos e apropriações sociotécnicas, tecnológicas culturais e interacionais, mas também, observar e perceber aqueles indícios que possam estar difusos e subjacentes nos relatos dos adolescentes, acerca das representações sociais da agressividade midiática. Sendo assim, seguindo os passos dos procedimentos da recolha dos dados nas discussões do Focus Group, retomamos e selecionamos alguns relatos que transcrevemos no quadro abaixo:

Quadro 5 – Transcrição dos relatos dos adolescentes

*Professor, gostei da porrada do shopping. Então eu filmei o vídeo para colocar na minha página do Youtube. Depois eu quero que o professor vá lá e curta o meu vídeo;  
Eu filmei o vídeo para compartilhar com os meus amigos do Facebook, Instagram e do Youtube;  
Eu gosto assistir os vídeos de lutas pesadas;  
Então filmei com o meu celular para mais tarde assistir em minha casa;  
Tenho um canal no Youtube onde eu posto os meus vídeos;  
Estes são da hora, por isso vão para a coleção.*

Fonte: Elaborado pelo autor.

Concentrando a nossa atenção nestas frases, identificamos com muita contundência frases e palavras mais evidenciadas que, em termos semióticos, pertencem ao mesmo conjunto ou que tenham o mesmo sentido e significado. Por semelhanças semióticas agrupamos estas frases em três grupos.

Quadro 20 – Palavras recorrentes extraídas dos relatos dos adolescentes

1º	<i>Vídeos de lutas pesadas + gostei da porrada + são da hora + vão para a coleção + professor vá lá + curta o meu vídeo;</i>
2º	<i>Tenho um canal no Youtube onde eu posto os meus vídeos + colocar na minha página do Youtube + para compartilhar com os meus amigos do Facebook, do Instagram e do Youtube;</i>
3º	<i>Eu filmei o vídeo com o meu celular + eu gosto de filmar para mais tarde assistir sozinho os vídeos em casa.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em primeiro lugar, as frases que estão neste quadro nos possibilitam pensar em conceitos como “porrada” - “luta”; “vídeos”; “filmagem”; “assistência - consumo”; “compartilhamento”; “Youtube”; “Facebook”; “celular” -smartphone. Em segundo lugar, esses conceitos podem ser concebidos como unidades de análise e passar a apresentar a seguinte configuração: espetáculo; violência; práticas sociais; dispositivos midiáticos, usos e apropriações; novas tecnologias da informação e comunicação. Estamos aqui sendo norteados por autores como Laville e Dionne (1999) e Bardin (2009), para quem a unidade de análise nada mais é senão a reconsideração da alocação dos conteúdos e sua categorização.

A categorização é feita por meio de um processo interativo característico do modelo circular da pesquisa qualitativa. Tal processo permite uma análise mais profunda dos recortes com base em critérios discutidos e incorporados técnica e instrumentalmente. Ou seja, “trata-se de considerar uma a uma as unidades à luz dos critérios gerais de análise, para escolher a categoria que convém melhor a cada uma”. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 223). Portanto, para esses autores, a coleta, a organização numérica e a operacionalização de dados são uma

ferramenta de grande valia para o tratamento e a análise com a ajuda dos instrumentos estatísticos.

No contexto da nossa pesquisa, a opção por esses autores, na análise dos relatos dos adolescentes justifica-se pelas estruturas das suas abordagens que passamos a descrever. Laville e Dionne (1999), de uma forma lacônica, parecem insistir no fato de que a análise de conteúdo seja aplicada aos dados recolhidos de transcrição de textos, extraídos de discursos e relatos obtidos por meio de perguntas simples e abertas. Sem uma estrutura rígida, através das percepções do observador participante e uma reconstrução simultânea com os observados, essa análise visa esclarecer diferentes características e extrair sua significação. Ainda segundo os autores, trata-se de um processo longínquo que na realidade foi iniciado no ato da coleta dos materiais e a primeira organização. Ademais, tal coleta, orientada pela hipótese da pesquisa, “à medida que colhe informações, o pesquisador elabora sua percepção do fenômeno e se deixa guiar pelas especificidades do material selecionado”. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 215).

Assim, norteados pela hipótese de que os adolescentes, que assistem os vídeos na internet com conteúdo agressivos e violento, podem representar novas configurações de atos agressivos e violentos em seus discursos e práticas; por isso estes autores ofertam à nossa pesquisa um subsídio norteador. Sobretudo pelo fato de sua proposta de análise de conteúdo apresentar as três etapas: o recorte dos conteúdos, a definição das categorias analíticas e a categorização final das unidades de análise.

Para eles o recorte de conteúdos configura-se como a primeira etapa na qual os relatos são decompostos, para em seguida serem recompostos visando uma melhor expressão do sentido e da sua significação. Tais recortes precisam conter uma profundidade de conteúdo que destaque as ideias principais, e das ideias principais resultem as unidades de análises que “consistem em fragmentos do discurso manifesto como palavras, expressões, frases ou ainda ideias referentes a temas recortados”. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 216). Em sequência, os autores destacam a etapa da definição das categorias analíticas.

Nesta etapa ocorre o agrupamento dos elementos do conteúdo em graus de parentesco e sentido, que serão organizadas por meio de alguns modelos consoantes às categorias analíticas, tais como: aberto, sem engessamento das categorias no início, todavia, sob a forma no curso da análise; modelo fechado, onde o pesquisador por meio de suporte teórico decide as categorias que submeterá à prova da realidade; e por último vem o modelo misto, aqui, no início o pesquisador seleciona um conjunto de categorias que acha pertinente para a sua pesquisa e que mais tarde serão modificadas durante os desdobramentos da sua análise. Uma

vez modificadas, o pesquisador passa para a última fase da sua pesquisa que consiste na categorização final das unidades de análise. Esta corresponde à fase de uma análise de reconsideração da alocação dos conteúdos e sua categorização a partir de um processo iterativo característico do modelo circular da pesquisa qualitativa. Essa etapa possibilita uma análise mais profunda dos recortes com base em critérios discutidos e incorporados.

Por sua vez, Bardin (2009, p. 121) apresenta como estrutura de análise um processo com três etapas fundamentais, a saber: pré-análise, descrição analítica e interpretação referencial. Segundo a autora, a pré-análise consistiria na organização do material, ou seja, de todos os instrumentos utilizados para a coleta dos dados, bem como outros materiais que podem contribuir, para uma melhor compreensão do fenômeno; e a determinar corpus no qual, por meio da construção de inferências indutivas, o pesquisador concentrará a sua atenção investigativa. O segundo momento seria o da descrição analítica. Para ela, nessa etapa os dados coletados recebem maior tratamento ao estabelecer relações com os referenciais teóricos e construções hipotéticas que darão espaço aos quadros, tabelas e gráficos. O objetivo aqui é promover uma discussão sintética em vista das aproximações e distanciamentos de ideias. Ou seja, essa etapa também poderia ser definida como sendo a da construção de inferências dedutivas, por buscar sínteses coincidentes e diferentes de ideias.

A terceira etapa, diz respeito à interpretação referencial. Trata-se da fase de análise propriamente dita, onde o pesquisador, através do processo intuitivo, com embasamento em materiais empíricos, promove uma reflexão que estabeleça relações e conexões profundas de ideias, conceitos e teorias com a realidade percebida e observada nos relatos transcritos. É, portanto, nesta perspectiva que concebemos as palavras “porrada” - “luta”; “vídeos”; “filmagem”; “assistência - consumo”; “compartilhar”; “Youtube”; “Facebook”; “celular” – smartphone. Tais palavras, a partir da perspectiva semiótica, podem ser signos de: consumo, espetáculo, violência, práticas sociais, dispositivos midiáticos, usos e apropriações das lógicas das novas tecnologias da informação e comunicação.

Portanto, na ambiência da midiatização e, sobretudo na perspectiva da produção, da circulação, do consumo, dos usos dos dispositivos midiáticos e apropriações das lógicas sociotécnicas, tecnológicas e culturais, estas palavras configuram-se como verdadeiras arenas de saber e de poder, a ponto de equipararem-se ao conjunto de dispositivos interacionais entre os atores sociais. Ou seja, em um processo tentativo de análise de conjuntura, essas palavras parecem remeter-nos à ideia de “imagem, de modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições atinentes a um aspecto preciso do objeto das representações”. (MOSCOVICI, 2003, p. 69).

Em nosso entender, no âmbito das representações sociais, tais palavras parecem estar preenchidas de significados e revestidas de uma natureza múltipla em termos conceituais e figurativos. Elas podem nos fazer compreender tanto o sentido do todo de uma figura quanto toda a figura de um sentido, e a todo sentido uma figura. Aliás, segundo Moscovici (2003) estamos tentando mergulhar em cheio naquele processo que de modo intercambiável transforma um objeto abstrato de natureza conceitual em algo imagético, que o autor denomina de objetivação e ancoragem, concomitantemente. cremos que este procedimento seja de tal complexidade que não se pode desenvolver sem uma acurada sensibilidade arqueológica. Assim, em um processo tentativo, julgamos ser necessário voltarmos aos lírios do campo (vídeos), com o objetivo de observar e perceber neles marcas que possam fazer ecos epistêmicos aos nossos ouvidos de pesquisadores, em vista a um “nós” (pesquisador e pesquisados) em construção.

#### 4.3 PROCESSOS DE OBSERVAÇÃO, SELEÇÃO E DESCRIÇÃO DOS LÍRIOS DO CAMPO: UM OLHAR RETROSPECTIVO E INFERENCIAL

O retorno aos vídeos significa para nós a tomada de uma medida cautelosa, no sentido de evitar o máximo possível as construir inferências ambíguas ou que possam tornar tendenciosas comprometendo desta forma a cientificidade da nossa pesquisa. Desse modo, estamos adotando uma postura que incorpora na investigação dados oriundos das conversas e discussões diárias dos indivíduos, “nas mesas do bar” (BRAGA, 2012), e que disponha dos códigos aceitos e compartilhados, de maneira a sustentar um discurso científico que, por sua vez, seja fluido e inteligível e, contornando os limites de um determinado problema, ofereça possibilidades de sua representação social (MOSCOVICI, 2003, p. 26).

Além do mais, a opção de investigar a circulação da agressividade entre os adolescentes na plataforma do Youtube é, por sua natureza, perseguir o objeto dentro de uma estrutura que cria “laços amplificados que se complexificam e se modificam no contato com cada nova pessoa que conhecemos e com quem interagimos nas redes sociais”. (RECUERO, 2009, p. 29). Deste modo, parece-nos ser o objetivo das redes sociais permitir as trocas de informações e experiências. E então elas passariam a assumir uma categoria equivalente à das novas mídias, as mídias sociais cujo surgimento, segundo Pozza (2014), ofertam às organizações e aos indivíduos, novas formas de se conectar e trocar informações com seus clientes ou consumidores dos seus produtos.

Segundo Hennig-Thurau *et al.* (2010), as novas mídias (mídias sociais ou de massa) possuem como características principais o caráter digital, o que permite que indivíduos possam facilmente distribuir suas publicações para um público global; a visibilidade, ou seja, as atividades feitas pelos consumidores podem ser vistas por outras pessoas; as informações podem ser acessadas pelos consumidores no momento em que são produzidas, mas também ficam disponíveis por tempo indeterminado; permitem que os consumidores alcancem e sejam alcançados por outros consumidores e empresas em qualquer lugar, a qualquer momento, através de seus dispositivos móveis; permitem network, ou seja, a criação e compartilhamento de conteúdo, além da comunicação e criação de redes de relacionamentos com outros consumidores.

Estamos, portanto, cerceando um território desafiador, denominado por Jenkins (2008) de convergência midiática. Ademais, trata-se de uma convergência que não é “de fato” e nem “de juri”, e sim simbólica. À nosso ver essa convergência consistiria tão somente na criação de uma ambiência “onde as velhas e novas mídias colidem; onde as mídias corporativas e mídias alternativas se cruzam; onde o poder do produtor de mídia e o do consumidor dos bens da indústria cultural das novas tecnologias de informação e comunicação se interagem de maneiras imprevisíveis”. (JENKINS, 2009, p. 29). Dessa forma, o antigo esquema comunicacional proposto por Shannon e Weaver (1949), que adaptamos neste trabalho a partir de Kotler (2005, p. 536), fica ultrapassado. A título constitutivo, segundo os autores este esquema seria composto por uma fonte de informação, a partir da qual é emitido um sinal, por meio de um aparelho transmissor. Esse sinal chegaria ao receptor por meio de um canal, ao longo do qual poderia ser perturbado por um ruído. Ao sair do canal, o sinal é captado por um receptor que o converte em mensagem que, como tal, é compreendida pelo receptor.

Gráfico 32 – Esquema do diagrama tradicional de Comunicação<sup>2</sup>



Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em Kotler (2005, p. 536).

<sup>2</sup> Diagrama do esquema tradicional de Comunicação, adaptado pelo pesquisador.



Ou seja, estamos levantando hipóteses que, sob a perspectiva da circulação midiática e dos fluxos contínuos na ambiência digital, nos auxiliem na observação e percepção das novas arquiteturas comunicacionais, inauguradas pela cultura hiper-híbrida das mídias digitais. Essas novas arquiteturas podem instaurar processos interacionais entre os sujeitos (lugares psíquicos na cadeia discursiva), meios (novos canais ou novas mídias) e máquina (dispositivos midiáticos que dão vida ao virtual, e permitem ao sujeito se inserir na rede ou ciberespaço).

Nesse sentido, o foco de estudos das interações objetivas e subjetivas entre os sujeitos, imigrando de lugar de causas e efeitos, passa a ser um conjunto de fatores e ambiências não definíveis, palpáveis e localizáveis. Contudo, são processos de confluências que se constituem nas interfaces e interações de ordem subjetiva e técnica dos mais diversos tipos de atores e lugares diversos do planeta (SANTAELLA, 2010) que estão conectados e imbricados. Portanto, a partir de redes complexas de cabos, modems e sistemas elétricos, formam “um ambiente imaterial desterritorializado, que opera com diferentes fluxos de informação dispostos de modo não linear formando uma rede digital com conexões sucessivas”. (NUNES, 2009, p. 219). Trata-se de um novo lugar de operações de produção de sentidos, em que na circulação se revela como processo pontual sem suturas, que possibilita “a integração de dados, textos, imagens de todas as espécies, sons e vídeos dentro de um único ambiente de informação digital”. (FELDMAN, 1995, p. 4 apud SANTAELLA, 2007, p. 317).

Ou seja, estamos imersos em um ambiente social fluido e interativo que, segundo Braga (2012) qualquer esforço, por parte de todos os agentes – de ordem subjetiva, de mediação tecnológica – em se comunicar, reveste-se de um caráter tentativo. Por meio das lógicas de processos sociais midiáticos diferidos e difusos, a nova estrutura comunicacional ocorre em todos os campos e práticas a “aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade” (BRAGA, 2012, p. 5), organizando, testando possibilidades e gerando circuitos múltiplos. Para tanto, estamos “tratando de uma processualidade que não é aleatória nem dispersa, mas sim organizada, apresentando pelo menos algum grau de racionalidade. Daí a pertinência da palavra lógica ou mais habitualmente do plural lógicas”. (BRAGA, 2014, p. 19).

Dando sequência, o autor esclarece que essas lógicas podem ser frutos de processos tentativos, na medida em que visam atender, pelo menos parcialmente, “os objetivos e interesses que as moveram, vão sendo reiteradas e aperfeiçoadas” (BRAGA, 2014, p. 19), ou a materialidade das coisas – “[...] seja de coisas da natureza, seja de objetos técnicos disponíveis. Tais materiais determinariam os gestos e a coerência entre os usuários, e entre

estes e os objetivos do processo”. Atendo-se ao ato comunicacional, o autor dá continuidade ao seu pensamento afirmando que, “tais processos tentativos e sua incorporação na experiência se fazem através da comunicação social; e se desenvolvem, por sua vez, como contexto relevante dos episódios comunicacionais que se inscrevem nesses processos”. (BRAGA, 2014, p. 19). Por lógicas de mídia o autor entende que se trata de práticas sociais estabelecidas desde o surgimento do rádio e da televisão, que vêm caracterizando o que se entende por meios de comunicação e seus processos. Com a chegada da internet faz emergir outro fenômeno, despertando na comunicação novas formas de interação com o usuário, as redes sociais.

Para Recuero (2011), as redes sociais tornaram-se a nova mídia, em cima da qual a informação circula, é filtrada e repassada; conectada à conversação, onde é debatida, discutida e, assim, gera a possibilidade de novas formas de organização social baseadas em interesses das coletividades. Na visão de Braga (2014, p. 21) dentro dessa processualidade de disputas híbridas, cíbridas, hipermediáticas, e da valorização da experiência subjetiva e intersubjetiva, “os campos sociais e suas interações, sejam elas midiáticas ou não, só tendem a se multiplicar e a ampliar o seu potencial econômico, e a incorporar em suas práticas as lógicas e as materialidades tecnológicas de mídia”. Assim, retornamos aos lírios do campo, tendo como objetivo observar e perceber as lógicas e as materialidades das disputas e as metáforas da produção, da circulação da agressividade e do consumo dos bens da indústria que ocorrem durante os processos de uso dos dispositivos e das práticas sociais. Para tanto, pensamos agrupar os lírios do campo em três esferas. A primeira que passamos a descrever é composta pelos vídeos que se configuram como convite das instituições de produção, de distribuição e de consumo dos bens da indústria cultural das novas tecnologias de informação e comunicação.

#### **4.3.1 Percepção e observação das mídias emergentes e/ou alternativas em Angola: tentativas de integração na esfera de consumo dos bens da Indústria Cultural**

Objetivando a materialização perceptiva e existencial das mídias emergentes em Angola, apresentamos como campo de observação a descrição dos indícios presentes nos vídeos em circulação nas redes sociais. Como já afirmamos na introdução, esses vídeos foram produzidos e postos em circulação em seus canais da internet, pelas instituições comerciais ligadas a indústria das novas tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Para a seleção dos vídeos tivemos como critérios a percepção e observação de marcas interacionais entre instituições e o público, com características comerciais e vendas de produto do consumo midiático em Angola (Dispositivos Midiáticos, Contratação de serviços de TVCABO e internet de Banda Larga).

No fim desse processo observacional, selecionamos cinco vídeos, cujos indícios nomeadamente passaremos a descrever: “Unitel para todos” (Jul., 2014); “TVCABO Angola em Alta” (Dez., 2010); “Facebook Grátis para Chegar a Todos” (Jul., 2015); “Somos Natal – Pack Laranjinha 3G” (Dez., 2015); “Movitel Geração M” (Out., 2013).

#### 4.3.1.1 Unitel para todos

Unitel para todos é o título do institucional de cunho comercial produzido e posto em circulação pela Unitel em 2012. Por motivos a investigar, o institucional já não faz parte do rol dos comerciais em circulação no canal do Youtube da empresa. Porém, continua no fluxo ao ser capturado e repostado na rede por Inácio KJ (12 de julho de 2014) em seu canal, no mesmo ano em que foi produzido. Até abril de 2018 quando nós o selecionamos e capturamos contava com um total de 115 visualizações e 3 comentários apenas. Está inserido na categoria de pessoas e blogs, conta com a licença padrão do Youtube, e nesta página ela aparece com a legenda: “há uma coisa que...”.

Numa visão inferencial livre e criativa, o institucional parece apresentar marcas de um dispositivo sociotécnico interacional (BRAGA, 2011) de dimensão sentimentalista, nacionalista e popular. Essa nossa postura está amparada tanto pela imagem do popular e romântico cantor angolano Matias Damásio<sup>3</sup> quanto pela letra da sua música.

---

<sup>3</sup> Matias Damásio (Benguela, 9 de maio de 1982) é um músico angolano que compõe e executa música popular e romântica. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Matias\\_Damásio](https://pt.wikipedia.org/wiki/Matias_Damásio). Acesso em: 20 mar. 2018.

Figura 1 – Imagem do cantor popular angolano Matias Damásio



Fonte: YouTube<sup>4</sup>.

**Letra da Música:** Quanto mais próximo, bem distante é a saudade. Quanto mais próximo, mais perto da verdade. E a verdade abraçará o longe. Estar presente mesmo distante. A verdade é que há uma força que nos une. Que nos leva a comunicar com o mundo, partilhar ideias, matar saudades, estar próximo de tudo o que amamos. A nossa bandeira, a nossa gente, a nossa terra. O próximo mais próximo.

Terminada a música, entra em off uma voz feminina que define o “Laranjinha” como a força motora que sustenta o dinamismo populacional e que une a todos: “Há uma força que passa por todos nós. Feliz 2012”. E em seguida parece a logo da Unitel para encerrar o institucional.

Figura 2 – Logo da Unitel



Fonte: YouTube.

Por ter sido produzido e postado pela instituição Unitel, uma distribuidora e prestadora de serviços de telefonia e internet móvel, originalmente o vídeo institucional configura-se

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UTHG2nPJF34>. Acesso em: 20 mar. 2018.

como uma peça publicitária de inclusão digital e/ou integração à sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 2008) de produtos das novas TICs. Porém ao debruçarmo-nos sobre o conteúdo do vídeo (as técnicas de produção, o cenário, a trilha sonora, as imagens e os lugares), chegamos à conclusão de que o institucional não se configura como um convite ao consumo do produto de marca “Laranjinha”: um aparelho básico da Unitel sem complexidades. Mas sim, chama para o consumo de um produto, cuja especificidade e alcance seriam de âmbito nacional. Parece-nos tratar do consumo de um produto que seja responsável, agregador de menor custo, mas de benefício maior e que alcance a todos os cidadãos angolanos. Que todos os angolanos usando o celular novo de marca popular: “o Laranjinha” tenham um “Feliz 2012”. Portanto, o celular funciona como metáfora da felicidade para o novo ano, e configura-se como um convite à integração na sociedade de consumo em massa para todas as pessoas: crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Figura 3 – Pessoas em circulação no mercado paralelo de consumo



Fonte: Youtube.

Numa perspectiva social, histórica, cultural e política, com o fim da guerra civil e a chegada da democracia, assim como a abertura do país às novas TICs, inferimos que “o Laranjinha” representa uma “pulsão”, que unindo todos os cidadãos, injeta um dinamismo que perpassa todos os campos e práticas sociais (FAUSTO NETO, 2006a; 2007; BRAGA, 2012): “Há uma força que passa por todos nós”.

Figura 4 –Passagem de mão a mão do Laranjinha



Fonte: Youtube.

“O Laranjinha”, ao passar de mão a mão em uma faixa de rodagem sem idade e fronteiras, configura-se como força de superação que perpassa não só pelos indivíduos, mas atravessa todos os campos e tecidos sociais. Os desdobramentos dessa passagem vão desde o núcleo familiar e escolar, das conversas no bar da rua, da academia à caminhada na praia, das empresas de construção civil às indústrias, do campo à cidade, do estúdio de rádio ao de TV, da coordenação à produção, do processo de coleta ao laboratório técnico de análise de dados, do processamento à comercialização. Em outras palavras, o Laranjinha faz relações que atravessam os limites territoriais dos campos e práticas sociais a curto, médio e longo prazo entre os atores sociais.

Figura 5 – Pessoas no barco de pesca recebendo o Laranjinha



Fonte: Youtube.

Dessa forma, o vídeo permite-nos fazer uma leitura ressignificativa do “Laranjinha”. E nos provoca a articular um discurso que indutivamente enquadre o simples e popular celular

entre os aparatos de alta complexidade. No processo tentativo do seu acercamento a definição de dispositivo midiático compreende as seguintes características: sociotécnico, tecnológico, semiótico, discursivo, interacional e mediador (FERREIRA, 2006; GOMES, 2006; FAUSTO NETO, 2008; BRAGA, 2011; ROSA, 2012).

Figura 6 – Casal em uma motocicleta arremessando o Laranjinha em direção ao barco de pesca que está no mar



Fonte: Youtube.

“O Laranjinha” ao ser arremessado e atirado independentemente das condições físicas, psicológicas e econômicas, seu usuário, seus objetivos e ideologias políticas, vem se constituindo em um aparato poderosíssimo. Tal aparato supera e neutraliza os seus efeitos dos bombardeios dos aviões, dos dispositivos bélicos lançados pelos soldados dos exércitos beligerantes tanto entre si, quanto para a população e infraestruturas do conflito armado em angola. Portanto, propõe-se como instrumento de unificação e de abertura à comunicação, um dispositivo que elimine o isolamento entre as pessoas, promova o reencontro das famílias separadas durante a guerra e encurte as distâncias. Apresenta-se como pontífice e articulador no preenchimento das lacunas deixadas pelos fragmentos e resquícios do conflito armado civil.

Para tanto, podemos idelologicamente dizer que “o Laranjinha” pode ser uma metáfora para a supressão das diversas línguas, da eliminação dos complexos de superioridades e de inferioridades entre os angolanos. Configurado em dispositivo interacional, ele poder assumir-se como a arma de combate contra as desigualdades sociais, o racismo, o regionalismo. O dispositivo, derruba as barreiras entre ricos e pobres, entre negros e brancos, entre naturais e estrangeiros, entre as tribos do sul e do norte, do leste e do oeste de Angola. Inferimos ainda



que “o Laranjinha” chame para si o protagonismo apologético da reconstrução das infraestruturas destruídas pela guerra civil.

Figura 7 – Mestre de obras se comunicando com alguém pelo o Laranjinha



Fonte: Youtube.

Essa reconstrução nacional passa por uma política que aposte nas campanhas de políticas educacionais conscientizadoras das crianças, adolescentes e jovens e da sociedade em geral sobre a cidadania. A escola, os alunos e a bandeira hasteada, associada ao discurso latente na letra da trilha sonora: “A nossa bandeira, a nossa gente a nossa terra”, são marcas, a nosso ver, dos processos de ordenamento e unificação da identidade do povo e o amor à pátria angolana.

Figura 8 – Crianças em frente a uma escola com os Laranjinhos nas mãos



Fonte: Youtube.

Para além de apelar pela reconstrução infraestrutural no âmbito nacional, “o Laranjinha” parece estar prenhe de ideologias, políticas e de significados que suscitam várias



outras leituras, e abrem espaços para as disputas de poderes e de lutas de reconhecimento (HONNETH, 2009) objetiva e subjetivamente. Sob essas angulações, o dispositivo poderia quebrar os estereótipos e possibilitaria o acesso aos circuitos que se entrecruzam, chocam ou se conflitam em busca de uma ambiência única, unificadora e harmoniosa. Assim, nessa peça publicitária podemos vislumbrar uma metáfora do papel que é atribuída ao Laranjinha, que pensamos ser o da orquestração da luta pelo reconhecimento. Ou seja, se antes as forças se mediam pelas potências dos aparatos bélicos entre os exércitos inimigos, agora na sociedade pós-guerra e agora imersa na ambiência midiática os sujeitos são interpelados e conclamados pelo uso do Laranjinha a se tornarem solidárias, unidas e próximas umas das outras, a encurtar distâncias e eliminar saudades: “Quanto mais próximo, bem distante é a saudade. Quanto mais próximo, mais perto da verdade. E a verdade abraçará o longe”.

Figura 9 – Jovens em uma passeada eleitoral do MPLA com o Laranjinha como símbolo de unidade nacional



Fonte: Youtube.

Pela imagem somos impelidos a pensar que talvez seja inegável, dentro dos processos midiáticos, que o Laranjinha se assuma como um dispositivo de poder coercitivo, quanto aos usos e apropriações das TICs na “luta pelo reconhecimento”. E para tanto, exerça o poder de força e do saber na “reconstrução de infraestruturas”, de “identidades” (HONNETH, 2009) e subjetividades da população angolana. Numa inferência indutiva sobre os indícios, tanto dos vários cenários quanto das pessoas em interação, sem referenciar o próprio Laranjinha em si ao longo do vídeo, o institucional vai se confirmando como verdadeira arena de poder e força na reconstrução das subjetividades, da cidadania e na configuração da identidade do angolano.

Essa leitura, embora leiga, inscreve o Laranjinha na categoria dos dispositivos semiolinguísticos, socioantropológicos e técnico-tecnológicos (KLEIN, 2007; AGAMBEN,

2005; DELEUZE, 1990; FERREIRA, 2006). Assim, o dispositivo pode ser uma tentativa de a empresa acabar com as fissuras, de tentar colocar cimento às diferenças ideológicas e políticas e partidárias. O vídeo institucional, uma vez posto em circulação na rede, desafia-nos, uma vez que se torna difícil controlar os impactos e as consequências devido às imprevisibilidades dos fluxos e circuitos.

#### 4.3.1.2 Facebook Grátis para chegar a Todos

O subtítulo nos remete ao vídeo institucional produzido e posto em circulação pela empresa de telefonia móvel MOVICEL<sup>5</sup>, em 22 de julho de 2015 no canal “mvcfalacomigo”. Quando o selecionamos, em abril de 2018, possuía 339 inscrições e está categorizado como de ciência e tecnologia. Até dia 12 de dezembro de 2018 tinha 21.958 visualizações e conta com 31 segundos de duração. Apresenta no total 16 curtidas, das quais 13 gostaram, 3 não gostaram e não há qualquer registro de compartilhamento.

O cenário do vídeo é composto por uma mulher que aparenta possuir a idade entre 25 a 38 anos, sentada em um tronco seco no centro, em diálogo com o “teleinternauta” através do aparelho de celular. No cenário aparece O Laranjinha, além de uma enxada, o campo com o capim seco, uma árvore e uma casa coberta de capim.

Figura 10 – Mulher do meio rural sentada em um tronco



Fonte: Youtube<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> O nome oficial dessa instituição comercial de telefonia móvel é Movicel Telecomunicações SA. A Movicel foi originalmente criada em 2002 como subsidiária da estatal Angola Telecom. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GdvmircIV2Q>. Acesso em: 10 abr. 2018.

<sup>6</sup> As demais imagens foram extraídas do vídeo disponível no *Youtube* e pode ser acessado através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=GdvmircIV2Q>. Acesso em: 10 abr. 2018.

No contexto angolano, um país oriundo do pós-conflito armado, onde os homens eram obrigados por força maior a dedicar-se às forças armadas para defender a nação e garantir a segurança e proteção à família e a todos os cidadãos. Nesse sentido, a figura da mulher ocupava um papel fundamental na educação dos filhos e no sustento da família através da agricultura rudimentar. E para esses tipos de trabalhos, os instrumentos eram as enxadas, representadas pela mulher no vídeo. Assim, a imagem da mulher em plena posse das suas capacidades laborais e produtivas representa a força talentosa e imprescindível do trabalho feminino na reconstrução do país e da sociedade angolana, simbolizado por meio do vasto campo devastado pela guerra. O capim seco pode caracterizar os rastros destruidores da guerra, que durante quase quatro décadas produziu a barbárie entre os angolanos. E, então, com o processo da pacificação, democratização e abertura ao desenvolvimento sociotécnico, cultural e industrial, o país começa a dar sinal de revitalização. Para o efeito, as empresas, as instituições públicas e privadas, internas e internacionais veem no país o novo campo por trabalhar, e nele investem o seu capital humano e financeiro. É dentro desse contexto que se inscreve a peça publicitária da MOVICEL.

Figura 11 – Publicidade do Facebook grátis promovida pela MOVICEL



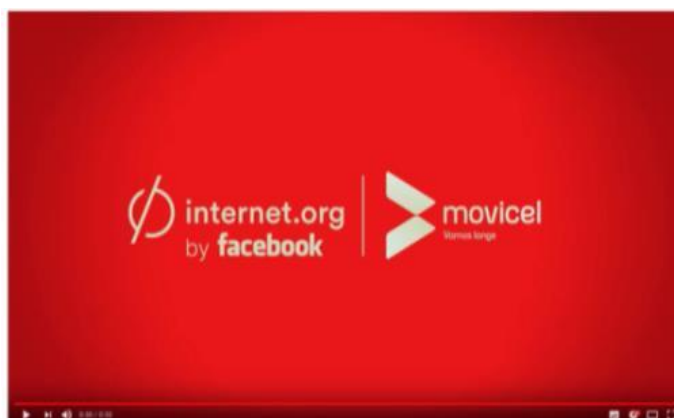
Fonte: Youtube.

A partir de uma visão leiga, estruturalmente o vídeo parece configurar-se como uma peça publicitária que objetiva apenas a venda de aparelhos de telefonia e de contratação dos serviços de internet móvel, e garante aos possíveis compradores ou consumidores o acesso ao Facebook grátis. Porém, a partir de uma visão um tanto crítica, a peça, embora faça parte tantas outras peças de publicidades que a Empresa de Telefonia móvel MOVICEL publica no seu canal do Youtube, ela pode nos fazer pensar nos novos modos de as pessoas se relacionarem umas com as outras. Ao apresentar uma mulher, que em seu discurso revela a sua insatisfação com o marido, ela pode representar todas as mulheres que têm dificuldades

no relacionamento com os seus maridos por conta da distância, ou porque o marido não fica muito em casa.

Dessa maneira, a operadora coloca-se como pontífice ou dispositivo interacional (BRAGA, 2012), configurando-se como intermediário entre os sujeitos em conflitos, ou como estabelecedor das relações de amizade que acaba por romper as barreiras e os silêncios interiores; elimina os complexos tanto de superioridade quanto de inferioridade ao aproximar as pessoas umas das outras; um canal onde as pessoas podem desabafar ou partilhar com as outras os conflitos interiores, a vida pessoal, familiar, profissional e social. Em vista dessa perspectiva, a instituição assume um arsenal de poder, que com a sua engenharia tecnológica pode permitir a ressignificação tanto dos campos de combate quanto daqueles de agricultura, tanto as armas de fogo, como os instrumentos de trabalhos na produção de alimentos. Se ontem a disputa de poder de forças militares era travada nos campos de batalha, hoje os campos são as redes sociais e as diversas plataformas disponibilizadas pela internet. Somos tentados a pensar já não mais na guerra feita com armas de fogo no campo fora de casa, mas em uma guerra virtual, na ambiência criada pela midiatização e os processos sociais em Angola.

Figura 12 – Campanha publicitária da MOVICEL sobre a internet pelo Facebook



Fonte: Youtube.

Para esses novos campos de batalhas, se quiserem sobreviver e vencer a batalha, os novos soldados obrigatoriamente devem abandonar as velhas armas, as munições tradicionais. Devem substituir as enxadas pelos dispositivos midiáticos disponibilizados pelas instituições, quer sejam públicas ou privadas, quer sejam nacionais ou internacionais.

Para tanto, sob o ponto de vista metafórico, por meio da compra de aparelhos de telefonia móvel da MOVICEL e o consumo da internet nas redes sociais, as pessoas organizam novos discursos sobre si, sobre os outros e sobre o mundo à sua volta. Pelo uso

desses aparatos tecnológicos, assim como de suas ferramentas e plataformas, o homem desenvolve competências, traça e elabora novas estratégias de enfrentamentos e de gerenciamento dos conflitos, sejam pessoais ou familiares. Servem de marcas de indícios dessas inferências, por exemplo, a fisionomia e o discurso da mulher do vídeo que, enviando a mensagem para o seu marido, diz: “Ouve só! Ontem postei uma foto romântica com o meu marido no Facebook. E nem que o engraçadinho nem reparou! Hum. Deixei-lhe só uma mensagem. Aí é, não fazes gosto na nossa foto. Né? Olha que te faças de homem que gostas para jantar”.

Figura 13 – Mulher com o aparelho de celular na mão enviando mensagem



Fonte: Youtube.

A mensagem enviada para o marido pode ser interpretada como uma tentativa de luta pelo reconhecimento. Pois o vídeo apresenta uma mulher que, simulando um diálogo com o teleinternauta apresenta a sua inquietação pelo fato de o marido não ter prestado atenção, não deixou comentário algum e não curtiu nem a foto do casal e nem a mensagem romântica postados em seu Facebook. Por isso, a postagem de outra mensagem. Esta pode caracterizar-se como uma retroalimentação da rede, ou simplesmente signo de um possível redesenho da cultura da participação (SHIRKY, 2011), uma vez que a mulher compartilha a sua vida íntima (relacionamento - marido) com o público da sua rede social, e a satisfação pela reação do marido ao adicionar a foto no seu perfil: “Fez logo gosto! Ihmsrsrsrsrs. E até adicionou como foto do perfil. Rsrssrsrs”.



Figura 14 – Mulher aparentemente feliz



Fonte: Youtube.

Após a fala da mulher, a voz em off convida toda a sociedade angolana à compra e ao uso dos aparelhos da Movicel, e a apropriação das novas ferramentas de interação nas redes sociais: “Facebook grátis para chegar a todos. Só na Movicel. Podes ter Facebook grátis sem gastar saldo. Envia “Facebook” para 192 00. Movicel vamos longe!”.

Figura 15 – Propaganda do Facebook para todos e a mulher



Fonte: Youtube.

Portanto, como no primeiro vídeo, a compra do aparelho da MOVICEL, uso da internet e o acesso ao Facebook grátis, inscrevem os cidadãos angolanos na esfera de integração à sociedade de consumo dos produtos da indústria cultural.

#### 4.3.1.3 Somos Natal – Pack Laranjinha 3G7

Aos 7 dias do mês de dezembro de 2015, justamente quando faziam cinco meses da peça publicitária da MOVICEL: “Facebook Grátis para Chegar a Todos”, que como nos

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2LKg50wVEug>. Acesso em: 10 dez. 2017.

referimos inscrevia a sociedade angolana no mercado do consumo, em espírito de disputa e concorrência de mercado, uma outra operadora, a UNITEL, produziu o Vídeo intitulado “Somos Natal – Pack Laranjinha 3G”. Este vídeo tem a duração apenas de 30 segundos e foi publicado no canal TVUNITEL<sup>8</sup> do Youtube da empresa. Em dezembro de 2017 quando o capturamos da rede, o canal contava com 13.733 inscritos. O vídeo é inserido nas categorias de filmes e desenhos, e tinha sido visualizado 1.104 vezes, apresentava uma curtida e nenhum compartilhamento.

A título introdutório, o vídeo em circulação no canal da empresa de telefonia móvel UNITEL configura-se como um convite aos internautas por meio de um texto que passamos a descrever: “Este ano a Unitel celebra o Natal em grande. Oferece aos teus amigos e família o Laranjinha 3G com oferta de cartão SIM, 250 MB de Net e 500 kz de saldo na primeira recarga do mês durante 3 meses, tudo por 3.900 Kz”!

Esse texto, a nosso ver, pode qualificar e inserir a instituição UNITEL dentro da categoria “pontífice”, na medida em que se assume o direito funcional de um dispositivo interacional, este intermedeia as relações das pessoas e, sobretudo, na comemoração da Festa do Natal em família, através da venda e compra dos aparelhos de telefonia de marca “Laranjinha 3G”.

Figura 16 – Publicidade do Laranjinha 3G na época do Natal



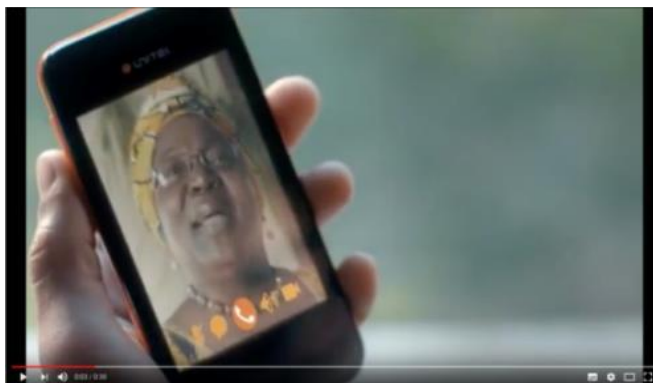
Fonte: Youtube.

No vídeo, após a introdução com a trilha sonora: “É natal, é sorrir como criança. É cantar, é alegria entra na dança. É Natal. É um desejo, uma festa”, aparece o diálogo entre a avó e o neto em chamada de vídeo. O vídeo induz-nos a pensar na celebração da festa do Natal em família e a imaginar que as pessoas estavam atrasadas. A avó preocupada porque

<sup>8</sup> O canal da empresa disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCc3TUieTabjiON7zyc3iNSg>. Acesso em: 10 dez. 2017.

tudo já está preparado faz uma chamada de vídeo procurando saber onde estão os seus netos e porque ainda não teriam chegado: “E então estamos a vossa espera”. Perante a preocupação da avó, um dos netos responde a chamada e diz: “Tá, vó já vamos”!

Figura 17 – Adolescente conversando via chamada de vídeo com a avó



Fonte: Youtube.

Como é costume na época do Natal e da Páscoa, as empresas promovem campanhas de venda de produtos que, em forma de presentes, as pessoas são obrigadas a comprar. Porque nesses dias os familiares, colegas e amigos brincam de “amigo secreto” a serem revelados durante ou depois da refeição. Presumimos que a demora se deva ao fato de os netos terem comprado tantos presentes e como se não bastasse isso, os membros da família eram muitos e só tinham um carro para levá-los ao local da festa. Porém, apesar disso, a UNITEL passa a impressão de que com a compra do aparelho Laranjinha 3G isso não é problema. Todos cabem no único carro: pessoas e presentes como aparece nesta imagem.

Figura 18 – Grupo de adolescentes entrando em um carro para a festa do Natal em família



Fonte: Youtube.

Tentando estabelecer uma relação com os outros vídeos, pelo que parece o aparelho “Laranjinha 3G” assume o papel de um “Morgan Freeman” no filme/comédia: “A Volta do



Todo-Poderoso”. Estamos diante de um fenômeno “teofânico” e milagroso. Assim como para Deus nada é impossível, assim também para esse aparelho tudo é possível. Basta comprá-lo que todos os desejos são realizados. Portanto, não existe a melhor forma de celebrar o Natal em família senão com o aparelho na mão.

Figura 19 – Adolescente fazendo uma chamada de vídeo junto da árvore de Natal



Fonte: Youtube.

Quando tudo e todos já estão dentro do carro, o motorista pergunta e convida para partir de viagem dizendo: “Estamos todos? Então vamos”. O institucional encaminhando para o fim, anuncia e deseja boas festas na companhia do aparelho: “Boas festas! Compra Laranjinha 3G por apenas 3900KZ e ganha sim card 250 Megas de net e 1.500 KZ de saldo na primeira recarga de cada mês, durante três meses”. O jingle é interrompido por alguns segundos pela família em festa que acena as mãos e clama: “Viva”!

Figura 20 – Festa do natal em família



Fonte: Youtube.

Continuando, o vídeo termina com a frase “Unitel o próximo mais próximo”. Estamos diante de uma peça que insere novamente a sociedade angolana na esfera da sociedade de consumo, e a contratação dos serviços de internet que a operadora, enquanto dispositivo

interacional, oferece. Tal oferta dá a possibilidade de as pessoas estarem mais próximas umas das outras por meio da compra e do uso dos aparelhos de marca Laranjinha 3G, e do consumo dos produtos da indústria cultural nas comemorações das datas especiais e nas festas. Para reforçar a ideia de que a UNITEL é o profeta que deveria vir ao mundo, aparece no institucional às palavras: “Melhor rede de Angola”.

Figura 21 –Logo da UNITEL



Fonte: Youtube.

#### 4.3.1.4 PUBS TVCABO Angola

O quarto institucional é composto por um vídeo que foi posto em circulação na rede no dia 16 de dezembro de 2010 através do canal: MVMTV<sup>9</sup>. Este canal pertence a NOS<sup>10</sup>. Até janeiro de 2018, data do acesso e de captura, o canal possuía mais de 947 vídeos publicados e contava com 1.421 inscritos. Segundo dados fornecidos pela NOS, o canal começou por ser de televisão on-line, e atualmente está presente nas grades de programação da NOS (posição 158), Cabovisão (posição 17), TV Cabo Angola (posição 57) e TV Cabo Moçambique (posição 20). Por meio de programas feitos pelos próprios artistas, como é o caso da Mastiksoul TV, embora a sua programação seja diversificada, pelo que parece, aposta mais em entrevistas com os DJs nacionais e internacionais, com exclusividade do programa Defected TV de Portugal.

<sup>9</sup>O MVM TV é um canal de moda, vida e música 24 horas por dia dedicado à população de diversos países, criado no dia 8 de março de 2007 pela NexTV. Com a licença do Youtube. Disponível em: [https://www.youtube.com/results?search\\_query=MVMTV](https://www.youtube.com/results?search_query=MVMTV). Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>10</sup> NOS (anteriormente denominada ZON OPTIMUS) é um grupo de comunicações e entretenimento português, resultante da fusão, em 2013, de duas das maiores empresas de comunicações do país: a ZON Multimédia e a OPTIMUS Telecomunicações. Oferece soluções fixas e móveis de última geração, televisão, internet, voz e dados para todos os segmentos de mercado (pessoal, residencial e empresarial). É líder na televisão por subscrição, em serviços de *triple play* e na distribuição e exibição cinematográfica em Portugal.

Em Angola, o canal é responsável pelo desenvolvimento de uma grade de programação com conteúdos diversificados, visando o desenvolvimento do mercado televisivo e comercial do país, garantindo a história, os costumes e os valores. Objetivando investir na qualidade, formação e apostar no futuro e nas necessidades de Angola, o canal acredita no potencial do país e conta, atualmente, com 667.000 assinantes. É neste canal que se encontra o vídeo sobre a publicidade da TVCABO Angola que passamos a descrever. Este vídeo aparece inscrito na categoria de entretenimento e tem a licença do padrão do Youtube. Na altura da captura, o vídeo de 30 segundos apenas tinha sido visualizado 225 vezes, possuía uma curtida e sem compartilhamento.

A partir desse vídeo, inferimos que em formato publicitário entrelaçando a fala com as imagens de indivíduos na interação entre si e com dispositivos, o vídeo tenha como objetivo integrar a sociedade angolana na esfera de consumo na medida em que o narrador introduz a peça dizendo: “Entre no mundo TVCABO! São imagens com qualidade digital. Com mais de 100 canais de Televisão. internet de Banda Larga. Velocidade até 4 Megabits. Televisão de alta qualidade e internet de alta velocidade só na TVCABO”. Com essa fala em off, o vídeo nos oferece várias imagens que podem servir como marcas que fundamentam as nossas inferências, tais como: uma jovem com controle remoto (signo da liberdade de escolha e domínio) logo passa a uma atriz americana (Sarah Jessica Parker); adolescentes assistindo a série “As aventuras do gato de botas 1 temporada Ep 2”, uma série que passa na Netflix; outros acessando séries pelo computador; anúncio da internet de banda larga passa Track de um programa infantil; dois adolescentes aparentando 11 a 14 anos assistindo a série pela TV; destacamos ainda a presença de algumas senhoras entre 30 e 40 anos sentada em sua sala de TV; e por fim, o vídeo mostra Morgan Porterfield Freeman. O vídeo termina convidando o público a contratar os serviços da TVCABO com as seguintes palavras: “Ligue já para 222 680 000, ou vá a uma loja TVCABO Angola em alta”!

Figura 22 – Adolescentes assistindo a TVCABO Angola



Fonte: Youtube<sup>11</sup>.

Perante esse repertório de imagens e a contratação da internet de banda larga e TVCABO, podemos observar que o vídeo se configura como uma peça publicitária que tem como objetivo, fazer um veemente convite ao consumo dos produtos da indústria cenográfica. Entendemos que isso trate de peças publicitárias, cujo objetivo seja a política da integração da sociedade de consumo dos produtos da indústria cultural cinematográfica mundial. Sobretudo da indústria norte americana, com destaque das imagens de atores como Sarah Jessica Parker e Morgan Freeman, que nos permitem estabelecer dois elos no contexto da busca de consumo e reconhecimento na sociedade angolana.

Figura 23 – Sarah Jessica Parker, atriz, produtora e designer americana



Fonte: Youtube.

Sarah Jessica Parker, americana, é atriz, produtora e designer, fez sua estreia na Broadway aos 11 anos de idade no reavivamento de *The Innocents* de 1976, antes de começar

<sup>11</sup> Todas as imagens deste institucional podem ser acessadas por meio do link: <https://www.youtube.com/watch?v=npPBfIKYX4E>. Acesso em: 10 jan. 2018.

a protagonizar o papel-título do musical da Broadway, *Annie*, em 1979. Tornou-se conhecida por seu papel como Carrie Bradshaw na série “*Sex and the City*”, de 6 de junho 1998 a 22 de fevereiro de 2004 nos Estados Unidos pela cadeia HBO.

A série baseava-se no livro com o mesmo nome de Candace Bushnell, Scott B. Smith e Michael Crichton, ambientado na cidade de Nova York. O livro tem foco nas relações íntimas de quatro mulheres amigas: Samantha Jones, a típica loura fatal, que trabalha como relações públicas e está sempre atrás de um bom partido sem compromissos; Charlotte York, que trabalha numa galeria de artes, é a romântica e sensível que busca sempre longos relacionamentos, embora nunca consiga ter um; e Miranda Hobbes, advogada, racional, e a mais prática de suas amigas, sempre sabendo o que quer da vida. A série foi exibida no Brasil entre 1998 e 2004 pela Rede Record<sup>12</sup>, e reprisada entre 2004 e 2006 pela Rede 21<sup>13</sup>, e muitas vezes retratavam os assuntos relevantes como o papel da mulher na sociedade atual.

A participação em séries como produtora quanto como atriz principal ou coadjuvante, fez Parker acumular dois Prêmios Emmy: um para a Série de Comédia Destaque (2001) e outro para a atriz principal destacada em uma série de comédia (2004). Para esse papel, ela também ganhou quatro prêmios de Globo de Ouro pela Melhor Atriz em uma Série de Comédia e três Screen Actors Guild Awards. Ela retomou o papel nos filmes *Sex and the City* (2008) e *Sex and the City 2* (2010). Nesta série Carrie Bradshaw (Sarah Jessica Parker) é a narradora da série, uma vez que cada episódio é montado segundo o tema que ela aborda na sua coluna para o *The New York Star*.

O papel que Parker desempenha (CARRIE) pode ser conhecido como o de ícone do consumo entre o público feminino pelo seu gosto pela moda, que a faz gastar os rendimentos em sapatos como Manolo Blahniks, ou em roupas das casas mais aclamadas, e pela vida que a grande metrópole proporciona. Outro motivo de orgulho é o seu apartamento de um quarto em Upper East Side, que finalmente compra e é a sua casa por toda a série. Portanto, no contexto angolano, averiguamos que sua presença nessa peça publicitária constitui um convite ao público feminino (crianças, adolescentes, jovens e não só) para o consumo dos produtos que

---

<sup>12</sup> RecordTV é uma rede de televisão comercial aberta brasileira com sede na cidade de São Paulo. Fundada em 27 de setembro de 1953 pelo empresário e comunicador Paulo Machado de Carvalho, a sua criação remonta à chegada da televisão no Brasil, quando Paulo Machado se interessou pelo novo meio de comunicação e quis ampliar seu conglomerado midiático (que incluía diversas estações de rádio) para a TV, que era a grande novidade no começo dos anos 50. Paulo, então, entrou com um pedido para operar uma estação de televisão na cidade de São Paulo, o que lhe foi concedido em novembro de 1950, pouco tempo depois da pioneira TV Tupi entrar no ar. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/RecordTV>. Acesso em: 15 jan. 2018.

<sup>13</sup> Rede 21 é uma rede de televisão comercial aberta brasileira com sede na cidade de São Paulo, fundada em 21 de outubro de 1996 por João Jorge Saad. Pertencente ao Grupo Bandeirantes de Comunicação, a emissora é afiliada a TV Universal. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede\\_21](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_21). Acesso em: 15 jan. 2018.

surtem no mercado da moda através das novelas e séries que passam na TV pública e também na TVCABO e na internet.

Figura 24 – Ator, produtor, narrador e diretor de cinema estadunidense, Morgan Porterfield Freeman



Fonte: Youtube.

A segunda imagem é do ator, produtor, narrador e diretor de cinema estadunidense, Morgan Porterfield Freeman. Dentre seus vários trabalhos, fazemos referência às atuações em *Driving Miss Daisy* (1989) dirigido por Bruce Beresford. Uma idosa (Tandy) excêntrica judia é obrigada pelo filho (AYKROYD) a conviver com um motorista negro (Freeman), contratado para servi-la. De início ela recusa o novo empregado, mas aos poucos ele vai quebrando as barreiras sociais, culturais e raciais que existem entre eles. Os dois acabam estabelecendo uma comovente relação de amizade, que dura mais de vinte anos. Outro trabalho que pode ser de interface no contexto angolano é o filme/comédia “A VOLTA DO TODO PODEROSO” realizado nos Estados Unidos, lançado em 3 de agosto de 2007, sob a direção de Tom Shadyac. Fazem parte do elenco Steve Carell, Morgan Freeman, Lauren Graham entre outros. Evan Baxter (Steve Carell) é o âncora de um telejornal de Buffalo, que foi recentemente eleito para seu 1º mandato como congressista. Ele então se muda para Washington com sua esposa Joan (Lauren Graham) e os filhos Dylan (Johnny Simmons), Ryan (Jimmy Bennett) e Jordan (Graham Phillips). Porém, logo após se instalar em sua casa, Evan passa a receber estranhas encomendas, que incluem ferramentas e grandes quantidades de madeira. Evan descarta a concepção das encomendas estranhas. Mas uma série de situações ocorre de forma a prejudicar sua vida até que ele se encontra com Deus (Morgan Freeman), que lhe incumbe a missão de construir uma arca, já que uma inundação está por

vir. Portanto, Morgan Freeman, neste filme, assume o papel de guia religioso e espiritual para um jovem que estava em conflito consigo mesmo e com outras pessoas.

Nesse sentido, no contexto angolano, um país que vem de um conflito armado de aproximadamente quatro décadas, poderíamos fazer várias inferências livres e espontâneas: a figura do ator pode ser metáfora da pretensão, e buscar novos rumos que ajudem a reconstruir a consciência de cidadania e de moralidade social entre o povo angolano; pode ser a representação da busca de uma percepção social que possibilite estabelecer laços simbólicos e vínculos entre o ator negro americano e a população masculina negra angolana no mercado cinematográfico; talvez o ator, enquanto guia espiritual no filme, possa também inspirar avós e pais, que provavelmente participaram do conflito armado ou são militares e policiais, e os filhos (crianças, adolescentes e jovens) na configuração de uma nova ambiência instaurada em Angola, com o advento da democracia, da instalação de empresas e instituições ligadas às TICs, a internet e TVCABO. Por último, usando metáforas, a figura do ator negro americano pode ser concebido como signo representacional do potencial do negro angolano (crianças, adolescentes e jovens), não só do mercado do consumo dos produtos cinematográficos, mas também de possível participação na esfera de produção, através do uso da internet de Banda Larga de alta velocidade, da TVCABO e dos dispositivos midiáticos.

Estamos, portanto, a partir desses dois atores, tentando entabular um processo tentativo e heurístico de busca e atrelamento de dois elos: a juventude da atriz e a idoneidade do ator que nos proporcionam inferências de que os adolescentes, jovens e adultos estejam conectados e interagindo entre si e com os conteúdos (seriados, filmes, novelas, jogos, etc.) que as instituições canônicas fazem circular na mídia através da internet e da TVCABO. Essa postura inferencial provoca-nos e nos faz pensar que a sociedade angolana, sobretudo os adolescentes, interagindo com os personagens das séries que circulam na mídia via internet de banda larga, estejam se descolando no tempo e no espaço, porque a maioria dessas séries foi feitas em colégios e são como se fosse uma grande Malhação<sup>14</sup>. Essas séries podem conter histórias de relacionamentos conturbados entre adolescentes e abordar diversos temas voltados a esse público.

Portanto, os atores que circulam na mídia podem constituírem padrões na busca de identidade e reconhecimento, tanto para o público feminino quanto o masculino. E então a

---

<sup>14</sup> Malhação é uma série de televisão brasileira do estilo *soap opera*, voltada para o público adolescente. Produzida e exibida pela Globo desde 24 de abril de 1995, foi criada por Andréa Maltaroli e Emanuel Jacobina e têm, até o presente momento, 26 temporadas, um spin-off e diversas web-séries. Atualmente, é exibida de segunda a sexta-feira, após o Vale a Pena Ver de Novo. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Malhação>. Acesso em: 15 jan. 2018.



peça sobre a internet de banda larga e TVCABO apresenta-se como a ponte entre os indivíduos que têm uma vida de qualidade, e a sociedade angolana pós-guerra em busca de uma reorganização sociotecnológica e cultural. Ou seja, estamos falando de uma sociedade que, a exemplo de atores norte-americanos consolidados como Parker e Morgan, por serem ícones internacionais do mundo da cinematografia, podem ser fontes inspiradoras para adolescentes, jovens e adultos que sonham com o sucesso na vida individual, familiar, profissional e religiosa. Portanto, ligando já para 222 680 000 ou indo a uma loja TVCABO para contratar os serviços, disponibilizados pela TVCABO, o país estará em alta. Porque os angolanos terão em seus dispositivos midiáticos “imagens com qualidade digital, mais de 100 canais de Televisão e uma internet de Banda Larga com a velocidade até 4 Megabits”.

Figura 25 – Publicidade da TVCABO Angola



Fonte: Youtube.

#### 4.3.1.5 Movicel Geração M

Este vídeo institucional de 1 minuto e 1 segundo de duração, foi produzido e posto em circulação pela UNITEL no seu canal “mvcfalacomigo”<sup>15</sup>, no dia 23 de outubro de 2013. Em dezembro de 2017, quando o selecionamos e capturamos, ele possuía 9.364 visualizações, 30 curtidas das quais 28 positivas, 2 negativas e sem qualquer compartilhamento. Com a licença padrão do Youtube insere-se na categoria de ciência e tecnologia.

Sob o pretexto condicional, antes de acessar o vídeo, o internauta se depara com o texto que o convida a fazer um autorretrato de si mesmo, ou seja, a buscar identificação cultural (CANCLINI, 2005a; HALL, 2003) e/ou a lutar pelo reconhecimento através daqueles

<sup>15</sup> O canal onde está em circulação o institucional encontra-se na internet e pode ser acessado pelo link: <https://www.youtube.com/channel/UCmavY13NKH3ZDUHKI2X41TQ>.



que fazem parte da “Geração M”: “Se és da Geração M – se não vives sem Facebook, Instagram, Youtube e toda a internet– este é o plano para ti. O plano da Geração que vai ao leme”!

Ao traçar como estratégia na comercialização dos produtos e os serviços da internet nas plataformas “Facebook, Instagram, Youtube”, a operadora não visa apenas a circulação dos produtos e do capital financeiro, mas também a integração do público, principalmente jovem (adolescentes e jovens), na esfera de consumo através da comunicação em rede e da convergência midiática (MCLUHAN, 1998; FIDLER, 1997; SILVA, 1998; MACQUIL, 2003; SANTAELLA, 2007; 2008; CARDOSO, 2009; CASTELLS, 2009; 2010; NICOLAU, 2010; JENKINS, 2008). Esse processo ocorre por meio dos dispositivos midiáticos (FERREIRA, 2007; BRAGA 2012) que funcionam como extensão dos indivíduos em suas práticas sociais.

Portanto, acreditamos estar perante uma peça que formula uma clara apelação, e um exaustivo convite à sociedade angolana (adolescentes) para a integração na esfera da sociedade de consumo dos produtos da indústria cultural da informação e comunicação.

Figura 26 – Adolescentes em interação com os dispositivos midiáticos nas mãos



Fonte: Youtube<sup>16</sup>.

Por outro lado, a operadora MOVICEL, ao mesclar as diferentes imagens que compõem o cenário com a trilha sonora, parece estar determinando quem deve fazer parte da geração M. Em outra vertente de análise e recorrendo à música, vai editando a pauta e mostrando quem e quais são as condições para a integração na esfera da geração M.

<sup>16</sup> Todas as imagens deste institucional podem ser acessadas por meio do link: <https://www.youtube.com/watch?v=qY3nazn1Trg>. Acesso em: Acesso em: 15 jan. 2018.

Durante os desdobramentos do institucional podemos identificar marcas determinantes: quanto aos usos observamos adolescentes exibindo e interagindo com os seus pares via celulares; e quanto às práticas sociais, constatamos a presença de adolescentes na praia, na academia, na escola, na rua, no shopping, em casa. Em primeiro lugar, a visualização da presença dos adolescentes exibindo e portando um aparelho de celular em todos os ambientes e atividades forjam as nossas inferências acerca da integração destes na esfera do consumo dos produtos da indústria cultural e tecnológica na área da Informação e Comunicação.

Em segundo lugar, as nossas inferências a respeito desse processo integrativo são fundamentando pela trilha sonora que perpassa a tessitura do institucional:

*Eu sou da geração M, do Facebook, do Youtube, da internet. Eu sou da geração Smartphone, sou de uma geração que promete; eu sou da geração Instagram, da sociedade de informação; eu sou da geração que mexeu com o mundo na palma da mão; eu sou da geração sempre on, de a vida é vivida ao segundo; eu sou da geração que cresceu com a qual aberto ao mundo; eu sou da geração do futuro, aquela que vai além; eu sou da geração que vai longe; eu sou da geração M.*

Figura 27 – Adolescente conversando pelo celular



Fonte: Youtube.

Portanto, a materialidade desse vídeo parece caracterizar e inscrever a geração dos adolescentes na esfera da comunicação móvel, ou seja, digital. E exibir um celular durante a prática dos esportes radicais, como o Skate<sup>17</sup> pelas ruas da cidade, a musculação nas academias; frequentar os supermercados ou shoppings para comprar roupas e sapatos; a

---

<sup>17</sup> O nome original é *Skateboard*. Trata-se de um esporte radical de manobras sobre uma prancha de madeira (shape) com quatro rodinhas de borracha ou material similar, criado em Los Angeles (Califórnia, Estados Unidos) no começo da década de 1960. Foi criado por surfistas que queriam reproduzir as manobras do surfe nas ruas, ou em pistas de skate.

participação nos desfiles de moda; usar um dispositivo interacional (aparelhos de celular), tirar uma selfie ou fazer um meme através do domínio e das competências tecnológicas (KRUMSVIK, 2008) em seus quartos, nas escolas, nas ruas, nas academias, nas praias, nos carros, em passeios com os amigos e em todos os ambientes. Nesse sentido, também estabelecem relações e contatos uns com os outros, que pelas redes sociais (PORTUGAL, 2007) é o modo de ser (GOMES, 2016) da sociedade atual em Angola.

Figura 28 – Adolescentes fazendo a transmissão ao vivo via live pelo Facebook e Youtube



Fonte: Youtube.

Por exemplo, neste vídeo a “Geração M” chama-nos a atenção pelo fato de que o celular funciona como um dispositivo conversacional (BRAGA, 2011), que torna presente cada um dos adolescentes para quem é dirigido o convite para a praia. O dispositivo concentra em si simultaneamente três elementos: a imagem (Andreia, Freddy e Wilson), o texto e a voz (Andreia: Vamos à praia?, Freddy a chamar, Wilson: estamos a chegar”) dos três adolescentes que objetivam ir à praia por meio do formato de chamada de vídeo conferência.

Figura 29 – Adolescente em uma avenida em vídeo chamada com meninas



Fonte: Youtube.

Terminada a sequência de imagens e o jingle, entra o spot publicitário do plano dos pacotes de celular e da internet: “Entra no plano geração M. Fala 300 minutos, envia 400 SMS, navega com 1Gb de internet e ainda tem Facebook zero. Se é Movicel, envia SMS para 19308 para aderir já. Movicel! Experimenta”. E encerra o vídeo apresentando a foto de publicidade.

Figura 30 – Publicidade da MOVICEL sobre a internet e Facebook



Fonte: Youtube.

Constatamos que a observação dos materiais descritos, primeiro fundamenta-se na perspectiva teórico-metodológica do conceito de zona de contato (FAUSTO NETO, 2013; PEDROSO, 2015), entendido como uma instância interacional que reúne os dispositivos midiáticos e os atores sociais (adolescentes) em novas dinâmicas interacionais, via plataformas disponibilizadas pela internet, que são marcadas por processos sociotécnicos. Em segundo lugar, esse conceito, como um viés de análise, nos permite descrever e questionar fenômenos e processos midiáticos contemporâneos, observados a partir do âmbito da circulação (FAUSTO NETO, 2010, 2013; BRAGA, 2012). E então, concluir que, por tudo o que descrevemos acerca do observado nos indícios (uso dos dispositivos midiáticos e apropriação das técnicas), e acrescido à trilha sonora de fundo, os lugares que constituem o cenário da peça publicitária, talvez a MOVICEL se configure como um dispositivo interacional ou um elemento que liga as pessoas.

Figura 31 – Adolescente no seu quarto enviando mensagem pelo celular



Fonte: Youtube.

Por outro lado, a existência de imagens de adolescentes em vários lugares, usando os aparelhos de celulares, fazendo selfies deles mesmos. A música que serve de trilha sonora de fundo na intercalação entre os vários lugares que compõem o cenário da peça publicitária, nos permiti a instauração de uma nova leitura da sociedade angolana. Esta se dá com o fim do conflito armado e a abertura do país à industrialização e a instalação de empresas ligadas as novas tecnologias da informação e comunicação, o advento das TICs.

Figura 32 – Jovem na academia conversando com alguém pelo celular



Fonte: Youtube.

Em processo de descrever o que aparece no vídeo, podemos dizer que estamos diante da configuração de uma nova geração de sujeitos conectados à internet via dispositivos sociotécnicos, tecnológicos, discursivos e interacionais 24 horas por dia, e em todos os ambientes (no shopping, no supermercado, em casa, na estrada, na rua, na academia, escola, praia, no carro, de noite, de dia, na fogueira, no palco). Pois acreditamos serem as plataformas

Youtube, Facebook e Instagram que, impreterivelmente, sugerem com a contratação do serviço da internet 1 GB e outras bonificações, a compra do aparelho da MOVICEL, ou seja, uma metáfora do novo passa a ser e existir na nova “Geração M” em Angola.

Por fim, inferimos que as novas TICs, no contexto angolano, estabelecem-se como mediadoras entre a sociedade dos meios e a sociedade em vias de midiatização. Concluindo este tópico, diremos que a “Geração M” em Angola nos induz a concordar com Silverstone (2002, p. 150), quando exacerbadamente afirma a íntima relação entre mídia e consumo: “Consumimos a mídia. Consumimos pela mídia. Aprendemos como e o que consumir pela mídia. Somos persuadidos a consumir pela mídia. A mídia, não é exagero dizer, nos consome”.

A partir desses indícios é possível inferir que as quatro peças publicitárias foram produzidas e postas em circulação na rede por instituições canônicas. Configuram-se como um convite ao comércio e à integração dos angolanos (adolescentes), na sociedade de consumo dos produtos da indústria tecnológica da informação (telefonía, televisão e internet), que ocorre através da compra de dispositivos sociotécnicos, simbólicos e semióticos.

E além do mais, a compra e o uso desses dispositivos estabelece uma ponte interacional entre a família, (os avós, os pais, os esposos, os filhos e os amigos), cujas inferências resultam nas imagens das quatro peças publicitárias e, sobretudo, do discurso da letra sobre o Natal em Família: o cantar e o dançar de alegria, o comer e beber na celebração da festa do Natal em família e com os amigos. Por outro lado, há a abertura às novidades no mercado das novas tecnologias da informação, e as novas ferramentas possibilitam, ainda, a convergência digital e a comunicação em rede pelo compartilhamento, por meio dos usos e da apropriação dos conteúdos que circulam nas mídias. As novas ferramentas e TICs, com as suas plataformas, lógicas e gramáticas sociotécnicas e discursivas podem criar zonas de interpenetração e de contato que, na interação, proporcionam aos indivíduos novas ambiências e novos modos de percepção, recepção e o consumo dos conteúdos que circulam nas redes.

Por fim, compreendemos que as novas TICs, no contexto angolano, estabelecem-se como passagem entre uma sociedade dos meios e outra em vias de midiatização (MARTÍN-BARBERO, 1997; GOMES, 2006; FAUSTO NETO, 2008; BRAGA, 2011a; FERREIRA, 2007; ROSA, 2012). Ademais, segundo Heringer e Dória (2012), as mídias sociais são utilizadas pelas empresas para potencializar o relacionamento com o mercado, ou seja, como estratégia de marketing. E que as organizações estão mudando para mídias digitais para acompanhar a evolução tecnológica, social e do consumidor, como acabamos de observar e descrever nos indícios.



### **4.3.2 Percepção e observação de Mídias sociais: Tentativas de integração na esfera de produção dos bens da Indústria Cultural**

Depois da descrição dos indícios acerca da presença de empresas e instituições ligadas ao comércio e circulação dos produtos da indústria cultural, sobretudo na área de tecnologia da informação e comunicação no mercado angolano, passamos agora, para o segundo bloco, ou seja, a esfera da sociedade de produção através das mídias sociais. Kaplan e Haenlein (2010) definem as mídias sociais como sendo aplicativos digitais construídos à base da tecnológica Web 2.0. Trata-se, portanto, de uma plataforma na web onde os usuários podem criar e modificar conteúdo de forma colaborativa. Dessa forma, as redes sociais passam a ser um tipo de mídia social, caracterizadas pela integração e pela relação entre indivíduos que compartilham informações, interesses, discussões e ideias (KILLIAN; MC MANUS, 2015). Elas possibilitam a postagem e o compartilhamento de conteúdo, como imagem e informações; permitem aos usuários se conectarem por meio da criação de perfis pessoais, convidando amigos e colegas para o compartilhamento de conteúdos e relacionamentos (BUSTAMANTE; BARRETO, 2013).

No contexto angolano, a implementação de políticas nacionais na área das TICs, da regulação e universalização do conhecimento, da administração dos negócios e infraestruturas devem constituir e abranger todos os campos e práticas sociais. Aliás, a nosso ver, julgamos que o investimento nessas áreas possibilita o desenvolvimento da sociedade da informação no quadro da economia de mercado nacional e internacional; constitui enquanto garantia de oportunidades, de criação de empregos; pode ser uma forma das empresas presentes em Angola se tornarem mais eficientes e competitivas no mercado ampliado e global; uma tentativa de superação da fraca cultura na utilização das tecnologias de informação, derivada do baixo nível de escolaridade; uma possibilidade de ampliação dos benefícios dos usos das tecnologias de informação nas áreas da educação, saúde e outras; uma criação de espaços que facilitem a comunicação em rede quer interna, quer para o mundo, permitindo a visibilidade da importância das TICs no país.

Ou seja, trata-se da implementação e articulação de políticas transdisciplinares – teorias e práticas (DOMINGUES, 2001) – nos processos englobantes de ensino e aprendizagem que despertem, descubram, construam, adestrem e promovam talentos, competências epistemológicas e tecnológicas. Desse modo, possibilitam a integração dos sujeitos, não somente no mercado do consumo dos bens da indústria cultural, mas e,

sobretudo, que proporcione a sua inclusão no mercado do trabalho, da produção e circulação desses bens.

Em feito, nosso objetivo neste segundo bloco é descrever quais são os indícios ou marcas que nos permitem inferir e localizar quais passos estão sendo dados na sociedade angolana como forma de implementações de articulações políticas, rumo ao desenvolvimento humano e social (VYGOTSKY, 1996; VALSINER, 1988; GÓES, 1991), sobretudo no setor das TICs. Visando a verificação dos processos, dos desdobramentos das TICs e dos usos e apropriações das competências sociotécnicas nas interações sociais pelos sujeitos (inclusão digital), o nosso campo de observação será constituído por três vídeos. São eles: “Uso das TIC’s em Angola” (Jun., 2015); “O Projeto - Angola Online” (Nov., 2014) e “PRIMEIRO DAILY VLOG #1” (Abr., 2016). A nosso ver, eles estabelecem uma tentativa da configuração transversal entre a sociedade dos meios e à sociedade em midiatização.

#### 4.3.2.10 uso das TICs em Angola

Este vídeo de 2 minutos e 57 segundos foi posto em circulação na rede em 8 de junho de 2015, no canal do Youtube “Nova Angola”, com o título “Uso das Tic’s em Angola”. Está inscrito na categoria de Notícias e Política sobre o desenvolvimento tecnológico do país, no gênero do documentário/reportagem e produzido pelo Angola Magazine, um programa que faz parte da grade de programação da TPA<sup>18</sup>. Este vídeo, até dia 9 de fevereiro de 2018, data do acesso da seleção e da captura, tinha sido visualizado apenas 258 vezes, teve 8 curtidas, 1 compartilhamento e sem comentários. O canal totaliza 137 inscrições e possui um link para uma página no Facebook<sup>19</sup>.

Como dito acima, essencialmente, o canal “Nova Angola”, por meio de entrevistas e depoimentos tem como objetivo demonstrar as constantes transformações que acontecem em Angola na atualidade. Concretamente, tentamos descrever a peça que escolhemos: em primeiro plano pelo formato e estilo jornalístico, a trilha sonora e um efeito musical que serve de abertura. Logo em seguida, o repórter/apresentador acolhe os telespectadores e os introduz na temática do acompanhamento tecnológico: “Bem-vindo a mais uma edição do Angola Magazine. Acompanhar o processo do desenvolvimento do mundo, as tecnologias de informação e comunicação apresentam-se como verdadeiras parceiras das sociedades

---

<sup>18</sup> TPA - Televisão Pública de Angola. Uma rede de televisão estatal angolana e principal emissora de televisão do país. A sua sede oficial está em Luanda, que através da TPA1, é sintonizada através do Canal 2 VHF. Fundada aos 27 de junho de 1973. Fonte: Wikipédia.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/AngolaMagazine>.



modernas. Em Angola esse setor tem nas empresas e nos estudantes os seus principais utilizadores”.

Figura 33 – Repórter Leandro Lopes apresentando o programa da TPA: Angola Maganize



Fonte: Youtube<sup>20</sup>.

Após a introdução, o repórter em off apresenta as principais características das TICs e as vantagens que acompanham a comunicação em rede, tanto para as empresas quanto para os indivíduos na sociedade: “Agilidade, horizontalidade e a possibilidade de manusear o conteúdo da informação nos meios da digitalização e comunicação em redes. São algumas das maiores características das TICs. As tecnologias da informação e comunicação”. Durante a fala aparecem diversas imagens de adolescentes e jovens utilizando computadores, celulares, tablets, navegando nas páginas da internet nos diversos campos e práticas sociais, incluindo os centros de formação tecnológicas existentes no país. Perante esse novo cenário, nos centros urbanos e sua tendência de se estender também às periferias em todo o país, podemos entender que, a médio ou longo prazo, tornar-se-á impossível não falar de uma cultura midiática em Angola. Nossas inferências são sustentadas pelas imagens que dedutivamente desempenham as funções de “marcas” de uma sociedade em integração na esfera dos usos dos dispositivos midiáticos, de comunicação em rede, convergência digital na sociedade angolana.

---

<sup>20</sup> Todas as demais imagens foram extraídas deste vídeo e estão disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=00Gt6ABfJoI>. Acesso em: 9 fev. 2018.

Figura 34 – Adolescentes acessando a internet pelos DMs em uma das praças da Cidade de Luanda



Fonte: Youtube.

Terminada a voz em off, o programa segue com a entrevista que concedeu a Norma Zola, engenheiro e professor do CNFOTEC<sup>21</sup>. Para o pesquisador, “quando falamos tecnologia da informação pronta temos o hábito de falar de computação, mas já estamos a falar de uma forma mais ampla. Sabemos que hoje em dia, temos tudo convergindo não é, numa série de serviços disponíveis, numa única plataforma, então é por isso que nós falamos das TICs”.

Figura 35 – Norma Zola, engenheiro e professor do CNFOTEC



Fonte: Youtube.

Voltando em off, o repórter mostra imagens de dispositivos midiáticos, os alunos e o professores no laboratório de informática, na central de armazenamento de informações, estúdio de produção cinematográfica e fotográfica. Essas imagens sugerem-nos a descrição de

<sup>21</sup> Centro Nacional de Formação tecnológica, criado pelo Governo angolano em 2015, visando a implementação das Tecnologias de Informação e Comunicação nas administrações centrais, provinciais e locais para a inovação social e económica de Angola: <http://www.cnti.gov.ao/cnti.aspx?tp=pj>. Acesso em: 9 fev. 2018.

uma pauta de estratégias, que poderão servir para a implementação das políticas de inserção dos adolescentes e jovens e da sociedade em geral no mercado de trabalho. E também naquele campo de produção por parte tanto do governo angolano, ao criar o centro Nacional de Formação da Tecnologia quanto de empresas não governamentais.

Figura 36 – Sala de aula de Informática com professor e alunos



Fonte: Youtube.

O repórter informa aos telespectadores e internautas que “o ramo das TICs surgiu no final da terceira Revolução Industrial, desenvolveu-se de forma gradual na década de 70, mas foi a partir de 1990 que ganhou mais força e visibilidade. Hoje, na prática, as TICs estão presentes no uso de aparelhos como computadores, câmeras de vídeos e de fotografias, telemóveis, internet, cinema, suporte para armazenamento de dados e todo o tipo de televisão. Ou seja, as TICs estão presentes em aparelhos que dominam a atividade laboral e até mesmo o lazer”.

Continuando a entrevista com Norma Zola, o jornalista introduz a temática dando preferência à contratação da mão-de-obra especializada no mercado de trabalho, por parte das empresas nacionais e internacionais. Essa ideia é reconfirmada pelo entrevistado que diz: “as empresas hoje em dia optam mais por recrutar os que a nível técnico são os mais bem-dotados, aqueles que têm as certificações sobre os produtos pelo qual eles representam e por aí, né?”.

Após a fala do coordenador do curso Técnico da TICs, o apresentador emitindo como que um parecer dedutivo, fundamenta a sua matéria exibindo imagens que reforçam a preocupação das empresas e também dos estudantes, no sentido de acompanhar o ritmo do processo do desenvolvimento tecnológico e da integração da sociedade angolana neste setor: “É assim no mundo e também em Angola onde o setor das TICs ganha cada vez mais

seguidores, seja nas empresas que queiram acompanhar o ritmo do mundo, e também na academia onde há cada vez mais estudantes a entrar para os cursos tecnológicos”.

No vídeo posto em circulação no Youtube temos um bloco com entrevistas que também conta com a participação de dois estudantes: Bruno Soares e Lélia de Almeida, do Centro Nacional das Novas Tecnologias em representação do público masculino e feminino, respectivamente. E, como materialidade, suas entrevistas também são intercaladas com as imagens da sala de aula e equipamentos tecnológicos.

Segundo Bruno Soares, “tendo em conta a importância da tecnologia se calar daqui a mais anos aqui em Angola quem não tiver ligado à tecnologia pode ser considerado um analfabeto, pela importância da tecnologia no mundo e principalmente no nosso país. Por isso que eu escolhi a tecnologia”.

Figura 37 – Bruno Soares, estudante das Telecomunicações no centro Nacional das Novas Tecnologias Informação (CNTI) em Luanda



Fonte: Youtube.

Por sua vez, Leila de Almeida, reconhecendo o domínio das tecnologias no mercado mundial, diz que “as TICs hoje em dia dominam o mundo. Então o que me fascina é estar num curso em que eu posso ter o domínio de praticamente todas as áreas numa só”.

Figura 38 – Leila Almeida, estudante das Telecomunicações no centro Nacional das Novas Tecnologias em Luanda



Fonte: Youtube.

O vídeo é encerrado com o discurso do repórter dizendo: “Mais do que um novo modo de comunicação, as TICs proporcionam também o aumento da qualidade na prestação de serviços”! Portanto, essa nova ambiência em construção exige do governo e das empresas privadas a elaboração de projetos de capacitação e de promoção de políticas, com o teor de alfabetização e inclusão digital (ALMEIDA;COGLE, 2006) dos jovens angolanos. Haja vista que Angola vive a era da cultura da mobilidade (LE MOS, 2009), na qual os dispositivos móveis como celulares, smartphones, notebooks e tablets exigem uma ampliação do debate.

Assim, tudo indica que a competência e o domínio, os usos e as apropriações das tecnologias e das informações tornaram-se “fonte alimentadora das engrenagens indispensáveis à hegemonia do capital”. (MORAES, 1998, p. 50). Porém, é fundamental reconhecer que a tecnologia e a cultura da mobilidade por si só não garantem a qualidade educacional, pois sua utilização depende da intencionalidade pedagógica. Esta ampara o processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, 1999; KATCHIPWI SAYLA, 2012), para que todos sejam incluídos digitalmente na engrenagem hegemónica do consumo e da circulação dos bens da cultura midiática, na sociedade de fluxos e da informação (CASTELLS, 1996; 1997; 1998) em midiatização.

#### 4.3.2.2 Projeto – Angola Online<sup>22</sup>

O vídeo intitulado “Projeto - Angola Online”, posto no fluxo pelo canal do Youtube “Angola Monitor”<sup>23</sup> no dia 13 de abril de 2015, possui 1964 inscrições. Até dia 12 de janeiro

<sup>22</sup> Este vídeo pode ser acessado através do link: [https://www.youtube.com/watch?v=nUe8\\_33XfvA](https://www.youtube.com/watch?v=nUe8_33XfvA). Acesso em: 12 jan. 2018.

de 2018, quando o acessamos, selecionamos e o capturamos, somava 795 visualizações, curtidas 11 e 2 comentários. Produzido de igual modo pelo Angola Magazine, um programa que faz parte da grade de programação da TPA, também se insere na categoria de Ciência e Tecnologia.

Por meio de entrevistas e depoimentos, ele tem como objetivo mostrar as constantes transformações que acontecem em Angola depois da guerra civil. É nesse contexto em que se situa o projeto “Angola Online” lançado pelo Governo angolano em 2015. Tem como objetivo disponibilizar internet gratuita nas ruas de Luanda, e posteriormente, estender-se a todas as províncias para a promoção da inclusão social e digital em Angola, conforme afirma a repórter na abertura do programa: “Internet nas ruas de Luanda é o que oferece o Projeto ‘Angola Online’ para promover a inclusão digital e social dos angolanos”.

Figura 39 – Repórter apresentando o Projeto Angola Online no programa Angola Maganize da TPA



Fonte: Youtube<sup>24</sup>.

Na tentativa de descrever os indícios e as marcas inferenciais, partimos da observação de que o programa abre com uma trilha sonora. Como no primeiro vídeo deste bloco, após a introdução da matéria vem uma série de pareceres de pessoas ligadas ao governo enquanto idealizador e gestor do projeto, por parte dos formadores (professores), técnicos e estudantes do Centro Nacional das Tecnologias da Informação ou simplesmente usuários das redes sociais.

---

<sup>23</sup> O Angola Monitor é uma janela aberta de Angola para o mundo. Um espaço de partilha da identidade de Angola que agrega notícias, vídeos e imagens. E onde pode explorar os melhores restaurantes, hotéis e encontrar algumas ofertas de emprego e dicas para trabalhar em Angola. Foi criado em 19 de junho de 2014. Disponível em: <https://twitter.com/angolamonitorpt?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2018.

<sup>24</sup> Todas as imagens desse, podem ser acessadas pelo link: [https://www.youtube.com/watch?v=nUe8\\_33XfvA](https://www.youtube.com/watch?v=nUe8_33XfvA). Acesso em: 12 jan. 2018.



Depois da abertura, no programa vem uma voz da repórter em off: “o ‘Angola Online’ é o nome da internet de Banda Larga e acesso público gratuito em pontos estratégicos da cidade de Luanda. O projeto está à cargo do CNTI<sup>25</sup> e os jovens o aprovam”.

Antes de entrarmos no depoimento dos adolescentes e jovens, comentamos a imagem do CNTI que aparece no vídeo, buscando o que foi dito no segundo vídeo do primeiro bloco: “Facebook grátis para chegar a todos. Só na Movicel. Podes ter Facebook grátis sem gastar saldo. Envia “Facebook” para 192 00. Movicel vamos longe!” Embora o discurso não se verbalize, inferimos que esteja subentendido e se materialize no ângulo fotográfico do centro e no avião em voo apontando para o infinito do céu.

Figura 40 – Prédio do Centro Nacional das Novas Tecnologias Informação (CNTI) localizada na Cidade de Luanda



Fonte: Youtube.

Talvez esta imagem nos queira dizer que, com o Centro das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação Angola vai longe, como acontece com a operadora de telefonia móvel a MOVICEL. Até porque ela é antecedida pelas imagens de adolescentes navegando pelas páginas da internet, por meio dos dispositivos midiáticos nos pontos estratégicos da cidade de Luanda, tentando mostrar e provar a realidade social em eminência no país.

---

<sup>25</sup> Centro Nacional das Tecnologias da Informação. Disponível em: <https://bit.ly/2xtw4qZ>.

Figura 41 – Adolescentes acessando a internet pelos notebooks em uma das praças da cidade de Luanda



Fonte: Youtube.

A seguir, o vídeo apresenta o depoimento acerca dos benefícios que o projeto traz para a sociedade angolana por meio de dois adolescentes estudantes do CNTI. Assim, para Rui Luís, o projeto da internet gratuita nas principais ruas de Luanda, “facilita de certa forma os jovens e aquelas pessoas que não têm a possibilidade de comprar um cartão de saldo ou recarregar o telefone. Mas graças a este ponto as pessoas têm acesso gratuito à internet. No telefone a pessoa navega, vai às redes sociais, está sempre a fazer pesquisas”. Por seu turno, Isano Augusto descrevendo as razões do porquê os alunos gostam de navegar na internet, destaca como característica fundamental a versatilidade: “Vejo que os alunos do INTI navegam e gostam da Net mesmo. Porque a Net é rápida, já comprovei isso. E vi a Net é mesmo rápida”. Terminado o depoimento destes adolescentes, o repórter objetivando localização do projeto afirma estar “sediado nas instalações do CNTI. E é aqui que se percebe como foi concebido, quais os seus objetivos e como funciona”. Para saber como esse projeto funciona a repórter entrevistou o coordenador do Projeto, o Sr. Pedro Pitra.



Figura 42 – Coordenador do Projeto Angola Online, Pedro Pitra



Fonte: Youtube.

Segundo ele, “o projeto Angola Oline consiste nas instalações de pontos de acesso público de internet em diversos pontos da cidade de Luanda. É um projeto sem fins lucrativos. É um projeto do Ministério das Telecomunicações, e está dentro do projeto de inclusão digital, que é uma iniciativa do ministério de dar acesso à tecnologia da informação às pessoas. Durante duas horas, em um determinado local as pessoas podem navegar sem ter que pagar absolutamente nada”.

Aliada à gratuidade do uso da internet disponibilizada pelo CNTI, há a necessidade de setores e departamentos que possam garantir, controlar e manter a qualidade desses serviços, o que segundo a repórter, “requer muita atenção e uma monitorização constante”. E então em entrevista ao chefe de infraestrutura e serviço partilhado, Hermenegildo Luheta, o centro dispõe de “uma unidade que é a central de serviço que garante a monitorização. Temos outra unidade técnica que garante a operacionalização e uma unidade de planeamento que então é onde se faz a parte de engenharia de todos os projetos e processos em termos da nossa unidade de serviços. Bom, podemos dizer que é através desta infraestrutura que podemos monitorar, podemos garantir a estabilização da informação relativamente ao projeto Angola Online”.

Figura 43 – Chefe de Infraestrutura e Serviço Partilhado, Hermenegildo Luheta



Fonte: Youtube.

E para controlar o tempo de cada usuário, os IP de todos os dispositivos e os locais de conexão, o Centro conta com a Central de Serviços ou de monitoramento. Para a técnica da Central de Serviço, Noémia de Carvalho, este controle é feito por meio do aplicativo “IN CONTROL”. “Este aplicativo, permite que nós cá na central de serviço, façamos a monitorização de 24/24 horas. E dentro dessa página ele nos permite mostrar todos os dispositivos conectados e aqueles dispositivos que estão em Off-line. E ele faz já também uma somatória automática de todos os clientes que estão a ascender em cada ponto”.

Figura 44 – Técnica da Central de Serviço, Noémia de Carvalho



Fonte: Youtube.

Feitas as recolhas de informações sobre o funcionamento do CNTI, a repórter recolhe depoimentos tanto de alunos quanto de professores e técnicos sobre a importância da internet no âmbito acadêmico. Assim, introduz as entrevistas dizendo que no contexto angolano, o “acesso à internet tem se tornado cada vez mais necessário para o melhoramento do

desempenho acadêmico de muitos jovens. Os estudantes do Instituto Nacional de Telecomunicações, por exemplo, dizem estar sentindo as vantagens”.

Em representação de todos os alunos do Instituto Nacional das Tecnologias da Informação e Comunicação, Isano Augusto diz ser a internet uma grande e indispensável ferramenta nas pesquisas durante as aulas:

*Visto que já estamos nos últimos meses do ano os professores estão mandando mais trabalhos. Então para aqueles que têm dificuldades às vezes vão à casa de um colega, de um amigo. Para não acontecer isso, essa internet, veio para ajudar. As vezes a pessoa fica, sai um pouco mais tarde da escola. Mas vale a pena. Porque a Net fica ligada até tarde e as pessoas baixam tudo aquilo que os professores mandam fazer.*

Para Adriano Lopes, que representa a classe docente do mesmo instituto, a Internet e os centros das novas tecnologias são como as fontes de consultas, que antigamente eram feitas em bibliotecas nas escolas e centros educacionais. Ou seja, em tempos passados, alunos e professores utilizavam livros para consultar os materiais que nós usávamos nas aulas em centros tecnológicos. Mas hoje em dia nós pegamos os books na internet. Então todos os alunos, todo o professor precisa sempre da internet para poder consultar os books de alguns componentes.

A internet, para além de vir a ser fonte de pesquisas acadêmicas, por meio de sites de buscas como o Google Acadêmico, os acervos de anais de eventos e as bibliotecas on-line de universidades também podem ajudar no desenvolvimento de projetos. A informação é do técnico de informática, Joel de Oliveira: “Para nós informáticos se é que não esteja em erro, a internet é o principal meio para desenvolver os nossos projetos”. Segundo a repórter, as autoridades angolanas reconhecendo o grande contributo que a internet pode dar à sociedade rumo ao desenvolvimento do país, para o ano de 2015, “foi projetada a montagem de 20 pontos de acesso em Luanda”.

Embora inicialmente esteja instalado em Luanda, o coordenador do Angola Online, Pedro Pitra, informou à repórter que chegará a outras províncias. “Vamos atingir até o final deste ano os 20 pontos aqui em Luanda e depois lá no próximo ano e já vamos começar a ir para outras províncias”. Estamos, portanto, diante de um discurso de uma inclusão digital ao nível nacional. Para tornar evidentes as marcas jornalísticas tendo em vista a cultura de uma produção social participativa ou colaborativa entre o governo, empresas, e os cidadãos (atores sociais), a repórter fecha a edição com o seguinte discurso: “Atualmente o Angola Online registra uma média de 50 mil utilizadores por mês. Assim termina esta edição do Angola

Magazine, um programa que mostra o novo rosto desta Angola que diariamente constrói. Se quiser voltar a ver esta e outras reportagens faça-o pela página do Angola Magazine no Facebook/ youtube.novaangola”.

Figura 45 – Adolescentes em uma das praças da cidade de Luanda acessando páginas da internet através dos DM



Fonte: Youtube.

#### 4.3.2.3 Primeiro Dailly vlog #1

O terceiro vídeo de, 9 minutos e 37 segundos “PRIMEIRO DAILY VLOG #1” foi posto em fluxo na rede no dia 19 de abril de 2016 no canal de Adilson Manuel. O canal é intitulado “PROIBIDO VER”, contém 6.856 inscritos, e situa-se na categoria de pessoas e blogs com a licença padrão do Youtube e apresenta como trilha sonora a música: "Tá Doce" de Cef, Young Double, Lil Saint & Big Nelo (iTunes). Até fevereiro de 2018, data da sua seleção e captura, o vídeo foi visualizado 3.156 vezes. Dos que visualizaram o vídeo, 3153 pessoas gostaram, 3 não e 53 deixaram comentários diversos. Nenhum dos que o visualizaram fez o compartilhamento.

Na descrição dos observáveis destacaremos o protagonismo de Adilson Manuel. É um adolescente angolano residente na cidade de Luanda que, para além do canal do Youtube, possui contas no Twitter<sup>26</sup>, Facebook<sup>27</sup>, no Instagram<sup>28</sup>, e no Snapchat<sup>29</sup>. O adolescente se assume como protagonista não só do vídeo em si, mas perpassa por todos os papéis desde o de jornalista apresentador, por ator, produtor, diretor, prestador de serviços de utilidade pública,

<sup>26</sup> O endereço do adolescente está disponível no fluxo através do link: <https://twitter.com/LadilsonManuel>. Acesso em: 15 fev. 2018.

<sup>27</sup> Por sua vez o Facebook pode ser visualizado pelo link: <https://www.facebook.com/profile.php?>. Acesso em: 15 fev. 2018.

<sup>28</sup> Já o Instagram através do link: <https://www.instagram.com/ladilson3g/>. Acesso em: 15 fev. 2018.

<sup>29</sup> E o *Snapchat* em: ladilson3g. Acesso em: 15 fev. 2018.

um influente na política internacional, analista crítico e descritivo do sistema econômico e social angolano, empresário e proprietário de uma agência de produção cinematográfica, morador de um bairro pobre, de um bairro de luxo e do papel de câmera man.

Na produção deste vídeo, o adolescente conta com a participação dos seus amigos que fazem o papel de âncoras-repórter. Como Jornalista, apresentador e câmera man ele faz a abertura do vídeo em selfie dizendo: “Sejam bem-vindos ao primeiro canal Daily Vlog do Proibido Ver. Vim aqui acompanhar o meu Puto Agel. Estamos na área. Temos uma gravação do só para saber do de graça. Vim apanhar o Agel e o Anderson. Vamos fazer uma filmagem. Fiquem atentos”.

Figura 46 – Adilson Manuel, um adolescente residente na cidade de Luanda e proprietário de uma central de produção amadora de vídeos e do canal no Youtube



Fonte: Youtube<sup>30</sup>.

Por meio de um discurso jornalístico, convida os teleinternautas a acompanhar com atenção o conteúdo da sua filmagem. Acompanhando o vídeo, verificamos que ele começa em um bairro da periferia de Luanda, com características de “favela”, pobre, sem saneamento básico, com as ruas esburacadas e cheias de água e lixo. As pessoas circulam e fazem a sua rotina diária tanto como comerciantes ambulantes, quanto clientes, taxistas e passageiros, trabalhadores e desempregados, estudantes e não estudantes.

Podemos assim dizer que com marcas de um jornalismo crítico e social, o adolescente inicia mostrando a realidade social, econômica, histórica e política não só do seu bairro, mas da cidade de Luanda e com a amplitude nacional. Atendo-se ao convite endereçado aos três amigos para participarem da filmagem e gravação do vídeo, e outro dirigido aos teleinternautas, o vídeo parece conter dois convites à sociedade angolana. O primeiro pode ser

<sup>30</sup> Esta e as demais imagens deste vídeo estão disponíveis no *Youtube* através do link: <https://bit.ly/3cs11gn>. Acesso em: 15 fev. 2018.

para uma leitura crítica e satírica sobre os problemas das desigualdades sociais instaladas no país. E o segundo para uma mobilização consciente da sociedade, para a busca de alternativas na luta pela superação das crises através de um processo colaborativo e participativo. Isso, porém, exige um árduo trabalho, que implica enfrentar inúmeras barreiras, tais como os complexos de inferioridade por parte dos pobres e excluídos, e por outro lado os de superioridade pelos detentores de poder. E então, na tentativa de busca do reconhecimento, identidade e cidadaniados adolescentes, apropriando-se das lógicas dos usos dos dispositivos interacionais e das competências socio-técnicas-discursivas próprias dos processos agonísticos da mediatização, procuram, entre complexos tanto de inferioridade quanto de superioridade, descrever e reafirmar as duas realidades sociais em Angola.

As conclusões são frutos da interpretação do diálogo de Anderson reagindo às imagens capturadas por Adilson, em que diz: “Não liguem o meu bairro tem bwé de água [...]. Não mostre isso [...] Não! Isso é só um improviso. Editamos [...]. Esse bairro não é nosso. Só estamos a passar. É mentira!”. Não concordando com a situação social de pobreza e falta de saneamento básico e higiene, Agel reforça o desejo da não exposição: “Não mostre isso. Xé não mostre isso. Pocha. Não mostre este mambo”. O discurso desses adolescentes pode estar carregado de complexos de inferioridade. Mostrar a sua realidade social nas telinhas dos celulares, notebooks, tabletes e compartilhá-la nas redes sociais a partir de suas contas na internet, significaria para eles uma realidade humilhante e desumana. Adilson, como jornalista amador, tem como preocupação mostrar a situação factual. Por isso, sem emitir juízo moral sobre o certo ou o errado, responde aos seus amigos afirmando: “Vou mostrar o que é se é isso que tem”. Inferimos por meio dessas palavras que talvez seu objetivo seja tão somente o de mostrar os fatos, tal como eles existem na realidade, sob o ponto de vista ontológico, epistemológico e comunicacional.

Figura 47 – Adilsom Manuel e seus amigos passeando pelas ruas do bairro pobre de Luanda



Fonte: Youtube.



Sob angulações da ambiência em construção com o surgimento das TICs em Angola, as imagens e os discursos desses adolescentes parecem ser de caráter agonístico, pois envolve a problemática do existir, aliada à percepção, e do conhecer à recepção, respectivamente. Nesse contexto, assim como acontece nas grandes mídias, também aqui, pelo que nos parece, o fato de mostrar a pobreza do bairro, pode ser um artefato da prática comunicativa, sobretudo na era da comunicação em rede e da convergência digital, onde o existir passa a ser sinônimo de ser conhecido, por meio do “clique” ou “like” da plateia (LÉVY, 1999; SODRÉ, 2002). Ou seja, estamos a querer sustentar a ideia de que a internet propicie e cria aos usuários um ambiente no qual o mostrar-se se torne mais importante que o “ser”; um ambiente de consumo em massa seja instantâneo e desenfreado, e como se não bastasse, faz da vida um espetáculo.

Por fim, diríamos que a filosofia do roteiro da produção desse vídeo parece ser sustentada por uma disputa de poder existencial, em que ser percebido e reconhecido constitui a triunfo, a vitória e a razão de ser dos sujeitos envolvidos.

Figura 48– Adilsom e seus amigos atravessando a rua no bairro de Luanda



Fonte: Youtube.

Adilson introduz a fala: “Acabamos de chegar a Cimagol. Se o Cliton não chegar aqui. Sabe o que eu vou lhe fazer”?, em seguida aparece em uma tela uma interrogação e uma imagem respondendo. A pergunta é repetida com a alteração de voz. E em seguida, introduz um efeito de voz e uma tela com um personagem respondendo: “não”. O âncora responde: “Vou lhe esperar”. Outro vulto entra de baixo para cima –“Zacarias dos trapalhões?”– e diz: “wau”, e sai de cena.

Destacamos nas imagens e nos discursos o recurso e a competência tecnológica, na medida em que o vídeo, ao mesmo tempo em que passa a impressão de ser ao vivo e retrate uma realidade concreta de Angola, ele traz enxertos de tracks que circulam em outros

ambientes e lugares, com discursos e imagens de atores retirados em seriados como os trapalhões.

Figura 49 –Zacarias (ator brasileiro dos trapalhões), Adilson e colegas



Fonte: Youtube.

No âmbito das imprevisibilidades entram vozes ao ar. Essas vozes que servem de fundo musical de cobradores dos candongueiros<sup>31</sup>, que fazem ligações entre os principais bairros e municípios de Luanda chamando passageiros: “mutamba, mutamba, mutamba”. Em seguida, Adilson como repórter e diretor da produção retoma a direção: “Combinamos em 10 minutos. Já se passaram mais de 10”. Mais um flat exclusivo dos cobradores interrompe a cena: “Mianga, mianga, mianga; waacuaco, wacuaco wacuaco”. Agel: “Zamba 2, Zamba 2, Zamba 2”. Não conseguimos decifrar qual é o verdadeiro significado das vozes dos compradores dos taxis. Todavia, podemos presumir que seja para compor o cenário, ou para preencher os vazios provocados pela demora de um dos componentes da equipe de produção. Ou também para mostrar o intenso trânsito, a vida agitada e da luta pela sobrevivência dos moradores da cidade de Luanda.

O fim do conflito armado não seria o momento de contemplar a luz do sol, que se levanta a cada dia convidando todos para a alegria sem fim? Como entender a disparidade, ao invés do dia, surge a noite; e no lugar da luz, as trevas. Assim, nos incita a pensar o discurso do personagem do vídeo<sup>32</sup> que extraído do interior do vídeo de Adilson: “Aqui tá noite! Não era para estar de dia? Aqui está de noite e lá fora está claro”. O vídeo nos leva a fazer uma leitura particular sim, mas com reflexos internacionais, na medida em que pode espelhar múltiplas realidades além dos muros territoriais.

<sup>31</sup> Carros de transporte público de propriedades particulares que fazem o papel de taxis, mas sem registro oficializado pelo Ministério da Fazenda.

<sup>32</sup> Osol ta muito quente? De noite. Pó. É para ta lua. Lá o sol?!



Figura 50 – Imagem de adolescente extraída do vídeo do canal VivaVideo



Fonte: Youtube.

Assim, perante os abismos das desigualdades sociais entre ricos e pobres, barracos e casas, entre condomínios de luxo e bairros, exibir um carro ou uma moto, entrar em um shopping ou uma loja de conveniência em posto de gasolina, transitar por uma avenida com uma roupa de grife e um aparelho de filmagem ou celular iPhone X, pode granjear status e signo de alguém de poder aquisitivo alto, capaz de comprar o que bem quiser e atrair benefícios como dá a entender Adilson, Agel e Anderson em seus discursos.

*Adilson: “We vamos entrar lá nas bombas com celular na mão para aproveitar o ar condicionado. Tipo queremos comprar algo e vamos embora. Né?”. Adilson: “não estão atendendo aí? Está fechado? Estão atendendo por aí? Está fechado? Já (Ok) fechou porque? Isso não é 24 horas?” Agel: “não está aberto. Mas não dá para entrar. Estão atendendo por aí”. Anderson: “aí não fica um buraco? Ah.” Adilson: “e se eu quiser comprar algo grande que não passa por aí? Tipo um carro. Vás aonde então? Orra! Não estamos aqui. Aqui tem muito sol. Mas rápido”.*

Em meio a crises financeiras, econômicas e políticas instaladas no mundo inteiro, que tornam as pessoas reféns dos sistemas opressores e destruidores do sentido do ser e existir no tempo e no espaço, há necessidade de emprendermos esforços e políticas que apelem pelo direito a uma vida de qualidade, uma digna moradia, a saúde, a educação e a segurança. A garantia desses direitos constitui-se como o disparador do reconhecimento dos indivíduos enquanto cidadãos de um país, que por força de trabalho, tem como tarefa primordial se construir e reconstruir, desenvolver humana, social e tecnologicamente. Ao contrário, a sua negação reduz os cidadãos à categoria de coisas sem presente e futuro. Anderson e Adilson em tom de descontentamento, mas sem perderem a esperança, fazem um convite autorretrátil ideológico. Convidam as pessoas a fazerem uma leitura autocrítica social, para algo que chamaríamos de um trabalho de busca de identidades perdidas (BERGER; LUCKMANN,

1996; DUPUIS, 1996; LOPES, 2001), cujas metáforas se fazem presentes nesta fala: “Estamos bumbando nos perdidos e achados. Yá? Estamos vendo o que? Eh se você vir este vídeo e ver o seu Bilhete liga”.

Figura 51 – Vitral de perdidos e achados



Fonte: Youtube.

Durante os desdobramentos do vídeo muitas outras relações podem ser feitas. Por exemplo, o episódio dos bilhetes de identidades achados e colocados na vidraça da loja de conveniência no posto de gasolina, pode ser metáfora de todas as crianças, adolescentes e adultos que sofreram as consequências da guerra e do sistema corrupto instalado no país, assim como aqueles que lutam pela sobrevivência.

Figura 52 – Adilsom e seus companheiros na praça de Taxis



Fonte: Youtube.

Ver o vídeo, reconhecer a pessoa cujo bilhete de identidade perdeu e foi achado; ligar ou apenas curtir o vídeo, caracteriza o vídeo como de utilidade pública, e também corresponderia ao signo de todos aqueles que são excluídos pela pobreza, sendo uma situação causada pelo sistema instalado na sociedade angolana. Assim, encontram nas redes sociais

uma arena de poder para expressarem os seus desejos, ânsias, suas insatisfações, sonhos perdidos e frustrados, que fazem da vida um inferno e compromete o exercício de cidadanias.

*Adilson: “Lucia Patrícia Felisberto. Não é tua família?” Anderson: “As pessoas que vão ver não conseguem ver a câmara. Né? Conseguem ver a câmara?” Agel: “Conseguimos”. Adilson: “Estão a ver o Laton aí atrás? Olha o Laton. Ahm, um ano a tua espera.” Laton: “isso é o que?” Adilson: “we ainda perguntas?” Anderson: “perguntou o que?” Adilson: “Isso é o que?” Laton: “Não é o que está na mão dele. Mas isso é o quê, que ele está a fazer? Janiquim”. Adilson: “Daily Vlo. Vlog. Daily Vlog. Quero adotar este novo estivo de vida para o meu canal. Acompanhe um cochi (pouco) do que um gajo faz. Um gajo não é famoso, mas faz nada de especial. Mas aquele bocado mesmo [...] se quiserem mais é só deixar aí em baixo [...]. Se gostaram do vídeo e não das pessoas que estão aqui também comentem para passa a lhes tirar dos vídeos. Yá?”. Laton: “Esta é a gravação de Adilson, e nós sabemos disso”.*

Portanto, inferimos que o diálogo dos adolescentes no vídeo pode ser considerado uma representação, uma luz no fundo do túnel que promete esperança. E para tal, na contramão dos poderes, parece ser uma conclamação, uma conscientização e mobilização para uma luta solidária. Essa luta em busca de reconhecimento da dignidade humana, política, social e econômica da sociedade em geral para uma mudança de mentalidade, a voltar a sonhar e crer na possibilidade de melhores condições de vida e novos espaços de ser e de viver na sociedade angolana.

*Adilson: “Acabamos de subir num taxi particular, uma vam (micro-ônibus). Yassi só nosso. Estavam nos metendo um mambo<sup>33</sup> bem apertado. Esse mando onde estavam para nos meter parece geleira é o que?” Laton: “eles têm que saber se querem geleira ou carro com AC. Estas a ver?” Adilson: “AC é o que?” Laton: Ar condicionado. Adilson: “Mentira”. Laton: “AC é cigarro”. Agel: “chamando - Promo, promo, promo (promoção). Laton: “graça, graça, de graça. Vão me pagar. Anderson: essa marca não”. Adilson: “promoção no meu canal, não. Vocês vão me pagar senão vou apagar essa barra na edição”.*

Pelo que parece, os adolescentes começam a darem-se conta da situação de desigualdade social e do sistema opressor. Sentindo-se os que mais sofrem as consequências da desigualdade, de uma forma teatral, cômica e metafórica vão ensaiando os seus discursos de crítica de descontentamentos. Os adolescentes aos poucos vão revelando que os seus olhos e consciências estão se desvelando e vão se dando conta da sua condição de explorados pelos

---

<sup>33</sup>Expressão (gíria) usada em Angola, como metáfora de situação ou problema. No caso aqui, significa um veículo sem condições mínimas de viagem.

detentores do poder econômico, político, financeiro que os convertem em vítimas condenados a ver o mundo e a vida pelas telas de um celular.

Figura 53 – Adolescentes dentro do taxi fazendo Lives



Fonte: Youtube.

Por outro lado, com o desenvolvimento tecnológico na área da Informação e Comunicação, sobretudo na internet, acreditando no seu potencial, entendem ser apenas questão de tempo. Neste vídeo, a viagem dos adolescentes do bairro pobre para a zona alta pode ser metáfora de um país que está em fase de transição, conforme as palavras de Adilson: “Chegamos ondem não tem água. Quer dizer. Quer dizer, tem: do mar e não da chuva”.

Figura 54 – Paisagem da avenida beira mar na cidade de Luanda



Fonte: Youtube.

Profeticamente falando, eles parecem estar a anunciar a destruição das barreiras entre a periferia, composta por bairros de pobres sem infraestruturas dignas. Conforme a materialidade do vídeo, é notório a gritante disparidade entre o bairro dos pobres e o dos ricos. Em seu discurso, Adilson apenas destaca o fenômeno da existência da água. Para as crianças, adolescentes e os jovens das periferias ao saírem de suas casas em tempos chuvosos

não encontram alternativas, senão passar pelas águas paradas que ficam, muitas vezes, por meses nas estradas e ruas, e o pior é que às vezes as crianças fazem dessas águas o campo de diversão dividindo o espaço com lixo.

Portanto, para as periferias a água se converte em signo, e é causadora de diversas epidemias que levam até à morte por falta de esgotos e de saneamento de infraestruturas (casas, estradas e ruas). Todavia, para o público dos centros urbanos a água é signo de status, proporcionadora da saúde, lazer e diversão. Viver onde não há água, a não ser do mar, não é privilégio para todos, e sim para quem tem poder em todos os âmbitos, sobretudo financeiros e econômicos. Assim, a água também pode ser conotada como um símbolo de exclusão social. Para melhor espelhar a realidade excludente em Angola, Adilson assume os vários papéis protagonizados por eles. Nas interpretações podemos destacar o de um empresário adolescente, e o jovem exibe para o seu público o seu alto padrão de vida com um celular de marca, conectado ao fone de ouvido, um triplex à beira da praia e um carro na garagem.

Figura 55 – Prédio onde fica o estúdio de produção de Adilson



Fonte: Youtube.

Depois de mostrar em seu vídeo o triplex, passa a seguinte informação: “Este é o meu edifício. Como vocês podem ver aí o meu carro. Deixei o meu rruca... para... não sei se deixei dentro para quem... com todos estes vidros. Mas deixei. Yá? Mas é meu”. Será uma crítica às pessoas ricas que estão acumulando riquezas para si, sem saber para quem deixarão quando morrerem, enquanto a maioria da população está sem nada? Ou será uma projeção em busca de notoriedade e status social? Não é nosso objetivo entrar nesse mérito. Estamos apenas fazendo uma leitura livre e espontânea.

A verdade é que o adolescente continua desafiando as nossas capacidades inferenciais. Em seu monólogo e com ares de grandezas evoca e se coloca acima de nomes de pessoas famosas e de poder mundial, tais como Barack Obama, ex-presidente dos Estados Unidos:

“Acabei de receber agora uma mensagem do Obama. Ah. Obama perguntou qual é a ideia? Não vou responder”! Será esta enunciação uma crítica à corrida desenfreada das potências internacionais (Estados Unidos da América, Portugal, Brasil e tantos outros) em busca das riquezas e recurso naturais, sobretudo petróleo e diamantes em Angola? Que tipo de ocupação ele se refere ao chamar a atenção com as palavras “Como vocês podem ver estou ocupado. Estou a gravar vídeo”. “Se ele tiver Kuk (poder), me ligue. Porra. Ele que me ligue. Ele está comendo os impostos. Se eu lhe ligar vão me cobrar impostos”. Não será antes uma metáfora do abandono a que estão entregues milhares de crianças, adolescentes e jovens? Será uma sátira ao sistema de corrupção estrutural e generalizado na sociedade angolana um dos custos mais caros do planeta? Procurando uma justificativa, afirma: “Deitar lixo é cumbú (dinheiro), luz é cumbú, banhar na praia é cumbú. Xé”!

Ao direcionar a câmera e focar a paisagem da praia, os prédios as ruas, avenidas e os carros de luxo, terá o vídeo desse adolescente a pretensão de mostrar o desenvolvimento, as riquezas e as belezas do país, ou a revelação da sua indignação contra o sistema corrupto que marginaliza o pobre? Será como forma de lutar pela reconstrução, preservação, e respeito às riquezas, à soberania, à cidadania e identidade própria dos angolanos? Não é nosso objetivo responder a essas indagações, senão apenas como marco reflexivo da realidade social em Angola.

Adilson e os seus amigos, dirigindo-se à porta do suposto estúdio de gravação improvisado, fazem um discurso transnacional e apresentam-no como sendo da Globo: “Chegamos ao estúdio de gravações da Globo. Mi I’m my keike”<sup>34</sup> (eu estou o meu coração).

Reconhecemos aqui que ele esteja nos convidando a fazer do seu estúdio o coração do mundo, e a inscrevê-lo no nível mais alto e poderoso do padrão de produção cinematográfica (filme, seriados, novelas e os demais programas televisivos) de jornalismo em todo o Brasil. Porém, em uma sociedade desigual, pelo que parece nem todos têm o privilégio de entender o que se passa e estão tentando disfarçar a sua condição de sedento. Agel interage com os companheiros: “Mambo da cuca, wy não vamos participar?” Adilson: “Isso é o que? Também não sei. Vamos lá então saber”. Adilson responde: “Ché Facebook”.

---

<sup>34</sup> Eu estou o meu coração (tradução livre nossa).



Figura 56 – Adilson e seus amigos abrindo a porta de acesso ao estúdio



Fonte: Youtube.

Com as palavras “primeiro as senhoras deverias ser o último”, Laton intercepta Adilson, que imediatamente responde: “eu entrei por”. E continuando apresenta o estúdio aos amigos que na qualidade de convidados, participam da produção cenográfica e gravação do vídeo: “Yes I’m came back<sup>35</sup>. Todo pronto, todo pimba. Poderia falar tudo em inglês. O problema são vocês que não vão entender”. Intervindo, Agel acrescenta “não vão entender nada. Yá?<sup>36</sup>”.

O uso do inglês ao entrar no estúdio de gravação, para além de evocar o poderio dos Estados Unidos sobre o comércio internacional, nesse contexto pode ser signo da centralidade do polo internacional da produção da indústria cenográfica como Hollywood, um distrito da cidade de Los Angeles, na Califórnia. Uma vez que esse distrito possui grande importância na constituição da identidade cultural dos Estados Unidos, se tornou famoso mundialmente pela concentração de empresas do ramo cinematográfico e pela influência que exerce na cultura global (ORTIZ, 1994; BAUMAN, 2000; SEVCENKO, 2001). Os produtores de cinema destacaram-se em Hollywood em busca de luz natural disponível no local. Figurativamente, podemos afirmar que Adilson considera esse distrito como a fonte inspiradora do seu estúdio, e conseqüentemente da sua produção cinematográfica. Adilson, em tom sarcástico, ao direcionar a câmera para o aparelho do AC, faz uma interpretação simbólica, a sua ressignificação e considera-se patrocinado por Hollywood. Então afirma que é “devido ao patrocínio do ar condicionado, podemos ter aqui notícias frescas”.

<sup>35</sup> Sim, eu estou de volta. Tradução livre nossa.

<sup>36</sup> Expressão idiomática que significa, nem?

Figura 57 – Adilson e seus amigos dentro do estúdio em ensaios técnicos para a gravação



Fonte: Youtube.

Embora seja notória a influência cultural de Hollywood, há necessidade de reconhecer que ainda a sociedade angolana precisa caminhar muito. Por isso, Agel, consciente dos passos que devem ser dados, interroga: “Notícias frescas?”. Essa interrogação poderia ser associada à do Agel, anteriormente frisada: “Não vão entender nada. Yá?” E então o discurso sobre notícias frescas não passaria de uma miragem para os adolescentes. Se enquadrada numa conjuntura de provas testemunhais discursivas, tais como a imagem em close de Anderson, que apesar de estar no estúdio com ar condicionado, aparece com a boca ressecada dizendo: “Estou com a boca seca não dá para entender”. Suscitam comentários tanto das imagens quanto os discursos assim colocados, pois a expressão “não dá para entender”, coloca-nos em dúvidas se ele se refere ao paradoxo entre ricos e pobres, provocados pela corrupção; se a comparação entre o estúdio de Adilson com o da Globo; se entre o poder do próprio Adilson com o de Obama; ou se então entre a cidade de Hollywood com a cidade de Luanda onde se localiza o estúdio de Adilson.

A nossa postura inquiridora está também amparada pela intervenção de Agel: “Isso tudo é vontade de aparecer na câmera?” E a resposta do próprio Adilson: “Eu estou de camisa, ok? De Tênis estás a ver e calças. Pensei que estava mal. Até que em comparação a este aí”! Em meio a uma gritante e díspar realidade social, o discurso desses adolescentes configura-se, de uma forma lúdica, em uma clara luta pelo reconhecimento. Em sociedades de instituições públicas ou privadas corruptas, os projetos de políticas que visam a promoção social do homem não servem senão para maquiagem e travestir a realidade ou camuflar as desigualdades entre ricos e pobres. Sob a capa de desenvolvimento, apresenta falsas promessas para alegrar e animar o público enquanto os detentores de poder político, econômico e financeiro se enriquecem, e o pobre se alegra com a música e dança conforme aparece no “Chunaaa”.



Figura 58 – Enxerto do clip do “chunaa”



Fonte: Youtube.

Estamos no final da produção do vídeo. Assim como acontece nas apresentações de programas ao vivo, Adilson faz o encerramento e convida os colaboradores ou os seus convidados a fazerem as suas despedidas: “Aqui termina mais um vídeo. Terminou depois de um, um dia de gravação. Não deu para filmar ‘o de graça de graça’. [...] ‘uma pessoa, um apito de cada vez.’ Laton: “a nossa gravação de hoje foi adiada de gravada de graça. Gravamos só para saber. Mas então [...] no decorrer da semana estaremos aqui para fazer mais uma obra para vocês que nos acompanham”. Anderson: “Manda um beijo.” Laton: “Grande beijo”. Continuando, Adilson se despede do seu público dizendo: “Só filmamos só pra, só pra, só para saber, vai ficar escuro. Mas fiquem só com a minha voz”. Com este discurso apaga as luzes do estúdio, abre a porta e todos saem. O gesto de apagar a luz do estúdio e a abertura da porta e se dirigir com os amigos para a varanda da sacada, talvez Adilson pretenda ativar a memória, a capacidade imaginativa e reflexiva dos seus fãs acerca de tudo o que mostrou o vídeo (imagens e discurso) sobre a realidade social.

Constatamos que embora ele tenha consciência de que não pode fazer nada para mudar a situação das desigualdades sociais, convida a cada cidadão a perceber e conhecer a realidade. Sendo assim, esse vídeo, apesar de ter sido produzido por adolescentes, pode ser caracterizado como portador de uma luta ideológica e conscientizadora. Ele pode ser metáfora de um grito pela liberdade, ainda que esses adolescentes tenham a consciência das suas limitações e incapacidades políticas, econômicas e técnicas. Senão vejamos o que Adilson diz:

*“Ya, filmamos só para saber. De graça de graça foi adiado infelizmente por motivos técnicos. Mas, eh... fiquem atentos ao canal. Eu tenho que ir embora. Então, se gostaram deste vídeo e querem ver mais vezes comentem aqui em baixo. Não se esqueçam de se escrever no canal. E sigam nas redes sociais que estão aí*

*na descrição. Por agora é tudo. Fu, fu, fu, fuuu. Fala que foste por mim! Laton: Fuiiiii”.*

Figura 59 – Adilson fazendo a live e fechando a porta do estúdio



Fonte: Youtube.

As imagens e os vídeos exibidos nos fazem concluir que a vida humana, sob o prisma da ambiência dos processos da midiatização e dos meios de comunicação de massa, pode converter-se em espetáculo promovido e chefiado pelos detentores do poder econômico, político e financeiro. Os atores e vilões são compostos pela casta dos integrados no sistema, e as vítimas e os pobres, quando convocados, assumem a condição de mão de obra barata, papéis humilhantes nas peças de teatros, novelas e seriados. Ou seja, repete-se a história ainda da escravatura em pleno século XXI. Apenas como uma diferença, no dicionário escravocrata atual, não configura apenas a pele como condição fundamental, mas a pobreza econômica e intelectual.

Figura 60 – Adilson e os seus amigos no taxi em regresso para as suas casas



Fonte: Youtube.

À guisa de conclusão, e encerrando a descrição do segundo bloco, diremos que fundamentalmente, nos servimos das imagens dos jornalistas e repórteres, das pessoas

envolvidas neles enquanto tidos por marcas de uma ambiência em construção, cuja trajetória parte da sociedade dos usos dos meios para a sociedade em vias de midiaticização. Em leitura simplista estamos querendo acreditar que, a partir dos discursos dos jornalistas, repórteres e alunos, Angola enfrenta uma ambiência socio-histórica e cultural em construção. Isso se dá a partir da presença das TICs, cujas marcas não só são as imagens das antenas parabólicas, as centrais de armazenamento de dados e os aplicativos de monitoramentos de acesso e consumo (metáforas de instrumentos de percepção – captação e recepção do sinal do satélite), mas também o acesso à informação e a cultura das novas mídias digitais.

A presença de adolescentes falando e navegando nas páginas da internet e nas redes sociais, via diversas plataformas disponibilizadas pela internet nas ruas, nos jardins, nas praças públicas, nas casas, nas salas de aulas, podem ser marcas dos campos e das práticas sociais, através de dispositivos midiáticos<sup>37</sup>. Esses dispositivos enquadram a pesquisa na problemática dos usos e das apropriações. As imagens dos professores, estudantes e adolescentes nos laboratórios de informática, na central de armazenamento de dados, nos estúdios de produção da TV, do cinema e do teatro levam-nos a entabular um discurso de integração na esfera de produção, que na ambiência da midiaticização converte os indivíduos em atores sociais; e na circulação do capital em mão de obra barata na produção e comercialização dos bens. E por último, a presença de empresas, instituições, escritórios e lojas que se configuram como metáfora da integração na esfera de consumo dos produtos da indústria cultural.

Quanto ao segundo vídeo, deduzimos que assim como acontece em vários países do mundo, também em Angola a ação e o uso da internet pelos dispositivos midiáticos no meio social têm aumentado rapidamente com o projeto Angola On-line. E como tal, podem ser aliados fundamentais no processo de ensino e aprendizagem. Para facilitar esse processo, inferimos que os professores devem ter o mínimo de sabedoria sobre a problemática, a fim de que estimulem os alunos à pesquisa, tendo em vista que eles, conforme explica Paulo Freire (1999), enquanto “mediadores, por meio de “palavras geradoras” devem ensinar aos alunos a selecionar o conteúdo corretamente.

Assim, a nosso ver, o uso das redes sociais pode ser uma forma de interação no processo educativo, de ampliação da ação interacional e comunicativa entre aluno e professor, e de intercâmbio educacional sociocultural. Esse processo pode ser auxiliado pela internet, na implementação de uma pedagogia da autonomia do processo de ensino e aprendizagem e na

---

<sup>37</sup> Entendemos dispositivos midiáticos como sendo os aparelhos de celulares e televisores, os computadores, os tablets, as câmeras de filmagem entre outros que transmitem áudio e imagens ao mesmo tempo.

cultura da participação, na produção e compartilhamento dos conteúdos em rede. Essa nova cultura na ambiência dos processos midiáticos pode denotar algo parecido à uma tentativa da luta pelo reconhecimento, como bem expressou o adolescente Adilson em seu vídeo.

Portanto, no contexto do país em que o vídeo foi produzido, sob o nosso ponto de vista pensamos que acompanhar o canal, os likes, o comentar e compartilhar nas redes sociais, os posts desse vídeo serão não só para os fãs do Canal “PROIBIDO VER”, mas para todos os cidadãos angolanos que descontentes com as desigualdades sociais lutam e almejam uma sociedade mais humana e igualitária. Onde haja uma justa distribuição das riquezas, uma educação de qualidade, saúde para todos, e segurança na circulação de pessoas e bens. Trata-se, por conseguinte, de um vídeo ideologicamente revolucionário e político que convida a sociedade em geral a uma guerra, não mais feita com armas de fogo e em campos de guerra dizimando as pessoas e ceifando vidas humanas. Mas uma guerra de luta de ideias, discussões, debates e diálogos, cujos campos são as redes sociais e os armamentos são os dispositivos midiáticos.

#### **4.3.3 Percepção e observação de defasagens e disrupções no âmbito do consumo dos bens da cultura midiática – metáforas de integração na esfera da anomia**

Considerando os dois tópicos acima, a nossa observação leva-nos a um parecer consensual de que a internet e as mídias sociais exercem papel relevante nas interações entre os campos sociais. Vivemos uma geração sociotécnica, tecnológica e midiática com configurações de diversas plataformas (mídias). Essa geração cria para os indivíduos uma ambiência que nos induz a pensar na existência de uma “cultura hiperhíbrida”, cujas lógicas e posturas, que em uma profundidade de penetração, vêm sendo acionadas e adotadas por diversos setores sociais nas suas interações (BRAGA, 2014) cujos efeitos sociais, culturais, técnicos e cognitivos (SANTAELLA, 2007) metamórficos se revestem de alta complexidade.

No contexto da sociedade angolana, o fim do conflito armado civil, a instauração do processo da pacificação, democratização e abertura do país ao mercado do consumo dos produtos da indústria das TICs, oficializa a matrícula dos angolanos. Esta matrícula, porém, afeta, sobretudo, as novas gerações, na faculdade das práticas sociais nas redes sociais ou nas comunidades virtuais de produção através da interação com a cultura global e pelos usos dos dispositivos midiáticos e da apropriação das lógicas da cultura midiática.

Para objeto de estudo no universo, os vídeos produzidos em Angola e a circulação nas redes sociais, selecionamos três peças que passaremos a descrever, segundo os objetivos da

nossa pesquisa. Dos três vídeos, dois foram postos em circulação na rede pela Televisão Pública de Angola (Instituição Canônica), e o terceiro por um ator social anônimo (instituição não canônica). Em um pronunciamento preliminar e conjuntural eles nos fazem perceber um clima que se assemelha a uma sociedade anômica (DURKHEIM,1999; 2000; MERTON, 2004.), desintegrada e sem regras. E para o efeito, incomodados com essa constatação, e levantados alguns questionamentos sobre o motivo de tais práticas, tratar-se-á da manifestação da cultura da participação e de exclusão nas duas esferas que atravessam todos os campos e práticas sociais em Angola.

A partir das indagações, estabelecemos uma interface com o tema da nossa pesquisa sobre a circulação da problemática da agressividade, no contexto da sociedade angolana pós-guerra civil, em vias de mediação. Sob essa angulação, pensar no objeto de pesquisa talvez exija uma concentração ao estudo das representações das inter-relações sociais dos indivíduos, e destes com os dispositivos sociotécnicos, simbólicos e semióticos e dos fenômenos que imprevisivelmente podem surgir.

Para todos os efeitos, descrevemos os três vídeos selecionados: “Jovens entram em pancadaria no Belas Shopping” (Maio, 2013); “A Megaoperação Policial” (Jan., 2012); e por último, o vídeo intitulado “Jornal Nacional Angola – Criminalidade” (Nov., 2012).

Em uma mirada socio-histórica e cultural angolana, cremos na possibilidade de que nestes vídeos haja marcas indiciárias e inferenciais indutivas suficientes na sustentabilidade das hipóteses, sobre os desdobramentos dos processos tentativos da circulação da problemática da agressividade entre os adolescentes angolanos.

#### 4.3.3.1 Jovens entram em pancadaria no Belas Shopping

O primeiro vídeo deste bloco foi cunhado pelo título de “Jovens entram em pancadaria no Belas Shopping”. O vídeo é inserido na categoria de Notícias e Política no Youtube, e foi posto em circulação na rede por um ator social desconhecido e foi replicado por canais e agências oficiais noticiosas de Angola, a exemplo do Jornal da TV ZIMBO<sup>38</sup>, que reposta o

---

<sup>38</sup> A TV Zimbo é a primeira e única estação privada de televisão de Angola. As emissões experimentais tiveram início no dia 14 de dezembro de 2008, emitindo na frequência 45 UHF, através do retransmissor situado no Município de Viana, na Província de Luanda, e na posição 5 da rede da tv cabo em Angola. Com o início das emissões regulares, em 15 de maio de 2009 a primeira estação privada de Angola passou a emitir 18 horas diárias de programação variada e generalista, integrando os pacotes da MultiChoice de distribuição por satélite (DStv África), no canal 573. O nome Zimbo teve origem na primeira moeda de troca local usada em Angola e em quase toda a costa ocidental africana, um búzio do tamanho de um bago de café, que aparecia em toda a costa de Angola, embora os mais belos fossem da ilha de Luanda. TV Zimbo está publicada

vídeo anônimo em seu canal no dia 28 de maio de 2013. Até fevereiro de 2018, o canal contava com 17.725 inscritos e o vídeo fora visualizado 53.995 vezes, continha 8 comentários e das 180 curtidas, 148 gostaram e 32 não. A título de introdução, com a licença padrão do Youtube, o vídeo apresenta pequeno texto na página que diz:

*Jovens saíram as pancadarias neste sábado à noite, na praça de alimentação, num Centro de Comercial em Talatona. O flagrante foi registado por um cidadão com um telemóvel. Os causadores da confusão não foram identificados e não há relatos de pessoas feridas ou danos materiais.*

Feito este breve relato, pensamos ser interessante mergulharmos na materialidade do vídeo para dele abstrairmos as marcas que, epistemologicamente, nos podem ajudar na construção de saberes inferências sobre a problemática da circulação da violência e agressividade ou simplesmente da anomia, sem regras e sem moral (PIAGET, 1994; 1997; 1999; 2007), objeto de exploração deste bloco.

Figura 61 – Reporte da TV Zimbo apresentando o Jornal



Fonte: Youtube<sup>39</sup>.

Por meio davinjeta jornalística, o apresentador do jornal introduz a matéria da pauta do telejornal fazendo uma resenha do cotidiano, e aos poucos vai revelando o estado caótico da cidade de Luanda:

*E agora o flagrante do cotidiano que mostra a falta de senso e também a falta de cidadania. Com um telemóvel, um consumidor grava a luta entre jovens na praça de alimentação de um centro de compras em Talatona. Foi no sábado à noite. A direção do centro de compras até agora não se pronunciou em relação ao*

---

pelo Grupo Medianova, que é propriedade do ex-Presidente de Angola, José Eduardo dos Santos. Disponível em: <https://bit.ly/2UGqwj1> / ou: <https://bit.ly/2udPpXL>. Acesso em: 15 fev. 2018.

<sup>39</sup> Esta e outras imagens deste vídeo foram capturadas do link disponível em: <https://bit.ly/2wLI6vg>. Acesso em: 15 fev. 2018.

*ocorrido, não há informações sobre os danos materiais sofridos e os causadores da confusão também não foram identificados.*

Chama-nos atenção as imagens no interior do shopping que podemos definir como uma espécie de parque de diversões, onde é possível passar o tempo de forma agradável, desde o próprio passear com bastante liberdade de movimentos e possíveis compras, passando por uma ida ao cinema, à academia e à praça de alimentação. Visto sob essa visão, a presença dos adolescentes na praça de alimentação em um centro de comercial em Talatona, na cidade de Luanda, configura-se como a metáfora ou o signo de integração na sociedade de consumo. Porém, refletindo sobre o discurso do jornalista a respeito do ocorrido em um dia de sábado, dia de maior fluxo e movimentações comerciais de todo tipo, adolescentes se encontram em meio a pancadarias e destruição das infraestruturas, o que reforça em nossa mente, realizar uma reminiscência socio-histórica do contexto angolano pós-conflitos armados.

A partir desse lugar de fala, inferimos que as imagens exibidas pelo vídeo nos permitem formalizar algumas perguntas como: se não estaríamos perante um processo de ressignificação do longo período do conflito armado com a abertura do país ao desenvolvimento das novas TICs? Pensando no discurso do repórter, podemos inferir que a metáfora daquela Angola sem regras, em estado caótico de violência e os atos de agressividade generalizadas não afetam só os indivíduos envolvidos em pancadarias, mas a todos os indivíduos, bem como nas infraestruturas existentes naqueles espaços.

Portanto, os adolescentes em pancadarias no shopping e a depredação das infraestruturas, a posição inerte por parte de segurança ou do público em geral, assim como o uso de dispositivos para a captura das cenas de violência – por um lado eleva a categoria de produto de consumo e por outro por configurar-se como metáfora da diversão ou espetacularização da violência, como as acrobacias dos aviões em plenos vôs de bombardeamentos. Talvez esteja emergindo nessa ambiência uma sociedade onde os infratores não sejam punidos ou que tenha um sistema judiciário competente ou ainda imparcial. Onde, apesar dos fatos serem evidentes, não haja a consciência de cidadania (FREIRE, 1970; 1980; 1996) e uma notável dose de irresponsabilidade social? A captura de imagens de adolescentes em pancadarias, sua postagem e circulação nas redes sociais, passariam a ser marcas de uma espetacularização e/ou da banalização da violência midiática? (CONTRERA, 1999; QUADROS, 2001; FREIRE; CARVALHO, 2008; SODRÉ, 2002; 2000a).

Acreditamos que a formulação de tais perguntas seja um marco disparador na elaboração de múltiplas inferências perante as imagens ofertadas pelo vídeo em questão.



Assim, destacamos às imagens dos adolescentes e jovens em pancadarias e a voz do repórter em off. “As imagens capturadas por uma câmera amadora, mostram as cenas de pugilato supostamente entre dois grupos de jovens”.

Figura 62 – Adolescentes e jovens dentro do shopping de Talatona



Fonte: Youtube.

Pelo que observamos, o primeiro vídeogravado por um dispositivo sociotécnico, sociossemiótico e simbólico (FERREIRA, 2006) como o “celular” e posto em circulação na rede, nos sugere a configuração de uma sociedade de convergência midiática e da comunicação em rede da informação por meio dos dispositivos midiáticos. No discurso do jornalista e, sobretudo, na expressão “imagens capturadas por uma câmera amadora”, observamos as novas formas de produção jornalística na sociedade em midiatização. Ao contrário do jornalismo tradicional, em que a produção da matéria e a captura das imagens eram produzidas/capturadas por jornalistas formados e pelas câmeras profissionais, na era da comunicação em rede e da convergência digital constatamos a descentralização ou despolarização das centrais de produção. Para produzir notícias e informações não é preciso uma formação profissional na área e/ou equipamentos profissionais.

Ou seja, os indivíduos estejam onde estiverem ou façam o que fizerem, passam a ser afetados pelas lógicas e gramáticas (FAUSTO NETO, 2008) da cultura midiática, e passam a conviver em uma nova ambiência que, pelos usos dos aparatos sociotécnicos e apropriações das competências tecnológicas, se convertem em produtores de notícias. Também compartilham tais produções em rede com os outros usuários em todo o mundo e de forma instantânea. Compreendemos que essa postura insere o vídeo no âmbito da cultura da participação (SHIRKY, 2011) da produção jornalística, através dos atores sociais dentre os quais se destaca o autor desse vídeo.

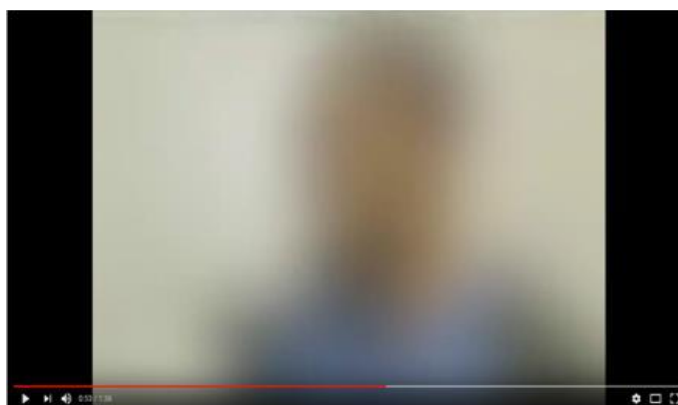


Depois do fluxo na rede em um canal particular, o vídeo converte-se em pauta do jornal Nacional da TVZIMBO, e é editado por meio de uma instituição canônica da comunicação. Agora, com outro status, o vídeo ganha novas roupagens e configurações e é novamente posto em circulação. Dentre os personagens, destacamos a figura e depoimento de uma das testemunhas da briga: “Um jovem que prefere não ser identificado conta o que presenciou”.

Objetivando a apuração dos fatos, a busca dos autores, dos tumultos e testemunhas, o vídeo apresenta as falas de alguns adolescentes que respondem as indagações do repórter. Por questões de praticidade, agrupamos as duas falas dos jovens que não querem ser identificados.

*1- “Parecia ser uma luta de gangues gigantes de rapazes. Eh... eu não sei de concreto qual era a razão da luta. Só sei que foi um tumulto total”. 2 –“Tinha senhoras grávidas, bebês, os seguranças parecem 2 ou 3, não conseguiram apaziguar a situação. Eles estavam lá e tentavam mesmo. Mas só que eram insuficientes. As pessoas corriam de um lado para o outro. Algo inexplicável. Só visto mesmo”.*

Figura 63 – Testemunha que não quer ser identificada



Fonte: Youtube.

Perante os conflitos e disputas de espaços entre as gangues, a não identificação de testemunhas pode ser signo do medo, do temor de serem reconhecidos e procurados posteriormente pelos desafetos e para não sofrerem represarias, como acontecia em Angola na época do conflito armado e do regime do partido único. Assim, embora com o processo democrático em curso e a instalação de empresas e instituições ligadas às áreas de comércio dos produtos da indústria cultural, a população está fazendo a travessia de uma sociedade tradicional para aquela dos usos dos meios e, em estado bem avançado, para uma sociedade em midiatização.

Verificamos no discurso que as pessoas, no sentido geral, ainda persistem nos resquícios dos temores bélicos por um lado. Por outro, a nova ambiência criada pela nova cultura produzida na interação dos sujeitos entre si, e destes com os objetos e/ou produtos da indústria cultural, abrem pistas incontornáveis, ainda que melindrosas, para que eles possam dar os seus depoimentos e narrarem as suas experiências pessoais acerca do que acontece na sociedade e as compartilhem em rede. A nossa postura encontra-se amparada pela constatação do repórter quando afirma que “A segurança tenta acalmar os ânimos. Mas sem qualquer resultado. Não consegue controlar a situação”.

Olhando as imagens dos adolescentes em pancadarias, com cadeiras e mesas sendo arremessados, pontapés, socos, o discurso do repórter cria em nossa mente um cenário que parece transparecer duas impotências e incapacidades das autoridades civis em conter os ânimos. e a restabelecer a ordem e a legalidade. Nesse sentido, uma vez que consistiria no não domínio total das informações, usos e práticas sociais, e uma outra que consiste no sistema caótico instaurado na sociedade angolana. Estaríamos então enfrentando uma situação de um cenário caótico e desintegrado, portanto anômica, onde a violência e a agressividade substituíram a ordem e a legalidade.

Figura 64 – Adolescentes em pancadarias arremessando cadeiras e mesas



Fonte: Youtube.

Entre as imagens ouvem-se gritos, assobios e a música, que podem ser indícios de uma sociedade em festa, com danças, um cenário prazeroso, diversão e consumo ou serão de pedido de socorro, de repúdio e indignação? Que significados esses adolescentes atribuem à violência e à agressividade? Será uma forma de oferecer um espetáculo (espetacularização da violência midiática) ao público nas salas de cinema ou ao ar livre dentro do shopping?

Figura 65 – Adolescentes capturando, via DM, as imagens dos adolescentes em pancadarias



Fonte: Youtube.

Uma voz vinda da plateia se faz ouvir: “As pessoas só querem filmar”, e as imagens dos adolescentes com os dispositivos midiáticos são a confirmação de que as pessoas estão diante da espetacularização da violência, ou está implícita a cultura da busca do reconhecimento pela retroalimentação e pelo compartilhamento de informações em seus canais virtuais? Pensemos: as imagens das pessoas na plateia com celulares filmando nos passam a sensação de que as pessoas estão diante de um espetáculo imperdível. Ou seja, a praça de alimentação substitui a sala de cinema do shopping que exhibe um filme espetacular, com personagens (atores), efeitos sonoros compostos pelo barulho das mesas e cadeiras, de assobios e vozes humanas reais, cujo cenário transcorre em meio a uma praça de alimentação.

Contudo, os diretores, produtores e cinegrafistas, bem como a plateia se juntam no mesmo enredo, história, acontecimento e fato. Sugere-nos que esse vídeo, por meio da cultura da produção colaborativa ou da cultura da participação, realize o seguinte movimento: cada produtor e cinegrafista faz a captura do seu ator preferido, não se importando nem com a violência, nem tampouco com as vítimas e os prejuízos econômicos e financeiros resultantes, o desejo maior é não se expor. Talvez, a maior preocupação seja a de procurar o melhor ângulo, a melhor captura da imagem possível. Esse procedimento pretende fazer com que o objetivo de assistir mais tarde, ou conservar em seu álbum de fotos e filmes preferidos. Por outro lado, pode nos fazer pensar na metáfora de uma sociedade de integração na esfera de produção. Trata-se daquela esfera onde os sujeitos, pela competência técnica, o uso dos dispositivos midiáticos e da internet na ambiência midiática, assumem-se como consumidores dos produtos midiáticos ativos, apropriando-se deles, os reelaborando e os colocando no fluxo adiante (BRAGA, 2011) em outros formatos e plataformas.

Portanto, constatamos que com o uso da internet, as competências técnicas, imagens gravadas e postas em circulação por um ator social desconhecido constituem-se enquanto

metáforas ou signos de uma sociedade em transição. Ou seja, da sociedade dos usos dos meios para a sociedade em midiatização, através das competências técnicas e da apropriação das lógicas e gramáticas (FAUSTO NETO, 2008), típicas nos processos midiáticos.

#### 4.3.3.2 Megaoperação Policial

O segundo vídeo deste bloco intitula-se “Megaoperação Policial”. Foi matéria do Jornal Nacional da TPA<sup>40</sup> que vai ao ar de segunda a sábado na República de Angola, depois de posto em circulação na rede por Samir Gomes, em seu canal que conta com 28.546 pessoas inscritas. Enquadrado na categoria de Notícias e Política está licenciado pelo Youtube na internet desde 6 de janeiro de 2012. O vídeo de 3 minutos e 37 segundos, até março de 2018, contava com 146.271 visualizações, 235 curtidas, das quais 214 positivas e 21 negativas, 113 comentários.

O vídeo em formato de reportagem/documentário jornalístico foi apresentado por dois repórteres apresentadores do telejornal e contou com a participação de âncoras, alguns populares e corporação policial.

Figura 66 – Repórteres da TPA, apresentando o telejornal



Fonte: Youtube.

Eles abrem o programa com uma trilha sonora, e o primeiro jornalista anuncia o tema do jornal dizendo: “O crime não compensa. No telejornal de hoje vamos falar da megaoperação realizada no município do Kilamba Kiaxi. E na sequência desta operação foram detidos mais de 80 elementos”.

---

<sup>40</sup> Televisão Pública de Angola

Figura 67 – Adolescentes detidos no quartel da Polícia Nacional de Angola



Fonte: Youtube.

Em seguida, o âncora em off faz um preambulo sobre a situação da criminalidade na cidade de Luanda e não só, mas também em alguns municípios da Província. A sua fala é intercalada com as imagens dos objetivos roubados. No final do vídeo, o repórter faz a apresentação do relatório ou balanço policial segundo o qual foram apreendidos:

*“84 indivíduos acusados de praticar vários crimes. Nesta operação foram também apreendidas 27 armas de fogo, 41 viaturas, 31 motos, 33 Kilogramas de cannabis = liamba (maconha), geradores (eletricidade), plasmas (TV), telemóveis (celulares) e uma impressora. Este foi o balanço do comando da polícia do Kilamba Kiaxi depois da operação “Família Segura”. O objetivo é o patrulhamento de proximidade”.*

Digno de menção é o adolescente Chá Preto. Um dos detidos e acusados de homicídio voluntário. Segundo a polícia, o jovem de 17 anos matou uma mulher no bairro da linha férrea no mês de outubro de 2011. No diálogo investigativo com a polícia ele reconhece e confessa o crime: “Reconheço, reconheço como matei a senhora”.

Figura 68 – Entrevista concedida ao adolescente Chá Preto, um dos articuladores da criminalidade em Luanda



Fonte: Youtube.

Interrogado sobre os motivos que o levaram a matar a senhora, o adolescente faz uma ampla explanação que, aparentemente, parece justificar a execução da senhora: “Você matou a senhora? Sim. Matou a senhora porquê?” Continuando, o adolescente revela que não agiu sozinho e sim com amigos. Mas não diz claramente quais são os motivos que o levaram a praticar o assassinato. Além do mais, pensamos que o adolescente à apelação de um crime coparticipado (PRADO, 2007), pode ser indício de uma ação solidária no sentido negativo, que insere a assassinato no âmbito da cultura da participação e que criminalmente se entende por formação de quadrilha ou de gangue, como no primeiro vídeo dos adolescentes em pancadarias na praça de alimentação do shopping.

Sob angulações dos processos midiáticos inferenciais, definimos e utilizamos a cultura como uma análise dos significados dos saberes, técnicas e crenças de um grupo, que são traduzidos em metáforas, representações, práticas sociais, cujos sentidos são simbólicos, portanto, não mensuráveis. Logo, não cabe aqui emissão de juízos moralísticos e temerários. E então em um português atípico o adolescente Chá preto confessa:

*“Nós tavamos a lhe tramangar (saquear) assim que nós tavamos a lhe tramangar, era por volta das nove horas. Meus amigos falaram, Chá Preto, vamos tirar essa mamã do manual (apagar/matar). Eu falei não. Fica calmo. Eu estou numa. Vou ficar aqui com a big. Tá ver, né? Eles basaram (foram abordar) na tia. Assim que foram na tia para lhe tirar o dinheiro. A tia tava muito renitente (oferecia resistência). Assim que a tia tava muito renitente, eu falei: wé, como essa tia tá renitente deixa só tirar a arma, vou lhe congelar (imobilizar). A mamoiide (mamãe) vai murchar. Eu tirei a arma coloquei e ali não era com a intenção de apertar no gatilho. Só vi também logo das primeiras o meu dedo no gatilho apertou sai direto bate daqui da mão do meu amigo, safa e bate na senhora. Assim que bate na senhora nós vimos. Nós como tavamos assim dois eu com a arma e o outro meu amigo se metemos em fuga, deixamos o meu amigo no que da desbinza (na confusão)”*.

Dentre os detidos pela megaoperação policial, também figura uma mulher que segundo a reportagem “foi detida por posse de 33 Quilos de canabis (maconha)”. A presença da mulher envolvida com o tráfico de entorpecentes, no vídeo, nos reforça a fazer o estudo em curso, na medida que dentre os objetivos traçados está o estabelecimento comparativo dos gêneros quanto ao nível de violência e agressividade.



Figura 69 – Entrevista com uma mulher envolvida no tráfico de entorpecentes na cidade de Luanda e em Angola



Fonte: Youtube.

Essa imagem é de Madalena, a mulher que aparece no vídeo sendo detida por conta tráfico de maconha. Interrogada pela polícia, sobre as razões que a levaram a cometer ter essa prática ilícita, diferente das respostas, da ambiência e das razões que levaram do adolescente Chá Preto, no vídeo anterior a este. Então a moça justifica-se afirmando que fora detida “por causa da liamba. Me apanharam com a liamba, devido ao sofrimento. Não tenho marido, tenho 5 filhos para criar e sustentar. Eu também sou doente. A minha medicação precisa de muito dinheiro”. Em sua resposta fica mais do que evidente que praticara aquele crime devido à falta de recursos financeiros para a sustentação da sua vida e da dos filhos. Do discurso de Madalena podemos abstrair duas frases como justificativa da sua conduta: a garantia do sustento, boa alimentação e educação das crianças e dos adolescentes (filhos), e o direito a assistência médica e medicamentosa. Dando sequência ao interrogatório, a polícia pergunta: “Vendes isso aonde? Em casa?”. E ela responde: “Sim, em casa”. A nosso ver, a falta desses direitos pode colocar em posição de vulnerabilidade as pessoas pobres e, uma vez expostas aos conteúdos que circulam nas redes sociais e na mídia tradicional, podem constituir a população de risco social.

A esse fato soma-se a presença de Mossidade Pedro, apresentado pela reportagem policial como sendo “segurança de uma empresa privada, acusado de participar e facilitar um furto às instalações que ele mesmo protegia”.

Figura 70 – Mossidade Pedro, segurança de um depósito de Computadores, detido e acusado de participar do assalto



Fonte: Youtube.

Em seu depoimento à polícia, Pedro diz ter estado em pleno exercício das suas funções laboratoriais:

*“Eu estava de serviço. Trabalho sozinho e sem arma. Pelas conversas eles apareceram lá às 23 horas. Começamos a conversar. Estávamos a mil (negociando) é quando um deles faz o plano de... tinha uma janela aberta. E então ele entrou e começou a tirar. Mas quando eu estava... Como eu estava sozinho eu vi a fazer movimentos. Mas... eu... posso dizer que também participei pelos dois computadores que eu privei. Estes que estão aí que foram apresentados”.*

Sem objetivo de entrar no mérito da discussão judicial, inferimos com o discurso do segurança uma certa dose de corrupção que o enquadra nos crimes de corrupção ativa e formação de quadrilha, ao facilitar o roubo e ao retirar dois computadores para si. Por outro viés, as conversas, as negociações e movimentações na hora do assalto também tornam evidente a presença do crime de corrupção passiva, na medida em que o segurança foi recompensado com dois computadores pelo roubo praticado na empresa que protegia.

Aliado aos desdobramentos da megaoperação policial, das pessoas (adolescentes, jovens e adultos) envolvidas em assalto à mão armada e roubos de diversos objetos, da formação de gangues e quadrilhas, da corrupção ativa e passiva, está o fenômeno da imigração, muito comum em sociedades abaixo do nível do desenvolvimento sociotécnico, político e econômico, como é o caso de Angola, com a presença de cidadãos estrangeiros.

Em princípio, concebemos esse fenômeno como a movimentação de pessoas do seu país de origem para o outro com residência fixa ou provisória em busca das melhores condições de vida. Isso pressupõe a partida que, o país “ad quem” tenha e ofereça um nível de



vida melhor do que o “ad quo” para as pessoas envolvidas no fluxo migratório. O que não parece ser o caso de Angola. Até porque, segundo comentários que circulam nas mídias internacionais, o nível de vida da cidade de Luanda em Angola é o mais caro perdendo apenas por Tóquio e Nova York. Entretanto, sem precisar as causas desse fluxo migratório, o repórter trazendo o relatório policial que insere a presença dos cidadãos estrangeiros no quadro dos crimes de imigração ilegal, afirma terem sido detidos “dez estrangeiros de nacionalidade chinesa, quatro vietnamitas, um mauritaniano, um euvoriense, dois nigerianos e um cidadão da Guiné Conacri”.

Figura 71 – Estrangeiros de 10 nacionalidades, detidos por envolvimento com o tráfico em Angola



Fonte: Youtube.

Embora não seja objetivo da pesquisa investigar as causas da imigração ilegal desses cidadãos em Angola, somos instigados a pensar nas representações sociais (MOSCOVICI, 2003) que a sociedade angolana, sobretudo de adolescentes e jovens, pode atribuir aos fluxos da imigração ilegal. Isso a partir das suas ressignificações, no contexto dos processos da circulação midiática, com o advento e as instalações de instituições privadas ou públicas ligadas às TICs no país.

Terminada a reportagem sobre a imigração ilegal, o repórter retoma a matéria da megaoperação policial e diz que “durante o período que durou a operação, o quartel de bombeiros do Kilamba kiaxi registrou 2 incêndios”. Com esta última expressão “2 incêndios”, remetemo-nos às cenas do vandalismo na praça de alimentação no shopping, do primeiro vídeo deste bloco. Isso nos dá a ver uma metáfora do caos e da destruição de infraestruturas, porém, com certas ressalvas diferenciais. Se naquele os autores do crime não foram identificados, os donos das instalações não quiseram dar depoimentos, os prejuízos não foram contabilizados, os seguranças não conseguiram conter o tumulto e as imagens foram gravadas

e postas em circulação por cinegrafista amador, aqui existem identificações e depoimentos tanto de uns quanto de outros. As imagens foram capturadas e postas no fluxo pela instituição canônica (TPA), e a corporação policial tenta estabelecer e manter a ordem na cidade de Luanda e nos municípios da província, conforme o discurso de Nestor Gobel, chefe das operações.

*“Estes dados foram compulsados para o balanço geral. Dizer que esta operação foi e decorreu em paralelo. Também decorreram ações microoperações em níveis das divisões que fazem fronteira com o Kilamba kiayi. Estou-me referindo a divisão do Rangel, da divisão do Kazenga, da divisão do Viana e a divisão do Zamba que fecharam as suas áreas fronteiriças. Também desenvolver as suas ações”.*

Como garantia na manutenção da ordem e de segurança pública em Luanda, segundo o repórter “o comando da polícia de Luanda garante que estas operações não terminam por aqui”.

Figura 72 – Entrevista com o chefe da Megaoperação da Polícia Nacional de Angola



Fonte: Youtube.

A reportagem e o vídeo sobre a Megaoperação policial terminam abruptamente: “É caso para dizer. O crime não compensa. E ainda bem que a polícia está aí para manter a ordem e a tranquilidade”.

#### 4.3.3.3 Jornal Nacional – Criminalidade

O terceiro vídeo intitulado “Jornal Nacional Angola – Criminalidade” (Nov., 2012) é o último deste bloco. Como o vídeo anterior, também constituiu a matéria do Jornal Nacional de Angola que vai ao ar de segunda a Sábado na emissora da TPA. Está inserido na categoria de entretenimento, gênero documental e apresenta como tema o combate ao crime, e foi posto em

circulação por Samir Gomes no seu canal<sup>41</sup>. Até março de 2018, o canal do autor do vídeo posto em circulação no dia 28 de novembro de 2012, contava com 28.546 inscritos, tinha 44.467 visualizações, 89 curtidas sendo 80 positivas e 9 negativas e 5 comentários. Com a licença do Youtube, o vídeo está inserido na categoria de entretenimento.

Figura 73 – Repórter apresentando do Telejornal da TPA



Fonte: Youtube.

Depois da abertura oficial do jornal pelo apresentador, os teleinternautas se deparam com as imagens de adolescentes manipulando os dispositivos bélicos, e em posição de assalto à mão armada aos diversos artigos, motorizados e viaturas roubadas. Ou seja, de uma forma passiva, parece a voz da repórter em off, que introduz o clima de tensão e preparando as pessoas para o caos social. Em seguida, já dentro da unidade policial, apresenta no total de 196 adolescentes e jovens, apreendidos, acusados pela polícia como sendo os causadores da violência. Sem dizer as causas dos supostos crimes, a repórter apenas anuncia a forma como eles agiam dizendo:

*“É assim que eles agiam. Nesta simulação os assaltantes demonstram também o quanto estão familiarizados com as armas e como dominam as vítimas. E eles não têm medo, acham-se os donos do território, porque na maioria das vezes estão dominados pelas drogas e impor uma arma passa a ser muito fácil”.*

Deste discurso jornalístico, somos instigados a retornar às imagens dos conflitos da guerra civil em Angola. Naquela época, os militares de ambos partidos, armados com metralhadoras, pistolas de diversos libes e obuses, de carros blindados e aviões de guerra dominavam, arrasavam e dominavam as pessoas sem poupar crianças, adolescentes e os idosos. Chama-nos atenção o discurso de um dos adolescentes apreendido pela Polícia Nacional.

<sup>41</sup> Localização do vídeo: <https://www.youtube.com/user/SamirBVKM>. Acesso em: 20 mar. 2018.

Figura 74 – Adolescente detido pela Polícia Nacional de Angola entrevistado pela repórter da TPA



Fonte: Youtube.

O adolescente confessa ser praticamente a sua segunda ação. “A primeira ação o roubo da própria arma e a segunda ação do roubo de uma motorizada que me apanharam com ela. Eu sabia que o FAA<sup>42</sup> tinha uma arma em casa. Então a noite fui a casa dele e lhe destrocei<sup>43</sup> e roubei a própria arma”.

A expressão FAA, nos remete à guerra civil perpetrada pelos dois exércitos militares dos dois partidos beligerantes: 1) as FAPLA<sup>44</sup>, exército do MPLA; 2) as FALA<sup>45</sup> corporação militar da UNITA<sup>46</sup>, que com o fim do conflito armado, formam um único com a sigla FAA. Seriam estes dois assaltos praticados pelo adolescente à mão armada, a resignificação da guerra civil em Angola, quando os militares do MPLA e da UNITA, com dispositivos bélicos de vários calibres e de fabricação diversa, saqueavam as aldeias, as vilas, comunas, municípios e províncias em todo o território nacional?

<sup>42</sup> Forças Armadas Angolanas.

<sup>43</sup> Gíria, que significa desarmei. Do verbo desarmar.

<sup>44</sup> Forças Armadas Populares para a Libertação de Angola do MPLA

<sup>45</sup> Forças Armadas de Libertação de Angola

<sup>46</sup> União Nacional de Independência Total de Angola.

Figura 75 – Armas de fogo apreendidas pela Polícia Nacional de Angola



Fonte: Youtube.

Naquela época, diversas organizações internacionais tentaram intervir no conflito, tais como a Organização das Nações Unidas, a União Africana e a Conferência Episcopal dos Bispos de Angola e São Tomé e Príncipe. Mas sem sucesso, salvo com a morte do líder do exército “rebelde” e então fundador e presidente da UNITA, o General de Jonas Malheiro Savimbi, quando os angolanos começaram a respirar ares de paz que desenhariam os marcos fundantes da tênue e jovem democracia na sociedade angolana. Assim, se ontem a ação criminosa era atribuída, ora ao exército governamental, ora ao exército rebelde, hoje pode ser atribuída aos adolescentes, jovens e adultos na sociedade angolana. Se configuraria como um outro tipo de fazer guerra?

Figura 76 – Adolescentes de motorizada simulando um assalto a mão armada



Fonte: Youtube.

E cabe ao Estado garantir ao povo angolano a paz, a segurança, a tranquilidade e a circulação de pessoas e bens em todo o território nacional. Como um Estado Soberano, organiza-se em esferas dos três poderes, nomeadamente executivo, legislativo e judicial. E



para tanto, aposta na formação do corpo da Polícia Nacional e no combate da criminalidade, conforme a reportagem do vídeo.

*“Mas toda essa valentia terminou nos dias 7 e 8 deste mês quando a polícia nacional numa operação de duas variantes, uma de busca em toda a cidade de Luanda e outra da ostentação de força direcionada a Cacuaco, Viana e Zonas Limítrofes, levou para trás das grades estes jovens. Alguns contam como praticaram os crimes”.*

Figura 77 – Adolescente detido em entrevista pela TPA



Fonte: Youtube.

Ainda sob efeitos de metáforas do conflito bélico, tudo indica que a sociedade angolana, apesar de estar em paz, ainda enfrenta uma guerra, já não de caráter tribal como algumas pessoas pichavam (Norte e Sul), ou entre ideologias (capitalismo e socialismo) ou ainda entre dois exércitos FAPLA e FALA. Trata-se daquela sem cor partidária, cujo foco até possa ser o mesmo da anterior, a corrida para Angola em busca do petróleo, do diamante, do ouro e outros recursos naturais de poder econômico alto no mercado internacional.

Para tanto, além dos bens materiais também tem as disputas pelos espaços e campos territoriais de exploração. Nas inferências são sustentadas pela fala da repórter ao apresentar o adolescente Camacho: “Este é o Camacho, diz ser estudante da 8ª classe. Traz em seu currículo 5 assaltos entre cantinas e motorizadas. A sua área de ação era Luanda Sul. Camacho fala do preço dos artigos roubados”.

Segundo a reportagem, interrogado pela Polícia sobre os valores, os adolescentes não só respondem demarcando o território da sua atuação, como também informam o valor do artigo roubado: “Uma moto de Senegalesse<sup>47</sup>, nós vendemos por trinta mil kwanzas”<sup>48</sup>. “Quanto?” “Vinte e cinco ou trinta”. O uso do plural no discurso do adolescente Camacho,

<sup>47</sup> Mercado público.

<sup>48</sup> Moeda Nacional de Angola

“nós vemos” indicia a sua prática a uma ação conjunta. E associando ao discurso do adolescente Pedro, observamos marcas inferenciais do que pode ser uma formação de quadrilha. Pois, de acordo com a repórter, “apesar de quase um ano a roubar motorizadas o jovem Pedro Soares diz ser novo nestas andanças. Mas já deixou seis pessoas aterrorizadas e sem os seus meios de transporte, depois do assalto Pedro e seus comparsas vendiam as motorizadas”.

Figura 78 – Adolescente Pedro Soares em entrevista a TPA



Fonte: Youtube.

Em seu discurso o adolescente Pedro, indagado pela polícia, revela isso: “eu falava primeiro com alguns moços, que tão preso”. “Quem, um moço, quem é?” “É o Edson, um deficiente de uma perna”. Respondendo à pergunta feita por um dos populares, presentes no comando da Polícia Nacional sobre de quem é a arma, diferente do primeiro adolescente que apelou pelas FAA, este responde ter dono. Forçado pelo policial para que denuncie o proprietário e como adquiriu a arma ele diz: “Com um amigo, tem alguém que está preso. Também é um polícia. É ele que me deu a arma. Ele é um amigo meu”.

A partir daqui podemos concluir que se trata de uma rede de criminalidade, em que fazem parte dessa rede não só os adolescentes, mas também os indivíduos do exército militar do corpo da Polícia Nacional e civil. Ainda segundo a reportagem, dentre os crimes figura também os de assassinatos. Trata-se do crime cometido por “Bento Sajoi de 33 anos matou a esposa”.

Figura 79 – Bento Sajoi de 33 anos que matou a esposa



Fonte: Youtube.

Em depoimento à Polícia Nacional, ele diz ter cometido o crime depois de “uma discussão, estava embriagado. Esfaqueou a mulher até a morte na ocasião esfaqueou também um dos quatro filhos do casal”. Sem precisar os motivos, apenas alega que na hora do crime estava “um pouco estimulado”. Este estímulo será por efeito do consumo de entorpecentes ou bebidas alcoólicas? Quais os reais motivos do crime?

Tanto neste quanto em outros crimes, segundo levantamentos feitos pela reportagem do vídeo, como forma de apuração dos motivos que levam os adolescentes a comprarem as armas de fogo e a cometer crimes, não fica claro, a não ser vagos depoimentos. Apenas dizem de quem compraram.

Figura 80 – Antônio Nascimento e Elio, que compraram armas de fogo



Fonte: Youtube.

Por exemplo, os adolescentes Antônio Nascimento de quinze e Elio de dezessete anos, afirmaram terem comprado a arma que usaram para matar um jovem, de um militar das FAAs, como consta no depoimento do adolescente, ao ser interrogado por um agente policial: onde tiraste a arma? Me vendeu e disse que está nas FAA. Policial: “você comprou a pistola



para que? Por que você comprou a pistola se você não é polícia?”. O adolescente Élio, responde: “nada mesmo”. Quanto ao valor, o adolescente diz ter comprado a pistola por 10 mil Kwanzas.

Sem a pretensão de fazer um relato da história de cada um dos 196 detidos, a repórter limita-se a fazer um “resumo em números e crimes praticados”, feito pelo Comando da Polícia Nacional.

Figura 81 – Chefe da Operações da Polícia Nacional fazendo o balançete da operação de buscas, de apreensões e de combate ao crime organizado em Angola



Fonte: Youtube.

*“Temos a destacar a detenção num total de 196 cidadãos dos quais 180 por envolvimento em crimes comuns onde destacamos 7 homicídios, 17 violações. 81 elementos detidos por roubos com destaque para um roubo de viatura. 53 furtos com destaque para 4 de viaturas, 9 fotos postas. Uma posse ilegal de arma de fogo e ainda 21 cidadãos detidos em flagrante. Sendo 14 por posse e venda de estupefaciente, um por posse ilegal de arma de posse, 6 roubos distando-se um de motorizada”.*

O vídeo termina com o discurso da repórter fazendo alusão ao relatório da Polícia Nacional, que “traz ainda uma vasta lista de crimes solucionados”. E com o recado de que “a corporação garante que o combate à criminalidade vai continuar”. Portanto, neste discurso da repórter pretendemos redesenhar as palavras do Dr. António Agostinho Neto<sup>49</sup>, quando afirma: “A luta continua e a vitória é certa”. Todavia, discordamos com a segunda parte. Pois nada nos garante que a vitória seja certa.

A descrição dos observáveis do terceiro bloco, que contém adolescentes assaltando as pessoas com armas de fogo, leva-nos a rememorar as quatro décadas de guerra civil em Angola, quando os soldados de ambos lados saqueavam os povos das aldeias que atacavam. E

<sup>49</sup> Primeiro presidente da República Popular de Angola.

a pensar numa possível ressignificação das armas de fogo em dispositivos interacionais, tanto identificação entre os pares quanto busca de reconhecimento na esfera de consumo dos produtos da indústria das novas tecnologias de informação e comunicação. Como afirma Fausto Neto (2010), os usos dos DMs e o domínio das novas tecnologias de informação oferta a adolescentes, o enfrentamento de zonas de contato e de interpenetração com cultura da mediatização. Servem-nos de marcas, por exemplo, o vídeo que foi gravado por um dispositivo sociotécnico, sociossemiótico e simbólico (celular), e posto em circulação na rede por ator social, que acaba por configurar uma sociedade inserida na esfera de produção. Trata-se, portanto, da configuração e redesenho de um novo campo de batalha, naquele em que o Estado reconhece através da mídia canônica o caos entre adolescentes, jovens e a sociedade, mas também impossibilitado de agir, apesar de tentar impor a ordem através da Polícia Nacional.

Portanto, nossas inferências estão amparadas pelos discursos reportados, segundo os quais os adolescentes exibem habilidades e demonstram que estão familiarizados com os dispositivos bélicos, e mantêm o controle e domínio total das vítimas e da situação. Essa situação acinzentada, não só as ações policiais e governamentais como também os pais e professores, suscita na sociedade angolana as “imagens-totens” (ROSA, 2012) da guerra civil. Porém, os adolescentes flagrados em pancadarias na praça de alimentação, em um Centro Comercial em Talatona em Luanda, dão uma outra tonalidade à agressividade. Já não se trata de algo deprimente, mas prazeroso, embora o caráter destruidor esteja presente.

Sob o prisma dos processos midiáticos, os adolescentes estariam situados e enquadrados em outras esferas diferentes das de consumo e produção? A ser o caso, a apropriação das competências tecnológicas e os usos dos dispositivos midiáticos seriam signos de sua inscrição em uma outra sociedade que designaríamos de anômica ou sem ordem? Que representação esses adolescentes fazem dos conteúdos violentos que circulam nas redes sociais? Quais os motivos os levariam a filmarem as cenas de agressividade com os seus celulares e os colocarem no fluxo adiante? Terá sido motivado pelo simples desejo de mostrar a violência ou a luta pela busca de reconhecimento, por meio da cultura da participação, enquanto coprodutor em matéria jornalística? Será pelo fato de estarem excluídos da esfera de consumo e da produção? Que tipo de violência e agressividade está sendo reproduzida, ou que seja que metáforas estariam em cena entre os adolescentes mergulhados na cultura midiática?

Segundo Castells (1999), a sociedade da comunicação em rede se desenvolve a partir da oposição bipolar da “Net” (o coletivo) e do “Selfie” (o indivíduo, o sujeito); que a “Net”

possibilita novas estruturas organizacionais baseadas no uso sutil da mídia de comunicação em rede; o “Selfie” simboliza atividades mediante as quais o indivíduo tenta reafirmar sua identidade sob condições de mudança estrutural e de instabilidade. Assim, nos interrogamos sobre os tipos de cidadãos e identidades que estão emergindo na sociedade. O ponto lógico da nossa pergunta funda-se no fato de que o processo de autoconstrução da identidade talvez se configure como uma pulsão de uma dinâmica complexa, que não possa ser determinada apenas pelos fluxos de conflitos individuais, senão por uma conjuntura interacional entre sujeitos, objetos e contextos sociais (BAUMAN, 2005; BOCK, 2001; CARVALHO, 2004; JODELET, (1989; 1994; 2001; 2005; 2009; JOVCHELOVITCH, 1994; 1998; 2004; LANE, 1995; 2001; MOSCOVICI, 2003; 2012; REY, 2004; SIRGADO, 2000; VYGOTSKI, 1996). A ser o caso, este vídeo, posto no fluxo anteriormente por um ator desconhecido e retomado em forma de pauta da matéria no Jornal Nacional em Angola, nos sugere questionar se esses adolescentes não estariam integrados, ainda que na contramão social, na esfera de consumo e de produção.

Nosso questionamento se dá a partir do fato de que, com o uso dos seus dispositivos midiáticos e as redes sociais, eles parecem participar dos processos da produção ao fazerem filmagens dos atos violentos, e em seguida fazê-los circular através das lógicas dos processos midiáticos. Porém, estamos cientes dos altos riscos que corremos, dada a complexidade tanto da problemática da circulação da agressividade em adolescentes em Angola, considerando a sua peculiaridade socio-histórica, quanto da midiatização enquanto processo.

## **PARTE II–DIGRESSÕES E EXPLICAÇÕES: ATRAVESSAMENTOS SOCIOCULTURAIS MUDIÁTICOS**

Ao longo da descrição dos observáveis, várias foram as marcas que nos permitiram inferir alguns conceitos já abordados por diversos autores em suas pesquisas tais como: integração nas sociedades de consumo, de produção e de anomia; a midiática e os processos sociais, circulação e cultura midiática, dispositivos midiáticos; construção da identidade; consciência de cidadania; adolescência e a agressividade; a representação social; e a cultura da participação. Tais conceitos, a nosso ver, podem nos permitir estabelecer uma interface na compreensão da problemática da circulação da agressividade em adolescentes angolanos, que consomem conteúdos violentos através dos vídeos que circulam na internet (Youtube). Porém, por enquanto, em dinâmica inferencial dedutiva, tentaremos entabular um nós em construção dos conceitos: midiática, adolescência, circulação midiática da agressividade, dispositivos midiáticos e metáfora/representação social.

A título de introdutório, essa segunda parte objetivamos entabular um processo tentativo e epistemológico construir inferências dedutivas uma vez que, como observamos na primeira parte, os resultados até agora obtidos, revelam-nos que abordar a problemática da circulação da agressividade sob a perspectiva da midiática e do consumo dos bens da indústria cultural das novas TICs, parece configurar o estudo de algo que está nas interfaces, sobretudo, com a abundância de informações produzidas e disponibilizadas em vista aos consumidores nas redes sociais. Ou seja, no sentido global, a possibilidade de coletar as informações acerca do mercado de produção e de consumo destes bens permitiu às organizações e à área de Marketing capturar dados individuais dos clientes, levando à avaliação das suas respectivas necessidades, desejos e à identificação dos meios mais apropriados de comunicação (KUMAR, 2015). Além de capturar as interações realizadas entre os consumidores nesses canais, as organizações também podem se aproximar mais dos seus clientes, desenvolver as relações diretas com eles e aprender sobre suas preferências e comportamentos (WATSON IV *et al.*, 2015). Ao mesmo tempo, os usuários estão conversando sobre as organizações através desses meios e é fundamental que elas fiquem atentas a estas conversas (SMITH, 2012).

Na era das mídias sociais, diferentemente do que ocorre com os canais mais tradicionais, o controle do marketing sobre o conteúdo, o tempo e a frequência das informações foram afetados, passando para os consumidores (MANGOLD; FAULDS, 2009). Tudo indica que talvez as novas mídias sejam vistas pelos usuários como um ambiente para a

interação entre consumidores e não para a interação entre organizações de produções e de consumidores. Sendo assim, as informações sobre produtos e serviços se originam do mercado, com base nas experiências dos consumidores (MANGOLD; FAULDS, 2009). Se assim for, o ato de produzir e de consumir passa a ser uma ação social da modernidade que envolve e classifica determinados grupos de pessoas. E então o ser humano deixaria de ser sensível às belezas do mundo, para dar crédito aos bens fabricados pelo homem, que por sua vez transformam o cenário em um verdadeiro mercado de emoções. Logo, ser feliz, não mais passaria a depender daquilo que se agrega como valores humanos, mas aquilo que se adquire com o capital. O indivíduo passa a ser valorado por aquilo que possui e não pelo que é. Citando Bauman (2011, p. 1), podemos dizer que a cultura de produção e de consumismo na era da midiatização e dos processos sociais configura-se como:

Um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime” transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel nos processos de auto-identificação individual e do grupo, assim como na seleção de execução de políticas de vida individuais. O “consumismo” chega quando o consumo assume o papel-chave que na sociedade dos produtores era exercido pelo trabalho.

Sendo assim, objetivando a expansão da produção, do comércio e consumo dos bens da indústria cultural midiática, empresas ligadas às novas tecnologias descobrem na sociedade angolana um mercado próspero por explorar. Por meio de institucionais prenes de ideologias consumistas, estabelecem relações com a sociedade angolana através das mídias sociais. Portanto, fazendo recorte, como já foi dito anteriormente, objetivando acercar o nosso objeto de pesquisa escolhemos os vídeos em circulação nas redes sociais (Facebook e Youtube). Esses vídeos foram produzidos e postos no fluxo adiante (BRAGA, 2012) pelas instituições midiáticas canônicas, prestadoras e distribuidoras de serviços de telefonia móvel e de TVCABO.

Os vídeos podem, segundo a nossa visão, ser considerados como metáforas de travessia de “uma zona de indeterminação, criada pela existência e manifestação de um terceiro elemento”, que pode funcionar “como um dispositivo, enquanto espaço gerador de potencialidades”. (FAUSTO NETO, 2010, p. 7). Esta presunção é fundamentada pelo contexto socio-histórico angolano, que compreende um longo período que vai da guerra civil até a democratização do mercado e da abertura ao desenvolvimento das TICs em todos os campos e práticas sociais, como forma de expandir “o mercado de produção e do consumo

dos produtos da indústria cultural” (ADORNO, 2002, p.5). Essa expansão transformou o país em uma sociedade em integração, na esfera de produção e de consumo (BAUDRILLARD, 2008; BAUMAN, 1999; FEATHERSTONE, 1995; LIPOVETSKY, 1989), e talvez faça surgir uma terceira esfera, a da anomia. E então possamos crer, hipoteticamente, que uma nova identidade cultural esteja sendo constituída entre as subjetividades dos indivíduos (FOUCAULT, 1999; VIGOTSKI, 2003) produtores, consumidores e aqueles que estão fora dessas categorias.

É a respeito de novas identidades em emergência que, sob os fluxos e circuitos da circulação midiática, inserimos o estudo da problemática de agressividade entre os adolescentes angolanos que consomem conteúdos violentos através dos DMs. A nossa hipótese, ainda que leiga, é de que o entendimento sobre as novas identidades dos sujeitos deve passar pela compreensão da mútua permeabilidade entre a emissão e a recepção.

No contexto angolano, isso parece, em primeiro lugar, ter o objetivo de indagar as teorias comunicacionais, visando a eliminação do hiato que possa existir entre o eixo produtivo e o receptivo no processo comunicacional. Em segundo lugar, acreditar que a ambiência criada pelos processos de circulação midiática invasivamente se impõe como um processo incaracterizável de emaranhados e de circuitos que irrompem, cessam e se modificam a todo o instante, sendo alimentados por diversas variáveis e fontes tecnológicas e discursivas. Dessa forma, assim como ocorre nas sociedades em midiatização, assiste-se também em Angola a dissolução das fronteiras posicionais entre os atores participantes dos processos de interação. Aos poucos a população angolana, sobretudo as gerações mais jovens, passam a ser compreendidas como agentes comunicacionais reconfigurados na circulação dos bens midiáticos. Por esse véis, levantamos a hipótese de que talvez o conceito de circulação midiática da problemática de agressividade possa ser usado como metáfora de um dos bens da indústria cultural, produzido para ser consumido pelos indivíduos. A ser assim, ela agregaria à sociedade angolana “novas formas de interações entre produtores e receptores de mensagens, complexificando seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces”. (FAUSTO NETO, 2010, p. 1). Estaria, nesse caso, aberto um processo que teimosamente nos desafia e nos obriga a perseguir a problemática no fluxo adiante na sociedade angolana em midiatização. Disso isso, julgamos ser necessário observar e perceber as lógicas e estratégias dos processos da inculturação midiática na sociedade angolana.

## **5 A MUDIATIZAÇÃO DA CULTURA E OS DESBRAMENTOS DA PRODUÇÃO DA CULTURA MUDIÁTICA EM ANGOLA**

A nossa primeira impressão dos dados obtidos a partir das respostas dos oitenta adolescentes angolanos revela-nos uma sociedade que concebe os meios de comunicação de massa e as TICS, como um subsistema responsável por realizar funções de reconstrução socio-histórica e cultural de um país vítima de um conflito armado civil que durou décadas. Teoricamente isso nos aproxima da visão de Rodrigues (1990), que entende o campo dos media como mobilizador do debate público e da produção de sentidos entre os demais campos sociais. Se ontem os sujeitos e instituições disputavam as suas visibilidades através das representações veiculadas nos meios de comunicação tradicionais (rádio, televisão, revista e jornal impresso), hoje formas de legitimidade social ou as lutas pelo reconhecimento ocorrem nos espaços digitais.

Em uma leitura de conjunto, apropriando-nos de Costa (2009), julgamos com esta unidade dar corpus científico ao trabalho que vimos desenvolvendo até agora. Na transversalidade o nosso objetivo é acionar os dados obtidos dos “lírios dos campos” e tensionar as teorias dos diversos autores, inferidas durante o processo de observação e descrição dos indícios, orquestrados pelas técnicas utilizadas. O objetivo final é a elaboração de hipóteses acerca de um nós em construção sobre a problemática da circulação midiática de agressividade entre os adolescentes angolanos.

Nessa perspectiva, como ocorre em várias partes do mundo, após Guerra Civil o processo da democratização e a abertura ao mercado das TICs da sociedade angolana, constitui-se em uma sociedade eminentemente midiaticizada. É possível constatar quase em todos campos sociais o processo de informatização de dados entre as instituições e nos mais diversos setores sociais, formando uma rede de interesses comuns por meio da troca de informações via internet. Esse processo não apenas afeta as instituições e setores, mas também a todos os cidadãos angolanos. Porém, essa ambiência, fruto dos avanços tecnológicos, configura-se como um processo revestido de um tecido de natureza organizacional complexo, heterogêneo e descontínuo. Tal processo, na interface de produção de ofertas e consumo, pode gerar novas possibilidades técnicas e discursivas (teorias - relatos e práticas - ações), por meio dos usos dos dispositivos midiáticos, e estabelecer feixes de relações intermediáticas, (FAUSTO NETO, 2008), entre as instituições (produtoras e consumidoras da cultura midiática), cujas consequências são canhestras (BRAGA, 2011).

Desse modo, ao longo desta pesquisa estamos aos poucos percebendo que o contexto social angolano tende, ensaísticamente, a ir na direção das sociedades em midiatização não só no âmbito das organizações e instituições, mas também na sociedade em geral. Do ponto de vista institucional, percebemos mudanças transformadoras gigantescas em seus discursos e práticas. Se, tradicionalmente, estas práticas se resumiam a ações de publicidade e propaganda ou relações públicas, materializadas em veículos de comunicação direcionados ao público alvo (jornais de empresa, livros, vinhetas, noticiário etc.), as novas gerações estão sendo dominadas pela cultura sociotécnica, tecnológica, globalizada e fragmentária, norteadas pelas lógicas da produção e do consumo, graças ao uso da internet. As interações entre as pessoas “tornam-se mais fluidas, assim como as identidades dos próprios sujeitos em comunicação – a organização, instituições e seus interlocutores”. (LIMA, 2008, p. 116-117). Essa constatação sugere-nos a percepção de um confronto entre duas culturas (tradicional e a midiática), que na perspectiva de Fromm (1982) e Bock (1997), podem ferir a integridade física e psicológica dos indivíduos em uma determinada sociedade.

## 5.1 O PROTAGONISMO DOS ATORES SOCIAIS NOS PROCESSOS DA PACIFICAÇÃO E DA DEMOCRACIA EM ANGOLA

Com a morte de Jonas Savimbi, a assinatura do Memorando, a abertura do espaço de debate público na arena política, econômica e social, diversas vozes antes silenciadas pelo sistema do governo do partido único e, principalmente beligerante, inspirando-se nas dinâmicas sociais internacionais, despertam-se e se erguem na sociedade angolana e, aos poucos, vão tomando corpo. Dentre estas vozes destacamos as da Igreja Católica. No seu primeiro pronunciamento com repercussões internas e externas, em carta os bispos da CEAST<sup>1</sup>, intitulada “Ajudai-nos a viver” (1986), endereçada aos Americanos e Russos, solicitavam que as duas superpotências, através da busca de uma solução para a guerra civil que durava então dez anos, ajudassem Angola a viver.

Passados três anos de silêncio por parte dos Russos e Americanos, de luta pelos interesses econômicos e políticos de um lado, e de destruição, fome, miséria e morte dos cidadãos angolanos, do outro, novamente a CEAST pedia e exigia do MPLA, partido no poder e da UNITA partido rebelde, na Carta pastoral “Diálogo direto e Franco” (1989), o fim definitivo das hostilidades da guerra civil. Isso pôs fim ao “partido único” e instaurou o processo democrático e de cidadania aos angolanos, assim como de abertura do país ao

---

<sup>1</sup>Conferência Episcopal de Angola e São Tomé e Príncipe



processo do desenvolvimento e do progresso. Mas não obteve os resultados esperados. Tratam-se, porém, de tentativas embrionárias que conduziram ao período pós Protocolo de Lusaka, que ocorreu em 1994. Desse modo, foi marcado o engajamento do processo pela constituição da sociedade angolana (COMERFORD, 2005), quando as organizações começaram a abordar temas relacionados aos direitos humanos de educação cívica e deveres dos cidadãos (VINES, 1998).

Após o fracasso do Protocolo de Lusaka, que desencadeou no retorno da guerra (1998), várias foram as iniciativas significativas da sociedade civil (ONGs internacionais e nacionais, igrejas, movimentos comunitários, associações culturais e profissionais) a solicitar do Estado Angolano (MPLA) e da UNITA (COMEFORD) que pusessem ponto final ao conflito armado, e criassem condições para uma paz duradoura, agindo juridicamente e dentro do quadro constitucional, em defesa dos direitos humanos dos cidadãos angolanos comuns.

Uma vez que as duas partes beligerantes não atenderam aos apelos da sociedade civil, além dos documentos produzidos pela CEAST, houve a produção de uma série de documentos, que Comerford (2005) chamou de “apelos de paz”. Dentre esses documentos, destacamos fundamentalmente três:

- a) o primeiro, de 1999, chamado “Manifesto para a paz em Angola”, assinado por cento e vinte pessoas, incluindo jornalistas, sociólogos, docentes universitários, advogados, músicos, deputados;
- b) o segundo documento, de abril de 1999, pertence ao Grupo Angolano de Reflexão e Paz (GARP), constituído por pessoas ligadas ao campo religioso, meio político e de comunicação. O documento afirmava que “ninguém tem o direito de falar em nome do povo para fazer a guerra civil, tanto com o argumento de defesa como de resistência. O povo não foi consultado” (COMEFORD, 2005, p. 153). Assim, os autores de ambos os movimentos discursaram para um grupo mais amplo do que o da sociedade civil ou de atores da esfera pública, falando em nome do povo angolano para aqueles que fizeram a guerra em seu nome;
- c) por último destaca-se o apelo feito em 2000 pelas “Mulheres Pela Democracia” (MPD), uma ONG de mulheres profissionais, como advogadas, jornalistas, empresárias, entre outras, formadas no exterior com bolsas financiadas pelo governo. O referido documento, aproximando-se dos outros dois, revela a impugnação e a profunda tristeza que não deriva somente da continuação da guerra, mas do fato de que as mulheres como esposas e mães tinham perdido esposos e filhos durante o conflito.

Na visão de Comerford (2005), os três exemplos constituem a clara e crescente explicitação de uma luta pelo reconhecimento. Além disso, são a prova de que a sociedade civil angolana vai se consolidando e se configurando como fundamental na resolução do final do ciclo da guerra civil. Assim, redesenhava-se para a sociedade angolana a certeza de que jamais os dois beligerantes voltariam a pegar em armas. O instrumento foi a assinatura de uma declaração intitulada: “Declaração de Paz do Governo”, entre o MPLA e a UNITA na cidade de Luena, Província do Moxico, Angola, no dia 4 de abril de 2002. O MPLA, em nome do Governo do Estado angolano, no ponto 10 do documento, propunha-se trabalhar “com toda a sociedade, nomeadamente as Igrejas, os partidos políticos, as associações cívicas e as associações sócio-profissionais”.

No que concerne à ajuda humanitária, o instrumento afirmava, no ponto 12, contar “com a participação efetiva das Igrejas, organizações não-governamentais e demais membros da sociedade civil”. Volta a apelar ao engajamento da sociedade civil nas formas políticas quando convida, no ponto 14, a “um elevado sentido de responsabilidade nos seus atos e palavras” (Jornal de Angola, 2002, p. 4). Por sua vez, a UNITA, através da sua “missão externa”, objetivando garantir o cumprimento dos acordos estabelecidos, apelava pela igualdade de direitos quer a nível da “Comunidade Internacional”, quer da “sociedade civil”, em vista da instauração do sistema democrático e da reconstrução nacional.

Dito de outra forma, a assinatura do Memorando de Entendimento não apenas foi determinante para uma abertura ao pluripartidarismo e a liberdade de expressão, mas, sobretudo, para uma abertura que paulatinamente ofertaria aos angolanos novas oportunidades para a participação social, tanto em torno das políticas públicas nacionais e internacionais, quanto aos mercados de produção dos bens da Indústria Cultural. No seu relatório sobre a “Construção da Paz e sociedade civil em Angola: um papel para a comunidade internacional”, Howen (2001, p. 30) afirma que, com o fim da guerra, Angola ressurgiu como “uma sociedade civil mais confiante e organizada” onde, como nas sociedades midiáticas, já se pode observar a presença de atores sociais. Essa noção remete-nos às reformulações teóricas de Touraine (1970, p. 35) que na época caracterizava o período como sendo da sociedade pós-industrial. Segundo ele, trata-se de “um tipo de sociedade que aparece quando se passa do tema dos bens materiais ao dos bens culturais e quando o problema da cultura e da personalidade se torna mais importante, mais central do que o problema econômico”.

À luz das formulações teóricas deste autor acerca dos atores sociais (1994), definidos como sujeitos de ação social organizados em movimentos sociais na reivindicação dos direitos culturais, entendemos que, no caso de Angola, quando o problema da guerra cede

lugar ao desenvolvimento cultural sociotécnico, industrial e econômico, os angolanos assumem-se como sujeitos pessoais. Desse modo, passam a agir reivindicando os seus direitos de serem reconhecidos como atores. Esta luta pelo reconhecimento talvez produza rupturas e gere crise de vínculos sociais. Assim, frente à a crise dos vínculos sociais gerada pela modernidade, o desempenho do indivíduo ganha uma função interacional indispensável entre os atores dos diferentes campos e práticas sociais.

Sob as angulações da lógica da função interacional, esta pesquisa pretende enfatizar as ações que dizem respeito à heterogeneidade dos atores de diferentes pertencimentos sociais, de classe, gênero, etnia, gerações, como também na multifacetada incoerência interna de cada grupo e de cada indivíduo. Amparados pelo campo da comunicação, sobretudo na ambiência da midiatização e dos processos sociais, a nossa hipótese é que estes grupos de indivíduos sejam vistos como sujeitos de ação social, enquanto compartilham coletivamente as significações comuns em seus desejos, sonhos e esperanças individualmente. Nesse compartilhamento através da ancoragem, apropriação e resignificação (MOSCOVICI, 2003) pode ocorrer a autoconstrução e a reconstrução de novas identidades.

Portanto, ao estudar os comportamentos desses indivíduos, talvez seja necessário a adoção de uma metodologia que verse sobre a compreensão das formas como são percebidos e recepcionados. Isso significa concebê-los não como automáticos e impensados diante das forças e condicionantes sociais (EDWARDS, 1997). Portanto, cremos que qualquer análise dos fenômenos observados ou constatados nos grupos sociais, quer individual (isolado) quer coletivamente, necessariamente deve passar e consistir na reflexividade sobre a maneira como esses grupos desenvolvem as suas atividades cotidianas. Nesse caso, com ênfase em como são produzidas as ações, suas experiências e os processos pelos quais interpretam, constantemente, a realidade social e a forma como reproduzem e fabricam o mundo em que vivem (COULON, 1995).

Isso implica uma análise conjuntural de alta complexidade, cuja leitura e interpretação apenas podem tornar-se possível na intercambialidade e interação com os contextos socio-históricos e culturais desses grupos sociais. No item a seguir pretendemos fazer uma descrição do contexto atual angolano, que com o fim do conflito armado, a pacificação e a abertura do mercado dos produtos da indústria das novas (TICs), enfrentam novos embates culturais na ambiência da midiatização.

## 5.2 AS METAMORFOSES DO CONCEITO DE CULTURA NA AMBIÊNCIA MIDIÁTICA EM ANGOLA

Em uma leitura conjunta dos dados até agora recolhidos, chegamos à conclusão de que o surgimento e o desenvolvimento dos meios de comunicação não só podem ser considerados uma característica essencial da cultura ocidental, mas constituem-se como uma característica essencial das sociedades atuais. Assim, no contexto da sociedade angolana, onde se pode observar uma modernidade periférica e a produção e a circulação de formas simbólicas, compreendemos que ao estudar a problemática da agressividade entre os adolescentes, a mídia tenha um papel decisivo na vida social e no seu cotidiano. Assim, retornando aos conteúdos nos observáveis, destacamos os vídeos “Movitel Geração M”, produzido e posto em circulação pela UNITEL, no seu canal “mvcfalacomigo”, no dia 23 de outubro de 2013.

Este institucional obriga-nos a apelar pela memória da identidade cultural do povo angolano, agora mergulhado na cultura midiática. A trilha sonora do institucional formula um convite a população jovem para o ingresso à “Geração M”: “Se és da Geração M - se não vives sem Facebook, Instagram, Youtube e toda a internet - este é o plano para ti. O plano da Geração que vai ao leme”. Diferentemente do nível de compreensão do conceito de identificação cultural (CANCLINI, 1999; HALL, 2003), aqui o institucional “Geração M” pode ser interpretado como:

- a) signo do consumo dos produtos (aparatos sociotécnicos e tecnológicos) comercializado pela companhia de telefonia móvel, Movitel;
- b) como metáfora da inserção dos adolescentes, na esfera do consumo e da produção dos bens (produtos e serviços) da indústria da cultura midiática, por meio dos usos dos dispositivos midiáticos e apropriações das lógicas, e das gramáticas das novas TICs.

Nesse sentido, podemos afirmar que no contexto socio-histórico e cultural angolano o conteúdo do institucional “Movitel Geração M” faz-nos perceber elementos em que observamos que o conceito de cultura seja algo construído socialmente, através de compartilhamento dos conteúdos na ambiência da midiática entre as novas gerações em Angola.

Estamos conscientes de que assumimos uma postura arriscada, em primeiro lugar, por abordar problemáticas das subjetividades dos indivíduos foge à partida do campo da comunicação. Em segundo, devido à particularidade da sociedade angolana onde se insere a amostra de pesquisa. E em terceiro lugar, por causa das mutações socio-históricas e culturais

inerentes aos processos sociais e midiáticos. Sendo assim, o estudo sobre as reconfigurações do sujeito angolano na ambiência da midiaticização está revestido de uma roupagem de alta complexidade. Por isso nos ancoramos em teorias que apliquem técnicas que possibilitam o estudo dos contextos e as condições de produção e significação das práticas sociais. Por essa trilha, é necessário empreendermos uma investigação que, extrapolando o campo da comunicação social, mergulhe no campo da Psicologia Científica (WATSON, 1930) e se aproxime da teoria pelas Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003). Ou seja, estamos partindo do pressuposto de que apenas seja possível abordar as novas configurações do sujeito considerando os contextos socio-histórico, cultural, interacional e representacional. Para todos os casos o nosso ponto de partida é o conceito de cultura.

O conceito de cultura, sob o ponto de vista epistemológico, evoca interesses, enfoques e campos semânticos transversais e multidisciplinares, como a comunicação, a psicologia, a sociologia, a antropologia, a história, a administração, a economia, a política entre outras, chegando inclusive a ser substituído por termos como mentalidade, espírito, tradição e ideologia (CUCHE, 2002).

Porém, para Santos (1994) e Ulmann (1991), o conceito de cultura é originário do verbo latino *colere* (colher) que, a partir do século XIX passou a ser reformulado e a compreender duas concepções básicas:

- a) a primeira atrelada ao desenvolvimento de teorias científicas sobre a vida e a sociedade, e passa a tratar da totalidade das características de uma realidade social de uma nação;
- b) a segunda é parecida à primeira, porém, refere-se ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo, assim como as maneiras como eles existem na vida social.

Nessa perspectiva, a cultura diz respeito a uma esfera, a um domínio da vida social. Portanto, em sentido amplo, cultura designaria o *modus vivendi* que os homens, reunidos em sociedade, desenvolveram e desenvolvem. Em sentido restrito, cultura significa o *modus vivendi* e transformador global de que participa determinado povo como ator. Assim, tendo como matriz produtora a natureza, a cultura vai além desta. Ela não é dada naturalmente, não é decorrência de leis físicas ou biológicas, mas constitui-se numa construção socio-histórica e cultural. A partir da perspectiva de Santos (1994) e Ulmann (1991), a cultura assume um caráter eminentemente libertador, promotor, transformador, coibidor, e restritor ao impor freios. A cultura não permite apenas que eu descreva e compreenda uma realidade, mas me aponta caminhos para sua modificação, levando-me a entender o processo histórico que

produz a sociedade – e a própria cultura –, as relações de poder e o confronto de interesses dentro da sociedade.

O estudo da cultura configura-se de grande valia para o entendimento dos processos das transformações das sociedades contemporâneas, ajudando-nos a pensar a nossa própria realidade social e o processo de construção de nossas identidades culturais. Ao falar de identidades culturais, estamos querendo enfatizar o sentimento de pertencimento a uma cultura nacional. Dito de outro modo, aquela cultura em que nascemos e que nos absorvamos ao longo da vida. Porém, queremos chamar atenção para não ser mal interpretado ou como alguém que entenda identidade como algo natural, geneticamente herdado, mas como algo construído. Hall (2005, p. 50) assim a define: “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos”. Portanto, observamos que a identidade pode mudar de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, não sendo automática. Na abordagem do autor identificamos três concepções de sujeito e respectivas de identidades: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

Hall (2005) esclarece que à medida que o mundo moderno se torna mais complexo, emerge a consciência de que esta essência interior do sujeito, que determinava sua identidade, vai se diluindo. Aos poucos vai se configurando um novo conceito de sujeito que deixa de ser autônomo e autossuficiente, para ser um projeto em construção com outras pessoas que lhe rodeiam com valores e símbolos – a cultura. Na interação com os outros, os valores e símbolos, a identidade passa a ser fruto da interação entre o sujeito e a sociedade. Com essa visão chegamos à definição sociológica do sujeito. Todavia, para nós esse modelo passa a ser perturbado e colocado em questão ao defrontar-se com as constantes flutuações e mudanças bruscas e rápidas, devido às características dos modelos sociológicos interativos provocados pelo desenvolvimento tecnológico da informação e comunicação.

Estamos sendo blindados, em nossas construções, pelas gênesis desses modelos sociológicos e interativos que, na primeira metade do século XX com o advento da Web 2.0, começam a ser perturbados por mutações estruturais e institucionais. A noção de um sujeito como tendo uma identidade unificada e estável entra em colapso, em uma crise estrutural e institucional. Ela passa a ser definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades “outras” em diferentes momentos. O conceito de identidade passa a ser visto como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas, e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Desse modo, a identidade unificada, completa, segura e coerente transforma-se em fantasia. Segundo Hall (2005, p. 13), “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, a sociedade ou os indivíduos são confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderiam se identificar”. Perante essa postura, concluímos que a implementação da internet, da comunicação em redes, da convergência midiática (JENKINS, 2008) e a circulação dos produtos da indústria cultural podem permitir o deslocamento das identidades culturais, a sua desintegração, homogeneização e, conseqüentemente, os seus enfraquecimentos. Ademais, “à medida que as culturas nacionais se tornam mais expostas às influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural”. (HALL, 2005, p. 74). A ser o caso, o confronto com uma verdadeira gama de identidades culturais é traço marcante da contemporaneidade. A forma como um indivíduo se relaciona com o seu passado e presente e as suas relações de sociedade constitui a fluidez e a dinamicidade cultural e identitária. Conseqüentemente, na lógica do mecanismo adaptativo e cumulativo, a cultura sofre mudanças, os traços tradicionais se perdem, outros se adicionam, em velocidades distintas nas diferentes sociedades em midiatização.

É, portanto, no contexto da sociedade angolana, que sustentados por essa estrutura organizacional desenvolvemos a nossa pesquisa. Acreditamos que essa estrutura organizacional nos oferta possibilidades outras, na construção das relações sociais e dos sentidos, bem como dos significados por meio dos relatos de expectativas e experiências dos sujeitos em sociedade. Dessa maneira, nesta pesquisa que concebemos como de caráter qualitativo, adotamos uma engenharia que opta pelo uso de um “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. (MINAYO, 2001, p. 14). A nosso ver, isso corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos apenas à operacionalização de variáveis, dada a sua complexidade. Tratamos de enveredar por um caminho que nos oferte um subsídio complementar na leitura, na escuta e na compreensão da realidade angolana enquanto construção social.

Em nossos processos tentativos e inferenciais, estamos confiantes de que esta visão justifica a metodologia adotada para o estudo de análise dos dados a serem coletados, que obtivemos por meio da aplicação das entrevistas livres. Conforme traçado no segundo capítulo, o nosso objetivo é a busca da compreensão em profundidade acerca de “como” e “porquê” os adolescentes são impelidos a produzirem o que produzem e a fazê-lo circular nas redes sociais (Youtube e Facebook) em Angola.

Em uma visão ensaística, inferimos que os conteúdos produzidos, postos em circulação nas redes sociais, podem ser concebidos como representações construídas social e culturalmente, e para tal, prenes de significados. Dessa forma, passamos a vincular e a definir o conceito de representações aos contextos socio-histórico e cultural. Essa perspectiva nos aproxima de Moscovici (2003, p. 49-50) que define as representações como “uma forma de conhecimento prático que conecta um sujeito a um objeto [...] e servem para os sujeitos agirem no mundo e nos outros”. Nessa perspectiva, nos meandros dos contratos de leitura de mundos e das suas ressignificações, o conhecimento passa a surgir de “onde as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão e satisfação ou frustração” (2003, p.9). Na visão do autor, as representações não passam de “conceitos perdidos” e “entidades quase tangíveis que circulam, se entrecruzam e que se cristalizam continuamente, através de palavras, gestos, ou de reuniões, no mundo cotidiano” (2003, p.10). Na busca desses conceitos perdidos e entidades, os sujeitos são impelidos a empreender uma luta pelo seu reconhecimento por meio dos processos de ancoragem, apropriações e ressignificações. Tais processos podem outorgar às representações um valor equiparado ao conceito de cultura.

Ao longo dos anos esse conceito tem sido objeto de discussão por pesquisadores de diversos campos do saber. Mas é, sobretudo no século XVIII e a partir dos estudos do antropólogo inglês Edward Tylor (2005) que ganha primazia nos ambientes acadêmicos. Alguns pesquisadores o concebem como a maneira de representar o mundo e de entendê-lo (LEVI-STRAUSS, 1976; HALL, 2005; GEERTZ, 1989); outros como tudo aquilo que o homem produz com o intuito de atingir seus objetivos, seja material ou não (MARX, 1983); outros ainda como um sistema de práticas mediadas pelas relações que se estabelecem dentro de uma sociedade, abarcando aquelas entre indivíduos e também entre indivíduos e instituições (BOURDIEU, 1983).

Nesse sentido, a ideia de cultura resultaria das interações entre os indivíduos de cada sociedade. E poderia ser definido como o modo de “ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura”. (LARAIA, 2006, p. 68). Sob esse ângulo conceitual, a cultura seria uma espécie de guia de comportamento em cada sociedade. Ela determinaria como nos vestimos, o que é considerado adequado ou não em uma sociedade e como nos comportamos em relação aos demais. Por fim, nossas ações seriam mediadas por aquilo que percebemos e recebemos através da socialização. Estamos, portanto, atribuindo uma nova forma de entender e



descrever o conceito cultural. Mais do que relacionada à erudição, ao letramento, ela passa a corresponder à um conjunto de significados atribuídos e compartilhados por uma comunidade. A sua razão de ser está no consumo não mercantil, na utilidade prazerosa e produtiva dos objetos que cria, não em sua originalidade ou no lucro que resulte da venda. Em suma, o “seu valor supremo é a representação e a satisfação solidária de desejos coletivos” (CANCLINI, 2005a, p. 49) dos sujeitos.

O nosso discurso está sustentado pelos resultados obtidos das entrevistas e das discussões do Focus Group com os oitenta adolescentes da amostra. Quanto aos usos e apropriações sociotécnicas, tecnológicas, culturais e interacionais em termos representativos, demonstramos no seguinte gráfico:

Gráfico 33 – Usos e apropriações sociotécnicas, tecnológicas culturais e interacionais



Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir desse gráfico, longe de adotarmos mecanismos metodológicos que definam o conceito de agressividade e de violência, o nosso objetivo é perseguir, em meio aos relatos dos adolescentes e os vídeos no fluxo adiante, os fluxos sociais e os âmbitos dos desdobramentos sociotécnicos e tecnológicos nas práticas comunicacionais (FAUSTO NETO, 2006) na cultura angolana. Ou seja, isso não é mais do que fazer uma marcha inversa que dê lugar a uma demanda de algo que podemos chamar de choque interacional e cultural na ambiência midiática. Estamos inferindo a possibilidade da existência de um espraiamento desses desdobramentos sistemáticos em praticamente todos os sistemas informativo-comunicacionais, que ocorrem em uma velocidade e qualidades ímpar com o advento da internet em Angola que interliga os campos e as práticas sociais. É graças a essa interligação

que Castells (1996;1998) desenvolve a sua teoria sobre a “sociedade de fluxos” ou “sociedade da informação”, que tem como objetivo a redução de custo e aumento de lucros da indústria cultural, enquanto fornecedora do substrato material para o processo de globalização econômica, política e cultural. E, na interface com o autor, passamos a entender esse processo como a produção, circulação e consumo de bens e serviços que sustenta as engrenagens hegemônicas da cultura midiática.

Autores como Ferreira, (2006); Braga, (2011; 2012); Giddens (2001); Kellner (2006); Rosa (2012); Gomes (2006); Gomes (2016); Fausto Neto (2006); Martín-Barbero (1997); Sodré (2002) e Rodrigues (2000), situam a gênese da cultura midiática, naquele momento em que a sociedade dos meios transportadora de novos sentidos e significados, emigra para a sociedade midiaticizada. A partir desses autores podemos definir a cultura midiática como o produto regular e sempre renovado de um sistema midiático-cultural, cujos principais agentes são os conglomerados midiáticos.

Esses agentes têm como objetivo provocar e sustentar a sofisticação tecnológica a serviço da reprodução do mesmo, da “banalidade sintética, fabricada em circuito fechado e sob tela de controle” (BAUDRILLARD, 2001, p. 12) social. Na ambiência da cultura midiática não há apenas a conformação do público a determinados hábitos, padrões de comportamento, valores, gostos e preferências difundidas por meio da mídia. Mas existem múltiplas afetações, representações, assimilações, imitações, apropriações, ressignificação, a re-criação e a retroalimentação fluxológica e discursiva dos mesmos bens culturais.

Por conseguinte, o gráfico por nós construído, em uma visão estrutural interna, sociotécnica e tecnológica nos faz perceber indicativos científicos que refletem traços da vida cotidiana dos adolescentes angolanos. Sem a pretensão generalista, os indicativos ajudam a sustentar um discurso que mergulhe os adolescentes angolanos numa processualidade social ampla e complexa de virtualização e telerrealização, cujos desdobramentos podem desembocar no conjunto das transformações bio-midiáticas (SODRÉ, 2002; GOMES, 2017). Já na visão de Berger e Luckmann (1987), esse conjunto constitui toda uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido na medida em que forma um mundo coerente. E como tal, envolve os processos simbólicos e metafóricos de interpretação da realidade social e dos sentidos que subjetivamente os indivíduos podem atribuir à esta realidade social. Ou seja, trata-se de processos de significações referentes a diferentes realidades que estão relacionadas à interpretação dos agentes sociais.

Portando, inferimos que pensar na midiaticização da cultura e na cultura midiática em Angola significa desprender-se da ideia paradigmática das teorias da comunicação

tradicionais, segundo as quais, os processos de evolução tecnológica rumo à convergência dos meios de comunicação resultaria em uma homogeneização da sociedade. Portanto, a nosso ver, não se trata aqui de uma homogeneização da sociedade, dos gostos e dos padrões em Angola, mas sim de instaurações de processos de embates sociotécnicos, tecnológicos e interacionais, cujos desdobramentos inscrevem os sujeitos na esfera da cultura midiática.

### 5.3 PERCURSO SOCIO-HISTÓRICO DA INDÚSTRIA DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM ANGOLA

Temos como objetivo redesenhar o percurso da sociedade pós-conflito armado civil e em estado integrativo, acionando a consolidação do mercado da “indústria cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1986) com o advento da maquinofatura. Quer dizer, com o advento da paz e da democracia o capitalismo industrial, em Angola, paulatinamente vai se consolidando. As antigas formas de produção artesanais vão sendo substituídas pela produção em série e com novas tecnologias, com as ferramentas rudimentares antes utilizadas sendo substituídas por máquinas mais eficientes com a finalidade de acelerar o processo da produção. Esse processo ganha contornos surpreendentemente canhestros com a revolução industrial das novas TICs. Na ambiência das novas tecnologias de informação, as relações entre produção e consumo ganham maior importância no mundo. Elas permitem encurtar “a distância entre as duas pontas do relacionamento de consumo” (VOLPI, 2007, p. 45), atravessando todo o tecido social angolano por meio dos contratos e assinaturas de protocolos entre as instituições públicas e privadas.

Portanto, sob a perspectiva da percepção e recepção, pretendemos articular a operação e os desdobramentos dos processos de embates, em choque ou confrontos entre a sociedade (cultura) tradicional e a sociedade pós-moderna (cultura das novas tecnologias). É verdade que no contexto global o advento e o desenvolvimento dos meios de comunicação em Angola podem ser considerados uma característica essencial da cultura ocidental. Todavia, as novas TICs constituem uma das dimensões marcantes da sociedade atual, fazendo sentido também a afirmação de Thompson (1998, p. 12) ao dizer: “Se quisermos entender a natureza da modernidade, [...] as características institucionais das sociedades modernas e as condições de vida criadas por elas – devemos dar um lugar central aos meios de comunicação e seu impacto”. Na sociedade angolana como acontece naquelas em midiatização, onde a “modernidade periférica”, a produção e a circulação de formas simbólicas pela mídia têm um papel decisivo na vida social e no cotidiano das pessoas.

Depois da guerra civil, em praticamente todos os campos, práticas sociais e com maior destaque na área de comunicação e informação, observamos um crescimento veloz e qualitativo. Esse crescimento, além de possibilitar a redução de custos e o aumento de lucros para as empresas, também permitiu a popularização dos serviços ofertados pelas instituições ligadas a estas áreas. Em uma postura ainda ensaística, podemos afirmar uma abordagem sobre revolução digital em Angola, na transmissão de dados e informações. Esta revolução oferta um substrato material para os desdobramentos do que Castells chamou de a sociedade de fluxos (CASTELLS, 1996) ou a sociedade da informação (CASTELLS, 1998). Sem a pretensão de cair em ingênuas conjecturas, reconhecemos que a maior parte da população angolana ainda não está conectada e familiarizada com essa rede de fluxos. E talvez mais da metade da população não faça uso do telefone e continua social e economicamente excluída.

Porém, não temos como negar que os processos de mundialização financeira, econômica, cultural e política vigente só foram possíveis por meio do desenvolvimento das telecomunicações e de seus aparatos. Nossas inferências se direcionam para a crença de que o desenvolvimento das TICs fornece o substrato material para o processo de globalização cultural. Para isso, utilizamos da definição de Ortiz (1994, p. 16) para a globalização. Segundo o autor, é a “produção, distribuição e consumo de bens e serviços, organizados a partir de uma estratégia mundial e voltados para o mercado mundial”. Por estas angulações, concebemos o conceito de globalização como expansão dinâmica da economia de mercado a todos os âmbitos da vida social, em todos os países, incluindo Angola, ainda que de forma e em ritmos diferenciados. Destarte, a globalização econômica, política e cultural estará a serviço dos processos “de acumulação e concentração em escala planetária do capital”. (BOLAÑO, 1996, p. 17).

Portanto, no contexto angolano de uma sociedade emergente, podemos dizer que a apropriação, o uso das ferramentas e o domínio socio-técnico-tecnológico da informação, pela camada mais jovem da população, “tornou-se fonte alimentadora das engrenagens indispensáveis à hegemonia do capital” (MORAES, 1998, p. 50) para as instituições mercadológicas e capitalistas. Essa ambiência cria e oportuniza a quebra das barreiras nacionais e oferece a internacionalização do mercado cultural de massa. Nesse caso a sociedade angolana enfrenta emergencialmente aquilo que Ortiz (1994, p. 111) chamou de “cultura internacional popular”. Isso nos leva a refletir na existência de uma política internacional que se impõe em cada um dos países, convertendo os indivíduos em uma massa popular consumidora de determinadas mensagens, estilos e padrões “globais”. Nessa ordem de ideias, atravessados pelas correntes internacionais de produção e consumo desses produtos

(TICs), também observamos, na República de Angola, uma forte concentração e fusão de empresas de capitais atuantes no campo da indústria cultural em termos mundiais de oligopólios (HERMAN; MCCHESENEY, 1997; MORAES, 1998) no âmbito midiático. A partir disso, descrevemos os desdobramentos dos processos de integração na esfera do mercado do consumo dos produtos das TICs em Angola.

Segundo Almeida e Cogle (2006), as primeiras tentativas de instalação, de conexão e uso da internet em Angola tiveram cronologicamente um processo que podemos classificar em 18 etapas<sup>2</sup>. Como ponto mais alto destacamos o projeto de expansão do uso da internet para todo o território, em que o governo angolano lançou, em Luanda no dia 30 de agosto de 2014, o “Projeto Angola Online”.

Segundo Manuel Homem, diretor Geral do Centro Nacional de Tecnologia de Informação, este projeto ao ser lançado apresentava como objetivo oferecer internet gratuita. Ainda previa que em cada área ou ponto de acesso tivesse uma capacidade que deveria suportar 60 usuários, por cada duas horas, durante as 24 horas do dia. Depois de terminado esse tempo, o utilizador deixaria de ter acesso a fim de permitir a entrada de outros utilizadores na rede. Continuando, Manuel informou quando o projeto surgiu sistema piloto de Angola Online estaria instalado em locais públicos como praças, largos e pontos de grande concentração de pessoas na cidade. Para tanto, naquela altura o projeto contava com a instalação de 11 pontos<sup>3</sup>. Segundo informações obtidas no site do projeto,<sup>4</sup> os 11 pontos disponíveis na província de Luanda funcionariam 24 horas por dia e permitiriam o acesso e conexão para cerca de 500 mil dispositivos, e estimava que funcionando em plenitude o

---

<sup>2</sup> Em 1990 aconteceu o primeiro acesso remoto E-Mail desde Luanda a Host em Canada (Programa Angola – Development Workshop); Fevereiro /1994 Instalação do 1º Servidor de Email ANGONET; Abril / 1994 Projecto PNUD RIDS-Ang (Host UUCP-Linux); Junho / 1996 Aprovação da Legislação para os Serviços de Valor Acrescentado para Licenciamento ISPs locais; Agosto/1996 Rede UNINET gerida pela Universidade Agostinho Neto (full internet); Outubro/1996 EBONet: 1º ISP Comercial (full internet 64Kb); 1997 Instalação do Backbone internet – NAP Angola Telecom; Novembro / 1997 Netangola : 2º ISP Comercial; 1998-2000: Outros ISPs SNet, SRC-Angola, Multitel, MSTelcom /Sonangol; 1998 Implementação de Tecnologia Wireless internet (RadioLink 2,4/3,5 Ghz); 1999 Implementação dos POPs da Angola Telecom para Acesso Local nas províncias; 1999 Surgimento dos Cybercafés; 2001 Tecnologia VSAT para acesso internet Banda Ku iWAY Africa – Sistec; 2002 Legalização dos novos Operadores Telecomunicações Fixas: NEXUS, MSTelcom, MundoStartel e Wezacom; Junho 2003 – Fusão dos ISPs EBONet e Netangola; 2003 Acesso ADSL Wireless – Rede FWA NEXUS e ADSL Angola Telecom 2004 Telefonia Wireless - NEXUS (Prefix 228); 2005 MOVINET – Acesso internet via Rede MOVICEL (CDMA 1XRTT) Março 2006 – Lançamento oficial dos serviços da TV Cabo; Março 2006 – Instalação e testes do internet Exchange Point “IXPAng”.

<sup>3</sup> Os 11 pontos estavam localizados na época no Marco Histórico do Cazenga, no Largo da Independência, na Casa da Juventude de Viana, no Parque Recreativo da Samba, no Largo das Escolas, no Instituto Médio de Telecomunicações, no Largo da Igreja São Domingos, no largo da FAPA, na cidade universitária e na Praça da Família.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.africa21online.com/>. Acesso em: 10 ago. 2019.

número dos utilizadores chegaria aos 28 mil usuários conectados simultaneamente. Nas demais províncias angolanas a instalação se daria gradualmente a partir de 2015.

Outro passo é dado pela empresa CreativeStep, responsável pela inovação, implementação da tecnologia “Realidade Ampliada”, democratização e barateamento da internet. Em entrevista ao Jornal de Angola, Hugo Silva (2014), diretor criativo da Creative Step, informou que a empresa, quando foi instalada em Angola, tinha como objetivo oferecer barateamento e sucessivamente a competitividade no mercado das TICs, através da baixa de preços dos pacotes de uso da internet. Por meio da adoção dessa estratégia mercadológica, a República de Angola se tornou o país que, sem os necessários ritos de passagem, integra o mercado com o maior número de consumidores dos produtos das novas TICs em toda a África.

Em termos quantitativos, Hugo Silva (2014) calcula que logo após a instalação e o lançamento do projeto, aproximadamente mais de dez mil pessoas tinham o App “Layar” instalado no smartphone ou tablete em Angola. Digna de menção é a digitalização do Jornal de Angola, que depois de 38 anos de existência, saia na frente em toda a África, ao apresentar na edição de novembro de 2014, em um dos seus títulos, a tecnologia Realidade Aumentada.

Em entrevista ao Jornal de Angola, Hugo Silva (2014) falava sobre o que vem a ser essa tecnologia, e que se tratava de uma forma simples que possibilitaria e permitiria

*Ativar conteúdos de forma digital, através de um smartphone ou tablet, como vídeos, fotos, web-links, objetos 3D, músicas, discursos, filmes, jogos ou outro qualquer elemento que nos rodeia, como a página de um jornal, revista, símbolos, imagens, sinais e logótipos de forma panorâmica. Basta apontar o smartphone para a imagem com conteúdo em RA e descobrir tudo o que há para além daquilo que está impresso.*

Pensada para o setor de atividade econômica e comercial, esta tecnologia visa como objetivo aumentar as novas fontes de receitas, ampliando a versatilidade das plataformas dos conteúdos digitais e interatividade com os diferentes clientes, internautas e leitores (consumidores). Para o uso da ferramenta bastava fazer de forma gratuita o download do App Layar, já em uso em mais de 200 países, (disponível para iOS e Android na internet) e apontar para um elemento identificado com o logo AR da Layar. A novidade e a diferença consistiam apenas nos tipos de campanhas e as soluções que foram desenvolvidos para cada cliente específico.

Em resumo, o uso e o domínio dessa tecnologia em Angola, segundo Hugo Silva (2014), consistiria fundamentalmente na redução drástica da distância entre as marcas, seus

produtos, serviços e o consumidor, facilitando a mobilidade, a criação de relações diretas e interativas com os utilizadores (produtores e consumidores), tanto dos aplicativos instalados em seus dispositivos quando aos produtos da cultura midiática na sociedade angolana.

Outro passo decisivo em Angola é selado pelo acordo assinado em 2015 entreo Facebook e a Movicel<sup>5</sup>, uma empresa angolana de telefonia móvel em parceria com a Unicef e os portais Platina Line e Sapo Angola, entre outros. O acordo consistiu no lançamento da aplicação internet.org, com o objetivo de estabelecer uma conectividade que, na visão de Markku Makelainen, director de Operações e Parcerias Globais do Facebook, “significaria o acesso à informação e a um motor de oportunidades”.

Para ele “apesar disso, dois terços da população mundial não têm acesso à internet. No caso de Angola, em parceria com a Movicel, o internet.org quer ajudar as pessoas ainda sem internet a descobrir o poder transformador da conectividade e a aproveitar essas oportunidades”. O aplicativo oferece acesso gratuito a um conjunto de conteúdos virtuais úteis como informações de saúde, notícias, pesquisas, emprego, prognósticos meteorológicos, mensagens e Facebook. Para tanto, se faz necessário “juntar os líderes de tecnologia com as comunidades locais não lucrativas, para ajudar as pessoas que ainda não têm acesso à internet a descobrir o valor da conectividade”. Por sua vez José Henriues, Director Geral da Movicel (2015), “através do lançamento do internet.org em Angola, a Movicel, em parceria com o Facebook, pretende fazer chegar à internet a todos os angolanos e permitir o acesso à informação e ao conhecimento”. A partir da assinatura do acordo e dos seus desdobramentos, o site (<http://www.menosfios.com>) divulgou, em 2015, dados segundo os quais, depois da Zâmbia, Gana, Tanzânia, Quênia, Senegal, Maláui, Colômbia, Guatemala, Índia, Paquistão, Bangladeche, Indonésia, Filipinas e Bolívia, Angola se tornou o primeiro país de língua portuguesa na África a lançar este serviço.

Portanto, na linha da tecnologia da Realidade Ampliada com o acesso gratuito aos serviços disponíveis no site internet.org, o objetivo é remover a barreira do custo de acesso,

---

<sup>5</sup> Conhecida oficialmente por Mocivel Telecomunicações, ela é a menor das duas empresas angolanas de telefonia móvel. Originalmente foi criada em 2003 como subsidiária da estatal Angola Telecom. Em 2010, 80% do capital da empresa foi vendido a várias empresas privadas: Portmil - Investimentos e Telecomunicações, SA, Modus Comunicar, SA, Ipangue, SA, Lambda Investement e Novatel Wireless. Os 20% restantes permanecem nas mãos das estatais (Empresa Pública empresas) Angola Telecom e ENCTA. A sede da empresa é a capital Luanda. A Movicel vende os seus serviços através de uma rede de lojas; cartões de recarga para contratos pré-pagos, e também são vendidos por vendedores ambulantes individuais. Segundo dados divulgados pela empresa ela, teria mais de 3 milhões de clientes numa população estimada em 28 milhões de pessoas em Angola. A Movicel oferece comunicação móvel baseada em GSM para comunicações de voz, mensagens de texto e multimídia e acesso à internet móvel. A Movicel tem cobertura em todas as 18 províncias angolanas. E estabelece seus acordos de roaming com 500 telefones celulares em 213 países e territórios em todos os continentes)

democratizando o acesso à internet para todos e permitir que um maior número de pessoas tenha acesso à internet sem custos. Assim, ao oferecer serviços básicos e gratuitos, a aplicação da internet.org não só alarga o mercado do consumo da internet, mas passa a naturalizar a utilização de dados armazenados nas páginas da web. Uma vez barateado o uso da internet, os indivíduos podem acessar nos sites selecionados informações e dados do seu interesse e a compartilhá-los com os seus amigos sem qualquer custo.

Amélia Rosso Sá (2015), quando questionada sobre as vantagens dos usuários do sistema da tecnologia da Realidade Ampliada em Angola, afirma dizer respeito a uma tecnologia que, por enquanto, estaria apenas disponível em alguns países da África, da América Latina e da Ásia. Porém, brevemente seria lançado em mais países do mundo. Ainda segundo ela, no caso de Angola, as instituições que se servem e disponibilizam esses serviços de forma gratuita são:

Unicef – Receita da Felicidade; Unicef – Ébola FAQ; BabyCenter & MAMA (informações sobre a gravidez e cuidados do bebé); Girl Effect (informação para mulheres adolescentes) Wikipedia; Accuweather (informação do tempo); Jornal de Angola (Notícias); Sapo Notícias; Sapo Estudante; Sapo Emprego; Platina Line (Sociedade); Facebook; Facebook Messenger; Website Movitel; Bing (pesquisas na internet).

Na época em que a tecnologia da Realidade Ampliada foi lançada em Angola, os signatários do acordo atribuíram à instituição de telefonia móvel “Movitel” a responsabilidade pela divulgação do projeto, através de elaboração e veiculação durante meses pela Televisão de Angola. Para tal, produziu vários institucionais e peças publicitárias, informando e conscientizando a sociedade em geral sobre o que é, como funciona a plataforma do Facebook; como se publica um post, uma imagem, um link ou um vídeo; como falar no chat e como ter acesso aos vários conteúdos que seriam disponibilizados pela internet.org em dispositivos móveis para todos os angolanos. Ou seja, vivia-se em Angola o processo tentativo da implementação a nível nacional de políticas públicas e privadas da integração social na esfera das novas TICs.

Para Hugo Silva (2014), o governo angolano, em parceria com as instituições de telecomunicações, ao investir em novas tecnologias da informação e comunicação via web 2.0, possibilitou que crianças, adolescentes e jovens angolanos passassem a ter acesso à produção midiática através da “circulação do fluxo informal” (JENKINS, 2008, p. 377) dos conteúdos midiáticos.

Segundo Pozza (2014), a internet inovou e mudou de maneira significativa a forma como as organizações e empresas vendem os seus produtos e se comunicam com seus



clientes. Para tanto, tal inovação e mudança nos ofertam possibilidades de transcender o conceito de mídia tradicional. Ou seja, a internet instaura uma nova concepção de mídia, não mais no singular e sim no plural: mídias sociais ou mídias de massa. Segundo Hennig-Thurau *et al.* (2010), este conceito compreende uma diversidade de mídias, tais como blogs, as redes sociais, os sites de conteúdo colaborativo e outros que abrangem comunicação, relacionamento, entretenimento e o consumo de informações em tempo real, independentemente da localização espacial do usuário. Atrelados ao pensamento de Braga (2012), compreendemos que as mídias sociais ou de massa permitem o fluxo adiante entre os “eus” dos sujeitos envolvidos em um longo e sinuoso processo comunicacional sem fim. Nesse contexto, nas mídias sociais ou de massa, as informações e os conteúdos são produzidos pelas instituições, pelas pessoas e para as pessoas, nas quais o consumidor é, ao mesmo tempo, produtor e consumidor da informação simultaneamente. Recebem o nome de “sociais” ou de “massa” porque é livre e aberta à interação de todos; e o nome “mídias” porque são meios de transmissão de informações e conteúdos (TORRES JUNIOR, 2009).

A partir de angulações publicitárias de autores como Dimmick (2000), Court, Gordon e Perrey (2005), acreditamos que como acontece em outras sociedades, também os adolescentes angolanos enfrentam desafios decorrentes das invocações tecnológicas no setor da informação e da comunicação com a chegada da internet. Esses desafios podem desembocar na segmentação das mídias, e grande parte na fragmentação da audiência, a proliferação de canais de comunicação, e, conseqüentemente no surgimento de consumidores “multitarefa”.

Assim, considerando o objeto da nossa pesquisa e a ambiência circundante do campo da Comunicação, com o advento da internet em Angola, somos obrigados a fazer movimentos de avanços e de retrocessos, que Braga (2012) chama de “idas e vindas”. Esses movimentos levam-nos a concordar com Pierce (2003) e concluir que os vídeos em circulação na internet (Youtube) na sociedade angolana correspondem à visão triádica defendida pelo autor. Esta é representada pelas esferas de produção, circulação e consumo dos bens da indústria cultural das novas tecnologias de informação e comunicação.

A nova ambiência e principalmente com a comunicação em rede, conforme ressalta Fausto Neto (2010, p.89-90), em Angola começa a figurar nova forma de

Produção de sentidos [...] que emanam dos receptores, enquanto atores sociais. Faz aproximações com a noção de circulação, como um novo lugar. Designa este lugar como “zonas de transformações” aquele que resulta do deslocamento e transformações para além das bordas de fronteiras, espécie de um trabalho que se faz em um conjunto flexível, reunindo três dimensões: representação, cognição e

operação. Produção de sentido que relativiza as outras dimensões determinísticas sobre as quais se fundava o trabalho de produção de sentidos realizado nos âmbitos de produção de mensagens.

Ou seja, a internet está a possibilitar em Angola a criação do ambiente midiático que desencadeia outras enunciações. Ela está paulatinamente a redesenhar uma plataforma social equivalente ao de processos interacionais, transformando os receptores de mensagens em coprodutores de atividades discursivas midiáticas, ou seja, converte tanto os produtores quanto os consumidores dos conteúdos midiáticos em atores sociais.

Isso acontece porque o intenso desenvolvimento tecnológico consente que as tecnologias midiáticas passem a deslocar-se, a movimentar-se em infinitas direções no espaço social, e os atores sociais individuais e coletivos em seus respectivos campos sociais, se apropriam delas. De modo prático, pode-se dizer que a popularização da máquina fotográfica digital, dos artefatos de celular e a possibilidade da criação de espaços virtuais, permitem que as práticas e relações particulares se processem por meio de tecnologias midiáticas, que permeiam novas ambiências, lógicas e gramáticas (FAUSTO NETO, 2007) na forma de conceber e produzir os acontecimentos.

Nessa lógica, eles, passam a constituir-se como uma expressão do cenário complexo, em que instituições e identidades jornalísticas, antes (mais) estáveis e tradicionais, comecem a ser modificadas e ou cedam espaço às novas plataformas e linguagens na interação social, como por exemplo, o Youtube, Facebook, o Twitter, o Instagram e o WhatsApp. Atualmente, em Angola esses aplicativos se converteram em palcos de performances de per se, e em arenas de poder para os atores sociais na emergência de produção de conteúdos acontecimentais nos campos midiáticos. Assim, quanto maior for o grau de relevância, de influência e de interação ou domínio técnico dos atores dentro dessas ambiências, mais impacto reverberam os seus efeitos sobre a sociedade, seja ao nível nacional ou internacional.

Nosso objetivo é dar destaque àqueles processos que se acentuam na perspectiva da circulação midiática cada vez mais intensa, como o definem Heinrich (2011) e Russel (2011), e que com a comunicação em rede se desdobram em “narrativas espalhadas” por todos os campos e práticas sociais (JENKINS; FORD; GREEN, 2014). Nesse caso, tanto os conteúdos produzidos, quanto as ferramentas e os equipamentos deixam de ser dispositivos técnicos, cuja função seria permitir apenas o fluxo dos conteúdos produzidos pelo mercado capitalista. Agora ressignificados, são acoplados a um fluxo comunicacional híbrido que está nas bordas do papel social da comunicação e assumem um patamar de extensão do próprio homem ao transformarem o código produtivo em ambiência existencial (SODRÉ, 2002; MACLUHAN,

1969). A ambiência existencial, sob o ponto de vista da comunicação em rede, converte-se, segundo Castells (2003), em um novo espaço de fluxos informacionais que passam a ser redimensionados pelas instituições produtoras e consumidoras dos conteúdos de produção midiática, tanto em velocidade quanto em disseminação. Ela abre espaços para uma intensa instantaneidade, conectividade e interatividade.

Habermas (1984) e Maia (2002) apontam esses espaços como os de participação e de interação cívica de esfera pública que interferem na economia, na política, na democracia, na religião, na arte. Dizem respeito àquele lugar onde os sujeitos, na qualidade de atores sociais, são atravessados e afetados pelas lógicas mercadológicas que lhes garantem as possibilidades de diversão, de lazer, do ócio e também de contatos pessoais, seja em dimensão profissional ou apenas no exercício da liberdade de expressão através dos processos de representações e apropriações de enunciados discursivos dos atores midiáticos.

Apropriando-nos da teoria do agir comunicativo de Habermas (2003), reiteramos que a comunicação em rede corresponderia aos processos em que é oportunizada aos sujeitos a potencialidade de transpor a ação face a face e criar redes de comunicação simultâneas com conteúdos advindos de diferentes setores sociais. Na visão de Maia (2002), disponibiliza as mensagens em amplas escalas espaciotemporais, fazendo com que pela inovação tecnológica o público não só participe desse espaço como também preserve um campo de relações, acabando por provocar mudanças na forma de conceber o mundo. Os indivíduos são convertidos em macacos (KENN, 2007, p. 14) na ambiência tecnológica:

A tecnologia de hoje vincula todos aqueles macacos a todas aquelas máquinas de escrever. Com a diferença de que em nosso mundo Web 2.0 as máquinas de escrever não são mais máquinas de escrever, e sim computadores pessoais conectados em rede, e os macacos não são exatamente macacos, mas usuários da internet.

Portanto, pode-se afirmar que o avanço das tecnologias da informação e da comunicação vem causando mudanças significativas na sociedade angolana, na medida em que os indivíduos vivem momentos inéditos nos processos de interação e relacionamento social. Observamos o processo por meio do qual, principalmente as camadas mais jovens, percebem e recepcionam o mundo e como eles estão se percebendo nesse mundo que extravasa e transcende os veículos em si que envolve as instituições, a cultura, a lógica e as operações midiáticas dos meios. Estamos, portanto, reafirmando a visão de Fausto Neto (2006a) quanto à dinâmica e as características das práticas e relações advindas, tanto do campo das mídias quanto de outros campos sociais. Segundo o autor (2006, p. 9), tal dinâmica não acontece de modo direcional e nem deterministicamente. Mas, na transversalidade:

Tem a ver com o fato de que de que suas operações, além de afetar ao seu próprio campo, afetam também o campo das instituições bem como aqueles dos seus usuários. Tais afetações são relacionais e geram, conseqüentemente, retornos de processos de sentido das construções feitas pelos outros campos, e que se instauram nos modos de funcionamento da midiáticação.

Ou seja, percebemos que tanto as organizações, quanto os sujeitos sociais em interações mutantes se reconstituem e reconfiguram em suas relações, suas linguagens, suas práticas discursivas e nas produções de sentido, a partir da lógica midiática, pautada pelas tecnologias da informação (LIMA, 2008; SANTAELLA, 2007).

Em Angola, a internet e o desenvolvimento das tecnologias móveis estão atropelando os tabus e, em forma de choque cultural, estão rompendo com todas as barreiras do espaço físico. Parafraseando Habermas (2012), muito além do corpo físico, em Angola as TICs começam a ser indispensáveis nas ações, nas interações, nas trocas de ideias e nas experiências. Dito de outra forma, através da internet e o desenvolvimento das tecnologias de comunicação móvel e mobilização social, a sociedade angolana está mergulhando os seus pés na Cibercultura (LEVY, 1984; LEMOS, 2008).

Sob o ponto de vista cronológico, Lemos (2008) diz que o desenvolvimento da cibercultura se dá com o surgimento da microinformática nos anos 70, com a convergência tecnológica e o estabelecimento do personal computer. Nos anos 1980-90, acontecia a popularização da internet, a transformação do personal computer em um “computador coletivo”, conectado ao ciberespaço e a substituição do personal computer em computer coletivos móveis (LEMOS, 2008). Agora, em pleno século XXI, com o desenvolvimento da computação móvel e das novas tecnologias e dispositivos midiáticos móveis (laptops, palms, celulares, tablets), o que está em marcha é a fase da computação ubíqua, pervasiva e senciente, insistindo na mobilidade. Inaugura-se assim, a era dos fluxos de conteúdos que Jenkins (2008) chamou de cultura da convergência midiática. Essa cultura é, para o autor, marcada pelos múltiplos suportes midiáticos, pelos diversos mercados midiáticos e pelos movimentos migratórios dos consumidores em busca de novas experiências no mundo virtual.

Amparados pelos aportes de Jenkins, o nosso nível de compreensão do conceito de convergência midiática, opõe-se à ideia de transformações ou mutações dos aparatos sociotécnicos e tecnológicos na sociedade angolana. Os esforços tentativos da nossa pesquisa se concentram na observação participativa dos consumidores e produtores dos conteúdos em circulação, dos diferentes sistemas administrativos e midiáticos concorrentes no âmbito nacional e internacional. A ser assim, no contexto angolano a convergência representa uma transformação cultural que aproxima e integra os angolanos na esfera dos usos e de consumo

global dos bens da cultura midiática. Ou seja, no incentivo e na procura de novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos. E, abruptamente, a cultura tradicional angolana passa a convergir com a da cibercultura que Levy (1999, p. 94-95), citando Gibson (1984), chama de ciberespaço.

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização.

O ciberespaço passa a ser compreendido como o território de conexão virtual que armazena, atualiza e disponibiliza em tempo real as informações. Ele é permeado por práticas tecnológicas e sociais de materialidade das relações humanas. Na visão de Antônio Fausto Neto (2007), na ambiência da midiatização essa materialidade apresenta-se com uma codificação linguística e de enunciados discursivos peculiar, evidenciada pela importância que como ferramenta discursiva recebe do seu público. Tal ferramenta recebe um poder interacional que dispensa o contato presencial, implementa a virtualidade na comunicação e permite uma interação em tempo real. Também possibilita o surgimento de redes sociais que se utilizam de ferramentas onde os espaços urbanos são levados do campo físico para o virtual, criando assim espaços híbridos. Ou seja, espaços virtuais de informação que mantêm “os fluxos de circulação com espaços físicos”. (SANTAELLA, 2008, p.98). Diante do fenômeno das inovações tecnológicas, a sociedade se depara com a modificação e o deslocamento dos conceitos de tempo e espaço, cultura e sociedade, papéis e identidades. Até porque o virtual usa protocolos e lógicas diferentes devido à criação de “novos espaços, novas velocidades, nova identidade e a instantaneidade e sempre problematizando e reinventando o mundo”. (LEVY, 1997, p. 24).

Palacios (2003), baseado na leitura de autores como Deuze (2014) e Canavilhas (2003) considerando as características da segunda geração ou simplesmente a Web 2.0, aponta seis características fundamentais da internet: a multimídia/convergência, a interatividade, a hipertextualidade, a personalização, a memória, a instantaneidade/atualização contínua. Na visão do autor, pela multimídia/convergência, a internet aceita os conteúdos em diferentes formatos como texto, áudio e vídeo. Possibilita, através da digitalização da informação, sua circulação em diferentes plataformas e suportes, agregando e complementando o conteúdo informativo.

Já para Barbosa (2009), tanto no sentido sociológico, cultural e sentido tecnológico, a convergência digital uniu a informática, as telecomunicações e a microeletrônica. Além disso, com a inovação tecnológica o sistema da informação e comunicação adota dispositivos de múltiplas funções nos efeitos e nas consequências. Isso faz com que a convergência continue tendo papel fundamental tanto nas instituições quanto nos usuários. Quanto à interatividade, de acordo com Lemos (1997), ela está ligada aos meios digitais. Refere-se a uma forma de interação técnica, de cunho digital, diferente da analógica que existia nos veículos tradicionais.

Para Martín-Barbero (2006), pela hipertextualidade, a internet propõe a “deslocalização” dos saberes que passam das instituições aos indivíduos e dos indivíduos entre si. Pelo que parece, essa realidade acaba modificando não só o estatuto cognitivo, mas também o instrumental das condições do saber e interfere nas dinâmicas das relações intersubjetivas. Portanto,

O lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica (J. Echeverría) da comunicação deixa de ser meramente instrumental e passa espessar-se, condensar-se e converter-se em estrutural: a tecnologia remete, hoje, não a alguns aparelhos, mas sim, a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e inscritas. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54).

Na opinião de Moherdau (2002, p.19), estas novas sensibilidades e escritas são frutos de um “conjunto de recursos tecnológicos que colocam à disposição de qualquer cidadão que possui computador, um modem e uma linha telefônica, uma quantidade de informação e possibilidades de acesso a serviços diversificados”, permitindo a criação de hiperlinks e hipertextos. Ou seja, estamos falando dos textos ligados a outros textos, e disponibilizam diversas informações sem compromisso com a linearidade. Para Mingorance (2002, p.83), a internet possibilita um ambiente multimidiático, onde

O leitor tem a possibilidade de 16 vivências e experiência de leitura multisensorial, sinestésica [...]. Essa forma de leitura otimiza a compreensão das idéias de quem produziu o texto, deixando mais claras as suas exposições na mesma proporção que utiliza os recursos pluritextuais da informática. [...] O leitor se transforma em editor na medida em que pode também produzir seu próprio website, aí com sua visão de mundo, a preço relativamente baixo.

No que tange à personalização, Ribas (2004 apud Brito, 2008), diz que ela oferece aos usuários a possibilidade de pré-seleção dos assuntos conforme interesses individuais, fazendo com que ao acessar o site, este já seja carregado no dispositivo do usuário e atenda à sua demanda. Em alguns sites, os hiperlinks permitem que o internauta mude o local da barra de

menu, altere, aumente ou reduza o tamanho, a cor da letra da informação tornando mais agradável e atraente. Quanto à memória, sob a perspectiva jornalística, Palácios (2002) comenta que a internet dispõe de forma múltipla, instantânea e cumulativa um acervo virtual que disponibiliza aos usuários arquivos, ferramentas em dispositivos automáticos tão separados do corpo dos indivíduos ou dos hábitos que não existe em outros meios.

No que concerne à instantaneidade/atualização, Palácios (2003, p. 20) diz que se trata da “rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e disponibilização, propiciadas pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas, permitindo uma extrema agilidade de atualização dos conteúdos produzidos para a web”. Possibilita o desenvolvimento e o acompanhamento dos assuntos de maior interesse para o usuário em tempo real. Por sua vez, Mielniczuk (2002, p.7) afirma tratar-se de “uma característica que, embora exista no rádio e na televisão, ela assume outra dimensão na web”. Pois, se em outras mídias a instantaneidade só ocorre a cada intervenção ao vivo e a última narrativa não caracteriza mais como informação instantânea, no webjornal, por exemplo, acontece justamente o contrário, o material fica disponível, acumulando-se a cada novo bloco de textos, para formar uma única narrativa sobre determinado fato. Segundo Primo (2007, p. 2), a Web 2.0 é a

Segunda geração de serviços on-line e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. A Web 2.0 refere-se não apenas a uma combinação de técnicas informáticas (serviços Web, linguagem Ajax, Web syndication, etc.), mas também a um determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias mercadológicas e a processos de comunicação mediados pelo computador.

Sob esta perspectiva, poderia tratar-se apenas de processo de deslocamento de conceitos? Acreditamos que esse fenômeno crie o que Jenkins, Green e Ford (2014, p. 64-65) denominam de “cultura ligada em rede” ou uma realidade estabelecida, mas ainda em construção ou transformação e, por isso, exige da sociedade uma profunda reflexão:

Estamos passando de um foco inicial do fandom como subcultura particular para um modelo mais amplo que engloba muitos grupos que estão adquirindo maior capacidade de comunicação dentro de uma cultura em rede, e rumo a um contexto em que a produção cultural de nicho está cada vez mais influenciando o formato e a direção da mídia mainstream. Estamos passando do foco sobre o relacionamento de oposição entre fãs e produtores como forma de resistência cultural para entender como esses papéis estão cada vez mais complexamente entrelaçados. Estamos passando da celebração do crescimento de oportunidades de participação para uma perspectiva ponderada pela atenção aos obstáculos que impedem muitas pessoas de exercer uma participação significativa.

Aos poucos a internet vai conquistando espaço e vai se convertendo no coração de um novo paradigma sociotécnico. Ela está na base das configurações linguísticas discursivas, de sentido e significações nas relações comunicacionais subjetivas e intersubjetivamente. Ela tem a função de “processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos”. (CASTELLS, 2003, p. 287). Portanto, pode-se dizer que desde o início da “era da informação” ela tem oferecido aos sujeitos o novo modelo da convergência midiática em rede que intrincadamente impõe à sociedade diversas transformações e tensionamentos, a ponto de Di Felice (2008, p. 44) afirmar que a internet “comporta a alteração das práticas no processo de produção e de repasse dos conteúdos midiáticos, alterando a direção dos fluxos comunicativos e, sobretudo, a posição, e a identidade dos sujeitos interagentes” e cidadãos da aldeia global.

Assim, é possível percebermos como o contexto social de midiatização tem transformado o âmbito das organizações, instituições, estruturas subjetivas e intersubjetivamente. Se, tradicionalmente essas práticas se resumiam a ações de publicidade e propaganda ou relações públicas, materializadas em veículos de comunicação direcionados a públicos-alvo (jornais de empresa, folders, outdoors, vinhetas etc.), percebemos que, em um cenário marcado pela “convergência tecnológica, pela globalização digital e fragmentação, pautado pela lógica do consumo, as interações tornam-se mais fluidas, o mesmo ocorrendo com a identidade dos próprios sujeitos em comunicação, nas instituições, organizações” (LIMA, 2008, p. 116-117) assim como nos dispositivos.

Portanto redesenha-se uma nova plataforma de processos interacionais que permite o deslocamento no âmbito da compreensão dos sujeitos comunicacionais. No quadro das interações, de acordo com Sodré (2002), Fausto Neto (2006; 2007; 2008), Braga (2006a) e Gomes (2016), no ambiente da midiatização os sujeitos comunicacionais passam de meros receptores de mensagens a coprodutores de atividades discursivas midiáticas e retroalimentadores dos fluxos midiáticos.

Dessa forma, a midiatização passa a ser atrelada, principalmente, às transformações relativas ao desenvolvimento tecnológico, às novas formas de sociabilidade e ao acesso e publicação de informações pelos sujeitos na sociedade contemporânea. Segundo Braga (2006a), o processo de midiatização possui uma “necessidade de tecnologia” que alimenta a sociedade. Essa proposta tecno-midiática envolve três momentos:

- c. a invenção da tecnologia para atender a um “problema” percebido em situação social prévia;



- d. o deslocamento para outras situações, em decorrência da disponibilidade da invenção e de sua derivação para outros usos, levando a outros desenvolvimentos tecnológicos;
- e. o momento em que o sistema se torna autopoietico deixando de ser dependente de dinâmicas “anteriores” (pré-mediatização), que tinham sido necessárias e suficientes para desencadear processos.

Estudar o fenômeno da circulação da agressividade em adolescentes, no contexto socio-histórico e cultural angolano sob as angulações da “migmatização”, é compreender “[...] as operações que afetam largamente as práticas institucionais que se valem de suas lógicas e de suas características para produzir as possibilidades de suas novas formas de reconhecimento nos mercados discursivos”. (FAUSTO NETO, 2006, p. 9). Isso exige do pesquisador um exímio trabalho arqueológico no meio de uma série de enunciados discursivos do tecido social angolano, principalmente no que tange às produções e práticas dos sujeitos.

Por conseguinte, em meio a essa série de enunciados discursivos e indícios do tecido social angolano, este trabalho configura-se como um processo tentativo de estudar algo em movimento de migmatização nessa sociedade. Por estar em movimento, julgamos ser de difícil tessitura da qual apenas podemos observar, descrever e inferir algo por meio de ensaios aforísticos, metafóricos e de analogias. Por outro lado, estamos certos de que os enunciados discursivos e indícios, embora não sejam tão facilmente localizáveis, constituem marcas de indícios para o estudo em curso, desde que com as lupas arqueológicas lancemos mão das “complexas operações de apropriação de características midiáticas, redesenhando suas gramáticas e suas estratégias de reconhecimento. (FAUSTO NETO, 2007, p. 1).

Para tanto, em processo tentativo, e, sobretudo respaldados em Fausto Neto (2010), focados na circulação midiática dos conteúdos, no contexto da migmatização e dos processos sociais em Angola, entendemos que as três esferas configurem uma nova forma da enunciação discursiva da produção de sentido. Essa produção de sentido, porém, parece relativizar as dimensões determinísticas sobre as quais se fundamentava o trabalho de produção de sentidos realizado por âmbitos de produção de mensagens. Nesse cenário, o autor converge com Jenkins (2008), quando entende a convergência midiática e a migmatização como disparadoras de outras enunciações discursivas que nos apontam para algo situado ou ubicado nas bordas da circulação midiática.

Portanto, apoiados nos estudos sobre os processos de percepção e recepção dos conteúdos da indústria cultural<sup>6</sup>, estamos, com este subtítulo, definirmo-nos, em primeiro lugar, como sujeitos de observação, sobretudo na “escuta” (BRAGA, 2011) de algo que simbolicamente está na circulação midiática. Ou seja, a nossa postura é de alguém que objetiva apalpar e escutar o chão que pisam os seus pés, num esforço tentativo e colaborativo de possibilitar uma reflexão sobre os observatórios da mídia, da agressividade e da adolescência em Angola. Porém, tal esforço não se limita apenas ao recebimento e ao trabalho interpretativo com o risco de confundir o comunicacional, uma vez que, na ambiência da circulação midiática o produto “não é o ponto de partida”. Mas, a consequência de uma série de processos, de expectativas, de interesses e de ações que resultam em sua composição como “um objeto para circular” – e que, por sua vez, realimenta o fluxo da circulação (BRAGA, 2012, p. 41).

Estamos construindo hipóteses que apontem para uma empiria, sendo esta uma possibilidade de que, ficando os nossos olhos e ouvidos nos “lírios do campo” (práticas sociais), seja possível fazer uma leitura de mundo (FREIRE, 1985) no contexto social angolano. Objetivamos que essa leitura, por sua vez, nos ofereça uma postura transcendental sobre as discussões teóricas e abstratas, não permanecendo em ideologias que não dialogam com quem vive. Nessa leitura observacional e de escuta, nós inferimos que nos permitirá entender e estabelecer uma relação dialógica para descobrimento de um universo social angolano, as suas contradições, que na dúvida podem reforçar distâncias sociais entre povos.

A partir da leitura de mundo, vislumbrar saídas alternativas, pautar por ideologias e práticas sociais de resistência ao choque cultural (OBERG, 1954), perpetrado pela revolução industrial das novas TICs na sociedade angolana. Na esteira do capítulo anterior, a nossa primeira compreensão é de que, como observadores participantes, os “lírios do campo”<sup>7</sup>, possam constituir-se em fonte, em marcos ou indiciários, e que na escuta interpretativa e

---

<sup>6</sup> O termo Indústria Cultural surge no ano de 1923, quando na Alemanha nasceu a Teoria Crítica inaugurada pela escola de Frankfurt, representado, por Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Erich Fromm e Jurgen Habermas. Esses teóricos dedicaram suas pesquisas e publicações a temáticas como sociologia, filosofia da história, estética, economia e filosofia da ciência, tendo como objetivo, realizar uma crítica ampla e profunda das estruturas epistemológicas contemporâneas e da organização da sociedade, incluindo análises sobre o capitalismo no século XX, a situação dos trabalhadores, a estrutura familiar na sociedade, estudos sobre música contemporânea, literatura ocidental. Resumindo, poderíamos dizer que a escola de Frankfurt se baseia na concepção hegeliano-marxista e estava fortalecida pelas contribuições da Psicanálise de Freud com o objetivo da formação teórico crítica. Defendia o idealismo alemão, sobretudo Kant, Hegel e o materialismo dialético de Marx.

<sup>7</sup> Retomamos a expressão do romance “olhai os lírios do campo” do brasileiro Érico Veríssimo (1976). Inserido no contexto do discurso religioso, a obra faz parte de uma série de romances publicados entre 1933 e 1943 e apresenta como temática principal os conflitos dos indivíduos no contexto urbano, diante das exigências da vida social.

ressignificativa, por meio da descrição indutiva e inferencial, nos permitam superar possíveis dicotomias reificadoras. Por outro lado, nos oportunize um ambiente no qual estabeleçamos um processo relacional entre as “trajetórias de vida e determinados contextos de socialização a partir dos quais seja possível determinar processos de socialização” (PAIS, 1996, p. 57), na sociedade angolana em mediação.

Portanto, no contexto da mediação, compreendemos que a descrição dos marcos observados nos lírios do campo, a sua resignificação e a construção de inferências seja por si só uma das possibilidades de dialogar e de conceber os novos modos de ser (GOMES, 2006) dos indivíduos, de todos os campos ou esferas sociais. E uma vez identificadas, possamos categorizá-las segundo as suas características ou os signos que as representam.

Assim, com o advento das TICs e a abertura do comércio dos produtos da indústria cultural, é possível, a partir dos indícios, constatar uma crescente arquitetura comunicacional, cujos desdobramentos podem desencadear em mediação e processos sociais em Angola. Atendo-nos às características dos signos de produção, da circulação e do consumo dos bens da indústria cultural, usando metáforas é possível constatar, em Angola, uma estrutura que integre os indivíduos em três esferas:

- a) esfera de produção;
- b) esfera de consumo;
- c) esfera de anomia.

Partindo de Thompson (2007), que enxerga uma forte conexão entre a mediação, suas consequências culturais e o surgimento de grandes organizações de mídia em níveis nacional e global, o foco da nossa pesquisa está justamente na terceira esfera. Essa esfera, no âmbito da arquitetura dos processos comunicacionais, e sobretudo na produção, circulação e consumo dos bens midiáticos (FAUSTO NETO, 2010), pode surgir a partir das bordas interacionais, ou nas interfaces.

Por aqui vemos que o grande desafio que temos pela frente. Indutivamente pensamos que a produção e distribuição de produtos simbólicos, por parte das duas primeiras esferas, pode mudar os fluxos de comunicação na sociedade, tanto entre instituições quanto entre instituições e indivíduos. No contexto da mediação e dos processos sociais podemos observar uma ambiência na sociedade angolana. Nessas interfaces, esta ambiência faz emergir na sociedade novas formas de interações entre produtores e receptores de mensagens, que transbordando e extravasando os limites e os papéis, vão organizando a vida e a sociedade segundo novas lógicas construcionistas, magistralmente orquestrados pelas operações de dispositivos midiáticos na era das TICs.

Dessa forma, a esfera da anomia sem localização geográfica parece estar associada a algo híbrido, oriundo seja da esfera da produção, seja daquela de consumo, da esfera da cultura tradicional ou da midiática, tanto dos sistemas analógicos quanto dos digitais ou virtuais, tanto da esfera individual quanto da social. Nesse sentido, observar e descrever os indícios presentes nos “lírios do campo”, não foi apenas um processo tentativo de mapear geograficamente as distintas facetas e as contradições presentes na sociedade angolana, mas vislumbrar novas possibilidades e gramáticas de leitura e de significação à realidade social, no caso a agressividade.

Conforme Fausto Neto (2010) que cita os estudos de Verón (2013), quanto ao campo das lógicas sistêmicas e sociais da espécie, estamos a conceber a expressão os “lírios do campo”, como originária da indústria sociotécnica, tecnológica e cultural, transformada em rito de passagem obrigatória, e/ou aquelas portas construídas pela midiatização, por meio das estruturas de “feixes de relações” de cunho mercadológico em Angola.

Esses feixes de relações comerciais (produção – comércio – consumo), na ambiência da midiatização, são transformados em produtos ou segundo Fausto Neto (2010, p. 66), em “fenômenos mediáticos”. Continuando, o autor afirma que tais “fenômenos mediáticos” originários da “autonomização” e da “persistência dos discursos” tornam possível “a reconstrução da evolução semiótica do sapiens”, bem como oportunizar pistas emergentes para uma leitura social de um determinado fenômeno. Ou seja, a sociedade angolana, atualmente, ensaia a escrita de textos cujas leituras podem ser enquadradas no contexto das sociedades em vias de midiatização. Trata-se daquelas sociedades, cujos contextos não são mais visibilizados por meio de fronteiras territoriais, como afirma Fausto Neto (2010, p. 66).

Não mais situados em fronteiras, estamos agora imersos em uma determinada “zona de interpenetração” que solicita além da compreensão dos lugares onde sujeitos e receptores estão em contato, à descoberta de equipamentos analíticos que possibilitem a descrição dos sentidos ali tecidos. Estas questões afetam, de um lado, o campo da mídia e as próprias condições e possibilidades de comunicação no mundo contemporâneo, bem como a relação dos indivíduos com a ambiência da midiatização. E, de modo particular, a natureza do próprio ofício investigativo sobre estes novos cenários e objetos da comunicação midiática.

Assim, nos meandros dessas colocações, a nossa pesquisa está inserida no âmbito da comunicação social, e concentrada nos aportes da midiatização e processos sociais. Tendo isso em vista, vamos observando e percebendo marcas indiciárias que ajudem a construir inferências sobre disputas discursivas acerca do circuito ambiente (produção – circulação –

consumo), em configuração na sociedade angolana em midiatização. Mas antes de tudo, fazemos um processo tentativo de tecer algumas considerações a respeito dessas disputas, assim como os desdobramentos estratégicos e tecnológicos da indústria cultural, que levou não apenas à padronização e à produção em série, mas também, “sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra (arte) e o sistema social”, (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 114) na operacionalização do comércio dos produtos a nível global através da internet e das redes sociais.

#### 5. 4 AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DE CONGLOMERADOS NAS REDES SOCIAIS EM ANGOLA

Na perspectiva da midiatização, falar das comunidades virtuais equivale a aludir à configuração das novas estratégias adotadas pelas instituições e grupos midiáticos, nas disputas pelo mercado e pela rentabilização, no âmbito global, do capital econômico e financeiro. Na visão de Ianni (1997, p.115-116), “a globalização do capitalismo deve ser vista como um vasto e complexo processo, que se concretiza em diferentes níveis e múltiplas situações” que interagem entre si, rompendo as barreiras entre “o local, o nacional, o regional e o mundial”. O autor ainda aponta o surgimento de “novas realidades, exigindo a reestruturação dos subsistemas econômicos nacionais, em conformidade com as capacidades destes, com as possibilidades da regionalização e com as potencialidades da globalização”.

Assim, como podemos observar nos indícios: “Unitel para todos” (Jul., 2014), “TVCABO Angola em Alta” (Dez., 2010), “Facebook Grátis para Chegar a Todos” (Jul., 2015), “Somos Natal – Pack Laranjinha 3G” (Dez., 2015) e “Movitel Geração M” (Out., 2013), as instituições mantedoras do capital econômico estendem e aplicam as suas estruturas comerciais visando a expansão do mercado de consumo dos seus produtos e serviços. Para o efeito, tanto instituições do poder público quanto privado organizam-se e investem na modernização e nas novas tecnologias, incorporando em suas práticas comerciais as lógicas midiáticas, visando a criação de expectativas credíveis junto da sociedade angolana.

À guisa de exemplo estão também as tentativas dos dois institucionais “Uso das TIC’s em Angola” (Jun, 2015) e “O Projeto - Angola Online” (Nov., Angola, 2014) por parte do Estado angolano. Paulatinamente a sociedade angolana vai se configurando em uma sociedade onde podemos perceber a existência de um público que reage positivamente ao mercado e ocorre a desterritorialização dos fluxos mercadológicos. Todavia, ocorre reações e fenômenos entre os sujeitos consumidores, não previstos pelas instituições canônicas, haja

visto que na comunicação em redes e, sobretudo na ambiência da midiatização, os consumidores não são uma totalidade acrítica que absorve os produtos midiáticos “como uma esponja absorve a água” (THOMPSON, 2008, p. 31). Ocorre o que Braga (2011a) explica sobre o fluxo adiante ou os contrafluxos mercadológicos. E, como se não bastasse a esta iniciativa está o “PRIMEIRO DAILY VLOG #1” (Abr., 2016) representando o setor privado e os atores sociais.

A partir da pesquisa de campos e os dados recolhidos (Capítulo 5), em que tratamos os dados sociotécnicos, tecnológicos e interacionais, chama-nos a atenção o fato de que, sem minimizar os outros DMs (Computador, Notebook, Rádio, Jornal), os oitenta adolescentes submetidos à entrevista de aplicação coletiva informaram que os seus pais usam tanto a TV quanto os smartphones.

Já no que diz respeito à quantidade de dispositivos que seus pais têm em suas casas, sem especificar quais, 80% dos adolescentes responderam que tinham até 4 DMs e 20% relataram que em suas residências havia mais de 4. Ressaltamos, ainda, que quanto à localização, em números empatados de 27% os DMs estão nos quartos dos pais, nos dos adolescentes e nas salas de estar. E, conforme demonstrado no Gráfico 14, 62% dos adolescentes entrevistados acessam a internet nas suas residências. Questionados sobre o DM que mais usam no dia a dia, 30% informaram que usavam os smartphones e 29% a televisão. Porém quanto ao acesso à internet, os dados apontam que 40% dos adolescentes acessam a internet por meio dos smartphones e 35% através dos computadores.

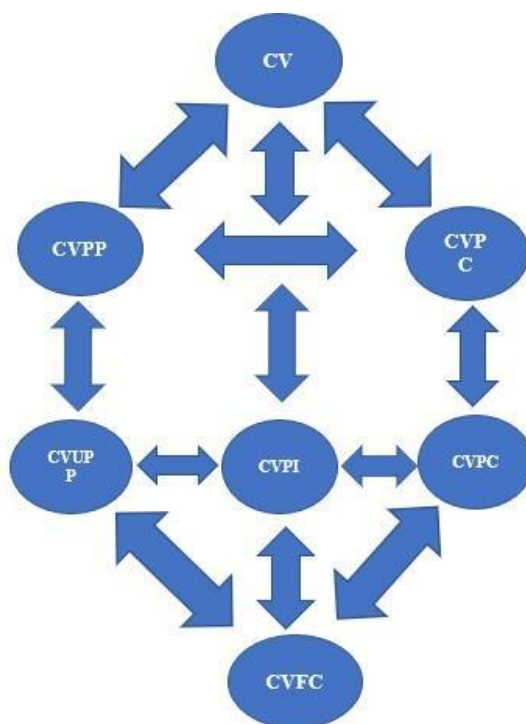
Perguntados sobre os motivos que levam os adolescentes a usarem a internet, os resultados apontam diversificadas razões, destacando-se as interações com os amigos por meio das redes sociais (Facebook, WhatsApp, Youtube, Instagram) e também como uma das ferramentas de pesquisa. No que concerne ao tempo de uso da internet, em termos percentuais, o número dos adolescentes que ficavam navegando por mais de 4 horas atinge 43%, seguido pelos que ficam até 1 hora com 30%, e por último aparecem 27% dos que ficam de 2 a 3 horas por dia, respectivamente. Com o objetivo de observar e perceber como a sociedade angolana está interagindo com a cultura da comunicação em rede por meio da internet, interrogamos adolescentes. Os dados do Gráfico 19 revelam a existência de uma sociedade eminentemente conectada nas redes sociais, com maior preponderância o Facebook com 31%, seguida do WhatsApp com 30%. O Youtube e Instagram aparecem empatados com 19%.

Atendo-nos aos dados coletados, por um lado percebemos Angola como uma sociedade em intenso processo de integração na esfera do consumo dos bens da indústria nas

novas tecnologias de Informação. Por outro, esse processo força a enfrentar os vastos e complexos níveis de conglomerados nas redes sociais e das comunidades virtuais.

O problema que levantamos é: será que a sociedade angolana está preparada suficientemente para enfrentar, superar os desafios inerentes ou advindos desses complexos níveis de conglomerados das redes sociais? Para responder à pergunta buscamos abordagens teóricas sobre a temática em Angola. Porém, encontramos uma certa dificuldade que nos levou a fazer uma apropriação dos vídeos em circulação nas redes sociais, cujos conteúdos descrevemos na segunda parte desta tese. Como sustentação teórica, convocamos autores como Wasserman e Faust (1994), Rheingold (1996), Wenger (1998), Rodríguez Illera (2007), Recuero (2009) e Coll, Mauri e Onrubia (2010). Segundo estes autores, as redes sociais envolvem atravessamentos e feixes de relações com outros conceitos. A partir da perspectiva desses autores, construímos o diagrama abaixo como metáfora de um processo interacional complexo cuja dinâmica oferece uma difícil definição.

Gráfico 34 – Esquema do diagrama do processo interacional midiático de difícil definição<sup>8</sup>



Fonte: Elaborado pelo autor.

<sup>8</sup> No nosso entendimento, segundo os objetivos e o público envolvido, estas comunidades podem ser agrupadas em sete e podem ser representadas pelas siglas acima com as significações: a) CV = Comunidades Virtuais; b) CVPP = Comunidades Virtuais das Práticas de Produção; c) CPC = Comunidade Práticas de Consumo; d) CVUPP = Comunidades Virtuais dos Usos e das Práticas de Produção; e) CVPIC = Comunidades Virtuais das Práticas de Interesses Comuns; f) CVPC = Comunidade Virtual das Práticas de Compartilhamento; h) Comunidades Virtuais dos Fluxos e Contrafluxos (CVFC).

Como mostrado acima, por meio do diagrama objetivamos a instaurar um processo interpretativo das dinâmicas complexas das redes sociais e das possíveis inter-relações entre os sujeitos em Angola.

Em meio a esta complexidade, a partir de Wellman (1997), Rodríguez(2007), Coll, Mauri e Onrubia (2010), definiremos as redes sociais como sendo as comunidades de redes de laços interpessoais que possibilitam a sociabilidade, apoio, integração e identidade social, entre outros aspetos. Nesse sentido, elas passam a ser grupos de pessoas com características ou interesses comuns que compartilham objetivos específicos e dividem um espaço geográfico. Portanto participar de uma comunidade virtual é um ato de geração mútua de autonomia. Um meio pelo qual os indivíduos, pelos usos dos DM, expressam as suas identidades, trocam experiências, compartilham-nas e as reconstróem por meio de um processo colaborativo em redes virtuais. Graças a esse processo colaborativo, surgem, segundo Rheingold (1996, p.18) as chamadas comunidades virtuais, compreendendo “os agregados sociais surgidos na rede, quando os intervenientes de um debate o levam adiante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações sociais no ciberespaço”. E então eis que surgem as comunidades virtuais cujo objetivo principal é conquistar novos amigos, compartilhar informações e possibilitar a vivência de novas experiências nas redes sociais. Porém, é preciso frisar que entre comunidades virtuais e redes sociais existe diferença, não em termos dos atores sociais, mas sim nos elementos de conexão (RECUERO, 2009). As redes sociais são mais fluidas que as comunidades virtuais, que necessitam da predominância de interações cooperativas, para gerar e manter sua estrutura de comunidade (RECUERO, 2009).

Esta diferença, no âmbito da circulação midiática, constitui, por sua vez, comunidades outras que invisivelmente estejam nas bordas das redes sociais (FAUSTO NETO, 2010). E, levando em consideração os contratos e as interações dos “eus” (atores sociais) nos diferentes campos e esferas, por meio das lógicas midiáticas nas redes sociais, torna-se possível não só a circulação do capital financeiro e econômico via redes sociais, mas também os deslocamentos dos atores de uma esfera para outra e vice-versa (esfera de produção / esfera de consumo). Dessa forma, definiremos a rede social como um conjunto de dois elementos: atores sociais (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões (interações ou laços sociais) (WASSERMAN; FAUST, 1994; WELLMAN, 1997) tendo em vista a comunicação. Sob a concepção de Duarte e Aires (2008), isso elabora um diagrama de uma engenharia estrutural predominantemente dinâmica, autogerativa e de alta complexidade, que necessariamente



deve envolver uma linguagem socio-técnica-tecnológica, cultural e simbólica, preme de relações de poder e geradora de um produto tipologicamente morfológica e imaterial.

Sob angulações dos agendamentos dos fluxos, dos contrafluxos midiáticos e a partir de leitura ainda incipiente, podemos perceber alterações na forma de conceber e conceituar uma comunidade. Essas alterações ocorrem justamente porque os atores sociais de uma comunidade local sofrem influências dos fluxos globais do mercado dos produtos, das novas TICs que os impõem uma situação dialética: (P/R<sup>9</sup>).

No ambiente virtual, essa integração no fluxo global de P/R nos outorga uma percepção do conceito de consumo, cuja natureza seja de uma esfera imaterial. Compartilhando a posição de Canclini (2003), entendemos a globalização como fluxos que transitam por uma relação dinâmica entre o local e o global através das redes sociais. Nesse sentido, discussões a respeito da globalização e todos os fenômenos que lhe são inerentes devem perpassar pela análise das práticas dos agentes locais. Portanto, conforme Braga (2012) e Fausto Neto (2007), a globalização seria então resultado de múltiplos embates, movimentos, em parte contraditórios, com resultados abertos, que implicam diversas conexões locais-globais de ordem social mercadológica. Ou seja, as práticas comerciais, frutos dos fluxos interacionais entre diversos “eus” (Comunidade Virtual de Produção/Comunidade Virtual de Consumo), pelas políticas de extensão e integração na sociedade de consumo local e global, realoja e delimita o território e a postura dos sujeitos no mercado.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que essas políticas, promulgadas por instituições comerciais que orquestram os fluxos e distribuem por todo o globo a cultura de consumo dos produtos, elas também podem ser utilizadas pelos atores sociais (comunidade virtual de consumo), como em um contraponto para retroalimentar os fluxos, cujos efeitos e consequências são canhestras e diversas (BRAGA, 2012; CASTELLS, 1999; GIDDENS, 1991; BECK, 1999). Os atores sociais mergulhados nessa ambiência podem orientar-se com base em referências globais, fruto das TICs (CASTELLS, 1999) para mudar a forma da organização social (GIDDENS, 1991) e das relações de poder político e econômico (BECK, 1999), ou assumirem posturas e comportamentos antissociais (SODRÉ, 2002). Portanto, a retroalimentação dos fluxos na ambiência da cultura midiática pode visar tanto a solidificação da cultura global, como servir de movimentos de resistência para preservar as estruturas locais (KARABABA; GER, 2010) frente às influências externas. Esses movimentos podem ser

---

<sup>9</sup> Produção e Reconhecimento.

signos ou metáforas de conflitos sociais, ou lutas pelo reconhecimento, defendidos por Honneth (2011, p. 24) como “uma oportunidade de consumação da liberdade de todos os sujeitos singulares na sociedade de consumo”.

Portanto, fugindo do determinismo e neoliberalismo de Ohmae (1996), os fluxos e contrafluxos globais do mercado de consumo dos produtos das novas TICs, sejam aquelas metáforas de processos socio-históricos e culturais nos quais podemos reconhecer discontinuidades; onde as rupturas estruturais e práticas sociais globais, nacionais e locais, decorrentes da globalização sociotécnica e tecnológica descrevem e fazem emergir uma nova realidade social, histórica, política e econômica com relações multilaterais. Isso equivale a dizer: estamos enfrentando uma ambiência que forja nos indivíduos “um novo modo de ser no mundo” (GOMES, 2016, p. 16). Trata-se, por conseguinte, daquele ambiente que profeticamente se insurge como um novo modelo social marcado, segundo Castells (2009, p.17)

Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes.

Mediante os fluxos e contrafluxos, a cultura da virtualidade permite-nos convocar Weber (1987, p. 77), que entende a comunidade como o “resultado de ligações, emocionais ou tradicionais” de interesses voltadas para uma ação social e solidária. Luta pelos interesses comuns nos espaços de fluxos e contrafluxos contínuos, que não só podem converter a comunidade virtual em um território de embates, conflitos sociais, como foi salientado pelos autores já referenciados, como também ser um espaço de aprendizagem. Pois, se de um lado observamos as comunidades, a luta pela expansão e rentabilidade do capital financeiro por parte das empresas ligadas às novas TICs, por outro lado é possível associar as comunidades virtuais a uma instituição de aprendizagem.

Para tanto, no estudo das práticas sociais dos indivíduos dessas comunidades, a ênfase deve ser dada aos processos interacionais de interdisciplinaridade, que envolvam aspectos como: a construção do conhecimento e as práticas de aprendizagem; a aceitação crescente de enfoques, pressupostos e teorias psicológicas e psicoeducacionais que destacam a importância dos fatores contextuais, sociais, culturais, relacionais e colaborativos; ao acelerado desenvolvimento das TICs, assim como sua ubiquidade e sua incorporação progressiva em praticamente todos os âmbitos da vida cotidiana; e por último à preocupação pela transformação e qualificação dos sistemas educacionais e das escolas. Esse ponto de vista,

partindo do pressuposto de que as comunidades virtuais em que os indivíduos se unem em torno de um mesmo tema ou interesse, trabalham juntas para encontrar meios de resistência, de sustentabilidade, de reafirmação de suas identidades mediatizados pelos aparatos socio-técnico-tecnológicos, semiolinguísticos, discursivos e interacionais (FOUCAULT, 1997; BRAGA, 1994; FERREIRA, 2006; FAUSTO NETO, 2012; POSTER, 2000; DELEUZE, 1987; RODRIGUES, 2001; MOUILLAUD, 2002; AUMONT, 1995).

Para esses autores, o dispositivo consiste em uma rede que pode ser estabelecida entre diferentes elementos, tais como: o poder em relação a qualquer formação social; a relação entre fenômeno social e o sujeito; a relação entre discurso e a prática, as ideias e as ações, atitudes e comportamentos. Portanto assume-se como um mecanismo de poder e de força com múltiplas dimensões em jogo, que podem ser de controle, de inclusão ou de exclusão. Pode ainda ser considerado como um amálgama que mistura o enunciável e o visível; palavras e as coisas; discursos e arquiteturas; programas e arquiteturas; formação discursiva e formação não-discursiva.

Usando metáforas, tomaremos as comunidades virtuais como dispositivos, máquinas concretas, que com as relações que estabelecem e misturam geram sentidos na sociedade. Os desdobramentos podem desencadear na configuração da sustentabilidade cultural, e na criação de novas identidades dos seus membros por meios dos usos e das práticas compartilhadas nas redes sociais. Portanto, no contexto da comunicação, por meio das redes sociais as comunidades virtuais instauram um processo interacional entre a aprendizagem, a vida pessoal e a vida social. Ou seja, assim como Vygostky (1996) e Freire (1996), que destacam na ação pedagógica a dimensão dos contextos socio-históricos e culturais.

E, portanto, no estudo dos fenômenos sociais que afetam os indivíduos das comunidades virtuais, parece se tornar impossível sem o recurso a um dispositivo interacional triádico, que Peraya (1999) categoriza como sendo: a sociedade (sujeitos), a tecnologia e a linguagem. Esse dispositivo aparece como um lugar das interações entre os três universos: uma tecnologia, um sistema de relações sociais, um sistema de representações. Quer dizer, uma vez que os membros desenvolvem um repertório compartilhado de recursos, experiências, histórias, ferramentas, formas de abordar e resolver problemas recorrentes, o uso e a apropriação desse dispositivo pode nos permitir perceber entre os sujeitos o seguinte: qual é o lugar de fala de cada membro da comunidade e os seus objetivos na rede; o grau do seu pertencimento ou envolvimento, que implica um nível mínimo de conhecimento do campo; saber quais os interesses comuns, e por fim quais são as práticas individuais e coletivas ou sociais.

#### **5.4.1 Mídia: Um conceito em mutações nas esferas de Produção, Circulação e Consumo dos bens da Indústria Cultural das TICs**

No campo da Ciência da Comunicação a origem do uso da palavra mídia está associada às pesquisas norte-americanas na Escola de Chicago (WOLF, 2003). O conceito resultaria dos desdobramentos e interações dos estudos sobre a opinião pública, o voto, comportamento eleitoral e propaganda televisiva nos períodos pré e pós-guerras, entre os anos 1920 e os 1940. Nessa altura, em suas pesquisas os estudiosos na área de comunicação tinham como preocupação a delimitação dos efeitos da exposição do público às mensagens veiculadas pela imprensa e propaganda. De uma forma resumida faremos um mapeamento arqueológico do conceito de mídia segundo as pesquisas de Wolf (2003).

Em primeiro lugar, o conceito de mídia teria uma evolução histórica através das interfaces sociotécnicas e culturais.

Em segundo, teria surgido da teoria Hipodérmica (estímulo-resposta) que apresenta um modelo de comunicação cujo esquema pode ser representado da seguinte forma: uma elite - individual, inteligente, culto, qualidade e a massa - coletivo sem ideologia, desintegrado e sem qualidade. Por volta de 1948 Lasswell, citado por Mauro Wolf (2003, p. 29) percebe que qualquer estudo em comunicação pode responder a uma das variáveis em interação. Estava apontado uma pista de superação da Teoria Hipodérmica, por quanto, no processo comunicacional há um sujeito que tendo um motivo, expõe um determinado assunto usando um meio (canal). Ou seja, qualquer estudo que se possa fazer no campo da comunicação deve levar em consideração as variáveis: quem fala? O que está sendo dito? Que canal está sendo usado? E quais são os efeitos?

Em terceiro vem a teoria experimental – Perspectiva Empírica (Efeitos Limitados) que faz apologia da existência de um ambiente que gera a formação da opinião pública, em que participa também da mídia. Nessa ambiência os resultados globais não são atribuídos aos indivíduos isoladamente, mas na rede e nos processos sociais e interacionais. E para tanto, a eficácia do processo comunicacional passa, necessariamente, pela análise dos imbricamentos / interfaces (contextos sociais e culturais, políticos e econômicos) dos emissores / produtores e receptor da mensagem / consumidores dos produtos.

Em seguida, surge a teoria Funcionalista que tenta estabelecer o equilíbrio entre indivíduos, veículos e todo o sistema de circulação de conteúdo englobado. Em uma visão sociológica por meio de quatro perguntas: quem? Diz o quê, em que canal? Para quem? E com que efeito? De uma forma paradigmática ele estrutura as perguntas através do seguinte

esquema: o processo comunicacional assimétrico: emissor ativo produz estímulo na massa passiva; a comunicação passa a ser intencional, com efeito observável e passível de avaliação, pois gera comportamentos (behaviorismo) que podem ser associados à intenção; o comunicador e o receptor surgem como papéis isolados, independentes de relações sociais e repertórios culturais. A partir dos estudos de Lasswell (1948) iniciou-se uma corrente de estudos e pesquisas das funções dos meios de comunicação de massa na sociedade. Ou seja, mesmo que diferenciemos as necessidades das funções, é possível conceber, em termos funcionais, a satisfação das necessidades sentidas pelos indivíduos. Nessa ordem de ideias, Wright (1974) distingue cinco classes de necessidades que os mass media satisfazem: necessidades cognitivas: aquisição e reforço de conhecimentos e de compreensão; necessidades afetivas e estéticas: reforço da experiência estética, emotiva; necessidades de integração a nível social: reforço dos contatos interpessoais; necessidades de integração a nível da personalidade: segurança, estabilidade emotiva; necessidade de evasão; abrandamento das tensões e dos conflitos.

Depois, a teoria crítica da comunicação tendo como pioneiros Max Horkheimer e Theodor Adorno (1986) que, apontavam criticamente a dialética do Iluminismo como mistificação das massas. Ela objetiva essencialmente rever a teoria funcionalista. Pois, não basta satisfazer o gosto dos consumidores. Considerando o contexto social da cultura tecnológica, afirmavam os autores que era necessário estudar e examinar o que está sendo produzido e oferecido ao consumidor. Para tanto, os que detêm o poder econômico visando a ampliação do seu capital começam a fazer estudos que industrializam a cultura. Por meio da pesquisa de mercado, os produtos são adaptados ao consumo das massas, que também podem determinar o próprio produto, ou seja, estava-se assim transformando a cultura em comércio, acabando por criar a Indústria Cultural. Ademais, no contexto dos produtos da indústria tecnológica os consumidores podem não pensar mais por si próprios. Uma vez que os argumentos das mensagens e conteúdos em circulação passam a ser lógicos e a penetrar sorrateiramente no receptor. Assim, por meio desses argumentos lógicos em forma de miragem, o receptor tira as suas conclusões e age conforme suas próprias decisões quando na verdade ele está agindo, pelos produtos que consome, sob os contratos, as lógicas e estratégias de persuasão e de alienação.

Em sexto lugar temos a teoria Culturológica que surge em um ambiente de disputa intelectual entre pesquisadores. Ou seja, em forma de disputa intelectual, enquanto na Alemanha a teoria crítica ganhava espaço junto a pesquisadores que não se identificavam com a pesquisa administrativa, surge Edgar Morin (1967, p. 17-18) na França, em que desenvolve

estudos que deram espaço à teoria culturológica no âmbito da cultura de massa. O autor procura, fundamentalmente, responder sobre como a cultura de massa está sendo percebida e recepcionada no contexto da cultura nacional, humanista, religiosa e local na França. O autor define a cultura de massa como uma cultura que se reveste de

Um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e identificação polariza das nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses). Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática, pontos de apoio práticos à vida imaginária; ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma), o ser semi-real, semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si no qual se envolve (sua personalidade).

Por essa angulação percebemos, na definição do autor, as interfaces entre culturas (de massa e locais) que nos permitem enfrentar desafios, e uma zona de complexidade que cria uma ambiência não de autonomia da cultura de massa. A aproximação a esta zona de complexidade apenas é possível por meio de um estudo de cunho totalizante e conjuntural que estabeleça interações entre o campo do real e do imaginário por meio de processos de identificação e projeção. Segundo Edgar Morin, (1962, p. 28) a Indústria Cultural tentou standardizar e opor-se, por meio de temas místicos ou romanescos, criando figurinos-modelo do espírito humano, ordenando os sonhos racionalizados. Dessa forma a Indústria Cultural acreditava que enfrentaria e superaria os desafios e contradições entre as estruturas burocráticas-padronizadas e a originalidade (individualidade e novidade) do produto que ela deve fornecer. Nesse sentido, a Indústria Cultural ao promover cultura de Massa adequa-se aos desejos, às aspirações da massa tornando-se uma forma de auto-realização do que é suprimido na “vida real”. Infelizmente ela não percebe a indústria cultural como sistema de manipulação e alienação do sujeito e nem como limitação à criatividade autoral e adequação aos anseios do público.

O sétimo lugar é ocupado pela teoria do Agendamento (Agenda Setting) que, embora teoricamente se atribua ao célebre artigo de McCombs e Shaw (1977), tem como obra pioneira a obra de Gabriel Tarde (1901). Essa teoria aborda problemáticas sobre a influência da imprensa na formação de correntes de opinião pública. Autores como Walter Lippmann (2008), Cohen (1963), MacCombs e Shaw (1977) acreditam que a mídia pode ter efeitos diretos (não mediados) sobre as pessoas, tendo, nomeadamente, o poder de “dizer” às pessoas sobre o que pensar. Nesse sentido a teoria do agendamento teria como objetivo contribuir para o estabelecimento das agendas que preocupam cidadãos e políticos (e mesmo os outros

meios), que têm o poder de concorrerem para modelar as representações que se fazem da realidade.

Essa concepção fez insurgir, na contramão, as correntes realistas. Pois para eles os sentidos e significados linguísticos não se atingem apenas pelas representações, mas da realidade. Essas correntes acreditam na possibilidade de se estabelecerem correspondências entre parcelas da realidade e a linguagem (os fatos são fatos, são extralinguísticos), mas em qualquer caso o que importa perceber é que, mais ou menos vinculadas à realidade e mais ou menos objetivas, as notícias contribuem para alimentar a lista de temas que, durante determinado tempo (time frame), fazem parte das preocupações públicas e políticas.

Nessa apresentação podemos observar que a agenda mediática influencia a agenda pública e a agenda política, conforme teorizado por McCombs e Shaw (1972), mas que esta última também influencia a agenda mediática, permeável, de resto, à influência de promotores de notícias (MOLOTCH; LESTER, 1974), que, em vários casos, são agentes políticos. A agenda pública, por sua vez, de acordo com o esquema, também pode influenciar diretamente a agenda política, sendo as três agendas modeladas, seja no que diz respeito ao temário, ou no que diz respeito à importância relativa dos temas inscritos nesse temário. Sendo pela comunicação interpessoal que as pessoas estabelecem entre si, pela experiência pessoal que as pessoas têm da realidade e pelos acontecimentos que ocorrem no mundo. Trata-se aqui de conceber campo como território de confronto, tomada de posição, luta, tensão, poder e forças em vista a conservação ou transformar esses campos em práticas, na visão de Bourdieu (2004), através da estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes.

Em seguida, figura a teoria do Gatekeeper: Porteiros da informação que nos permite olhar para os modelos de comunicação até agora estudados e perceber uma real exaltação das instituições midiáticas como locais de exposição das representações associadas às diversas ideologias, aos diversos grupos e de interesses presentes na vida social. Para Rubim (1999, p. 57-58)

O campo da mídia, que emerge de modo mais contundente na modernidade (tardia), estrutura, articula e dá visibilidade a entes sociais, instituições, valores e práticas encarregadas de mediar socialmente a publicação dos inúmeros campos sociais diferenciados e autonomizados pela/modernidade, tornando-os visíveis para o resto da sociedade.

Essa postura permitiu que ao jornalista fosse atribuído o papel que mais tarde veio a dar origem ao modelo gatekeepers ou simplesmente “porteiros da informação”. Nesse modelo, os jornalistas desempenham um papel fundamental na hora de decidir e selecionar as

notícias. São eles que escolhem o que deve ou não ser publicado ou posto em circulação na mídia. Ou seja, o modelo parte da hipótese de que as informações devem passar por uma triagem de responsabilidade dos jornalistas editores e dos proprietários dos veículos de comunicação. Essa filtragem da notícia não ocorre tão somente por falta de espaço na edição, ou porque as matérias abordam assuntos semelhantes, acontece também porque há o interesse dos editores e proprietários em beneficiar alguém. Portanto, são os jornalistas e os proprietários que respondem pela agenda-setting como bem postula Wolf (2003, p. 169) ao formular a hipótese segundo a qual do “agenda-setting toma como postulado um pacto directo – mesmo que não imediato – sobre os destinatários, que se configura segundo dois níveis”. Esta agenda compreende, ainda segundo o autor a: a ordem do dia dos temas, assuntos e problemas presentes na agenda dos mass media; a hierarquia de importância e prioridade segundo a qual esses elementos estão dispostos na ordem do dia; a ordem como os assuntos são expostos durante o dia.

Depois, o modelo apresentado por Shannon e Weaver (1949), derivado da “cibernética” resultou na “Teoria Matemática da Comunicação ou simplesmente na Teoria da Informação”. Nesse modelo o processo da comunicação é abordado a partir da ideia de transmissão de informação de uma fonte a um receptor, por meio do uso de um canal e conforme incidência de ruídos no processo. Como os modelos anteriores também este foi questionado no campo da comunicação de massa, por não considerar aspectos relacionados ao significado da mensagem e aos modos prováveis de produção de sentido desta, atendo-se predominantemente ao domínio quantitativo da informação. Na visão de Coelho Netto (1973, p. 20), “este realce do valor quantitativo de uma mensagem é inteiramente contestável”, porque “o problema do significado da mensagem” será o obstáculo com que “o analista da informação social” se deparará.

Outro problema levantado é o apresentado por Armand Mattelart (2001, p. 8) que critica o modelo da “teoria matemática da comunicação”, pois exclui todo o tipo de interrogação sobre a “cultura” e a construção de “sentido”. Ou seja, no contexto da informação processada na internet ocorre sim a emissão, a recepção e a produção/difusão da mensagem. Porém não nos podemos esquecer do significado. O processo comunicacional via internet acarreta consigo sentidos múltiplos, cuja leitura extravasam as fronteiras físico-matemáticas. Se no modelo físico-matemático o interesse recai sobre a quantidade de informação processada, aqui o interesse são os feixes interacionais entre produtores e consumidores que consiste na qualidade dos produtos (produzidos e consumidos). Portanto, considerando os desdobramentos prováveis dos recursos das gramáticas linguísticas e das



lógicas próprias da internet, os usos das ferramentas e dispositivos midiáticos e a ideia da comunicação como transmissão da informação passa a ser retrógrada. Ela passa a ser entendida por interatividade homem-máquina-homem. A informação passa a ser construída na coletividade, que Braga (2012) chama de “processo interacional”. Assim, “o ato de comunicar não se traduz por uma transferência de informação do emissor a um destinatário, mas antes pela modelagem mútua de um mundo comum no meio de uma ação conjugada”. (QUERÉ, 1991, p. 2).

Em décimo lugar figura a teoria do Meio e a Mensagem, apresentado por McLuhan. Em seu livro “Os Meios de Comunicação como extensão do homem”, McLuhan (1969), opondo-se à velha concepção de estudar o efeito por meio do conteúdo em circulação, percebe as diferenças evidenciadas pelos dispositivos midiáticos (livro, jornal, rádio, cinema, televisão, computador, notebook, celular e outros). Nessa obra o autor compreende que o meio influencia significativamente a mensagem que um indivíduo recebe. O texto passa a impressão de que dependendo do meio usado e as suas lógicas sociotécnicas discursivas, o indivíduo pode perceber uma mesma mensagem de formas diferentes. Dessa maneira, o meio pode ser a própria mensagem, sendo que o meio pode constituir-se como um dos elementos importantes no processo da comunicação. Portanto, ele não funciona somente como um canal de passagem, de circulação ou como um veículo de transmissão.

Na visão do autor, dado que cada meio possui características que lhe são típicas, como pesquisadores e cada indivíduo vê o mundo segundo o seu lugar de fala e a sua história de vida (contextos sociais), não podemos generalizar os efeitos dos meios de comunicação de massa. Da fala de McLuhan podemos inferir que tanto o meio quanto os indivíduos envolvidos no processo comunicacional, tenham efeitos diferentes. Ou seja, cada meio possui efeitos específicos e, conseqüentemente, também cada indivíduo percebe, recebe e reage de forma diferente. Acorrendo ao princípio filosófico tomista, segundo o qual “*Quidquid recipitur ad modum recipientis recipitur*”<sup>10</sup> podemos levantar a hipótese de que qualquer transformação do meio possa ser mais determinante do que uma alteração no conteúdo. Ou seja, vemos claramente que para McLuhan (1969) o mais importante não é o conteúdo da mensagem, mas o veículo / o meio através do qual a mensagem é posta em circulação ou é transmitida. A leitura que fazemos de McLuhan é da criação de uma possível apologia sobre a transformação da sociedade em todos os campos e práticas sociais por meio das novas tecnologias.

---

<sup>10</sup> Tudo o que se recebe, recebe-se segundo o recipiente.

#### 5.4.1.1 O conceito de mídia e suas configurações na ambiência da midiaticização

No contexto das mutações midiáticas e das novas configurações, o conceito de “mídia” é fruto dos desenvolvimentos sociotécnicos e tecnológicos no setor da informação e comunicação. Essas mutações nos possibilitaram observar zonas de interfaces, de afetações, negociações e de embates entre atores sociais (instituições: produtores, consumidores) e também entre os produtos e objetos de consumo, não só nos Estados Unidos, mas também em Angola. Como destacamos nos observáveis, sobretudo no institucional de cunho comercial produzido e posto em circulação pela Unitel em 2012: “Unitel para todos”, no vídeo podemos perceber que aos poucos o conceito ganha uma perspectiva multidisciplinar, interacional, teórica e convergente. O vídeo apresenta-nos a mídia como um conceito que pode ser usado nos estudos de temas correlatos, ou seja, se constrói uma tessitura que estabelece interfaces entre todos os campos e práticas sociais.

Por esse viés, Marcondes Filho (2004, p. 8) relaciona o termo oriundo do Latim, “médium”, como importante e decisivo na “produção de conteúdos”, e então afirma que ele dá o “suporte” que nos permite a “percepção das formas e apreender as características dos objetos sem alterá-los”. Nesse sentido o termo parece possuir ligações viscerais com os sujeitos no que tange aos processos de concepção, percepção e recepção dos produtos (objetos / conteúdos) dos produtores (emissores) e dos consumidores (receptores).

Em meio a mutações paradigmáticas do conceito de mídia, os pesquisadores investem na reconstrução dos “processos pelos quais os indivíduos modificam as suas próprias representações da realidade social” (NOELLE-NEUMANN apud WOLF, 2003, p. 138), nas interfaces dos processos midiáticos. É por isso que diversos autores caracterizam a era contemporânea como midiacêntrica, e ainda como a era dos dispositivos interacionais de referência (BRAGA, 2012) na sociedade. Por exemplo, Thompson (1998) confere aos meios de comunicação um importante papel nas dinâmicas sociais. Rubim (2000; 2001) afirma que estamos na idade Mídia. Já para McLuhan (1969) a mídia tem o poder que converte o mundo na aldeia global. Por sua vez, Castells (1999) entende que a era atual é caracterizada pela informação; na visão de Schaff (1995) a sociedade é toda ela informatizada. Por seu turno, Lyon (1992) afirma que vivemos na sociedade da informação. Por outro lado, o parecer de Soares (1996) é de que a sociedade atual se move entre a informação ou a comunicação. Lima (2001) é do parecer de que a sociedade atual é midiacêntrica. Em último lugar, Morais (2006) afirma estarmos mergulhados no planeta mídia e na sociedade midiaticizada.

Na perspectiva da sociedade de produção e do consumo dos bens da indústria das TICs, ela forja um novo modo de ser (GOMES, 2016) cujo desfecho pode ser sinuoso e canhestro (FAUSTO NETO, 2006; BRAGA, 2012). A mídia enquanto conjunto de estruturas, amparada pelos aparatos das novas tecnologias de comunicação e informação e pelas redes sociais, gera fenômenos distintos e disjunções de ofertas, de significados e de apropriação de sentidos entre os atores sociais (produtores e consumidores). As novas TICs possibilitam aos indivíduos a moverem-se através das interfaces gráficas, de modo que a representação tradicional seja substituída pela vivência representativa (SODRÉ, 2002).

Vivemos uma nova cultura que vem transfigurando o ambiente que antes fora dominado hegemonicamente pela cultura de massa. Nessa nova cultura, o acento tônico recai sobre fluxos adiantes (BRAGA, 2012), acoplados aos dispositivos sociotécnicos e tecnológicos, “socialmente produzidos pela indústria capitalista” (SODRÉ, 2002, p. 20), de uma forma transversal e relacional. Consequentemente, ela assume o papel profético operacionalizador dos processos de construção de sentido e de interação social pela mediação do espaço social. Tal espaço é caracterizado pela hibridização e formas discursivas e faz convergir textos, sons e imagens em uma mesma plataforma. Assim, ao permitir o aceleração do processo de circulação de informações entre as distintas esferas, a mídia passa a ser um elemento socializador, comprometido com o intercâmbio ou permuta de saberes e de experiências, e opera na manutenção da cultura, sobretudo da cultura de consumo dos produtos da indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1986). Enquanto mantenedora da cultura, ela confunde-se com “os códigos de conduta” social que tem como objetivo a transformação e a mudança de vida a partir da raiz. Para Martin-Barbeiro (1997, p. 58) ocorre nas sociedades atuais “trocas de lugares e estilos de vida”. Se ontem era a família e a escola que educavam as novas gerações hoje o espaço chave da socialização é assumido pelos “os filmes, a televisão, a publicidade”.

Assim sendo, potencializar o conceito de mídia como conjunto de aparatos sociotécnicos e tecnológicos, significa ampliar as possibilidades criativas do homem, bem como ampliar os “olhares” à exploração de situações cotidianas relacionadas ao espaço geográfico, ao lugar da política, a representação de instâncias conhecidas e/ou desconhecidas, a ampliação das experiências e a condição de identificação com o espaço vivido. Por esse viés, a cultura perpassaria então também pela interação dos indivíduos com os meios diversos, dos quais podemos destacar os produtos resultantes da indústria das novas tecnologias e das mídias diversas.

Em uma palavra, derivada de um longo processo que vem do latim “*médium*”, o conceito atravessa todos os campos e incorpora as práticas sociais, modificando a forma de perceber, conceber, pensar e apreender o mundo, requerendo novas inteligibilidades. Dessa maneira, assumimos o conceito de mídia como um enunciado polissêmico que compreende os aparatos sócios técnicos tecnológicos, linguísticos, antropológicos, simbólicos, interacionais (FERREIRA, 2006; FAUSTO NETO 2010; SETON 2010; BRAGA, 2012) de material relativo à produção e circulação de bens de consumo de caráter cultural, que chega até nós mediado pelas tecnologias. Nessa perspectiva, o conceito que reúne diversos elementos que amplificam o fazer humano, sobretudo quanto à capacidade de interação com destaque na maior circulação viabilizando da informação.

Portanto, o conceito de mídia passa a ser abrangente e se referir aos meios de comunicação massivos dedicados, em geral, ao consumo de formação, informação, entretenimento e lazer. O objetivo dos meios de comunicação de massa seria o fluxo universal de todo campo de produção cultural de sons, mensagens e imagens (SETON, 2010). Esta produção cultural chega até nós por meio dos aparatos tecnológicos, a internet, as instituições de produção e de consumo sejam públicas ou privadas ao possibilitarem a sua circulação e ao se configurarem como referências de estilos de vida, de ideias e de comportamento. Pelo que tudo indica, a produção cultural sustentada pela indústria capitalista é realizada sistematicamente de maneira sociotécnica e tecnológica visando o mercado. Assim, falar da mídia no contexto da produção cultural envolve questões que se prendem com os fluxos mercadológicos (costumes, hábitos, valores, músicas, imagens, gastronomia, marcas de roupas, carros, eletrodomésticos, aparatos técnicos e ou meios eletrônicos) de comunicação.

Portanto, em um processo tentativo temos o objetivo, por meio de referências bibliográficas, instaurar uma discussão epistemológica sobre as mutações do conceito de mídia ancorados nos aportes da midiaticização e dos processos Sociais. A partir da perspectiva de autores como Braga (2012), Fausto Neto (2007), Gomes (2016) e Ferreira (2006), o conceito de mídia nos remete ao campo da comunicação que, por sua vez, assume um papel equivalente ao de dispositivo de referência nas práticas dos sujeitos comunicacionais, bem como nas interações entre os campos sociais.

Desse modo, enquanto dispositivo de referência interacional este conceito é concebido como metáfora de um circuito ambiente que se constitui entre disputas de múltiplas afetações culturais. As disputas obrigam os sujeitos envolvidos a enfrentar um processo comunicacional (E-R) que necessariamente passa pelos usos e apropriações dos “códigos e linguagens”, cuja finalidade seria desenvolver e ampliar “as suas aptidões existenciais e

socializadoras”.(MAGALHÃES, 2003, p. 22). Nesse caso, estaríamos então abertos a um novo modo de conceber e perceber o conceito de mídia como espaço de negociações de diferenças, de choques ideológicos e de campos de forças entre as práticas sociais.

A ser assim, podemos inferir que a processualidade própria da interação midiaticizada atravessa e redireciona as demais práticas sociais, contribuindo para atualizações do processo social de construção da realidade. Portanto, no âmbito da midiaticização e dos processos sociais, essas mutações forçam-nos a revisitar teoricamente o conceito de mídia, enquanto espaço de disputas e de lutas de reconhecimento, onde os sujeitos concebem e são concebidos, onde se percebem e são percebidos como seres sociais, parafraseando o filósofo George Berkeley, (1980) para quem “existir (ser) é ser percebido”.

Nessa lógica, a partir dos observáveis percebemos que os angolanos vivem em uma época na qual os indivíduos, atravessados pela cultura das redes sociais a todo instante, buscam o clique e o “like” da sua plateia, conforme podemos constatar no Primeiro Dailly vlog #1, “PROIBIDO VER”. Neste vídeo, o adolescente angolano Adilson apresenta-se como alguém que emigra para a geração produtora de informações via digital e que busca reconhecimento social ao dizer: “Quero adotar este novo estilo de vida para o meu canal. Acompanhe um cochi (pouco) do que um gajo faz. Um gajo não é famoso, mas faz nada de especial. Mas aquele bocado mesmo [...] se quiserem mais é só deixar aí em baixo [...]”.

Os três pontos de reticência escondem um discurso que nos remete ao like, que na ambiência da comunicação virtual ou digital faz uma interpelação e um convite à integração na “Geração M”, conforme o institucional descrito nos observáveis. Ou seja, as novas tecnologias da informação e comunicação forjam “um novo modo ser no mundo” (GOMES, 2016) de hoje em Angola. A sociedade angolana agora em midiaticização enfrenta mutações socio-históricas e culturais que convida os sujeitos a mostrar-se, ao consumo desenfreado, a espetacularização da vida íntima e pessoal.

Nesse sentido, concordamos com o raciocínio de Berkeley: “existir (ser) é ser percebido” no tempo e no espaço. Os sujeitos movidos pela robotização do emprego das novas tecnologias digitais de comunicação e pela ocupação diária da internet como espaço de comunicação e cenário tenso de movimentações culturais, sociais e políticas, perderam a noção do tempo. Vivemos na época onde facilmente podemos rebobinar e reconstruir passados no instante presente, das mais variadas formas, e em ensaiar projeções sobre o futuro demonstrando maneiras peculiares de tratar as noções de tempo. Fazendo recurso a uma linguagem metafórica, podemos dizer que a percepção do conceito da mídia enquanto processo comunicacional se constitui, inexoravelmente, como a nossa passagem pela vida. E

então, o concebemos como uma ferramenta que nos permite percorrer os meandros sociosemiótico, histórico e cultural.

Em uma visão de desenvolvimento tecnológico, o conceito de mídia tem a sua origem com o desenvolvimento da prensa gráfica por Gutenberg, por volta de 1450, que permitiu o acesso à informação a mais pessoas. Entre os séculos XIX e XX, a ascensão da indústria do jornal aprimorou a atividade de coleta e de distribuição da notícia. Em 1840 surge o telégrafo fazendo com que a informação não transitasse apenas por meios materiais físicos. Na década de 1920, ocorreu a explosão das rádios (nos Estados Unidos) que, internamente era usada para fins da comunicação bélica. Mais tarde passou a ser o meio mais importante de difusão da informação, dando início às atividades publicitárias, aos noticiários e programas de entretenimento. As décadas de 1940 e 1950 são marcadas pelo desenvolvimento da televisão e do Personal Computer, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa. Nesse período, as imagens em movimento presentes em salas escuras de cinema agora adentram em ambientes privados e o Personal Computer para efetuar algumas operações e programar informações. Embora até a própria sociedade industrial se interrogasse sobre o uso da televisão e do Personal Computer, essa época oferta um potencial sociotécnico e tecnológico que estabelece como interfaces a operacionalização da informação. Paulatinamente, o acesso à informação foi deixando ser um processo local e assumindo-se em um âmbito global. É digno de menção, o final dos anos 1960, com o surgimento da internet.

Com o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, o tempo e o espaço passaram a ter novas configurações e aceleram as práticas encurtando as distâncias. Esse desenvolvimento cria um novo tipo de sociabilidade, na qual a presença física já não é essencial para que haja uma relação. As interações rompem todos os tipos de barreiras e os sujeitos podem interagir com quem quiser a hora que quiser e ser participativo dentro da sociedade por meio de interligações de rede no espaço virtual.

Isso posto, diferentemente das analogias conceituais anteriores, o conceito de mídia pode ser relacionado aos “polos funcionais” ou simplesmente como suportes: imprensa, TV, rádio, internet (LÉVY, 1993). Seguindo o raciocínio do autor, compreendemos que os polos respondem a um processo que passa pela produção ou composição de dados, de programas ou de representações visuais (técnicas digitais); da seleção, recepção e tratamento dos dados, dos sons ou das imagens (terminais de recepção inteligentes); da transmissão (a rede digital de serviços integrados) e do armazenamento (banco de dados, de imagens).

- a) articulações (movimento de negociações de sentido duplo de ida e volta), versus-emissor: habilidades, atitudes, conhecimento, sistema social, cultura;

- b) o ambiente midiático (tecnologias, instituições, linguagens) - versus-meios de comunicação/canal (audição, tato, paladar, visão, olfato); mensagem (elementos, estruturas, conteúdo, código e tipo de tratamentos); linguagem;
- c) as práticas sociais (interações, discursos, contextos) – versus-receptor: (habilidades, atitudes, conhecimento, sistema social, cultura).

A partir desse esquema a comunicação passa a ser entendida como a capacidade de estar em disponibilidade comunicativa permanentemente. O novo esquema ainda nos sugere que entendamos o conceito “comunicação” como “transformação, e não transporte” (MCLUHAN, 2005) das singularidades, de qualquer um, indiferentemente, nem particular nem universal, apenas um próprio ter-lugar novo.

O nosso ponto de vista é de que isso só seja apenas possível através dos usos e apropriações dos dispositivos conversacionais, possibilitando assim, a metaindividualização e uma nova subjetividade por uma capacidade de resistência: a multidão. Assim, a comunicação pode ser pensada como a zona de operação da transindividualidade no coletivo. Estamos partindo do pressuposto de que o conceito de “comunicação” esteja em movimento, justamente por ser polissêmico. É nessa ordem de raciocínio que mergulhados na ambiência da midiatização, enquanto pesquisadores no campo da Comunicação Social pretendemos situar e conceber o conceito de “Mídia” como espaço de disputas mercadológica entre as esferas de produção e recepção.

#### 5.4.1.2 Mídia como espaço de disputas mercadológicas da indústria cultural: integração na esfera de produção, circulação e de consumo

Conforme observamos nos indícios, não temos como negar que a abertura do país ao mercado global, depois do conflito armado civil, à pacificação e à democratização do mercado de consumo dos produtos da indústria cultural, mergulhou a sociedade angolana em um choque frenético dos conglomerados de comunicação. Porém com os novos espaços e campos de batalha. Consequentemente, como descreve Thompson (1998; 1995), a chave de leitura das práticas sociais dos angolanos passa intempestivamente pelos “meios de comunicação” e “seu impacto”, como acontece nas instituições e “sociedades modernas”. As organizações dos diversos campos e instituições no setor público ou no privado, as práticas sociais assim como no Brasil, onde é possível visualizar uma “modernidade periférica”, há a produção e a circulação de conteúdos midiáticos de formas simbólicas, que têm um papel decisivo na vida

social e no cotidiano das pessoas em Angola (GOMES, 2017; FAUSTO NETO, 2008; BRAGA, 2011; ROSA, 2012).

Embora mais da metade da população angolana ainda não use computador e a internet, é notório a implementação de políticas públicas sobre a instalação sistemática de comunicação e informação, e dos seus aparatos tecnológicos nos departamentos e instituições públicas e privadas, o que sem dúvida é inquestionável e irreversível. Do ponto de vista da produção da indústria capitalista dos bens de consumo, a adoção dessas políticas fez aumentar a velocidade e a qualidade em todas as fases do processo, além de permitir redução de custos e o aumento de lucros para as empresas.

Essa constatação permite-nos observar que a revolução digital, na transmissão de dados e informações, pode fornecer um substrato material para a operacionalização do processo do advento daquela cultura que Castells chamou de a sociedade de fluxos (CASTELLS, 1996), ou a sociedade da informação (CASTELLS, 1997; 1998) na sociedade angolana. Ou seja, estamos nos reportando ao pensamento de Ortiz (1994, p. 16), que entende o processo da globalização cultural como “produção, distribuição e consumo de bens e serviços, organizados a partir de uma estratégia mundial e voltados para o mercado mundial”. Portanto, a globalização nada mais é do que a expansão dinâmica da economia de mercado capitalista em todas as esferas da vida social, em todos os países e regiões do mundo, ainda que de forma e em ritmos diferenciados como no caso de Angola.

A partir da descrição dos observáveis, sobretudo do primeiro bloco, na perspectiva de Bolaño (1996), passamos a entender que a globalização econômica, política e cultural está a serviço do processo de acumulação e concentração em escala planetária do capital. Desse modo, podemos dizer que o domínio da informação e das tecnologias da informação faz emergir nas sociedades:

- a) uma internacionalização do mercado cultural de massa com a quebra das barreiras nacionais;
- b) uma forte concentração e fusão de empresas e capitais atuantes no campo da indústria cultural em termos mundiais, os oligopólios midiáticos (HERMAN; MCCHESENEY, 1997; MORAES, 1998);
- c) a emergência daquilo que Ortiz (1994, p. 111) chamou de “cultura internacional popular”, ou seja, a formação em cada país de uma massa popular consumidora, sensível a determinadas mensagens, estilos e padrões “globais”.

A partir dessa tripla visão, podemos concluir que, por meio da incorporação e remodelagem na esfera da produção-difusão cultural em todos os campos e práticas sociais de



Angola, tem maior destaque alguns mega sistemas transnacionais de informação e entretenimento, altamente concentrados nas sociedades em midiatização. Nossas conjecturas são amparadas, além do que já dissemos pelos dados da consultora norte-americana McKinsey, que, segundo Morais (1998), envolve cinco grandes empresas por setor, ligados aos oligopólios midiáticos no âmbito do mercado e da competição mundial.

Herman e McChesney (1997), Curran e Gurevitch (1997) concordam que os oligopólios midiáticos produzem, distribuem e organizam em escala global, a maior parte da informação e das atividades culturais como música, cinema, filmes, shows, livros, revistas, bem como entretenimento, esporte, jogos, lazer, o mercado das artes e a indústria da fantasia infantil e juvenil. Com o surgimento das TICs em Angola, quase todas as modalidades de atividade cultural das grandes corporações marcam sua presença no cotidiano da sociedade angolana, sobretudo de crianças, adolescentes e jovens, por meio dos produtos culturais e informativos que produzem, distribuem ou reformatam para uso local. Ainda que não de uma maneira reflexiva e bem conhecida desse público, muitas empresas estão presentes pelo fornecimento de equipamentos e satélites, dispositivos midiáticos ou pelas inúmeras fusões e participações acionárias nas empresas internacionais, regionais e ou nacionais.

Herman e McChesney (1997, p. 69-70), em tom classificatório, apontam em sua pesquisa como gigantes globais neste setor a Time-Warner, Disney, Bertelsmann, Viacom e News Corporation, Sony, TCI, Universal, Polygram e NBC. Continuando, eles calculam que as cinco maiores empresas faturaram “US\$ 90 bilhões em 1997”; as quatro maiores se triplicaram em tamanho nos últimos dez anos e a quinta duplicou; das dez, só três não têm sede nos Estados Unidos: a alemã Bertelsmann, a anglo-holandesa Polygram e a japonesa Sony. Ao final da pesquisa eles concluíram que “a indústria da comunicação pertence aos setores mais dinâmicos do capitalismo global, sob a efetiva hegemonia dos EUA como pólo de produção e distribuição de conteúdos”.

Se a expressão “lírios do campo” de Érico Veríssimo nos remetia ao discurso religioso (MATEUS 6, 25-34), no qual Jesus censurava a falta de fé, a preocupação exacerbada pelas riquezas materiais (o ter) em detrimento da pessoa humana (o ser), e exortava as pessoas a confiarem em Deus e à partilha do pão entre os homens, hoje na expressão crítica de Herman e McChesney (1997, p. 69-70), assume-se como metáfora dos “missionários do capitalismo corporativo”. Esses missionários, no âmbito da circulação do capital, instauram na sociedade uma fronteira entre “homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição”

(MARX; ENGELS, 1988, p. 76), e exploração ininterruptamente dando origem às “lutas de classe”.

Nesse contexto, com Marx (1983, p. 113) vemos as lutas de classes como fruto das desigualdades e exploração entre ricos e pobres, de produtores e consumidores, homens livres e escravos, de patrões e servos, de produtores e consumidores, os ritos de passagem de uma sociedade feudal falida do século XVIII para a sociedade burguesa. As mudanças ocorridas durante o processo de travessia desembocam em um sistema chamado, pelo mesmo autor, de sistema do “capitalismo selvagem”. (MARX,1983). O autor critica o fetichismo imanente na produção e circulação mercadológica ou do capital, a compara com o trabalho morto, que somente se anima ao sugar, como se fosse um vampiro sedento do trabalho vivo a cada uma das 24 horas do dia.

Para o autor, a produção e a circulação do capital ou da mercadoria parece uma coisa autoexplicativa. Porém, atendo-se a suas lógicas e políticas, percebe-se que se trata de uma coisa extremamente confusa, cheia de sutilezas metafísicas. O uso e a circulação do capital, enquanto valor, parece não ser perceptível à sua satisfação cavilosa diante das necessidades humanas e também pelo fato de ser fruto do trabalho. No entanto, “assim que ela entra em cena como mercadoria, ela se transforma numa coisa sensível suprassensível”. (MARX, 1867, p. 81). Continuando, aponta como justificativa dessa sensibilidade o fato de a mercadoria indicar aos homens o caráter social do seu trabalho, como “características objetivas dos frutos do trabalho em si mesmo, como qualidades sociais que essas coisas possuiriam por natureza”. Assim, passam aos indivíduos a imagem da relação social dos produtores como relação exterior, feita entre objetos. E essa postura faz os “produtos se transformarem em mercadorias, coisas sensíveis suprassensíveis, coisas sociais”.

Enquanto coisas sociais, retomamos o que afirmamos no capítulo das articulações metodológicas, quanto às relações existentes entre os dois “eus”, porém de uma forma totalmente diferenciada. Pois, se as relações entre aqueles são trocas simbólicas, o que ocorre no mundo mercantil são relações fetichistas que acabam convertendo o “eu” do “outro” em “isso” e, portanto, em coisa. Ou seja, a lógica do capitalismo selvagem transforma os indivíduos em produtos ou em mercadorias de consumo. É nesse sentido mercadológico que Marx imagina a produção e a circulação de valores transformados em “todo produto do trabalho em hieróglifo social”. (MARX, 1983, p. 85). Se elas pudessem falar “diriam: nosso valor de uso pode interessar aos homens. Mas nós, enquanto coisa, ele não nos toca nem um pouco. E sim, de nosso ponto de vista de coisa, é o nosso valor: o comércio que nós mantemos enquanto coisas mercantis o mostram suficientemente”. (MARX, 1983, p. 94-95).

A troca é decisiva, já que é nela que o valor dos produtos do trabalho se realiza, mas não passa de uma encenação teatral, pois “a autonomia dada às mercadorias responde a uma projeção antropomórfica. Esta inspira as mercadorias, sopra nelas um espírito, um espírito humano, o espírito de uma palavra e o espírito de uma vontade”. (DERRIDA, 1993, p. 250).

Dessa maneira, na obra “o Manifesto” (1988), Karl Marx e Friedrich Engels, falando da produção e da circulação do capital, acusam o dinheiro como a produtora de fantasmas, ilusões, simulacros e aparições (DERRIDA, 1993). E a emissão e a circulação do papel-moeda por parte do Estado são vistas como “magia do dinheiro” (MARX, 1983), em que há a transformação do papel em ouro pelo qual as classes sociais lutam.

Sob essa perspectiva, somos induzidos a pensar em uma relação social de produção que nega as permutas interacionais entre as instituições produtoras e as instituições de consumo na ambiência da cultura midiática, embora tente se apresentar sob a forma de “coisas naturais estranhamente providas de propriedades sociais”. De um modo geral “o capitalismo assombrou todas as formas de sociedade, mas ele as assombra como um pesadelo aterrorizante”. (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 164).

Esse pesadelo aterrorizante parece ser fruto de um sistema oligopolítico, que convertendo a indústria em um sistema imperfeito de mercado nos aproxima de Morais (1998, p. 72), que categoriza o capitalismo selvagem como “ofensividade máxima na guerra industrial e mercadológica em qualquer hemisfério”.

Sob essa perspectiva, somos induzidos a pensar na existência de um sistema imperfeito, uma estrutura dominadora cujo poder de comando coordena as participações dos sujeitos no mundo capitalista moderno. Ela direciona os investimentos ao bem-estar de um grupo espoliador, edita a regra de jogo no mercado produtor e o próprio consumo. Esse sistema imperfeito de mercado cria problemas para o processo produtivo da economia industrial no mundo inteiro, em especial nos países pobres tais como Angola, por meio de ofertas e popularização do mercado e do consumo de produtos tecnológicos, que enganosamente são ofertados à população como de baixo custo.

Dessa forma, inferimos que como acontece no mundo inteiro, à imperfeição do mercado capitalista pode também estar na base dos grandes conglomerados dominantes e dos pequenos sobreviventes de forma precária em Angola, devido às condições de rápida e injusta acumulação dos detentores do poder econômico e dominador. Esse poder dominador exige de seus competidores uma pauta de investimento muito grande para poder acompanhar a competitividade no mercado, estreitamente concorrencial de um lado e do outro a luta de reconhecimento na esfera de consumo.

No contexto da circulação midiática e no âmbito da estrutura mercadológica do capital, oferta-nos a possibilidade de classificar a disputa do mercado de produção e consumo entre três esferas de competidores – a primeira dos produtores, a segunda dos consumidores e a terceira daqueles que não pertencem a nenhuma das primeiras esferas. Nessa perspectiva, parece recriar-se novamente uma ambiência que nos leva a rememorar não mais a guerra civil, mas sim a guerra industrial na sociedade angolana. Ou seja, o conflito mercadológico entre os dominadores e espoliadores, e os dominados espoliados no processo que vai desde a produção, passando pela comercialização até ao consumo de produtos da indústria cultural, também em Angola, ao oportunizar, ainda que enganosamente, o bem-estar social e econômico aos indivíduos.

A nosso ver, essa aparente sensação de bem-estar social e econômico se redesenha por meio de uma arquitetura triádica, que Morais (1998) classifica da seguinte forma:

- a) a centralização decisória e tecnoprodutiva;
- b) o ponto da conglomeração midiática setorial;
- c) a desterritorialização das unidades de consumo na sociedade atual.

Em decorrência da tripla observação de Morais, nossas inferências apontam para a existência de uma ambiência nova, com poder e valor que pode colocar as identidades dos indivíduos em um estado de flutuação entre diferentes esferas sociais, sob o ponto de vista geral. Nesse caso, para entender o cenário contemporâneo angolano, igualmente dominado pelas corporações capazes de operar ao mesmo tempo em vários campos e em ramos correlatos ou cruzados da indústria global socio-técnica-tecnológica da comunicação, há que se “deter toda a cadeia”. (PARSONS, 1998).

O cenário contemporâneo angolano está delimitado por uma cadeia/rede de forças conjugadas e de hegemonias, projetadas a partir de movimentos complexos e sinuosos de gigantescas estruturas econômicas transnacionais. Como já o referimos no capítulo anterior, a gênese desse cenário teve o seu início com o término do conflito armado, o processo da pacificação e, sobretudo, com a democratização do mercado de tais cadeias produtivas e distributivas. E na condição de mercado emergente de consumo dos produtos da indústria socio-técnica-tecnológica na África, em Angola as instituições públicas e privadas projetam um modelo de negócios de mídia e entretenimento de capitais externos observado em diversos países, movidos pelo apetite voraz de rentabilidade.

Esse modelo faz da República de Angola um território de disputas de investimentos, de flexibilizações e desregulamentações neoliberais, engendradas pelos detentores do capital e pelos seus missionários/conglomerados espalhados pelo globo. Nessa ordem de raciocínio,

nos conglomerados, a partir da visão triádica da circulação midiática dos conteúdos, ocorreriam os circuitos da hegemonia em todas as pontas da revolução industrial.

No contexto angolano essa revolução viabiliza-se em ritmo acelerado, por meio de instituições de empresas ligadas às novas TICs, que com uma linguagem digital única, habilitada a integrar processos, redes, plataformas e sistemas, multiplica a capacidade de produção, de circulação e de consumo de conteúdos da indústria cultural capitalista, perpassando por todos os tecidos sociais. Quer dizer, acreditamos que a implementação de investimentos no setor da produção e consumo dos produtos das novas TICs esteja forjando uma base material socio-técnica-tecnológica-cultural irreversível para a hibridização das infraestruturas, indispensáveis à geração e à circulação de dados, sons e imagens, em proporções incalculáveis.

Portanto, a implementação das TICs em Angola, conforme apontam aos autores Levy (1998), Braga (2012), Castells (1999) e Gomes (2006), constitui-se como uma revolução da tecnologia da informação, a reestruturação do novo sistema capitalista e introduz uma nova forma de conceber a sociedade. Esta nova sociedade tem como principais características: a globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; a forma de organização em redes; a flexibilidade e instabilidade; a cultura da virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado; a transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes.

Na esfera da circulação midiática, o sentido da expressão “tempo antemporal”, constitui-se como um desafio principal tanto no plano da teoria como no da pesquisa. Em um processo tentativo talvez possamos fazê-lo apenas através de uma “a articulação entre produção e recepção dos discursos”. (VERÓN, 2004, p. 274). Na visão de Braga (2012, p.41), essa articulação consiste em fazer algo como uma caracterização diversificada de feixes e fluxos interacionais, que nos permita observar que o ponto de partida não é o produto midiático. Mas ele pode ser muito bem visto “como um ponto de chegada”, como consequência “de uma série de processos, de expectativas, de interesses e de ações”.

Por conseguinte, as instituições de produção visam em suas práticas a fabricação de produtos/objetos “para circular – e que, por sua vez, realimenta o fluxo da circulação. O autor leva-nos a inferir que o processo da produção dos conteúdos para a circulação midiática seja, antes de tudo, um ato de escuta verberativa mútua de duas falas ou dois “eus”: nomeadamente

o “eu” do produtor e o “eu” do consumidor, que se alimentam dentro dos processos interacionais em sua produção de sentido e de significados.

Sendo assim, fica evidente que a comunicação via compartilhamento promove a solidariedade e a coletividade. Surge uma inteligência desterritorializada, “distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências simbólicas e culturais”. (HAESBAERT, 2010, p. 312). Rompidas as barreiras territoriais entre os países, o mundo se transforma em uma “aldeia global” e em um encontro cibernético híbrido, confuso e complexo, “meio-humano”, “meio-máquina”, “os meios em uma extensão do homem”. (MCLUHAN, 1969, p. 75).

Por conta do uso dos aparatos tecnológicos e a interatividade cibernética, ocorre entre as esferas sociais uma aproximação de uma forma inusitada. As diferentes sociedades e as suas manifestações culturais, os seus valores, os seus hábitos e costumes são expostos na vitrine validada pela mídia e pelas grandes redes sociais. Ou seja, estamos perante uma ordem mundial que, na “dispersão transcontinental dos negócios” entre produtores e consumidores, exige “investimentos maciços em tecnologias digitais que estimulem a convergência”. (MORAES, 1998, p. 72).

Nesse sentido, exigem também a intensificação das interações sociais em um processo dialético de escala mundial, cujas consequências são canhestras (BRAGA, 2012; GIDDENS, 1991) no âmbito da circulação midiática. Na medida em que as interfaces sociais se encadeiam crescentemente, Braga (2012, p. 40-41) nos faz perceber um esforço interacional que se desloca do modelo conversacional (comunicação reverberante, de ida e volta), para um processo de fluxo contínuo, sempre adiante. Nessas circunstâncias, já não é tão simples distinguir “pontos iniciais” e “pontos de chegada”, ou seja, produção e recepção como instâncias separadas.

Por sua vez, Fausto Neto (2010) observa defasagens na ambiência da circulação, e estas nos impedem de fazer uma leitura linear e articuladora entre as esferas de produção e recepção, entre produtor e consumidor ou simplesmente entre produção e reconhecimento. Nessa ótica, o autor explica que a circulação dos conteúdos se constitui como um território de jogos complexos de oferta e de reconhecimento entre os dois “eus” (produtores e receptores). E passa a ser o dispositivo e ponto de contato no qual se realiza um trabalho de negociação e de apropriação de sentidos, regidos por divergências e, não por linearidades, inclusive entre indivíduos envolvidos nos processos de otimização comercial de programações, bens e serviços. Os processos de otimização comercial, distribuição ou circulação dos bens da indústria cultural nos espaços dos conglomerados, aponta-nos pistas para a concepção dos

processos midiáticos como agentes socializadores dos conteúdos da cultura midiática em Angola.

Assim, na perspectiva da circulação midiática dos conteúdos, o “eu” receptor, no espaço social das interações, longe de uma ótica aparentemente enraizada dos estudos funcionalistas, que o colocam como que numa instância estanque, inerte, passa agir ainda que a partir de zonas cinzentas. Para Fausto Neto (2010, p. 63) essas zonas cinzentas podem ser localizadas nas “bordas da circulação”, que de uma forma polarizada estariam separando e distinguindo os dois “eus” (Emissores/Produtores e Receptores/ Consumidores). Assim, a partir da apropriação do conceito de circulação como dispositivo interacional de referência (BRAGA, 2007), no ancoramos na perspectiva linguística, seus alcances e nas suas múltiplas afetações discursivas no âmbito comunicacional.

Fausto Neto (2010, p. 63) nos convida a fazer uma análise epistemológica acerca dos processos midiáticos. E então passamos a conceber a circulação como o lugar onde os “produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e de reconhecimento”. Conceituamos a circulação como aquele dispositivo no qual se realiza o “trabalho de negociação e de apropriação de sentidos, regidos por divergências e não por linearidades”.

A associação do conceito da circulação ao dispositivo “tem a ver com as profundas alterações tecnológicas, na forma de meios e de discursos, que engendram a arquitetura comunicacional hoje”. A essas alterações de caráter tecnológicas previamente exploradas, somam-se as novas lógicas inauguradas pela hipermídia, que segundo Santaella (2010, p. 63), apresentam estruturas digitais híbridas de textos, imagens, áudios, vídeos e programações nunca antes exploradas, típicas das redes sociais. Essas novas lógicas são caracterizadas pela fusão dos meios de produção, de armazenamento, de distribuição e de recepção em todo um sistema complexo, de tal maneira que os “eus” dos sujeitos interagentes se encontram deslocados de suas qualidades. Antes eram vistos como central na tessitura dos discursos de produção e recepção.

Atualmente, na ambiência da comunicação em rede, os dois “eus” são tidos como um ponto articulado dentro de um sistema de intercâmbio mais complexo de ofertas, reconhecimentos, rearranjos e indeterminações. Isto é, no quadro do processo comunicacional e no âmbito das redes sociais, os dois “eus” não são “mais a fonte do sentido, mas um ponto de passagem da circulação do sentido, um relé” de expressões “nas redes sociais e nas práticas discursivas”. (VERÓN, 2004, p. 82).

A matéria prima das redes sociais, cuja gênese está no surgimento da internet e em especial das ferramentas Web 2.0 no final da década de 90, são as interações

desterritorializadas e destemporalizadas entre os atores sociais. Segundo Castells (2003, p. 109), a internet e as ferramentas Web 2.0 permitem que o indivíduo escolha com quem interagir e construa a sua própria rede social: “O individualismo em rede é um padrão social, não um acúmulo de indivíduos isolados”. Nas redes sociais, os atores sociais estabelecem laços que tanto podem ser fortes quanto fracos, de acordo com a qualidade das interações e das trocas simbólicas, culturais, políticas, sociais realizadas entre os atores. Para autores como Wellman (1997) e Granovetter (2000), são laços fortes aqueles que se caracterizam pela intimidade e pela proximidade. Já os fracos são caracterizados pelas relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. De qualquer forma, na visão de Putnam (1993), o que leva os atores sociais a montarem as suas redes on-line e off-line é a geração do capital social (normas, interesses, valores, afinidades e projetos) em circulação nas redes sociais.

A partir dessa mirada, a partir de Recuero (2009) podemos inferir que esse capital social, ao ser compartilhado através do suporte sociotécnico, tecnológico e interacional seja uma porta aberta de possibilidades diversas e canhestras de aprendizagem entre os grupos sociais e comunidades virtuais. Ou seja, no campo da comunicação qualquer pesquisa que se pretenda fazer sobre as ciências humanas precisa incluir os níveis que possibilitem a produção, a circulação e a recepção dos conteúdos da indústria cultural. Por esta visão, o conceito de mídia pode ser usado como metáfora dos aparatos sociotécnico e tecnológicos, ou simplesmente DMs.

#### 5.4.1.3 Mídia como metáfora de dispositivos midiáticos

Neste tópico estabelecemos um processo tentativo multidimensional do conceito de dispositivo sob a matriz triádica de Peirce (2003), acionando autores como Deleuze (1987), Braga (1994), Foucault (1997) e Ferreira (2006) na condução de caminhos heurísticos que possibilitem construir marcos epistemológico sobre o processo democrático e a construção da identidade do povo angolano. Para o efeito, acionamos como marco indiciário o comercial do produto/dispositivo “Laranjinha”. Trata-se de um vídeo (institucional), posto em circulação no ano de 2012, no canal oficial da empresa privada de telefonia móvel Unitel. O comercial apresentando aos interagentes uma promessa: “Unitel para todos”, suscita circuitos atrelados a um contexto de desdobramentos dos processos midiáticos (FAUSTO NETO, 2010). Adentrando nas esferas do institucional, constatamos fortes marcas de reconfigurações étnicas e democráticas a nível nacional daquele país. Ademais, ao ser postado pela instituição e replicado por um ator social, não só funciona como mídia que permite o fluxo adiante



(BRAGA, 2012), mas aciona comentários, desencadeando um processo representacional que estabelece zonas de contato (FAUSTO NETO, 2008) entre os sujeitos, instituições e instaura outros circuitos de afetações canhestras (BRAGA, 2011).

Sob angulações dos processos midiáticos, pretendemos verificar quais e como se dão as operações implicadas no processo da construção de identidade nacional e responder sobre quais as marcas constituintes do caso “Laranjinha”. Isso implica refletir sobre algo que resulte na interação/hibridização (CANCLINI, 1999), das lógicas de ofertas mercadológicas e dos fluxos socio-étnico-cultural, cujas mutações (FAUSTO NETO, 2008) sejam acionadas pelo consumo, pela competência soociotécnica e tecnológica e pelos usos dos dispositivos midiáticos. Antes, porém, apresentaremos aqui um preâmbulo socio-histórico do conceito de mídia cujos desdobramentos desembocam no DM.

No processo tentativo de buscar aportes sobre o que seja o dispositivo midiático chegamos a Poster (2000). Esse autor ao reler Michel Foucault (1997) entende que o dispositivo consisteem uma rede que pode ser estabelecida entre diferentes elementos, como por exemplo: “o poder em relação a qualquer formação social; a relação entre fenômeno social e o sujeito; a relação entre discurso e a prática - as ideias e as ações, atitudes e comportamentos”. (POSTER, 2000, p. 80-81). Ou seja, trata-se uma metáfora aplicada ao mecanismo, sistema ou torre de vigilância nas prisões que originariamente visava, no século XVIII, “inculcar no prisioneiro a ideia de vigilância permanente”. (BENTHAM,1987, p. 18). Para Foucault (1997), o dispositivo corresponde a um mecanismo de poderes multidimensionais em jogo, podendo ser percebido nopanóptico. Na visão de Poster (2000, p. 100), “o panopticon não consiste apenas no guarda da torre, mas na totalidade do discurso, da prática da prisão com vista à constituição do sujeito como criminoso e à sua normalização assente num processo de transformação/reabilitação”. Já para Deleuze (1987, p. 167), um princípio geral de Foucault no panopticon é que “toda a forma é um composto de relacionamentos de forças”, permitindo desse modo que os dispositivos sociais se multiplicam em nosso meio.

Dando sequência, Deleuze (1987, p. 61) infere, no dispositivo discursivo foucaultiano, um amálgama que mistura o enunciável e o visível; palavras e as coisas; discursos e arquiteturas; programas e arquiteturas; formação discursiva e formação não discursiva. Diante dessa mistura de funções discursivas, exprime o conceito no plural – dispositivos – que define como máquinas concretas, para distingui-los das abstratas, ou seja, os diagramas que, com as relações que estabelecem e misturam, geram sentidos na sociedade. Para Deleuze (1987, p. 61), os diagramas funcionariam como “mapas de relacionamentos de forças, de densidade, de

intensidade, que procede por ligações primárias não localizáveis e que passa a cada instante por todo e qualquer ponto, ou antes, por toda e qualquer relação entre um ponto e outro” no processo sociodiscursivo.

Assim, nas interações sociodiscursivas, segundo Foucault (1997), faz-se necessário um procedimento que sirva de critério de exclusão, de controle e de seleção interna e externa, a fim de que os mesmos sejam compreendidos dentro dos contextos em que foram produzidos e deixem suas marcas. Portanto na busca de compreensão de um determinado discurso surge a necessidade de explicação do dispositivo que envolve os seus contextos e seus códigos de linguagem. Dessa forma, o mais importante nos discursos, para Foucault (1997), é o fato de que cada um possui objetos próprios descritos como práticas que sistematicamente dão forma aos objetos sobre os quais falamos. Nesse sentido, a linguagem passa a ser performativa, além de denotar e conotar (POSTER, 2000). E então chegamos à conclusão de que no processo sociodiscursivo existe um sistema de vigilância, uma norma que por motivos alheios aos interlocutores que por si se impõe categoricamente.

Essa postura observacional autoriza-nos a interpretar, no conceito de dispositivo foucaultiano, aquele em que as ações dos sujeitos são relacionadas e, portanto, resultados de um conjunto e não individualizadas. Conseqüentemente, estudar o conceito de dispositivo na perspectiva de Foucault (1997) parece implicar ater-se às formações das diversas dimensões dos discursos sociais consideradas imprescindíveis para a sua compreensão, pois são estas partes constitutivas desse mesmo discurso. É a partir dessa visão multidimensional que o dispositivo discursivo foucaultiano estabelece um contrato de leitura com o campo comunicacional e midiático. Pois somente considerando a dimensão da multidimensionalidade dos fenômenos sociais poderemos compreender os processos que os constituem e neles estão envolvidos. Ou seja, estamos tentando buscar, através do conceito de dispositivo, dar conta de múltiplas dimensões que operam e que devem ser consideradas nas investigações da midiatização e dos processos sociais.

Como tentativa de superação da perspectiva unidimensional do dispositivo midiático, estão os estudos de Peraya (1999). O autor acrescenta um passo importante na medida em que apresenta a proposta triádica para os dispositivos midiáticos, cuja matriz está assente e sustentada pela sociedade, a tecnologia e a linguagem. Dessa forma, para Peraya (1999) o dispositivo signo é o lugar de interações entre os três universos: uma tecnologia; um sistema de relações sociais; um sistema de representações. Essa proposta do autor postula uma contribuição, porém parece oferecer uma visão limitada e um sentido fechado ao destacar apenas as diversas dimensões. Embora sua visão configure um salto de grande valia na

medida em que reconhece a presença relacional de outras dimensões, a interpretação que fazemos é de que ela acabe não reconhecendo a existência de operações que se dão no interior de cada uma delas, como acontece na pericorese ou circumincesso de Damasceno (1998).

Perante tal limitação, buscamos na teoria triádica de Peirce (2003) um suporte epistemológico para o estudo e compreensão da problemática multidimensional da dinâmica do dispositivo. Para explicar os desdobramentos fenomênicos que dinamizam as sociedades, ele formulou o pensamento em várias tríades na sua teoria geral dos signos da seguinte maneira.

- a) a primeira delas apresenta três categorias elementares: a primeiridade que diz respeito a qualidade;
- b) a secundidade, referente a realidade da existência;
- c) a terceiridade, correspondendo a mediação, generalidade, representação e interpretação.

Ainda segundo Peirce (2003), existe entre as três um fluxo profundo e implicante, ou seja, a primeiridade está implicada na secundidade e ambas na terceiridade, devido ao que posteriormente Fausto Neto (2008) chamou de zonas de mútuas afetações sociodiscursivas e semióticas entre os polos que a constituem, embora com funções distintas. Em termos metafóricos, com o objetivo de estabelecer uma interface sobre a compreensão dos processos da funcionalidade do pensamento de Peirce (2003) e de Fausto Neto (2008) em nossa pesquisa, podemos recorrer às angulações pericoréticas, defendidos por Damasceno (1998) em seus estudos sobre relação trinitária, enquanto signo de interpenetração e entrelaçamento de uma pessoa na outra e com a outra. Para Boff (1989, p.171) esta compreensão expressaria “o processo de relacionamento vivo e eterno que as divinas pessoas possuem intrinsecamente, fazendo com que cada uma penetre sempre na outra”. E ou circumincesso, cujo sentido, traduzido em latim, deriva de *incedere* e significa “permear, compenetrar e interpenetrar”.

No contexto da midiatização o uso do termo pericorese é, na transversalidade, retomado do campo teológico. Segundo Damasceno (1998), o maior divulgador do termo apresenta um duplo sentido: primeiro significa a comunhão das duas naturezas de Jesus Cristo: verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus. A segundo diz respeito a comunhão da Santíssima Trindade: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Para o autor (1998, p. 80-86) entre as três pessoas há uma “mútua imanência [...] a união das três pessoas significa que são inseparáveis e não se distanciam, e que possui uma interpenetração inconfusa não de modo que convergem e se misturam e sim estando unidas entre si”.

Portanto, analogicamente falando, o termo pericorese, em perspectiva socio-histórica cultural e da mediação, do pensamento de Damasceno e de Boff (1987) pode ser aplicado para explicar as ações sociais enquanto dispositivos. Ademais, qualquer pesquisador que estude as ações sociais não chegará à compreensão alguma se não considerar o conjunto das ações que o constituem. Eis que chegamos ao conceito de dispositivos que, constituído por circuitos, permite a operacionalização dos fluxos adiantes (BRAGA, 2012) na ambiência dos discursos sociais que entrecruzam e costuram o campo da mediação.

Assim, entendemos que a teoria triádica de Peirce (2003) pode ser fundamental na construção epistemológica sobre as teorias sociais contemporâneas, uma vez que “todo o significado consiste em um contínuo processo sóico de atos comunicativos orientados para fins últimos [...]. Um signo consiste na representação triádica de algum objeto para um signo que interpreta, ou interpretante”. (ROCHBERG-HALTON, 1986, p. 6). Por outro lado, isso implica fazer uma abordagem que estabeleça contratos de leitura sobre as metáforas presentes nos símbolos, nos quais inferimos, relendo o filósofo Peirce (2003), que sejam responsáveis pela transmissão dos significados por meio de contratos prévios e convencionalmente estabelecidos; nos índices, que teriam como tarefa levar as informações codificadas em objetos; e nos ícones, via incorporação qualitativa dos objetos transmitiriam a informação.

Consequentemente, os símbolos, os índices, e os ícones configurariam a teoria triádica de Peirce que resultaria numa multidimensionalidade em relação ao que, segundo Ferreira (2006, p. 5), constituiriam o nível de proposição lógica. Ferreira (2006) propõe uma abordagem relacional entre as três esferas contingenciadoras das demais dimensões, desde o momento em que cada uma delas se configura como um dispositivo sistêmico das operações próprias de autonomização perante as outras esferas da experiência comunicacional. Aos poucos o nível de compreensão sobre o dispositivo midiático vai se complexificando tanto na funcionalidade como na dimensionalidade. E passa a assumir uma plataforma que lhe confere um estatuto multidimensional, configurando-se como um conjunto de operações designado pelo autor como sendo técnico-tecnológicas, semiolinguísticas e socioantropológicas, que constituem uma rede entre diferentes elementos multilíneares.

Nessa perspectiva a nossa premissa é de que nenhum fenômeno midiático possa ser bem compreendido se somente for abordado na perspectiva unidimensional, ou seja, olhando apenas para os aspectos e as operações técnico-tecnológicas, ou unicamente a dimensão socioantropológica. Também não poderão ser bem compreendidos os discursos midiáticos se forem estudados somente na perspectiva da linguagem, pois essa, por exemplo, para ser compreendida, necessita no mínimo de duas dimensões que a constituem. São elas, o código

linguístico e a sociedade que o constitui. E para tanto, compreendemos que, aplicado aos processos midiáticos, o conceito de dispositivo estudado na perspectiva das diferentes relações que se estabelecem entre as dimensões em jogo talvez se consiga abarcar melhor a sua totalidade. Os desdobramentos feitos até agora a respeito da teoria triádica de Peirce e dos demais autores, julgamos estarem na base dos desenvolvimentos de das diferentes visões epistemológicas no campo da comunicação.

Tateando com o objetivo de busca da compreensão da complexidade do fenômeno midiático, pensamos fazer a apropriação de algumas formulações teóricas existentes na área da mediatização e processos sociais, sobre o conceito de dispositivo. Para o efeito, nesta abordagem cabe destacar Braga (1994), Mouillaud (2002), Charaudeau (1997), Rodrigues (2001), Aumont (1995) e Ferreira (2006).

No campo da comunicação midiática, o dispositivo aparece atrelado aos conceitos que decorrem de uma estrutura técnica que pode operar no campo das idéias, que tem como finalidade a busca de um consenso sobre “os lugares físicos ocupados pelos sujeitos envolvidos e sobre o canal que eles utilizam para se comunicarem” (CHARAUDEAU, 1997, p. 70). Nessa abordagem o conceito de dispositivo reveste-se de uma conotação tecnológica enquanto mediação, através da qual os meios (materiais significantes) são colocados em relação aos suportes. Ele está composto por elementos materiais, ou seja, do suporte físico que carrega a mensagem enquanto conjunto de “circunstâncias materiais, presidindo a realização de todo ato de comunicação e que, particularmente, para a comunicação mediática, este quadro se compõe de um tipo de material, de um tipo de suporte e de um tipo de tecnologia que agem como marcas”. (CHARAUDEAU, 1997, p. 199). Segundo o autor, o dispositivo atua como um elemento capaz de despertar o interesse, motivar o processo comunicacional e, em especial, a situação de troca, tendo por referência o estabelecimento de lugares. Aqui não se misturam as situações e estratégias porque “toda situação de comunicação está estruturada segundo um dispositivo que assegura um lugar determinado aos parceiros de troca”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 52). Assim, o dispositivo é de ordem conceitual e para tanto, apresenta uma estrutura que compreende quatro características que lhe são peculiares: 1) a situação na qual se desenvolvem as trocas linguísticas; 2) os lugares ocupados pelos parceiros da troca; 3) a natureza de sua identidade; e 4) as relações que se instauram entre eles em função de certa finalidade. E para o entendimento quanto à organização e o posicionamento discursivo, o autor propõe quatro categorias de análise: 1) como decorrentes de uma situação de fala; 2) que atuam motivando a ocupação de lugares pelos parceiros da

troca; 3) o que define a natureza das identidades; 4) a finalidade como motivadora das relações entre as partes enunciativa e destinatária.

Portanto, o dispositivo passa a fazer parte do processo comunicacional a partir do momento em que o destinatário, antes de interagir com o conteúdo, estabelece um contato “idealizado” com o meio, tomando por referência as possibilidades de ordem técnica. Do foco em relação ao objeto, é possível chegar à enunciação (DELEUZE, 1990).

Entendemos que nos processos midiáticos os dispositivos não são apenas uma estrutura enunciativa e nem o enunciado em si. Eles são “a própria explicitação da notícia e de seus entornos, o que compreende os lugares de fala priorizados pela instância de produção” (BAKHTIN, 1981, p.18) por meio dos processos sociais. É por esse motivo que Braga (1994), na tentativa de levantar indícios que fazem perceber como se organizam os processos enunciativos implicados na necessidade que os indivíduos têm de se comunicar, constrói o seu pensamento sobre o dispositivo. Ou seja, entende os dispositivos como sendo conversacionais ou interagentes, que ultrapassa uma referência exclusiva aos meios e permite avançar no estudo dos processos (BRAGA, 2006) no âmbito da sociedade em midiatização. Ainda na perspectiva de Braga, os dispositivos ao serem reconhecidos pelos usuários, eles passam a ser incorporados em suas práticas, mesmo sem uma percepção analítica das partes que os compõem, das regras formais, de uma lógica explicitada, de distinções entre essenciais e acidentais, sem uma clareza total entre os movimentos “permitidos” e “vedados”. Assim, tratar de dispositivos permite

A inclusão das mediações que o usuário traz para a interação; das experiências sobre o usuário, no momento da criação dos produtos – levando à “construção do leitor”, aos modos de endereçamento, às promessas e contratos; permite a inclusão dos processos em geral que cercam a circulação mediática; e mesmo dos contextos significativos de produção, de apropriação, da resposta social. (BRAGA, 2011, p.11)

Para o autor existem vários modelos e práticas que os indivíduos usam na interação social. Uma vez incorporados na sociedade eles acabam por modelar os processos comunicacionais. E ao buscar essa especificidade do processo comunicacional, os indivíduos acionam esses modelos e práticas dando-lhes “forma, sentido, substância e direcionamento. A essas matrizes disponíveis na sociedade, denominamos ‘dispositivos interacionais’”. (BRAGA, 2011, p. 2). Trata-se aqui “então de perceber ocorrências e ‘lógicas’ das interações, na prática social, como o lugar de realização do comunicacional”. (BRAGA, 2011, p. 4).

Portanto, por essa abordagem, inferimos que os dispositivos interacionais enquanto conjunto de regras, modelos, roteiros mais ou menos elaborados, não definem o conteúdo dos

enunciados que vão ser produzidos, mas fornecem as marcações conversacionais constituídas nas relações entre a linguagem e sociedade. Desta forma Braga nos aproxima de Rodrigues (2001), que partindo de outras perspectivas teóricas, entende o dispositivo como um conjunto de regras de gestão das interações (tomadas de palavra, réplicas, uso de mecanismos de repetição, correção etc.). Trata-se aqui de compreender a pragmática da conversação, que em sua concepção se estabelece como uma interface entre a linguagem e sociedade.

Estas duas perspectivas estabelecem a ponte entre Rodrigues e Mouillaud (2002), que entendem os dispositivos não apenas como aparelhos tecnológicos de natureza material, nem um suporte inerte do enunciado, nem somente um contexto. Eles são uma espécie de “acoplamento estrutural” entre contexto, enunciado, suporte e forma de inscrição, ou seja, entre dimensões que expressam o que categorizamos como objetos centrais da comunicação midiática. O contrato de leitura que o autor forja nesses processos, define os dispositivos não apenas como “aparelhos tecnológicos de natureza material e meros suportes inertes do enunciado, mas ferramentas nos quais o enunciado toma forma. [...] agem sobre práticas sociais, estruturando-as, engendrando-as através de operações técnicas e simbólicas”. (MOUILLAUD, 2002, p. 85).

Sendo assim, enquanto aparatos midiáticos, os dispositivos têm um papel central na constituição das relações sociais. E se convertendo em um campo que operando sobre os outros, firmam-se como lugar de possibilidades de enunciação, de interações por meio de representações e identificações entre as instâncias enunciativa e destinatária. Exerce a função de regulamentar, manter e controlar as práticas sociodiscursivas, por operar como “uma espécie de processador daquilo que ocorre no tecido social, de tal forma que “tudo” deve passar por ela, “tudo” deve ser narrado, mostrado e significado”. (FISCHER, 2001, p. 16). Estamos perante um bios midiático (GOMES, 2006), que pode ser interpretado, representado, significado e dando-lhe um novo sentido editado. Este pode ser escrito em novos formatos e compartilhado em outros dispositivos que nos permitem uma outra forma de participar ativa e significativamente na produção da identidade individual, cultural e social uma operação constituinte das subjetividades individuais e sociais.

Nas análises de Mouillaud (2002), o operador constituinte das subjetividades na sociedade exerce uma função de acoplamento estrutural, que desemboca na dimensão triádica peirciana ou simplesmente nas três categorias: a sociedade, a linguagem e a tecnologia. Porém, apenas com maior destaque na operação semiológica, ou seja, nas relações entre operações técnicas e semiolinguísticas deixando de fora a leitura socioantropológica. Na tentativa de incluir o aspecto deixado de fora por Mouillaud, está a categorização feita por

Aumont (1995). O autor diferencia o dispositivo dos aspectos técnicos (ações sociais reguladas), e destaca as categorias socioantropológicas (tempo e espaço) em interação com a tecnologia e finalmente realiza uma discussão ideológica.

Ferreira (2006) discutindo o conceito no campo epistemológico da comunicação afirma que o dispositivo emerge das confluências entre o social, o tecnológico e a linguagem. Ele chega a esta conclusão a partir de um processo de novas formulações relacionadas a tecnologias, técnicas e sociedade, na análise dos meios tendo como objetivo a problematização do lugar da linguagem enquanto objeto construído historicamente.

Inspirado em Verón (1997), para quem a midiaticização compreende a produção tecnológica de mensagens, sob determinadas condições de produção e recepção (a formação de mercados discursivos entre instituições e indivíduos), Ferreira (2006) define tanto a técnica quanto a linguagem como mediação não neutra, nas interações entre o humano e os objetos. Ao negar a neutralidade desse processo, o autor sugere a condensação e transformação das práticas sociais, que renovam algumas, atrofiam outras, inclusive quando se trata de produção de mensagens. É onde a linguagem, por meio de diversas técnicas de formas de registros semióticos, faz a mediação entre o social e o tecnológico, pois, de um lado, incorpora disposições sociais anteriores, transformando-as, e inscrevendo-as em determinados agenciamentos tecnológicos e técnicas. (FERREIRA, 2006).

No campo midiático ele entende o conceito de dispositivo incluindo as condições sociais da sua produção e recepção, e instaura um processo tensional. Este desencadeia um rompimento entre o campo comunicacional, que privilegia o aspecto interacional, e o das mídias, que valoriza a mediação pelas tecnologias de informação e comunicação, ou como conversação acoplada e deslizante relativamente aos processos de informação. (FERREIRA, 2006). Seja como for, Ferreira (2006) entende comunicação a partir do conversacional, que implica uma rede de relações não objetivas, mas que coloca em jogo a inserção de indivíduos e instituições no espaço social simbólico, constituído como alteridade, em permanente construção através das trocas incessantes de materiais significantes.

Portanto, o conceito de dispositivo de conversação é construído na oposição entre linguagem, interações e contexto. Segundo Rodrigues (2001), o dispositivo de enunciação é construído na relação entre regras formais da linguagem, interações e contexto; Maingueneau (2005), num esforço integrativo de duas unidades na análise do discurso, afirma que todos os tipos de discursos estão ancorados em campos sociais específicos, que produzem seus tipos e gêneros, como observa Rodrigues (1996), ao articular uma teoria social dos campos com a linguagem.



Ferreira (2006) observa que a construção social do acontecimento em dispositivos midiáticos é orquestrada sobre a padronização do mercado linguístico discursivo, e ao mesmo tempo responde à diferenciação entre produtores (especialistas) e consumidores, que disputam lugares na hierarquia do dizer e do escutar. Assim, quanto mais unificado o mercado discursivo, e maior o acoplamento e deslizamentos entre tecnologias, linguagens e interações conversacionais, maior o processo de mediação. É por essa razão que Ferreira (2006, p. 11) identifica no conceito de dispositivo uma relação de três dimensões: “de acoplamentos e deslizamentos, gerando – como afirmam as perspectivas epistemológicas complexas – efeitos dissonantes, ressonantes, fractais, irregularidades, etc. o que significa que gera sentidos não só resultantes de determinadas ordens (gêneros, modelos, formatos, etc.)”.

A partir da postura do autor o conceito de dispositivos midiáticos passa a abarcar três dimensões: socioantropológica, semiolinguística, tecno-tecnológica. A dimensão socioantropológica do dispositivo midiático significa estar atento a tudo que é humano e social na comunicação midiática e que participa do processo produtivo. Por um lado, os sujeitos estão mediados, sua cultura, sua vida, suas ações e suas instituições. Mas por outro, estão os agentes midiáticos, sua formação, sua cultura e as instituições midiáticas envolvidas. Na dimensão semiolinguística do dispositivo, são destaque as operações de linguagem que participam da mediação, as quais oferecem múltiplas possibilidades de articulação ou desarticulação, bem como regras que criam significados por meio da utilização de códigos e símbolos que são organizados a partir dos enunciadores. O dispositivo enquanto dimensão técnico-tecnológica é o mais destacado nos estudos comunicacionais, especialmente quando se refere à produção e circulação de imagens. O dispositivo enquanto dimensão técnico-tecnológica é o mais destacado nos estudos comunicacionais, especialmente quando se refere à produção e à circulação de imagens. O dispositivo, enquanto técnica, diz respeito às operações realizadas, e enquanto tecnologia, aos suportes tecnológicos, ou seja, as máquinas, os equipamentos e instrumentos utilizados nos processos de comunicação.

Portanto, no contexto dos dispositivos midiáticos e dos processos sociais, nossa pesquisa pretende, por meio da observação e descrição das marcas dos indícios, fazer inferências indutivas existenciais, criativas e espontâneas acerca de como e quais processos são constitutivos da construção de identidade e de subjetividades nas sociedades em mediação. O nosso entendimento inicial é de que no contexto da mediação e considerando os seus desdobramentos nos processos sociais, as mídias podem atuar como disparadores processuais enquanto aparato sociotécnico e tecnológico. Mas, não se limitam e se explicam apenas através do seu aspecto tecnológico, nem em função das ações dos

sujeitos envolvidos, e nem tão somente pelas linguagens específicas em cada um dos meios de comunicação.

Portanto, o vídeo institucional do “Laranjinha” (KATCHIPWI SAYLA, 2018), abre espaços “outros” de interpretação, cujos desdobramentos processuais estabelecem zonas de contato (FAUSTO NETO, 2008). Estas, por sua vez, possibilitam implicância instauradora de diferentes circuitos que, em mútuas e contínuas afetações, podem questionar, tensionar a cultura tradicional e provocar novas configurações identitárias na ambiência midiática.

## 5.5 AS CONFIGURAÇÕES DO CONCEITO DE SUJEITO NA AMBIÊNCIA MIDIÁTICA

No desenvolvimento deste tópico tratamos do vídeo institucional comercial “Unitel para todos”. Conforme já citada na descrição dos observáveis, o institucional foi produzido e posto em circulação em 2012 pela Unitel, uma prestadora de serviços de telefonia e internet móveis, mais tarde capturado e repostado por Inácio KJ (2014) em seu canal do Youtube. Do institucional, retomamos a imagem do cantor popular angolano Matias Damásio, os diferentes campos e estratos sociais em que o dispositivo midiático de marca “Laranjinha” trafega, passando de mão a mão dos indivíduos que compõem o cenário dos atores sociais. Associado às imagens e ao cenário, acrescentamos o conteúdo da letra da trilha sonora que acompanha o institucional:

*Quanto mais próximo, bem distante é a saudade. Quanto mais próximo, mais perto da verdade. E a verdade abraçará o longe. Estar presente mesmo distante. A verdade é que há uma força que nos une. Que nos leva a comunicar com o mundo, partilhar ideias, matar saudades, estar próximo de tudo o que amamos. A nossa bandeira, a nossa gente, a nossa terra. O próximo mais próximo.*

Em uma leitura interpretativa, conjuntural midiática e dos processos sociais, o institucional aponta “o Laranjinha” como um dispositivo que de um aparelho simples e barato, passa a representar uma força motriz na reconstrução da identidade cultural e populacional angolana, em decadência devido aos conflitos armados consecutivos. Ao passar de mão em mão, o Laranjinha vai costurando as fissuras e unindo tanto os campos quanto as diferentes práticas sociais.

Sob perspectivas dos estudos culturais e por meio do “Laranjinha”, é possível compreender o modo pelo qual angolanos, enquanto sujeitos, são posicionados dentro da narrativa midiática institucional. Na perspectiva de Hall (2000), parece ocorrer uma tentativa de rearticular as relações entre os sujeitos e suas práticas discursivas, em vista à construção de

uma identidade que emerge nas interfaces ou interações comunicativas por meio do dispositivo midiático. Aos poucos o institucional vai recorrendo ao uso de metáforas, das representações e revelando determinante força desses conceitos no processo comunicacional da identidade.

Tomando por base o uso das metáforas e representações, no campo dos estudos socio-históricos, culturais e midiáticos, Hall (1997; 2000) e Ferreira (2006) se referem aos conceitos como a realidade é apresentada. Ou seja, de forma mais ampla, como os sujeitos reproduzem e significam a realidade à sua volta através da linguagem. Nesse sentido, o recurso às metáforas e às representações pode ser concebido como uma das práticas centrais e um dos construtos políticos nos processos de trocas simbólicas socioculturais entre os indivíduos. A partir disso, a representação passa a ser uma construção social, realizada através do compartilhamento de um mapa conceitual.

Na ambiência da midiatização, este mapa conceitual corresponderia às lógicas e às ideologias que se prendem com a produção, circulação e consumo dos conteúdos dos bens da cultura midiática. Assim, na medida em que ocorrem as interações comunicacionais, os indivíduos (produtores e consumidores) vão sendo significados e tornados familiares e se configurando em bens culturais atribuindo novas identidades aos sujeitos. Vale, porém, lembrar que se trata de um trabalho que exige do investigador um certo lidar com as memórias subjetivas, individuais ou coletivas, conforme destaca Albuquerque Júnior (2007). Há aqui, portanto, uma questão que exigirá o aprimoramento quanto à relação e distinção conceitual entre história e memória. Segundo Albuquerque Júnior (2007), este trabalho demanda um melhor preparo com relação aos fundamentos teóricos e metodológicos para sustentar a construção do conhecimento histórico.

Considerando o objeto da nossa pesquisa e os instrumentos metodológicos escolhidos, Albuquerque Júnior (2007) oferta ao nosso trabalho algo semelhante à manipulação das memórias, uma atividade inerente ao ofício do historiador. Porém, sem a ingenuidade sobre os riscos que corremos, bem como dos equívocos que precisamos evitar na hora de descrever os discursos dos indivíduos como se fossem realidades individuais absolutas. A metáfora da manipulação da memória pode ajudar-nos no estabelecimento de um contraponto em relação aos contextos sócio históricos e culturais que envolvem os adolescentes que compõem a amostra da pesquisa. Esse contraponto nos aproxima de Maurice Halbwachs (2004), e passamos a entender as memórias individuais sob o ponto de vista da memória coletiva. Ademais, para o autor, apesar da existência de uma memória individual, é sempre a memória

coletiva que mais facilmente evocamos quando buscamos dar um suporte mais confiável ao fato lembrado. Ou seja:

Os fatos e as ações que temos mais facilidade em lembrar são do domínio comum, pelo menos para um ou alguns meios. [...] e é por podermos nos apoiar na memória coletiva dos outros que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los.(2004, p. 53).

A constatação de atos de violência, por exemplo, pode nos ajudar a reconstituir as lembranças que estão adormecidas ou esquecidas no subconsciente. Contudo, não podemos fazer uma leitura interpretativa, absolutamente associativa, ou de causa e efeito, pois, as práticas e ações dos indivíduos na sociedade estão sujeitas às influências do modo como percebem e recebem o mundo a sua volta na contemporaneidade.

Portanto, abordar a problemática da reconstituição socio-histórica e cultural da memória individual e coletiva dos adolescentes angolanos, sustentados pela midiaticização e os processos sociais, constitui uma tarefa árdua. E, impõe-nos um desafio de “carácter transmediológico” contínuo, devido a “multidimensionalidade e complexidade dos contextos comunicacionais contemporâneas, atravessados por uma digitalização intensa”. (MALDONADO, 2013, p. 31).

No contexto da midiaticização em Angola, o estudo sobre algo que envolva o campo da memória reveste-se de uma tessitura peculiar enquanto preenche de significados e transformações, bem como de realidades de sistemas, configurações e conjuntos culturais de gerações múltiplas e de produtos culturais que estruturam novas possibilidades e de consumos simbólicos na sociedade angolana. Na ótica da convivência e da interação midiática, o consumo simbólico entre as culturas tradicionais de massa e as novas tendências passa a ser entendido como forma de afirmação ideológica; como ferramenta de importância política, simbólica e estética; como lugar de conflito de classes e até de expansão educacional, além de “integrativa e comunicativa de uma sociedade”. (CANCLINI, 2001, p. 80).

Em nossa visada, o campo da memória produzirá conhecimento considerando os interesses pessoais e influências das crenças e juízos de valor que são criados/construídos a partir do lugar social do seu autor/produtor/consumidor. “É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe serão propostas, se organizam”. (CERTEAU, 2002, p. 66-67). Por isso, faz-se necessário ao pesquisador ter a clareza de que na relação entre o ato de violência e a memória não se pode deixar seduzir pela nostalgia de um passado idealizado ou premeditado,

mas sim estudá-lo de forma crítica para não incorrer no risco de alimentar tradições erroneamente.

Sustentado pela perspectiva histórica, Oliveira (2003, p. 24) destaca que nesse início de milênio um dos papéis reservados à história – e de bastante relevância – é o estudo da memória relacionada com a preservação do patrimônio histórico já estabelecido. Para ela, não importa qual a concepção de história que o determinou como tal. A memória suscitada e preservada no meio material de um patrimônio cultural deve ser vista como decorrente de escolhas intencionais e pré-estabelecidas, feitas para alimentar uma história que se deseja inculcar no imaginário social. A memória fica enraizada no concreto, no espaço, no gesto, na imagem no objeto. Desse modo é possível afirmar que “o patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial é sustentáculo de memórias, e como tal incorpora fragmentos e sentimentos experienciados socialmente pelo indivíduo e a coletividade em espaços e tempos determinados”. (OLIVEIRA, 2003, p. 27).

Nesse sentido, concordamos com a visão da autora, mas achamos necessário ressaltar que a memória preservada por intermédio da cultura nem sempre é tão significativa para o grupo que convive em seu entorno, quanto o é para o grupo que a estabeleceu como tal. Ou seja, para as instâncias de poder que dominam essa comunidade cultural e intelectualmente, está de acordo o que Pollak (1989, p. 9) chama de enquadramento da memória.

Diferentemente de Halbwachs (2004), Pollak (1989, p.9-10) evita conceber a nação como a forma mais acabada de um grupo e a memória nacional como a mais completa forma de uma memória coletiva e passa a defender a existência de uma violência simbólica, que é:

Imposta a uma comunidade ou grupo social pelos que manipulam a memória, mantendo-a como um instrumento de poder [...] longe de ser apenas das instâncias de poder, o enquadramento da memória pode ser feito pelo próprio grupo ao qual a memória pertence, e isso se realiza pela necessidade de que o grupo possui de manter a ordem, a unidade e a continuidade dessa memória alimentada em seu interior, bem como a própria imagem que possui de si mesmo.

Portanto, a memória coletiva passa a ser fortemente constituída como nacional e pode evidenciar uma intenção por parte do Estado em manter uma coesão, um sentimento de pertencimento de um grupo dominante aos demais membros da sociedade.

Nesse caso, uma das funções essenciais da memória coletiva seria manter a coesão interna e defender as fronteiras e os interesses daquilo que um grupo tem em comum. E então o uso do termo memória enquadrada passaria a ser o mais adequado do que memória coletiva, e seria sustentada pelo material fornecido pelos contextos socio-históricos e culturais dos sujeitos. Assim, o papel do patrimônio histórico seria de fundamental importância na função

de resguardar uma memória predominante que se constitui em um acervo dos indícios de uma época passada. Para o efeito, o acesso do pesquisador a estes “lugares de memória/acervo, é objetiva e subjetivamente de um sentido e de gigantesco significado” (NORA, 1993, p. 15) na contemporaneidade. Parafraseando este autor, a partir do momento em que os pesquisadores, nas interfaces interdisciplinares, começam a agir sobre as memórias dos grupos, eles passam a sentir a necessidade do trabalho de um investigador/participante, que a interfere na reconstrução dessas memórias e, conseqüentemente, desaparecem as memórias em sua forma natural. Dessa maneira, surgem para essas sociedades ou grupos uma outra necessidade, “os lugares de memória, que se configuram paulatinamente como novos “marcos testemunhas de uma outra era”. (NORA, 1993, p. 13).

Na ambiência midiática e dos processos sociais, os lugares de memória não se concretizam apenas no aspecto material dos discursos verbais, mas também em uma acepção simbólica e funcional. No que se refere aos lugares discursivos, parece tratar-se desse aspecto da memória social e pode ser apreendida pelos sentidos. Com relação aos lugares funcionais, parece possuir uma função de alicerçar as memórias coletivas. Já no caráter simbólico, são lugares onde a memória coletiva se expressa e se revela. Nesse âmbito, os lugares passam a ser carregados de uma vontade de memória (NORA, 1993).

Ainda em relação à memória, Ecléa Bosi (1994, p.55) tomando como aporte o pensamento de Halbwachs, afirma que:

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

Pode-se afirmar que, ao ter a memória como fonte, o pesquisador precisa mergulhar em visões subjetivas de atores sociais e evocar as experiências desses sujeitos e suas relações com o passado e o presente para poder produzir conhecimentos socio-históricos e culturais significativos. Para tanto, os indícios podem/devem servir como sustentáculos dessas experiências. No entanto, na tarefa de recuperar a memória perdida ou esquecida, ele leva consigo seu ponto de vista e intencionalidade, aspectos que acabam por interferir na maneira como ele vai interpretar essas memórias. Esse é um trabalho que exige certa demanda de violência e, de acordo com Albuquerque Júnior (2007), é inerente ao ofício epistêmico da memória no processo de gerar o conhecimento científico.

Assim, apesar de ser uma fonte subjetiva e por isso estar sujeita a qualquer tipo de anacronismos ou “inverdades”, os questionamentos sobre a natureza da memória e os silêncios produzidos por ela podem ser abordados de forma positiva, uma vez que a memória ajuda na constituição das identidades, na identificação do sentimento de pertença e na construção de saberes. Isto é, mesmo não sendo uma releitura do passado tal como ele se produziu, a memória enriquece o estudo das relações passado/presente, pois “não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória”. (HALBWACHS, 1990, p. 64).

Na interface entre os processos da midiaticização e os estudos sobre a memória, concluímos que apenas devemos compreender o significado do conceito de memória na interação com os contextos socio-históricos e culturais. Nesse âmbito, o lembrar passa a dar-se sempre no social. Mesmo quando usando a memória evocamos algo mais particular e íntimo ou a experiência vivida individualmente, ainda assim, este algo está ligado à memória de um grupo. No ato de memorar cada um de nós estabelece uma operação mental e interacional com a sociedade, seus grupos e instituições. Ou seja, a nossa memória pessoal está sempre impregnada das memórias dos que nos cercam. Não é preciso que eles estejam presentes, a memória individual e as maneiras como se percebe o mundo se constituem, a partir desse emaranhado de experiências, tão diversos quanto os diferentes grupos com quem interagimos.

As nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Entretanto, narrar as memórias de nossa vida não é algo fácil, muito pelo contrário, requer esforços e dedicação, afinal, a “memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1994, p. 55). Trata-se de trabalho no sentido de reviver, refazer, reconstruir com imagens e ideias de hoje as experiências do passado.

É sob essas angulações, que pretendemos destacar o papel da memória familiar, ou seja, do grupo familiar. O grupo familiar é uma referência fundamental para a reconstrução do passado, porque ele é, ao mesmo tempo, objeto e espaço para recordações. Sempre há na família a figura do guardião ou guardiã da memória, é aquela pessoa “escolhida” para cuidar e transmitir a memória familiar e do grupo. Geralmente este papel é assumido pelos idosos da família, especialmente os avós, os pais e os tutores, que são o elo vivo entre as gerações.

Halbwachs (1990) chama atenção para os “museus de famílias”, que são de fato, marcas do passado, ou seja, não são apenas elementos que evocam lembranças, mas, além disso, são a própria lembrança. Esses museus familiares aproximam-nos da visão de Moscovici (2003), que desenvolve a teoria das representações sociais. Segundo este autor, por meio de trocas simbólicas, as representações sociais teriam como objetivos primordiais, tornar familiar algo até então desconhecido nos ambientes sociais e nas relações interpessoais. Além disso, essas trocas simbólicas ofertam possibilidades para a classificação, categorização e nomeação de ideias e acontecimentos inéditos, com os quais os indivíduos de uma determinada sociedade não se haviam ainda deparado. Por outro lado, elas poderiam oportunizar a compreensão, a manipulação e interiorização de novos fenômenos, juntando-os a valores, ideias e teorias já assimiladas, preexistentes e aceitas pela sociedade.

A memória das pessoas e de suas famílias pode configurar-se como uma ambiência que, nas interfaces, delimita o território e orchestra estruturalmente a arquitetura da memória do nosso objeto de estudo na sociedade angolana. Este tipo de memória será designado neste trabalho de memória socio-histórica e cultural, concebida como aquela composta por uma experiência marcada pelos conflitos armados, pelos processos democráticos e do desenvolvimento sociotécnico e tecnológico na área das novas tecnologias da informação e comunicação.

Portanto, em nossa pesquisa definimos o conceito memória como o ato de evocar as lembranças soterradas pelo tempo e pelos diversos fatores sociais. A nossa hipótese é de que as lembranças precisam ser localizadas e lapidadas através de um árduo trabalho reflexivo, sem o qual elas seriam “uma imagem frígida [...] e uma repetição do estado antigo”. (BOSI, 1979, p. 31). Assim, a concepção que fazemos da palavra memória constitui um elemento de suma importância na busca da compreensão sobre como os adolescentes, enquanto sujeitos que consomem os conteúdos violentos através da internet pelos seus DMs, a forma como percebem o mundo à sua volta e como o reproduzem em suas práticas sociais.

Para Vygotsky (1996), Moscovici (2003) e Pino (1991), esse fenômeno ocorre devido ao desenvolvimento das diversas funções mentais superiores dos sujeitos (planejamento, memória voluntária, imaginação). Para os autores, os sujeitos estão em constantes interações com o habitat, sob dois planos no desenvolvimento cultural do indivíduo: a) plano social (interpsíquica); b) conteúdos psicológicos (intrapíquica). Para Vygotsky (1996), os fatores biológicos predominam somente no início da vida, sobre os sociais no desenvolvimento dos seres humanos. À medida que os sujeitos interagem com os diversos campos, práticas sociais e objetos, a sua cultura passa a governar os seus desenvolvimentos e os comportamentos.



A partir dessa compreensão, podemos afirmar que as funções psíquicas dos sujeitos têm sua origem nos processos interacionais sociais, e o “desenvolvimento psíquico seja o resultado da ação da sociedade sobre os indivíduos para integrá-los na complexa rede de relações sociais e culturais que constituem uma formação social”. (PINO, 1991, p. 34). E então, o desenvolvimento humano possa a ser compreendido como um processo dinâmico mediado social e culturalmente. Ou seja, um processo de evolução do indivíduo produzido pelo cruzamento de diversos fatores e interações dos aspectos orgânico-naturais (internos) com os socioculturais (externos) “num complexo processo de superação de dificuldades e de adaptação”. (VYGOTSKY, 1991, p. 141).

Como forma de compreender o complexo processo da evolução da memória da espécie humana, ou simplesmente do indivíduo, desde os tempos mais remotos estudos são realizados. Já na Grécia antiga os filósofos, historiadores e pesquisadores de todas as áreas se questionavam sobre quem é o homem? Partindo de uma evidência, Marx (1988, p. 10) define o homem como um ser empiricamente existente dizendo:

As premissas de que partimos não são bases arbitrárias, dogmas; são bases reais que só podemos abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, ação e suas condições materiais de existência, tanto as que eles já encontraram prontas, como aquelas engendradas de sua própria ação. Essas bases são pois verificáveis por via puramente empírica. A primeira condição de toda história humana é, naturalmente, a existência de seres humanos vivos. A primeira situação a constatar é, portanto, as relações que ele gera entre eles e o restante da natureza.

Indo na mesma direção, Weber (1984, p.364) diz que “o homem é um animal preso em teias de significações que ele mesmo teceu” ao longo da história. Tomando emprestado e tensionando o conceito “teias de significações” por meio das relações do homem com os seus semelhantes e destes com a natureza, aportamos na concepção socio-histórica. A partir daqui retomamos as reflexões de Schaff (1987, p. 69) que discute a concepção marxista de indivíduo. Para o autor as considerações de Marx, partem da “convicção de que o homem existe como espécie e como indivíduo, que é um exemplar desta espécie, um resultado, um produto do desenvolvimento histórico, e, portanto, um produto social”.

Chamamos a atenção para o fato de que a configuração antropológica do homem, além de ser resultado da evolução biológica da espécie é de um ser inerentemente ligado às condições e os contextos socio-históricos e culturais. Por outras palavras cremos que a configuração antropológica está sujeita a mutações e pertencente a uma determinada sociedade. Por outro lado, sem a pretensão determinista, estamos inferindo que ela se constitua mediante determinadas condições sociais e históricas que lhe antecederam.

Desse modo, pensamos que qualquer estudo que se possa fazer sobre as práticas sociais, apenas seja possível por meio da observação e percepção do papel ativo de cada sujeito nas relações e nos vínculos que ele estabelece com os outros, através das condições sociais, do tempo e do espaço. Na tentativa de compreender como o sujeito angolano se reconstitui parece não bastarem às contribuições vindas da área de Psicologia, da Comunicação Social, da Filosofia e da Pedagogia. Mas na transdisciplinariedade (NICOLESCU, 1999), em que se estuda algo não-científico que, nas interfaces, transborda o campo das disciplinas, rejeitados pelas normas paradigmáticas da ciência moderna e complexifica os saberes.

Em uma vertente metodológica, com o uso do termo transdisciplinaridade temos o objetivo de promover uma discussão que estabeleça uma interface “entre o sujeito e o objeto, pares dicotomizados no pensamento predominante do paradigma da simplificação”. (MORIN, 2002, p. 140). Pretendemos acoplar e construir uma estrutura organizacional do conhecimento sobre as práticas e os discursos dos indivíduos. Nesse escopo, encaminhamo-nos para compreensão de uma “[...] subjetividade objetiva do sujeito aprendente que se expressa de uma nova maneira” (MORAES, 2015a, p. 16), transcendente da lógica binária, fragmentada e excludente. Portando pretendemos construir conexões que talvez possam permitir todo um “fluxo contínuo” (BRAGA, 2012) de trocas simbólicas e intersubjetivas dando um olhar multidimensional aos elementos que compõem as singularidades dos sujeitos (realidade). Para Moraes, (2015a, p.16) é o reconhecimento dessas singularidades subjetivas que estabelece as “pontes que religam as partes ao todo e unem as diferenças”. Ou seja, trata-se aqui de empreender um certo esforço “semântico para conceitualizar algo que [...] escapa por sua própria natureza, a toda e qualquer definição e esquematização”. (MORAES, 2015a, p. 90). Isto é, a singularidade.

Segundo Vygotski (1993), a singularidade, pelo fato de conter tanto a internalização como a expressão de sua condição histórica e social, a ideologia e as inter-relações, possibilita a descrição e a apreensão da gênese da consciência subjetiva, pelas suas mediações, tais como o pensamento, a linguagem e a vontade do indivíduo na sociedade. Ou seja, para Vygotski (1993) fica claro que a natureza psicológica dos homens é constitutiva e representativa de um agregado de relações sociais que, mediante as operações dialéticas dos processos psíquicos e fisiológicos e, pelo uso da linguagem e do pensamento, são internalizadas e transformadas em funções e formas de estrutura socio-históricas para o indivíduo imerso em um determinado contexto ou meio.

A partir do pensamento de Vygotski (1993) podemos concluir que o homem enquanto sujeito não se constitui com base em fenômenos internos e nem se reduz a simples reflexo passivo do meio. Ele configura-se como um ser ativo, social e histórico que nas interações sociais constrói as suas formas de pensar, sentir e agir.

Portanto, a resposta à pergunta filosófica sobre quem é o homem, pode depender das “relações” intersubjetivas e de “teias de significações” que o sujeito vai construindo e projetando sobre si mesmo acerca do seu ser, existir no tempo e no espaço. Isto é, diremos que a construção da identidade do sujeito passa pela forma como ele percebe e se percebe no mundo a sua volta. E essa percepção dupla não se faz senão por meio de metáforas, de leitura de mundo (FREIRE,1985; KATCHIPWI SAYLA, 2012), feita por embaraçamentos e desembaraçamentos em meio a essas teias de significações.

Analisando essas teias de significações, talvez não seja possível apenas por uma ciência experimental que vise a busca de leis, mas a partir de uma ciência interpretativa, que fixe o seu olhar epistêmico nas representações e significações que os indivíduos atribuem às suas próprias realidades. Portanto o que buscamos aqui é a aquisição do conhecimento sobre as explicações e interpretações enigmáticas, sobre as perguntas e respostas aos problemas, sobre as formas e expressões culturais, históricas e sociais. Ou seja, estamos a enfatizar a importância de apreendermos os significados sobre as práticas sociais sejam individuais ou coletivas, numa visão representacional de busca de satisfação de desejos.

Esta representação e satisfação solidárias de desejos, no âmbito da mediação, são configuradas em práticas sociais e propiciam o clima de busca de reconhecimento, de disputas e de conflitos a partir dos ambientes nos quais elas surgem e se dão a conhecer. Portanto, as representações passam a compreender todas as práticas instituídas sejam individuais ou coletivas que, simultaneamente, produzem significados e não se limitam apenas ao campo do imaginário. Nossa premissa é justificada pelo fato de que as práticas sociais na circulação midiática carregam consigo os valores e interesses “outros” daqueles dos grupos que os produziram, e no período que foram produzidos. Isso nos possibilita fazer uma leitura diferente do mundo e a pensar as representações sociais como campo de disputas, concorrências e competições, que podem ser postas como poder e dominação, segundo nos sugere Chartier (1990, p.17)

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. [...] As representações do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, política) que tendem a impor uma

autoridade à custa dos outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, suas escolhas e condutas.

Portanto, sustentados pela teoria das representações sociais e inseridos nos campos da Psicologia Científica e no Comunicacional, não temos dúvidas de que a observação introspectiva do contexto socio-histórico e cultural angolano nos possa ofertar um subsídio complementar no estudo das interações sociais da vida cotidiana, e conseqüentemente na concepção e compreensão da personalidade/identidade dos indivíduos. Para tanto, sob o ponto de vista interacional, fazendo um recorte memorial, os contextos que envolvem o sujeito angolano podem ser abordados sob três perspectivas, por si inseparáveis da outra: o fim do conflito civil armado, a abertura ao mercado de consumo das TICs e o crescente índice de violência (sujeito - contextos socio-históricos e culturais).

No âmbito dos processos interacionais entre essas categorias, interpretamos que esta arquitetura possa contribuir na busca de marcos epistêmicos sobre a representação social da agressividade, que pelos indícios descritos, vai se configurando e ganhando uma conotação comparável ao conceito de cultura de violência no contexto da sociedade angolana. Pelo viés traçado até aqui, inferimos que a produção e veiculação de vídeos ou imagens no fluxo adiante por meio das redes sociais (Youtube e Facebook) não são gratuitas. Esses conteúdos postos em circulação podem converter-se em instrumentos e arenas de poder, na medida em que podem legitimar e justificar as práticas dos indivíduos nas sociedades em midiatização, como, por exemplo, a agressividade em adolescentes que consomem os conteúdos violentos nas redes sociais (Youtube). Portanto, como anunciamos na introdução, o nosso campo de pesquisa limita-se aos adolescentes de classe média com a idade compreendida entre os 14 aos 16 anos.

Assim, no contexto da República de Angola, uma sociedade em vias de midiatização, estabelecer uma interface vinculativa das problemáticas da produção e circulação dos conteúdos nas redes sociais e a circulação da agressividade em adolescentes, torna-se para nós um desafio que nos remete antes de tudo a reconstituir a memória socio-histórica e cultural do povo angolano, dada as suas especificidades. Trata-se daquele contexto marcado por um conflito bélico que durou aproximadamente 4 décadas. É sobre tal conflito que, sob ponto de vista da memória individual e coletiva, que será abordado o tópico a seguir.

Na perspectiva de Vigostsky (1994, p. 118), o desenvolvimento humano configura-se como processos de aprendizagem construídos pela interação do sujeito com um outro da sua espécie:

O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas

Trata-se de um processo que tem o seu início no período marcado pelas experiências e vivências imediatas, marcadas pelas palavras geradoras (FREIRE, 1999) anteriores ao processo da escolarização do indivíduo. Assim, mediante diversas interações vivenciais com os familiares e colegas, o indivíduo (criança) desenvolve e constrói a sua consciência histórica da realidade a partir dos conceitos cotidianos (VYGOTSKY, 2000). Relendo a formulação que este autor faz sobre a formação da consciência, Oliveira (1992, p.78) chega à conclusão de que para Vygotsky, a consciência é histórica e social, na medida em que “é imposta aos seres humanos através da participação em práticas sócio-culturais”. Isso quer dizer que o indivíduo, pela abertura às interações interpessoais dialógicas, dialéticas e pela experiência socio-histórica apreende, percebe e capta a realidade externa adquirida durante os fluxos discursivos e circulatórios. E, como se não bastasse, vai atribuindo novos significados e reconstruindo internamente novos conceitos antes existentes fora dele.

Relendo Vygotsky, pela internalização das práticas socioculturais e nas relações interpessoais, mediadas pelo sistema simbólico a consciência do homem se constitui subjetivamente. E então os indivíduos numa determinada sociedade passam a ser “sujeitos absolutamente únicos, com trajetórias pessoais, singulares e experiências particulares em sua relação com o mundo e, fundamentalmente, com as outras pessoas”. (OLIVEIRA, 1992, p. 80). A ser assim, o sistema simbólico se converte no veículo que fornece à consciência ou à psique dos indivíduos os conceitos e as formas de organização do real, essenciais nos processos de interação entre os sujeitos, através da linguagem, veículo indispensável na comunicação humana. Pois é pela linguagem que um sujeito age sobre o outro, não apenas lhe comunicando mensagens, nem exteriorizando seu pensamento, mas de alguma forma mudando o outro com a ação da sua linguagem, sendo ao mesmo tempo transformado pela ação da linguagem do outro. E então, a linguagem edita as pautas da produção humana. E como tal, não está dada e acabada, mas é construída historicamente nas e pelas relações sociais. A enunciação configura-se como o produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados, um fenômeno ideológico, e o que é ideológico não pode ser explicado senão pelo social.

De acordo com Bakhtin (1990, p. 32), “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-

se também o ideológico [...] com um valor semiótico”. Portanto, alude-se que o sistema de signos se constitui a partir de uma realidade social e que os signos se manifestam no processo de interação entre uma e outra consciência individual. Nesse sentido, para Bakhtin (1990, p. 35) a consciência passa a ser de natureza social, uma vez que “adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais”. Desse modo, o sujeito se constitui ouvindo e assimilando as falas da mãe, do pai, dos colegas, da comunidade próxima e da sociedade. As palavras e o discurso do outro são processados por cada sujeito no decorrer de sua vida de modo que, ao mesmo tempo em que passam a ser do sujeito, continuam sendo também do outro.

Rousseau (1978) compreende a subjetividade (identidade) do sujeito como algo que se constituiu na relação com o mundo material e social pela imaginação, que permite que os indivíduos se transportem para fora de si mesmo e se identifiquem com os outros e com o mundo exterior a si. E este só existe pela atividade humana, exercida por meio de comparações, analogias na pluralidade de ideias: “quem vê somente um pequeno número de objetos e, desde a infância, sempre os mesmos, também não os compara, porque o hábito de vê-los, impede a atenção necessária para examiná-los”. (ROUSSEAU, 1978, p. 175). A subjetividade e objetividade se constituem uma à outra sem se confundirem, e passam a ser explicadas a partir do social, pelas mediações comunicacionais que se estabelecem via linguagem presente em todas as culturas e tempos da história da humanidade.

Já para Suassuna (1995), a linguagem constitui-se como produto das necessidades de intercâmbio na convivência social, dentro do processo histórico de cada sociedade. Para o efeito, é necessário considerar e reconhecer os aspectos político-ideológicos das relações entre linguagem e classe social, uma vez que “as relações de comunicação linguística têm a ver com as relações de forças simbólicas estabelecidas na dinâmica social”. (SUASSUNA, 1995, p.95). Assim, por sua natureza, a linguagem é mediação para a internalização da objetividade, permitindo a construção de sentidos pessoais que constituem a subjetividade. Pelo uso da linguagem o mundo psicológico (individual) converte-se num mundo em relação dialética com o mundo social (coletivo). Então, pelo domínio dos signos linguísticos cria-se a possibilidade de mergulhar no mundo psicológico. O que significará conhecer a expressão subjetiva de um mundo objetivo/coletivo; um fenômeno que se constitui em um processo de conversão do individual para o social e vice-versa; um mundo interno em construção por meio de elementos e atividades do mundo externo.

Estamos, portanto, próximos das representações sociais defendidas por Moscovici (2003), que a partir da psicologia social nos ajudam a enxergar mais adequadamente a origem

das ideologias, e cuja intenção é subordinar o mundo consensual e reificado facilitando assim a transição de um para o outro. Para o autor, criamos representações porque nos sentimos desconfortáveis ao que não nos é familiar. Existe uma motivação em absorver o que “não é familiar” ao seu sistema “familiar” de determinado grupo, ou seja, em sua rerepresentação e familiarização junto às convenções, valores e ações aceitas em um determinado grupo de pessoas. Dessa forma, propomos a construção de uma episteme que retire os objetos de um campo abstrato e idealista e lhes ofereça uma base material vigorosa através dos signos e da linguagem.

Assim, fazendo uma síntese dos estudos ligados à importância da língua, nos processos interacionais comunicativos entre os sujeitos entre si e destes com os objetos, na obra de Cardoso (2000) podemos destacar seis grandes pilares:

- a) o papel ativo do sujeito é ativamente a construção de saberes e habilidades;
- b) a relação entre a construção dos saberes e os fenômenos socio-histórico-ideológicos. Ou seja, os sujeitos constroem seus conhecimentos, em contextos historicamente determinados, sobre a base de suas representações e de seus saberes anteriores;
- c) a relação sujeito-outro-objeto, o processo de construção do conhecimento pelo sujeito concreto (psicogênese) é complementado pela dimensão das relações sociais (sociogênese), ou seja, os sujeitos constroem os saberes no quadro das interações sociais;
- d) a não linearidade na construção do conhecimento, ou seja, os sujeitos constroem seus saberes num jogo constante de conflitos, de desestruturações-reestruturações de seus quadros de conhecimentos;
- e) como consequência dos aspectos anteriores, releva-se o papel da linguagem e do outro em um novo estatuto, como constitutivo do sujeito e da produção de sentido (e não como simples veículo de comunicação-linguagem e espectador-outro);
- f) ainda como consequência, aparece o papel do erro em um novo estatuto, como marca da atividade do sujeito (e não como ausência de atividade, faltas ou deficiências) e abertura a intervenções didáticas específicas (não como forma de sanções a aplicar ao aluno).

Portanto, é pelo domínio dos signos linguísticos que no processo comunicacional os sujeitos interagem ativamente uns aos outros, convertendo os meios de comunicação em um espaço social, na medida em que estabelecem uma circulação dos conteúdos das suas subjetividades. Segundo Bourdieu (1998, p.134), este espaço social é como “um campo de

disputas”, onde ocorre um conjunto de relações de forças objetivas, impostas a todos os que entram nesse campo e irredutíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo interações diretas entre os agentes”.

Sob pressão imposta pelo campo de forças aos processos tradicionais da comunicação (emissores/receptores), surge um novo modelo de comunicação, baseado na bilateralidade e nas condições de igualdade de condições e funções estabelecidas entre os interlocutores envolvidos, enfim na mútua afetação (MEAD, 1982), que na abordagem da mediação inquirir a presença de sujeitos interagentes. A contribuição de Franca (2006, p. 76-77) está na configuração de um modelo de paradigma relacional no processo da comunicação entre os comunicadores:

O sujeito da comunicação é um sujeito social; ele é também, indubitavelmente, um enunciador de discursos ou um leitor de textos. Mas ser sujeito da comunicação ou em comunicação significa algo mais específico, e nomeia um sujeito enredado numa teia de relações. São as relações que constituem esse sujeito – a relação com o outro, a relação com a linguagem e o simbólico. [...] São sujeitos interlocutores – sujeitos que falam um com o outro, produzidos nos e pelos laços discursivos que os unem.

Sob angulações globais e dinâmicas, este paradigma articula-se sob três dimensões: relacional, simbólica e contextual. Isso pressupõe a existência de uma ambiência comunicacional circular no qual a fonte da produção do estímulo passa a ser receptora do estímulo produzido pela fonte receptora da resposta. Ou seja, nesse processo, tanto emissor quando receptor são sujeitos que se afetam e se ajustam reciprocamente na interação, ou seja, estão em ação e agem tendo como referencial a ação do outro. Portanto, o processo da comunicação passa a ser visto como elemento constituidor do mundo comum e compartilhado, que possibilita aos sujeitos a construção de suas subjetividades, a organização e trocas de suas experiências no mundo. Ou seja, diz respeito aos sujeitos imersos na sociedade em mediação. Onde a comunicação “deixa de pertencer à esfera do conhecimento e se insere na esfera da ação, da intervenção e da experiência humana em sua dimensão social e simbólica” (QUERE, 1991, p.4), que expressa a sua singularidade na coletividade. Na perspectiva de Freire (1996), em sua obra a Pedagogia da Autonomia, o sujeito dialógico que não apenas fala para o outro, mas com o outro e o conhecimento passa a ser constituído na coletividade. Esse modelo aponta para o “paradigma relacional da comunicação como um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre os sujeitos interlocutores, marcado pela situação de interação e pelo contexto sócio-histórico”. (FRANÇA, 2002, p. 24). Portanto, trata-se aqui de acentuar o papel central da comunicação



ao pensar as interseções e a dinâmicas constitutivas dos indivíduos na sociedade angolana em vias de mediação.

Seguindo a lógica do paradigma relacional e comunicacional, o conhecimento e produção do sentido estariam no e entre as relações sociais, mediadas pela linguagem. Os sujeitos em interações recíprocas estão em conexão e agem tendo como referencial as ações dos outros. Atinge-se, portanto, uma esfera comunicacional que faz desaparecer o rótulo da causa e efeito. Para os estudiosos do campo da comunicação social desta esfera fazem parte os meios midiáticos (SODRÉ, 2002; GOMES, 2016), cujas características são as interações.

Uma vez que a dinâmica da comunicação, no contexto das instituições midiáticas e a partir de uma perspectiva relacional pressupõe trocas, perspectivas compartilhadas, reciprocidade entre os sujeitos, construção de um lugar comum no qual haverá uma relação reflexiva de mútuas afetações que produzem um novo meio (SODRÉ, 2002). Então, se instaura um complexo e vasto campo de maiores possibilidades de ocorrência interacional das práticas sociais e de descobertas de campos diversos de conhecimento e de investigação. Desarticulam-se as lógicas de diferenciação entre produtores e receptores, e se pautam novos contratos para “descrever as possibilidades de construção de novos vínculos entre produção, recepção consumo” (FAUSTO NETO, 2010, p. 10,) e de percepção de mundo à nossa volta. Esses vínculos encontram na circulação midiática um “lugar no qual produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e de reconhecimento” (Idem, 2010, p. 11). Nesse estágio, “as lógicas dos contratos são subsumidas por outras lógicas de interfaces [...], os receptores perambulam por várias mídias, migrando em seus contatos com os mesmos, e quebrando zonas clássicas de deslizamentos”. (Idem, 2010, p. 12-14).

Segundo Fausto Neto (2010), por força da ambiência da mediação, as novas condições impostas pela circulação afetam tanto as lógicas de instituições produtoras quanto aos “sujeitos-receptores”, mudam-se os seus estereótipos da percepção. Com o domínio dos aparatos sociotécnicos se converte em atores sociais na ambiência midiática. A autoria dos produtos midiáticos já não mais depende de uma única fonte, mas de vários que os reproduzem segundo as suas subjetividades e os inscrevem em outras plataformas ancoradas pelas lógicas e processos de apropriação e representação social (MOSCOVICI, 2003).

Portanto, a partir de Pisani e Piotet (2010, p. 33), a nova ambiência midiática pode provocar, na sociedade angolana, sobretudo, nos indivíduos que procuram e amam a Internet, usam as “redes de relacionamentos sociais e todas as suas ferramentas” algo semelhante à “ruptura” com os costumes, tradições, a moral e ética. Pois, diferentemente das sociedades tradicionais, aqui a recepção das atividades de lazer, a arte e a cultura passam a ser

condicionadas pelo valor de troca, que por sua vez suprime a memória do valor de uso original dos bens e, assim, as mercadorias ficam livres para associar-se a uma ampla sorte de associações e ilusões culturais. Como para Featherstone(1995), cremos que a nova sociedade angolana, invadida pela política mercadológica e da racionalidade instrumental, tudo o que nela se produz esteja voltado para a prática de consumo.

Para Baudrillard (1995, p. 59), obedecendo à lógica própria, os sujeitos deixam de consumir produtos e sim signos em conexão com necessidade previamente definida, e as mercadorias passam a retirar do sujeito consumidor as características existenciais. Sendo assim, a tônica dominante já não recai sobre a “apropriação individual do valor de uso dos bens e dos serviços; [...], também não é a lógica da satisfação que prevalece, mas a lógica da produção e da manipulação dos significantes sociais”. Consequentemente, a produção do consumo pode ser compreendida como processo comunicacional, uma vez que, sob o ponto de vista sociotécnico e tecnológico, a produção, a circulação, a apropriação de bens e de signos diferenciadores constituem a linguagem e o código de classificação e diferenciação socioepistemológica nas sociedades em midiatização.

## **6 AS NOVAS EPISTEMOLOGIAS NAS PRÁTICAS SOCIAIS E INTERACIONAIS DE COMPARTILHAMENTO NA AMBIÊNCIA DA MUDIATIZAÇÃO: A CIRCULAÇÃO MUDIÁTICA DE AGRESSIVIDADE NA SOCIEDADE ANGOLANA**

Nos capítulos anteriores, sobretudo dos marcos indiciários descrevemos as características específicas que observamos em cada cena presente nos vídeos, nomeadamente: “Unitel para todos” (Jul., 2014); “TVCABO Angola em Alta” (Dez., 2010); “Facebook Grátis para Chegar a Todos” (Jul., 2015); “Somos Natal – Pack Laranjinha 3G” (Dez., 2015); “Movitel Geração M” (Out., 2013); “Uso das TIC’s em Angola” (Jun, 2015); “O Projeto - Angola Online” (Nov., Angola, 2014) e “PRIMEIRO DAILY VLOG #1” (Abr., 2016); “Jovens entram em pancadaria no Belas Shopping” (maio, 2013); “A Megaoperação Policial” (Jan., 2012); e “Jornal Nacional Angola – Criminalidade” (Nov., 2012). Considerando as plataformas nas quais estes vídeos se encontravam em circulação na internet e as esferas das instituições ofertantes (privadas ou públicas), concluímos que a população angolana está inserida nas esferas de produção e consumo dos bens da indústria cultural das novas tecnologias de informação e comunicação. Ou seja, a República de Angola passou a ser um país com características típicas de uma sociedade em midiatização.

Esta terceira parte da nossa pesquisa tem como objetivo observar os desdobramentos dos atravessamentos, das interações e das afetações múltiplas que podem ser consideradas como campo de uma epistemologia. Tal epistemologia versa sobre as disputas e lutas pela busca de reconhecimento e de representação social dos indivíduos dentro das instituições/esferas (produção/consumo) na sociedade angolana.

Em uma leitura de conjunto é possível observar, nos vídeos institucionais, marcas que interagem com Hall (2005) e Kellner (2006) quanto à modificação das identidades nas sociedades pós-modernas. Porém, é, sobretudo a partir do relato do adolescente angolano, Adilson Manuel, “quero adotar o meu estilo de vida”; fiquem atentos ao meu canal, retirado do vídeo “Daily vlog#1”, que queremos introduzir a problemática em torno do conceito de identidade.

Relendo Hall (2005) e Kellner (2006, e atendo-nos ao discurso de Adilson e de tantos outros em geral, percebemos que nas sociedades uma mudança de paradigmas a transformação do conceito de identidade acontece em uma celebração múltipla, móvel e segmentada, confinada à mercê da circulação midiática do capital econômico regional e mundial. Segundo os autores, esta segmentação mercadológica do capital proporcionou a intensificação da construção e fragmentação de identidades por meio da comercialização de

diversos produtos culturais. Isso acontece quando a mídia passa a oferecer uma enorme quantidade de posições de sujeitos para seus consumidores, estruturando identidades individuais, conforme as imagens produzidas pelos produtos.

Em uma visão interativa e ancorados em Martín-Barbero (2006, p. 54), acreditamos na possibilidade da cultura midiática reconfigurar o real, principalmente pelo fato de alterar o simbólico. Esse processo contribui fortemente para que vivamos não apenas em uma época de grandes mudanças, mas sim em “uma grande mudança de época” (GOMES, 2017). Ou seja, a revolução tecnológica introduz em nossas sociedades não tanto uma quantidade inusitada de novas máquinas, mas um novo modo de relação entre os processos simbólicos que constituem o cultural e as formas de produção e distribuição dos bens e serviços. Trata-se de um novo modo de produzir, confusamente associado a um novo modo de comunicar que transforma o conhecimento em força produtiva direta.

Até bem pouco tempo falar de identidade era falar de raízes, costumes, tempo longo e memória simbólica e tradicionalmente densa e estável. Travava-se uma batalha contra a dissolução e a fragmentação da identidade do indivíduo ou do grupo. Ou seja, havia duas forças intencionais: a de devorar a identidade e a recusa a ser devorado. Para Bauman (2005) existe uma ambivalência inevitável que ao mesmo tempo em que une, também divide. As suas intenções de inclusão e segregação misturam-se e se complementam simultaneamente. Sem fazer tábula rasa a esta postura, hoje com a midiatização falar de identidade implica, sobretudo falar em migrações e mobilidades, redes, fluidez, fluxos, interpenetrações, novas gramáticas sociotécnicas e discursivas, trocas simbólicas (BAUMAN, 2005; FERREIRA, 2006; FAUSTO NETO, 2008; ROSA, 2012; BRAGA, 2012; GOMES, 2016).

Podemos afirmar que a essência da identidade possa ser construída a partir dos vínculos que, não sendo mais instáveis, conectam conflitivamente as pessoas umas as outras, dando a cada uma a liberdade de escolher a identidade que queira. Indo além, Bauman (2005) esclarece que na modernidade líquida, aos indivíduos é garantido o direito de não só escolher, mas também de inventar a sua identidade, como observamos do relato do adolescente angolano. Em uma leitura de conjunto, os vídeos observados nos sugerem fazer um deslocamento cujos desdobramentos, partindo do conceito de identidade cultural de Hall (2005, p.9), desembocam no de identidades culturais de Bauman (2005). Estamos, portanto, perante transformações que estão alterando as identidades pessoais, influenciando a ideia de sujeito integrado que temos de nós próprios. Isso gera a “perda de sentido de si estável” e nos sujeita a fazer leitura interpretativa de “duplo deslocamento ou descentração do sujeito”

(HALL, 2005, p. 9), tanto dos seus lugares de fala no mundo social e cultural quanto de si mesmos, desencadeando uma “crise de identidade”.

Nesse sentido, a crise de identidade encontra na mídia o seu agente constitutivo discursivo e ideológico (ORLANDI, 1998), e passa a ser construída na interação entre os sujeitos e na relação com a realidade, por meio de processos da percepção e recepção sociotécnicos, linguísticos e discursivos. Portanto, o sentido converte-se em um ser “histórico e o sujeito se faz e se significa na historicidade em que está inserido”. (ORLANDI, 1998, p. 44). Sendo assim, o sujeito pela interpelação de sua ideologia-histórica já formada, identifica os sentidos, que sempre podem ser outras significações ou interpretações. Ademais, segundo Pêcheux (1997), toda linguagem é formada pelo interdiscurso (memória, o já-dito) que resulta no intradiscurso (o já escrito).

Portanto, a relação entre o sujeito e a linguagem ganha corpo existencial na e pela formação social. Ela é constituída ilusão do sujeito de ser a fonte do que diz, quando na verdade, ele retoma sentidos pré-existentes por meio das interações na ambiência midiática e das apropriações das lógicas sociotécnicas-tecnológicas e semiolinguísticas-discursivas.

Segundo Orlandi (1998), para que uma palavra tenha sentido é preciso que ela tenha sentido anterior, pois é o sujeito que “entra” no sentido e não o sentido que “entra” nele. Em resumo, os sujeitos inscrevem-se em formações discursivas existentes. Nessa mesma direção, Pêcheux (1997, p. 214) diz: “Os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes por formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas” que lhes são correspondentes. Essa interpelação supõe um desdobramento, que constitui o sujeito do discurso, de forma que um é o locutor, ou aquele a que se habituou chamar o “sujeito de enunciação”, na medida em que lhe é “atribuído o encargo pelos conteúdos colocados” – portanto, o sujeito que toma posição, com total conhecimento de causa, total responsabilidade, etc. – e o outro termo representa “o chamado sujeito universal, sujeito da ciência ou do que se pretende como tal”.

Este sujeito da ciência, sob o ponto de vista da circulação midiática dos bens da indústria cultural, pode configurar-se em produto de consumo. Importa-nos observar que na ambiência da circulação midiática ocorre um processo de desdobramento que, segundo Pêcheux (1997) e Fausto Neto (2008), corresponde, efetivamente, à relação entre o discurso “pré-construído” (interpelação ideológica) e articulação ou “efeito-transverso” (interdiscurso que determina a dominação da forma-sujeito). Além do mais os sujeitos, ao pronunciar um enunciado e ao colocá-lo no fluxo adiante (BRAGA, 2012), precisam tomar consciência de sua incontornabilidade. Ademais, um mesmo enunciado pode produzir efeitos de sentidos

diversos conforme as condições socio-históricas e culturais de sua enunciação e dos enunciadores. Dito de outra forma, analisar uma unidade produzida pelo ‘nós’ é perseguir um objeto construído nas relações de força e até de certa forma definido ideologicamente. E é, nesta definição idelógica que está a complexidade. Porque nas interfaces enunciativas o observador compõe o quadro de “um ‘nós’ ampliado e, não raras vezes, ambíguo, representativo de distintos grupos sociais inscritos na mesma posição-sujeito a partir da qual o sujeito enunciadador do referido discurso enuncia” (CAZARIN, 2007, p. 21).

Dessa forma, ao retomar o ponto de vista de Pêcheux (1997), podemos concluir que os nossos discursos passam a ser sujeitos a equívocos interpretativos necessários para a constituição da língua. Eles se tornam capaz de deslocamento, deslizes dizendo que todo o enunciado seja intrinsecamente suscetível de tornar-se outro diferente de si mesmo; de se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar um outro, cedendo lugar a várias interpretações, na ambiência da mediatização todo o enunciado se torna polissêmico e de múltiplas vozes (GOMES, 2016; FAUSTO NETO, 2011b).

Portanto, surge uma cadeia pertinente e observacional de “efeitos paradoxais” induzidos por essas práticas na forma-sujeito, enquanto relação de desdobramento entre “sujeito da enunciação” e “sujeito-universal” na ambiência da mediatização. Esse desdobramento pode assumir diferentes modalidades de alcances canhestros (BRAGA, 2012), duas das quais são evidentes: a primeira diz respeito à superposição entre “sujeito da enunciação” (enunciar/produtor) e o “sujeito universal” (receptor/objeto - consumidor/produto). Ou seja, de forma consentida e livre o sujeito toma posição e em seu discurso e se identifica com o produto moldando-se em função deste, criando, aceitando e ou reconfigurando as novas identidades.

Ainda retornando aos observáveis, observamos que no contexto dos adolescentes angolanos, a interação entre a cultura tradicional, o conflito armado civil e a cultura das novas TICs, há disputas e lutas pela construção das identidades culturais que nos permite. Nesse contexto, é necessário abordarmos a ideia de “choque cultural” de Oberg (1954). Segundo o autor, o território do choque cultural é demarcado pela disputa entre o esforço e a ansiedade produzidos na interação e pelo contato com uma nova cultura. Arelado a essa disputa está o sentimento de perda, confusão e impotência que apontam como consequência a perda de informações culturais e regras sociais previamente acostumadas.

Nessa ordem de raciocínio, não importa quão “cabeça aberta” ou o tamanho da boa vontade do indivíduo, cada um que passa por esse processo desencadeia reações diversas, podendo ocorrer um turbilhão de frustrações e ansiedades. Ainda para o autor, a primeira

reação do indivíduo é a rejeição daquilo que causa desconforto. Devido à dificuldade de assimilar os novos padrões, o indivíduo fica sem saber discernir o que é apropriado e o que não é.

Então, nessas circunstâncias o indivíduo passa a experimentar ou a viver uma sensação de descontentamento moral ou estético, cujos estágios cíclicos são classicamente e descritos por Kalervo Oberg (1954) em 4 fases, que em forma de tabela apresentamos abaixo:

Quadro 6–Fases do choque cultural

1ª. Estágio da lua-de-mel.	Este estágio corresponde àquele período em que as diferenças entre a cultura original e a nova são vistas de um modo romântico, novo, eufórico e até mesmo idealizado. As diferenças são excitantes e interessantes. As manifestações de ansiedade e stress tendem a ser interpretados positivamente.
2ª. o estágio de frustração ou crise.	Este estágio pode começar imediatamente (no momento que existe o contato com a nova cultura) ou, mais normalmente, surge dentro de algumas semanas ou meses. Ela pode começar como uma grande crise ou em uma série de problemas que vão se acumulando. As coisas começam a dar errado, pequenas dificuldades viram problemas gigantescos e as diferenças culturais se tornam irritantes. O indivíduo pode sentir que as pessoas daquela nova realidade são indiferentes às suas dificuldades e passa a não gostar das pessoas daquele ambiente. A vida não faz mais sentido e é comum o sentimento de desilusão, confusão e rejeição pelos outros e isso pode levar a depressão, isolamento, raiva ou hostilidade.
3ª. o estágio de ajuste e ou adaptações.	Este estágio compreende a fase dos ajustamentos e adaptações. As pessoas desenvolvem habilidades em resolver problemas para lidar com a cultura e começam a aceitar sua forma com uma atitude positiva. A cultura começa então a fazer sentido e as reações negativas passam a ser reduzidas conforme o indivíduo reconhece sua inabilidade de entender, aceitar e se adaptar. É comum observar neste estágio uns comportamentos diversos entre os indivíduos. Por exemplo, alguns indivíduos podem se isolar em grupos étnicos e manter o estilo de vida com que estão acostumados; outros integram-se totalmente à nova cultura, perdendo sua identidade original; outros gerenciam e se adaptam à nova cultura de forma positiva. Ou seja, mantêm elementos de sua cultura original, mas também absorvem características da nova cultura.
4ª. estágio de aculturação.	Este estágio acontece quando os indivíduos conseguem desenvolver uma adaptação estável e resolver com sucesso problemas e gerenciar a nova cultura. Eles imaginam o que encontrarão nas diversas situações pela frente e passam a estabelecer uma rotina que pode desencadear o processo de assimilação cultural. Porém, é preciso considerar que este processo é difícil senão até impossível. Mas, há medida em que avança, é possível haver mudanças substanciais no indivíduo conforme ele desenvolve uma identidade bi-cultural. Tudo indica que o processo de aculturação não significa necessariamente o abandono de seus modos antigos ou perder sua identidade cultural anterior, mas sim a ciência pessoal e construtiva para ter respostas culturais e pessoais que se encaixem no novo ambiente.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Desse modo, o choque cultural parece designar aquele período composto por várias etapas de luta pela busca de reconhecimento em uma cultura diferente da originária. Os autores Kato, Pereira e Pimentel (2005) chamam essa luta de processo de adaptação cultural ou de socializado na nova cultura. Trata-se de um processo onde o indivíduo passa por uma exclusiva e profunda experiência pessoal (HASLBERGER, 2005). Uma experiência que não afeta todas as pessoas da mesma forma e nem mesmo, ao repetir-se, na mesma pessoa (PEDERSEN, 1995). Por ser uma experiência pessoal intransferível, acarreta consigo consequências drásticas para o indivíduo cujas consequências são canhestras. Assim sendo, sob a perspectiva Bochner e Furnham (1982 apud UWAJE, 2009) consideramos que os indivíduos, dependendo dos seus contextos socio-históricos, ao sofrerem o choque cultural, para além de experimentarem os seus impactos de maneiras e formas diferentes, possam também manifestar comportamentos e reações diversas. Ao retermos o pensamento destes autores, as reações e os diversos comportamentos dos indivíduos em choque cultural podem ser agrupadas também em 4 etapas.

Quadro 7 – Reações do choque cultural

1ª. Etapa: stress	Este stress estaria associado à exposição ao novo ambiente e pelos seus subsequentes impactos psicológicos. Isso pode ser capitalizado por fatores psicossomáticos e por reduções da eficiência do sistema imunológico provocar doenças físicas e psicológicas devido ao próprio stress.
2ª. Etapa - fadiga cognitiva	Esta seria como consequência de uma sobrecarga de informações. A nova cultura requer um esforço consciente para entender as coisas que normalmente são processadas de maneira inconsciente em sua própria cultura. Essa mudança de uma interpretação inconsciente dentro da sua própria cultura para um cenário onde o esforço e a atenção constante são necessários para processar tudo que acontece ao seu redor é fatigante e pode resultar em fadiga mental e emocional.
3ª. Etapa - choque de papéis	Este acontece quando o papel do indivíduo é perdido na nova cultura. As mudanças dos papéis sociais e das relações interpessoais afetam o bem-estar e o sentido de autoconhecimento do indivíduo. No novo ambiente cultural, os antigos papéis são eliminados e substituídos por papéis desconhecidos e por conjuntos de expectativas. Isto leva ao choque resultante da ambiguidade da posição social do indivíduo, da perda de relações sociais e seus papéis considerados normais e do surgimento de novos papéis que são inconsistentes com o antigo autoconceito do indivíduo.
4ª. Etapa - Choque pessoal	afeta a autoestima, autoidentidade, sentimentos de bem-estar e a satisfação com a vida, os quais são todos criados e mantidos dentro do sistema cultural. A perda deste sistema de suporte pode levar a manifestações patológicas assemelhadas a psicoses e paranoias que são classificados como “neuroses transientes” ou desordens emocionais temporárias. O choque pessoal é mais fortemente impactante quando a nova cultura viola os sentidos pessoais e culturais do indivíduo no que diz respeito a valores morais, lógicos ou de crenças a respeito da normalidade e civilidade.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Até recentemente, choque cultural era considerado uma experiência negativa devido aos conflitos de valores que contribuiriam para um senso de desorientação e irrealidade na



vida, aumentando o sentimento de inadaptabilidade do indivíduo com o seu meio. Assim, Pederson (1995, p.2) percebe choque cultural de Oberg (1954) em 6 aspectos negativos:

(i) tensão resultante do esforço na adaptação psicológica; (ii) um sentimento de perda ou de privação referindo-se à perda de família, amigos antigos, status, cargo, e/ou propriedades; (iii) rejeição da, ou pela, nova cultura; (iv) confusão na definição do lugar, expectativas, sentimentos e identidade própria; (v) ansiedade inesperada, nojo, ou indignação sobre as diferenças culturais entre os antigos e os novos caminhos; e (vi) sentimentos de impotência como resultado de não saber lidar bem no novo ambiente.

Contudo, explicações mais recentes, como por exemplo, de Pedersen (1995), descrevem o choque cultural como aquele período de ajustamento, de embates e disputas ao crescimento e desenvolvimento. O autor explica que superar o choque cultural leva tempo, passa por diversas fases e não pode ser superado da noite para o dia. Nesse sentido, por mais doloroso que seja, por mais perdidos que os indivíduos pareçam estar o choque cultural pode resultar em introspecções positivas e até mesmo essenciais. Ou seja, citando autores como Bartín-Barbero (1997), Fausto Neto (2008), Braga (2011a), Faxina e Gomes (2016), Ferreira (2007) e Rosa (2012), estamos levantando hipóteses que nos levam a crer que o processo da construção das novas identidades culturais ocorra dentro da ambiência orquestrada, e agenciam os conflitos entre as duas culturas em choque através dos usos, apropriações, significações e representações sociais.

Nesse sentido, a convocação de Moscovici, (2003, p. 21) se faz necessária para entender melhor como ocorre o processo das significações e representações. Para o autor as representações são “uma forma de conhecimento prático que conecta um sujeito a um objeto [...] e servem para os sujeitos agirem no mundo e nos outros”. O conhecimento pode surgir de “onde as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão e satisfação ou frustração”. (MOSCOVICI, 2003, p. 9-10). Ele introduz a TRS, compreendendo-as como “conceitos perdidos” e “entidades quase tangíveis que circulam, entrecruzam-se e se cristalizam continuamente através de palavras, gestos, ou de reuniões no mundo cotidiano”. A sua percepção e construção acontecem num complexo processo de “idas-e-vindas entre os diversos campos” sociais (BRAGA, 2001, p. 28).

Tal processo pode converter-se em categoria e integrar-se à grade de leitura do mundo já conhecido pelo indivíduo.

## 6.1 O COMPARTILHAMENTO DAS PRÁTICAS SOCIAIS NA AMBIÊNCIA MIDIÁTICA: UMA NOVA LEITURA DO MUNDO

Trata-se de “compreender e comunicar o já sabido” (MOSCONVICI, 2003, p. 46), instrumentalizá-lo, ressignificando e dando-lhe novo sentido através de sistemas de valores, ideias e práticas ao:

Estabelecer uma ordem que possibilite às pessoas orientarem-se em seu mundo material e social e controlá-los; possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (MOSCONVICI, 2003, p. 21).

Moscovici introduz o conceito familiar e não familiar, afirmando que “a presença real de algo ausente, a exatidão relativa de um objeto é o que caracteriza a não familiaridade”. Algo parece ser visível sem o ser: ser semelhante, embora sendo diferente, ser acessível e, no entanto, ser inacessível. Consequentemente, o “não familiar atrai e intriga as pessoas e comunidades enquanto, ao mesmo tempo, alarma-as, obriga-as a tornar explícitos os pressupostos implícitos que são básicos ao consenso”. (MOSCONVICI, 2003, p. 56).

Em mediação, essas hipóteses podem funcionar como uma espécie de manipulação do pensamento e da estruturação da realidade, tornando-se semelhantes aos métodos de controle comportamental e de propaganda, que exercem uma coerção forçada em todos aqueles a quem estão dirigidos. Nos processos de representações “as coisas que o olho da mente percebe parecem estar diante de nossos olhos físicos e um ente imaginário assume a realidade de algo visto e tangível”. (MOSCONVICI, 2003, p. 61). Então, o não familiar se transforma em familiar, transferindo-o à esfera particular, onde se compara e se interpreta, reproduz em coisa visível, tocável e controlável. As representações sociais acarretariam então duas consequências (MOSCONVICI, 2003, p. 70). Na primeira, exclui-se a ideia de pensamento ou percepção que não possua a ancoragem. Pois para o autor, “todo o sistema de classificações e relações entre sistemas pressupõe uma posição específica, um ponto de vista baseado no consenso”. Na segunda, uma vez que os sistemas de classificação e de nomeação não são, simplesmente, meios de graduar e de rotular pessoas ou objetos, considerados como entidades discretas, então elas teriam como papel “facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas e formar opiniões”.

Nesse caso, as representações passam a assemelhar-se àquelas teorias ordenadas ao redor de “uma série de proposições que possibilitam a classificação, descrição das

características dos objetos e a explicação dos sentimentos e ações objetivados dos sujeitos” (MOSCOVICI, 2003, p. 209-210). Objetivar significará descobrir a qualidade icônica de uma ideia, imagem ou conceito produzido por alguém; comparar uma ideia com a outra, representar algo e como enchê-lo de conteúdo. Isso significa construir a subjetividade do indivíduo já que as representações “são partilhadas, penetram e influenciam a mente subjetivamente [...], não são pensadas por eles [...], elas são repensadas, recitadas e representadas”. (MOSCOVICI, 2003, p. 37).

Jodelet (1992, p. 377) supõe uma base de representação partilhada coletivamente. O indivíduo realiza a integração cognitiva do objeto representado, que possibilita a significação, ressignificação e a construção de “novos elementos numa rede de categorias e significados mais familiares”, via processo de ancoragem. Para Doise (1992, p. 189) esse processo intervém nas relações simbólicas existentes no grupo social que representa o objeto através de três modalidades:

Ancoragem do tipo psicológico, que diz respeito às crenças ou valores gerais que podem organizar as relações simbólicas com o outro; ancoragem do tipo psicossociológico, que inscreve os conteúdos das representações sociais na maneira como os indivíduos se situam simbolicamente nas relações sociais, e nas divisões posicionais e categoriais próprias a um campo social definido; ancoragem do tipo sociológico, que se refere à maneira como as relações simbólicas entre grupos intervêm na apropriação do objeto.

Os sujeitos interagem com os objetos pela ancoragem e enfrentam “zonas de interpenetração e contato” (FAUSTO NETO 2010; LUHMANN, 2005) de alta complexidade no ato representacional da realidade social. Por essas angulações, o significado passa a não ser inerente aos objetos, mas é construído e produzido. Ele é o resultado de uma prática significativa, por meio da qual os objetos adquirirão sentido. Ou seja, estamos reconhecendo o carácter público e socio-histórico da representação que, estabelecendo uma interação com Berger e Luckmann (1996), Vygostky (1984; 1987; 1988; 1991), Oliveira (1992; 1997), Hall (1997), Fontana (2005), Meier e Garcia (2007) nos faz inferir que o homem possui uma natureza social, uma vez que nasce em um ambiente carregado de valores culturais que são simbolicamente compartilhados na ambiência da midiatização.

Portanto, na concepção desses autores tanto o conceito de objeto quanto o de sujeito passam a ser construídos através do sistema representacional dos signos. Por esse viés, o conceito de identidades dos sujeitos se inscreve, igualmente, por meio de uma dinâmica interacional. Como afirma França (2004, p. 12), a identidade é concebida como uma noção

móvel e multifacetada e que também se realiza na ordem das representações. Segundo ela “é preciso buscá-las nas práticas comunicativas, na arena móvel de enunciações”.

As arenas de enunciações, no contexto angolano, são constituídas pelos relatos dos atores sociais, como por exemplo, de Adilson Manuel em seu vídeo “Dailly vlog# 1”. Como já frisamos, o adolescente em um tom de famoso jornalista, coloca-se no rol das instituições de mídia canônica. Em meio a uma sociedade iminentemente corrupta, desigual e que aos poucos vem adotando uma política capitalista, inscreve tanto o seu discurso quanto a sua prática na sociedade de produção e consumo dos bens da indústria da cultura midiática, dizendo: “Ya, filmamos só para saber. De graça de graça foi adiado infelizmente por motivos técnicos. Mas, eh... fiquem atentos ao canal. Eu tenho que ir embora. Então, se gostaram deste vídeo e querem ver mais vezes, comentem aqui embaixo. Não se esqueçam de se escrever no canal. E sigam nas redes sociais que estão aí na descrição. Por agora é tudo. Fu, fu, fu, fu, fu. Fala que foste por mim! Laton: Fuiiiii”.

No mesmo sentido está o relato de um dos 80 adolescentes, retirado das discussões do Focus Group. Interrogado sobre porque ele tinha capturado as imagens com o seu smartphone, o adolescente responde: “Filmei este vídeo para colocar na minha página do Youtube, para compartilhar com os meus amigos do Facebook, Instagram e do Youtube; tenho um canal no Youtube onde eu posto os meus vídeos. Quero que o professor vá lá e curta o meu vídeo”.

Atendo-nos aos relatos dos adolescentes, percebemos dentre tantas significações discursivas uma tentativa de busca de reconhecimento na esfera sociopolítica e econômica do país e, por conseguinte, novas pistas abertas à diversas epistemologias. Portanto, sugere-nos a leitura de um outro lado que nos faz inferir, em volta a uma sociedade de consumo da cultura móvel, a incursão de algo novo comparável ao que ocorre nas lutas pela demarcação de um território simbólico, disputas pelos diferentes espaços de falas (LE MOS, 2008; 2009). Todavia, estas palavras na ambiência da midiatização não são antagônicas, nos espaços virtuais elas estão compostas de cumplicidades e cruzamentos.

Por estas duas angulações, tudo indica que por detrás dos relatos dos adolescentes há uma tentativa de construir a identidade nos espaços virtuais. Aqui, fazendo um rebusco ao conteúdo do institucional da Moviel: “Geração M”, em que o vídeo convida as novas gerações a fazer o autorretrato de si mesmas na ambiência do mundo digital. Esse convite autor retrátil, seria a busca do reconhecimento e identificação (CANCLINI, 1999; HALL, 2003) através do consumo da cultura midiática através dos dispositivos midiáticos (FERREIRA, 2007; BRAGA 2012): “Se és da Geração M - se não vives sem Facebook,

Instagram, Youtube e toda a internet - este é o plano para ti. O plano da Geração que vai ao leme”!

O uso dos DMs e consumo dos produtos e os serviços da internet nas plataformas Facebook, Instagram, Youtube invocam a existência de um processo de construção em redes comunicacionais (discursos e práticas). Nesse ambiente há a criação de uma identidade móvel e flutuante, que os adolescentes estabelecem em interação com a nova cultura através da convergência midiática (MCLUHAN, 1998; FIDLER, 1997; SILVA, 1998; MACQUIL, 2003; SANTAELLA, 2007; 2008; CARDOSO, 2009; CASTELLS, 2009; 2010; NICOLAU, 2010; JENKINS, 2008).

O processo da construção dessa nova identidade flutuante é imposto, aos adolescentes e a toda a sociedade, por meio de uma trilha sonora que perpassa por todos os campos e práticas sociais: “Eu sou da geração M, do Facebook, do Youtube, da internet”. “Eu sou da geração Smartphone, sou de uma geração que promete; eu sou da geração Instagram, da sociedade de informação; eu sou da geração que mexeu com o mundo na palma da mão; eu sou da geração sempre on, de a vida é vivida ao segundo; eu sou da geração que cresceu com Angola aberto ao mundo; eu sou da geração do futuro, aquela que vai além; eu sou da geração que vai longe; eu sou da geração M”.

Considerando a letra dessa música, parece que a identidade para além de ser móvel e flutuante também é volátil, está na mão e no mundo ao mesmo tempo, é completa e incompleta ao mesmo tempo. Torna-se interessante, nesse sentido, a preferência de Hall (2000, p. 112) ao situar o conceito de identidade como estratégico, posicional, representacional e por isso mesmo simbólico.

As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou “fixação” do sujeito ao fluxo do discurso [...]. Isto é, as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo”, sempre, que elas são representações.

Nesse caso passamos a conceber a representação como uma construção simbólica e intersubjetiva que pode auxiliar os sujeitos a compreenderem o contexto em que vivem. Na abordagem de Fausto Neto (2008) e Braga (2012), essa compreensão apenas se torna possível graças aos contratos e negociações que os sujeitos estabelecem com o mundo dos objetos, sejam eles subjetivos, intersubjetivos ou sociais através dos signos que os representam. Portanto, dependendo do contexto socio-histórico e cultural, pelo uso da linguagem e das

práticas discursivas (relatos e ações) midiática, eles podem construir as suas identidades e reafirmarem seus pertencimentos.

Ou seja, sob os holofotes da midiaticização, as identidades têm a ver com as questões da utilização dos recursos socio-históricos da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que somos, mas daquilo que “nos queremos tornar”. Isto equivale a perguntar sobre o “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2000, p.108) na ambiência dos fluxos midiáticos? As respostas a estas interrogações podem ofertar narrativas sobre os sentidos que conferimos ao mundo, a nossa inserção nele e o nosso lugar psíquico. Nesse sentido, os processos midiáticos podem constituir-se em narrativas simbólicas capazes de orientar as formulações subjetivas e intersubjetivas acerca das representações e identidades. ou usando metáforas elas convertem-se, como afirma França (2006, p. 43), em janelas para o mundo:

A janela mostra e esconde, incorpora o dentro e o fora. Ela entra e transforma nossa intimidade doméstica; ela abre para fora e nos dá acesso ao mundo exterior. Mas não é exatamente ‘o mundo’ que passa em frente de uma janela – é a rua, a hibridação confusa e perigosamente instável das ruas.

Os processos midiáticos obrigam-nos a tomar medidas cautelares, pois pelo que tudo indica os objetos em circulação não são em si realidades referenciadas. Elas são e envolvem elementos visuais, auditivos e verbalmente de construção simbólica e social. Ou seja, são frutos de “uma construção coletiva, uma corrente de pensamento contínuo [...] que retém do passado somente o que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”. (HALBWACHS, 1990, p. 81-82).

Nessa perspectiva, manter o que está vivo ou poder viver na consciência do grupo que a mantém, abre-nos uma luz no fim do túnel que nos faz lembrar as imagens que estão em circulação no inconsciente, dependendo dos contextos e dos lugares psíquicos<sup>1</sup> ocupados pelos sujeitos (atores sociais) (FREUD, 1901). Segundo o autor, os lugares psíquicos corresponderiam às três instâncias do aparelho psíquico: “o inconsciente, o pré-consciente e o consciente” que, sob o ponto de vista dinâmico, estão em constante conflito de forças de desejos inconscientes. Por um lado, elas lutam para ser manifestas emergindo no campo consciente. Por outro, existem forças que lutam contra, para a não satisfação desses desejos e

---

<sup>1</sup> Os lugares psíquicos perfazem as três instâncias do aparelho psíquico, construído e postulado por Freud na sua Primeira Tópica. Para ele estes lugares correspondem ao inconsciente, o pré-consciente e o consciente. As três instâncias, sob o ponto de vista dinâmico, encontram-se em constante conflito de forças de desejos inconscientes que querem ser manifestados e emergidos no campo consciente e contra -forças que operam para a não satisfação desses desejos, impedindo sua manifestação (recalcamento).

os mantêm recalçados no inconsciente. Nos anos posteriores, ao reformular a teoria do aparelho psíquico, Freud (1915) postula a Segunda Tópica, categorizando as três instâncias (lugares psíquicos) em Id, Ego e Superego.

Kusnezoff (1982), relendo as duas Tópicas postuladas por Freud chega à conclusão de que a Segunda Tópica não anula a Primeira. Mas percebe um território de atravessamentos, de embates e disputas indetermináveis e infindos, onde as instâncias Cs, Pcs e Ics, corresponderiam aos atributos e as qualidades; Ego passaria a integrar o consciente, pré-consciente e inconsciente; o superego assumiria a função de uma pequena parte pré-consciente, e o resto se constituiria o inconsciente; por sua vez, o Id ocuparia todo o inconsciente.

A leitura de Kusnezoff (1982), sob o ponto de vista dos dispositivos midiáticos, ofertamos uma possibilidade de percebermos na Segunda Tópica freudiana a postulação de um novo sistema, que dá ao aparelho psíquico um aspecto antropomórfico interacional. Em termos analógicos, a teoria do aparelho psíquico e os fenômenos sociais que envolvem a vida dos sujeitos, o novo sistema com as suas múltiplas afetações e disputas entre as três instâncias, podem constituir uma grande valia.

Na ambiência da mediação, o superego e o pré-consciente funcionariam como o dispositivo interacional “sádico”, orquestrador das disputas pela busca do reconhecimento nas esferas sociais e permitiriam o fluxo adiante. Assim, por meio da interpretação simbólica e representação social, os objetos corresponderiam às imagens (objetos/produtos) que, em circulação nas redes sociais, podem ser tomadas como marcos e indícios que permitem fazer uma leitura sobre o mundo onde os sujeitos estão mergulhados. Entretanto, como afirma Freire (1985), uma vez que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, não ignoramos a interpretação e representação desse mundo (os objetos/produtos).

Portanto, a construção do conhecimento sobre o fenômeno social surge epistemologicamente da percepção crítica, da recepção, da interpretação simbólica e da representação social e do compartilhamento da palavra (objeto/produto - produzido/consumido pelos indivíduos (atores sociais)). Isso vai ao encontro à afirmação de Nasio (1993, p.50), segundo a qual a interpretação e representação do inconsciente (objeto/produto) se revela em um ato que surpreende e ultrapassa a intenção daquele que fala, de modo que o sujeito diz mais do que pretende dizer e, ao dizer, revela a sua verdade. O “dizer mais” (simbolização/representação) produz e faz com que o inconsciente (objeto/produto) exista, e para que o ato existencial se efetive é necessária a presença de um

outro sujeito (interpretante) que o escute (BRAGA, 2012), o reconheça e o descodifique. Inferimos que este sujeito seja o pesquisador.

## 6.2 AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DA VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE NA CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA DE CENAS VIOLENTAS E AGRESSIVAS NA SOCIEDADE ANGOLANA

Este tópico convida-nos a fazer uma retomada dos nossos observáveis. Porém não para os descrever novamente, mas para usar metáfora e analogia para aprofundar aquilo que, nas interfaces e em tensões com pesquisadores das áreas de Comunicação Social, Psicologia, Sociologia, pode constituir a materialidade da construção de um “nós” epistemológico acerca da circulação midiática de agressividade em Angola. Para tanto, o foco aqui são as imagens, discursos e relatos dos atores sociais angolanos, tomados dos vídeos institucionais.

Contextualizando, estamos em plena noite de Sábado, dia de descanso e o fluxo de indivíduos em direção ao centro comercial no Belas Shopping em Talatona para compras e diversão. De súbito, os jovens entram em pancadaria na praça de alimentação no Belas Shopping. Segundo relatos de um jovem, que prefere não ser identificado, ele conta o que presenciou e viu:

*“Parecia ser uma luta de gangues gigantes de rapazes. Eh... eu não sei de concreto qual era a razão da luta. Só sei que foi um tumulto total”. Tinha senhoras grávidas, bebeis, os seguranças parecem 2 ou 3, não conseguiram apaziguar a situação. Eles estavam lá e tentavam mesmo. Mas só que eram insuficientes. As pessoas corriam de um lado para o outro. Algo inexplicável. Só visto mesmo; os causadores da confusão não foram identificados e não há relatos de pessoas feridas ou danos materiais; “a segurança tenta acalmar os ânimos. Mas sem qualquer resultado. Não consegue controlar a situação”.*

Focando o interior do vídeo percebemos, por um lado, que se ouvem gritos e assobios de adolescentes que nos remete ao espetáculo em uma sala de filme do shopping; uma dúzia de adolescentes com os seus smartphones, capturando imagens das pancadarias entre os adolescentes nos faz pensar em um estúdio de produção cinematográfica ao ar livre na praça de alimentação. Por outro lado, vemos mesas e cadeiras sendo arremessadas de um lado para o outro e pancadarias entre os adolescentes. Sem precedentes, instaura-se no local um cenário caótico, de extrema anomia, que foge ao controle de tudo e de todos. Os indivíduos (instituições oficiais e não oficiais) não conseguem medir as causas e efeitos. O vídeo foi produzido e posto em circulação por um autor desconhecido em sua página das redes sociais,



portanto no fluxo adiante (BRAGA, 2012). Depois o vídeo foi capturado por um jornalista da TVZIMBO e transformado em pauta do Jornal Nacional em Angola. Esse vídeo, converte-se em uma peça teatral de alta complexidade e de um cenário caótico que nos remete a três sociedades concomitantemente: a primeira a sociedade dos usos e apropriações das lógicas e gramáticas sociotécnicas, tecnológicas e discursivas defendida Ferreira (2007), Fausto Neto (2008), Rosa (2012), Braga (2011a) e Gomes (2017); em segundo, a sociedade de espetáculo de Debord (1997); e a terceira, a sociedade de anomia de Merton (1949) e aquela definida como “patologia social” por Durkheim, nas suas obras *Da Divisão do Trabalho Social* (1999) e *O Suicídio* (2000), como estado social caótico, desordenado. Trata-se, para o autor, de uma sociedade onde se afrouxa a coerção moral sobre os indivíduos, levando-os ao desregramento e à delinquência.

É, portanto, na interface das três sociedades que objetivamos desenvolver este tópico. Ademais, as cenas de agressividade e violência que circulam e que os indivíduos consomem nas redes sociais pelos DMs podem ser associadas aos produtos de consumo midiático.

Na visão de Jenkins (2009), o consumo dos produtos midiáticos, em uma interação mediada por regras confusas no tocante aos papéis e poderes dos indivíduos envolvidos, pode suscitar a cultura participativa. Isso equivale a dizer que nessa nova forma de consumir fica anulada ou excluída a antiga percepção de produtores e consumidores de mídia como indivíduos separados. Propõe-se aqui uma nova forma, que segundo Jenkins (2009, p.31) “alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros”. Encontramos na visão do autor uma pista emergente que suscita o conceito de agressividade e mutações complexas que podem ser simbólicas. Dessa forma, abordar questões que se prendem com os conteúdos violentos e agressivos que os adolescentes angolanos consomem nas redes sociais, torna-se uma problemática desafiadora, cuja tônica investigativa passa necessariamente pelos lugares psíquicos dos indivíduos envolvidos, e não no fenômeno em si.

No contexto da nossa pesquisa, o cenário do fenômeno de cenas de violência e agressividade é composto pelos adolescentes e jovens que entram em pancadarias no centro comercial no Belas Shopping de Talatona em Luanda, Angola. As imagens dos adolescentes com os DMs fazendo filmagens das cenas de violência e agressividade, a captura do vídeo e a postagem nas redes sociais de um jovem anônimo, remetem-nos à uma sociedade dos usos e apropriações das lógicas defendidas pelos pesquisadores da midiaticização. Porém, os desdobramentos dos desafios acirram-se ao aproximarmos-nos da zona cinzenta, onde o conceito de agressividade é associado aos fluxos mercadológicos ou dos bens de consumo

produzidos para as mídias sociais – lugar onde as cenas de agressividade passam ser consumidas social e midiaticamente.

Portanto, na interação com os pesquisadores já referenciados, temos como objetivo discutir aspectos gerais, sociais, e efeitos da agressividade. Segundo as teorias já mencionadas, a problemática da violência está presente na história desde as origens. A partir daí torna-se difícil definir o que seja violência, pois há constantes mutações no conceito devido às inúmeras contribuições a respeito dessa temática. Ou seja, foi justamente isso que percebemos no relato tanto do jovem que pediu anonimato em seu depoimento, quanto nas atitudes dos seguranças do Belas Shopping, perante as pancadarias entre os adolescentes na praça de alimentação. Portanto, podemos afirmar que através dos atos falhos, o sujeito possa atribuir suas ações à sua impotência, incapacidade, ou como ações derivadas de sua distração ou ocorridas por acaso. Freud demonstrou que os atos falhos possuem compromisso entre a intenção do sujeito e o que nele está recalcado. Sendo assim, o ato falho é um ato bem-sucedido ao nível do inconsciente, pois o desejo inconsciente realiza-se nele de uma forma clara e visível.

Nesse sentido, os atos falhos não só são necessários, mas, sobretudo instauram um processo todo aberto ao debate epistemológico. Por isso, mais do que adotar metodologias que nos permitem construir definições, saber as causas e os efeitos do conceito de agressividade, essa problemática obriga-nos a procurar técnicas e métodos que nos possibilite perceber as formas sobre o como os sujeitos são afetados pelos objetos no fluxo adiante; como eles são vistos pela sociedade e como se representam em suas práticas sociais dentro dessa sociedade.

### **6.2.1 Usos e apropriações das lógicas e gramáticas sociotécnicas, tecnológicas e midiáticas: metáforas de reprodução e compartilhamento da violência e da agressividade**

No decorrer do processo de observação e descrição dos indícios, constatamos entre os atores das instituições jornalísticas oficiais e entre aqueles do campo amador, o recurso em suas práticas sociais de produção de conteúdo com vídeos e o compartilhamento em redes sociais -Youtube.

Objetivamos aqui retomar os três movimentos observados nos 80 adolescentes, durante o processo da exibição dos vídeos. Em primeiro lugar queremos observar nos relatos dos adolescentes enunciados que possam funcionar como zonas de aproximação e

distanciamentos nas interfaces dos processos sociotécnicos, tecnológicos e midiáticos. Em segundo, vamos nos concentrar nas práticas e nos relatos dos adolescentes no que concerne aos usos dos DMs e ao compartilhamento em suas páginas nas redes sociais: “Eu filmei o vídeo com o meu celular”; “eu gosto deste tipo de vídeos por isso filmei para mais tarde assistir sozinho em casa”; “tenho um canal no Youtube onde eu posto os meus vídeos; coloco na minha página do Youtube e no Facebook para compartilhar com os meus amigos”.

O discurso dos adolescentes e as suas práticas de captura de cenas de violência e agressividade, sob a ótica das representações sociais, inscrevem estes adolescentes na esfera dos usos e apropriações das lógicas sociotécnicas e tecnológicas da indústria cultural, que tem como objetivo fundamental a expansão mercadológica da produção, circulação e consumo. Portanto, seus relatos e práticas podem ser considerados como signos de uma sociedade em interação na cultura da mobilidade (CARON; CARONIA, 2005; CASTELLSet *al.*, 2007; DOURSIH *et al.*, 2007), definida por Heidegger (1958) como algo inerente ao homem, correlata ao desejo de autor na sociedade dos fluxos.

Atribuímos a esses quatro conceitos a categoria de espaço crítico-normativo das relações de poder, de integração, de respeito e, sobretudo, de luta pelo reconhecimento (HONNETH, 2003) na sociedade atual. Seguindo os argumentos de Honneth (2009), através das suas práticas e produções, os indivíduos e os grupos sociais compartilham as suas subjetividades como forma de demarcarem os seus lugares de fala, bem como de firmarem as suas identidades. Isso fica claro nos relatos dos adolescentes: “Filmei este vídeo para colocar na minha página do Youtube, para compartilhar com os meus amigos do Facebook, Instagram e do Youtube. Tenho um canal no Youtube onde eu posto os meus vídeos. Quero que o professor vá lá e curta o meu vídeo”.

Nesse sentido, a cultura da mobilidade entrelaça questões tecnológicas, sociais, antropológicas e abre espaços para uma ressignificação do lugar onde ocorriam os fluxos comunicacionais anteriormente fechados, de contenção e de atração (MUMFORD, 1988). Em seguida, abre-se uma nova concepção que os aponta como lugares de circulação e de dispersão, de exterioridades, privacidade e indiferença, um lugar de “inquietação” (CAIAFA, 2007), de turbulência e de “choque cultural” (HARRIS; MORAN, 1979).

Considerando o vídeo “Jovens entram em pancadarias no Shopping”, é possível observar sem precedente a orquestração dos princípios fundamentais da cultura da mobilidade: a mobilidade de pessoas, objetos, tecnologias e informação. Em outros vídeos percebemos como a mobilidade em sua dimensão física (adolescentes envolvidos em pancadarias, em roubos e assaltos, em crimes e segurança de empresas participando em

roubos; mulher vendendo maconha; a presença de estrangeiros ilegais; policiais tentando conter as ondas de violência; artigos, materiais roubados e apreendidos pela polícia, as armas de fogo), e a dimensão informacional (constituído por discursos e relatos da Polícia Nacional, dos indivíduos envolvidos com o mundo da criminalidade e da sociedade em geral). No espaço virtual, essas duas dimensões não só geram em mim, enquanto pesquisador, e também nos adolescentes da amostra uma ambiência que pode ajudar na definição da política, da cultura, da sociabilidade, da subjetividade dos indivíduos angolanos ao tensionar os espaços privados e públicos, e ao mesmo tempo próximos e distantes, como diria Simmel (1988) ao associar a curiosidade e a apatia.

Em termos metafóricos poderíamos dizer que percebemos nos indícios (vídeos, práticas, discursos, relatos) uma comunicação que se estabelece numa dinâmica de compulsão social e a necessidade do isolamento. Ou seja, percebemos um movimento que mescla o pensamento de desterritorialização pela informação virtual e preservação das subjetividades.

Segundo Deleuze e Guattari (1980), o conceito de mobilidade encontraria aqui a sua ubiquação fundante. Por esse viés, comunicar passa a implicar um certo deslocar-se de um lugar para o outro. E o smartphone, configurado em DM, corresponderia à mídia que possibilita a interação do indivíduo com o “eu” do outro, com o espaço e o tempo simultaneamente. A comunicação não só implicaria movimento de informação, mas também o movimento das práticas sociais. Isto implica enveredar por uma dialética que associa ao mesmo tempo a saída de si, no diálogo com o “eu”, e do fluxo de mensagens carregadas por diversos suportes, dos quais destacamos o Youtube e Facebook. Esses suportes, na ambiência da mobilidade global e virtual, transformam-se em novos areópagos de violência, disputas de sentido e construção social ao ofertar possibilidades de movimentação de informações.

Observamos, também, nos indícios da cultura da mobilidade, pelos usos dos dispositivos midiáticos e pelas apropriações das lógicas e gramáticas da indústria da cultura midiática, se compreende o processo que, partindo da esfera da produção, passa pela esfera de consumo e reconhecimento e desemboca na esfera da sociabilização ou compartilhamento dos produtos. Desse modo, os dispositivos midiáticos podem aumentar a possibilidade de consumir, produzir e de fazer circular os produtos. Porém, contrariamente às representações coletivas fixas e imutáveis na sociedade da cultura da mobilidade, as instituições produzem mercadorias líquidas (BAUMAN, 2001) para o consumo dos indivíduos. Em outras palavras, vivemos na era da cultura do nomadismo (MAFFESOLI, 1997) que se constitui em redes de poderes, pessoas, objetos, tecnologias em permanente tensão e movimentos: híbridos, atores-rede, como propõe Latour (2005). Retomando a ideia do nomadismo, Jacques Attali (2003)

aponta para a cibercultura como um novo tipo de nomadismo chamado de “virtual”, cujos endereços primordiais não territoriais foram o e-mail e o número do celular, para mais tarde serem o GPS, notebooks e agora os smartphones. Deleuze e Guattari (1980) definem o nômade como aquele que passa pelos pontos, que busca o que está entre eles, visando às melhores condições de vida.

Na esteira desses autores, o contexto socio-histórico, técnico, tecnológico e cultural angolano, e considerando tanto os indícios quanto os relatos dos adolescentes da amostra, os dados recolhidos confirmam a hipótese de que os adolescentes angolanos se transformam em nômades virtuais que acabam disputando novos espaços territoriais, como ocorreu durante o conflito civil armado. Todavia, trata-se, por serem nômades virtuais, de disputar por territórios informacionais e lugares de conexões; embora nos indícios apareçam armas de fogo, na verdade o que buscam, produzem e compartilham está virtualmente na rede. Por isso, pelo uso dos DMs e a apropriação das técnicas eles capturam, editam, reproduzem e compartilham as imagens do vídeo sobre a violência no shopping, por exemplo.

Portanto, no espaço virtual, a noção do território de disputas e lutas pelo reconhecimento não é geográfico como durante a guerra civil, mas o espaço informacional, as zonas de contato e de conexões sem fio ao ciberespaço. Porém, uma vez que os interagentes são seres reais, os conceitos de memória e experiência subjetivas ancoram todas as disputas e lutas pelo reconhecimento nas interações sociais.

Ou seja, durante os usos dos dispositivos midiáticos e das apropriações das lógicas e gramáticas sociotécnicas e tecnológicas, a noção do lugar não perde sentido. Aliás, o processo comunicacional baliza-se pelos jogos territoriais. Outro relato digno de menção é do jovem Adilson Manuel em seu vídeo “Dailly vlog# 1”. O adolescente coloca-se no rol das instituições de mídia canônica, cujo objetivo é formar a opinião pública e informar a sociedade de uma forma barata e sem custo.

Os relatos desses adolescentes revelam-nos que a cultura da mobilidade se dá pela interface entre o espaço eletrônico e o espaço físico, chamado por Lemos (2008; 2009) de território informacional. As expressões “comentem em baixo”, “se escrevem no meu canal” e “sigam nas redes sociais”, são claras tentativas de territorializar o lugar de fala do adolescente no espaço virtual. Portanto, entre os embates e tensões territoriais, entre os fluxos interacionais (FAUSTO NETO, 2008) dos contextos socio-históricos, culturais, técnicos e tecnológicos, inserimos a nossa pesquisa, apoiados nos trabalhos de Castells *et al.* (2007), Katz (2002), Ling (2004), Caron e Caronia (2005), Nyíri (2005). Segundo estes, as TICs, nas sociedades atuais, ajudam a redefinir as relações sociais e os sentidos de lugar de fala de cada

sujeito ao atravessarem os diversos campos e práticas sociais, como observamos no vídeo sobre a “Movicel Geração M”. Esse vídeo configura-se como metáfora de uma geração de sujeitos midiáticos, conectados à internet 24 horas por dia, cujos desdobramentos perpassam todos os campos e práticas via dispositivos sociotécnicos, discursivos e interacionais. Portanto, as práticas sociais dos usos e apropriações das lógicas e gramáticas sociotécnicas e tecnológicas podem ser uma metáfora da reprodução, circulação e consumo de cenas violentas e agressivas entre os indivíduos e seus pares.

### **6.2.2 As metáforas de cenas de violência e agressividade na ambiência midiática**

Este tópico ancora-se em um dos três movimentos (reações) observados em alguns dos 80 adolescentes durante o processo da exibição dos disparadores (vídeos) das questões de debates dos Focus Group. Enquanto se ia desenrolado o enredo dos vídeos, cada vez que apareciam cenas de violência, observamos em alguns adolescentes que gesticulavam e insinuavam dar socos e chutes nas cadeiras, outros assobiavam e gritavam “isso mesmo”, “vai”, “dá-lhe”, “toma”. Essas expressões, associadas aos arremessos de mesas e cadeiras dos jovens em pancadaria na praça de alimentação no Belas Shopping, mais as expressões: “vídeos de lutas pesadas”; “gostei da porrada”; “são da hora”; “vão para a coleção”; “professor vá lá e curta o meu vídeo”; assim como o grupo de adolescentes que, silenciosamente, seguiam os movimentos dos atores e das cenas com os olhos, aproximam-nos do conceito de “ancoragem” de Moscovici (2003, p.71). Para o autor, ancorar é “classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nomes são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras”.

Todavia, em um processo tentativo e com uma leitura interpretativa por meio de associações de imagens do vídeo “Os jovens entram em pancadaria no Shopping” e as expressões desses adolescentes, podemos estabelecer um protocolo de leitura que inscreve ambos adolescentes, metaforicamente falando, à sociedade do espetáculo de Guy Debord (1997). Até porque, em apenas 30 segundos do vídeo, os adolescentes por meio de atitudes, gestos, gritos e falas, quase que espontaneamente, pareciam estar imersos em uma nave ou mundo espacial habitado por “máquinas inteligentes que proporcionam aos “teleinternautas” um espetáculo prazeroso; ao mesmo tempo perante máquinas que lhes mantêm reféns e hipnotizados ou sem reação, passando a impressão de impotência e de insaciabilidade.

Sob o ponto de vista do consumo de produtos audiovisuais, as expressões “são da hora” e “vão para a coleção”, sugerem-nos que na ambiência do consumo dos produtos

mediáticos, os consumidores, embora tenham a necessidades e desejo infinitos, eles se contrapõem às suas possibilidades finitas e limitadas de satisfazê-los, eles apenas consomem e guardam o que querem. Ademais, Christiane Gade (1998, p. 10), ao abordar sobre a teoria econômica do consumo explica que no “processo de escolha, o homem tende a maximizar o consumo, isto é, havendo um limite para seus desejos, procurará escolher dentro de suas possibilidades aquilo que lhe dê o máximo de prazer”.

O ato de escolher o que dá o máximo de prazer ao consumidor, no quadro de sociedades demarcadas pela cultura dos “fluxos” e pela “informação” (CASTELLS, 1996; 1997; 1998), acaba sendo crucial no universo audiovisual contemporâneo. À mercê da revolução digital, perpetrada pela exacerbação do mundo capitalista através da indústria cultural, faz com que os produtores sondem o mercado de consumo e dos consumidores. E para o efeito façam múltiplas ofertas. Em meio a tantas ofertas, os indivíduos acabam não sabendo distinguir quais os produtos a consumir, a não ser aqueles que a mídia lhes oferece e do que jeito que lhe os oferece.

Portanto, as expressões abstraídas dos relatos dos adolescentes: “estes são da hora” e “vão para a coleção”; “vou assisti-los mais tarde” e “vou compartilhar com os meus amigos”, são uma representação inconsciente da dinâmica e hegemonia do capitalismo global da “indústria da comunicação” através da “produção e distribuição de conteúdos” (HERMAN; MCCHESENEY, 1997, p. 69-70).

No contexto da sociedade angolana, esses conteúdos são transformados em “novos missionários do capitalismo corporativo”, na expressão crítica de Herman e McChesney (1997). Como tais, forçam os indivíduos a perseguirem uma estratégia de uma guerra industrial global que Morais (1998, p.72) descreve como:

a) ofensividade máxima na guerra industrial e mercadológica em qualquer hemisfério; b) centralização decisória e tecnoprodutiva, conglomeração setorial e desterritorialização das unidades de consumo; c) dispersão transcontinental dos negócios [...]; d) investimentos maciços em tecnologias digitais que estimulem a convergência [...]; e) acordos e joint ventures [...] inclusive com grupos regionais de mídia, visando à otimização comercial de programações, bens e serviços.

Por esse viés, em termos aforísticos, acreditamos que estas expressões também nos aproximam das categorias fundamentais do marxismo hegeliano de Lukács (1960) e Marx (1983), sobre a alienação, falsa consciência, reificação e fetichismo da mercadoria, forma-mercadoria, valor de troca, trabalho abstrato e caráter simbólico.

Porém, não presos às estruturas do determinismo econômico, objetivamos, a partir da esfera do mundo vivido, mas indo além, “analisar as fontes, às quais deve mais do parece à

primeira vista” (JAPPE; DEBORD, 1999, p. 17). e compreender de que forma as condições modernas de produção se anunciam como uma imensa acumulação do vivido que transforma a mercadoria em simulacros (BAUDRILLARD, 1981). Por sua vez, em meio aos simulacros criados pelo poder capitalista (MARX, 1983), Debord (1997, p. 13 -14) ao definir a vida da sociedade atual é da “produção de espetáculos”:

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação [...] O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.

Para todos os efeitos, acreditamos que os conceitos de simulacro e de espetáculo sejam de caráter fundamental para compreender circulação e as representações da agressividade na sociedade angolana contemporânea, pretensamente midiática. Por meio das TICs, as sociedades dos espetáculos transformam o mundo vivido em imagens que representam os indivíduos angolanos. Isso ocorre ao criar um mundo de imagens autonomizadas que escapam ao controle do homem ao permitir “o fluxo adiante” (BRAGA, 2012) e “o movimento autônomo do não-vivo”. (DEBORD, 1997, p. 8). Continuando, afirma que a vitrine da sociedade do espetáculo, sua face mais visível, seu monólogo ininterrupto e auto-elogioso, é composta pelo complexo sistema midiático. Este complexo sistema no contexto angolano, com o fim do conflito civil armado, à mercê da ambiência da midiática, impõe a toda a sociedade um modelo socialmente dominante, como uma afirmação onipresente da lógica da produção industrial e do consumo de massa, presença permanente das justificações do sistema do capitalismo econômico.

O sistema ocupa todo tempo livre do indivíduo, das mais variadas formas de produtos espetaculares: informação, lazer e compartilhamento das práticas sociais. Essas formas espetaculares de produzir os bens de consumo social, na visão de Debord (1997, p. 67), são baseadas na ilusória satisfação “que a mercadoria abundante, já não se possa dar no uso” e sim em signos abstratos de prestígios, atribuídos a ela pela publicidade dos produtos.

Nesse contexto, a partir de Sales (2004, p. 2) podemos concluir que a publicidade parece ter apreendido muito bem as lições do mundo platônico, onde tudo passa a ser constituído por cópias dos lugares e corpos do mundo inteligível, um mundo superior, ideal, das essências e da matemática.

É assim que os corpos enlouquecidos que povoam o mundo sensível ganham contornos e limites, recebem uma ordem. Esta distinção funda o que mais tarde acabaremos por conhecer como representação, uma vez que estas cópias mantêm-se



à imagem e semelhança de seus modelos (não são eles, mas são como eles, interiorizando uma semelhança com a identidade superior da Idéia), já que aceitaram ser-lhes conformes.

Na perspectiva Baudrillard (1981), como ocorre em todo o mundo, a publicidade, por meio de trocas simbólicas entre produtores e consumidores, vai introduzindo na sociedade angolana uma espécie de histeria da produção e da reprodução através de simulacros, de simulação e de inúmeras representações no âmbito social. Essa histeria torna difícil o processo de identificação tanto dos perfis dos produtores, quanto dos consumidores e da veracidade ou a qualidade dos produtos.

Portanto, em um período histórico, no qual as práticas dos simulacros na produção, circulação e consumo fazem coincidir todo o real com os modelos de simulações, e os produtos são produzidos com células miniaturizadas de modelos de comando, pelos usos e apropriação das lógicas de produção passam a ser reproduzidos e postos no fluxo adiante. Para Baudrillard (1981), a sociedade contemporânea enfrenta momentos históricos da negação do real e da verdade. Ou seja, estamos na era da simulação, que, segundo ele se inicia:

com uma liquidação de todos os referenciais – pior: com a sua ressurreição artificial nos sistemas de signos, material mais dútil que o sentido, na medida em que se oferece a todos os sistemas de equivalência, a todas as oposições binárias, a toda a álgebra combinatória. Já não se trata de imitação, nem de dobragem, nem mesmo de paródia. Trata-se de uma substituição no real dos signos do real, isto é, de uma operação de dissuasão de todo o processo real pelo seu duplo operatório, máquina sinalética metaestável, programática, impecável, que oferece todos os signos do real e lhes curto-circuita todas as peripécias. O real nunca mais terá oportunidade de se produzir – tal é a função vital do modelo num sistema de morte, ou antes de ressurreição antecipada que não deixa já qualquer hipótese ao próprio acontecimento da morte. Hiper-real, doravante ao abrigo do imaginário, não deixando lugar senão à recorrência orbital dos modelos e à geração simulada das diferenças. (BAUDRILLARD, 1981, p. 9).

Relendo este texto, percebemos uma cadeia interacional que aproxima a simulação de um modelo de realidade a ser explorado, modificado e tornado fantasmático que, dada a sua configuração, embora seja de difícil e complexa identificação, nos permite distinguir o que é real naquilo que é simulacro, definido por Baudrillard (1981, p. 13) como algo “nunca mais passível de ser trocado por real, mas trocando-se em si mesmo, num circuito ininterrupto cujas referência e circunstância se encontram em lado nenhum.”

Segundo Braga (2012, p. 40-41), na ambiência da midiaticização, os conceitos espetáculo e de simulação dos produtos (mercadorias) constituem o macro-ambiente das interações sociais. Isso nos faz intuir que o simulacro não seja algo fora da realidade ou que constitua uma outra realidade, mas algo que fazendo parte do real, e é justamente sendo uma

cópia do real, que ele deve o seu corpus existencial. Portanto, na medida em que as interfaces sociais entre produção e reprodução (produtor e consumidor) se desencadeiam crescentemente, será possível a percepção de um “modelo conversacional” que “se desloca” para um processo de “fluxo contínuo” e sempre adiante. “Nessas circunstâncias, já não é tão simples distinguir ‘pontos iniciais’ e ‘pontos de chegada’, produção e recepção como instâncias separadas” (BRAGA, 2012, p. 40-41), mas existe um corpus difuso e de alta cumplicidade.

Na ambiência midiática, os conceitos de simulação e de espetáculo passam a invadir a sociedade como “instrumentação que convém a seu automovimento total” (DEBORD, 1997, p. 24) ao induzir os indivíduos ao que Marx (1983) designou de alienação, ou seja, de não-participação. É também nesse sentido em que o conceito marxista de alienação possa nos ajudar na busca de compreensão do que seja a sociedade do espetáculo.

Para Debord (1997), o espetáculo aliena os indivíduos ao criar condições de uma degradação, que vai do “ser” pré-moderno ao “ter” capitalista, típico da modernidade, para chegar ao “parecer” do espetáculo. Essa evolução significa o empobrecimento da vida cotidiana (mundo vivido), fragmentado em esferas cada vez mais separadas. Tudo o que antes era visto, experimentado e vivido se afasta do consciente para o inconsciente de onde emergem, graças ao superego em forma de imagens, representações e símbolos.

Portanto, o conceito de espetáculo, sob o ponto de vista midiático, pode ser descrito como aquele momento em que, sob as lógicas do poder do capital econômico e também político, as vedetes exercem a função de viver e representar todos os aspectos importantes da vida dos quais os indivíduos reais estão separados, incapacitados de viver diretamente. Ou seja, o seu objetivo é tomar conta de todas as dimensões da vida social humana. Na ambiência midiática, o espetáculo, considerado como produto de consumo, passaria então a corresponder àquele momento em que a mercadoria midiática “chega à ocupação total da vida social”. (DEBORD 1997, p. 41). Os indivíduos sem a possibilidade de escolhas são forçados e consumir os produtos espetacularmente, como podemos observar nos adolescentes inertes perante as cenas de violência nos vídeos exibidos ou os seguranças perante as pancadarias na praça de alimentação.

Sob o ponto de vista sociológico, a sociedade do espetáculo seria a ausência do direito de escolhas que é negada às massas exploradas pela ditadura econômica. Esta ausência ou negação do direito à escolha, talvez possa engrossar o caldo, que Bourdieu (2003, p. 7-8) chama de violência simbólica. Segundo o autor, essa violência resulta no poder simbólico, e é entendida como uma violência que penetra em suas vítimas de modo “suave, insensível e

invisível”, que se exerce “pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”.

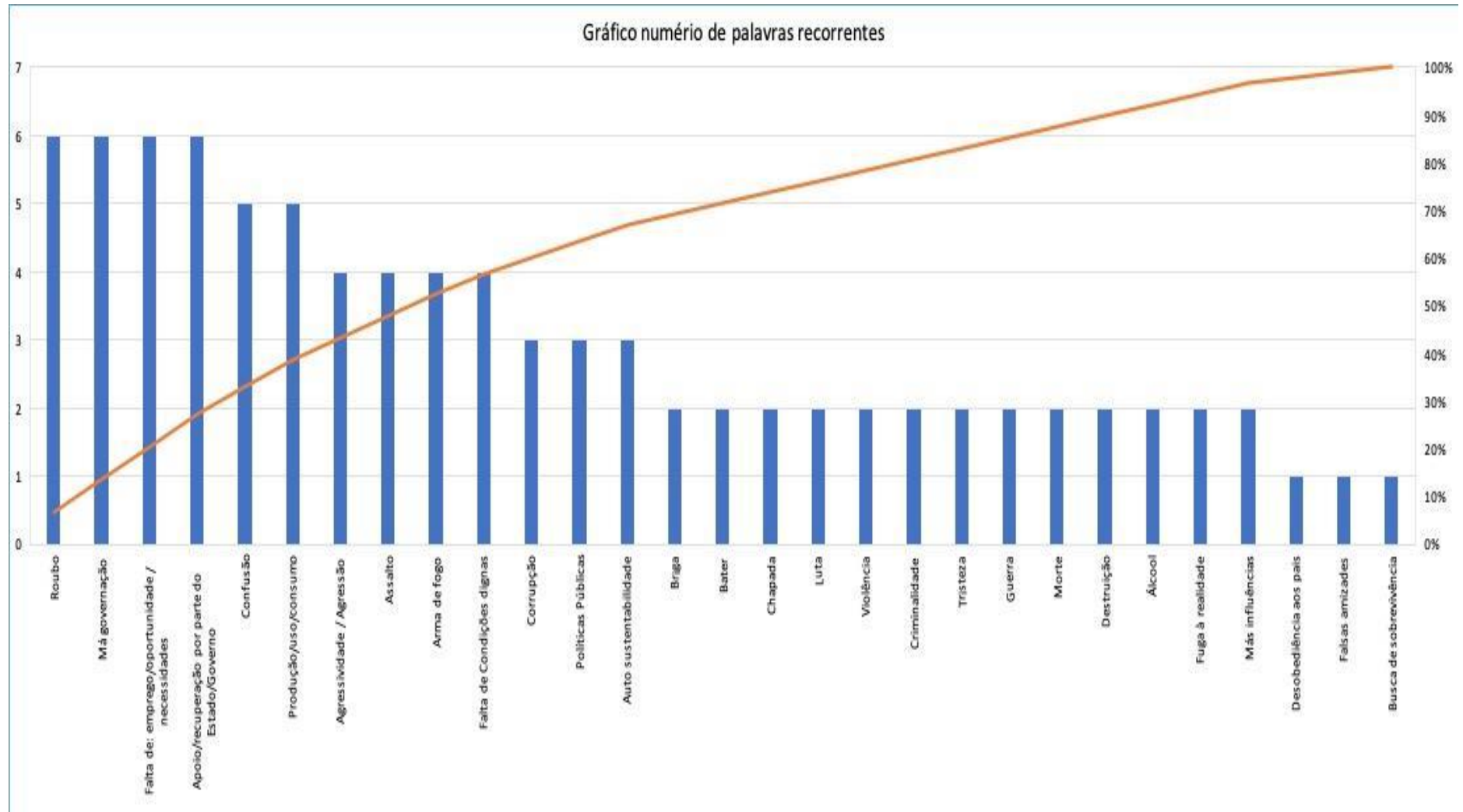
Portanto, nas circunstâncias de poder e dominação simbólica, a resistência parece tornar-se difícil, por ser para Bourdieu e Eagleton, (2007, p. 270) “algo que se absorve como o ar, algo pelo qual o sujeito não se sente pressionado; está em toda parte e em lugar nenhum, e é muito difícil escapar dela”. O espetáculo enquanto produto de poder simbólico apresenta a imagem imposta do bem que “concentra-se num único homem, que é a garantia de sua coesão totalitária”. E, na falta de mercadorias a consumir, consome-se a imagem do líder, num sentido aceitável para a exploração absoluta: “Se cada chinês deve aprender Mao, e assim ser Mao, é que ele não tem mais nada para ser”.

Por outro lado, ela baseia-se na violência física, como adverte Debord (1997, p. 64): “Lá onde domina o espetacular concentrado poderia também dominar a polícia”. O entendimento do autor pode ser considerado como metáforas, tanto da atuação dos adolescentes do primeiro vídeo envolvidos em pancadarias no Bela Shopping, quanto as operações empreendidas pela Polícia Nacional angolana nos dois vídeos seguintes. Porém, a ditadura do fluxo adiante faz com que a presença da polícia e o poder da segurança resulte em fracasso. É impossível localizar a origem e as causas, bem como prever as consequências e conter os embates e desdobramentos dos efeitos da agressividade no ambiente da sociedade de espetáculo. O que se pode fazer é apenas acionar estratégias que usem como métodos de investigação o uso das representações simbólicas. Eis que usando metáforas e analogias chegamos ao conceito simbólico de agressividade.

## **FINIS CORONAT OPUS: TÓPICO CONCLUSIVO**

A partir dos relatos dos adolescentes que participaram das discussões do Focus Group, com as palavras mais evidenciadas nos discursos sobre as cenas de violência, a agressividade é associada ao uso de armas de fogo, a mortes, ao tráfico de drogas, aos assaltos, imigração ilegal, a atuação da polícia e ao Governo angolano. Diante disso construímos o seguinte gráfico estatístico e percentual.

Gráfico 35 – Grupo numérico de palavras recorrentes



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em uma mirada epistemológica ensaística, considerando a estrutura deste gráfico e os dados aí inseridos, a primeira impressão que a pesquisa passa é de um desenho quantitativo, por conta do uso de dados matemáticos, como por exemplo, a contagem do número de vezes que uma determinada palavra aparece nos relatos dos adolescentes. Todavia, o uso desses dados não serve senão para ilustrar os passos dados e as evidências observadas, em vista da construção de parâmetros em termos qualitativos. Os dados qualitativos são que nos permitem categorizar as representações sociais dos adolescentes sobre a circulação do fenômeno da agressividade em Angola. Assim, olhando para o gráfico, haja visto que alguns destes adolescentes são filhos ou netos de pessoas que participaram da guerra civil em Angola, ou de militares e policiais, e agora estão em interação com a cultura midiática, emitindo um juízo temerário, julgamos estarmos perante uma problemática de contornos complexos e difusos que nos fazem incorrer em sérios riscos, como observamos durante o processo desta pesquisa.

Portanto, o nosso pronunciamento epistêmico configura-se em um processo tentativo apenas. Em uma mirada conjuntural e ao mesmo tempo estrutural, sob a perspectiva sociotécnica e tecnológica da circulação midiática, o gráfico afasta-nos do esquema tradicional do processo da comunicação (emissor e receptor / produtor e consumidor), portanto do duplo efeito, ou seja, do estímulo e resposta. Esses adolescentes não são e nem devem ser tratados como meros “receptores de percepções”, proposta por Pavlov (1960), Watson (1930) e de alguns cognitivistas contemporâneos (TURING, 1996).

No gráfico fica claro, os seus relatos dos adolescentes confirmam, o conhecimento que eles têm sobre a violência e a agressividade. Fazendo uma analogia dos relatos aos conteúdos dos vídeos: Megaoperação Policial, com o título introdutório: “O crime não compensa” e Jornal Nacional intitulado, Criminalidade. No caso do último vídeo, após o relatório do policial, o apresentador encerra o Jornal Nacional com a expressão: “A corporação garante que o combate à criminalidade vai continuar”. Esta expressão, se contextualizada, enquadra a ação policial dentro dos chavões populares do tempo da Guerra Civil em Angola, entre o MPLA e a UNITA, atribuída ao Dr. António Agostinho Neto<sup>1</sup> quando afirma: “A luta continua e a vitória é certa”. Todavia, embora a polícia tenha como propósito o combate à criminalidade que se manifesta em cenas de violência e agressividade, enquanto produto no fluxo midiático, e considerando a tessitura e compostura dos indivíduos envolvidos e as

---

<sup>1</sup> António Agostinho Neto (+1922 - 1979). Médico, escritor, político angolano e principal figura de Angola no século XX. Foi Presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola e em 1975 tornou-se o primeiro Presidente de Angola até 1979. Em 1975-1976 foi-lhe atribuído o Prémio Lenine da Paz.

respostas dos adolescentes, podemos afirmar que o problema da criminalidade que gera violência e agressividade em Angola é estrutural e social.

Na visão de Durkheim (2000) a criminalidade – que nos possibilita trocarmos esta palavra pelo conceito de anomia – faria parte da natureza humana ao desejar sempre mais. Para tanto, o homem seria naturalmente insaciável de desejos e ambições. E ao procurar a sua realização estaria invadindo o espaço do outro. Para esse autor, os patrões e aqueles que financeiramente são abastados estariam mais sujeitos à anomia do que os operários. Ou seja, os bens materiais ajudam a conter os desejos. Dando sequência à desregulação social, provoca as aspirações infinitas, ou seja, a desproporção entre os desejos e os recursos necessários para satisfazê-los. Isso ocorre nos momentos em que há uma ruptura violenta e repentina do equilíbrio social (crises econômicas ou brusco progresso financeiro), sendo que ultrapassada a crise, restabelece-se a normalidade, de modo que a criminalidade/anomia decorreria da ausência transitória de normas nesses períodos excepcionais.

Portanto, sob a perspectiva da produção, circulação e consumo dos produtos da indústria midiática, discursar sobre o conceito de anomia obriga-nos a convocar Haeyeck (2009). Este autor, refletindo sobre a violência, citando Marx (1983), levanta questões que nos permitem inferir que o conceito de anomia/violência seja fruto das relações expressas da circulação do capital econômico, pela luta de classes e pela exploração da mão de obra assalariada. Hegel entendia a violência como inerente ao ser humano, enquanto Nietzsche se concentrava no combate à injustiça, defendendo que a violência mantinha uma função de memória sobre os efeitos de ações proibidas pela sociedade. Porém, Merton (1949), por sua vez, partindo do postulado do determinismo sociológico, é do parecer de que a anomia seria induzida pela própria sociedade.

Assim, o estado de anomia verifica-se com maior vigor nos membros das classes menos favorecidas, como observamos nos jovens que entraram em pancadaria na praça de alimentação no Belas Shopping e nos dois vídeos de operação policial. Estamos, portanto, sustentando a ideia de que o desequilíbrio entre os meios econômicos e financeiros, os fins culturais e os meios legítimos socialmente para atingi-los são mais acentuadamente ilusórios, senão inexistentes nos indivíduos com poucos recursos financeiros e com deficiência educacional. Ou seja, por um lado, as aspirações antropológicas ilimitadas levam ao desregramento normativo e por estas angulações a anomia não estaria ligada à ausência de normas, dando maior ênfase à estrutura cultural devido às metas de sucesso, mas a uma luta pela busca do reconhecimento antropológico. Por outro lado, ela seria devida à pouca importância atribuída à licitude dos meios utilizados para as alcançar. Nesse caso estariam

perante o princípio maquiavélico onde o fim justifica os meios. O indivíduo não conseguindo satisfazer os seus desejos, devido a todo um sistema social que o impede, recorrerá a violência.

Dessa forma, relendo Merton (1949) e Durkheim (2000), é possível deflagrar um pressuposto, segundo o qual o processo de anomia seria desencadeado pela impossibilidade de se satisfazer as necessidades ou aspirações humanas, como por exemplo, os relatos dos adolescentes: “professor, filmei por que gosto de assistir este tipo de filmes” através de meios socialmente prescritos, no caso os DMs e as redes sociais. A ser o caso, em meio às práticas sociais de buscas de satisfações dos desejos subjetivos, a circulação da violência e ou de agressividade assumiria uma caracterização de “válvula de escape” nas práticas intersubjetivas. E, portanto, a sua ausência suscitaria uma crise cujos desdobramentos desembocariam naquilo que Freud (1996) chamou de “angústia social do desamparo”. Ele descreve essa angústia como o processo de pensamento que busca uma situação originalmente de satisfação.

Porém não passa de um estado de desejo recalcado, que ao ser ativado e, na ambiência da cultura midiática, reproduz a vivência de uma dor, que ao ser compartilhada nas redes sociais, apesar de originalmente ter sido individual, ela apresenta dimensões simbólicas, antropológica e sociais e neste caso, ela é parte integral das pulsões de vida e de morte freudianas. Sob o ponto de vista antropológico, as reações são entendidas como derivadas do choque cultural, acabando por desencadear ondas de violência, de agressão, de ira e de guerra ou combate, em vista a sobreviver na sociedade do capitalismo, embora possam causar danos físicos, morais e materiais. Já na dimensão sociológica, abre-se espaço para diferentes interpretações, devido a todo um sistema ou estrutura construído por diversas variáveis, associadas ao sistema político, econômico e social. Em suma, depois de tudo o que observamos nos relatos das entrevistas, o que descrevemos nos observáveis e nas discussões dos adolescentes que participaram do Focus Group, em tensionamento com as teorias de autores das áreas da Comunicação Social, da Psicologia, de Antropologia e da Sociologia, concluímos que:

- 1) Os dados confirmam as suspeitas levantadas durante o processo da pesquisa sobre as políticas públicas e privadas de integração social nas esferas de produção e consumo dos bens da indústria cultural midiática. Porém, em questões do acesso sociotécnico, tecnológico e digital, notamos a existência de um sistema bastante verticalizado que impõe barreiras, e cria uma ambiência que deixa a maior parte do público angolano fora da realidade digital e do consumo dos bens e produtos da indústria cultural midiática. Ou seja, o sonho de uma



“Geração M”, alta e sempre conectada a internet não passa de uma miragem na sociedade Angola.

2) Quanto à problemática da circulação da problemática da agressividade, os resultados também confirmam a complexidade no estudo dessa temática. No contexto angolano as variáveis são relatadas pelos adolescente como sendo: “má governação em Angola; a falta de oportunidade e apoio por parte do Governo/Estado; o desemprego; a corrupção estrutural; a falta de políticas públicas de apoio aos adolescentes e jovens; a falta de condições de vida digna (pobreza); a má qualidade de ensino no país”, conforme aparecem no Gráfico 35. Ou seja, na perspectiva da circulação midiática da violência e agressividade, os adolescentes que consomem os conteúdos com cenas de violência na internet (Youtube) através dos DMs, constituem o equilíbrio do comportamento dos angolanos em estado de choque interacional com a cultura midiática. Todavia, nos relatos e nas práticas, os adolescentes definiram as cenas, os comportamentos violentos e agressivos como sendo: agressões físicas (socos, chutes, bofetadas, pauladas, estaladas, mordidas, arranhaduras, machucados, queimaduras e puxões); agressões verbais (palavras humilhantes, pejorativas, vexatórias, xingamentos, críticas, sarcasmos, zombarias, ameaças para intimidar); e agressões emocionais (rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito e punições). E, quanto à especificidade de sexo, percebemos nos relatos dos adolescentes do sexo masculino um nível de agressividade maior do que em adolescentes do sexo feminino.

3) À luz da ambiência midiática, os dados também revelaram que considerando todo o contexto socio-histórico e cultural angolano, o fenômeno da agressividade não depende tanto das cenas de violência e agressividade em circulação na internet, mas depende de um conjunto de fatores. Esses fatores revestem o conceito de violência e agressividade de uma roupagem mercadológica. Assim, enquanto produto mercadológico, a violência e agressividade converte-se em um fenômeno social e simbólico que categorizamos e representamos em três partes: as condições (contextos, objetivos e definição do público consumidor). São elas que definem os mercados e as estratégias de produção e de consumo; as formas como os consumidores percebem e recebem os produtos em circulação, segundo os interesses, as qualidades e os valores que estes produtos despertam no público consumidor; e, as condições do poder econômico dos consumidores na luta pelo reconhecimento no mercado de consumo desses produtos. Mais do que falar de violência e agressividade como ocorreu durante o tempo da guerra civil, hoje esses conceitos sofrem mutações e ressignificações. Em outras palavras, na perspectiva dos fluxos mercadológicos do capital midiático, a circulação da violência e agressividade passa a surgir daquela zona onde as três esferas sofrem múltiplas

afetações, se entrecruzam e disputam o mesmo espaço de sobrevivência sem se despirem, no entanto, do contexto sociotécnico, tecnológico, histórico e cultural dos indivíduos. Ou seja, a circulação do fenômeno de agressividade, sob a perspectiva da Mídiação e dos Processos Sociais, depende dos lugares psíquicos dos sujeitos nas diferentes esferas sociais (produção e consumo);

4) Desde os ventos da globalização do mercado da cultura sociotécnica e tecnológica, percebe-se na sociedade angolana a instalação de um caos diretamente ligado ao esgotamento de um conjunto de instituições que não corresponde às necessidades de um convívio possível. Ou seja, avanços tecnológicos do mercado do capital midiático, embora tenha tornado a sociedade angolana espetacularmente, ela, porém criou um profundo hiato entre os angolanos. Esse hiato pode ser descrito como uma disritmia sistêmica, que nos leva a pensar nos desajustes e desequilíbrios sociais. Como podemos perceber, os fluxos econômicos tornam reféns e impotentes tanto o sistema governamental angolano quanto a sociedade civil. A sociedade angolana enfrenta um caos econômico idêntico ao que vivenciou durante anos da guerra, fruto de disputas interacionais entre as corporações transnacionais e os gigantes financeiros que operavam em escala mundial. Embora em novos ambientes, elas se intensificam os circuitos, e em mutações constantes estão contribuindo para outras configurações subjetivas e identitárias que acabam por estabelecer novos modos de ser e de existir no mundo em mediação;

5) A falta de letramento que permitem o estabelecimento de gramáticas de reconhecimento e as desigualdades sociais entre os atores sociais dificultam os protocolos, os contratos de leituras das lógicas e da luta pela busca de reconhecimento nas esferas sociais de consumo e de produção. Isso ficou evidente em todo o processo da pesquisa. A maioria dos adolescentes demonstrou em seus relatos e práticas o não domínio e a falta de competência, tanto das técnicas que utilizamos, como instrumentos de coletas de dados quanto dos usos e apropriações das lógicas e gramáticas dos DMs. Esses despreparos, estranhamentos, constrangimentos e inibições, portanto, e uso incorreto leva-nos a pensar no alto índice de analfabetismo presente em Angola. No âmbito da percepção e recepção dos fluxos dos conteúdos midiáticos, percebermos, ainda, nos relatos de certos adolescentes, uma falta de maturidade e do senso crítico em distinguir o real do virtual e ou fictício.

Enfim, depois de tudo o que observamos, percebemos e descrevemos, fazemos votos para essa pesquisa cientificamente tenha contribuído para uma compreensão do conceito de adolescência, uma etapa de vida marcada pelas instabilidades, crises e turbulências; caracterizada por intensa exploração e múltiplas oportunidades, que variam em função dos

diferentes contextos socio-históricos e culturais. Que na área social auxilie os profissionais da Comunicação Social, da Psicologia, e da Educação, configurando-se como uma alternativa sobre as mutações e os diferentes tipos de manifestações de agressividade entre os adolescentes na ambiência da mídiatização. E por último, que no campo comunitário possa desenvolver ações e saberes para a sociedade angolana através de palestras e treinamentos aos professores e aos pais, como também possibilitar a implementação de políticas públicas e sociais que estabeleçam interações entre os aspectos dos processos da construção da identidade.

REFERÊNCIAS<sup>132</sup>

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- ABREU, M. V. **Cinco ensaios sobre a motivação**. Coimbra: Almedina, 1998.
- ADORNO, T. L. W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ADORNO, T. L. W. **Mínima Moralía**: reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Ática, 1992.
- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Temas básicos em sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- AGAMBEN, G. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.
- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **História. a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.
- ALMADA, S. C.; COGLE, H. P. **Angola o percurso da Internet**: A nossa contribuição, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/31GF6wW>.
- ALMEIDA SANTOS, A. **Quase Memórias**: Da Descolonização de cada Território em Particular. Lisboa: Casa das Letras, 2006.
- ALMEIDA, J. F. *et al.* **Exclusão Social**: Factores e tipos de pobreza em Portugal, Oeiras: Celta Editora, 1994.
- ALVES, R. **Dogmatismo e Tolerância**. São Paulo: Loyola, 2004.
- AMARO, R. R. **A luta contra a pobreza e a exclusão social em Portugal**. Genebra: BIT – STEP, 2003.
- ANDRADE, C. T. S. **Para entender relações públicas**. 4ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- ANGOLA. IBEP: **Inquérito Integrado sobre o Bem-Estar da População – 2008/2009**. Luanda: INE, 2010.
- ATTALI, Jacques. **L’Homme nomade**. Paris: Fayard, 2003.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: 90o, 2005.
- AUGÉ, Marc. Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. In: MORAES, D. (Org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 99-117.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993.

---

<sup>132</sup>Todos os acessos aos materiais aconteceram entre agosto de 2016 a setembro de 2020.

- AUMONT, Jacques. A parte do dispositivo. *In*: AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1995. p. 135-195.
- BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- BAITELLO JÚNIOR, N. Comunicação, mídia e cultura. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 11-16, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/32uQkDP>.
- BAITELLO JÚNIOR, N. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. (1930). La structure de l'énoncé. *In*: TODOROV, T; BAKHTINE, M.: **Le principe dialogique**. Paris: Éditions du Seuil, 1981.p. 287-316.
- BALLADELI, Paolo. Esperança de vida aumentou para 61 anos. *In*: Jornal de Angola. [Angola], 24 set. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3gC5qwh>.
- BARBOSA, Suzana. Convergência jornalística em curso: as iniciativas para integração de redações no Brasil. *In*: RODRIGUES, Carla (Org.) **Jornalismo On-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio, 2009. p. 20-34.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BAUDRILLARD, J. **À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas**. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BAUDRILLARD, J. Banalidade mortífera. *In*: Folha de S. Paulo. [São Paulo], 10 jun. Caderno Mais!, 2001, p. 12-13. Disponível em: <https://bit.ly/32A9ubM>.
- BAUDRILLARD, J. **Para uma crítica da economia política do signo**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- BAUDRILLARD, J. **Power Inferno**. Porto Alegre. Sulina, 2003.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BAUMAN, Z. **Diálogos com Zygmunt Bauman**. Entrevista para a CPFL Cultura e o Seminário Fronteiras do Pensamento, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2CleXqg>.
- BAUMAN, Z. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BAUMAN, Z. **Globalização e as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p.19-20.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. RJ: Zahar, 2001.
- BECHKER, H. A. Observation by informants in institutional research. **Quality & Quantity**, v. 6, p. 157-169, 1972. Disponível em: <https://bit.ly/2FW2jTj>.
- BECK, U. **What is globalization?** Cambridge: Polity Press, 1999.
- BELEI, R. A. *et al.* O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de educação**, Pelotas, v. 30, p. 187-199, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/32r20HX>.

- BENTHAM, J. Panóptico: Memorial sobre um novo princípio para construir casas de inspeção e, principalmente, prisões. **Revista brasileira de história**, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 199-229, 1987.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BERKELEY, G. Tratado sobre os Princípios do Conhecimento Humano. *In: Os Pensadores*. 2 ed. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1980. p. 13-42.
- BERLO; D. K. **O processo da comunicação**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BERTÃO, A. Violência, agressividade e indisciplina em meio escolar: perdidos em busca do amor. **Psicologica**, Coimbra, 36, p. 149-162, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3lmzsrH>.
- BETHENCOURT, F.; CHANDHURI, K. **História da Expansão Portuguesa**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.
- BLOOR, M. *et al.* **Focus groups in social research**. London: Sage, 2001.
- BOCK, A. M. B. **A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica a naturalização da formação do ser humano**. A adolescência em questão, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/2FRKTXZ>.
- BOCK, A. M. B. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. *In: Bock, A. M. B; Gonçalves, M. G. G.; Furtado, O. (Org.). Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 15-35.
- BOCK, A. M. B. Formação do psicólogo: Um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 37-42, 1997. Disponível em: <https://bit.ly/3jiZHgR>.
- BOLAÑO, C. R. S. Economia política, globalização e comunicação. **Revista Novos Rumos**, São Paulo, v. 11, n. 25, p. 15-23, 1996. Disponível em: <https://bit.ly/3aY22e2>.
- BOOF, L. **A Trindade é a melhor comunidade**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BORSODORF, R. **A Newton Algorithm for the Nearest Correlation**. São Paulo: Matrix, 2007.
- BORTOLI NETO, A.; TEIXEIRA, H. J. Métodos de estudo do trabalho administrativo. **Revista de Administração da USP**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 53-58, 1984. Disponível em: <https://bit.ly/3aZUSG9>.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. *In: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. p. 59-73.
- BOURDIEU, P. **Choses dites**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.
- BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- BOURDIEU, P. **Méditations pascaliennes**. Paris: Seuil, 1997.

BOURDIEU, P. O ponto de vista do autor: algumas propriedades gerais dos campos de produção cultural. *In*: BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 243-316.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco zero, 1983.

BOURDIEU, P. **Sur la télévision, suivi de l'emprise du journalisme**. Paris, Liber, 1996.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, P.; EAGLETON, T. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. *In*: ŽIŽEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. p. 265-278.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

BRAGA, J. L. Aprender metodologia ensinando pesquisa. *In* MOURA, C.; LOPES, M. I. (Org.) **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 77-98.

BRAGA, J. L. Circuitos de Comunicação. *In*: BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina (Org.). **Matrizes Interacionais: A Comunicação Constrói a Sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 43-64.

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. *In*: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Org.). **Mediação e midiaticização**. Salvador: EDUFBA, 2012; Brasília: COMPÓS, 2012. p. 31-52. Disponível em: <https://bit.ly/32syJg2>.

BRAGA, J. L. **Como a sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006a.

BRAGA, J. L. Dispositivos Interacionais. *In*: Encontro Anual da Compós, 20., 2011a, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, 2011a. p. 1-15. Disponível em: <https://bit.ly/2HepIhA>.

BRAGA, J. L. La política de los internautas es producir circuitos. *In*: CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. (Org.) **Las políticas de los internautas**. Buenos Aires: Editora La Crujia, 2011b. p. 43-60.

BRAGA, J. L. Mediatização como processo interacional de referência. *In*: MÉDOLA, A. S.; ARAUJO, D. C.; BRUNO, F. (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Livro Compós 2007. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 141-167.

BRAGA, J. L. Sobre “mediatização” como processo interacional de referência. *In*: Encontro Nacional da Compós, 15., 2006b, Bauru. **Anais [...]**. Bauru: PPGCOM-UNESP/Compós, 2006b. p. 1- 16. Disponível em: <https://bit.ly/2Qp6toO>.

BRAGA, J. L. Um conhecimento aforístico. **Questões Transversais**, São Leopoldo, v. 1, série 2, p. 44-53, 2014.

BRAGA, José Luiz. “Sobre a conversação”. *In*: FAUSTO NETO, A., PORTO, S. D.; BRAGA, J. L. (Org.) **Brasil – Comunicação, Cultura e Política**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994, p. 289-308.

BRAGA, José Luiz. A Comunicação e o senso comum. **Revista Paulus**, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 27-46, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3lmAPGR>;

- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). **Resolução no 196, de 10 de outubro de 1996**. Disponível em: <https://bit.ly/32tuBMJ>.
- BRITO, E. S. N. C.; PIMENTEL, L. C. Fatores sociais e econômicos de gestantes adolescentes da UBS Nove de Julho. **Brazilian Journal of Health**, v. 2, n. 1, 2011, p. 15-26. Disponível em: <https://bit.ly/2YDUI2s>.
- BUHAUG, H.; GATES, S. The Geography of Civil War. **Journal of Peace Research**, v. 39, n. 4, p. 417-433, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/2EHZmFf>.
- BULMER, M. **Sociological research methods**. London: Macmillan, 1977.
- BUSTAMANTE, T. F.; BARRETO, I. F. As mídias sociais como ferramenta de novos negócios e de relacionamento com o cliente: Um estudo de caso com empresa de serviços de telecomunicações. **Revista ADM.MADE**, v. 17, n. 1, p. 60-79, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2uaQhML>.
- CABRAL, Amílcar. O papel da cultura na luta pela independência (1972). *In*: CABRAL, A.. **Nacionalismo e cultura**. Santiago de Compostela: Laiovento, 1999. p. 123-146.
- CAIAFA, Janice. **A aventura das cidades**. Ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- CANAVILHAS, M. Webjornalismo: considerações gerais sobre o jornalismo na web. *In*: FIDALGO, A.; SERRA, P. **Jornalismo Online**. Covilhã: Universidade Beira Interior, 2003. p. 63-74.
- CANCLINI, N. G. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- CANCLINI, N. G. **A Socialização da arte**. São Paulo. Cultrix, 1984.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005a.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CANCLINI, N. G. **Desafios da pobreza**, Oeiras: Celta Editora, 2005b.
- CANCLINI, N. G. Narrar o multiculturalismo. *In*: CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001, p. 143-160.
- CANO, D. S; SAMPAIO I. T. A. O método de observação na psicologia: Considerações sobre a produção científica. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 11, n. 2, p. 199-210, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3gwBrWQ>.
- CAPOCO, Zeferino, Ndulo. O nacionalismo e o estado: um estudo sobre a história política de angola (1961-1991). 2013. Tese (Doutoramento em Ciência Política e Relações Internacionais) – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream>.
- CAPUCHA, L. M. A. **Problemas da pobreza**: conceitos, contextos e modos de vida. 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural e Urbana) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, Portugal, 1992.
- CAPUCHA, Luís. **Desafios da Pobreza**. Oeiras: Celta Editora, 2005.



- CAPUCHA, Luís. Pobreza, Exclusão Social e Marginalidades. *In*: COSTA, A. F.; VIEGAS, J. M. (Org.). **Portugal, que Modernidade?** Oeiras: Celta Editora, 1998. p. 209-244.
- CARDOSO, C. J. **A socioconstrução do textoescrito**: uma perspectiva longitudinal. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- CARDOSO, G. Da comunicação de massa para a comunicação em rede. *In*: CARDOSO, Gustavo; CÁDIMA, F; CARDOSO, L. (Org.). **Media, redes e comunicação**. Lisboa: Quimera, 2009. p.15-54.
- CARDOSO, G. **Os Media na Sociedade em Rede**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
- CARDOSO, G.; CASTELLS, M. **A sociedade em rede**: do conhecimento à acção política. Imprensa Nacional - Casa da Moeda: Belém-Portugal, 2005.
- CARLON, Mario. **Sobre lo televisivo**. Dispositivos, discursos y sujetos. Tucuman: La Crujia, 1999.
- CARON, A.; CARONIA, L. **Culture mobile**. Montreal: Presses de l'Université de Montreal, 2005.
- CARVALHO, M. V. C. **Histórias de ser e fazer-se educador**: desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/2XYDPh3>.
- CARVALHO, P. **Exclusão social em Angola**: O caso dos deficientes físicos de Luanda. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, 2004.
- CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M. **Communication Power**. New York: Oxford University Press, 2009.
- CASTELLS, M. *et al.* **Mobile communications and society**. A Global Perspective. Cambridge: MIT Press, 2007.
- CASTELLS, M. **La sociedad de la información**: economía, sociedad y cultura. Madrid: Alianza, 1997-1998.
- CASTELLS, M. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. *In*: CASTELLS, M. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 21-84.
- CASTELLS, M. **The rise of the Network Society**: The information age: Economy, society and culture. Malden: Wiley-Blackwell, 2010.
- CASTELLS, Manuel. Fluxos, redes e identidades: uma teoria crítica da sociedade internacional. *In*: CASTELLS, M. *et al.* **Novas perspectivas críticas em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 3-32.
- CAZARIN, E. A. O silenciamento do “eu”, de “o Lula” e do “Presidente Lula”. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 52, p. 16-27, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/31vEEI0>.

- CERTEAU, M. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHARAUDEAU, P. As condições do discurso político: contratos e estratégias. *In*: CHARAUDEAU, P. **O discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 49-109.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discours d'information médiatique**. Paris: Ina-Nathan, 1997.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHIZZOTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.
- COELHO NETTO, J. T. **Introdução à teoria da informação estética**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- COHEN, R. **Developing essential literacy skills: a continuum of lessons for grades K-3**. Newark, Del.: IRA, 2008. p. 189.
- COLE, M.; COLE, S. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- COLL, C.; MAURI, T.; ONRUBIA, J. A incorporação das tecnologias da informação e da comunicação na educação: do projeto técnico-pedagógico às práticas de uso, 2010. *In*: COLL, C; MONEREO, C. (Eds.). **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 66-93.
- COLLIER, P.; HOFFLER, A. On the Incidence of Civil War in Africa. **Journal of Conflict Resolution**, v. 46, n. 1, p. 13-28, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3gzzmcw>.
- COMERFORD, M. G. **The peaceful face of Angola: Biography of a peace process (1991 to 2002)**. Windhoek: John Meinert Printing, 2005.
- CONCEIÇÃO NETO, M. Angola no Século XX (até 1974). *In*: ALEXANDRE, V. (Org.). **O Império Africano (séculos XIX e XX)**. Lisboa: Edições Colibri, 2000. p. 175-195.
- CONTRERA, Malena Segura. O Pânico na mídia: Violência – uma das manifestações do pânico. *In*: Congresso Nacional dos Programas de Comunicação do Brasil, 8., 1999, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. Disponível em: <https://bit.ly/34MmYDQ>.
- CORREIA, P. P. A descolonização. *In*: REIS, António (Coord.). **Portugal 20 anos de democracia**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. p. 213-215.
- CORSINI, C. F. É agressivo ou está agressivo? Eis a questão. *In*: SOARES, J. G. *et al.* **Causas atribuídas à agressividade pelos educadores: um estudo na Escola Municipal Brisa Nunes Braz**, 2004. p. 163-174. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br>.
- COSTA, Jorge Campos. Lógica e Linguagem Natural nas interfaces. *In*: COSTA, J. C.; PEREIRA, V. W. **Linguagem e cognição: relações interdisciplinares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 132-142.
- COULDRY, N.; HEPP, A. **The Mediated Construction of Reality**. London: Polity, 2017.

- COULON, A. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- COURT, D. C.; GORDON, J. W.; PERREY, J. Boosting returns on marketing investment. **The McKinsey Quarterly**, California, v. 2, p. 36-47, 2005. Disponível em: <https://mck.co/3gF1yut>.
- CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido**. São Paulo: Educ/Editora Brasiliense, 1996.
- CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- CURRAN, J.; GUREVITCH, M. **Mass media and society**. London; New York: Arnold, 1997.
- DAMASCENO, G. **La fede ortodoxa**. Roma: Città Nuova, 1998.
- DEBORD, G. *Internationale Situationniste (1958-1969)*. Paris: Champ Libre, 1975. Disponível em: <https://bit.ly/3jrJpCu>.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**; comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? *In*: DELEUZE, G. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161. Disponível em: <https://bit.ly/3b2S1MD>.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Anti-Oedipe**. Paris: Éditions de Minuit, 1972.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mille plateaux**. Capitalisme et Schizophrénie. Paris: Les Editions de Minuit, 1980.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Lisboa: Edições Asa, 1996.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa princípio científico e educativo**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- DERRIDA, Jacques. **Spectres de Marx: l'État de la Dette, le Travail du Deuil et la Nouvelle Internationale**. Paris: Galilée, 1993.
- DESCARTES, R. **Meditações**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- DEUZE, Mark. Media life. **Media, Culture & Society**, v. 33, n. 1, p. 137-148, 2012. Disponível em: <http://dare.uva.nl/document/2/164548>.
- DEUZE, Mark. O jornalismo, a vida na mídia e a sociedade empreendedora. Parágrafo: **Revista Parágrafo**, v. 2, n. 2, p. 4-22, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2Qs25p4>.
- DIMMICK, J. K. The gratification niches of personal e-mail and the telephone. **Communication Research**, v. 27, n. 2, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/2O7qjD4>.
- DOISE, W. L'ancrage dans les études sur les représentations sociales. **Bulletin de psychologie**, Paris, v. 45, n. 405, p. 189-195, 1992. Disponível em: <https://bit.ly/2EqJ6Jk>.
- DOMINGUES, Ivan. **Conhecimento e Transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; IEAT, 2001.
- DOROTÉIAS celebram 80 anos de presença em Angola. *In*: O Apostolado. [Luanda – Angola], 13 out 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3lpUPYX>.

- DOURSIH, Paul *et al.* Culture mobilities. Diversity and Agency in Urban Computing. USA. *In: Conference: Human-Computer Interaction - INTERACT 2007*, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/31DF1dm>.
- DUARTE, Fábio. **Crise das matrizes espaciais**: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.
- DUARTE, Fábio. Rastros de um rio urbano - cidade comunicada, cidade percebida. **Ambiente & Sociedade**, v.9, n. 2, p. 105–122, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3jkw6Ub>.
- DUARTE, P. R.; AIRES, L. Re-significação dos Líderes de Opinião pelo ambiente mediático. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 31., 2008, Natal. **Anais [...]**. Natal: UFRS, 2008. p. 1-15. Disponível em: <https://bit.ly/3lp1qTI>.
- DUPUIS, Jean-Pierre. Antropologia, cultura e organização: proposta de um modelo construtivista. *In: J. CHANLAT, Jean-François (Coord.). O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. São Paulo: Atlas, 1996, p. 231-251.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- EDWARDS, V. **Os sujeitos no universo da escola**. São Paulo: Ática, 1997.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- ESTEVES, J. P. **Espaço público e democracia**: comunicação, processos de sentido e identidades sociais. Lisboa: Colibri, 2003.
- FAUSTO NETO, A. A circulação além das bordas. *In: FAUSTO NETO, A.; VALDETTARO, S. (Org.). Mediatización, sociedad y sentido*. Rosário: Departamento de Ciencias de la Comunicación - UNR, 2010. p. 2-17. Disponível em: <https://bit.ly/2TUY2ou>.
- FAUSTO NETO, A. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? *In: BRAGA, J. L. et al. (Org.). Dez perguntas para a produção do conhecimento em comunicação*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2013. p. 43-64.
- FAUSTO NETO, A. Da convergência/divergência à interpenetração. *In: MIÉGE, Bernard et al. Operações de midiatização: das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo*. Santa Maria: FACOS UFSM, 2016. p. 53-80.
- FAUSTO NETO, A. Enunciação, auto-referencialidade e incompletude. **Revista Famecos**, São Paulo, v. 1, p. 27-35, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2O4qe39>. Data de acesso, 20 jan. 2018.
- FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma "analítica" da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, p. 89-105, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2FhzZs1>.
- FAUSTO NETO, A. Midiatização, prática social – prática de sentido. *In: Encontro anual da Compós*, 15., 2006a, Bauru. **Anais [...]**. Bauru: UNESP, 2006. p. 1-15. Disponível em: <https://bit.ly/2TiUNYB>.
- FAUSTO NETO, A. Mutações nos Discursos Jornalísticos: Da ‘construção da realidade’ a ‘realidade da construção’. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 29., 2006b, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: UnB, 2006b. p. 1-15. Disponível em: <https://bit.ly/3hBhP5b>.

FAUSTO NETO, A. Novas exigências de formação. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 149-159, 2009b. Disponível em: <https://bit.ly/2QtmI4n>.

FAUSTO NETO, A. Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação. *In*: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 18., 2009a, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2009a. p. 1-13. Disponível em: <https://bit.ly/3hBFOBc>.

FAUSTO NETO, Antônio. Discursos Periodísticos en el diván de los internautas. *In*: CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. **Las políticas de los internautas**. Buenos Aires: LA Crujía, 2012. p. 17-42.

FAUSTO NETO, Antônio. Transformações do Jornalismo na Sociedade em Vias de Mídia. *In*: FAUSTO NETO, A.; FERNANDES, J. D. C (Org.). **Interfaces Jornalísticas: ambientes, tecnologias e linguagens**. 1 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

FAXINA, E.; GOMES, P. G. **Midiatização: um novo modo de ser e viver em sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2016.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FÉRES-CARNEIRO, T.; ZIVIANI, C. Conjugalidades contemporâneas: Um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. *In*: Féres-Carneiro, T. (Org.). **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 83-107.

FERREIRA, Jairo. A construção de casos sobre a midiatização e a circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens. **Galaxia**, São Paulo, n. 33, p. 199-213, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3gwgTtX>.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? *In*: BRAGA, José L. *et al.* (Org.). **Dez perguntas para a produção do conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2016. p. 145-160.

FERREIRA, Jairo. Mídia e conhecimento: objetos em torno do conceito de dispositivo. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25., 2002, Salvador. **Anais [...]**. Salvador, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3hB0LvT>.

FERREIRA, Jairo. Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. **E-Compós**, Brasília, v. 10, p. 1-15, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2VF7uK4>.

FERREIRA, Jairo. O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, n. 27, p. 161-172, 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/33802>.

FERREIRA, Jairo. Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. **Libero**, (FACASPER), v. 1, p. 1-15, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2NM0xE5>.

FESHBACH, S.; SINGER, R. D. **Television and aggression**. San Francisco: Jossey Bass, 1971.

FIDLER, Roger. **Mediamorphosis: Understand new media**. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997.

- FISHER, S. E.; LAI, C. S. L.; HURST, J. A.; VARGHA-KHADEM, F.; MONACO, A. P. A forkhead-domain gene is mutated in a severe speech and language disorder. *Nature*, v. 413, 2001, p. 519-523. Disponível em: <https://bit.ly/2Eq5aUt>;
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FONTANA, R. A. C. **Mediação pedagógica na sala de aula**. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Lisboa: Relógio d'Água Editores. 1997.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 16 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FRANÇA, A. C. L. **Práticas de Recursos Humanos – PRH: conceitos, ferramentas e procedimentos**. São Paulo: Atlas, 2008.
- FRANÇA, V. Representações, mediações e práticas comunicativas. *In*: PEREIRA, M.; GOMES, R. C; FIGUEIREDO, V. L. F. (Org). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004.
- FRANÇA, V. Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. *In*: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. (Org). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 61-88.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Ed. Novaes Ltda., 1980.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra. 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Ed Paz e Terra, 1970.
- FREIRE, S. M.; CARVALHO, A. S. Mídia e violência: os labirintos da construção do consenso. *Textos e Contextos*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 151-164, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2F8X5Ql>.
- FREITAS, J. D. **Usos dos Mídia por Jovens Universitários de Angola: O caso da Província de Benguela**. 2017. Tese (Doutado em Ciências Sociais) – Universidade das Ciências Sociais e Humanas de Nova Lisboa, Nova Lisboa Portugal, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3hBMqj0>.

- FREUD, S. (1891) **Estudos sobre a Histeria**. A psicopatologia da vida cotidiana. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1901). **A psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1915). **O Inconsciente**. *In*: História do movimento Psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1933): **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1916-1917). Conferências introdutórias à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FROMM, Erich. **Ter ou Ser?** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- GALEGO, C.; GOMES, A. A. Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. **Revista Lusófona de Educação**, v. 5, p. 173-184, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/rle/n5/n5a10.pdf>.
- GALRÃO, Luís. Novas metas do sector apontam a 7 milhões de novos clientes até 2022. *In*: **Jornal Expansão**. [Angola], 13 ago 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3hzwAWc>.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1990.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história** [1986]. São Paulo: Companhia da Letras, 1989. p. 143-179.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <https://bit.ly/3b57vjp>.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://bit.ly/3gDcglN>.
- GÓES, M. C. A Natureza social do desenvolvimento psicológico. **Caderno Cedes**, Campinas, n. 24, p.21-28, 1991. Disponível em: <https://bit.ly/3baujhl>.
- GOFFMAN, E. “Footing”. *In*: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P. M. (Org.). RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística Interacional**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- GOMES, M. F. C. M. Habitação Questão Social - Análise do caso brasileiro. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 9, n. 194 (26), 2005. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-117.htm>.
- GOMES, Pedro Gilberto. **A Filosofia e a ética da comunicação na midiatização da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

GOMES, Pedro Gilberto. Como o processo de midiaticização (um novo modo de ser no mundo) afeta as relações sociais? *In*: BRAGA, J. L. *et al.* (Org.). **Dez perguntas para a produção do conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2013. p. 131-144.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiaticização**: um conceito em evolução. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2017.

GOMES, Pedro Gilberto. Midiaticização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 1-20, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2HomuZP>.

GOMIDE, P. I. C. Comportamento moral: Uma proposta para o desenvolvimento das virtudes. *In*: GOMIDE, P. I. C. (Org.). **Comportamento moral**: Uma proposta para o desenvolvimento das virtudes. Curitiba, PR: Juruá, 2010. p. 679-681.

GONÇALVES, José. **O descontínuo processo de desenvolvimento democrático em Angola**. Lisboa: Centro de Estudos Africanos, 2004.

GOUVEIA, L. M. B. **Sociedade da informação**: Notas de contribuição para uma definição operacional. 2004. Disponível em: <https://bit.ly/2UFfvPc>.

GOVERNO PORTUGUÊS - CONSELHO DA REVOLUÇÃO. **Lei 7/74 de 27 de julho**. Diário do Governo n.º 163, Série I, 1975. Disponível em: <https://bit.ly/2YGe7j6>.

GROSSMAN, E. La adolescencia cruzando los siglos. **Adolescencia Latinoamericana**, v. 1, n. 2, p. 68-74, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/3gzBcdl>.

GUARESCHI, P. A. **Mídia educação e cidadania**: tudo o que você deve saber sobre a mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GUERRA, Isabel. “Modos de vida: Novos percursos e novos conceitos”. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 13, p. 59-73, 1993. Disponível em: <https://bit.ly/32G17vd>.

GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/32t7i5G>.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública** (1962). RJ: Tempo Brasileiro, 1984.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa**: Racionalización social y nacionalización de la acción. Madrid: Taurus, 2003.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização** – do fim dos Territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?”. *In*: SILVA, T. T. S. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAMBURGER, E. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. *In*: SCHWARCZ, L. M (Org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 440-487.



- HARRIS, P. R. MORGAN, R. T. **Managing Cultural Differences**. Houston: Gulf Publishing Company, 1979.
- HASLBERGER, Arno. The complexities of expatriate adaptation. **Human Resource Management Review**, v. 15, n. 2, p. 160-180, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3gvVnJm>.
- HEGEL, G. W. F. Jenaer Schriften, 1801-07. Werke in 20 Bänden. Frankfurt: Suhrkamp, 1970. Disponível em: <https://bit.ly/2ENRodM>.
- HEIDEGGER, Martin. Bâtir habiter penser. In: MARTIN, H. **Essays et Conférences**, Paris: Gallimard, 1958. Disponível em: <https://bit.ly/2QB7Alr>.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1995
- HEINRICH, A. **Network Journalism**. Londres: Routledge, 2011.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HENNIG-THURAU, T. *et al.* The Impact of New Media on Customer Relationships. **Journal of Service Research**, v. 13, n. 3, p. 311-330, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2ue86ug>.
- HERINGER, B.; DÓRIA, M. A eficácia das redes sociais no marketing de relacionamento no varejo. **Revista de Administração da Fatea**, Lorena-SP, v. 5, n. 5, 2012, p. 91-108. Disponível em: <https://bit.ly/2TIdPrG>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- HERMAN, E. S.; McCHESENEY, R. W. **The global media: the new missionaries of corporate capitalism**. London; Washington, DC: Cassel, 1997.
- HETKOWSKI, T. M. Geotecnologia: como explorar educação cartográfica com as novas gerações? In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2FgVc5l>.
- HODGES, Tony. **Angola: Do Afro-Estalinismo ao Capitalismo Selvagem**. Cascais: Principia, 2003.
- HONNETH, A. **Luta por Reconhecimento**. A gramática moral dos conflitos sociais. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- HONNETH, A. Recognition or Redistribution? Changing Perspectives on the Moral Order of Society. **Theory, Culture and Society**, Thousand Oaks, v. 18, n. 2-3, p.43-55, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/2FWBnTt>.
- HONNETH, A. Integrity and disrespect: Principles of a conception of morality based on the theory of recognition. **Political Theory**, v. 20, n. 2, p.187-201, 1992. Disponível em: 10.1177/0090591792020002001.
- HONNETH, A. **The Fragmented World of Social**: Essays in Social and Political Philosophy. New York: New York State University, 1995b.
- HONNETH, Axel. **Das Recht der Gesellschaft**: Grundriß einer demokratischen Sittlichkeit. Berlin: Suhrkamp, 2011.
- HORKHEIMER, M. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**. São Paulo: Editora Abril, 1987.
- HUGO SILVA, B. **A tecnologia é uma estratégia**. Atas da II Conferência Internacional. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho, 2014. p. 839-859. Disponível em: <https://bit.ly/2YNMHI9>.

- HUME, David. **Investigações acerca do entendimento humano**. São Paulo: Abril Cultural: Os pensadores, 1999.
- IANNI, O. **A era do Globalismo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- INE – Instituto Nacional de Estatística. IBEP: **Inquérito integrado sobre o bem-estar da população 2008-2009**. Luanda: Instituto Nacional de Estatística, 2010.
- JACOB, E. K.; SHAW, D. Sociocognitive perspectives on representation. **Annual Review of Information Science and technology**, v. 33, p. 131-185, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/3hHQDl4>.
- JANNUZZI, P. M. **Indicadores sociais no Brasil: conceitos, fontes de dados e aplicações**. 6 ed. rev. e ampl. Campinas: Alínea, 2017.
- JAPPE, A. **Guy Debord**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **A Cultura da conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.
- JESUS SILVA, Maria Angélica de; FIGUEIREDO, Maria Gabriela de. **Doroteias em Angola 1943 – 1980**. Torres Novas, Portugal, Gráfica Almondina, 2010.
- JODELET, Denise. Connaître sans savoir et savoir prendre: un art populaire d'emprise sur la folie. In: GROSSEN, M.; PERRET-CLERMONT, A. N. (Eds). **L'espace thérapeutique**. Paris: Delachaux et Niestlé, 1992. p. 37-62.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17-44.
- JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: Jodelet, Denise. (Ed.). **Les représentations sociales**. Édition. Paris: Presses Universitaires de France, 1989. p. 31-61.
- JOSÉ, FILHO, Pe. M. Pesquisa: contornos no processo educativo. In: JOSÉ FILHO, Pe. M; DALBÉRIO, O. **Desafios da pesquisa**. Franca: UNESP - FHDSS, 2006. p.63-75.
- JOVCHELOVITCH, S. Re(des)coabrindo o outro. Para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais. In: ARRUDA, A. (Org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 69-82.
- JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: Guareschi, P. A; Jovchelovitch, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 63-85.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia e Sociedade**, Recife, v. 16, n. 2, p. 20-31, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/2JibsH4>.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 4 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1997.
- KAPLAN, A. M.; HAENLEIN, M. Users of the world, unite! The challenges and opportunities of social media. **Business Horizons**, 53, p. 59-68. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/1LxwC8t>.
- KARABABA, E.; GER, G. Early modern ottoman coffeehouse culture and the formation of the consumer subject. **Journal of Consumer Research**, v. 37, n. 5, p. 737-760, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2HpvnON2>.
- KATCHIPWI SAYLA, Bantu Mendonça. Mutações do dispositivo midiático no processo de circulação: o Laranjinha, um estudo de casa em Angola. In: Colóquio

- Semiótica das Mídias, 7., 2018, Japaratinga. **Anais [...]**. Japaratinga: Praia Hotel Albacora, 2018. p. 1-16. Disponível em: <https://bit.ly/2EGFfrB>.
- KATCHIPWI SAYLA, Bantu Mendonça. Reflexões Pedagógicas: diálogo e afeto enquanto motriz pedagógico. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Unisul, Tubarão-SC, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2THqifj>.
- KATZ, J.; AAKHUS, M. **Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance**. Cambridge: University Press, 2002.
- KELLNER, D. Cultura da Mídia e triunfo do espetáculo. *In*: MORAES, D. (Org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 4-15.
- KENSKI, V. M. Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: n. 8, p. 58-71, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/3gzI1LZ>.
- KILLIAN, G.; MCMANUS, K.. A marketing communications approach for the digital era: Managerial guidelines for social media integration. **Business Horizons**, v. 58, n. 5, p. 539-549, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2JFf6WV>.
- KIMMEL, D. C.; WEINER, I. B. **La adolescencia: una transición del desarrollo**. Barcelona: Ariel, 1998.
- KIRK, J.; MILLER, M. L. **Reliability and Validity of Qualitative Research**. Qualitative Research Methods series. Beverly Hills: Sage, 1986.
- KLEIN, Otávio. A gênese do conceito dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos. **Estudos de Comunicação**, Belo horizonte, n. 1, p. 215-231, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2TCBkSW>.
- KOBARG, A. P. R.; SACHETTI, V. A. R.; VIEIRA, M. L. Valores e crenças parentais: Reflexões teóricas. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São paulo, v. 16, n. 2, p. 96-102, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/31BUOcQ>.
- KOTLER, P.; KELLER, K. L. **Administração de Marketing**. 14 ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.
- KOTLER, Philip. **Administração de marketing**. 12 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2005.
- KRUEGER, R. A.; CASEY, M. A. **Focus groups: A practical guide for applied research**. 4 ed. Thousand Oaks; California: Sage, 2009.
- KRUMSVIK, R. J. Situated learning and teachers' digital competence. **Educ. Inf. Technol.**, v. 13, n. 4, p. 279-290, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2TQFxl7>.
- KUMAR, V. Evolution of marketing as discipline: What has happened and what to look out for? **Journal of Marketing**, v. 79, n. 188, p.1-9, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2ucfNS0>.
- KUSNETZOFF, Juan Carlos. **Introdução à Psicopatologia Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- LAKOFF, G. **Women, Fire, and Dangerous Things**. What Categories Reveal about the Mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANE, S. T. M. A dialética da subjetividade versus a objetividade. *In*: FURTADO, O.; Rey, F. G. (Org.). **Por uma epistemologia da subjetividade**: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 11-17.

LANE, S. T. M. Usos e abusos do conceito de representação social. *In*: Spink, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**. As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 58-72.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS J. B. (1982). **Vocabulário da psicanálise**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. *In*: SILVA, T. T. **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 35-86.

LASSWELL, Harold. The Structure and Function of Communication in Society. *In*: BRYSON, L. **The Communication of ideas**. Nova Iorque: Institute for Religious and Social Studies, 1948. p. 37-51

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social**. An Introduction to Actor-Network-Theory. Oxford:Oxford University Press, 2005.

LAUZ, G.; BORGES, J. Concepção de família por parte de crianças em situação de acolhimento institucional e por parte de profissionais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. 4, p. 852-867, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3luj8oE>.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 340.

LE BILLON, Philippe. Angola's Political Economy of War: The Role of Oil and Diamonds. **African Affairs**, v. 100, n. 398, p. 55–80, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/2G5b79v>.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 2000.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura** 1 ed. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LEI DE REVISÃO CONSTITUCIONAL DA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA. *In*: **Revista de informação legislativa**, Brasília, v. 29, n. 116, p. 347-368, 1992. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/176034>.

LEME, V.; DEL PRETTE, Z.; COIMBRA, S. Práticas educativas parentais e habilidades sociais de adolescentes de diferentes configurações familiares. **PSICO**, v. 44, n. 4, p. 560-570, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3b8HrEa>.

LEMOS, André. Anjos interativos e retribalização do mundo. Sobre interatividade e interfaces digitais. **Revista Tendências XXI**, Lisboa, Portugal, p. 1-12, 1997. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>.

LEMOS, André. Locative media in Brazil. *In*: W. I. **Journal of Mobile Media**. Montreal/Toronto: Summer, 2009.

LEMOS, André. Mobile Communication and New Sense of Places: a critique of spatialization in cyberculture. *In*: **Galáxia**, São Paulo, n. 18, dezembro, PUC-SP, 2008, p. 91-108. Disponível em: <https://bit.ly/31yNPRR>.

- LEONTIEF, Alexis. **O Desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizontes Universitários, 1979.
- LEOPOLD, Sedar Senghor. *Négritude et Civilization del Universel*, Editions du Seuil, Paris, 1974.
- LEVINSKY, D. **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34. 1999.
- LLEWELLYN, S.; NORTHCOTT, D. **The “singular view” in management case studies qualitative research in organizations and management**. An International Journal, v. 2, n. 3, 2007. p. 194-207
- LIMA, Fábila. Possíveis contribuições do paradigma relacional para o estudo da comunicação no contexto organizacional. *In*: OLIVEIRA, I. L.; SOARES, A. T. N. **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008. p. 109-127.
- LING, Rich. **The mobile connection**. The cell phones impact on society. San Francisco: CA, USA, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- LOPES NETO, Aramis A. Bullying - comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, supl 5, p. 164-172, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2EHYbG8>.
- LOPES, A. S. **Tecnologias da Comunicação**: Novas Domesticacões. Lisboa: Edições Colibri e Instituto Politécnico de Lisboa, 2011.
- LOPES, M. I. V. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1. p. 65-80, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/34GkbMh>.
- LOPES, Maria do Céu Baptista. **A Incidência do Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Desenvolvimento Local**. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Aplicadas ao Ambiente) – Universidade de Aveiro, Portugal, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/32DkGEe>.
- LOSS, Myron. **Choque Cultural**: Lidando com o estresse em um ambiente transcultural. Minas Gerais: Horizontes: 2005.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo (SP): EPU; 1986.
- LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

- LUKÁCS, Georg. **Histoire et conscience de classe**. Paris: Minuit. 1960.
- LYON, David. **Pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.
- LYON, David: **A sociedade da informação**. Oeiras: Celta Ed, 1992.
- MACHADO, André. Cabo submarino que ligará Brasil à África terá capacidade de 40 terabits por segundo. In: O Globo [São Paulo], 30 jan 2014. Disponível em: <https://glo.bo/3hCCVjn>.
- MACHADO, E. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.
- MACQUAIL, Dennis. **Teoria da comunicação de massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1997.
- MAGALHÃES, S.M. **Avaliação e Linguagem**: relatórios, laudos e pareceres. São Paulo: Veras; Lisboa: CPIHTS, 2003.
- MAHEIRIE, Kátia. **Agenor no mundo**: um estudo psicossocial da identidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.
- MALDAVSKY, David. **Teoria de las representaciones**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1977.
- MALDONADO, A. E. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, A. E.; BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. M. (Org.) **Perspectivas metodológicas em comunicação**: novos desafios na prática investigativa. 2 ed. Salamanca: Editorial Comunicación Social, 2013. p. 17-45.
- MANGOLD, W. G.; FAULDS, D. J. Social media: the new hybrid element of the promotion mix. **Journal of Business Horizons**, v. 52, n. 4, p. 357-365, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2JNT3hH>.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O escavador de silêncios**: formas de construir e desconstruir sentidos na comunicação. São Paulo: Paulus, 2004.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**: ciência e conhecimento científico; métodos científicos; teoria, hipóteses e variáveis; metodologia jurídica. 3 ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2000.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento, execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARQUES DE MELO, José. **Comunicação social**: teoria e pesquisa. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

- MARTÍN-BARBERO, José. **Tecnicidades, identidades, alteridades**: mudanças e opacidades da comunicação no novo século em Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- MARTINO, L. C. De qual comunicação estamos falando? *In*: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. **Teorias da comunicação**: escolas, conceitos e tendências. Petrópolis: Vozes, 2008. p.34-41
- MARTINO, L. M. S. O diálogo entre fatores políticos e epistemológicos na formação do campo da Comunicação no Brasil. **Revista Folios**, Antioquia, v. 28, 2012, p. 159-175. Disponível em: <https://bit.ly/3jjJ4BI>.
- MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil**. Revista de Contabilidade e Organizações, v. 2, n. 2, jan./abr., 2008. p. 9-18.
- MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural. 1983.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Fererbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Global, 1988.
- MATTELART, Armand. Os novos paradigmas da comunicação. **Líbero**, São Paulo, v. 3, n. 6, 2001.
- McCOMBS, M.; SHAW, D. **The emergence of American political issues**: The Agenda-Setting Function of the Press. St. Paul, Minnesota: West Publishing Co, 1977.
- MCLUHAN, M.; FIORE, Q. **O meio são as mensagens**. Rio de Janeiro: Record, 1969.
- MCLUHAN, Marshall. Cibernética e cultura humana. *In*: MCLUHAN, S.; STAINES, D. (Org.). Mcluhan por Mcluhan - conferências e entrevistas. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 75-86.
- MCLUHAN, Marshall. **O meio é a mensagem**: um inventário de efeitos. Rio de Janeiro: Imã Editorial, 2011.
- MCLUHAN, Marshall: **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- MCPARLAND, J. L.; FLOWERS, P. Nine lessons and recommendations from the conduct of focus group research in chronic pain samples. **British Journal of Health Psychology**, v. 17, p. 492- 504, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2YJ88Kn>.
- MEAD, G. H. **Espiritu, persona y sociedad**: desde el punto de vista del conductismo social. Barcelona: Paidós, 1982.
- MEDINA, C. A. **Entrevista**: O diálogo possível. São Paulo: Ática, 1995.
- MEIER, M.; GARCIA, S. **Mediação da aprendizagem**: contribuições de Feuerstein e de Vygotsky. Curitiba: Edição do Autor, 2007.
- MEIJER, G.; BIRMINGHAM, D. O passado e o presente em Angola. *In*: MEIJER, G. (Org.). **Da paz militar à justiça social?** O processo de paz angolano. Londres: Accord, 2004. p. 10-15. Disponível em: <https://bit.ly/3b330Wq>.

MELO, O.; MOTA, C. Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 4, p. 587-597, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3lrNg47>.

MENEZES, Solival. **Mamma Angola**: sociedade e economia de um país nascente. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. São Francisco (CA): Jossey-Bass, 1998.

MERTON, Robert K. **Teoria y Estructura Sociales**. México: FCE, 2004.

MESSIANT, C. As causas do fracasso de Bicesse e Lusaka: uma análise crítica. *In*: MEIJER, G. (Org.). **Da paz militar à justiça social? O processo de paz angolano**. Londres: Accord, 2004. p. 16-23. Disponível em: <https://bit.ly/31Bv5Bf>.

MEUNIER, Jean-Pierre. Dispositif et théories de la communication: deux concepts en rapport de codétermination. *In*: **Le Dispositif** - Entre usage et concept. Paris: CNRS Éditions, 1999. p. 83-91.

MEZZAROBBA, O.; MONTEIRO, C. S. **Manual de metodologia da pesquisa no direito**. São Paulo: Saraiva, 2003.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MIÈGE, Bernard. **Cours “les tic’s (ou ICT’s) entre innovation technique et encrege social”**. São Paulo: ECA-USP, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2JcwHtN>.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 9-29.

MINGORANCE, Solange. **Influências Hipertexto na Geração de Jornalismo Interpretativo na Internet: um estudo de caso dos jornais impresso e online o “Estado de S. Paulo”**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), São Paulo, 2002.

MINISTÉRIO do PLANEAMENTO de ANGOLA. **Estratégias de Combate a Pobreza: Reinserção Social, Reabilitação e Reconstrução e Estabilização Económica**, Luanda, 2005.

MITCHELL, K.; BRANIGAN, P. Using focus groups to evaluate health promotion interventions. **Health Education**, v. 100, n. 6, p. 261-268, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/2G1iejf>.

MJPLOP. Ministros da Justiça dos Países de Língua Oficial Portuguesa. Aumento de comportamentos agressivos entre adolescentes e jovens. *In*: **Conferência dos Ministros da Justiça dos Países de Língua Oficial Portuguesa**, 8., 2015, Lisboa. Disponível em: <https://bit.ly/2T9qhvs>.

MOHERDAUI, Luciana. **Guia de Estilo Web**: produção e edição de notícias on-line. 2 ed rev. e ampl. São Paulo: SENAC, 2002.

MOLOTCH, H.; LESTER, M. News as purposive behavior: On the strategic use of routine events, accidents, and scandals. **American Sociological review**, v. 39, n. 1, p. 118-137, 1974. Disponível em: <https://bit.ly/34H8oh1>.



- MORAES, D. **Planeta mídia**: tendências da comunicação na era global. Campo Grande: Letra Livre, 1998.
- MORAES, Maria Cândida. Da ontologia e epistemologia complexa à metodologia transdisciplinar. **Revista Terceiro Incluído**, Goiânia, v.5, n. 1, p. 1-19, 2015<sup>a</sup>. Disponível em: <https://bit.ly/3lswZfm>.
- MOREIRA, A. S. Cultura midiática e educação infantil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1203-1235, dezembro 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v24n85/a06v2485.pdf>.
- MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.
- MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research**. 2 ed. Thousand Oaks: California: Sage.1997.
- MORGAN, D. L. Focus group. **Annual Review Sociology**, v. 22, p. 129-152, 1996. Disponível em: <https://bit.ly/2EKqOSQ>.
- MORGAN, D. L. **Planning focus group**. Thousand Oaks: California: Sage, 1998.
- MORGAN, D. L. Reconsidering the role of interaction in analyzing and reporting focus groups. **Qualitative Health Research**, v. 20, n. 5, p. 718-722, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/31BxbB7>.
- MORGAN, D. L.; KRUEGER, R. A. When to Use Focus Groups and Why. *In*: D. L. Morgan (Ed.), **Successful Focus Groups**: Advancing the State of the Art. Newsbury Park, CA: Sage Publications, 1993. p. 3-9. Disponível em: <https://bit.ly/3hFc9ad>.
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX**: o espírito do tempo, neurose. São Paulo: Forense, 1967.
- MORIN, Edgar. **Le paradigme Perdu**: la nature humaine. Paris: Ed du Seuil, 1973.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- MOSCOVICI, Serge. **Psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- MOSCOVICI, Serge. Sobre a subjetividade social. *In*: Sá, C. P. (Org.). **Memória, imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 1996. p. 11-62.
- MOUILLAUD, M. A crítica do acontecimento. *In*: MOUILLAUD, M; PORTO, S.D. (orgs.). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Ed.UnB. 2002. p. 49-83.
- MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**. Suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- NASIO, J. D. O inconsciente. *In*: NASIO, J. D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 47-84
- NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- NKRUMAH, Kwame. *I Speak of Freedom, a Statement of an African Ideology*, London, 1961.

- NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.
- NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://bit.ly/34FRm5>.
- NUNES, Pedro. Hipermídia: diversidades sígnicas e reconfigurações no ciberespaço. *In*: NUNES, Pedro (Org.). **Mídias digitais & Interatividade**. João Pessoa: EDUFPB, 2009. p. 219-232.
- NYÍRI, Kristóf. **A sense of place**. The global and the local in mobile communication. Viena: Passagen Verlag, 2005.
- OBBERG, Kalervo. “**Culture Shock**”: Panel discussion at the Midwest regional meeting of the Institute of International Education. Chicago, 1954. Disponível em: <https://bit.ly/2F376hQ>.
- OHMAE, Kenichi. **O fim do Estado Nação: a ascensão das economias regionais**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1996.
- OLIVEIRA, A. S.; KNÖNER, S. F. **A construção do conceito de gênero: uma reflexão sob o prisma da psicologia**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia na Universidade Regional Blumenau (FURB), Blumenau, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3jjJA2C>.
- OLIVEIRA, J. S. “**Brasil mostra a tua cara**”: imagens da população brasileira nos censos demográficos de 1872 a 2000. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2003.
- OLIVEIRA, M. K. Desenvolvimento e aprendizado. *In*: OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997. p. 55-72.
- OLIVEIRA, M. k. **Teorias psicogenéticas em discussão**. 5 ed. São Paulo: Summus, 1992.
- ORLANDI, E. P. **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- OSTA, M. E.; VALE, D. **A violência nas escolas**: Instituto de Inovação Educacional. Lisboa: Portugal, 1998.
- PACHECO, F. Angola: Construindo a Cidadania num país em Reconstrução: A experiência da ADRA. *In*: Colóquio Internacional Paulo Freire, 5., 2005, Pernambuco. **Anais [...]**. Pernambuco: Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3b77iwd>.
- PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.
- PALACIOS, M. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o lugar da memória. *In*: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Org.). **Modelos do Jornalismo Digital**. Salvador: Editora Calandra, 2003. p. 3-17.

- PARSONS, Dick. **Gazeta Mercantil**. The Economist Group, Reino Unido, 18 de dezembro, 1998. In: MORAIS, Dênis de. **Os impérios de mídia no estágio da oligopolização**. Disponível em: <https://bit.ly/2YNdapl>.
- PATERSON, B. L.; BOTTORFF, J. L.; HEWAT, R. Blending observational methods: possibilities, strategies and challenges. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 2, n. 1, p. 29-38, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/2Et5XUC>.
- PATERSON, B. L.; BOTTORFF, J. L.; HEWAT, R. Blending observational methods: possibilities, strategies and challenges. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 2, n. 1, 2003, p. 29-38. Disponível em: <https://bit.ly/3lzFzJt>.
- PAVLOV, I. P. **Conditioned Reflexes**. New York: Trabalho original publicado em 1927. Dover Publications. 1960.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. 3 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- PEDERSEN, P. **The five stages of culture shock: critical incidents around the world**. United States of America: Greenwood Publishing Group, Inc., 1995. Disponível em: <http://books.google.com.br/>.
- PEIRCE, C. S. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Cambridge: Harvard University Press, 1958.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PÉLISSIER, RENÈ. **História das Campanhas de Angola**. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.
- PENTEADO, H. D. **Televisão e escola: Conflito ou cooperação?** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- PERAYA, Daniel. Médiation et médiatisation: le campus virtuel. **Hermes, Cognition, Communication, Politique**, Paris, v. 25, p. 153-167, 1999. Disponível em: <https://bit.ly/3gJyimI>.
- PEREIRA, N *et al.* Expatriação e estratégia internacional: o papel da família como fator de equilíbrio na adaptação do expatriado. **Rev. adm. Contemp**, v. 9, n. 4, p. 53-71, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3lrtyWp>.
- PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. São Paulo: Abril, 1983.
- PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.
- PIAGET, Jean. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jon, 1977.
- PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos da psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- PIEDEDE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. 2 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.
- PINHEIRO, E. M.; KAKEHASHI, T. Y.; ANGELO, M. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 5, p. 717- 722, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/31CDJQ4>.

PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Caderno Cedes**, Campinas-SP: n. 24, p.32-42, 1991. Disponível em: <https://bit.ly/2EDybMj>.

PIRES A. P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Editora Vozes; 2008. p. 154-211.

PISANI, F.; PIOTET, D. **Como a web transforma o mundo: a alquimia das muldidades**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

PNUD-ANGOLA. **Os desafios pós-guerra**. Luanda: Nações Unidas, 2002.

PNUD-ANGOLA. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Relatório do desenvolvimento humano**. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2YGRcV5>.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://bit.ly/3lnK9dH>.

POOL, I. S. **Tecnologías sin fronteras de las telecomunicaciones en la época de la globalización**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: EdUSP, 1975.

POPPER, K. R. **Los dos problemas fundamentales de la Epistemología: basado em manuscritos de los años 1930-1933**. Madrid: Editorial Tecnos, 2007.

PORTUGAL, Silvia. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. **Oficina do CES**, v. 271, p.1-35, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2sW9DmD>.

POSTER, Mark. **A segunda era dos média**. Oeiras; Portugal: Celta. 2000.

POZZA, I. D. Multichannel management gets “social”. **European Journal of Marketing**, v. 48, n. 7/8, p. 1274-1295, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2TLw27T>.

PRADO, Luiz Regis. **Comentários ao Código Penal**. São Paulo: Revista do Tribunais, 2007.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PUTNAM, Robert. The prosperous community: social capital and public life. **The American Prospect**, v. 13, 1993. Disponível em: <http://epn.org/prospect/13/13putn.html>.

QUADROS, Paulo da Silva. Ciberespaço e violência simbólica. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 21, p. 54-60, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/2JgHda8>.

QUERE, Louis. **D’un modele epistemologique de la communication a un modele Praxeologique**. Paris: Réseaux, CNTE, 1991.

QUIROGA, Susana Estela. **Adolescencia: Del goce orgánico al hallazgo de objeto**. Argentina: Eudeba, 2007.

RAMIREZ, F. C. **Condutas agressivas na idade escolar**. Amadora: McGraw Hill, 2001.

RECUERO, Raquel. **A Conversação em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

- REGO, T. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- REIS, Michele. Theorizing Diaspora: Perspectives on “Classical” and “Contemporary” Diaspora. **International Migration**, Oxford, Main Street Malden, v. 42, n. 2, p. 41-54, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/2u9ue99>.
- REY, Fernando González. **O Social na Psicologia e a Psicologia no Social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- REYNA, C. P. **Vídeo e pesquisa antropológica**: encontros e desencontros. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>.
- RHEINGOLD, Howard. **La Comunidade Virtual**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1996.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. 10 ed. Rio de Janeiro: Scipione, 1997
- ROCHBERG-HALTON. **Maining and modernity**: social theory and the pragmatic attitude. Chicago: University of Chicago Press. 1986.
- RODRIGUES, A. D. **A partitura invisível**: para uma abordagem interativa da linguagem. Lisboa: Colibri, 2001.
- RODRIGUES, A. D. **Comunicação e Cultura**. A experiência cultural na era da informação. Lisboa: Editorial Presença, 1999.
- RODRIGUES, A. D. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1997.
- RODRIGUES, A. D. **Estratégias da Comunicação**. Questão Comunicacional e Formas de Sociabilidade. Lisboa: Presença, 1990.
- RODRIGUES, A. D. **O discurso mediático**. Lisboa: mimeo, 1996.
- RODRIGUES, A. D. O dispositivo da enunciação. *In*: RODRIGUES, A. D. **Comunicação e Cultura**: A experiência cultural na era da informação. Lisboa: Presença, 1994. p. 141-156.
- RODRIGUES, A. D. **Para uma genealogia do discurso da globalização da experiência**. Universidade Nova de Lisboa, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/2JffHmX>.
- RODRIGUES, M.S.P; LEOPARDI, M.T. O método de análise de conteúdo: uma versão para enfermeiros. Fortaleza (CE): Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura; 1999.
- RODRIGUES, V. S. *et al.* Assessing the application of focus group as a method for collecting data in logistics. **International Journal of Logistics Research and Applications**, v. 13, n. 1, p. 75-94, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2QARhFj>.
- RODRÍGUEZ ILLERA, José L. Conferência: como as comunidades virtuais de prática e de aprendizagem podem transformar a nossa concepção de educação. **Sísifo. Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, n. 3, p. 117-124, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2HohdRZ>.
- ROSA, Ana Paula. **Imagens-Totens**: a fixação de símbolos nos processos de mediação. 2012. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Unisinos, São Leopoldo, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2GZI5aA>.

- ROSSI, Felipe. **As Mídias Sociais: Um Estudo Comparativo de Casos sobre a Utilização do Facebook nas Empresas**. Capivari, SP: FACECAP, 2012.
- ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. 2 ed., São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 215-320.
- RUBIM, A. A. C. **Comunicação e Política**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- RUBIM, A. A. C. **Mídia e política no Brasil**. João Pessoa: Ed Universitária UFPB, 1999.
- RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- RUÓTULO, A. D. C. F. Tipologia dos telespectadores do ABC Paulista. **Comunicação e Sociedade**, São Paulo: n. 20, p. 61-71, 1993. Disponível em: <https://bit.ly/34FYR9I>.
- RUSSELL, A. **Networked: a contemporary history of news in transition**. Cambridge: Polity Press, 2011.
- SAGOE, D. Precincts and prospects in the use of focus groups in social and behavioural science research. **The Qualitative Report**, v. 17, p. 1-16, 2012. Disponível em <http://www.nova.edu.ssss/QR/QR17/sagoe.pdf>.
- SALES, A. C. O Problema do Simulacro: A Leitura de Gilles Deleuze. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/2YJMgP9>.
- SAMUELSON, P. A.; NORDHAUS, W. D. **Economia**. 12 ed. Lisboa: McGraw Hill, 1988.
- SANTAELA, Lúcia. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.
- SANTAELA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- SANTAELA, Lúcia. O impacto das novas mídias sobre a cultura. *In*: VILLARES, FÁBIO (Org.), 2008. **Novas mídias digitais (audiovisual, games e música): Impactos políticos, econômicos e sociais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. p.17-52.
- SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humanismo. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 20, n. 22, p. 23-32, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/32sJ2As>.
- SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 8 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- SANTOS, José Eduardo dos. A Negritude e a Luta pelas Independências na África Portuguesa. Editorial Minerva, Lisboa, 1975.
- SANTOS, José. Eduardo dos. Discurso sobre os problemas de Angola. **Revista Tribuna Diplomática**, Embaixada de Angola no Brasil, v. 1, n. 2, p. 159-179, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/2QyJxUe>.
- SANTOS, José L. **O que é Cultura**. 14 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

- SANTOS, Y. G.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 3, p. 572-582, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2YJHVvd>.
- SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SARTRE, Jean Paul. Questão de Método. *In*: SARTRE, Jean Paul. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 112-125.
- SATO, Silvio Koiti. Mobilidade, Comunicação e Consumo: Expressões da telefonia celular em Angola, Brasil e Portugal. 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/31H0xOF>.
- SCHAFF, A. **A Sociedade Informática**: as conseqüências sociais na segunda revolução industrial. 4 ed. São Paulo: Editora da UNESP: Brasiliense, 1995.
- SCHAFF, A. **O Marxismo e o indivíduo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- SCOTT, Joan. História das mulheres. *In*: BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo, Unesp, 1992. p.64-65.
- SECCO, Lincoln. **A Revolução dos Cravos e a crise do império colonial português**: economias, espaços e tomadas de consciência. São Paulo: Alameda. 2004.
- SETON, M. G. **Mídias e Educação**. São Paulo: Contexto, 2010.
- SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SFEZ, L. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Loyola. 1994.
- SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SILVA, Bento. **Educação e Comunicação**. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 1998.
- SILVA, Rafael. Arte e reconciliação em Herbert Marcuse. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 29-48, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2W3IV13>.
- SILVERSTONE, R.; HIRSCH, E. **Los Efectos de la Nueva Comunicación**. El consumo de la moderna tecnología en el hogar y en la familia. Barcelona: Bosch Comunicacion, 1996.
- SILVERSTONE, Roger. Domesticando a domesticação. Reflexões sobre a vida de um conceito. **Media & Jornalismo**, v. 16, p. 31-38, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/31EgJAa>.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.
- SIMMEL, Georg. **La tragédie de la culture**. Paris: Rivage poche, 1988.
- SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006
- SIMONSEN, M. H.; CYSNE, R. P. **Macroeconomia**. São Paulo: Atlas, 2000.
- SIRGADO, A. P. O. Social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação e Sociedade**: Campinas, SP, v. 21, n. 71, pp.45-78. jul. 2000. Disponível em: <https://bit.ly/2Y5VenI>.

- SMITH, A. **The Social Media Handbook for PR**. New Jersey: Wiley Online Library, 2012.
- SODRÉ, Muniz. (2013). Um novo sistema de inteligibilidade. **Questões Transversais**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 63-76, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/31D2ziM>.
- SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. Por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. *In*: MORAES, D. (Org). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 19-31.
- SODRÉ, Muniz. **Jogos extremos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SODRÉ, Muniz. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Organização de Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, Consolidação, 2011.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996
- SOMMER, B; SOMMER, R. **A practical guide to behavioral research: toos and techniques**. New York: Oxford University Press, 2002.
- SOUSA, Jorge Pedro. Elementos da teoria e pesquisa das comunicaçãoe dos media. 2 ed. Porto: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2EDhqRt>.
- SPATA, Andréa. **Métodos de Pesquisa, ciências do comportamento e diversidade humana**. Rio de Janeiro: LTC, 2005.
- SPÍNOLA, A. **Portugal e o Futuro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.
- SPRINTHALL, N. A.; COLLINS, W. A. **Psicologia do adolescente**: uma abordagem desenvolvimentista. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- STEWART, D. W.; SHAMDASANI, P. N.; ROOK, D. W. **Focus groups**: Theory and practice. 2 ed. Thousand Oaks, California: Sage, 2007.
- SUASSUNA, Livia. **Ensino de língua portuguesa**: uma abordagem pragmática. Campinas: Papirus, 1995.
- TARDE, Gabriel. La psychologie inter-mentale. **Revue internationale de sociologie**, v. 9, 1901. Disponível em: <https://bit.ly/3hHt9wE>;
- TEIXEIRA, L.; PARENTE, F.; BORIS, G. Novas configurações familiares e suas implicações subjetivas: reprodução assistida e família monoparental feminina. **Psico**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 24-31, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2QxYrKn>.
- THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2007.
- THOMPSON, J. R.; ARTHUR, A.; FORMBY, J. P. **Economics of the Firm**: Theory and Practice. 6 ed. Prentice Hall College: Englewood Cliffs New Jersey, 1993.
- THRELFALL, K. D. Using focus groups as a consumer research tool. **Journal of Marketing Practice**, v. 5, n. 4, p. 102-105, 1999. Disponível em: <https://bit.ly/32wQGde>.



- TIBURCIO, J. A. **Paz e guerra em Angola**: um estudo exploratório. 2009. Dissertação (Mestrado em: Relações) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3hBN7sy>.
- TJORA, A. H. Writing small discoveries: an exploration of fresh observers' observations. **Qualitative Research**, London, v. 6, n. 4, p. 429-451, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3hGuGms>.
- TORRES JUNIOR, A. S. Comunicação organizacional: retórica e dramaturgia na implantação de um novo modelo de produção. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org.). **Comunicação organizacional**. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 53-83.
- TOURAINÉ, A. **A sociedade pós-industrial**. Lisboa: Moraes, 1970.
- TURING, A. Computação e Inteligência. In: TEIXEIRA, J. F. (Org.). **Cérebros Máquinas e Consciência**: Uma Introdução à Ciência da Mente. São Carlos: Editora da UFSCar, 1996. p. 37-58.
- ULLMANN, R. A. **Antropologia**: o homem e a cultura. Petrópolis: Vozes, 1991.
- UNFPA (Fundo Populacional das Nações Unidas). **Jovens e Adolescentes em Angola**, 2016. Disponível em: <http://angola.unfpa.org/pt/topics/jovense-adolescentes>.
- UNIVERSIDADE CATÓLICA DE ANGOLA. **Relatório social de Angola 2014**. Luanda: Universidade Católica de Angola. Disponível em: <https://bit.ly/3jppq9FA>.
- UWAJE, A. C. Culture shock, re-integration and re-entry culture shock: managing cultural differences, 2009. Disponível em: [https://bgz-berlin.de/files/time\\_o5\\_trainer\\_course\\_module\\_5\\_final\\_en.pdf](https://bgz-berlin.de/files/time_o5_trainer_course_module_5_final_en.pdf). Data de acesso 14 de Março de 2019.
- VALENTIM, D.; DIAS, C. Recasamento: Percepções e vivências dos filhos do primeiro casamento. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 191-201, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3lqMrsk>.
- VALSINER, Jean. **Developmental Psychology in the Soviet Union**. London: The Harvester press limited, 1988.
- VERÓN, E.; FOUQUIER, E. **Les spectacles scientifiques télévisés**: figures de la production et de la réception. Paris: La Documentation française, 1985.
- VERÓN, Eliseo. As mídias na recepção: os desafios da complexidade (1991). In: VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 273-284.
- VERÓN, Eliseo. Entre Peirce et Bateson: une certaine idée du sens. In: WINKIN, Y. **Bateson**: primer inventario de una herencia. Buenos Aires: Paidós, 1991. p. 171-184.
- VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Revista Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 48, 1997. Disponível em: <https://bit.ly/32Chg4z>.
- VERÓN, Eliseo. **La semiosis social 2**: ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.
- VERÓN, Eliseo. Récit télévisuel et imaginaire social. In: ERI Edizioni RAI, vol.1, Torino, 1978. p. 65-73.
- VERÓN, Eliseo. Regreso al futuro de la comunicación. In: **Cuadernos de Comunicación**, Rosario, Argentina, n. 3, p. 35-42, 2007a. Disponível em: <https://bit.ly/3jrKOsK>.

- VERÓN, Eliseo. **Semiosis de lo ideológico y del poder**. La mediatización. Buenos Aires: CBC, Universidad de Buenos Aires, 1986.
- VINES, A. **Peace postponed, Angola since the Lusaka Protocol**. Londres: CIIR, 1998.
- VISENTINI, P. G. **Fagundes**. As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Editora UNESP, 2012.
- VOLPI, Alexandre. **A história do consumo no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas: problemas del desarrollo de la psique**. Madrid: Visor, 2000.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. *In*: LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N.; VYGOTSKY, L. S. **Psicologia e pedagogia**. São Paulo: Moraes, 1991. p.1-17.
- VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- VYGOTSKY, L. S.; COLE, M. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis**. Methods and Applications. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.
- WATSON IV, G. F.; WORM, S.; PALMATIER, R. W.; GANESAN, S. The evolution of marketing channels: trends and research directions. **Journal of Retailing**, v. 91, n. 4, 2015, p. 546-568. Disponível em: <https://bit.ly/2TtcUDX>.
- WATSON, J. B. **Behaviorism**. Chicago: The University of Chicago Press, 1930.
- WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. B.; JACKSON, D. D. **Pragmática da Comunicação Humana**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- WEBER, M. **Economía y sociedad**. México: Fondo de Cultura, 1984.
- WEBER, Max. **Conceitos Básicos de Sociologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1987.
- WELLMAN, Barry. An Electronic Group is Virtually a Social Network. *In* KIESLER, Sarah (Org.) **Culture of Internet**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1997. p. 179-205.
- WENGER, Etienne. **Communities of Practice: Learning, Meaning and Identity**, New York: Cambridge University Press, 1998.
- WILLIAMS, R. **Culture and Society**. Nova Iorque: Anchor Books, 1960.
- WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- WOLFF, R. P. Kant's **Theory of Mental Activity**: a commentary on the transcendental analytic of the Critique of Pure Reason. Cloucester: Mass: Peter Smith, 1973.
- WRIGHT, P. The harassed decision maker: Time pressures, distractions, and the use of evidence. **Journal of Applied Psychology**, v. 59, n. 5, p. 555–561, 1974. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/h0037186>.
- WUTICH, A., LANT, T.; WHITE, D. D.; LARSON, K. L.; GARTIN, M. Comparing focus group and individual responses on sensitive topics: A study of water decision

makers in a desert city. **Field Methods**, v. 22, n. 1, p. 88–110, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3b387pN>.

YIN, F. **Numerical Modeling of Ocean Deep Water Circulation**. Ph.D. thesis. Columbia University, 1990. Disponível em: <https://go.nasa.gov/2YLIJj8>.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.